



MATED TO MONSTERS

THE COMPLETE DEMONS OF PROTHEKA SERIES

CELESTE KING

CASADO COM MONSTROS

DEMONS OF PROTHEKA 01 AO 04

UM CONJUNTO DE CAIXA DARK
FANTASY

CELESTE KING

Copyright © 2022 por Celeste King

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

Suspire pelo meu boletim informativo em <https://www.página.de.assinatura.com/celesteking>

Junte-se ao meu grupo no Facebook [aqui](#)!

DEDICAÇÃO

Este livro é dedicado a Kaylee, Emily, Taylor, Jordon, Melanie, Jamie, Jennifer, Hannah, Donna e toda a família “Projeto Protheka”. Obrigado por acreditar no mundo.

CONTEÚDO

Livros em O Mundo de Prothea

O Mundo de Prothea

Livro 1: Escolhendo o Demônio

1. Cora
2. Giroth
3. Cora
4. Giroth
5. Cora
6. Giroth
7. Cora
8. Giroth
9. Cora
10. Giroth
11. Cora
12. Giroth
13. Cora
14. Giroth
15. Cora
16. Giroth
17. Cora
18. Giroth
19. Cora
20. Giroth
21. Cora
22. Giroth
23. Cora
24. Giroth
25. Cora
26. Giroth
27. Cora
28. Giroth
29. Cora
30. Giroth

Livro 2: Amando o Demônio

31. Laura
32. Rej'thorek
33. Laura

34. Rej'thorek

35. Laura

36. Rej'thorek

37. Laura

38. Rej'thorek

39. Laura

40. Rej'thorek

41. Laura

42. Rej'thorek

43. Laura

44. Rej'thorek

45. Laura

46. Rej'thorek

47. Laura

48. Rej'thorek

49. Laura

50. Rej'thorek

51. Laura

52. Rej'thorek

53. Rej'thorek

54. Laura

55. Rej'thorek

56. Rej'thorek

57. Laura

58. Laura

59. Rej'thorek

60. Laura

61. Kha'zeth

Livro 3: Submetendo-se ao Demônio

62. Natália

63. Kha'zeth

64. Natália

65. Kha'zeth

66. Natália

67. Kha'zeth

68. Natalia

69. Kha'zeth

70. Natália

71. Kha'zeth

72. Natália

73. [Natália](#)

74. [Kha'zeth](#)

75. [Natália](#)

76. [Kha'zeth](#)

77. [Natália](#)

78. [Kha'zeth](#)

79. [Kha'zeth](#)

80. [Natália](#)

81. [Kha'zeth](#)

82. [Natália](#)

83. [Kha'zeth](#)

84. [Natália](#)

85. [Kha'zeth](#)

86. [Natália](#)

87. [Kha'zeth](#)

88. [Natalia](#)

89. [Kha'zeth](#)

90. [Natália](#)

91. [Kha'zeth](#)

92. [Volikan](#)

[Livro 4: Abraçando o Demônio](#)

93. [Anastácia](#)

94. [Volikan](#)

95. [Volikan](#)

96. [Anastácia](#)

97. [Anastácia](#)

98. [Volikan](#)

99. [Volikan](#)

100. [Anastácia](#)

101. [Volikan](#)

102. [Anastácia](#)

103. [Volikan](#)

104. [Volikan](#)

105. [Anastácia](#)

106. [Volikan](#)

107. [Anastácia](#)

108. [Volikan](#)

109. [Anastácia](#)

110. [Volikan](#)

111. [Anastácia](#)

112. [Anastácia](#)

113. [Anastácia](#)

114. [Volikan](#)

115. [Volikan](#)

116. [Volikan](#)

117. [Anastácia](#)

118. [Volikan](#)

119. [Anastácia](#)

120. [Volikan](#)

121. [Anastácia](#)

122. [Volikan](#)

123. [Asmodeus](#)

[As Canções do Demônio](#)

[Novela bônus: Os companheiros dos demônios](#)

124. [Anastácia](#)

125. [Volikan](#)

126. [Laura](#)

127. [Rej'thorek](#)

128. [Cora](#)

129. [Giroth](#)

130. [Natalia](#)

131. [Kha'zeth](#)

132. [Bônus Capítulo 1](#)

133. [Giroth](#)

134. [Bônus Capítulo 2](#)

135. [Rej'thorek](#)

136. [Bônus Capítulo 3](#)

137. [Kha'zeth](#)

[Antevisão de seu pai demônio](#)

138. [Asmodeus](#)

139. [Asmodeus](#)

140. [Siara](#)

141. [Asmodeus](#)

142. [Siara](#)

LIVROS NO MUNDO DE PROTHEKA

[Série Guerreiros Orc de Protheka](#)

[Série Companheiros do Clã do Sol Ardente](#)

[Série Elfos Negros de Protheka](#)

[Prêmio Thoruk: Um Romance Monstruoso](#)

[Série Naga de Protheka](#)

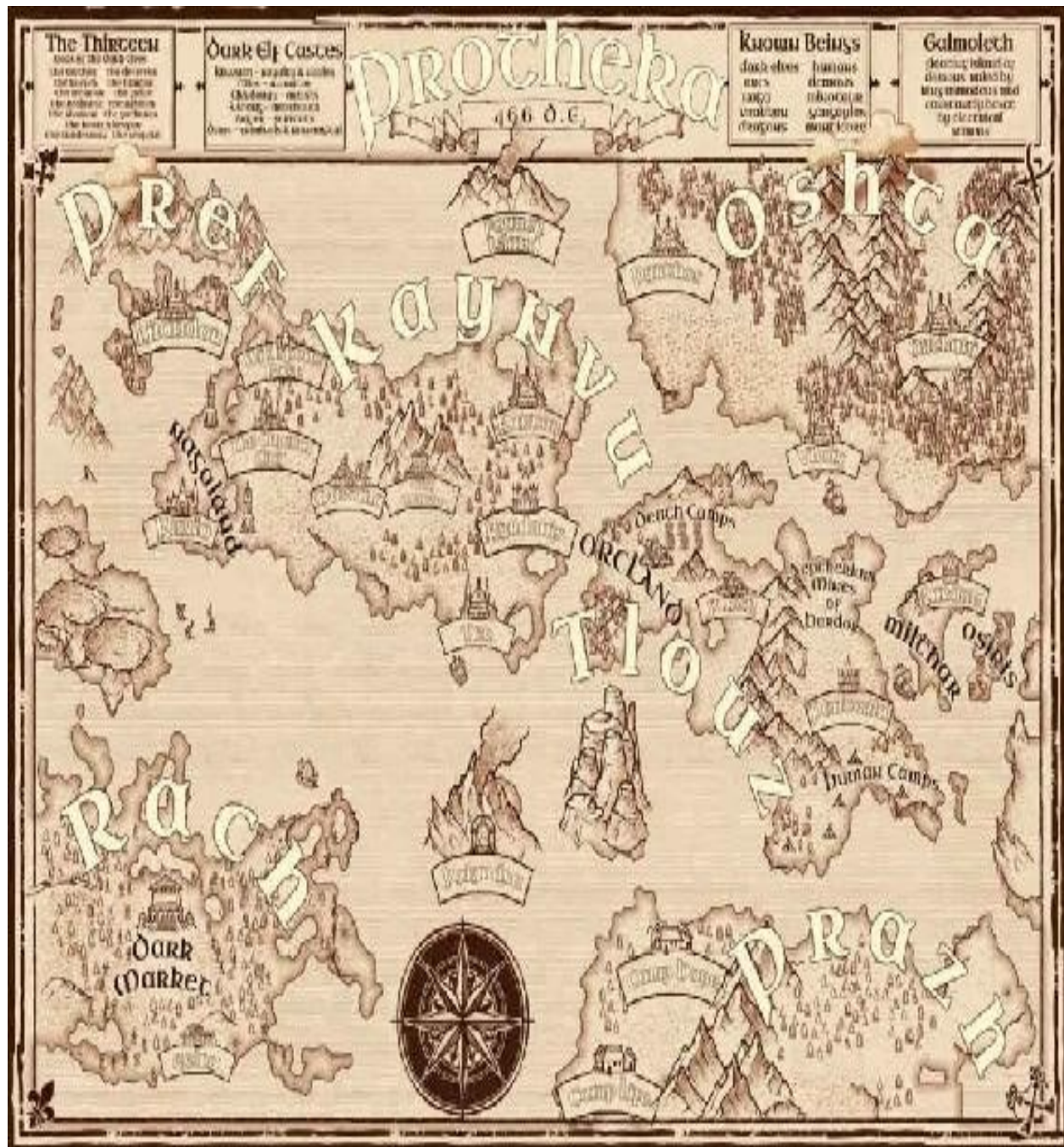
[Série Minotauro de Protheka](#)

[Série Demônios de Protheka](#)

[Vampiros de Protheka](#)

[Gárgulas de Protheka](#)

O MUNDO DA PROTHEKA



LIVRO 1: ESCOLHENDO O DEMÔNIO

A vida era um inferno sob os Elfos Negros. E então os demônios vieram. E de alguma forma ficou ainda pior.

Eles invadiram nossa cidade em uma batalha mágica cruel, mataram os Elfos Negros e levaram os humanos.

Eu não pude fazer nada quando levaram minha irmã embora.

Então o líder dos invasores olhou para mim.

Um monstro tão cruel e tão perfeito que olhar para ele era chorar de tristeza e desejo.

Ele me fez uma barganha. Ele me ajudaria a encontrar minha irmã e tirá-la do Inferno.

Em troca, ele me pegaria.

Farei o que for preciso.

Dê a ele o que ele quiser.

Nenhum preço é muito alto.

Nem mesmo meu coração.

1

CORA

“Cora! Me salve!”

Estou abrindo as cortinas para deixar entrar um pouco de luz da manhã quando Matt entra correndo no quarto. Beth está correndo atrás dele, seus olhos brilhando de fúria.

"Não é justo!! Você devolve!"

Ele se joga atrás de mim e mostra a língua, esquivando-se dos golpes dela enquanto ela tenta me contornar. Ele tem aquele sorriso travesso no rosto, aquele que indica que ele se meteu em encrencas. “O que não é justo? De qualquer maneira, era *meu* !

me deu !”

Eu me abaixo para impedi-los de arrancar os cabelos um do outro. “Agora, espere um minuto. Isso é sobre o quê?”

“Ele pegou o último muffin de mirtilo”, ela protesta bufando, batendo o pé indignada.

“Laura disse que era meu.”

Olho para Matt, que parece estar escondendo algo nas costas. Com um sorriso irônico abro a mão em expectativa. “Dê.”

Seu sorriso se transforma em uma boca aberta. “Sem chance!”

“Eu não estava perguntando”, digo, incentivando-o a produzir o doce. “Você sabe que deveria compartilhar isso com sua irmã.”

Ambos gemem. “Mas ele tomou dois ontem à noite!”

“Não é verdade”, ele retruca.

“É *mesmo* .”

Continua assim até que eu os silencie com um aceno. “Basta disso. Mattie, me dê o muffin. E Beth, já chega de gritar. Nós vamos resolver isso.” Matt finalmente me entrega a massa, amassada com seu apertado apertado. Eu emito um suspiro abafado. “Agora, isso não vai servir.”

Ambos estão olhando para o doce com saudade. Eu não os culpo. Mirtilos são terrivelmente difíceis de encontrar em Protheke, e especialmente aqui, perto dos campos de trabalho. Mesmo assim, tenho um saco de gelo e um sorriso misterioso toma conta de mim. "Por que não fazemos mais?"

Isso instantaneamente ilumina seu humor. "É isso que você quer dizer?"

Eu concordo. "Por que não? Temos trabalhado muito. Acho que merecemos uma recompensa, afinal. E faremos comida suficiente para todo o acampamento. Vocês dois podem ajudar.

Eles comemoram e pulam pela sala, sua excitação se transformando em uma briga de travesseiros que os faz cair em gargalhadas. Estou feliz que eles ainda possam encontrar alegria neste lugar. Quero mantê-lo vivo o máximo que puder antes que eles sejam forçados a trabalhar como todos nós.

Laura, minha única irmã de sangue, está parada na porta, secando as mãos.

Ela está observando as crianças em silêncio, um olhar estranho passando por seu rosto. Quando falo, ela parece voltar à realidade. "Então, eu estava pensando que poderíamos fazer algo de bom para todos." Seus olhos cinzentos se fixam em mim surpresos enquanto continuo. "O que você diz?

"Vamos preparar um banquete para esta noite."

Um sorriso pisca, desaparecendo tão rapidamente quanto surge. "Achei isso adorável."

As crianças dividem seu muffin enquanto caminhamos até as cozinhas abertas do acampamento, Laura vagando atrás de nós, olhando para o céu. Eu também olho, notando um grande peso no horizonte sul. É uma linda manhã, mas aquela tempestade ameaça tomar conta do infinito céu azul. Eu me pergunto, silenciosamente, o que isso significa para nós.

Mas coloquei isso no fundo da minha mente. Temos trabalho a fazer e não vou deixar que um pouco de chuva atrapalhe a nossa diversão. Arregacei as mangas e instruí as crianças sobre suas tarefas. "Mattie, traga-me a farinha. Beth, você sabe onde está o açúcar, certo?

Afirmativas por toda parte.

Laura vai até as prateleiras de carne e começa a preparar seu próprio prato. Ela tem estado estranhamente quieta esta manhã, e sua aquiescência silenciosa é um pouco diferente em comparação com seu bom senso habitual. Mas o entusiasmo inabalável é o meu *modus operandi*. Caso contrário, seremos apenas escravos dos elfos negros e me recuso a viver assim.

Quero ser um exemplo para os outros. Quero mostrar a eles que eles podem ser donos de nossos corpos, mas nossos espíritos são nossos, somente nossos. Ninguém pode tirá-los de nós. "Beth, traga-me o batedor e eu lhe mostrarei como misturar a massa corretamente."

"*Eu* também quero aprender!" vem a reclamação de Matt, na hora certa.

"Não se preocupe," eu digo com uma risada. "Eu vou te ensinar a seguir."

Ele dá uma gargalhada satisfeita e volta a acender o fogo no forno, lutando para fazer com que a pederneira e o aço se conectem exatamente sobre os gravetos.

Eu sorrio com sua tentativa sincera, minha alegria é diminuída pelo fato de que em poucos anos ele será enviado para as minas para trabalhar até que suas mãos fiquem dormentes e seus pulmões fiquem pretos com resíduos de Neptherium. Ele é apenas uma criança, mas nossos mestres não nos veem como nada além de gado senciente.

"Assim?" Beth pergunta, interrompendo meus pensamentos mórbidos.

Eu estalo, tentando me concentrar em minhas instruções. "Sim, exatamente. Não queremos bater muito ou vai ficar mastigável no forno. E logo antes de colocá-los, temos que adicionar o..."

O som dos soldados marchando interrompe a manhã pacífica.

Soldados elfos negros? Aqui?

Laura fica um tom mais escuro que a neve e olha para mim. Nosso olhar é conhecedor. Os elfos negros não se preocupam em vir aqui em massa, a menos que algo esteja acontecendo, e eu esperava, talvez, que pudéssemos ter *um* bom dia antes que a opressão deles se aproximasse de nós novamente.

Saio das cozinhas. "O que está acontecendo?" Eu pergunto a um vizinho.

Ela já está tremendo um pouco, suas mãos envelhecidas agitadas. "É Gidresu."

Meu coração cai e sinto uma vontade repentina de esconder as crianças debaixo das camas. "O que? Porquê ele está aqui?"

Ela apenas encolhe os ombros, balançando a cabeça quase involuntariamente.

Olho novamente para Laura, que parece querer desaparecer entre as paredes. Minha irmãzinha, embora agora seja uma mulher adulta, fica intimidada e aterrorizada ao ouvir o nome de um único elfo negro. Meu queixo aperta enquanto observo a procissão, e o ressentimento ameaça transbordar. Eles não fizeram o suficiente?

Deve haver uma centena de bastardos.

Eles não fazem esse tipo de coisa sem motivo. Normalmente, o infame Gidresu Idramin aparece no meio do verão, verifica as contas, impõe sua presença a nós por um ou dois dias e depois sai novamente, desaparecendo para o lugar de onde saiu. *Ele chegou muito cedo*, penso, me preocupando com sua chegada repentina.

Ele é baixo, para um elfo negro, e tem uma boca grande demais para seu rosto estreito.

Eu o odeio mais do que as correntes invisíveis em meus pulsos.

Gidresu é a causa de toda a nossa dor.

Desafio os soldados elfos negros a olharem para mim, olhando para eles enquanto passam. Eles são bem treinados, mas alguns olham para mim com más intenções. Prefiro que olhem para mim do que para meus irmãos. Não quero que a atenção deles se desvie para as crianças ou para Laura.

E é aí que vejo o próprio comerciante bastardo.

Gidresu, eu acho, que prazer.

Seus olhos fixam-se instantaneamente nos meus, e não importa como eu olhe, ele apenas abre um sorriso cheio de dentes. "Não convoquei um banquete em minha homenagem, embora esteja lisonjeado."

Não digo nada, mantendo o queixo erguido em desafio.

Ele poderia me chicotear ou esquartejar se eu falasse contra ele. Suas regras são rígidas e rápidas, não poupando nenhum centímetro para os humanos. Em vez disso, coloquei meu próprio sorriso afiado. "Não estávamos esperando você, Gidresu."

Algo odioso brilha em seus olhos. Mas esfria instantaneamente, e ele me examina com mais atenção do que até mesmo seus devotados soldados de infantaria. "Interessante", é

tudo o que ele diz antes de estalar os dedos e dois soldados se aproximarem. “Traga-a junto.

“Parece que temos muito o que discutir.”

Fico rígido quando eles me agarram pelos braços e me levam embora. Mas me recuso a olhar para os olhos assustados das crianças. Não me atrevo, porque se eu mostrar um pingão de fraqueza, eles vão usar isso contra mim.

Tenho que ser forte por todos.

GIROTH

Tos filhotes Ur'gin latiram e chiaram enquanto eu fechava o portão. Por capricho, estendo minha mão e acaricio sua mãe de olhos brilhantes, seu pelo áspero sob meu toque enquanto ela o pressiona. “Agora, não seja assim,” eu digo com um pequeno sorriso. “Eu volto em breve.”

Ela não parece acreditar em mim, deixando escapar um longo gemido através das muitas fileiras de seus dentes afiados. Sua língua negra treme enquanto ela solta um latido retorcido.

“Sim Sim.” Esfrego o queixo da carapaça dela. “Eu prometo.”

Ainda me olhando, ela se acomoda em um canto do canil de parto e seus filhotes se amontoam em cima dela, distraindo-a suficientemente da minha ausência. Fico no portão por mais um pouco antes de ouvir uma voz atrás de mim, grisalha e profunda.

“Giroth”, o guarda Trolvor acena. “Ele vai ver você agora.”

Demora um longo momento antes de eu obedecer, entrando na linha do demônio com cabeça de chagal enquanto saímos do canil. Ele é alto e orgulhoso, com uma arma pesada amarrada nas costas. Eles não são exatamente os mais amigáveis, mas eu também não. “Qual é a razão pela qual fui afastado de minhas funções, Trolvor? A convocação não mencionou...”

“O rei deseja ver você.”

“Sim, claro”, digo sarcasticamente, esfregando a base dos meus orgulhosos chifres de obsidiana. “Eu percebi isso pela convocação. Eu *perguntei*—”

“Você não questiona isso,” ele interrompe com um grunhido, seu lábio superior se curvando para expor seus longos caninos. “Os cães tornaram você petulante. Existem regras e você as obedecerá.”

Reviro os olhos, mas não digo mais nada.

Este Trolvor não tem interesse em brincadeiras leves, obviamente, então eu vasculho as ruas movimentadas de Ti'lith, reconhecendo tudo por onde passamos, e ainda assim, parece estranho. Não saio com frequência, exceto para reunir os suprimentos

necessários para o Ur'gin. Prefiro manter meus chifres abaixados e meus olhos voltados para a próxima tarefa, mas ninguém despreza o Rei Demônio.

Um enorme Gilak cruza nosso caminho, seu corpo fortemente musculoso lutando contra um grande peso atrás dele. Sua cabeça está baixa e seus chifres estão quase tocando a terra enquanto o suor escorre por sua densa carne cinzenta.

Até o Trolvor para.

Atrás do Gilak há uma procissão de uma Matrona, que parece ocupada demais com os outros habitantes de sua carruagem puxada. A partir daqui, vejo seios nus e bundas nuas enquanto eles avançam um contra o outro em uma tentativa febril de produzir descendentes. Do lado de fora da carruagem, uma multidão de Zonak atarracados a persegue, brigando entre si para servir sua amada Matrona.

Finalmente, há uma abertura e passamos pela miserável procissão em direção à propriedade real. Aqui, torres imponentes erguem-se ao nosso redor e já sinto falta dos meus canis. Mas pelo menos os habitantes são respeitosos, abrindo caminho para nós enquanto seus olhares pousam na popa do Trolvor que me conduz. Eles raramente saem do lado do rei.

O silêncio entre nós é ensurdecedor.

Estou ansioso para interromper isso com alguma piada irônica, mas não acho que ele vá gostar, dadas as circunstâncias. Devo me perguntar o que fiz para chamar a atenção do rei. Que necessidade ele tem de um humilde mestre de canil?

A vida neste planeta tem sido pacífica desde que chegamos. Quase não me lembro da transição, mas quando terminou, estávamos livres dos nossos opressores. Agora, nossa ilha de Galmoleth flutua em algum lugar sobre os continentes de Protheka, escondida sob uma nuvem carregada de escuridão que nos segue por toda parte, uma mortalha protetora contra outras raças que possam nos causar danos.

Finalmente, estamos às portas do espólio do Rei, que se abrem para nós.

Mais Trolvor ficam mais eretos enquanto passamos, olhando por cima de nossas cabeças.

Observo os altos tetos abobadados e o vidro brilhante multifacetado que brilha como água rubi sobre as altas paredes e pilares. É lindo por si só, embora eu prefira os canis úmidos e bolorentos e o hálito quente dos meus cães.

Eu não pertenço a este lugar.

Entramos em um grande salão e, no final, está sentado o próprio Rei Asmodeus. Minha disposição miserável não tem lugar na presença dele. Posso sentir a energia caótica ao seu redor, um halo poderoso, como se ele fosse feito da mesma matéria que estala pela ilha.

O Trolvor abaixa a cabeça e fica de lado, dando-me a oportunidade de olhar para o nosso Rei, sem interrupções. Ele está inclinado para o lado casualmente em seu trono pesado, seu rosto completamente escondido pelo capuz enquanto um impressionante par de chifres gêmeos se enrola para cima e para trás. Ele se inclina para frente como se quisesse me ver melhor, seu traje em algum lugar entre o de guerreiro e o de feiticeiro, com placas pesadas sobre os ombros e o peito, enquanto expõe as vestes roxas profundas de um Soz'garoth por baixo. Sua voz, quando ele finalmente fala, é retumbante e abrangente, carregada de magia. “Você é Giroth?”

Não posso deixar de me curvar profundamente, meu humor amargo evaporando. “Sim, meu rei.”

“Tenho uma tarefa para você, mestre cão de caça.”

Quero corrigi-lo, mas não ousaria. “Eu estou honrado.”

“Hm,” ele diz como se estivesse pensando, apoiando o rosto escondido na palma da mão. “Você conhece Protheka”, ele continua, sem nenhuma indicação de que esteja esperando por uma resposta. “E as corridas abaixo. Meus Soz'garoth observam os continentes terrestres há algum tempo e decidimos colher alguns dos habitantes para um experimento.”

Prendo a respiração, pensando em suas próximas palavras.

O que isso tem a ver comigo? Não sou um feiticeiro ou um líder militar, como os Príncipes. Não tenho interesse em qualquer guerra que ele pretenda travar contra Protheka. Certamente, esta paz provisória que experimentámos terminará se fizermos

contacto, embora não me atreva a dizê-lo. Talvez a guerra seja o que ele procura. E quem sou eu para corrigi-lo?

“A sua tarefa é simples.

“Abaixo”, diz ele, acenando para o chão de mármore. “-sob o domínio dos elfos negros, é uma raça preparada para procriação. Eles são mantidos como trabalhadores, embora nosso estudo deles tenha indicado que são criaturas férteis compatíveis com muitas das raças de Protheka.

“Eu quero uma dúzia deles.

“Você cria seus animais e conhece os costumes dos animais. Então, mestre cão de caça, deixo para você reunir o que você acredita serem espécimes viáveis para meu experimento. Fornecerei a você um pequeno exército para apoiar seus esforços e tudo o mais que você precisar.”

Pisco, mal conseguindo acreditar que ele colocaria essa grande responsabilidade sobre mim. “Obrigado, meu rei”, digo com reverência, curvando-me profundamente. “Se eu puder...”

“Diga o que pensa”, ele diz com um aceno.

Lambo meus lábios pálidos. “Por que eu? Certamente, há muitos que poderiam completar esta tarefa.”

Não consigo ver, mas juro que um sorriso enfeita seu rosto sombreado. Eu posso ouvir isso em sua voz. “Eu não poderia confiar isso a um general ou a um de meus filhos, porque eles queimariam a terra com energia caótica e a guerra certamente se seguiria. Não tenho interesse em enfrentar as raças de Protheka ainda, não enquanto nossos exércitos estiverem esgotados.

“Esta tarefa é de extrema importância e acredito que você, Giroth, tomará as medidas adequadas para manter um nível de indiscrição necessário para executar meus comandos sem falhas. Você tem mais alguma dúvida antes de sair daqui?

Minha boca ficou seca. Só consigo balançar a cabeça.

“Bom”, ele conclui. “Então encontre os Soz'garoth na sala de guerra e eles irão prepará-lo para a jornada. Meus guardas irão escoltá-lo até lá.

“Tome cuidado, mestre cão de caça.”

Sou levado embora, ainda sem palavras enquanto a realidade se apodera de mim. Um arrepio toma conta da minha pele pálida e meu estômago dá um nó. *O continente terrestre?* Penso caprichosamente, imaginando com pavor como será a sensação do solo de Protheke sob minhas botas. *Parece desagradável.*

CORA

Tei, me jogue aos pés de Gidresu antes de se virar para guardar a entrada da tenda, aquela lona pesada que nos separa do resto do povoado. Gidresu não precisa dizer nada. Entende-se que este é o domínio dele, e estou à disposição de todos os seus caprichos.

Lá fora, ele teve que fingir que não estava me despindo com os olhos, cobiçando meu corpo e minha vontade. Esse tipo de coisa está abaixo até mesmo de sua casta mercantil, pelo menos publicamente. Mas todos nós sabemos o que os elfos negros fazem com as pessoas a portas fechadas.

O bastardo olha para mim, regozijando-se. “Você certamente tem uma boca grande”, diz ele com um sorriso crescente e odioso.

Eu olho para ele. “Eu não disse nada-”

“Você fala quando alguém fala com você, *humano!* ”

O silêncio é ensurdecedor, mas não surte o efeito que ele deseja. Ele quer que eu tenha medo dele. Não consigo sentir medo de uma doninha covarde. Posso não dizer isso, mas meu olhar fala muito. Parece enervá-lo antes que ele se vire, então não consigo mais ver sua expressão. Ele quer desesperadamente manter o controle, e eu sou tudo o que existe entre ele e o domínio total deste pequeno povoado.

Sei o que vem a seguir, mas continuo rígido, desafiador.

Mesmo assim, estou de joelhos.

“Ouvi falar de você”, diz ele, de costas para mim.

Lisonjeado , penso comigo mesmo, observando seus ombros estreitos ficarem tensos antes de ele se virar, uma máscara praticada de neutralidade surgindo sobre ele. Eu me pergunto quem no Protheke acredita nessa piada de atuação. Eu riria se ele não tivesse cem guardas para me prender, esperando do lado de fora. Quanto mais eu machucar seu ego, mais dor ele me causará.

Ele arrasta uma cadeira da mesa comprida e afunda nela, cruzando um joelho sobre o outro, e aquele olhar guloso volta. “O que se diz é que sua positividade é contagiante. Isso aumenta as esperanças dos escravos daqui, mesmo nos dias mais sombrios.

“Tenho certeza que você entende por que não posso aceitar isso.”

Minha mandíbula funciona com irritação.

“Venha aqui”, diz ele, acenando para mim com o dedo. Quando hesito, ele inclina a cabeça para o lado. “Eu possuo seus documentos, humano. Posso entregá-lo ao mercado negro ou vendê-lo a uma casa de prazeres de renome em Pyrthos, se assim o desejar.

“Em vez disso, tudo que exijo é sua obediência.

“Então, direi uma última vez: venha aqui.”

A contragosto, levanto-me e vou até ele. Antes que eu esteja ao meu alcance, ele avança com a velocidade da luz e me arrasta para seu colo, onde já posso sentir seu pênis endurecendo sob suas calças finamente bordadas.

Um arrepio toma conta de mim, e ele parece pensar que é de medo, porque suas mãos deslizam pelos meus braços nus como se quisessem me aquecer, traçando a barra das minhas mangas. “Linda,” ele admite baixinho, seu olhar nunca alcançando meus olhos.

“Lindo demais para um lugar como este.”

Eu corro e desvio o olhar.

São apenas ameaças, asseguro-me. Ele só está tentando me assustar. Mas mesmo pensando isso, não posso ter certeza. Seu olhar está faminto.

“Você seria uma ótima adição à minha jaula na cidade.”

Atrevo-me a agarrar meu colarinho esfarrapado enquanto ele tenta puxá-lo para baixo.

“Não-”

“Não?” Ele pergunta em tom zombeteiro, seu toque traçando minha clavícula e subindo pela lateral do meu pescoço. Não há magia em seu toque, e estou feliz por isso. Já senti a magia dos elfos negros antes e a lembrança dela ainda me acorda de um sono profundo, coberto de suor.

Gidresu coloca a boca na fenda do meu ombro, seus lábios pairando de modo que sinto seu hálito quente tomar conta de mim. “Você não me diz 'não', humano.” Com isso, sua boca desce sobre mim e sinto um par de dentes frios e viscosos cravados em minha carne. Eu estremeço involuntariamente, mas nem sonharia em tentar me afastar.

Um estrondo de satisfação começa em seu peito enquanto ele explora com sua língua perversa. Ele brinca com o lóbulo da minha orelha, forçando-me a ceder à sua insistência.

“Você usa sua autoridade”, murmuro, “para nos atormentar”.

Sua exploração faz uma pausa e ele se retira para olhar nos meus olhos. Uma mão serpenteia pelo meu cabelo loiro e encontra seu controle. “Você não sabe o que a palavra significa.”

Engulo em seco, o ato fica desconfortável pela maneira como ele me forçou a me curvar. “Estou feliz em educá-lo, no entanto.” Seu olhar fica suave, mesmo quando ele incentiva meus quadris a travarem com os dele. Fico feliz que nós dois ainda estejamos vestidos, ou ele poderia ter entrado em mim, e não acho que suportaria tal insulto. “Mas se você insiste em ser desobediente, posso sempre oferecer você aos orcs de Pref. Você sabe o que eles fazem com lindas mulheres humanas lá?

Mal consigo balançar a cabeça.

“Eu ouvi histórias”, ele murmura para me fazer gelar o sangue, “que eles vão espetá-los vivos e assá-los em fogo aberto, ainda se contorcendo no espeto.”

Meu coração finalmente cai e fecho os olhos.

Não quero que ele veja o verdadeiro medo que desperta neles. "O que você quer de mim?"

“Não há necessidade de pressa”, diz ele, empurrando meu cabelo para trás como se quisesse ver melhor meu rosto. “Eu quero aproveitar sua rendição. E se você for um bom ser humano, posso prometer que viverá para ver outro dia... Ele hesita, embora eu saiba que ele pretende dizer mais. E então chega. “-para servir todos os meus caprichos.”

Aí está .

Ele quer que eu seja seu escravo. Posso imaginar como ele me acorrentaria à cama e me manteria lá até que meus membros ficassem frágeis e eu não conseguisse escapar, mesmo que tentasse. Penso na família que ganhei aqui nos campos de trabalho, apesar de tudo, e lamento internamente o seu destino. Para Matt, Beth e Laura, que nunca saberão o que aconteceu comigo hoje.

Gidresu, seu desgraçado , penso, pressionando seu peito com um pouco mais de resistência. “Minha casa é *aqui* .”

“Sua casa é onde eu digo que está”, ele murmura em meu ouvido. “Eu possuo você.”

Eu faço uma careta enquanto ele tenta roubar um beijo meu. Eu odeio como seus lábios se conectam e como sua língua empurra entre meus dentes com intenção feroz. Ele não se importa que eu lute com ele, e isso parece apenas excitá-lo ainda mais. Seu tatear se torna difícil, os dedos mordendo meus quadris, fazendo-me avançar involuntariamente contra ele.

Aquele estrondo baixo está de volta.

Mas desta vez, está acima de nós.

Gidresu resiste a se afastar novamente, mas quando o faz, olha para o teto de lona. Sigo seu olhar, embora não haja nada para ver, enquanto outro estrondo baixo sacode o ar. “Eles não disseram que uma tempestade estava chegando”, ele murmura, parecendo irritado por estarmos sendo interrompidos pelo tempo.

Tento me afastar dele com cuidado, mas ele agarra meu pulso e me puxa contra ele. “Você não vai a lugar nenhum,” ele rosna, mostrando aqueles seus caninos afiados. “E se você acha—”

Os guardas entram correndo e ele faz uma expressão indignada. De repente, ele me solta, e eu caio de bunda aos seus pés.

“Qual o significado disso?” ele exige, meio se levantando da cadeira. “Eu ordenei explicitamente que você nos desse privacidade.”

Mal consigo me sentar quando dois guardas com olhos selvagens sinalizam para a porta. “Sinto muito, senhor, mas há algo vindo do mar do sul.”

“Então, lide com isso.”

“Isso cheira a magia, mas há algo errado. Você deve vir ver.”

Gidresu me lança um olhar irritado. “Ainda não terminamos aqui”, ele diz, e então segue seus guardas apressadamente.

Mal consigo dar um suspiro de alívio quando um poderoso trovão sacode o ar novamente, e eu pulo de pé para ver o motivo de todo esse alarido.

GIROTH

Taqui estão mais demônios reunidos aqui no pátio da residência do Rei do que eu já vi em muito tempo, minha preferência é evitar os outros a todo custo e passar meu tempo entre os cães. Se devo ir para Protheke, então estou bem preparado – pelo menos espero que seja esse o caso.

“Então, contra o que estamos lutando?” Pergunto ao Soz'garoth que também me foi fornecido por Asmodeus. Seu olhar permanece voltado para a piscina de água escura, seus longos cabelos brancos caindo sobre os ombros enquanto alguns desaparecem abaixo dele.

Seu silêncio me diz que ele encontrou o que era necessário, como se isso pudesse estar em dúvida. Os Soz'garoth são feiticeiros habilidosos e adeptos, e como este aqui clama por mim, sei que posso ter certeza de que ele pode me ajudar nessa empreitada.

“A área que escolhemos é o lugar certo para coletar os humanos”, diz ele, com a voz rouca. “Eles se reúnem em um assentamento e estão em grande parte desprotegidos”.

Coloco minhas mãos nos quadris e aceno. “Então isso deve ser rápido e fácil”, respondo, feliz porque, se tiver que empreender esta jornada, pelo menos estarei de volta em breve.

Ele mergulha um dedo na água e olha para mim, inclinando a cabeça para o lado. “Talvez”, diz ele, com os olhos ainda turvos, mas voltando lentamente ao seu estado amarelo natural. “Mas existem elfos negros, cerca de cem deles. Alguns de seus melhores lutadores.”

Eu mostro meus dentes pontiagudos para ele enquanto ele olha para mim, o Soz'garoth visivelmente menor que nós, Volvath. “Eles ainda não serão páreo para nós”, rosno, minha esperança anterior de uma missão rápida diminuindo. Tudo o que quero é acabar logo com isso e voltar para o canil com meus cães.

“Ora, ora, não torça os chifres, garoto do canil. Estou apenas apontando o fato de que, embora os humanos possam ser fáceis de colher, há outros que não estarão dispostos a abandoná-los tão facilmente quanto você gostaria.”

Minhas garras cravam nas palmas das mãos enquanto cerro os punhos. “O que preciso saber sobre eles?” — pergunto, relutantemente, ciente de que embora eu esteja encarregado desta missão, ainda sou de baixa patente, e só estou aqui por causa da minha habilidade com feras.

“Esses são poderosos”, ele diz, “mas eu teria que concordar com você. Embora haja uma escuridão que percorre seus corpos fortes e almas enegrecidas, eles não são páreo para nós. Eles têm magia, mas nós temos caos. E o caos sempre vence.”

A expressão em seu rosto é sombria e triunfante e não posso deixar de me deixar levar pelo seu entusiasmo. Os elfos negros em Ti'Lith são os mais baixos dos mais baixos – usados como escravos. A magia do caos sufoca sua capacidade de lançar feitiços e sem eles eles ficam fracos.

As coleiras que usam mantêm-nos acorrentados aos seus mestres, tanto no corpo como na mente, que foi apagada de todo o conhecimento das suas vidas anteriores. Estes são os elfos negros que conheci, mas parece que há outros que também esqueceram o seu lugar. Agora estou ansioso para matá-los. Já faz muito tempo que não tive a oportunidade de exercitar tais instintos.

“Você tem um contingente de cinquenta aqui, todos prontos para lutar por você para que você possa agradar ao Rei e trazer de volta os humanos. Você é bastante capaz, Giroth?

Suas palavras me atingiram em algum lugar que parece desconfortável. Porque não é a isso que estou acostumado e dificilmente fui feito para isso. Há muitos que estão muito mais dispostos quando se trata do campo de batalha, embora eu consiga me defender.

Mas nunca busquei a glória e a honra que muitos da minha espécie cobiçaram. Para mim, esta sempre foi uma tarefa inútil e ingrata. Estou ansioso para servir, mas nunca tive os olhos postos em tais missões, preferindo cuidar dos meus cães. Foi para eles que fui feito. Eles fazem mais sentido para mim do que qualquer outro demônio, e sou eu quem é capaz de criá-los, domá-los e controlá-los.

"Talvez você possa ir para o ur'gins?" diz o Soz'Gorath, como se estivesse lendo minha mente. “Eles ajudariam na caça e captura dos humanos. E para proteção, é claro.

“Não”, respondo com firmeza. Por mais que eu queira trazê-los comigo, eles são os únicos companheiros que tenho, mas são dispensáveis lá embaixo. Perdê-los não é algo que estou disposto a arriscar. Prefiro não voltar do que voltar sem um deles.

Sua cabeça se endireita, seus chifres largos ocupam o espaço ao seu redor, embora isso faça pouco para tornar nossa diferença de tamanho mais igual. Ele e sua espécie sempre serão mais habilidosos do que gente como eu, mas eu sempre serei maior e mais forte.

Embora ele me irrite agora, existe um acordo tácito entre o Volvath e os feiticeiros. Eles fornecem a magia; nós fornecemos o músculo. Isso é o que acontecerá quando chegarmos lá.

"Muito bem. Não é como se você estivesse agindo sozinho", diz ele, mais uma vez como se tivesse lido minha mente. "Dê uma olhada ao seu redor e prepare-se para visitar o mundo abaixo. Esperemos que todos voltemos e que o Rei esteja satisfeito com os seus esforços."

Suas palavras enviam pânico através de mim, não há muitas coisas que eu tenha medo, mas Asmodeus seria uma delas. Decepcioná-lo seria outra. Aconteça o que acontecer, devo voltar com aquelas fêmeas humanas. Não é apenas a nossa espécie que pode depender disso, mas também a minha vida.

Voltando-me para a reunião de demônios, estreito meus olhos e olho para aqueles que me ajudarão a alcançar meu objetivo. O rei tem sido realmente generoso com as suas provisões. Há Volvath empunhando espadas, Trolvor com cabeça de chacal, seus dentes já à mostra enquanto se preparam para a batalha e, claro, um Gilak, criado para a guerra e faminto por ela pela aparência deste. Ele ruge enquanto seus chifres cospem fogo e batem em seu peito naturalmente blindado.

No canto estão os Soz'Gorath, com os olhos fechados em profunda contemplação enquanto se concentram e preparam o caos. Certamente precisaremos deles se, como diz este feiticeiro, os elfos negros conseguirem usar sua magia contra nós.

"Então você está pronto?" ele sussurra, a magia no ar começando a estalar, minha pele formigando com a carga.

Dou uma última olhada ao meu redor, esperando que esta não seja a última vez que vejo este lugar. Os outros, até mesmo os Gilak, agora ficam quietos, os olhos dos meus

irmãos brilhando enquanto eles seguram suas espadas. Os braços do Soz'Gorath se estendem.

“Sim, está na hora”, eu digo. “Começemos.”

Envolvo minhas mãos em volta da minha espada em antecipação ao feitiço do caos que nos derrubará. De repente, o ar fica denso, quase viscoso e em minha mente vejo os rostos dos meus amados animais. *Eu voltarei para você .*

A magia envolve minha carne, selvagem e fria, torcendo-se e entrelaçando-se como se tentasse me engolir. Não há nada que eu possa fazer agora. Estamos a caminho do mundo abaixo, e só posso esperar poder terminar o trabalho para poder retornar dele.

Fecho os olhos enquanto a escuridão me toma.

CORA

EU Deveria ser um alívio quando sou jogado do colo de Gidresu e descartado como o lixo que eles acreditam que somos, mas em vez disso algo mais se insinua. Posso ouvir os gritos vindos de fora e meu peito se aperta, sentindo que algo não está como deveria ser.

"Mostre-me!" Girescu grita enquanto atravessa a tenda e sai. Observo enquanto ele desaparece, feliz por vê-lo de costas, uma estranha mistura de medo e alívio correndo por mim. Há muitos elfos nos quais eu ficaria feliz em cravar uma lâmina se pudesse, e ele estaria sempre no topo da lista.

Inspiro profundamente, feliz por essa interrupção, embora saiba que algo está errado, e ouço suas ordens de "Reúna os homens!" Ele deve ver algo que sinalize uma ameaça. Os elfos negros são conhecidos por sua força, sua brutalidade e, pelo que parece, eles estão prontos para fazer bom uso disso.

Já estou em alerta máximo. Vivendo como vivemos, estou vigilante ao extremo, sempre atento a perigos potenciais. Pode ser cansativo, mas é necessário se quisermos sobreviver neste mundo, e tudo nesta situação é um *perigo gritante*.

Ajustando minha camisa amarrotada, saio da tenda, o cheiro dele ainda em minhas narinas enquanto tento esquecer suas mãos imundas que tatearam minha pele e o jeito que ele zombou de mim. Esta foi uma fuga de sorte; não vale a pena pensar no que ele estaria fazendo comigo agora se seu soldado não tivesse entrado.

Lá fora, a escuridão que me acolhe está longe do dia ensolarado que eu desfrutava antes de entrar na tenda. Nuvens em vários tons de cinza pairam acima de mim e, à distância, posso distinguir a ameaça de uma tempestade como nunca vi antes.

Mas é *mais* do que isso.

"Oh, merda", murmuro.

O pavor que sai das minhas entranhas não pode ser explicado, mas está lá, junto com uma magia tão sombria no ar que mal consigo recuperar o fôlego. Meu estômago revira e minha mente dispara, meus únicos pensamentos são os da minha família e saio correndo desesperada para chegar até eles.

Já enfrentamos tempestades antes e elas já foram ruins o suficiente, mas nunca vi um céu como aquele, tão vivo com a promessa de morte. Não há muitas opções para nós numa situação como esta, mas preciso chegar até elas. Sobrevivemos até agora e farei com que o sobrevivamos novamente, independentemente do que vier em nossa direção. Peito arfante, coração acelerado, minha mente agitada, estou chegando mais perto quando, do nada, me deparo com criaturas - todas elas aterrorizantes quando aparecem diante de mim e ao meu redor.

"O que em nome dos deuses!" Eu grito, embora ninguém possa ouvir por causa dos gritos e rugidos.

Eles são enormes, maiores até do que orcs ou elfos negros, diferentes na aparência, embora cada um deles tenha uma aparência de nada além de malvado. Chifres, longos e curvos, crescem em suas cabeças, seus corpos ainda mais bem construídos que os dos elfos.

Eles continuam aparecendo até que haja um pequeno exército deles. A cor da pele varia, alguns são ébanos, outros têm tonalidade cinza e outros são cobertos de pelos. Olhos vermelhos e amarelos brilham, incutindo em mim o terror dos deuses. O que são essas coisas!

Uma fera tão grande que atravessa edifícios, destruindo-os como se não fossem nada além de areia, rugindo para o céu. Seu corpo é coberto por uma camada espessa e impenetrável de armadura, suas asas abrangem a largura de um edifício e chifres que acendem fogo ficam no topo de sua cabeça.

Algumas dessas criaturas menores aparecem e se espalham pelo local, grandes bolas de magia emanando de suas palmas. Eles rapidamente se protegem atrás de seus irmãos maiores, seu principal objetivo parece ser a magia que gira ao seu redor enquanto atacam os elfos. Seus chifres são longos e finos, e suas orelhas são pontudas, quase como os próprios elfos e sua pele é pálida.

As criaturas deixam um rastro de destruição, derrubando os elfos com espadas que parecem maiores que o comprimento do meu corpo. Não há nada que se compare à força que eles demonstram, embora eu pensasse ter visto de tudo quando se tratava de elfos e orcs.

A magia preenche o ar – a magia *deles* – nada parecida com a dos elfos que agora parecem estar lutando para invocar. Isso é diferente de tudo que eu já os testemunhei usar antes, uma força e uma escuridão tão potentes que quase posso senti-la tocando cada célula do meu corpo.

Eu me curvo e vomito o escasso conteúdo do meu estômago, um peso me arranhando enquanto essas criaturas correm violentamente pelo assentamento e além. O próprio tempo parece desacelerar, a natureza opressiva dessas feras e o que elas trazem se apegam a tudo.

Os elfos negros se reúnem, embora a natureza dessa reunião e a maneira como eles gritam uns com os outros mostrem o quão pouco eles estavam preparados para algo assim. Como alguém poderia estar preparado para tal evento – justamente quando parecia que este mundo não poderia ficar mais sombrio?

O terror toma conta de mim, meu caminho para casa é bloqueado pelo caos, enquanto me encontro agora no centro de um campo de batalha. Aquele onde elfos e monstros lutam até a morte amarga. Os gritos dos elfos são algo que eu acolheria bem em qualquer outra situação, mas neste momento tudo o que fazem é aumentar o meu desespero.

Gritos de dor, o baque de grandes corpos ao atingirem o chão e a dispersão de partes de corpos ao voarem pelo ar e pousarem sem cerimônia no chão atacam meus sentidos. Quaisquer que sejam essas coisas, elas estão facilitando o trabalho dos elfos cuja magia parece não estar funcionando.

Escondendo-me entre algumas ruínas desmoronadas, coloco as mãos sobre os ouvidos, desesperado para sentir algum alívio dessa carnificina. Mas não ousa fechar os olhos, enquanto as criaturas com chifres, com pelo menos dois metros e meio de altura, atravessam o povoado, seus chifres negros alcançando um céu ainda mais negro.

Acima de mim agora está escuro, a única luz que vem das gigantescas bifurcações que dividem o céu, tomando posse dele enquanto ele se quebra, chicoteando todo o céu, estendendo-se de onde estou até o horizonte.

Não consigo sequer começar a entender o que é isso, sentindo como se tivesse caído na boca dos deuses abaixo. Será este o fim para todos nós? Depois de tudo que passamos, tudo chegaria a isso?

"Ajuda!"

"Não!"

"Eu farei tudo o que você pedir! Só não me machuque!"

A gritaria é demais, e só de pensar que meus irmãos estão aumentando esse barulho enquanto temem por suas vidas agora me deixa colado no lugar. Onde eles estão? Eles encontraram abrigo? Não suporto pensar em como eles devem estar assustados.

O ar estala com magia, fazendo os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiarem. Essa energia é tão intensa que é uma maravilha que qualquer coisa possa sobreviver em seu meio, e faz com que a dos elfos pareça nada além de uma trapaça de festa.

O chão treme embaixo de mim, os passos da fera gigante reivindicando tudo em seu caminho, e não tenho ideia do que vou fazer. Até agora, esses monstros têm como objetivo destruir os elfos, mas o que acontecerá então?

Eu aperto minhas mãos sobre meu peito latejante, a preocupação tomando conta de mim. Devo tentar chegar até minha família — mas e se já for tarde demais?

GIROTH

Da arca gira acima de nós, magia abrindo o céu, fazendo-me sentir viva e alerta. Ao meu redor, os outros aparecem, seus rostos indicando que estão prontos para a luta – olhos selvagens, dentes à mostra. Um Trolvor uiva, saliva escorrendo de uma boca sedenta de sangue.

Os elfos negros estão espalhados como formigas, lutando para se reunir ao verem a ameaça que representamos. Mas eles não têm ideia do que somos feitos, algo que se torna óbvio quando eles tentam lançar tudo o que podem contra nós usando sua magia. Invocações patéticas que são menos do que um filhote de demônio pode conjurar.

Eu tinha razão; eles não são páreo para nós.

Cada olhar de choque e indignação enquanto a magia do caos interrompe suas tentativas patéticas de nos matar acende algo em mim que há muito foi esquecido enquanto me deleito com sua ruína – afinal, sou um demônio e fui feito para tal escuridão. A vida com os cães manteve minha natureza mais negra reprimida. Agora está sendo liberado pela primeira vez no que parece ser uma vida inteira.

Observo enquanto suas armas são voltadas contra eles, seu sofrimento gravado em seus rostos enquanto seus corpos caem um por um no chão duro, muitos não mortos enquanto se afogam em seu próprio sangue e os sons de engasgos fazem meu sangue cantar. Eu preciso de mais disso.

“Avante”, eu grito, minha voz profunda e inflexível. Eu lidero o ataque e abater elfo após elfo com minha espada está se mostrando fácil, as cabeças rolando pelo chão como se estivessem colhendo frutos de árvores.

Eles são fortes, não há dúvida sobre isso, e reconheço a expressão em seus olhos: sombria e brutal. Mas também há medo. O medo de nos perguntarmos com o que eles estão lidando e como podem cair tão facilmente sobre nós.

A espada que empunhei é grande demais para eles se defenderem e facilito o trabalho de suas defesas à medida que avançamos. Corto corpos em vários formatos, maravilhando-me com a facilidade com que consigo cortar tendões e ossos, deixando os músculos expostos, de modo que sua morte é dolorosa.

A magia do caos paira no ar, tornando-os quase inúteis quando se trata de si mesmos e isso não é algo com o qual eles estão acostumados, ao que parece. Ninguém pode curar ou defender.

Não apenas nossos corpos são mais fortes que eles, mas nossa magia também.

Gritos enchem o ar e pela primeira vez em muito tempo me vejo sentindo algo diferente de miséria. Eu até consigo dar um sorriso divertido enquanto o Gilak se enfurece, jogando os elfos negros de um lado para o outro como se eles fossem pedaços de carne sendo dados aos cães.

“Não deixe ninguém vivo!” Eu ordeno, balançando descontroladamente minha espada e arrancando a cabeça do elfo que se aproxima, cortando-a tão bem que sua cabeça sai voando pelo ar e batendo com um golpe molhado. Não posso me dar ao luxo de me distrair agora, tenho um trabalho a fazer e a última coisa que preciso é desagradar Asmodeus. Precisamos agir rapidamente e depois ir embora.

“Soz'garoth!” Eu chamo, exigindo suas atenções mágicas enquanto me proponho a completar a tarefa que estou encarregado. Instantaneamente ele está ao meu lado e eu sigo em frente, sabendo que com minha espada e sua magia do caos eu posso continuar com o mínimo de interrupção possível por parte desses malditos elfos.

Rondando pelo assentamento, deixo os outros cuidarem dos elfos, meu trabalho é reunir as fêmeas humanas. Posso sentir o cheiro do medo deles, mesmo que seus pequenos gritos sejam abafados pelo caos. Os primeiros que encontro são tão pequenos que mal consigo acreditar que vamos tentar usá-los para fins de reprodução. Ela grita enquanto eu ando em sua direção e sorrio enquanto seu medo me alimenta.

“Minha,” eu digo, arrastando a palavra para ver como ela reage antes de arrancá-la como uma fruta madura da porta onde ela se encolhe. Ela cabe perfeitamente debaixo do meu braço e, enquanto me afasto, outra pessoa passa por mim como se ela não fosse necessária agora que tenho sua amiga.

Eu mostro meus dentes em uma demonstração selvagem de tormento antes de pegá-la pelos cabelos longos e escuros e passar um braço firmemente em volta de sua cintura, uma vez que a tenho. Ela bate no meu braço, até mesmo afundando os dentes e eu aperto ainda mais, ameaçando arrancar a vida dela se ela não parar.

Não que eu vá, é claro, essas mulheres estão sendo colhidas para servir a um propósito não apenas para esportes sangrentos, mas tenho pouco tempo para suas bobagens. Nada do que eles façam pode impedir isso; gostem ou não, e tenho certeza de que é a última opção, eles voltarão conosco. Não tenho certeza de como tem sido a vida deles aqui em Protheke, pelo que sabemos não era algo para se preocupar em perder.

Ela fica imóvel debaixo do meu braço enquanto eu a seguro com força, a única coisa que sinto agora é a leve pressão contra meu braço enquanto seus esforços inúteis para escapar dele começam a diminuir.

“Os escravos!” grita um elfo negro assim que vê o que estou fazendo.

“ *Meus* escravos,” eu sibilo, jogando as mulheres no Volvath segurando as algemas antes de chutar o elfo no chão. Ele olha para mim, com os olhos arregalados antes de eu colocar meu pé em sua cabeça, ouvindo o osso quebrando instantaneamente quando sua cabeça cede sob meu corpo maior.

As mulheres gritam, seus soluços pressionando minha raiva enquanto continuo minha busca. Há muito por onde escolher e, como caçador que sou, escolho todos. Ninguém escapará do meu alcance hoje. Se eu estiver aqui, garantirei que o trabalho seja feito da melhor maneira possível. Se isso significa que ganharei o favor do Rei, então tanto melhor.

A carnificina toma conta da paisagem, o cheiro de sangue, medo e fogo penetrando em minhas narinas. Minha pele está viva com magia e meu interior queima. Há quanto tempo não me sinto assim?

Com olhos e nariz de caçador eu localizo minha presa. Fui escolhido para isso por causa do meu jeito com feras e parece que Asmodeus estava certo. Ninguém escapará de mim, não agora. Há muitos deles, todos tão pequenos, com rostos e corpos tão frágeis e fracos que dá voltas no estômago.

Um por um, eu os arrasto de seus esconderijos, seus braços e pernas agitando-se em protesto temeroso, antes de entregá-los a um de meus camaradas, que os algema, prontos para levá-los de volta a Ti'lith.

Ainda assim, os elfos negros voam em minha direção – eu não tinha ideia de que eles gostavam tanto de seus humanos. Eles devem de facto ser bons escravos ou certamente

não arriscariam as suas vidas defendendo a sua propriedade desta forma. Mas não deixo que isso me impeça e os mande para o mesmo lugar que seus colegas soldados.

Em pouco tempo, os gritos cessaram, embora o Gilak continue sua violência rugindo no céu enegrecido. As algemas estão quase cheias e eu estreito os olhos, olhando ao redor, lançando um último olhar interrogativo sobre o caos diante de mim.

Surpreendentemente, ficou quieto quando comecei a avaliar se é hora de nos despedirmos. Ao longe, os Soz'garoth pairam no ar, esperando meu comando para nos devolver sua magia.

Então, pelo canto do olho, vejo algo: uma mecha de cabelo dourado enquanto outra mulher humana, certamente a última, sai correndo pelo beco. Mas é muito tarde. Já a vi e já decidi que não estou disposto a voltar aqui, mesmo que tenha sido uma ruptura surpreendente com a monotonia da minha vida.

Nenhum deles pode sobrar. E eu tenho esse em vista.

CORA

EU Sou como uma lebre no meio de uma grande guerra, deslizando entre os edifícios e me escondendo até poder voltar para casa. Essa sensação terrível penetra em meus ossos e retarda meu progresso, mas tomo cuidado e, finalmente, volto ao nosso canto do assentamento.

O que vejo me faz derrapar até parar.

Nossa casa está em ruínas, as cortinas esfarrapadas balançando descontroladamente na tempestade que tomou conta do céu. A maior parte do telhado desabou sobre si mesmo, mas ainda há uma seção que ainda não caiu. Mas meu pior pesadelo está sobre nós.

E se eles já estiverem mortos?

Aqui, pelo menos, a batalha continuou. Os elfos negros não se preocupam em proteger os seus bens “valiosos” de trabalhadores humanos. Gidresu será sua principal prioridade, mas até ele cairá nas mãos desses monstros que caíram do céu sobre nós.

Ele é um traficante de escravos, não um lutador.

Um vento terrível sopra pelas ruas, trazendo consigo mais daquela escuridão que penetra em tudo que toca. Nunca senti uma magia tão maligna como essa, se é que é mágica. Não se parece em nada com o poder irresistível dos elfos negros, que se infiltra na mente e nos torna submissos à sua vontade.

“Eles têm que estar aqui”, digo a mim mesmo, jogando-me para frente e abrindo caminho entre os destroços enquanto grito seus nomes. “Matti!!! Elizabete!” Minha garganta fecha antes que eu possa chamar Laura. Depois de tudo que passamos, tudo volta a isso. Sempre isso.

Lembro-me de retirar seu pequeno corpo da destruição da casa de nossa família. Lembro-me dos gritos de nossa mãe quando ela me disse para correr, antes que a lâmina de um elfo negro a silenciasse para sempre e suas palavras fossem interrompidas em um gorgolejo sangrento. E a terrível perseguição, antes de nos prenderem e nos jogarem em jaulas. Minha mente está esticada entre a memória e o terror desta nova realidade, ambos entrelaçados neste momento horrível.

É assim que sempre será, percebo, rasgando os painéis de madeira quebrados, em busca dos corpinhos de Beth e Matt. Com medo de encontrá-los, mas me recusando a parar até que eu os encontre. Não vejo nenhum sinal deles. Nenhum sangue ou membros sob a poeira dos destroços.

Meus dedos estão machucados e minha voz está rouca, mas não posso me dar ao luxo de parar.

Atravesso os destroços até o quarto tediosamente erguido que todos compartilhamos, mas não há nenhum sinal deles. "Laura?" Eu resmungo, minha garganta seca pela poeira. "Onde você foi?"

Ela deveria *estar* aqui, protegendo-os.

O som da batalha se aproxima com o vento norte. Não tenho muito tempo antes que eles estejam sobre nós novamente, e aquela criatura monstruosa destrua nossa casa comigo dentro. Minha família precisa de mim, onde quer que esteja, e me recuso a desistir.

Uma das minhas unhas quebra, provocando dor no meu braço, mas mal sinto, sacudindo-a enquanto continuo me movendo. Encontro-me novamente na sala, escavando loucamente os escombros. Vidros quebrados e lascas de madeira estão por toda parte, como se o exército tivesse caído direto sobre nossa casa.

Mas quando a poeira baixa e minha mente fica entorpecida, percebo que eles simplesmente não estão aqui. Estou procurando no lugar errado e não tenho ideia de onde eles possam estar.

Saio cambaleando pela porta quebrada para recuperar o fôlego, engasgando com a poeira.

Enxugo meus olhos ardentes com uma manga, mas não adianta nada. O sangue percorreu meu braço desde minha unha quebrada, que se partiu em duas. Eu sei que deveria sentir a dor disso, mas estou insensível a tudo, incapaz de formular meu próximo passo.

Há um zumbido alto em meu ouvido que não vem de nenhuma magia, e minha pele ficou fria com o choque. Eu *sei* disso porque é uma sensação familiar, que me arrasta de volta para aquela outra época, quando Laura era apenas uma criança em meus braços.

Balanço a cabeça, tentando restaurar meus sentidos.

O som de um grande monstro ruge sobre outro estrondo de trovão, e eu olho para as nuvens negras sem chuva que cospem eletricidade sobre nós. *Isto é o Inferno?* Eu penso, lembrando vagamente as histórias de nosso povo e de um lugar horrível para onde o pior da humanidade foi após a morte.

Mas *crianças?*

Eles poderiam ter feito algo tão terrível que justificasse a existência em um lugar como este? Respiro fundo, meus pensamentos lentamente se reunindo depois do susto. *Isso não é o Inferno*, eu percebo, *isso é Protheke*.

Cerro os dentes e me levanto, recusando-me a ceder à dor.

Não importa o que aconteça em nosso caminho, nunca poderei desistir deles. Mesmo quando as mãos de Gidresu estavam sobre mim, meus únicos pensamentos eram para Laura e as crianças. Não importa que estejamos separados pelo sangue; nós somos família.

Com forças renovadas, continuo procurando.

Talvez, se eu olhar mais fundo e com mais atenção, eu os encontre. Talvez tenham encontrado refúgio no porão, que foi barrado pelos destroços. Se eu conseguir chegar até eles a tempo, eles ficarão bem e poderemos fugir juntos.

Uma viga transversal desmoronada atravessa a entrada do porão. Terei que movê-lo se tiver alguma esperança de abrir o alçapão. É um tiro no escuro, mas eles poderiam sufocar lá embaixo, e eu me culparia para sempre se eles morressem.

Não sei de onde vem a força, mas consigo rolar a viga grossa vários metros, até que ela ganhe impulso e caia para o lado. Ainda há camadas e mais camadas de telhas quebradas e madeira para me impedir, mas estou mais perto do que nunca.

Laura os teria trazido aqui, tenho certeza.

É essa determinação que alimenta meu corpo exausto. Posso descansar quando eles estiverem livres e seguros, muito, muito longe deste pesadelo. Já posso nos imaginar fugindo para a floresta nos arredores do assentamento, e mais além, para a natureza selvagem de Jurtil. É uma fantasia, neste momento, mas agarro-me a ela de qualquer maneira. Eu só quero vê-los novamente. Anseio por segurá-los em meus braços e

testemunhar seus sorrisos brilhantes e alegres novamente, assim como esta manhã, quando eles estavam brigando por causa de um muffin. “Não se preocupem”, digo a eles, embora saiba que eles não podem me ouvir. “Eu vou tirar você daí.”

Eu bani as lágrimas.

Chorar é pelos mortos. Eles não podem estar mortos.

Se ao menos Gidresu não estivesse sedento de poder, ele poderia ter me deixado em paz. Meu lugar é com minha família e me arrependo de cada momento que estive longe deles. Minhas mãos estão dormentes quando limpo os detritos e agarro a maçaneta da porta do porão.

Há um momento em que hesito, com muito medo de abri-lo.

E se eles não estiverem lá?

Respiro fundo e abro a porta, encontrando o porão vazio de qualquer ser vivo. Eu balanço, incapaz de acreditar, e aquele entorpecimento invade minha alma novamente. “Não”, é tudo o que posso dizer, as lágrimas finalmente chegando.

Eles embaçam minha visão e lavam a poeira.

Eles foram embora.

Eu tenho que aceitar esse fato. Deixo cair minha cabeça em uma mão ensanguentada e sufoco um soluço. A dor da ausência deles é avassaladora e eu caio sobre os calcanhares, balançando enquanto me seguro. *Perdido. Eles foram embora.*

No silêncio, os escombros se mexem atrás de mim.

Viro-me na esperança de vê-los, parados na porta. Talvez eles tenham encontrado refúgio, afinal, e tenham voltado para salvar o que puderam. Mas meu coração desaba quando descubro o que fez aquele som.

É um deles, os monstros que atacaram o assentamento.

Ele é um dos mais altos, seus chifres de ônix aumentam sua grande altura enquanto ele me observa com olhos brancos e claros. Há uma espada enorme pendurada sobre seus ombros poderosos, porém magros, descansando facilmente entre os chifres que se projetam dos ossos de suas clavículas. Estou atordoado com o peso de seu foco, incapaz de me mover.

Ele veio me matar também?

GIROTH

Ta dele ignora a batalha que travamos sobre a terra, escapando de modo que quase a perco na perseguição. Não sei por que ela chamou minha atenção, mas acho que pode ser o brilho de propósito em seus brilhantes olhos azuis.

Esses humanos são estranhos.

A maioria caiu gritando e se debatendo nos braços dos meus coletores, mas este escapou de todos os esforços dos elfos negros e dos meus soldados para ser capturado. Ela se abaixa na estrutura quebrada de um prédio baixo que foi destruído na confusão.

"Peguei você", eu sussurro enquanto caminho até a beira do prédio destruído.

Acho que ela pretende se esconder, e fico do lado de fora, observando enquanto ela escava as ruínas com uma intenção febril. O que ela está procurando, eu me pergunto? E é aí que ouço a voz dela, aguda e melódica, mesmo que esteja tensa de preocupação. "Mat! Elizabete!"

Não há nenhum lugar para ela ir.

Isso me dá tempo para observá-la melhor. Ela não tem os quadris fortes ou a figura formidável de algumas das outras mulheres, e duvido que ela seja uma boa candidata para o experimento do Rei Asmodeus. Ainda assim, sua pele avermelhada e seus cabelos dourados me fascinam. Eu poderia imaginar como ela cederia às minhas garras poderosas, e me pergunto como seria a sensação do corpo dela, pressionado contra o meu.

É um pensamento errôneo que descarto imediatamente.

Quando retornarmos a Ti'lith, os humanos serão entregues ao Rei e não terei mais nada a ver com eles. Anseio, novamente, pelos poços escuros dos canis. Isso é familiar. Isso é casa. Os verdes e azuis deste continente atacam os meus sentidos.

Eu odeio isso.

Mas gosto do brilho da luz dourada em seu cabelo enquanto ela se esforça contra a destruição impossível, pronunciando palavras que não reconheço. Suas características alienígenas são preciosas por si só. Estou acostumado a ver as orelhas compridas e duras das Matronas e as feições estreitas e nítidas de outros Volvath. Gosto das conchas

macias de suas orelhas de formato estranho que ficam vermelhas enquanto ela trabalha incansavelmente para se enterrar nas ruínas. Suas mãos macias e sem garras começam a sangrar com o esforço, e sinto a mordida do cobre no ar.

Tudo nela é novo e curioso.

"O que você está fazendo?" — pergunto em um sussurro, mais para mim mesmo do que para ela, enquanto observo o modo como ela cava e grita.

Ela não age como os outros de sua espécie, que escondem de nós seus olhos inexpressivos. Os dela são nítidos e parecem não perder nada, exceto a minha sombra aparecendo na janela quebrada. São animais, como disse o Rei?

Não sei se posso acreditar, não enquanto *a observo*.

Os animais reagem por instinto e até abandonam os seus próprios descendentes quando o perigo surge. Esta está se machucando para encontrar alguém, percebo isso agora. Ela está destruindo seus membros sensíveis em busca deles, sem se importar com seu próprio bem-estar.

É o que uma criatura senciente faria.

"O que está acontecendo dentro dessa sua mente?" Outra pergunta que ela não consegue ouvir nem responder.

Os dela são ideais elevados que deixariam os Sete orgulhosos. Ela não pede ajuda a seus colegas encolhidos. Ela simplesmente o faz, sem consideração por si mesma. Não posso deixar de sorrir e me mover para encontrar uma posição melhor para observá-la.

Enquanto a batalha se desenrola ao nosso redor, ela ignora, parando apenas uma vez para respirar, com sangue escorrendo de seus dedos. Seus olhos estão distantes e ela nem me vê antes de voltar à sua tarefa, chamando de nomes aquelas palavras que estou começando a entender.

É quando ela se move para o centro dos escombros e empurra uma viga com três vezes o seu comprimento. Acho graça, pois sei que ela não conseguirá mover a coisa. Eu deveria estar reunindo mais humanos para o experimento, mas não consigo evitar.

Seu impulso me cativa.

Nada a detém e logo a viga rola para fora do monte de escombros, mas ela não para para observar seu sucesso. Claro que ela não o faz, escavando freneticamente entre os destroços até chegar a um alçapão escondido.

Ela ao menos percebe que está ferida?

Vou até a entrada, lançando uma sombra pesada sobre a soleira da porta. Teria sido pequeno demais para eu entrar quando estava intacto, mas o teto caiu, permitindo-me facilidade de acesso. Espero um pouco mais, erguendo minha lâmina grossa sobre o ombro, incitando-a silenciosamente a finalmente me ver. O que ela fará quando o fizer? É isso que quero descobrir. "Veja-me", eu insisto, embora minha voz não pudesse ser ouvida em meio ao barulho da luta, mesmo daqui.

Isso me dirá se ela é realmente senciente ou apenas um cachorrinho Ur'gin assustado reagindo por impulso. *Testemunhe-me, pequena*, penso, sentindo a energia caótica dentro de mim atraída por ela.

Ela abre o alçapão e depois fica estranhamente imóvel.

Não parece ser assim, render-se tão facilmente. Mas ela se agacha enquanto olha para o abismo abaixo do prédio em ruínas. Seus braços caem ao lado do corpo, como se ela finalmente tivesse desistido. Inclino a cabeça, me perguntando o que está passando pela cabeça dela neste momento.

"Minha vez", eu respiro. Atrevo-me a dar um passo à frente e minha bota pesada bate em algo duro.

O barulho a faz pular levemente, e ela se vira, com os olhos cheios de visão de mim. A princípio, há luz neles, mas ela se esvai em direção ao pavor escurecido. Ela achava que eu era a pessoa que ela procurava? Quase sinto pena dela.

Fico imóvel, impaciente para ver o que ela fará a seguir.

Os outros entraram em ação instantaneamente, fugindo sem pensar e deixando para trás o resto, que era fácil de coletar. Mas ela continua a me surpreender, permanecendo imóvel como uma estátua. É como se ela pensasse que vou atacar quando finalmente ousar piscar.

Um pequeno sorriso se curva nos cantos da minha boca.

Ela nunca viu um demônio antes de hoje. Disso, não tenho dúvidas. E ela nunca viu um de perto, até agora. Espero que sua boca se abra e que um daqueles sons miseráveis lhe escape, mas em vez disso seus lábios se apertam e aquela luz retorna aos seus olhos.

O brilho do propósito.

Apesar de sua pequena estatura e corpo estreito, agora não tenho dúvidas de que ela será uma excelente aquisição para meu rei e seu experimento. Estou decidido a recolhê-la, apesar de todas as evidências em contrário. E por mim mesmo, quero sentir seu corpo macio se contorcer contra mim quando eu a pegar em meus braços fortes. Desejo sentir seus dentes cegos em minha carne quando ela se debate, porque sei que ela o fará. Ela é uma lutadora, essa.

E ela é mais do que apenas um animal selvagem. Ela é senciente e talvez entenda o motivo pelo qual sitiamos sua casa. Talvez ela seja uma voz para os outros, que gritam e lamentam inconsolavelmente nas suas correntes.

Quero acalmá-la com palavras de conforto, embora não seja o nosso costume. Ela me faz sentir algo que só experimentei quando uma mãe Ur'gin dá à luz, aquela alegria e incerteza das vidinhas que brotam dela, já rangentes e cheias de espírito.

Dou outro passo à frente e seu corpo fica rígido.

Em vários passos, estarei ao alcance do braço. Isto é, se ela não tentar fugir. Ela não tem para onde ir, comigo bloqueando a única saída verdadeira deste lugar em ruínas. Esta será uma captura fácil, mesmo que ela esteja quase brilhando de ambição. Tudo o que tenho que fazer é prendê-la e prender uma coleira em volta de seu pescoço esguio.

Vou precisar ter cuidado para não quebrá-lo.

Estendo a mão para ela, aberta e voltada para cima, para que ela saiba que não pretendo causar nenhum dano real. Ela olha para ele sem expressão, seu olhar voltando para meu rosto e para a espada sobre meus ombros. Ela está certa em ser cautelosa, mas não precisa ser.

Abro a boca para falar, quando, de repente, ela corre na direção oposta, lutando com uma fúria louca por uma abertura na parede que eu não tinha percebido. A excitação corre através de mim quando percebo que ela é mais inteligente do que eu imaginava.

CORA

Eu entra em ação, recusando-se a ser pego por esse monstro.

É impossível saber o que ele planejou para mim, mas certamente deve ser pior do que as tentativas lascivas de Gidresu. Nada com olhos tão frígidos e calculistas poderia ser tão sincero, mesmo que ele me oferecesse a mão.

Eu não acredito na atuação dele nem por um segundo.

"Você me subestima", murmuro, meus olhos brilhando enquanto escapei.

Há uma longa rachadura na parede por onde eu deslizo, tentando ganhar algum tempo. Não é só por mim que corro, mas por Matt e Beth. Para Laura, que, se ainda estiver viva, certamente voltará para casa com os filhos. Preciso levá-lo para longe de nossa casa, ou ele poderá capturá-los também. Já arrisquei a minha própria vida, hoje, e arriscaria de bom grado novamente para garantir o futuro deles, por mais sombrio que seja.

Assim que eu me espremo entre dois quadros quebrados, ele já atravessou os escombros pesados e investiu, suas garras afiadas me erraram por um fio de cabelo. Meu coração está galopando no peito enquanto consigo me libertar da bagunça, rolando bem a tempo quando ele derruba a parede com um golpe poderoso de sua espada.

"Merda", eu respiro, mas é o único segundo que desperdiço. Rapidamente, fico de pé e começo a correr.

Não posso mais me dar ao luxo de olhar para trás, sentindo que ele já está em sua perseguição. Se eu olhar para trás, fico realmente com medo do que vou encontrar.

Essa criatura não me chama nem me manda parar. Inferno, não sei se ele consegue falar em uma língua que eu entendo.

Eu não ligo.

Ele é meu inimigo tanto quanto os elfos negros.

Quando penso que posso estar assumindo a liderança, desviando pelas ruas marcadas pela batalha, ele consegue acompanhar, mantendo o controle de sua enorme espada. E, embora ele tenha todas as oportunidades para me derrubar, ele não o faz.

Isso me confunde, mas não tenho tempo para considerar isso.

Atravesso as ruas e atravesso a linha das árvores, esperando que ele se canse de me perseguir e volte para o exército de crias infernais que dizimam as fileiras dos elfos negros. Quero aproveitar o fato de Gidresu e seus asseclas estarem sobrecarregados no momento, mas meu foco permanece nos pés, pedalando forte embaixo de mim.

Eu sei que não devo gritar.

Mesmo desta distância, o som de mulheres gritando pode ser ouvido. E onde isso os levou? Preso ou morto, e não me colocarei entre eles. Gotas de suor na minha testa e eu empurro com mais força do que nunca. Meu coração parece que está prestes a explodir e minha respiração está entrecortada. Mesmo assim, eu corro.

As árvores estremecem atrás de mim enquanto ele tenta navegar por elas, aqueles galhos grossos com nós demais para que ele possa passar facilmente. Finalmente, tenho o luxo de olhar por cima do ombro e encontrá-lo cortando o matagal com uma fúria endurecida pela batalha.

Ele tem quase o dobro da minha altura, um ser de músculos puros e pálidos, com a força de cinco homens. A maneira como ele empunha sua arma me faz pensar que ele já matou vários de nós antes de chegar até mim. O que mais me confunde é a forma como ele estava parado no batente da porta, apenas olhando para mim. Ele poderia ter vindo até mim e me nocauteado enquanto eu procurava por Matt e Beth.

Ele poderia ter me cortado ao meio quando eu estava olhando para o porão.

Mas ele não o fez.

Ele queria algo de mim. Esse foi o sinal que ele me deu, a palma da mão aberta como se me pedisse para pegar sua mão. Se ele podia falar, por que não o fez? Ainda assim, ele poderia dizer algo coerente, razoável, por tempo suficiente para me fazer perceber que ele está, de fato, consciente.

Ele é um inimigo dos elfos negros? Se sim, por que eles também estão nos atacando?

Isto deve ser alguma tentativa de tomada de poder por parte de uma raça que nunca vimos antes. Mas o que eles querem? Neptério? Terra? Engulo em seco enquanto persigo essa liberdade indescritível. Escravos? Não serei escravo *novamente*, não enquanto minha família estiver por aí, em algum lugar. Eles precisam de mim, e se eu tivesse que escolher entre mestres, não hesitaria em voltar para os elfos negros.

O pensamento é odioso.

Não suporto a ideia de voltar para eles com o rabo enfiado entre as pernas. Como se Gidresu fosse um mestre generoso em primeiro lugar. Subo uma colina baixa enquanto a criatura se liberta do matagal, com a lâmina em punho e o olhar pálido voltado para mim.

Meus membros estão em chamas com o esforço excessivo, mas reprimo um grito de surpresa, quase caindo colina abaixo em retirada. Há algo tão irritante nesta criatura.

Ele simplesmente não desiste!

"Seu inimigo está atrás de você", murmuro baixinho, embora Eu quero gritar com ele.

"Eu não."

Comparado a esses gigantes, sou diminuto e não consigo imaginar que tenha algum valor para eles. Talvez eles não tolerem a rejeição e ele tenha ficado ofendido com isso.

Se ele estava tão fundamentado na propriedade, então por que ainda não falou?

Eu caio amontoado no sopé da colina íngreme, e ele vem deslizando atrás de suas pesadas botas de couro, sem me ceder nem um centímetro. Mais uma vez, sou forçada a desviar de seu alcance, duas vezes antes de contornar uma árvore grossa, rolando enquanto ele avança em minha direção.

Tão perto, posso sentir aquela energia sombria saindo dele.

Não preciso ser um elfo negro para sentir isso dentro de mim, como uma corrente gelada batendo em meus ossos. Eu me afasto violentamente, pegando um pedaço de pau e brandindo-o contra ele. "Fique longe de mim!" Eu aviso.

Ele olha para a arma, a confusão tomando conta de suas feições afiadas.

Com um movimento de pulso, a ponta de sua arma me desarma, fazendo o galho voar em direção às árvores. Foi tão fácil quanto respirar para ele, a precisão não passou despercebida por mim. Ele poderia ter jogado na minha garganta e me visto sangrar a seus pés.

Em vez disso, ele se aproxima enquanto eu me afasto.

A floresta ficou mais densa aqui e não tenho mais para onde correr. É quando vejo uma brecha nos arbustos e um campo aberto além. Poderia ser minha última chance de fugir dele. Respiro fundo e pulo pela abertura, rolando na saída para uma colina gramada.

Quando me levanto, um peso cai sobre mim, forçando-me a deitar de costas.

Ele me prendeu no chão, sua arma deixada de lado para me segurar com firmeza. Há algo frio e metálico em sua outra mão, e reconheço imediatamente: uma coleira.

Com todas as minhas forças, eu avanço contra seu corpo inflexível, me debatendo e finalmente me perdendo em um grito. Suas orelhas caem para trás, encostadas na cabeça, como se o som o irritasse. Minha perna sobe e dou uma joelhada em sua mandíbula, forçando-o a me soltar.

Eu saio de debaixo dele, apenas para ser arrastada de volta para baixo. Desta vez, porém, sua expressão é feroz e, em vez de uma coleira, sua palma nua pressiona minha testa, empurrando minha cabeça para trás, contra a grama.

Luto contra a sensação que seu toque evoca, me contorcendo contra aquela escuridão pesada que ameaça tomar conta da minha visão. Mas há algo tão doce no esquecimento, e finalmente me rendo a ele enquanto ele me arrasta para baixo, para baixo, para baixo, para suas profundezas aveludadas.

GIROTH

Minha frustração tomou conta de mim e eu a coloquei para dormir com apenas um toque da minha energia caótica que flui através de todos os demônios. Mas agora que ela está inconsciente, posso admirar seus recursos. Ela lutou bravamente contra sua captura, chegando ao ponto de me ameaçar com um pequeno pedaço de pau quando todas as probabilidades estavam contra ela.

Seu rosto está suave durante o sono enquanto eu levanto seu pequeno corpo por cima do ombro e a carrego de volta para o assentamento, satisfeito com minha carga. Mesmo considerando que ela será uma ótima criadora, o pensamento fica errado em minhas entranhas. Isso não é tudo o que ela vale, embora eu não saiba se mais alguém reconhecerá isso quando retornarmos a Ti'lith. Decido mantê-la comigo na viagem de volta, caso os outros fiquem muito curiosos sobre ela.

Eu gosto deste.

Vários soldados Trolvor me encontram na fronteira, onde a batalha já terminou. “Honorável Giroth”, diz um deles em uma demonstração externa de respeito, seus olhos semicerrados se desviando apenas brevemente para a mulher por cima do meu ombro. Suponho que seja melhor do que 'mestre de cães'. “Temos o líder deles esperando pelo seu julgamento.”

“E quanto à batalha?”

“Acabou”, diz o outro com um aceno brusco, embainhando sua cimitarra maligna ao lado do corpo. “Reunimos os humanos viáveis restantes e estamos aguardando a convocação de Soz'garoth de Ti'lith.”

“Muito bem,” eu digo, apagando a dor deliciosa em minha mandíbula.

Ela tem um ataque poderoso, eu admito isso.

Eles me escoltam até o centro do assentamento, onde um elfo negro ensanguentado treme no chão em posição fetal, como se já tivesse levado uma surra até morrer. Ao lado do reclinado Gilak estão sentados o que devem ser duas dúzias de mulheres humanas acorrentadas de pés e mãos, pálidas de medo e chorando alto, como se eu tivesse alguma empatia por elas.

Esta não chorou, penso, apertando ainda mais seu corpo inerte.

Meus soldados aguardam minhas ordens e eu olho para a multidão, feliz por não termos perdido nenhum hoje. O Rei ficará satisfeito. “Este é o líder deles?” Digo do trêmulo elfo negro que não ousou sair de sua pose infantil na grama.

“Sim, Honorável Giroth.”

Ao ser mencionado, ele finalmente olha para mim, suas pupilas pontilhadas em olhos negros tão grandes que acho que vão cair de seu crânio. “Demônio”, ele sussurra com reverência, ficando de joelhos, embora a ação pareça dolorosa. “Por favor. Tenha piedade de um velho elfo! Posso conseguir mais mulheres, dinheiro, terras. O que você quiser! Só não me mate. Ele rasteja para frente apoiado nas mãos e nos joelhos, alcançando minhas botas com dedos ensanguentados. “Mestre, farei tudo o que você ordenar.”

Saio do seu alcance, enojada. “Eles eram todos assim?”

“A maioria morreu com as botas na garganta”, responde um dos Trolvor. “A magia deles era inútil contra o caos.”

“Como eu vi.” Eu circulo o líder. “Isso é patético, elfo negro. Conheci filhotes de Ur'gin com mais respeito próprio do que você.”

Seu sorriso sangrento se volta para mim, desesperado e fraco. “Quem precisa de respeito próprio quando tem dinheiro? Eu- eu tenho conexões! Eu conheço o próprio Rei Bruxo! Você seria um tolo se rejeitasse minha amizade, ó demônio poderoso. Tudo o que tenho pode ser seu, se você me poupar minha vida. Conheço *pessoas* ... — Ele tagarela sobre suas preciosas conexões, mas me canso de suas desculpas.

“A única conexão com a qual você deveria se preocupar é a da sua cabeça com o seu corpo, elfo”, cuspi para ele. Então, para meus soldados: “Levem-no embora e afoguem-no naquele grande lago ao sul, e depois entreguem seu corpo aos Naga. Tenho certeza de que eles farão bom uso de um presente tão generoso.”

“Sim, honorável Giroth”, dizem eles em uníssono e o arrastam para longe.

Ele vai, chutando e gritando como um bebê petulante. É uma honra morrer pelo seu povo, mas ele não tem lealdade ao seu, isso é evidente. Olho para baixo, para nossa

coleção, das mulheres que o Rei exigiu que eu reunisse. Estou satisfeito com quantos existem, mas em breve saberemos se serão de alguma utilidade.

Uma das mulheres levanta a cabeça, os olhos estranhamente claros comparados aos da outra. Ela me observa, seu olhar se desviando frequentemente para a mulher pendurada em meu ombro. Eles se conhecem? E se sim, que conexão eles têm?

Esqueço a curiosidade, ansioso por estar em casa.

“Levantem-se”, exijo, e eles o fazem lentamente, como se seus corpos estivessem pesados de tristeza. Certamente, Ti'lith será um lugar melhor do que este campo de escravos, cheio de soldados elfos negros mortos, mesmo que eles sejam usados como meros recipientes para a prole do Rei Demônio.

Não tenho pena deles.

A tempestade aumenta de intensidade e sei que nossa viagem de volta é iminente. Aqueles que partiram para afogar o líder retornaram, e eu conto suas cabeças novamente para ter certeza de que todos foram contabilizados. Vinte e três mulheres e cinquenta e um demônios estão envoltos na pesada magia do caos do nosso continente natal que flutua a léguas acima de nós.

O enorme Gilak grunhe de descontentamento ao ser o primeiro a ficar cego no vórtice rodopiante porque sua cabeça é mais alta que a do resto das nossas. Depois os outros também ficam cegos, aceitando a escuridão ondulante como o abraço de uma mãe.

Antes que meus olhos escurecessem com a magia, deixei a mulher humana deslizar em meus braços e embalar sua forma inconsciente contra meu peito. Não quero que nada aconteça com ela durante a transferência e sinto que ela está mais segura aqui, comigo.

Ela tem promessa.

A expressão suave e inocente em seu rosto é preciosa. É um lado dela que nunca vi quando ela estava lúcida, com os olhos sombreados pelo medo, pelo desafio e pela expectativa. Assim, porém, fico impressionado com sua beleza e força gentil. Meu queixo ainda dói por causa do golpe retumbante de antes, e me vejo sorrindo para ela como um idiota.

Estou feliz que os outros não possam me ver. Eles nunca parariam de falar sobre isso.

Eu olho para aquela nuvem estrondosa que envolve todos nós, fechando meus olhos para facilitar a passagem entre o continente terrestre e Ti'lith, e quando ela clareia, eu balanço no pátio da propriedade real e respiro o ar fresco e limpo de casa .

Os outros humanos soluçam com mais ênfase, seus olhos arregalados percorrendo a cidade alta com medo e desgosto. Há muito que fazer antes de poder entregar o meu relatório ao Rei. Essas mulheres terão que ser processadas, documentadas e examinadas minuciosamente para que possamos prestar contas adequadamente. Pelo menos abaixo, eu poderia me divertir um pouco e matar alguns elfos negros.

Agora, é tudo papelada.

CORA

EU amordaçar-me até acordar. O fedor de merda e mijo está fazendo meus olhos lacrimejarem. É tão potente que posso sentir o gosto no fundo da garganta. Algo frio e úmido pinga em meu rosto.

Porra. Espero que seja água, mas sei que não tenho tanta sorte.

Quando me sento, minhas costas arranham as barras enferrujadas. Olho ao redor, para os outros prisioneiros, e o alívio toma conta de mim. Eles não estão aqui, as crianças ou Laura. Eles fugiram, eu sei disso. Eles são tão espertos que sei que iriam procurar um lugar seguro.

“Cora.” Um sussurro chama minha atenção. Eu me movo ao lado dela. Estão todos assustados, assim como eu. Nossos futuros são incertos com certos resultados; nenhum é ideal.

“Não se preocupe”, eu digo, pegando a mão dela, “Nós vamos superar isso.” Dou meu melhor sorriso. Não tenho ideia de como sairíamos disso, mas sei que não seria sem luta. Seu rosto se contorce e as lágrimas rolam.

“Cora, sinto muito”, ela chora.

“Não é sua culpa. Não é culpa nossa. Apenas-”

“Não”, ela diz mais alto, “Laura... ela...” Sua voz falha e ela começa a soluçar. Eu me inclino e esfrego suas costas.

“Está seguro com as crianças. Eles estão-”

“Eles a levaram”, ela deixa escapar.

Meu corpo fica frio. Meus membros parecem pedras. “O que você quer dizer?”

“Ela estava aqui”, ela funga, “cuidando de você, então eles vieram. Eles a levaram.

A sala parece girar. Não, isso não está certo. Ela está chateada e confusa. Laura fugiu com os outros. “Tem certeza? Hoje foi difícil para todos. Podemos ver qualquer coisa”, digo.

Não era verdade – não pode ser.

“Era Laura. Dois enormes guardas a arrastaram desta cela. Ela não voltou desde então.” Seus olhos estão inchados. Eles disparam como se alguém fosse atacar nós a qualquer momento. Essa era uma possibilidade muito provável neste momento.

Pela expressão dela, sei que é verdade. Laura foi levada.

Quero vomitar, e não é por causa da merda que nos rodeia.

Imagens surgem em minha mente desde a nossa infância. A feliz garota gordinha e vermelha que protegi todo esse tempo. Eu falhei e agora ela está nas garras daqueles monstros.

Aquela água mergulhada parece tão barulhenta agora. Minha mente corre em busca de uma resposta. Porque ela? Por que mais ninguém? Ela está sendo torturada? Então minha mente corre para os lugares escuros. O que eles estão fazendo com ela?

Eu não consigo respirar.

Minha irmã pequena.

A mulher recua. Ela tenta tirar minha mão de seu pulso. “Você está me machucando”, ela suspira.

Eu imediatamente a libero. “Desculpe. Desculpe. Quanto tempo fiquei fora? Quando eles a levaram?”

Ela esfrega o pulso: “Você estava dormindo por cerca de dez horas, então eles a levaram há cerca de seis horas.”

“E ela não voltou?”

“Eu já te disse, não. Ela se foi”, diz ela com lágrimas nos olhos.

Não faz sentido. Por que? Ela está quieta. Eu ensinei a ela o que fazer: manter a cabeça baixa e não chamar atenção para si mesma. Eles irão ignorar você o maior tempo possível.

Ela tentou me proteger? Oh meu Deus. Só o pensamento me deixa mais doente do que este lugar. Eu nunca vou me perdoar. Eu deveria ter feito mais.

Aqueles chifres curvados e pontiagudos vieram à mente, junto com seus olhos brancos leitosos e corpo alto. Isso envia um arrepio na minha espinha. A floresta ondulante enquanto eu corria estava diante dos meus olhos. Como eu não escapei? Eu fui preciso.

Repasso os eventos e encontro maneiras de evitar isso: minha captura. Talvez eu pudesse ter corrido mais rápido. Eu o evitei bastante.

Talvez dê uma volta extra e lute mais. Tirar uma vida nunca me passou pela cabeça antes, mas saber que eles têm minha irmã. Parece que teria sido a melhor escolha se eu tivesse chance, recursos e oportunidade. Eu deveria ter feito mais. Havia mais que eu poderia ter feito.

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, eu o afasto. Remoer meus fracassos não me levaria a lugar nenhum. Tenho que focar no positivo. As crianças fugiram. É isso que importa. Eles foram salvos. Isso tem que contar para alguma coisa, certo?

Tem que ser. É uma das últimas coisas que me restam para me agarrar. Se eu estar aqui lhes der uma chance. Eu aceito isso qualquer dia.

Respiro fundo e olho ao meu redor. As mulheres se reúnem em pequenos grupos. Há tantos de nós aqui. A maioria estava tremendo. Se foi por medo ou pelas condições de chuva, era um mistério. Poderia até ser ambos. Precisamos de um plano. Não posso ficar sentado aqui. Eu tenho que fazer alguma coisa – qualquer coisa.

Há uma tigela de metal com água no chão. Eu pego e distribuo para todos tomarem uma pequena bebida. Depois que está vazio, corro pelas barras o mais alto possível.

"Ei! Guardas!

"Oh, meu Deus, Cora. O que você está fazendo?" ela diz, tentando me tirar das grades.

"Obter respostas. Precisamos saber o que está acontecendo."

Ela suspira: "Foda-se. O que temos a perder?"

Essa foi uma maneira de ver as coisas, mas ainda tenho muito a perder. Pessoas que dependem de mim estão esperando por mim. Matt e Beth estão esperando e não vou decepcioná-los. Vou chamar Laura e voltaremos para eles.

Continuo minha campanha para consternação de todos. Poderia acabar mal, mas era isso que esperávamos desde que fomos jogados nestas celas. Quando a porta de madeira finalmente bate na parede, minha garganta está quase dolorida.

Dois guardas corpulentos entram correndo, encarando minhas travessuras. Eles param na minha frente, esperando que eu desista. Eles esperavam errado.

"Estava na hora. O que vocês dois estão fazendo aí? Dormindo no trabalho — grito, batendo na tigela.

Um deles pega a tigela e a joga do outro lado da sala. As mulheres vão para o fundo da cela. Eu mantenho minha posição nas barras.

"Você pode beber sua urina agora", diz ele com um sorriso irritado. Agarro as barras com tanta força que minhas mãos ardem. Esta pode ser a coisa mais louca que já fiz.

"Cale a boca, humano, ou—"

"Tenho certeza de que sua ameaça teria sido tão assustadora. Podemos pular isso? Eu digo.

Ele franze a testa e se inclina para mais perto da cela. Tão perto que posso sentir sua respiração soprar em meu rosto. Não sei o que foi pior. O cheiro de merda ou seu hálito atacando meu rosto. Esta poderia ser a sua própria marca de tortura.

"Você tem muita coragem", diz ele.

"A mulher que você tirou daqui. Onde ela está?" Ele olha para seu parceiro e eles trocam olhares. "O que você vai fazer conosco?" eu pressiono.

"Você não pode fazer perguntas por aqui. Cale a boca ou sofra", ele grita, "Isso vale para todos vocês".

"Tudo bem, algo fácil. Onde estamos? Você sabe disso, não é? — pergunto.

"Então nenhum de vocês tem respostas", pergunta uma mulher atrás de mim.

Isso desencadeia uma reação em cadeia entre o grupo. Logo outros se juntam e lançam perguntas contra eles. Alguns se aproximam da porta da cela bem ao meu lado.

"Traga-nos alguém que saiba então", eu digo.

Ele olha para mim e bate na barra ao lado do meu rosto. O som ecoa em meu ouvido, mas continuo forte. Os guardas sussurram entre si e depois fazem uma retirada apressada. A porta bate com tanta força que acho que vai cair das dobradiças na próxima vez que alguém a abrir.

Verifico pela cela se há alguma coisa que possamos usar. Por que esperar por respostas se poderíamos escapar e obtê-las nós mesmos? Enquanto os outros continuam fazendo barulho, sacudo o pequeno banco e ele balança. Uma das pernas está solta. Uma ideia me vem à mente e corro até a porta da cela.

Isso poderia funcionar.

GIROTH

A conquista bem-sucedida de mulheres humanas certamente me colocará nas boas graças de Asmodeus, embora isso não seja algo que me importe muito. Se dependesse de mim, já teria voltado para os meus cães, mas agora há processamento a fazer.

Estou cansado, os efeitos da magia do caos e da batalha agora começam a me alcançar. Já faz muito tempo que não gastei tanta energia, e o peso da expectativa que pairava sobre meus ombros deve ter suportado mais do que eu imaginava. Se eu não tivesse tido sucesso nesta missão, então a minha própria vida estaria em risco.

Meus olhos estão pesados e meu corpo logo se tornará um peso morto. Meus ombros estão rígidos de tensão e me resta pouca concentração, embora ainda haja muito trabalho a fazer. Se eu conseguir concluir isso, espero que meu papel em tudo isso termine.

Sento-me na cadeira e olho para o teto escuro – não foi para isso que fui feito! Meu queixo ainda lateja e tudo que quero fazer é voltar para onde pertenço. Coletar humanos foi uma distração surpreendentemente bem-vinda da monotonia da minha vida aqui em Ti'lith, mas agora terminei.

Uma batida na porta me traz de volta ao quarto. "Sim!" Meu tom é menos paciente quando a porta se abre e um guarda entra. — pergunto, voltando ao meu trabalho e sem tirar os olhos da mesa. Não preciso que os outros vejam que estou cansado ou pensem que posso não estar à altura do trabalho.

"Lamento incomodá-lo", diz ele, e posso sentir o quão pouco ele quis dizer isso. As vezes em que nós, demônios, lamentamos são poucas e raras. Não é um sentimento que ressoa em nós.

"Então por que você faz isso?" Eu pergunto.

"Há uma mulher, uma humana."

"Sim, há muitos deles, eu os trouxe aqui", digo ironicamente. Não tenho tempo nem paciência para interrupções como essa. Minha raiva logo tomará conta de mim se eu não dispensar esses deveres logo e retornar aos meus cães e à vida que conheço.

“Há um em particular que está causando problemas, Giroth.”

“Oh”, respondo, evasivamente, folheando os papéis que parecem ter sido colocados aqui apenas para me torturar.

“Ela está irritando as outras mulheres, causando uma cena. Ela insiste em falar com você.

Por que eu - por que sou sempre eu? Esta é a última coisa que preciso, não que este trabalho se torne ainda mais árduo do que já é.

Então isso me atinge. Quem dentre todas essas mulheres perguntaria por mim? A maioria deles teme desesperadamente por suas vidas. Só há um que me desafiou até agora.

Algo em mim se agita e finalmente olho para o guarda. Seu rosto parece o que eu sinto, e posso dizer que ele também está farto dessa bobagem. “Essa mulher, como ela é?”

Ele olha para mim quase estupefato. “Como o resto deles – humanos.”

“Coletamos muitos, são todos diferentes – ela é baixa, alta, qual é a cor do cabelo dela?” – desafio, chocado com o interesse que esta notícia agora suscita em mim.

“Ela é... bem, seu cabelo é dourado e cai sobre os ombros. Ela é uma das mais sedutoras deles. Vejo a mudança em seus olhos e estreito os meus para ele. Essas mulheres estão aqui para procriar, é verdade, mas a maneira como ele fala me deixa desconfortável.

É ela; deve *ser*. A tensão em meu corpo diminui e uma sensação quente e desconhecida irrompe em meu peito. Claro, seria ela quem causaria o problema. Tudo nela grita problemas – e muito mais. De repente, o cansaço que eu sentia passou e foi substituído por algo novo.

“Muito bem,” eu ofereço, levantando-me da minha mesa. “Então aceitarei uma audiência com ela.” Minha voz é áspera, rouca e não revela que, no fundo, estou ansioso para ver a mulher humana novamente. Não é comum para mim, mas não posso deixar de lembrar como era a sensação dela em meus braços, tão macia, tão quente, tão diferente de tudo que já conheci.

“Estou em dívida com você, Giroth. Temo que se você não concedesse o desejo dela, teríamos uma rebelião em nossas mãos.

Eu olho para ele sem acreditar, minha voz cheia de sarcasmo. “Somos demônios. Você está dizendo que não podemos controlar um grupo de mulheres humanas!”

“Não, estou apenas comentando que—”

"Esqueça!" Eu estalo. “Vamos lidar com esta situação. Se eu sou o único que pode lidar com essa mulher, então que assim seja.” Na verdade, quero ser o único a lidar com ela, a ideia de esta tarefa recair sobre outra pessoa não é algo que eu queira entreter.

Saio do escritório com o guarda atrás de mim, cruzando o terreno rapidamente até chegarmos aos blocos de celas. O cheiro é pior que o dos canis e tenho que tapar o nariz ao entrar nos edifícios sombrios.

É um lugar que poderia fazer até mesmo a pele de um demônio se arrepiar, um lugar que não é adequado nem para os cães de caça mais mal comportados – não que eu lide com muitos deles. Urqins são mais favoráveis para mim do que qualquer coisa ou qualquer outra pessoa.

Os sons das mulheres podem ser ouvidos na entrada e eu sorrio para o seu desamparo. Aos seus sussurros, gritos e fungadas. Lentamente, silenciosamente, sigo meu caminho até as grandes celas onde todos eles estão contidos, a escuridão me mascarando enquanto rastejo em direção a eles.

É quando eu a vejo. Em sua mão está um grande pedaço de madeira e ela está tentando soltar a porta da cela, falhando miseravelmente, enquanto as outras mulheres tentam ajudá-la. A expressão em seu rosto é de pura determinação. Um olhar que já conheço, e algo nele traz um sorriso malicioso aos meus lábios.

Inclinando a cabeça, eu a observo com diversão, me perguntando como ela poderia pensar que um plano tão estúpido funcionaria. Mas há algo que me atrai neste ser humano estranho e frustrante. Eu não esperava que alguém de sua espécie fosse capaz de tamanha força de caráter. Ela não tem magia, nem força física e, ainda assim, parece acreditar ter algum tipo de agência.

Ela olha para cima, como se me sentisse ali, seu rosto fica chocado quando seus olhos encontram os meus. Instantaneamente sou recompensado pela minha paciência com a madeira que ela usa como projétil, conseguindo de alguma forma produzir uma força surpreendente através das barras da cela.

Aquela maldita mulher!

Eu bloqueio a madeira com um antebraço sólido, me perguntando o que mais esse humano irritante, mas um tanto corajoso, tem para atirar em mim depois de já ter levado um golpe e agora isso. Ainda assim, minha raiva surge à tona.

Ela me intriga, isso é certo, mas ainda sou um demônio e não posso brincar com ele. Certamente, ela já deveria saber disso, ela viu do que eu e outros como eu somos capazes. Ela deve saber que se continuar assim as coisas não irão bem para ela.

Eu mostro meus caninos para ela, minhas palavras apontadas para ela como armas. "Eu gostei mais de você com medo."

CORA

"EU não poderia ter medo de *você*", respondo, surpresa e furiosa por ele falar em uma língua que posso entender.

E que ele pode falar!

Ele poderia ter dito alguma coisa enquanto me perseguia pelo assentamento, em vez de tentar me assustar profundamente. Então, lembro-me daquele colar que ele brandia, aquele que ele pretendia colocar em volta do meu pescoço, e me sinto vermelho de verdadeira raiva. "Como você *ousa* nos sequestrar e nos deixar nesta masmorra fedorenta para morrer de fome!"

Seus olhos estão estreitados e sua expressão não muda enquanto ele afasta os guardas. "Eu cuidarei disso. Deixe-nos", ele diz a eles. Eles se entreolham antes de partir, fechando a porta atrás de si.

"Você arruinou nossas vidas!" Continuo, toda a minha frustração saindo de mim de uma vez enquanto agarro as barras da jaula e balanço com toda a minha força. Isso nem mesmo os sacode. "Você destruiu nosso assentamento e poderia ter matado meus irmãos no processo!"

"Por que você não *disse* nada? Você me caçou como um *animal* lá fora", continuo, minha voz embargada e lágrimas de verdadeira fúria brotando em meus olhos. Nada do que eu digo muda a expressão de aço em seu rosto, como se ele não tivesse um coração naquele peito largo. "Achei que você fosse me matar."

Algo em seus olhos finalmente brilha, mas ele sufoca com uma carranca. "Não pense nem por um momento que não vou, ainda."

Enquanto as outras mulheres foram reunidas pela minha fúria, elas se encostam na parede, silenciando até mesmo seus murmúrios silenciosos. Ele gosta de brincar de assustador, mas eu sei melhor. Quando éramos apenas ele e eu, correndo pela floresta, ele não tinha intenção de me matar.

E ele não sabe agora.

Um sorriso odioso toma conta de mim. "Besteira."

“Você precisa de nós. Não sei por que, mas você não teria se dado ao trabalho de nos recolher, *vivos*, por quaisquer planos malignos que você tenha. Nada de bom poderia vir de monstros como você. E acredite, reconhecemos um monstro quando vemos um.” Eu o olho de cima a baixo para defender meu ponto de vista enquanto as mulheres atrás de mim respiram coletivamente.

Estou brincando com fogo e sei que vou me queimar, mas preciso saber até que profundidade vai sua fachada. Ele é um péssimo mentiroso, isso é certo. Ele mal consegue controlar suas emoções crescentes, e acabei de descobrir que ele não tem nenhuma. “Você poderia ter me matado, e não o fez.

" *Por que ?*"

Eu juro, seus olhos claros se estreitam um pouco mais.

Sua mandíbula funciona e ele desvia o olhar, passando a mão com garras pelo cabelo de ébano. “Você é um humano. Você não questiona os motivos de um demônio.”

Demônio, eu penso, me afastando das grades para observar melhor seus chifres altos e curvos e sua constituição poderosa. “É isso que você é? Um demônio?”

Ele não diz nada.

“Bem,” eu digo, tentando não deixar meu ressentimento vazar em minha voz, e falhando miseravelmente. “Estou aqui questionando seus motivos, *demônio*, porque você tirou minha irmã de mim, e não tenho ideia do que você e sua espécie estão fazendo com ela enquanto conversamos.”

Seu olhar volta para mim, surpresa e confusão tomando conta dele enquanto ele me examina com aqueles olhos enervantes. “Eu não tenho sua irmã.”

“Sim, você quer,” eu digo, embalando minhas mãos feridas contra o peito. Quase me esqueci deles com toda a excitação. “Você a pegou enquanto eu estava desmaiado e precisa devolvê-la! Até ver que ela está sã e salva, não vou parar de lutar com cada centímetro do meu ser. Ela é *tudo* que me resta.”

Uma expressão preocupada surge em seu rosto pálido e ele balança a cabeça. “Não retirei ninguém da cela.”

Cerro os dentes com tanta força que acho que eles vão quebrar. “Você espera que eu confie em você mais do que em meus próprios amigos?” Aceno para as mulheres atrás

de mim, que se esquivam da atenção que lhes imponho. “Eles não têm razão para mentir para mim, demônio.

"Mas você faz."

Nós nos encaramos com tanta intensidade que posso sentir uma tempestade se formando entre nós. Quanto mais eu olho, menos imponente ele parece. Por que eu estava com medo dele em primeiro lugar? Ele é um grande bruto, como os elfos negros que lançam seu peso sem nenhuma razão além de saberem que podem escapar impunes. Estou cansado de aguentar isso, cansado de ver meus amigos serem feridos e mortos porque somos considerados uma raça inferior.

Na próxima vez que falo, é lento e autoritário. "Devolva-a."

Ele mostra seus longos caninos para mim em uma careta. "Eu te disse--"

“Estou cansado de suas mentiras!” Interrompo, silenciando o demônio, embora minhas emoções ameacem me dominar. Laura pode ser apenas alguns anos mais nova que eu, mas ela precisa da minha proteção, e eu ficaria louco se soubesse que poderia protegê-la e não fizesse nada. “ *Por favor* ”, eu digo, encostando-me nas grades da cela. "Apenas me dê ela de volta."

Sua resposta é legal e final. “Eu não a levei.”

Mas quando olho para cima, ele está examinando as mulheres atrás de mim, uma por uma, como se as estivesse contando ou procurando por algo que não encontra. Quando ele termina, aquela expressão dura toma conta dele novamente, e ele pega um molho de chaves, folheando-as lentamente.

Meu coração pula na boca e me pergunto se finalmente cheguei ao fim de sua paciência. Não recuo como os outros fazem quando ele encontra a chave que procura e abre a porta da cela. Não posso demonstrar medo, agora que sei que ele está totalmente consciente. Sofrerei a sua ira sem lhe dar a satisfação de me ouvir implorar pela minha vida.

Eu só quero ver Laura novamente.

Com a velocidade da luz, ele agarra meu pulso, me arrastando para fora da jaula antes de bater com ela atrás de mim. Suas garras cravam em minha carne enquanto ele me

arrasta contra ele, então posso sentir aquela energia odiosa rolando sobre mim. “Não se *atreva* a questionar seus superiores, humano.”

Eu mantenho minha boca apertada enquanto ele me puxa em direção à porta.

Eu pedi isso. Continuei pressionando-o, sabendo que sua paciência já estava se esgotando. Acusei-o de mentir e minou a sua autoridade. O que quer que venha a seguir é a consequência natural de irritar um demônio.

Um arrepio passa por mim e fico com frio.

Num último olhar fugaz, olho para as mulheres ainda enjauladas e tremendo na cela. Seus olhos estão obscurecidos pelo horror do meu destino enquanto eles desviam o olhar, recusando-se a olhar para mim. *Covardes*, penso com desgosto, furiosos com eles por terem muito medo de se defenderem. Eles vão silenciosamente para os braços de seus captores, e é por isso que são escravos.

Sou um escravo porque me recusei a ver minha irmã morrer.

Eu defendi aquilo em que acreditava naquela época e continuarei a fazê-lo agora, apesar dos monstros ao nosso redor. Eles podem me machucar e tirar meu arbítrio, mas nunca me quebrarão, especialmente este, cujo controle é muito forte.

GIROTH

ÓNenhum dos humanos está desaparecido.

Tento me concentrar nesse enigma enquanto a mulher luta contra meu controle. Seus protestos ocorrem juntos em uma série de entonações desconhecidas e é fácil bloqueá-los. Ela tem mais espírito do que eu imaginava, e isso vai lhe trazer problemas em Ti'lith.

Como ela pode ser criada se ela não cala a boca?

Há também o dano à minha autoridade que deve ser tratado. Ela falou na frente dos guardas e não se pode ver que ela tenha se esquivado das consequências. Não quando meu comando já é, na melhor das hipóteses, provisório. O Rei Demônio pode ter deixado essa tarefa para mim, mas isso não significa que eu esteja a favor do outro Volvath.

Eu sou apenas o Mestre do Canil.

Como eu adoraria arrastar minhas garras por sua carne macia e ouvi-la gritar novamente, mas também sei que isso poderia muito bem matá-la. Ela não é tão robusta quanto um demônio e pode cair em pedaços se eu lidar com ela com muita violência. Até mesmo meu aperto firme eu mantenho sob controle, recusando-me a danificar sua pele rosada desnecessariamente. Não importa o quanto ela lute, ela é tão suave quanto era na selva de Protheka.

Não sei o que pretendo fazer com ela, mas pelo menos tenho que fingir que punirá seu mau comportamento. Eu não teria tolerado metade da obstinação dela por parte de um cão selvagem de Ur'gin.

“... você não pode simplesmente me arrastar! Para onde você está me levando?”

Eu a ignoro, guiando-a por uma série de guardas Trolvor. Ela fica quieta ao ver suas feições caninas, os músculos de seu braço flexionando sob meu toque.

É medo que ela está sentindo?

Ela não pode poupar nenhuma reverência por um Volvath, mas um Trolvor consegue silenciá-la? Estou quase ofendido. Eu faço uma carranca acalorada e a puxo para frente,

forçando seus pés a se moverem. Ela não vai me fazer de bobo na frente da guarda do rei.

Finalmente, entramos no meu escritório particular e eu a jogo antes de fechar a porta atrás de mim. “Você, pequeno humano petulante,” rosno, bloqueando sua saída enquanto ela esfrega o pulso. “Sem o bom senso de ficar de boca fechada. Você aprenderá quem está no comando aqui.

Seus brilhantes olhos azuis brilham de raiva indignada, mas ela finalmente para de falar, o lábio inferior tremendo como se fosse uma grande façanha evitar que a língua balançasse. O silêncio que se segue é carregado, como se ela fosse explodir se não enchesse meus ouvidos de bobagens.

Não quero trancar a porta.

Ela não irá longe se decidir fugir. O Trolvor irá pegá-la, e então o Rei certamente se envolverá. Mas não posso permitir isso. Então, giro a fechadura e prendo a que está acima dela, fora do alcance dela. “Agora,” eu digo, fingindo calma, embora eu esteja muito longe disso. “Não é melhor?”

Ela cruza os braços delgados furiosamente.

Eu a olho de cima a baixo, comparando-a com minhas expectativas. O rei Asmodeus descreveu os humanos como dóceis e obedientes. Ele não me avisou que haveria criaturas tão problemáticas como ela entre eles. Ela nem parece ser da mesma linhagem que os outros, que se alinham bastante com a descrição do rei.

Aproveito o silêncio um pouco mais antes de me sentar.

Assim que desvio o olhar, porém, ela começa de novo. “Escute aqui. Você não tem o *direito* de nos manter em condições tão terríveis”, ela protesta. “Essas mulheres estão feridas e vão adoecer num lugar como esse! Você não pode *deixá* -los...”

Antes mesmo de considerar minhas ações, eu a arrastei contra a parede, pressionando minha mão contra seu esterno para prendê-la no lugar. Suas inalações ficam superficiais e seu hálito fresco e doce se mistura ao meu.

De perto, posso ver o apelo.

Ela lambe os lábios carnudos, abrindo a boca como se as palavras finalmente a tivessem abandonado. Seus olhos flutuam entre os meus e a minha boca enquanto falo, baixo e ameaçador. “Não, você ouve. Existem regras em Ti'lith e você as cumprirá.”

Sob minha mão, posso sentir um órgão quente aumentando de ritmo, batendo em um ritmo rápido em minha palma. *Medo*, penso comigo mesmo, apreciando o cheiro que ele exala dela. *Isso é melhor*.

Ela deixa a cabeça cair para trás e seus olhos estão cautelosos. “Quais regras?”

Esta mulher nunca deixa de me surpreender, embora o seu corpo irradie um terror visceral, ela mantém um olhar de desinteresse, até mesmo de desafio. Vou aproveitar o que puder com isso. Eu mostro meus dentes afiados em sua garganta, empurrando seu queixo para cima como se quisesse cravar meus dentes. “Você é um humano e seguirá todos os meus comandos sem questionar.”

Um som de irritação escapa de sua garganta, mas ela não interrompe.

Eu recuo para avaliar sua expressão dura. “Aqui, em Ti'lith, existem criaturas que poderiam agarrar você com suas mandíbulas e despedaçá-lo sem pensar duas vezes. Eles nunca viram um humano antes e podem confundir você com o jantar deles. Esses outros humanos estão no lugar mais seguro para eles, por enquanto. Se eles saíssem”, interrompo, passando minha língua escura pelos dentes, “suas vidas estariam perdidas”.

Seus olhos se arregalam enquanto ela absorve minhas palavras e sua mandíbula aperta. “Agora, quanto a você.” Deixo a ameaça pairar no ar, satisfeita quando ela engole em seco. “Seja bom e talvez você viva para servir ao seu propósito na ilha.”

“E qual é o propósito disso?”

Sua simples pergunta me faz parar. Tenho outras coisas com que me preocupar, como para onde foi o humano desaparecido e a pilha de papelada que me espera. Mas se ela soubesse o que pretendíamos para seus amigos e para ela, certamente tentaria escapar. Reflito sobre esse pensamento e finalmente encontro uma resposta. “Você servirá a uma causa mais elevada aqui do que viver na miséria sob seus mestres elfos negros.”

“Você diz”, ela retruca. “Somos escravos, da mesma forma.”

“Então você é”, concluo, recusando-me a negar a verdade disso. “E você cumprirá suas obrigações em *silêncio* e com alegria, pois foi o Rei quem exigiu sua devoção.”

Seu lábio está tremendo novamente. “Ele não é meu rei.”

Não posso deixar de rir de seu desafio, quebrando a tensão crescente com minha risada estridente. Isso parece despertar seu melhor julgamento e ela fica quieta novamente. “Ele é agora.” Finjo perder o interesse por ela, recuando para deixá-la tremer.

Eu poderia algemá-la ao chão, mas é muito problemático. Ela não pode ir a lugar nenhum e sinto que sufoquei suficientemente seu espírito rebelde, pelo menos por enquanto. Certamente, quando ela se sentir indignada novamente, ela deixará isso claro.

“Tenho trabalho a fazer”, digo com desdém, sentando-me diante da enorme pilha de papelada que ainda tenho que resolver. Pelo canto do olho, vejo-a afundar no chão, os dedos emaranhados em seus cabelos dourados enquanto ela aceita seu destino.

E, embora eu volte ao trabalho, aquela miséria familiar permanece sob controle. Com ela por perto, é quase como se eu estivesse de volta ao canil com meus cães Ur'gin, não exatamente feliz, mas também não é tão sombrio.

Há o problema de sua irmã, no entanto.

Alguém pegou um dos meus humanos enquanto eu não estava olhando.

É *meu* trabalho lidar com eles e, mesmo assim, eles passaram por cima da minha cabeça e roubaram um, de qualquer maneira. Terei que falar com o Rei sobre isso, mas enquanto isso, talvez esse pequeno fegoso possa me contar mais sobre a mulher humana desaparecida.

CORA

EU estive preocupado com todos os outros por tanto tempo que esqueci o que é temer pela minha própria vida. Esta criatura, este demônio, é persistente em me lembrar. Lembro-me de seus dentes afiados em minha garganta e da pressão de sua mão contra meu peito.

Ainda assim, há um calor inegável crescendo em mim.

Fico ressentido com isso, assim como me ressinto dele, lançando-lhe um olhar de ódio enquanto ele rabisca um documento à sua frente. Um de muitos. Ele parece estar entediado comigo, irreverente com o fato de eu ainda estar aqui, presa neste quarto sombrio com ele.

Ele simplesmente não se importa.

Somos uma aquisição para o seu Rei e nada mais. Somos pacotes a serem documentados e negociados sem dizer sobre o nosso próprio futuro. E minha irmã está lá fora, em algum lugar, enfrentando tudo sozinha. Lágrimas de raiva vêm. Eles parecem ser o único tipo que posso dispensar hoje. Eu os pressiono com a palma da mão e mordo o lábio até doer.

Maldito seja, penso, olhando para ele no silêncio.

Sua pena voa pela página sem diminuir a velocidade, toda a sua concentração concentrada em qualquer trabalho ridículo que ele esteja realizando.

Esta sala é sufocante e não é só ele.

Sou eu.

Apesar de tudo, ele fez meu coração disparar. Esse calor percorreu meu núcleo quando pensei que ele poderia me beijar, mesmo que seus lábios pingavam veneno. Eu não poderia me sentir atraído por tal monstro. É impossível, e ainda assim, aqui estou.

Talvez seja por isso que eu critico tanto ele. Ele me perseguiu incansavelmente com sua enorme espada e depois me arrastou pelos corredores desta masmorra miserável para me envergonhar e me obrigar à obediência. Tenho todos os motivos para desprezar esse bastardo, mas em vez disso estou preocupado.

Eu não deveria me sentir assim.

Tenho que reprimir esse sentimento antes que ele se torne um monstro. Um com o qual não posso esperar argumentar. Olho para ele novamente, estudando suas maçãs do rosto salientes e sua expressão severa, seu rosto pálido cercado por cabelos escuros que caem soltos sobre seus ombros largos. Ele tem orelhas compridas de elfo, mas as pontas são de ébano e não podem ser confundidas.

Ele é meticulosamente severo. Essa parece ser sua neutralidade.

Ele deve odiar seu trabalho, eu acho, e quase achar graça na ideia. Mas as paredes deste lugar estão mergulhadas na miséria, embotando qualquer diversão real que eu possa sentir. Lá em Protheke, posso ter sido enganado pelo bom tempo e pela brisa fresca do povoado. Aqui não há dúvida de que sou um escravo e que não tenho outro propósito senão o que decidirem por mim.

Passo as mãos pelos cabelos novamente e gemo.

Ele me ignora, mas sua pena fica presa por um breve momento.

Há poder em fazê-lo tropeçar. Não consigo sorrir exatamente, mas a menor vitória tem um gosto doce comparada à amarga verdade de usar suas correntes. Atrevo-me a olhar para ele por baixo dos meus cílios. Ele não parece ter olhado para cima, mas sua testa negra está franzida agora em uma furiosa tentativa de concentração.

Num movimento repentino, ele empurra a página para o lado e pega outra, continuando com seus rabiscos loucos. Percebo que além dele, contra o alto muro de pedra, repousa aquela enorme espada que ele empunhava antes em Jurtil. Eu não teria esperança de levá-lo. Isso exigiria muito mais força do que alguma vez possuí. Mas ele conseguiu isso com facilidade, derrubando um quarto de um prédio com um único golpe.

Eu seria um idiota se o irritasse.

E um idiota, devo ser. Levanto-me abruptamente, cansada desse jogo de poder dele. “Como você *ousa* me dizer como agir?” digo, deixando as palavras permanecerem entre nós.

Como eu esperava, sua pena congela na página, mas ele não olha para cima. “Acredito que uma piada vai servir bem para você”, conclui ele, continuando a escrever como se nenhum de nós tivesse falado.

Eu avanço e bato as mãos na mesa, o que o afasta do trabalho. Ele bate a pena sob a palma da mão poderosa, espalhando tinta por toda a sua escrita teimosa, depois se endireita para encontrar meu olhar, seus olhos brancos brilhando com uma alegria odiosa. Já esqueci o quão avassaladora é a atenção dele, mas vacilo apenas por um segundo. “Acho que você não me ouviu”, falo baixo, de modo que seus ouvidos são forçados a se animar. “Eu não *pertenço* a você e você não me dirá o que fazer ou como agir.”

Seu sorriso se espalha em um sorriso, mostrando aqueles dentes selvagens. Então, ele se levanta, fazendo a mesa estremecer enquanto ele se ergue em toda a sua altura. Mesmo do outro lado da mesa, percebo que ele é mais alto do que me lembro, mas me mantenho rígida em desafio.

Aquela voz dele me corta. “Dê-me uma desculpa para puni-lo, humano.”

Quando abro a boca para falar, ele já me pegou pelo colarinho e me arrastou sobre a mesa para que eu pudesse ver de perto seu rosnado. Eu me preparo, cobrindo o rosto com o cotovelo enquanto meus pés balançam no ar.

Seu hálito quente toma conta de mim. “Você simplesmente não sabe quando desistir.”

“Eu poderia dizer o mesmo”, ousa dizer a ele, sabendo o quão perto ele está de me comer. “Isto é tudo culpa sua.” Quando ele não responde, olho em seus olhos claros, encarando o rosto do assassinato encarnado. Se este é meu último momento de vida, é melhor aproveitar ao máximo. “Se você tivesse deixado eu e minha irmã sozinhos, não estaríamos aqui. E ela não teria se perdido.”

Algo muda em sua expressão, algo que mal consigo definir, mas suaviza os contornos musculosos de sua mandíbula e a pele ao redor dos olhos. Ele desaparece com um sorriso de escárnio assim que ele parece perceber alguma coisa. “Você não poderia fugir de mim em Prothea e não pode fugir de mim aqui. Você deveria aprender a se submeter aos seus superiores.”

“Eu gostaria”, digo, meu rosto queimando de raiva silenciosa, “mas ainda não os encontrei”.

Isso atinge o alvo e ele fica em silêncio por um breve período.

Gosto quando o pego desprevenido. Isso me dá um vislumbre de seus pensamentos íntimos e estou começando a perceber que ele não está acostumado a estar no controle. “Você não é mestre de ninguém”, digo, inspirado pela minha compreensão. “Você não tem autoridade alguma, não é?”

Ele me deixa cair instantaneamente, e acho que vai fugir, mas em vez disso ele gira, seu movimento é um borrão enquanto rouba sua grande espada e coloca a ponta afiada em meu pescoço, me pressionando com força contra a mesa. Desta vez, seus olhos não estão brilhantes, mas uma sombra pesada é projetada sobre eles. Seus chifres estão abaixados como se ele pretendesse fazer bom uso de suas pontas. “Diga outra palavra.”

Para nossa surpresa, desnudo meu pescoço para ele e sinto a mordida de sua lâmina contra minha carne. “Faça isso,” eu digo a ele, minha boca voltada para baixo.

“Você tirou todo o resto de mim.”

GIROTH

Minha lâmina está em sua garganta e mesmo assim ela não desistirá!

Ela deve estar louca, se está disposta a arriscar a vida, apostando na minha boa vontade. Todos os sinais de medo estão presentes, seu coração acelerado e pupilas dilatadas, seus membros trêmulos. Eu a tenho pressionada com força contra a madeira, então sinto um tremor em seu núcleo quando ela pensa que vou cortar sua garganta.

Se ao menos o Zonak fosse tão corajoso, eu mesmo os lançaria contra nossos inimigos.

Sua determinação é mais dura que pedra, e tenho que admirá-la. Suas narinas se dilatam, mas ela mantém uma postura estóica, considerando todas as coisas. Meu braço que segura a espada segura, o aço dos meus membros é firme, então sei que não vou cortá-la por acidente. Somente se ela se mover, ou eu decidir que ela não vale a pena, aquela lâmina cortará aquele lindo pescoço.

Seus olhos se estreitam.

“Isso é um jogo para você?” Eu me pego perguntando.

“Pelo contrário”, ela diz calmamente, “acho a situação bastante grave”.

Como ela me enfurece!

Não importa o que eu diga, ela está um passo à frente com suas ironias humanas. Ela me leu mais profundamente do que um Soz'garoth, já ciente de que não sou exatamente o que aparento ser. Ela sente o cheiro do Ur'gin em mim?

Isso não me torna menos mortal, e ela parece saber disso. Da mesma forma, ela não parece se importar. Como posso dominar uma criatura que não teme a morte?

A ameaça final é inútil contra ela.

Com esse conhecimento, abaixo a lâmina e a deixo ficar de pé sozinha. Ela vacila e se apoia na mesa como se meu peso fosse a única coisa que a mantinha firme, e ela apalpa o pescoço. Quando ela fala, sua voz é rouca e tenho que me esforçar para ouvi-la.

“Outro truque seu?”

Minha zombaria a faz estremecer. Mas estou feliz que ela tenha alguma aparência de instintos naturais. É saudável para uma criatura delicada como ela.

“Não gosto de truques, humano.”

Seus olhos acusadores se levantam para encontrar os meus. “É assim que você trata todos os seus convidados? Com uma lâmina na garganta?

“Só aqueles que me incomodam”, retruco, guardando minha arma. Não sei quando desenvolvi uma queda por essa humana, mas suspeito que foi logo no começo, quando a vi arranhando os escombros de sua casa. Meu olhar cai para suas mãos machucadas, e ela tenta escondê-las. Ignoro o gesto e estendo minha mão. “Deixe-me vê-los.”

“Veja o que?”

“Não seja tímida”, respondo, depois agarro seus pulsos para expor suas mãos quebradas. Um prego está partido, provavelmente de onde o sangue jorrou. A maior parte secou e descascou, mas a lesão precisa ser tratada para cicatrizar corretamente. Viro suas mãos, sentindo que ela parou de respirar, e olho para seu rosto para ter certeza de que ela não está entrando em choque. “Você está ferido.”

Seus lábios se contraem com força.

Encontro meu assento e a puxo para meu colo, seus pulsos ainda presos em meu aperto. Com a outra mão, vasculho as gavetas da escrivaninha que só recentemente me foi concedida. Não é realmente meu, mas espero que o dono anterior tenha guardado um pouco de pomada. Não é incomum que os escrevães o tenham em abundância.

Com certeza, há um pote meio usado, e eu o abro com os dentes e mergulho o dedo na pasta lamacenta. Ela observa cada movimento meu, seus dedos se curvando quando tento aplicá-lo. Ainda assim, ela parece não entender quem está no comando. “Abra os dedos.”

“Por que?”

“Apenas faça.”

Ela bufa, mas faz o que ela manda. Finalmente.

A pele das pontas dos dedos foi cortada por vidro e madeira, mas a pomada cura rapidamente seus ferimentos. A unha partida é mais profunda e leva mais tempo para se unir sob a magia da pasta, e ela sibila de dor. Mas logo desaparece, deixando apenas a carne rosada e as delicadas unhas brancas.

Entrego suas mãos e ela as testa com os olhos arregalados. “O que é isso?”

“Só um bálsamo”, respondo, tentando ignorar o fato de que ela ainda está sentada no meu colo e ainda não se jogou de cima de mim. Uma pontada desconfortável estimula aquele apêndice errante entre minhas coxas.

Minhas próximas palavras são mais duras do que pretendo. “Saia de perto de mim.”

Acho que vejo uma expressão magoada passar por seu rosto, mas ela obedece instantaneamente, ainda brincando com o prego que havia sido remendado. “Você já tentou *não* ser rude?”

“Não,” eu digo simplesmente. “Não tenho tempo para gentilezas.”

Na verdade, é porque estou habituado aos meus cães. Nunca me preocupei muito com os outros da minha casta e estou feliz por ser demitido como Mestre do Canil e deixado por conta própria. Os Ur'gin são uma boa companhia. O resto é... um incômodo.

Mas ela não , me pego pensando, ela é fascinante, à sua maneira.

Baixo meu olhar para a papelada na minha frente para que ela não se desvie do humano novamente. O documento está suficientemente estragado e terei que recomeçar a papelada do Criador nº 7. Pego minha pena na tentativa de salvar a bagunça. E ainda assim não estou irritado como pensei que ficaria. Este humano me mantém distraído demais para isso.

Ela está fazendo o possível para manter o silêncio, mas é apenas uma questão de tempo até que ela fique impaciente novamente. Pelo canto do olho, posso dizer que ela já está com um belo tom de vermelho. É cativante e me pergunto se todos os humanos têm essa habilidade.

Finalmente, eu a agracio com um olhar. “O que está errado?”

“Tudo,” ela diz imediatamente, baixando o olhar como se olhar nos meus olhos fosse desagradável. “Eu nem sei onde estamos . ”

Eu inclino minha cabeça e simplesmente a observo. “Ti'lith.”

Ela olha para mim por baixo dos cílios. “Você disse isso antes...”

“Sim”, digo, amassando a página estragada e jogando-a no canto atrás de mim, depois puxando uma folha nova de uma gaveta. “É a nossa cidade.”

“Ti'lith”, ela repete lentamente, como se saboreasse as palavras. “E todo mundo é como você?”

Ela deve estar falando do Trolvor que viu no corredor. Soltei um longo suspiro e entrego meu trabalho para outro momento. Esta humana é a mais corajosa de todas, e admito que me sinto obrigado a lhe dar uma explicação, embora ela nunca me ouça dizer isso. "Não. Nós, demônios, temos muitas formas e tamanhos.

"Os que você viu antes são Trolvor. Eles tendem a proteger o rei e seus bens, e é por isso que estão rondando os corredores próximos às celas." Finjo perder o interesse, mas estou esperando que ela fale.

Assim como eu esperava, ela faz. "E você?"

Minha pena congela na página nova. Ela está tão interessada em mim? Duvido, mas mesmo assim eu a divirto. "Eu sou um Volvath. Somos lutadores que deixam a magia para os Soz'garoth, mas ainda temos alguma energia caótica dentro de nós."

Seus olhos se arregalam com esse pequeno conhecimento. "Isso é o que tenho sentido..."

Ignoro seu comentário e refresco a ponta da pena.

"Você disse antes que não há humanos aqui, certo?"

Eu não respondo.

"Por que? É tão inacessível?"

Com isso, dou de ombros, entrando facilmente na conversa com ela. Odeio admitir que gosto bastante dessas idas e vindas. Ela acha que tenho mais conhecimento do que sou.

"Somente os Soz'garoth podem transportar alguém daqui até os continentes terrestres."

"Continentes terrestres?" Parece inconsciente que ela avança. "O que isso significa? Não estão todos os continentes presos à terra?"

Finalmente coloco toda a minha atenção nela. "Esse não. Esta é a ilha flutuante de Glamoleth."

Sua expressão muda para uma de admiração. "Conte-me tudo."

CORA

Minha mente fica em branco com as palavras e eu olho para o demônio em estado de choque. *Ilha flutuante*. Essas palavras separadamente fazem sentido, mas juntas não consigo entendê-las.

“Sim”, ele diz com um tédio que não consigo entender.

Já testemunhei muita coisa em Prothea, todos os tipos de magia que meu cérebro não consegue entender, mas nunca vi uma ilha flutuante ou mesmo um prédio flutuante. Quão poderosas são essas criaturas para ter uma cidade inteira *acima* do planeta?

O rosto de Laura passa por trás dos meus olhos, e com esta nova informação, esta nova impossibilidade de fuga, sei que preciso ajudá-la. O único problema é que não sei nada desta cidade. Eu nem sabia que não estava no Prothea!

Racionalmente, sei que não há nada que possa fazer por ela até obter mais informações. Eu não saberia onde procurar e mesmo que a encontrasse, não saberia para onde correr para escapar. Como você sai de uma ilha que não tem entorno?

Não há esperança de desaparecer na floresta, nem opção de comandar um barco. Não consigo nem imaginar como começar a planejar, então afasto minha urgência crescente de procurar minha irmã e, em vez disso, tento algo novo.

Conformidade.

Meus olhos avaliam o monstro diante de mim e considero minhas opções. Eu poderia fazer uma fuga precipitada e arriscar me deparar com algo muito pior do que ele. Ou eu poderia pedir a ele que me mostrasse o local e se familiarizasse com o que estava ao meu redor.

Suprimo um sorriso enquanto o avalio. Ele é definitivamente o meu melhor, considerando que parece latir e não morder. Estou quase chocada considerando o quão brutal ele foi quando me capturou em comparação com agora. Talvez ele não me machuque muito porque eles precisam de nós para alguma coisa?

Posso usar isso a meu favor.

O único problema é que duvido que ele esteja disposto a me dar tudo o que eu quero. Posso ser visto um pouco como um encenqueiro e, considerando que ele acabou de pressionar uma lâmina contra minha garganta, podemos estar em território rochoso. Em um esforço para acalmar as coisas, ofereço-lhe um pequeno sorriso. “Eu sou Cora.” Seus olhos se estreitam ligeiramente, e o ar ainda parece carregado entre nós enquanto ele tenta decidir meus motivos. Posso ver pela maneira como ele está me avaliando que ele pensa que estou jogando um jogo, mas finalmente, a contragosto, ele grita: “Giroth”. Com uma voz baixa que não parece totalmente condizente com minha natureza desafiadora, pergunto a ele: — Você acha que poderia me mostrar a ilha flutuante? Tento piscar para ele, mas ele não parece impressionado.

"Não." Sua voz é monótona.

Tento novamente, mantendo meu tom gentil. "Por favor? Só quero saber onde estou."

Ele solta um suspiro. “Não é uma boa ideia. Não estamos acostumados a ter humanos aqui. Não será seguro.

Seguro. Aí está de novo. Eu não deveria estar machucado. Isso me dá um impulso de confiança quando estico meu lábio inferior e faço beicinho. "Eu não estou assustado. Eu só quero dar uma olhada.

“Eu realmente não acho--”

"Eu vou me comportar."

Giroth esfrega a nuca e posso dizer que ele está ficando agitado. “Tudo bem”, ele resmunga, e eu sorrio brilhantemente. “Eu preciso de ar fresco de qualquer maneira. Apenas fique perto de mim e não atrapalhe ninguém. Não estou com vontade de lidar com mais porcarias hoje.”

Concordo com a cabeça diligentemente e ele se afasta de mim, me levando para fora do prédio. Não tenho certeza do que esperava, mas quando a luz nos atinge e meus olhos se acostumam a estar do lado de fora, meu queixo cai.

Os edifícios sobem para o céu, chegando a múltiplas torres. Muitos deles giram ao se aproximarem das nuvens, perfurando-as com três ou quatro pontas curvas que parecem um dispositivo de tortura. Eles parecem ter sido feitos de pedra preta e brilhante, e fico

quase em transe olhando para os prédios sem janelas. Ou talvez os vidros sejam tão escuros que simplesmente não consigo vê-los.

Agora que posso ver claramente, também percebo que toda a ilha está envolta em nuvens escuras. Há alguma luz enquanto o sol tenta passar, mas ainda está fraca, embora não tão escura quanto as celas, e mantém uma sombra cinzenta projetada sobre a cidade.

Minha cabeça está inclinada para trás para pegá-los, tanto que não presto atenção por onde estou andando. É por isso que quase não vejo o demônio diante de mim antes que Giroth me empurre de volta.

Meus olhos se voltam para o demônio que quase encontrei, e eu recuo quando ele se vira para me encarar. É enorme, maior até que Giroth. Na verdade, quase o dobro do seu tamanho. Asas que parecem se estender a seis metros de distância de seu corpo.

Sinto que não consigo respirar enquanto observo os músculos ao redor de seu corpo, sem roupas na metade superior. Uma cauda grossa segue atrás dele e está coberta de armadura e espinhos. Eu o reconheço da minha casa, aquele que destruiu todos os edifícios com os chifres de fogo que agora estão em chamas.

Quando ele olha para mim, percebo que a fumaça começa a subir de seus chifres e parece que há brasas tremeluzindo dentro deles. Eles vão pegar fogo?

Giroth me puxa ainda mais para trás, e os olhos do demônio o examinam. “Novo animal de estimação, Giroth?”

“O pedido do rei, na verdade.”

O demônio grunhe e então começa a se afastar enquanto eu olho para ele maravilhada. É coisa dos pesadelos, das histórias para dormir. É um monstro enorme e, ainda assim, Giroth falou com ele como eu falaria com qualquer vizinho.

"O que é que foi isso?" Eu respiro.

“Ah, esse é o Astrof.”

“Mas ele é um demônio?”

Giroth assente. “Ele é um Gilak.”

Viro-me para olhar para ele e para seu corpo muito menor e sem asas. "E você é?" Já esqueci as palavras.

“Um Volvath.” Ele não parece se importar em me lembrar.

Concordo com a cabeça, tentando absorver isso. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, porém, Giroth parece ouvir alguma coisa, sua cabeça girando. “Merda”, ele murmura, me puxando para fora do caminho que estávamos percorrendo.

Quase tropeço nas plantas ásperas que crescem entre os prédios. Eles são duros e grossos, em sua maioria pretos, mas vejo um pouco de prata e ouro aparecendo. Eles não se parecem em nada com o que vi no Protheke. Quase parecem robóticos.

Foi quando eu ouço. Há tambores fortes e o som de pés batendo. Meu coração pula na garganta e me viro em direção ao som.

“O que é...?” Minhas palavras desaparecem quando uma fila de elfos negros aparece em meu campo de visão, tocando tambores. Eles estão algemados e se movem em uníssono, marchando para frente. Atrás deles há mais elfos, cadeiras pesadas pesando sobre seus ombros. Quase sorrio ao vê-los tratados da mesma maneira que me trataram durante toda a minha vida.

“Esta é a procissão da matrona”, explica Giroth enquanto o desfile continua a se mover, uma fila única de elfos negros carregando um demônio feminino em cima deles. “Para celebrá-los e homenagear os filhos que eles dão à luz.”

Todas as matronas têm formas ágeis e cabelos grossos e esvoaçantes. Eles estão com pouca roupa, as pernas penduradas em um lado ou no outro da cadeira para exibir seus corpos. Seus olhos parecem brilhar enquanto nos observam, e me pergunto se estão avaliando pretendentes.

A única coisa que noto na multidão ao longo do caminho, além dos vários tipos de demônios que me fazem encolher na sombra de Giroth, é que não há outros humanos. Existem os elfos negros e os demônios, mas sou a única criatura pequena aqui.

Posso sentir o pânico crescendo dentro de mim enquanto um grupo de dançarinos passa na procissão. Eles estão vestidos de preto da cabeça aos pés, seus rostos mascarados e, ainda assim, seus olhos parecem sem alma. Na verdade, não há nenhum demônio aqui de quem eu tenha visto qualquer compaixão, e sei que os elfos negros não são capazes disso.

Com uma cidade tão diferente e perigosa como esta, sem outros humanos, eu nem saberia por onde começaria a procurar Laura.

GIROTH

EU Observo com vago interesse enquanto a procissão da matrona se aproxima, mas percebo pelo canto do olho que Cora está absorvendo tudo. Seus olhos estão tão arregalados, sua pele um pouco mais pálida enquanto os demônios começam a se filtrar de volta para o caminho para passar o dia.

Ela não parece perceber o jeito que estou olhando para ela enquanto ela avalia todos os outros, já que sou bom em fazer isso sem ser detectado. Ainda não entendo por que ela quis vir aqui. Ela deve saber que não há escapatória.

Seus olhos não vão para os becos entre os prédios, como eu esperava. Em vez disso, aumenta o tamanho dos demônios, rastreando seus corpos como se ela estivesse guardando suas comparações na memória. Ela é calculista e acho que gosto disso.

Estou feliz por estar aqui em vez de trancado em meu escritório. Odeio cuidar da papelada e preciso especialmente de distração agora que um problema foi trazido à minha atenção.

Não consigo entender como uma mulher humana saiu da cela e entendo menos ainda para onde ela iria. Me recuso a perguntar a Cora porque ela provavelmente não vai me contar e não quero que ela saiba que é nisso que estou pensando.

Em vez disso, eu a conduzo pela cidade como ela pediu. Sua mente está muito preocupada, então ela não me faz mais perguntas nem me incomoda como fazia antes. Talvez esse arranjo fosse uma boa ideia.

“Agora, você viu outros tipos de demônios e testemunhou nossa procissão diária. Você tem algum pedido?”

Ela pisca para mim, parecendo abalada. Tenho certeza de que é muita coisa para absorver, e sua cabeça cai para trás quando um trovão irrompe do céu. “Isso atinge o chão?”

Eu dou de ombros. “Isso não nos causa nenhum problema.” A iluminação pisca através das nuvens e seus olhos se movem como se ela estivesse com medo de ficar ao ar livre.

“Não se preocupe. Isso só nos torna mais fortes.”

Sua pele parece pálida e quase me sinto mal. Não estou tentando assustá-la. Achei que ela ficaria feliz por eu finalmente responder às suas perguntas.

Eu limpo minha garganta. “Posso mostrar alguns dos meus lugares favoritos”, sugiro, embora me arrependa imediatamente das palavras. Por que eu diria isso?

A tensão em seus ombros diminui um pouco quando ela se vira para mim. “Gostaria disso.”

Seguimos pelo caminho sinuoso até ao centro da cidade até chegarmos às fontes. Eles são ornamentados, dispostos em um padrão em forma de diamante, com assentos entrelaçados entre eles. Eles ficam fantásticos durante uma tempestade.

“Isso é sangue?” Ela engasga e eu solto uma risada.

“Não,” eu tusso. “A água tem naturalmente essa tonalidade, já que não a filtramos. Eu não beberia das fontes, mas o vermelho vem das pedras no fundo dos nossos riachos, não do sangue.”

Ela limpou a testa. “Ufa. Fiquei um pouco preocupado que você fosse me sacrificar.

Demoro um segundo para perceber que ela estava apenas brincando e rio um pouco.

“Não, pelo menos não hoje.”

Desta vez, recebo um sorriso.

Caminhamos entre os jardins antes de continuarmos nosso passeio, descendo em direção ao lado norte da cidade. A casa do Rei Demônio é fácil de localizar do centro da cidade, pois fica no alto de uma colina e é enorme. Nunca entendi a necessidade de tanto espaço, mas não me preocupo com isso.

A única razão pela qual quero vir até aqui é para mostrar os jardins a Cora. Existem pequenas plantas espalhadas pela cidade, mas aqui elas prosperam.

“Este é o jardim do rei”, digo a ela, parando diante da cerca.

“O rei mora aqui?” ela sussurra.

Viro-me para ela, curioso para saber por que ela de repente parece tão nervosa. “Sim.”

Ela balança a cabeça, seus olhos vagando pela vasta vegetação. As passarelas são ladeadas por pedras pretas brilhantes que complementam os arbustos e árvores de folhas largas que margeiam o caminho. Videiras prateadas enrolam-se nos troncos das árvores, refletindo os flashes de iluminação.

É lindo, mas Cora não diz nada. Na verdade, seus olhos nem parecem estar vendo. Não sei por que, mas estou preocupado por tê-la assustado de alguma forma. Ela ficou quieta, retraída e aprendi que essa não é a personalidade dela.

Não, ela é mais como um cachorrinho Ur'gin inflexível que se recusa a ouvir. Eu deveria achar irritante que ela seja ousada o suficiente para me morder e atirar pernas de cadeira em mim, mas em vez disso, acho admirável que ela seja tão corajosa.

Ela é desafiadora e não deixa o medo dominá-la. Mesmo aqui na cidade, ela não se encolhe. Ela manteve uma distância saudável entre ela e ameaças potenciais, mostrando sua inteligência e tentando permitir que ela fosse capaz de calcular seu próximo movimento, mas não deixou transparecer nenhuma preocupação.

É bom que ela não demonstre fraqueza.

Percebo que seu destemor me deixa mais interessado nela e tento conversar com ela, desejando que ela saia de sua concha novamente. Eu estava começando a gostar da companhia dela, para minha surpresa, enquanto provocávamos um ao outro e mostrávamos o local a ela. Achei que ela estava sentindo o mesmo antes de mencionar o rei.

Meu coração bate um pouco quando olho para ela. Eu odeio ver algo incomodando ela, especialmente se eu de alguma forma, sem saber, causei isso. Quero trazer de volta aquele sorriso aos lábios dela novamente. Seus lábios rosados que se estendem no sorriso mais radiante que já vi...

Cora se vira para mim então, e eu quase estremeço. Para onde estava indo esse pensamento? Ela pode ver isso no meu rosto? Quase fico um pouco nervoso quando ela olha para mim, até ver que seus olhos ainda estão um pouco desfocados. Ela não está preocupada comigo.

Pelo menos eu não pensei que ela estivesse até que ela se aproximou, inclinando a cabeça para trás para olhar profundamente nos meus olhos. Minha respiração fica presa na garganta devido à intensidade do meu olhar, e eu me castigo por perder o controle sobre mim mesmo perto deste humano. Eu preciso me controlar.

“O que você vai fazer conosco?” Cora pergunta, e sua voz é tão suave e quebrada que quase desmoronei ali mesmo. Desde que a conheci, nunca vi derrota nela, mas isso está

dançando em seus olhos. O não saber, o novo lugar, a pessoa desaparecida... É o suficiente para destruir qualquer um, e isso parece estar afetando ela.

Meu cérebro para quando suas palavras ecoam em minha mente. Eu não sei como responder a ela,

Uma parte de mim se inflama de aborrecimento. Estávamos nos divertindo muito aqui na cidade, suas perguntas finalmente surgiram, e agora, ela tinha que tocar no assunto? Ela teve sorte de ter saído daquela jaula, de ninguém ter decidido lidar com ela antes de mim. Ela deveria estar agradecendo aos deuses por não estar morta agora.

Em vez disso, ela está me importunando em vez de apreciar a sociedade avançada que mostrei a ela aqui em Ti'lith. Eu nem tenho certeza se ela está percebendo o quão quieta ela tem sido, e eu franzo a testa profundamente com isso.

Então, um pensamento me ocorre e posso sentir meus lábios se curvarem sem minha permissão. Eu não posso evitar. Há apenas uma coisa em todo este mundo que me permite cuidar tão profundamente e desfrutar – bem, na verdade é a única coisa que realmente gosto porque não gosto de estar perto de outras pessoas; eles são péssimos.

Ela empalidece um pouco enquanto eu sorrio, provavelmente presumindo o pior de mim ou dos planos que todos têm para ela. Ela parece que vai fazer outra pergunta antes de eu responder primeiro, o que não tenho intenção de fazer. Não deixo que isso me detenha quando digo a ela: “Tenho mais uma coisa para lhe mostrar”.

CORA

EU Não sou cego para a maneira como Giroth se esquivava das minhas perguntas, mas não posso estar do lado ruim dele. Se ele tem algo que quer me mostrar em vez de me responder, então terei que aguentar.

Não é que eu esteja realmente incomodada com o modo como ele me ignora. Ele literalmente me sequestrou da minha casa, então por que eu esperaria que ele fosse educado ou cooperativo? Honestamente, estou surpreso com o quão gentil ele tem sido até agora.

O que me incomoda é que posso dizer que ele está fazendo isso para esconder alguma coisa. Luto contra um arrepião enquanto considero o que poderia ser. O que é pior do que ser arrastado até aqui e preso?

Meu estômago se revira violentamente enquanto mastigo, mas não vale a pena atormentar minha mente. Eu sei que de todo o horror que vi, de todas as coisas que minha mente poderia imaginar, a realidade poderia ser muito pior.

Em vez disso, vejo como ele parece animado e decido engolir minha crescente frustração. Eu não sabia que demônios podiam parecer tão emocionados, mas os olhos de Giroth estão arregalados, seus lábios se transformaram em um sorriso brilhante, e me pergunto quando foi a última vez que vi alguém com aquela aparência - humana ou não.

“Mostre o caminho,” eu suspiro.

Seu sorriso se alarga e ele estende a mão para agarrar minha mão. Eu deixei, surpresa porque, embora seja ossudo, ele parece forte e macio de alguma forma. Eu não recuo como antes.

Ele me conduz pela cidade, mas em vez de mergulhar fundo nela como fizemos antes, ele contorna os prédios e segue pelos becos. Ele está se afastando da multidão agitada e finalmente atravessamos um conjunto de edifícios para encontrar uma estrutura sólida e solitária.

Quase me parece um armazém e, se eu estivesse apenas de passagem, teria presumido que fosse assim. Porém, conforme Giroth me puxa em sua direção, percebo que há um fluxo de energia saindo dele. É horrível o perigo que parece emanar do prédio, e meu corpo grita para eu correr.

À medida que nos aproximamos, percebo que parte daquele zumbido baixo que pensei estar na minha cabeça é um rosnado profundo e harmonioso. Fico tenso, com medo do que está dentro, e olho para Giroth em estado de choque. Ele está prestes a me alimentar com algum monstro? Ele se deleita com isso?

Ele nem parece notar minha hesitação crescente quando solta minha mão e abre a porta. Imediatamente, o rosnado áspero cessa e o ar é perfurado por gemidos frenéticos.

Não parece que o que quer que esteja lá dentro esteja dolorido, então me aproximo, vendo que o interior está bem iluminado para que eu possa absorver qualquer criatura que Giroth queira me mostrar.

“Meus queridos bebês”, ele murmura, sua voz aumentando de tom. “Está com fome? Ah, aposto que você é. Quase rio enquanto me aproximo do prédio. “Vocês merecem um presente, meus bons comedores de elfos. Você quer uma guloseima?

Há latidos e gritos de excitação, e isso me ocorre de repente. Este demônio tem uma queda por cães?

Me sentindo muito menos cansada, entro na porta e congelo imediatamente. Embora parecessem cachorros lá fora, a única coisa que os faz parecer remotamente com os animais de estimação no chão é como estão de quatro e cobertos de pelos.

Meu coração salta até a garganta enquanto os que estão mais próximos de mim latem e uivam. Posso ver vários com três fileiras de dentes afiados. Outro punhado tem caudas farpadas, duas ou três por cão, que balançam com entusiasmo quando Giroth reaparece à minha vista. Ele segura um balde, e não consigo dizer o que há nele, mas as criaturas estão maravilhadas de excitação.

Aqueles que estavam com os olhos voltados para mim imediatamente se voltam para seu dono. Ele sorri para eles, e eles saltam uns sobre os outros, tentando alcançá-lo. Seus corpos inteiros vibram conforme sua excitação aumenta, cumprimentando-o balançando seus corpos inteiros.

Eles realmente são apenas cachorrinhos, brigando um com o outro para chegar até ele. Ele ri, e isso me pega desprevenida. Ainda não o ouvi fazer isso. O som é quase melódico, embora seja profundo e gutural. Isso me lembra dessas canções suaves que ouvi homens cantarolarem e cantarem enquanto trabalham, com a voz baixa e mantendo um ritmo constante.

“Eu não esqueci de vocês”, ele diz, atravessando a sala para acariciá-los no topo da cabeça. “Não”, sua voz começa a aumentar de tom novamente. “Não, eu nunca faria isso. Nunca se esqueça dos meus preciosos animais.”

Eles lambem suas mãos, cinco deles descendo sobre ele de uma vez. Percebo que alguns cachorros têm até duas cabeças, e um deles fica em cima das costas do outro para lambe seu rosto.

“Ah, você sentiu minha falta? Senti a sua falta.”

Pressiono minha mão na boca para conter o sorriso enquanto ele continua elogiando seus animais de estimação. Por mais ferozes que pareçam, com suas garras afiadas e olhos vermelhos, eles nada mais são do que animais amorosos.

Vejo a mesma mudança em Giroth. Ele pode ter sido mais gentil comigo ao me mostrar a cidade do que durante nossa perseguição, mas eu diria que ele estava apenas tolerando minha presença. Aqui, vejo a verdadeira felicidade colorir seu rosto e encher seus olhos.

Combina com ele.

Ele se vira e quase parece surpreso, como se tivesse esquecido que eu estava lá. “Entre. Eles não vão te machucar. Juro.”

Embora meu corpo diga o contrário, eu acredito nele. Duvido que esses animais algum dia o desobedecessem. Ando mais para dentro do prédio, parando em frente a um dos cercados mais próximos da porta. “Esses são seus animais de estimação?” Eu pergunto hesitante.

“Esses são meu orgulho e alegria”, afirma. “Eles são cães de caça Ur'gin apreciados.”

“Cães de caça?” arrisco.

“Eles são excelentes nisso. Nunca conheci outra fera com um temperamento tão perverso e uma pensão para a destruição.” Engulo em seco e ele rapidamente acrescenta: “Mas eles ficam calmos perto de mim. Vir. Eu quero que você os conheça. Ele passa o balde, mergulhando a mão e retirando um pedaço grotesco de carne vermelha desfiada e tendão. Os cachorros uivam com entusiasmo, mas ele me estende o brinquedo. Eu enrugo meu nariz enquanto olho para sua mão. “O que eu faço com isso?”

“Ajude-me a alimentá-los.” Ele deixa cair o balde e agarra uma das minhas mãos, colocando a carne na palma da minha mão. Forço uma piada enquanto ele pega sua própria carne desfiada.

“Este é Jenol”, diz ele enquanto oferece a guloseima a um cachorro com duas cabeças. “Arolath”, ele aponta para alguém com chifres pontiagudos como o dele. “Ogdrech.” Possui laterais pontiagudas. “Elzroth é um dos meus mais gentis. Dê a ela um pouco do seu”, ele insiste.

Estendo minha mão para a fera, e ela lambe minha pele suavemente, mordiscando para levar a carne com ela. Embora eu possa ver suas três fileiras de dentes mortais e suas garras grossas e afiadas como facas, ela é cuidadosa comigo.

“Ver? Eles não são criaturas más. Eles são apenas mal compreendidos. No fundo, eles são namorados, mesmo que pareçam assustadores.”

Seus olhos estão voltados para os cachorros, mas estou olhando diretamente para ele. Vir aqui me mostrou uma luz totalmente nova, e vejo agora que, apesar de ter me sequestrado, ele ainda é gentil – muito mais gentil do que os elfos negros e até mesmo alguns humanos.

“Sim”, murmuro de volta para ele enquanto ele alimenta os cachorros com outro pedaço de carne. “Às vezes as pessoas esquecem de olhar além das aparências e ver o que há por dentro.”

“Exatamente”, ele responde, embora eu duvide que estejamos falando da mesma coisa.

GIROTH

EU Estou conduzindo os cachorros de volta para dentro quando sinto a mão de Cora roçar a parte inferior do meu pulso. Clico no cadeado no lugar da caneta que estou diante antes de me virar para olhar para ela.

Alguns dos cães ainda estão correndo ao nosso redor, animados, mas exaustos da corrida. Eu os deixei soltos lá fora para mostrar a ela suas habilidades, o orgulho explodindo em mim. Ainda não consegui colocá-los todos de volta e estendo a mão para ordenar que parem de pular em mim.

Seus olhos azuis brilham com a luz que entra, e neles vejo uma certa tristeza que venho tentando ignorar. Suas sobrancelhas se juntam enquanto eu olho para ela, seus lábios se separam ligeiramente.

Eu sei que ela vai me fazer outra pergunta que não posso ou não quero responder. Por que ela não pode simplesmente parar com tudo isso e aproveitar algum tempo com minhas feras?

“Por favor, deixe-nos ir,” ela respira, e minha boca se franze pela primeira vez desde que a trouxe aqui.

Respiro fundo e me movo para me virar, mas ela avança, me agarrando e desta vez não me soltando. “Por favor, Giroth. Eu estou te implorando. Seus olhos estão suplicantes enquanto ela procura os meus. “Por favor.”

Eu endureço, apertando minha mandíbula. A voz dela é tão suave e doce, embora trema um pouco, e odeio a maneira como isso faz meu corpo reagir. Meu coração se contrai quando a observo e abro a boca para responder.

O problema é que não posso. Eu não posso deixá-la ir. Eu não posso ajudá-la. Então, eu fecho minha boca. Eu deveria apenas ser honesto com ela, dizer-lhe que não há como deixá-la ir, que eu não poderia libertá-la mesmo que quisesse - o que me recuso a admitir que quero.

Não, estou com muito medo de ver seu coração se partir claramente em seu rosto quando eu lhe digo que ela é uma prisioneira aqui sem outra opção. Em vez disso, eu me afasto.

Quase zombei do pensamento que passou pela minha mente. Eu sou um demônio. Eu não deveria ter medo de nada nem de ninguém. Outros *me temem*. Eu sou das histórias de pesadelos, minhas feras sussurradas apenas pelos mais corajosos. Não há razão para que um humano me deixe sem palavras.

Viro-me em direção a ela com uma nova determinação, mas antes que possa contar a verdade, vejo que a tristeza só se aprofundou. Seus ombros estão curvados sob o peso disso, e me atinge profundamente vê-la assim.

Limpando a garganta, tento sufocar minha culpa e vergonha. Eu sei que não posso contar a verdade a ela, então, em vez disso, pergunto a ela: “Por que você quer voltar para seus mestres élficos?”

A emoção crua em seu rosto me cativa quando ela responde: “Como qualquer escravo, quero ser livre”.

Meu coração dói por causa do tremor doloroso em sua voz e da ruga entre suas sobrancelhas. Sinto que a dor dela ecoa dentro de mim e destrói minha determinação.

Minha boca fica seca, e a única coisa que consigo dizer é: “Dê-me um segundo”.

Eu me ocupo em guardar o resto dos cães. Eles choramingam e ladram em protesto, e eu jogo guloseimas dentro dos cercados para acalmá-los. Eu precisava me desvencilhar de seu olhar antes de tirá-la daqui e tentar salvá-la sozinho.

Eu me amaldiçoo por me importar tanto. Não entendo como essa humana tem tanto poder sobre mim, mas ela tem. É difícil para mim apagar os pensamentos erráticos do meu cérebro enquanto termino meu trabalho e me viro para encontrá-la inquieta perto da porta.

Com um suspiro, atravesso a sala, fazendo sinal para que meus filhotes fiquem em silêncio, em vez dos uivos excitados enquanto me movo na direção deles. Felizmente, eles fazem o que eu peço e paro bem na frente de Cora.

“Eu não respondi suas perguntas hoje,” eu começo, sentindo meu estômago apertar enquanto seus olhos se levantam para os meus. “Eu sinto que você merece saber a

verdade sobre o seu destino.” Engulo o nó que se forma em minha garganta enquanto uma sombra de medo passa por seu rosto.

“Fui enviado em uma missão pelo Rei Demônio para obter mulheres humanas. Ele tem planos que envolvem você e aqueles que trouxemos com você.” Sinto que é importante que ela saiba que não quero participar disso. “Meu único papel foi trazer você aqui. Eu não deveria deixar você sair daquela cela e certamente não tive escolha no que diz respeito ao meu envolvimento na missão. O Rei Demônio não deixa muito espaço para escolha.”

A voz dela é pouco mais que um sussurro, como a minha, quando ela pergunta: “Que tipo de planos?”

Não tenho certeza de onde procurar. Não acho que aguento ver o pânico e o medo que sei que irão inundá-la quando eu contar a verdade. Isso vai me impedir, disso tenho certeza. Em vez disso, olho por cima de sua cabeça para minha mais nova mãe e seus filhotes, extraíndo força de meus amados animais de estimação. Eles são a única bondade que conheci e confio neles para me ajudar nesta vida.

“Ele pretende ver se você consegue carregar filhos demônios.”

O silêncio entre nós é sufocante. Parece tão grosso que acho que poderia cortá-lo. Contra o meu melhor julgamento, meus olhos se abaixaram para avaliar a reação de Cora. Exatamente como eu temia, seu rosto ficou mortalmente branco, seus punhos cerrados com tanta força que temo que ela vá deslocar alguma coisa.

“Cora...” eu começo, dando um passo em direção a ela, mas ela recua.

“O que você quer dizer com 'carregar crianças demoníacas?'”

Suspiro e desta vez mantenho o olhar dela enquanto respondo. “Nossa raça está morrendo. Nossas matronas são tão raras e produzem tão poucos descendentes que seremos extintos se não encontrarmos outro meio de reprodução.”

Seus olhos se arregalam e não vejo sentido em parar agora. “Precisamos de criadores ou não sobreviveremos e, portanto, nossa única opção parece ser os humanos.”

“E os elfos?” Ela engasga, seu peito subindo e descendo rapidamente. Seus olhos se voltam com aquele pânico que eu queria evitar. “Eu os vi aqui. Usa-os!”

Torço o nariz em desgosto, embora eu fizesse qualquer coisa para me livrar do terror gravado em suas feições. “Os elfos negros são uma raça horrível. Não queremos manchar nosso sangue misturando-o com o deles.”

Ela está ofegante agora e anseio por acalmá-la. Não sei mais o que fazer enquanto a observo. Ela está gaguejando tentando encontrar algo para dizer, e não sei por que tento me incomodar.

“Elfos negros são criadores ruins de qualquer maneira. É difícil para eles conceberem e mais difícil para eles carregarem”, digo como se isso fosse uma garantia. “Os humanos foram capazes de transportar mestiços por toda Protheke, e temos certeza de que você sobreviverá ao acasalamento.”

Quero que isso pareça um elogio e uma esperança, como se ela só precisasse ter alguns filhos e ficaria bem. Eu sei que é mais do que isso. Não sei de que forma ela será forçada a conceber, de que maneira dará à luz ou com que tipo de demônio. É muito provável que isso a destrua, mesmo que tenhamos visto que há crianças meio-humanas e meio-elfas negras no chão.

Se seus corpos puderem sobreviver a esses monstros, eles ficarão bem para nós.

Cora não vê isso da forma positiva que tento apresentar e começa a tremer, seus olhos ficando enormes enquanto ela se fecha dentro de si. Odeio a maneira como isso me machuca e, mais ainda, odeio não poder fazer nada para consertar isso.

CORA

Meu coração troveja em meu peito e meu sangue lateja tão alto em meus ouvidos que quase não consigo ouvir as palavras de Giroth.

Quase desejei não ter feito isso.

O pânico toma conta de mim com força e não sei como engoli-lo enquanto imagens horríveis passam pela minha mente. Assim que ele disse a palavra “criador”, a ideia daquele enorme demônio com chifres de fogo me arrastando para a cama passou pelos meus olhos. Depois, transformou-se em uma apresentação de slides de todos os prospects que vi na rua hoje.

Duvido que algum deles seja gentil, e me contorço um pouco com a diferença no meu tamanho em comparação com todos eles. Não quero nem imaginar como será, principalmente se eu engravidar.

Então, uma guerra começa a travar em minha mente sobre o que é pior: conceber e esperar que isso não me mate ou que o casal seja incompatível e esperar que os demônios não me matem. Não tenho certeza, mas de qualquer forma, acho que não vou sobreviver.

Minha mente está acelerada enquanto penso na possibilidade de um recém-nascido com chifres abrir caminho para fora de mim. Estou tremendo, a perspectiva é demais para mim, e não quero nada mais do que voltar para casa. Pelo menos lá eu conhecia o caminho. Eu poderia desaparecer na floresta se precisasse e, embora os elfos negros fossem cruéis e claramente quisessem algo de mim, não fui sequestrado apenas para engravidar.

Outro arrepio flui através de mim. Sempre pensei que se tivesse um filho, seria com alguém de quem gosto. O sexo pode não ser sagrado em Protheka, mas ter filhos geralmente não é uma preocupação. Sempre foi um alívio que os elfos negros pareçam ter dificuldade em conceber, uns com os outros e conosco. Ou talvez nos alimentem com algo para nos manter estéreis e nem sequer sabemos disso.

Minha cabeça está uma bagunça estrondosa e há um zumbido baixo em meus ouvidos que parece bloquear todos os outros sons. Há tantas maneiras de isso dar errado, mas

não consigo pensar em uma única maneira de corrigir isso. Não há como escapar, não há opção para mim e, embora sempre tenha sido um pouco destemido e imprudente, sempre tive a oportunidade de ser.

O que eu faço quando minha única opção é a morte?

Não percebo que o barulho que estou ouvindo não está na minha cabeça até que Giroth estende a mão. É quando percebo que são seus cães que estão rosnando, o som baixo e profundo e ecoando por todo o canil.

Para minha surpresa, eles não ficam em silêncio. Minhas emoções parecem estar afetando-os e, à medida que meus pensamentos crescem, também aumentam seus protestos. Seus rosnados se transformam em rosnados e latidos, com os dentes expostos e os corpos tensos. Eles parecem prontos para me despedaçar.

Eles se transformam das criaturas gentis que ele me mostrou nas temíveis criaturas para as quais foram criados. Posso sentir toda a energia caótica saindo deles enquanto saltam nas paredes que me separam deles, arranhando-os com suas unhas semelhantes a adagas.

Há preocupação nos olhos de Giroth e temo que seus cães me ataquem. Já estou tão nervosa e com medo que, quando ele vira as costas para silenciar os cães, usando sua voz severa, ainda mais suave do que a que usou comigo quando colocou uma lâmina em minha garganta, eu saio correndo.

"Encontre uma saída", murmuro, acelerando minhas pernas.

Em algum lugar no fundo da minha mente, sei que isso não é razoável. Não tenho ideia para onde estou indo e se for pego posso acabar com um destino pior do que os outros dois que imaginei. Ainda assim, o terror toma conta de mim com força e não consigo pensar direito.

O único pensamento que passa pela minha mente é encontrar uma saída. Não sei como vou fazer isso, mas sei que deve haver uma maneira. Mas minha mente continua hesitando quando me lembro que esta é uma ilha flutuante habitada por demônios.

Isso não diminui a velocidade dos meus pés enquanto atravesso as calçadas, tentando evitar voltar para a cidade. Tenho pavor de encontrar outros demônios, e quando vejo

alguns passando, poucos sequer se virando para olhar para mim, a bile começa a subir no fundo da minha garganta.

Há um em particular, outro Volvath que é mais alto e mais magro que Giroth. Seus olhos estão queimando em um vermelho brilhante contra sua pele negra, e os chifres finos no topo de sua cabeça parecem mortais como armas.

Seus olhos acompanham meus movimentos e meu peito aperta de medo. Era disso que eu tinha medo. É por isso que estou correndo.

Eu odeio o jeito que ele está examinando meu corpo, como se eu fosse dele. A ideia de seus dedos percorrendo meu corpo desencadeia meu reflexo de vômito, mas me forço a não diminuir a velocidade. Em vez disso, desvio para um beco lateral e fico aliviada quando ele não me segue.

"Oh, merda", murmuro enquanto tropeço diante de outro Gilak. Ele é enorme, ultrapassando os outros demônios e elfos negros perto dele. Ele se vira para olhar para mim, e aquelas buzinas começam a crepitar enquanto ele caminha em minha direção.

Reprimindo um grito, saio na direção oposta. Ainda consigo ouvir o barulho de pés atrás de mim, embora o peso pareça leve demais para ser o Gilak que vi antes. Ainda assim, não posso me arriscar.

Como se quisesse me impulsionar para frente, meu corpo evoca imagens do que poderia acontecer se ele me pegasse. Na minha visão mental, eu o vejo me agarrando, me levando de volta para seu lugar e me forçando. Sou tão pequeno comparado a ele que temo quebrar. Duvido que consiga sobreviver ao acasalamento, esquecer a gravidez.

"Eu posso fazer isso", sussurro encorajamento para mim mesma enquanto meu corpo tenta falhar.

Quem está atrás de mim parece estar cada vez mais próximo e não me atrevo a olhar para trás. Tenho medo de tropeçar ou tropeçar em alguma coisa e não arriscarei dar-lhes alguns segundos extras para chegar até mim.

Meus pulmões estão pegando fogo e todo o meu torso queima com o esforço, mas me recuso a diminuir o ritmo. Eles cometeram um erro quando me levaram. Eu nunca vou

em silêncio. Eu nunca simplesmente obedeco. Tentei, mas agora que vejo que tudo seria em vão, não há razão para isso.

Não, sou um lutador, e se o demônio que está se aproximando de mim me quiser, ele terá que se esforçar um pouco mais.

Sinto um sorriso maníaco se espalhar pelo meu rosto quando viro uma esquina e vejo um beco estreito entre dois prédios. "Encontrei", digo em voz alta, sem me importar se meu perseguidor me ouve. Se eu conseguir passar por lá, terei a chance de desaparecer de vista. É a única opção que tenho no momento.

Cravo os calcanhares no chão, me impulsionando para frente, e praticamente me jogo no ar, girando em preparação para virar a próxima esquina.

Exceto que meus pés não pousam. Eu pisco, ofegando suavemente, "O quê?"

Espero que eles caiam no chão, e é aí que minhas ações alcançam meu cérebro. Parece quase irreal o quão lenta é minha queda, e minha mente não parece processar que cheguei à borda da ilha flutuante sem perceber.

Minha cabeça gira, observando a vasta extensão do céu, as nuvens cinzentas que encobrem a luz do sol mesmo aqui. O ar rasga meu cabelo quando minha descida começa, e sei que deveria me sentir preocupada ou com medo, ou pelo menos com um aumento de adrenalina pela queda.

Mas eu não.

Não tenho certeza se acabei de esgotar todas as minhas emoções, mas me sinto quase em paz quando, pelo menos, não vejo mais demônios. Não estou pronto para morrer, isso é certo, mas se esse for o meu destino, então prefiro que seja nos meus próprios termos.

GIROTH

EU Consigo me aproximar de Cora quando ela tropeça ao avistar Gilak, mas ainda não sou rápido o suficiente para diminuir a distância. Ela teve uma grande vantagem quando eu estava de costas para ela, e sua forma pequena torna mais fácil para ela deslizar pelos caminhos lotados.

Meu coração dispara quando ela vira uma esquina e vejo para onde ela está indo. Quero gritar para ela parar, mas duvido que ela me escute. Em vez disso, bato os pés no chão com mais força e, quando ela dispara entre os dois prédios na beira da ilha, salto para frente.

Eu suspiro de alívio quando meu braço envolve sua cintura, puxando-a de volta. Meu estômago está pressionado contra o chão, meu corpo em posição deitada para suportar nosso peso. Se eu tivesse chegado um segundo depois, não a teria alcançado antes que ela estivesse fora do meu alcance.

Estou surpreso que meus braços não estejam tremendo com a adrenalina que corre através de mim enquanto puxo Cora de volta. Uma parte da minha mente quer castigá-la. Quão estúpida ela é para pular para a morte assim? Nenhum demônio teria saltado direto da beirada.

Ela sabe que está em uma ilha flutuante e, ainda assim, correu pelas estradas nos limites da cidade com abandono imprudente. O pensamento me enche da mesma raiva e pânico que vinham me inundando enquanto eu a perseguia.

Mas eu seguro minha língua. É claro que ela não está pensando direito. Eu sei que ela está apavorada e, embora eu não ache que esse seja um bom motivo para tentar um salto de três mil metros até a morte, entendo que ela não estava no espaço certo para entender onde estava.

À medida que nos afasto da borda, o alívio me inunda. Nunca senti um medo tão intenso como quando ela partiu e, embora isso não faça muito sentido para mim, não vou dissecá-lo agora. Tudo que sei é que é um alívio tê-la em meus braços.

Tento não pensar muito enquanto a puxo para mais perto do meu corpo, precisando mais dela. Ficar sentado imóvel permite que minhas emoções me dominem, e não

entendo metade do que está me atingindo. Nunca me preocupei com ninguém nem com nada além dos meus filhotes Ur'gin.

Puxar Cora contra mim, porém, é como segurar um cão de caça recém-nascido, meu coração cheio de necessidade de protegê-la. Não consigo imaginar o que teria acontecido se eu não tivesse chegado a tempo de salvá-la – e não me refiro às repercussões do Rei Demônio.

Corro meus dedos por seus longos cabelos enquanto nossa respiração desacelera, levantando-a para que ela fique perpendicular ao meu colo. Passo minha mão pelas costas dela, e uma parte de mim fica excitada quando ela não se afasta do meu toque imediatamente.

“Cora,” murmuro para ela, e ela inclina a cabeça para trás para me olhar com aqueles olhos azuis gelados. “Você não pode fugir assim. Você não sabe onde está.

Ela balança a cabeça, mordendo o lábio trêmulo. “Eu sei.”

Suspiro, batendo levemente em seu queixo. “Há coisas muito piores nesta ilha do que eu, e não quero que você se machuque.” Estremeço internamente com a admissão, mas sigo em frente. “Você tem que ficar ao meu lado ou algo pode acontecer com você.”

Seu olhar cai, e eu deixo, pressionando-a firmemente contra meu peito. É o único lugar onde eu a quero agora, depois que ela me assustou, e eu envolvo meus braços firmemente em torno de seu pequeno corpo.

“Ouvir. Eu posso proteger você. Eu ganharei o favor do Rei Demônio com meu trabalho, então enquanto você ficar comigo, você estará a salvo dos outros.” Ela não responde e não sei por que continuo falando. Parece que estou pedindo a ela que me escolha quando, na realidade, ela não tem outra opção. Eu nem tenho certeza se conseguirei a orelha do Rei Demônio como prometi. “Eu quero mantê-la segura, mas você tem que me deixar.”

Não tenho certeza se ela está mais me ouvindo enquanto eu a balanço suavemente para frente e para trás. Quero acalmar seus nervos em frangalhos, e isso parece certo.

Ou foi, até que a ouvi murmurar: “Não quero ser escrava”.

“Eu sei,” eu digo, mas ela balança a cabeça para mim.

“Você não sabe.” Ela está começando a parecer histérica novamente. “Você me trouxe aqui e eu não posso sair. Sou forçado a ser escravo dos elfos negros, dos demônios. Eu só quero ser livre.”

Ela bate levemente no meu peito, como se estivesse tentando me afastar, e eu deixo meus braços afrouxarem, mas ainda descansando em torno dela. Ela obviamente não está tentando fugir de mim. Parece que é mais para desabafar suas frustrações.

Eu a deixei bater em mim até parecer cansada. Ela continua resmungando sobre como sente falta da floresta, sente falta de ter alguma aparência de liberdade. Quero dar a ela, mas não tenho como.

Finalmente, suas palavras são superadas por lágrimas e os soluços sufocam sua próxima frase. Aperto meus braços em volta dela, puxando-a contra mim novamente, e Cora me deixa. Ela chora contra o meu corpo, seu pequeno corpo tremendo, e tento ajudá-la.

Eu nunca fui de acalmar os outros, então eu apenas a embalo e acaricio seus cabelos. Não tenho palavras para esta situação. 'Sinto muito' parece inútil e não tenho nenhuma opção verdadeira para oferecer a ela. Tenho certeza de que é uma pena não estar no controle de sua vida.

A culpa borbulha em mim até se intensificar contra meu alívio. Fico doente sabendo que fiz isso com ela. Tento acalmar minha mente, lembrando-me de que se não fosse eu, teria sido outra pessoa, mas isso não ajuda.

Estou feliz que ela esteja sob meus cuidados, porque eu não confiaria nela mais ninguém, mas gostaria que ela estivesse comigo de boa vontade. Eu gostaria que nosso dia tivesse sido apenas um passeio pela cidade, em vez de ela observar o novo ambiente enquanto procurava uma fuga, mas esse não é o papel que nos foi dado desempenhar.

Parte meu coração saber que é assim que as coisas são. Eu sou um demônio, seu captor, seu opressor, mas quero que ela me veja como algo mais. É uma constatação chocante, mas é o que parece certo. Quero que ela saiba que não preciso ser essas coisas para ela, que tenho o favor do rei.

Talvez haja algo que eu possa fazer por ela de alguma forma. Não posso libertá-la, mas posso pensar em algo para ajudá-la. Porque eu faria qualquer coisa para aliviar a dor que posso ouvir tão claramente em seus gritos.

Isso me abala, e estou preocupado com a possibilidade de fazer algo precipitado ao deixar meus pensamentos fugirem de mim. Tenho que me lembrar de que ela está aqui com um propósito e, embora isso provoque um ressurgimento da culpa, também me obriga a lembrar que as fantasias na minha cabeça são apenas isso.

Engulo em seco e me forço a aceitar que os planos para ela não vão se alinhar comigo. Tento aliviar a dor interna com um lembrete de que ela estará aqui em Ti'lith e que posso mantê-la em minha vida, não importa o que aconteça.

Se ao menos eu pudesse tirar a dor dela também.

Por mais terrível que eu me sinta por dentro, atormentado pela culpa, pelo pânico e pela tristeza com nossas perspectivas, tenho certeza de que não é nada comparado ao que Cora está passando. Quero aliviar o fardo dela, assumir isso como se fosse meu, e sei agora, neste momento, que estou fodido porque estou disposto a fazer qualquer coisa para trazer de volta aquela mulher aventureira e corajosa que conheci.

CORA

Atoda a minha força evaporou.

Os braços de Giroth são um conforto, apesar do caos que agita sua pele. Deixei minha cabeça descansar em seu ombro e finalmente cedi a ele. Estou cansado de lutar.

Sua boca está na minha orelha enquanto ele está comigo em seus braços. "Estou levando você para casa."

Para casa, penso, um sorriso miserável me encontrando. Minha casa foi destruída junto com qualquer vida que eu pudesse ter tido em Prothea. Não era muito, mas estávamos aproveitando ao máximo. Agora, meus irmãos estão sozinhos lá embaixo, à mercê dos elfos negros.

E Laura...

Mais lágrimas vêm e eu soluço contra Giroth, passando os braços em volta de seu pescoço forte. Ele não tem problemas para me carregar, uma mão pressiona minhas costas como se quisesse me proteger dos outros habitantes de Ti'lith. Por mais rude que ele finja ser, há algo gentil nele que ele não quer que ninguém veja.

Mas eu vejo isso, de qualquer maneira.

Foi lá que nos cruzamos pela primeira vez no povoado. E novamente, quando ele me mostrou todas as coisas estranhas e incríveis do seu mundo, coisas que nenhum outro ser humano jamais viu. Ele foi honesto comigo no canil, quando poderia ter me contado qualquer coisa. E mesmo quando eu estava dominado pelo medo, ele me protegeu e me consolou.

Não espero que os outros residentes de Ti'lith tenham sido tão pacientes.

Essas são as coisas que se repetem em minha mente, até que a exaustão me domina e caio rapidamente na inconsciência. Quando acordo, é repentino e ofegante, mas estou numa cama quente, grande demais para mim, como nunca senti antes.

Ele está sentado em uma cadeira ao meu lado, inclinando-se para me deitar novamente. "Você está segura", ele me garante, puxando as cobertas até meu pescoço. "Apenas descanse."

Observo seu rosto severo. "Onde estou?"

“Minha casa”, ele responde pacientemente, aquela expressão perturbada nunca o abandonando. “Você está com fome ou com sede? Você está dormindo há algum tempo. Meu estômago se revira e não sei se conseguiria manter alguma coisa no estômago, em meu estado miserável. Mas eu aceno de qualquer maneira. “Algo para beber seria bom,” murmuro, apreciando o calor de sua mão envolvendo minha bochecha.

Uma garra traça minha mandíbula de maneira carinhosa. “Então você terá.”

Ele estala os dedos, e elfos negros que eu não percebi antes se separam da parede e desaparecem por uma porta. A existência deles neste lugar é tão repentina para mim que não posso deixar de ficar surpreso e um pouco horrorizado.

Giroth é rápido em perceber. “Não se preocupe. Eles são leais ao seu mestre.”

Ainda assim, olhei para onde eles haviam desaparecido. “Você não está preocupado que eles possam—”

“Não”, ele me garante como se já soubesse o que quero dizer. “Eles não têm memória de suas vidas em Protheka, e o caos em Ti'lith os impede de usar magia. Eles são, como se poderia dizer, castrados.”

Relaxo no colchão, meus problemas um pouco mais leves. “Isso é bom.”

Giroth se inclina como se fosse beijar minha coroa, hesitando e depois dizendo. “Você está segura sob meu teto, Cora. Eu prometo a você isso. Ele se afasta antes que seus lábios rocem minha testa e fique em pé, olhando para mim enquanto sou um quebra-cabeça para resolver. “Descanse agora.”

“Espere,” murmuro, parando-o no meio do caminho. “Por favor, diga...”

Sua expressão é neutra. “Sim?”

“O que aconteceu com Laura?” A questão é pesada. “O que aconteceu com minha irmã?”

Nada muda em seus olhos claros. “Não sei. É isso que estou tentando descobrir.”

Giroth é um guardião atencioso, dedicando todo o seu tempo livre ao meu bem-estar. Ele ainda tem que cuidar de seus monstros Ur'gin e é responsável pelas outras

mulheres, que ele me garantiu que estão mais bem cuidadas do que quando chegamos. Acredito nele, não porque queira, mas porque ele não me deu motivos para duvidar dele.

Naquele primeiro dia, ele me colocou em sua cama e, quando finalmente descobri, me senti péssimo por deslocá-lo. Insisti para que ele dormisse ao meu lado. É o mínimo que posso fazer depois de tudo que ele fez por mim. Nas primeiras noites, ele rejeitou gentilmente minha oferta e dormiu na cadeira. Mas à medida que nos aproximamos, ele se rendeu à minha insistência e agora dorme ao meu lado. Todos os dias, acordo com seu rosto bonito, suavizado pelo descanso. Esta manhã não é diferente.

Atrevo-me a tocar sua bochecha encovada.

Eu me pergunto o que o futuro reserva para mim. Ele não pode me manter para sempre, certamente. E quando o seu trabalho terminar, serei entregue ao Rei com os outros. É uma perspectiva assustadora, mas nenhum de nós tem qualquer palavra a dizer sobre o assunto.

Eu me pergunto como seria pertencer a Giroth.

Sinto-me segura em seus braços e sei que ele me trataria com cuidado. É naquele raro sorriso que ele não mostra a mais ninguém, e na maneira como me acaricia sem a mordida de suas garras afiadas. Atrevo-me a passar os dedos por sua túnica para sentir seu calor por baixo.

Ele se mexe um pouco e seus olhos se abrem. "Você está acordado."

Eu não digo nada, perseguindo aquela linha dura de seu abdômen e fazendo seu estômago saltar.

Giroth segura minha mão com firmeza. "Você não sabe o que está fazendo."

"Eu sinto, na verdade," eu sussurro, certa de que ele também sente isso.

Seu olhar está perturbado, mas ele me libera para explorar mais abaixo, por baixo do corte de sua calça. Sua pele clara é lisa e naturalmente sem pelos, e o que encontro entre suas pernas é algo com que posso trabalhar. Ele é mais longo e mais grosso do que qualquer homem, mas há coisas muito mais assustadoras em Ti'lith.

"Você tem certeza?" Ele pergunta, colocando meu cabelo rebelde atrás da orelha.

Sem dizer uma palavra, eu aceno.

Apesar de seus protestos, ele já foi duro e eu o acariciei com uma varredura diligente. O resto do seu corpo fica rígido quando eu aperto a ponta.

Ele também quer isso.

Os olhos de Giroth estão arregalados quando eu monto nele, puxando minhas calças para baixo para deixar meu calor envolver sua circunferência. Seu queixo fica frouxo e ele segura meus quadris, mas permanece em silêncio enquanto eu me encho até explodir. Cada centímetro é uma agonia deliciosa, me levando além do meu limite. Quando ele sente uma pontada dentro de mim, solto um gemido desenfreado, mordendo o lábio para abafar meus gritos enquanto afundo até o punho.

Ele agarra minha nuca e me arrasta contra ele, nossos lábios finalmente se conectando depois de ter passado todo esse tempo morrendo de fome para prová-los. Seus lábios são macios, mas insistentes, e sua língua quente comanda a minha. Giroth assume, me rolando de costas enquanto encontra um ritmo uniforme, me espetando no colchão.

O tempo todo, seu olhar está aguçado de preocupação.

Eu beijo sua incerteza, o suor escorrendo da minha carne em nossa união febril. Meu corpo surge sob ele como se não fosse suficiente, embora ele atinja meu fim com cada estocada profunda. Eu pego seus chifres pesados e guio seu rosto até meu peito nu.

Sua boca explora, pegando um mamilo entre os dentes afiados e puxando-o para dentro. Ele desliza um braço por baixo de mim e me arrasta para encontrá-lo, então estou suspensa apenas por sua força. Eu jogo minha cabeça para trás com uma risada jubilosa, meu corpo se revoltando ao redor dele com o aumento do meu pico. Ele pode sentir isso? Eu me pergunto, agarrando-me a ele para salvar sua vida enquanto o ritmo aumenta.

Há um estrondo em seu peito, e ele vasculha minha boca antes de me arrastar com força contra ele, perdendo sua semente em mim. Ele me preenche com irreverência. Estremeço e estremeço com o peso dentro de mim, deleitando-me com o conhecimento de que não estava errada sobre ele.

Ele é gentil, gentil e tudo que eu poderia esperar de um amante.

Giroth enterra o rosto na curva do meu ombro quando termina, e nossas respirações ficam mais lentas em conjunto. Eu me agarro a ele, querendo que isso nunca acabe, beijando sua bochecha para que ele saiba que estou bem e que isso é muito certo.

GIROTH

M Meus olhos se abrem gradualmente, o leve peso em meu peito é uma lembrança do que aconteceu por último. Olho para o rosto adormecido de Cora, obscurecido por seu cabelo dourado emaranhado.

Quando eu o afasto, há um sorriso brincando em seus lábios.

Não posso deixar de sorrir, pressionando meu nariz em sua coroa e sentindo seu cheiro.

Mistura-se com a minha, de modo que sei que a arruinei para a experiência do rei. Mas não consigo me sentir culpado, quando não fizemos nada de errado.

Estou feliz que ela tenha sobrevivido ao nosso emparelhamento.

Lembro-me de como o corpo dela se revoltou ao meu redor enquanto ela me forçava a caber dentro dela. Ela ficou em silêncio e insistente, como se entendesse as implicações do que fizemos.

Eu não esperaria nada menos dela.

Minha mente se desvia para meus deveres e para as outras mulheres que ainda tremem de medo ao me ver. A papelada deles está concluída e hoje é o dia em que devo entregá-los ao Rei. Meu coração afunda quando reajusto Cora na cama e me liberto de seu doce abraço. Ela estará segura aqui enquanto eu me encontro com o Rei.

Visto-me devagar, pensando no que posso dizer. Não tive sorte em descobrir o paradeiro da irmã de Cora e terei que responder por isso. Ele pode me punir por meu descuido, e eu aceitarei isso com graça. Parece tanto um castigo meu quanto o das mulheres que registrei incansavelmente nos últimos dias. Só espero poder voltar para Cora para explicar antes que qualquer sentença seja executada.

Ao sair pela porta, chamo meus escravos elfos negros. "Certifiquem-se de que ela tenha tudo o que precisa", digo a eles, examinando suas expressões neutras e olhos violeta opacos. "E permanecem escassos. Ela não gosta de sua espécie.

Eles baixam a cabeça em uníssono. "Sim mestre."

Satisfeito, despeço-me e vou para os blocos de celas.

Lá, as mulheres estão reunidas em um círculo fechado, sussurrando umas com as outras. Como se eles tivessem segredos com os quais nos importamos. Os guardas

Trolvor me deixaram entrar no depósito emprestado que se tornou algo semelhante a um bunker para os humanos.

Um me vê, os demais seguem seu olhar e todos ficam em silêncio.

Eu mantenho uma expressão severa. “Levante-se”, ordeno, não deixando espaço para perguntas. Mas eles não são como Cora e o fazem sem hesitação. Alguns começam a chorar novamente enquanto eu os numero. *Vinte e um*, conto, satisfeito por não ter desaparecido mais ninguém na minha ausência.

“Por aqui”, digo, estendendo a mão para a única saída atrás de mim. “Comporte-se e não haverá necessidade de amarrá-lo novamente.”

A carruagem já está nos esperando.

Eles entram em fila, tagarelando e lamentando a situação em voz baixa. Alguns ficam surpresos com a sempre presente tempestade que atinge a ilha. Outros choram quando veem um Gilak perdido andando pesadamente pelo pátio. Todos eles cheiram a medo e seriam despedaçados por meu Ur'gin se meus cães sequer sentissem o cheiro dele. Terei que tomar banho antes de cuidar deles.

A viagem é breve e tranquila, a poucos passos das celas. Em breve, chegamos à propriedade real que ofusca tudo.

Guardas Trolvor alinham-se nos corredores, onde as mulheres passam em silêncio absoluto. É como se um feitiço tivesse sido lançado sobre eles, e eles não ousam dar um pio até chegarmos à sala do trono. Lá, vários deles abafam sons de choque ao ver o Rei Demônio, Asmodeus.

Eles se amontoam como os pássaros agitados que são.

Eu faço uma reverência formal. “Meu rei. Como você pediu.”

Ele se inclina para frente em seu trono, olhando para a multidão de mulheres humanas que fogem de sua atenção. “Muito bem, Giroth”, diz ele, enchendo-me de uma espécie de prazer desconfortável. Antes, eu poderia ter me deleitado com isso. Mas agora que me apaixonei por uma mulher humana, isso arrepia minha pele como uma maldição. Odeio que ele tenha me escolhido para esta tarefa e, ainda assim, estou feliz por tê-la conhecido nesta breve passagem de tempo. *Muito breve*, eu acho. Acabamos de nos conhecer, mas nosso tempo está se esgotando.

Ele continua, e posso sentir seu favor irradiando sobre mim por baixo daquele capuz escuro que esconde suas feições. “Eu sabia que poderia confiar em você para esta tarefa.”

“Obrigado, meu rei.”

O Trolvor se aproxima das mulheres, que ficam agitadas de medo e chateadas. Mas o foco do Rei não se desvia de mim. “Algo está incomodando você. Falar.”

Observo enquanto as mulheres são levadas embora. Vários me lançam olhares acusadores, como se eu fosse responsável pelo que vai acontecer com eles. Fico quase feliz quando eles desaparecem de vista, e o peso da minha vergonha diminui. “É...” Paro, mordendo o lábio enquanto considero como expressar minhas preocupações. “Quando cheguei com as mulheres em Ti'lith, uma delas desapareceu.” Faço uma pausa, avaliando sua resposta e não encontro nada. Então, eu continuo. “Tenho procurado qualquer sinal do culpado, mas não encontrei nada.

“É uma falha no dever, meu rei. Eu deveria ter notado antes.”

Ele parece considerar minhas palavras. “E o outro humano desaparecido?”

Meu coração para brevemente, mas mantenho minha expressão neutra. “Meu rei?”

“Havia vinte e três documentos e você entregou vinte e um. Se um estiver faltando, então há outro que também não foi encontrado.”

O calor percorre minha pele e percebo que ele está falando sobre Cora. Pela primeira vez desde que o Rei me agraciou com sua presença, a verdadeira culpa toma conta de mim. Ele já *sabe*, pois parece estar a par de tudo o que acontece em Ti'lith. “Minhas desculpas”, começo, curvando-me um pouco mais profundamente. “Eu mantive aquela em minha residência porque ela tentou pular da ilha depois de escapar. Eu queria ficar de olho nela, para sua própria segurança.”

Acho que posso ter cometido um grave erro de cálculo quando o Rei Asmodeus ficou em silêncio mortal. Então, sua forma começa a tremer com risadas estridentes. Ela preenche o corredor e ecoa no teto alto, e o alívio toma conta de mim.

Não posso saber os desígnios do meu rei, mas tenho certeza de que ele não está zangado comigo.

Quando ele finalmente se acomoda, ele se levanta de seu trono. Ele é mais alto do que eu e não posso deixar de me sentir humilde em sua presença. “Não tema minha ira, Giroth. Eu estava certo em ter escolhido você para esta tarefa.

“Foi uma missão delicada e você superou minhas expectativas.” Ele desce do estrado, sua armadura pesada chacoalhando a cada passo. “Por causa de seus esforços, nossa raça não será exterminada neste planeta alienígena e hostil. Porta-te com orgulho, Mestre do Canil, porque carregas a gratidão do teu Rei e o encargo de uma geração.

Como quero que suas palavras me encham de orgulho.

Eles deviam.

Em vez disso, uma profunda auto-aversão quase me derruba, e fico preso entre a armadilha do dever e a atração do meu coração errante.

CORA

Fou pela primeira vez em dias, acordo sozinha no quarto dele.

Acho que ainda sinto o calor de Giroth na depressão do colchão ao meu lado, mas ele evapora ao entrar em contato com meus dedos. Um grande peso cai sobre mim e eu me enrolo em uma bola apertada na tentativa de preservar nosso calor compartilhado.

Não consigo tirar o cheiro dele do meu nariz.

Depois do nosso encontro inesperado, nada parece igual. Eu agi por desespero, mas havia algo tão *certo* no que fizemos, e não consigo parar de pensar nele. Eu tinha imaginado que sexo com um demônio seria uma coisa terrível, mas parece que, afinal, somos compatíveis. Minha mão cai entre minhas coxas, até a fenda que ainda está aberta depois de tomar tanto dele. Mas até minha protuberância está inchada e impaciente por mais.

Onde ele *está* ?

Jogo meu rosto para o teto, gemendo de frustração.

Não conheço os caminhos dos demônios. Arrisquei tudo para me entregar a ele. Mas ele pode não ver isso da mesma maneira. Talvez tenha sido apenas uma transação para ele e, apesar de tudo que vivemos juntos, ele me entregará ao seu rei quando chegar a hora. Eu não posso culpá-lo.

Ele é um servo de seu mestre, e sei que se eu tentar convencê-lo a não fazer isso, isso só o colocará em apuros. Não quero que ele seja punido por minhas ações, nem se coloque em perigo por minha causa. Só espero ver minha irmã novamente, antes de ser entregue para procriação.

Fecho os olhos com o pensamento.

Os outros demônios não serão tão gentis. Não consigo conter um arrepio. Se eu pudesse escolher... mas não sou do tipo que pode escolher em Ti'lith. Eles me veem como pouco mais que um recipiente para seus descendentes.

Mas não Giroth.

Se a nossa união servir de indicador, ele é uma criatura cautelosa, sempre vigilante. Um espécime singular entre sua espécie. No início, ele colocou uma lâmina em meu pescoço

em um esforço para me dominar, mas agora, a simples lembrança de seu beijo me faz desejar sua língua afiada. Ainda não experimentei o suficiente dele e preciso de mais tempo antes que o dever o chame para me entregar.

É tudo o que posso esperar.

A porta range nas dobradiças.

Por um breve momento, penso que pode ser Giroth, e sento-me, sem pensar na minha nudez. Mas seus servos elfos negros aparecem em vez disso, e eu coloco o cobertor sobre o peito quando eles entram. Com eles, trouxeram um carrinho com várias bandejas carregadas.

“O café da manhã está servido”, diz um deles.

Enquanto eles colocam a mesa na mesa lateral, tenho uma chance melhor de olhar para eles. Eles parecem insípidos aqui, em comparação com seus colegas Protheka, como se toda a cor tivesse sido removida de sua carne noturna. E seus olhos são opacos e não vagam além do apropriado. Quase me sinto mal por eles, mas sei o que seriam se tivessem pleno arbítrio. *Monstros*, eu acho, *eu arriscaria com qualquer demônio em vez dos elfos negros*.

As tampas da bandeja se abrem para revelar uma pasta rica, me deixando com água na boca ao ver. “Obrigado,” eu digo por hábito. “Tem um cheiro maravilhoso.”

Eles se retiram como se soubessem que sua presença me enerva, mantendo a cabeça baixa.

Mas antes que consigam sair, eu os paro com uma palavra. “Espere,” eu digo, minha voz fina e desesperada, mas não tenho o luxo de me importar. “Onde está Giroth?”

“Fora”, eles dizem em uníssono.

Meu olhar cai para os colarinhos em seus pescoços que queimam com a magia do caos. Posso sentir daqui, aquele sutil crepitar de escuridão. “Você sabe quando ele estará de volta?”

O mais alto balança a cabeça. Não sei dizer se são homens ou mulheres devido às suas características normais, e lembro-me do que Giroth disse sobre eles. *Castrado*. Parece que ele estava falando a verdade. Não que eu duvidasse dele.

"Por favor", digo, embora saiba que gentileza é desnecessária. "Você pode me levar até ele?"

Eles se entreolham antes que o mais alto responda. "Fomos instruídos a não abrir a porta para ninguém. Não até que o mestre retorne.

Afundo-me na cabeceira da cama, decepcionada. "Eu não posso ir embora, posso?"

"Não, senhorita", o outro diz se desculpando. "O mestre proibiu."

Uma risada triste me encontra. "Certo. Claro."

"Você gostaria que preparássemos um banho para você depois do café da manhã?"

Odeio o quão bom isso soa, depois de passar tanto tempo desanimado sob os cuidados de Giroth. Mas hesito em dizer 'não' porque preciso desesperadamente disso. "Sim por favor."

Os elfos negros se curvam e saem.

Eles são tão experientes na habilidade de serem invisíveis que quase nem percebo que eles vão embora e volto minha atenção para a propagação tentadora.

A maior parte não é familiar, mas quando provo, não me canso.

Assim como Giroth, percebo, perdendo o apetite de repente e beliscando a carne estranha e as folhas de bronze cozidas e cheias de sabor. Logo, os elfos negros voltam com um roupão e toalhas, me guiando até um banheiro aquecido.

A banheira fica no chão, os ladrilhos de obsidiana escurecem a água quando entro, aproveitando o calor que penetra em minha pele fria. Os elfos negros cobrem meus membros com sabonetes de cheiro estranho e passam os dedos pelo meu cabelo molhado, ensaboando-o antes de enxaguá-lo no banho fumegante. O toque deles é estranhamente reconfortante, nada parecido com os elfos negros de Protheka, então dificilmente posso imaginar que sejam as mesmas criaturas. Eles são tão obedientes quanto qualquer servo, e é quase bom ser mimado pelos mesmos seres que uma vez me escravizaram.

Mas isso nunca me distrai da ausência escancarada de Giroth.

A banheira é enorme e me pergunto como seria tomar banho com ele. Ter suas garras arranhando minha carne e sentir sua forma poderosa me pressionando contra o lábio e – não consigo terminar o pensamento, banindo a vermelhidão em minhas bochechas

com a palma da mão e deslizando sob a superfície da água, longe da escuridão elfos e sua curiosidade silenciosa.

Recuso-me a imaginar um futuro que nunca poderemos ter.

É injusto com meu coração dolorido.

Quando volto, os elfos negros esperam com toalhas nas mãos. Não consigo olhar para eles, embora saiba que não estão julgando minha súbita mudança de humor.

"Deixe-me em paz", murmuro, "eu sei o caminho de volta."

Com aquela pequena reverência obediente deles, eles deixam as toalhas ao seu alcance e desocupam o quarto. Sozinho novamente, suspiro e encosto meu rosto nas telhas de obsidiana, ansiando por Giroth.

Por ordem dele, não posso sair.

O pensamento dói, embora eu saiba que ele quer o melhor para mim. Ele não teria implementado tal regra se não quisesse voltar, certo? Até a menor das dúvidas cresce como uma erva daninha no silêncio, até se infiltrar em todos os outros pensamentos.

Levanto-me abruptamente e me enrolo em uma toalha, sacudindo o cabelo em frustração reprimida. Não sei o que esperava dele. Nada mudou desde que tentei sair da ilha. Minha irmã está perdida para mim, e os outros são escravos do capricho de um rei que exige que sejamos criados como gado.

E Giroth – ele é apenas um peão no jogo.

Ele não tem autoridade para obrigar ninguém a cumprir suas ordens, especialmente um rei dos demônios. Eu sei como ele lutou comigo, e a lembrança traz um sorriso amargo ao meu rosto. Ele desaparece assim que se forma. O que eu seria para ele se pudéssemos *ficar* juntos em um lugar como Ti'lith? Um animal de estimação? Um criador?

Meu coração afunda com a resposta que vem sem esforço: uma escrava.

GIROTH

TA energia do caos do Rei toma conta de mim em sua proximidade. “Quaisquer que sejam suas preocupações, Giroth, deixe-as para trás. Este é um dia para comemorar. Você prestou um grande serviço à sua raça.

Abaixo meu olhar, focando na bainha de suas vestes de feiticeiro. “Você não está preocupado com o humano desaparecido?”

“Eu pedi uma dúzia e você voltou com quase o dobro.” Sua voz é profunda e sonora. Não posso deixar de ser atraída por uma tranquilidade indesejada, como se a voz dele estivesse me fazendo esquecer algo importante. “Meus experimentos podem começar rapidamente e vocês podem retornar aos seus canis quando quiserem.”

“Se me permite”, digo, lutando contra o enjoo de sua segurança.

Ele levanta a mão com garras em minha direção. “Prossiga.”

“Como-” Mordo o lábio, olhando para onde as mulheres foram. “Como você conduzirá seu experimento com os humanos?”

O Rei Asmodeus segue meu olhar e dá de ombros. “Como você cria seu Ur'gin?”

Algo se enrola em minhas entranhas, mesmo quando sou obrigado a falar. Posso sentir a pressão de seu foco, mesmo que não consiga ver seus olhos escuros sob o capuz. “As fêmeas Ur'gin são criaturas cruéis no cio. É necessário que estejam amarrados e amordaçados, para que não matem os machos que desejam procriar com eles. Alguns preferem adicionar raiz vã à comida para que permaneçam dormindo durante o processo.”

Há silêncio.

Penso em Cora em tal situação, com a mandíbula cerrada e o corpo tenso para uma série de demônios que pretendem engravidá-la, e a fúria cresce dentro de mim. Posso ver seus olhos brilhantes e desafiadores, seu espírito nunca vacilando por um momento.

Como estou orgulhoso dela e como desejo ferozmente protegê-la de tal destino.

Eu umedeço as chamas sob minha pele antes que elas se apaguem, embora o Rei me observe com grande interesse. “Isso te incomoda, Giroth?”

“Não cabe a mim questionar meu rei.”

Essa risada vem novamente. “Não”, ele concorda, parecendo quase desapontado. “Não é.” Com isso, ele sobe ao seu trono e se senta, suspirando ao fazê-lo. “Não se preocupe com o humano desaparecido.

“Meu experimento é apenas isso, um experimento. E não há dúvida de que perderemos alguns no processo, e é por isso que pedi tantos quanto pedi.”

Mas você não precisa, eu acho, considerando o quão persistente e doce Cora foi esta manhã. Não precisamos nos forçar a essas mulheres. Eles têm mentes próprias. Mesmo o mais manso deles chegaria a tempo. Estou certo disso. E, no entanto, como posso argumentar contra o rei? Ele está empenhado em seu plano e não há nada que um humilde Mestre do Canil possa fazer para fazê-lo mudar de ideia. “Claro, meu rei.”

“Quanto à questão do humano residir em sua casa”, ele permanece pensativo. “Você pretende procriar com ela?”

A pergunta é um choque, mesmo quando eu já esperava por isso.

Eu coço onde meu chifre encontra meu couro cabeludo. “Bem.” Não é tão fácil assim. Quando nos casamos, isso me pegou de surpresa, embora eu não tenha me oposto. Achei que era algo único para nós dois. Talvez seja assim que os humanos demonstram seu afeto. Se eu tivesse a intenção de procriar com ela, de verdade, uma vez não teria sido suficiente para garantir que minha semente fosse mantida.

Se ela quisesse, então talvez, mas esse é um futuro que não posso imaginar em Ti'lith. Eles esperariam que eu a tratasse como uma criadora e nada mais. Eu não poderia condená-la a um destino tão sombrio. “Isso não passou pela minha cabeça. Tenho outros deveres a cumprir, como os cães e... minha propriedade e...

“Giroth,” o Rei interrompe. “Você planeja criá-la?”

Firmo minha expressão, minha boca formando uma palavra que queima ao sair dos meus lábios. “Não.”

O Rei relaxa um pouco. “É bom ser honesto consigo mesmo”, diz ele com uma risada. “Se você não estiver preparado para a tarefa, muitos estarão ansiosos para ocupar o seu lugar.”

O que eu fiz? Eu penso, fazendo tudo que posso para permanecer neutro.

“Traga-a de volta aqui o mais rápido possível. Você pode pegar a carruagem para acelerar sua viagem. Estou ansioso para conhecer o humano que tem lhe causado tantos problemas ultimamente.” A próxima vez que ele fala, é mais para si mesmo. “Ela tentou pular da ilha, não é?”

Eu balanço nos calcanhares. “Ela fez isso”, respondo, embora todas as funções, exceto as mais básicas, tenham me abandonado. Prometi Cora ao Rei Asmodeus, quando poderia ter tentado reivindicá-la como minha. Eu poderia tê-la protegido. Em vez disso, estou oferecendo-a aos caprichos dos demônios que podem muito bem despedaçá-la membro por membro.

“Diga-me, como ela escapou do bloco de celas?”

“Ela não fez isso, eu...” Hesito, minha mente girando enquanto pressiono pela resposta que ele exige. “Ela estava irritando as outras mulheres. Eu tive que separá-la deles. Demos um passeio e ela fugiu de mim.

“Se eu não a tivesse pegado, ela teria caído para a morte.”

Ele apoia o queixo na mão. “Angustiante”, diz ele com diversão seca. “Pelo menos os outros humanos não são tão rebeldes, ao que parece. Vou me certificar de mantê-la separada deles. Mais uma vez, Giroth, você tem meus agradecimentos neste assunto. Você pode ir.”

Eu me curvo profundamente, incapaz de dizer outra palavra se quisesse.

Me enoja pensar que a condenei a um destino pior que a morte. Conheço a minha própria espécie, e eles a verão como pouco mais que um depósito para sua semente imunda. Seu desafio a machucará e eu não estarei lá para protegê-la.

O que eu fiz? Repito para mim mesmo enquanto invado os corredores em direção à saída. *O que eu fiz?* Uma parte considerável de mim quer voltar correndo para a sala do trono e redigir minha declaração anterior. Apelar ao Rei pela propriedade de Cora.

Propriedade, penso com desgosto. Isso é tudo que posso prometer a ela?

Eles exigiriam que eu colocasse uma coleira em volta do pescoço dela, minando seu espírito de luta. Ela se tornaria recatada e obediente, exatamente o oposto do motivo pelo qual me apaixonei por ela. O pensamento me atinge no estômago com a mesma violência de qualquer golpe. Eu a amo? *Posso* amá-la do jeito que ela merece?

É tarde demais para pensar em tudo isso.

Eu a prometi ao meu Rei, e ele ficará furioso se eu desobedecer agora. Tive a oportunidade de defender meu caso, e essa oportunidade passou. Frisson inflama minha espinha e meu olhar está voltado para frente. O Trolvor pelo qual passo não diz nada, onde antes eles poderiam ter olhado para mim com superioridade. Estou cheio de um propósito temido e me pergunto se eles podem sentir que isso me leva à loucura.

Eu não mostro meus caninos para ninguém e solto minha fúria em um suspiro quente.

Cora não pode me ver assim. Eu tenho que me controlar antes de me tornar selvagem e atacar o próximo demônio que cruzar meu caminho. As ordens do Rei não me permitem demorar.

A carruagem está esperando.

CORA

TO banho fez pouco para aquecer o carço frio em minhas entranhas.

Eu me visto lentamente com roupas dispostas pelos elfos negros. Eles são quase do meu tamanho e neutros em seu corte. Não passa um único momento em que eu não me pergunte quando Giroth estará de volta. *Se ele voltar.*

Pressiono a túnica na frente e arraso as mangas justas.

A gola alta corta meu pescoço e para baixo, revelando apenas a cavidade da minha clavícula enquanto me olho no espelho esfumado. *O que Giroth pensará? Eu me pergunto, incapaz de banir a linha dura da minha boca. Ele vai se importar?*

Minhas mãos passam pela cavidade do meu estômago dolorido e meus pensamentos voltam para nosso par febril novamente. Não sei por que isso provoca tamanha tristeza repentina em mim. Mas isso permanece comigo enquanto exploro o resto de sua casa, em grande parte ininterrupto.

Seus escravos elfos negros certamente sabem como se tornarem escassos.

Ainda assim, espero encontrá-los em cada esquina. Há alguns quartos fechados para mim e outros que estão completamente vazios, como se ele simplesmente não tivesse coisas suficientes para mobiliá-los. Onde quer que eu vá, porém, lembro-me dele.

Finalmente, encontro a porta da frente.

É pesado e reforçado, mas não poderia estar enganado. Embora eu saiba melhor, mexo a alça ornamentada para encontrá-la selada rapidamente. Não há fechadura ou buraco de fechadura, mas a magia do caos a segura, provocando um aviso em meus dedos até que eu a solte.

Enquanto tento esfregar a sensação de volta em meus dedos, algo muda na porta. Dou um passo para trás enquanto ela se abre nas dobradiças e Giroth fica parado na porta, o rosto uma máscara de descontentamento. Seu olhar pousa em mim com apenas uma surpresa silenciosa, mesmo quando o alívio corre através de mim.

"Você voltou. Finalmente."

Ele não me responde, e aquele nó frio em meu estômago fica mais pesado.

Sem uma palavra de saudação, ele se afasta, subindo as escadas altas até o quarto, onde nos hospedamos no calor da intimidade. Agora ele está frígido.

Eu sigo. "O que há de errado, Giroth?"

Nenhuma resposta.

Eu esperava um?

Sim, penso, estendendo a mão para ele e acariciando seu braço poderoso. Mal escovo sua pele antes que ele se afaste, como se meu toque o queimasse.

O movimento repentino me faz vacilar. "Giroth?"

Ele vai recolhendo meus escassos pertences, embrulhando-os em uma lona e amarrando-os firmemente com garras ágeis. Ainda assim, seus lábios estão franzidos e ele se recusa a olhar em minha direção.

Atrevo-me a me aproximar novamente, desejando a segurança de seu abraço, mesmo quando ele está isolado de mim. Meu coração ameaça me arrastar para o piso de ébano, e me pergunto novamente se nossa união não significou nada para ele. "Por favor fale comigo."

Algo marca em sua expressão. "Fora do meu caminho."

Ele passa por mim como uma tempestade.

"Isso não é—" eu começo, minha mente girando com as possibilidades. "Você está bravo comigo? Eu fiz algo errado?"

Com isso, seus ombros ficam tensos. "Você simplesmente não sabe quando calar a boca, não é?"

Suas palavras afiadas transformam minha língua em chumbo e minha cabeça fica estranhamente tonta. "Este não é *você*, Giroth," eu digo alegremente. "O que aconteceu?"

Com isso, ele gira sobre os calcanhares para me encarar com uma fúria incandescente. "Suficiente! Você será mandado de volta com as outras mulheres e ponto *final*. Não ouvirei mais protestos de sua parte, ou eu mesmo expulsarei você da ilha.

Meu sangue gela nas veias com sua fúria, mas há algo por trás disso. *Pesar*? Isso não combina com seu comportamento duro, mas prospera no fio da navalha de sua voz. De repente, entendo tudo. Ele recebeu ordens de me devolver e não pode desafiar seu rei. Assim como eu temia que ele não conseguisse.

Acho que ele espera que eu me esconda diante de sua explosão.

Cair de joelhos e implorar para ele me deixar ficar. Mas não lhe darei a satisfação da minha humilhação. Nem rejeitarei o seu rei se isso significar que Giroth será punido. Ele não tem escolha no assunto. Eu tenho que saber disso.

“Ok,” eu digo facilmente, pegando o pacote dele. “Quando partimos?”

Ele pisca duas vezes. “Você não vai brigar comigo sobre isso?”

“Qual é o objetivo?” Encolho os ombros, oferecendo um sorriso misericordioso. “Está feito.”

É a vez dele ficar de pé, rígido, enquanto me preparo para sair. Não vou derramar lágrimas pelo meu destino. Já aceitei isso e, se ele não lutar por mim, não tenho motivo para ficar. Mesmo mantendo uma expressão agradável, meu coração se parte com um estalo sucinto tão alto que fico surpresa que ele não ouça.

O olhar de Giroth está em mim, surpreso com minha fácil aceitação. “A carruagem está esperando.”

“Bom,” eu digo. “Isso é bom.”

Quando meu cabelo loiro é penteado para trás e minhas coisas estão todas arrumadas, volto para o lado dele, mesmo enquanto ele me observa como se eu fosse uma criatura selvagem de novo, sem saber o que farei.

“Estou pronto.”

Sua boca se abre como se quisesse dizer alguma coisa, então seu queixo se fecha novamente e ele olha em direção à porta. “Vir.”

Eu inclino minha cabeça enquanto sigo atrás dele, passando pelos servos elfos negros, sempre mudos. Não sei o que o rei de Giroth disse a ele para torná-lo tão complacente, mas pelo menos estarei lá para ajudar as outras mulheres que estão certamente assustadas com quaisquer maquinações sujas que planejaram para nós. Giroth não precisa de mim. Eles fazem.

E, se ele foi tão gentil, talvez não esteja fora de cogitação que os outros demônios também o sejam. Espero, para o bem de todos nós, que eu esteja certo.

Ele segura a porta aberta para mim e me deixa sair para a rua.

Esta parte de Ti'lith é esparsa, na extremidade da ilha. Não tive muita chance de explorá-lo quando cheguei porque estava desanimado, envolto em seus braços. Acho que talvez eu pudesse voltar sozinho a essa memória e ser consolado por ele. Mas a realidade se abate sobre mim, e sua disposição gélida é avassaladora.

Então, quando ele me guia com a mão nas costas, não consigo evitar e me afasto dele. Acho que percebo uma expressão magoada em seu rosto, mas ele disfarça com impaciência. "Você sempre foi um problema", ele murmura, embora haja algo afetuoso em seu tom. Desaparece quando ele fala novamente. "Entrem."

Não o agracio com uma resposta, subo na carruagem e deslizo para dentro com um pacote singular no meu colo. Ele entra na minha frente e olha pela janela velada enquanto as rodas começam a girar.

Pelo canto do olho, percebo que sua mandíbula está se mexendo furiosamente e suas sobrancelhas estão unidas com tanta força que formam quase uma única linha. Eu riria se não fosse um caso tão miserável, minando qualquer alegria de mim.

Cruzo as mãos sobre o pacote. "Obrigado," murmuro.

Isso parece tirá-lo de pensamentos profundos, e ele finalmente olha para mim com seriedade, aquela expressão vulnerável espontaneamente. "Com licença?" ele pergunta, seu tom o mais afiado que consegue.

"Obrigado", repito um pouco mais alto. "Para tudo."

Espero que ele responda ou me silencie com outro olhar pesado. Em vez disso, ele simplesmente me encara, perplexo além das palavras.

GIROTH

EU odeio como ela se senta ao meu lado, tão calma e controlada. É uma ofensa à sua natureza rebelde, mas aqui está ela, sorrindo facilmente para mim. *Agradecendo* -me. E para quê? O que eu fiz senão condená-la a um destino pior que a morte?

Como posso explicar-lhe que sou apenas a extensão da vontade do meu Rei? Não tenho mais arbítrio do que um dedo na mão à qual ele está preso. Talvez, se eu tivesse pedido um tempo para refletir sobre sua pergunta, talvez pudesse ter inventado uma desculpa melhor para ficar com Cora por mais algum tempo. Mas ele exigiu uma resposta, e isso me atormentou desde o momento em que a pronunciei.

O que posso dizer a ela, que passou a confiar tão completamente em mim?

Há mais no silêncio do que o peso de sua aceitação. Está em suas mãos, bem dobradas sobre seus poucos pertences. Aquelas mãos que não me alcançam mais para encontrar conforto. Como ela está resolvida! Mas devo esperar menos? Foi a determinação dela que me intrigou e me levou a persegui-la em primeiro lugar.

Seus olhos estão claros quando ela olha através da cortina e sua expressão é algo decidido. Isso não muda quando a carruagem diminui a velocidade em frente à propriedade real e quando a porta é aberta por um guarda Trolvor.

Ela abraça o pacote e sai primeiro.

Apresso-me para ficar ao lado dela, caso o rei decida arrastá-la na entrada. Eu não suportaria nosso último momento juntos vendo ela sendo arrastada. Eu não conseguia suportar a ideia de ela olhar para mim com um olhar acusatório como os outros, culpando-me pelo governo do meu rei. E, embora ela pareça não precisar de escolta, eu a mantenho na minha sombra enquanto caminhamos pelo grande salão que foi totalmente aberto para nós.

Para ela.

Cora é tão pequena comparada ao mundo que nos rodeia, que me odeio por tirá-la do continente terrestre. Quando ela fugiu, eu deveria ter deixado. A cada passo, minha auto-aversão aumenta até chegarmos à sala do trono.

É um suspiro silencioso de Cora que me faz focar no momento presente, e sigo seu olhar até o trono. Não foi o rei Asmodeus que roubou sua atenção, mas uma mulher que está sentada no colo do rei, seminua e sorrindo para nós.

Seus olhos são do mesmo azul cristalino dos de Cora, e seus longos cabelos são um tom mais escuro que dourado. Já estou começando a esperar o que está acontecendo quando Cora verifica isso com um sussurro quente e trêmulo. “*Laura.*”

Laura emite um aceno provocador e depois volta a esfregar o peito do rei sob a pesada cota de malha. “Oi Mana.”

Cora começa a tremer.

Meu olhar voa para o Rei, cuja atenção está inteiramente voltada para mim. “Giroth”, ele anuncia, tolerando as apalpadelas da mulher. “Achei que você pudesse ter se perdido no caminho de volta.”

Estou tão surpreso com a cena diante de nós que esqueci de fazer uma reverência. Faço isso com pressa, meu olhar nunca deixando o par. “Eu não teria ficado preocupado”, minto descaradamente, “se soubesse que foi *você*, meu rei, quem levou a mulher desaparecida.”

Um sorriso irônico toma conta de Laura, e ela olha para o rei, acariciando o que deve ser sua bochecha sob a escuridão do capuz. Novamente, ele parece tolerar o toque dela. Ele poderia ter qualquer Matrona em Ti'lith e ainda assim se aplacou com uma humana? Deve ser algum tipo de truque que ainda não descobri. É por isso que não sou adequado para a vida na corte.

Cora se move para se aproximar. Eu passo um braço em volta dela e a seguro firmemente contra mim, mesmo quando ela deixa escapar. “*Por que*, Laura?”

Laura inclina a cabeça, o cabelo caindo sobre um ombro e o olhar brilhando de alegria. “Você ainda tem que perguntar?”

Cora se esforça contra mim e olho para meu rei. Ele parece totalmente entediado com o reencontro e se mexe na cadeira antes de falar, sua mão traçando a bunda nua de Laura. “Peço desculpas pela confusão, Giroth”, diz ele em uma rara demonstração de humildade. “Este humano agiu como meus olhos e ouvidos antes do nosso cerco. Eu precisava ter certeza de que era um acordo viável. E ela ficou muito feliz em ajudar.

Meu queixo fica tenso enquanto luto para segurar Cora, cujas emoções estão começando a transbordar. Posso sentir a fúria apertando seus membros como um Ur'gin pronto para atacar. “Como você *ousa* ?” ela cospe para a irmã. “ *Você* fez isso conosco.”

O Rei olha para mim como se eu devesse controlá-la.

Ele não sabe quão espirituosa ela é, se espera que a razão acalme sua raiva.

Laura, sem tirar os olhos de Cora, sussurra algo no ouvido do rei e ele acena com a cabeça. Aquele sorriso volta a iluminar seu rosto e ela desliza do colo dele e se aproxima. “Você não entende”, diz ela em um tom que pretende tranquilizar. “Os elfos negros queriam nos matar até a morte. O Rei Asmodeus nos prometeu uma vida melhor aqui. Seremos queridos em Ti'lith. Seremos as mães de uma raça poderosa que pode provocar a destruição dos elfos negros.”

Cora treme contra mim, mas não há um pinga de medo nela. Eu teria sentido o cheiro em sua pele. Tudo isso é raiva, e temo que, se eu a libertar, ela estrangule a irmã. “E quanto a Bete? E Matt? Eles poderiam ter *morrido* durante o cerco!

“E você estava disposto a arriscar para outro mestre insidioso adorar? As outras mulheres não tiveram escolha. EU, sua *irmã* não teve escolha, porque você tirou isso de nós!

Uma expressão de desgosto surge nas feições finas de Laura, tão parecidas com as de Cora. “Eu fiz isso por *nós* . Eu fiz isso para que pudéssemos construir um futuro melhor para nós mesmos, onde poderíamos viver por uma causa maior do que para que nossos cadáveres servissem de argamassa para as malditas cidades dos elfos negros. Os demônios são fracos sem exércitos. Eles precisam de nós”, diz ela com um tom de finalidade, “e nós precisamos deles”.

Meu olhar se desvia para o rei, que se desloca novamente em seu trono.

Há algo intenso na energia do caos que se desenvolve ao seu redor. Uma força que significa que ele está cada vez mais impaciente com estes procedimentos. Embora eu esteja surpreso com tudo o que aconteceu, tenho que distrair Cora de matar sua irmã antes que o Rei tome o assunto com as próprias mãos.

E, simultaneamente, tenho que corrigir o meu grave erro.

Mesmo quando ela tenta se desvencilhar de mim para chegar até Laura, pego Cora pela nuca e a mantenho claramente à vista do rei. Ela enrijece sob meu aperto enquanto eu rosno minhas próximas palavras. “Pelo preço de executar sua vontade, meu Rei, exijo os direitos deste humano. Ela é *minha* e ninguém mais tem permissão para *tocá* -la, sob ameaça de morte.”

Isso distrai suficientemente todas as partes do pequeno discurso vitorioso de Laura. A atenção do Rei cai sobre mim novamente, exatamente como eu esperava.

Mas não dou tempo para ele falar quando pego Cora em meus braços e nossos lábios se unem. A princípio, ela fica chocada com a exibição, mas rapidamente cede ao meu beijo insistente. Seguro seu lábio inferior com os dentes, fingindo ser mais violento do que sou, até que um gemido agudo escapa dela. Eu arrasto seu corpo até o meu, cravando minhas garras na carne macia de sua bunda. Ela se contorce contra mim, ofegante enquanto nossas línguas dançam febrilmente.

E eu juro, no calor do nosso carinho, sinto o gosto das lágrimas dela no ar.

CORA

He me quer?

Sua língua escura pesa em minha boca, me reivindicando com fervor ardente. Não posso evitar as lágrimas que brotam livremente dos meus olhos enquanto sorrio em seu beijo. Os olhos claros de Giroth estão fechados e sua testa franzida, mas tudo em suas carícias pesadas me diz que ele está desesperado para provar isso para nosso público de dois.

Ignoro o suspiro de surpresa de Laura, contente em estrangulá-la mais tarde. *Ele me quer!*

Algo em seu ritmo muda e seus olhos se abrem para me reverenciar. Então, muito cedo, eles se aproximam do rei. Ele me segura contra si enquanto espera por uma resposta.

O rei parece divertido, embora seja impossível ver suas feições. “Você se saiu bem, Giroth, e aceito seus termos com uma condição.”

Giroth fica tenso ao meu redor.

“Esses humanos foram reunidos com um propósito. Esse não é diferente. Se não for feita uma tentativa de procriar com ela, então ela será chamada de volta e terá melhor uso. Laura abre a boca para falar, mas o rei a silencia com a mão. “Você entende?”

Giroth emite um aceno sucinto. “Eu entendo, meu rei.”

Meu coração dispara e descanso minha cabeça em seu peito, sentindo seu cheiro. Eu sei que estarei segura com ele, não importa o que aconteça.

Suas garras perseguem minhas costas antes que ele faça uma reverência. “Se isso é tudo...”

“Você pode ir embora”, diz o rei, levantando-se de seu trono. “Lembre-se, espero resultados.”

Giroth não diz mais nada, me acompanhando pelos corredores com certa urgência. É como se ele não aguentasse nem mais um minuto neste lugar, e eu não o culpo. Não sei o que vai acontecer com Laura, mas ela, mais do que ninguém, merece o que está acontecendo com ela.

Fecho os olhos e empurro o pensamento para baixo.

“Giroth?”

Ele não diz nada enquanto me guia até a carruagem e fica em silêncio até chegarmos em sua casa. Mas seu olhar permanece fixo em mim, como se ele não pudesse se dar ao luxo de desviar o olhar. Gentilmente, ele me leva para dentro e, assim que a porta se fecha, ele cai de joelhos na minha frente, me beijando com força.

Não consigo dizer uma palavra, o frisson subindo pelos meus braços onde suas garras roçam. Ele passa um braço em volta de mim e me arrasta contra ele, pegando o tecido da minha camisa e rasgando-a em tiras.

Finalmente consigo me desvencilhar. “Giroth, espere.”

“Não”, ele diz, sua boca quente percorrendo meu pescoço e por cima do ombro. “Você ouviu o que o rei disse.”

Passo as mãos pelos seus cabelos escuros. “Isso não significa que não podemos aproveitar.”

Seu olhar encontra o meu, aberto e vulnerável.

Meus lábios encontram sua testa. Ele parece atordoado quando eu me afasto e sorrio para ele. “Eu sei que estou seguro com você, Giroth, aconteça o que acontecer.”

Nossos lábios se chocam novamente e, desta vez, não me retiro.

Ele me levanta em seus braços e eu envolvo minhas pernas firmemente em volta de sua cintura, nosso beijo nunca se interrompe enquanto mal conseguimos atravessar o corredor até uma mesa decorativa. Com um braço, ele arranca um vaso e o joga no chão, me colocando no chão enquanto puxo suas calças. Ele salta, já com força contra meu estômago.

Minha próxima respiração sente minha falta quando ele desliza dois dedos entre minhas coxas, encontrando-me molhada. Um estrondo baixo começa em seu peito enquanto ele alimenta um fogo em meu âmago. Eu me contorço contra seus dedos cuidadosos e beijo a parte inferior de sua mandíbula.

Quando ele se retira, ele abaixa minhas calças. “Você tem certeza?”

“Nunca tive tanta certeza de nada-”

De repente, ele entra em mim, fazendo meu corpo se revoltar ao seu redor. Um suspiro fica preso na minha garganta, e tudo que posso fazer é segurar minha vida enquanto ele

me empurra contra a parede. Seus movimentos são suaves e controlados, mas desesperados. Eu surfo nas ondas de sua paixão, querendo gritar quando nossos quadris se unem. Ele é tão duro e pesado, mas apesar das nossas diferenças, isso parece *certo*.

Eu pego seus chifres enquanto ele fica comigo espetado em seu pau.

Ele é mais do que forte o suficiente para nós dois, e posso sentir sua pele corar em preparação para o pico final. E de repente, ele goza com força, fazendo meu corpo tremer com a pressão de sua semente dentro de mim. Eu me pressiono contra Giroth para recuperar o fôlego, suspensa por ele, sozinha.

Mas ele está longe de terminar comigo.

Ele nos leva até a sala de jantar e me deita de volta na mesa, tirando meu cabelo rebelde dos olhos. Ele recaptura minha boca, algo doce para aliviar a dor deliciosa. Nossa respiração se mistura enquanto ele se retira. "Isso não é como antes", ele avisa em um sussurro.

Abro sua camisa para explorar com intenção febril. "Por mim tudo bem."

Eu juro que ele sorri antes de se abaixar para pegar um dos meus mamilos duros entre seus dentes afiados, suas estocadas sendo suaves, como se ele estivesse esperando a próxima onda. Meu corpo se contrai com a sensação e jogo a cabeça para trás com um suspiro reverente.

Ele não parece se importar com o fato de estarmos fazendo uma bagunça em sua bela mesa, apenas focado em mim. E quando ele fica totalmente duro de novo, minha respiração acelera. Ele desliza com intenção, nossos fluidos compartilhados facilitando sua passagem.

Um gemido quente me escapa quando ele me prende na mesa.

Eu chuto minhas pernas em torno dele, aceitando-o completamente de uma forma impossível. Ele é tão grande, e meu corpo se esforça contra o peso dele, mas de alguma forma, conseguimos. Suas garras cravam em meu traseiro, me arrastando para encontrá-lo, e abafa um grito. Algo duro brilha em seus olhos, e ele arrasta meus braços por cima da minha cabeça, mostrando os dentes para mim. "Eu quero ouvir você gritar por mim."

“Não se contenha.”

Chego a um nível febril e um grito verdadeiro me escapa. As lágrimas estão vindo novamente, mas não consigo contê-las enquanto seu ritmo aumenta para algo furioso. Eu juro, ele pretende me quebrar em sua busca para me criar, mas há algo de remorso em sua expressão quando ele goza de novo, mais forte do que nunca. Meu corpo se curva contra a tensão.

Não aguento mais, mas ele ainda vem.

O que posso fazer senão aceitar isso?

Quando ele finalmente termina, ele se apoia nos cotovelos em volta de mim, beijando todo o meu rosto, como se estivesse arrependido de alguma coisa. Mas ele tirou toda a minha preocupação, e estou confusa com sua expressão sombria. Alcanço seu rosto e traço a linha dura de sua maçã do rosto. "O que está errado?"

“Você já está cansado”, ele murmura.

Eu sorrio para ele. “Claro, estou cansado. Acabamos de fazer isso duas vezes.

Ele captura minha mão e beija minha palma. “Nós apenas começamos, Cora”, vem seu aviso gentil, tirando-me do meu êxtase. “Temos uma longa noite pela frente.”

Giroth me pega novamente, seu pau ainda enterrado profundamente dentro de mim.

Minha bochecha descansa em seu ombro largo enquanto ele sobe os degraus de dois em dois até estarmos de volta em seu quarto. Seus dedos traçam minha espinha e eu finalmente começo a perceber no que me meti. "A noite toda?"

“Mhm,” vem sua resposta enquanto ele cai comigo no colchão. "A noite toda."

Preso assim a ele, não me importo muito com o pensamento. Mas penso nas outras mulheres e em Laura, que escolheu elas, aconchegando-se mais contra ele enquanto ele acaricia minhas costas. “Acho que estou bem com isso.”

Um estrondo de satisfação se espalha por ele e ele beija minha coroa. “Eu prometo”, ele sussurra em meu ouvido. “Vou valorizar cada centímetro seu antes do amanhecer. E todos os dias pelo resto de nossas vidas.”

O resto de nossas vidas , penso, deleitando-me em seu abraço. Eu gosto do som disso.

GIROTH

EUnão consigo contar as vezes que fizemos amor.

Apesar dos meus maiores medos, ela sobreviveu ao nosso vigoroso emparelhamento e descansa languidamente em meus braços ao amanhecer. Por mais cansada que esteja, ela não adormece, traçando pequenos círculos sobre a carne do meu peito.

Acho que não conseguiria me levantar mesmo se quisesse, depois do esforço que fiz com ela. É uma sensação estranha ficar vulnerável por algo tão carnal e natural. Mas tudo em Cora me deixa vulnerável, e não odeio isso totalmente.

Eu absorvo o cheiro dela que permanece junto com o meu.

“Giroth?” ela pergunta, olhos azuis cansados procurando meu rosto.

“Sim?”

Sua carranca se aprofunda. “O que acontecerá com os outros?”

A pergunta me deixa desprevenido e desvio o olhar com medo de revelar minha própria apreensão. Lembro-me sucintamente da conversa que o Rei Asmodeus e eu tivemos sobre o método Ur'gin de reprodução, e detesto responder.

Ela continua em um sussurro. “Só quero saber se eles serão cuidados, assim como você cuidou de mim.”

“Não acho que seja tão simples”, admito.

“Eu sei”, ela diz por sua vez, traçando seus círculos novamente. “Só quero torcer para que as coisas não sejam tão ruins quanto imagino que serão. Já é terrível o suficiente que tenha sido minha própria irmã quem nos traiu. Você sabe, eu a salvei quando éramos jovens. Ela era apenas uma criança e os elfos negros mataram nossos pais na nossa frente.

“Eles iam nos matar também, mas o comandante deles ordenou que nos levassem. Ele disse que, para um humano, eu era durão e que talvez, quando crescêssemos, seríamos úteis para eles. Ela solta um pouco de ar antes de continuar, e posso sentir a dor em sua voz. “Eu nunca soube que me arrependeria de tê-la salvado.”

“Isso não é culpa sua”, asseguro a ela. “Na verdade, é meu.”

“Você estava apenas fazendo o que lhe foi dito”, diz ela, incapaz de me olhar nos olhos. “E depois de ver o seu 'Rei', eu entendi. Ele é assustador.”

Eu mordo meu lábio. “Ele é mais velho que a ilha de Galmoleth. Alguns dizem que ele suspendeu sua vida através da magia do caos, mas não há provas dessa afirmação.” Olho para ela novamente, sabendo que nada que eu possa dizer mudará o destino de seus amigos. “Sinto muito por tudo o que aconteceu. Por tudo que vai acontecer. Eles não merecem isso.”

Ela não diz nada por um tempo, e até sua mão fica imóvel. “É ruim, não é?”

Eu só posso acenar com a cabeça.

“Você sabia? Antes...”

“Antes de aceitar a tarefa?” Eu olho para ela com curiosidade. Sua afirmativa é um 'sim' verbalizado, e eu acaricio suas costas como se para tranquilizá-la. Como se eu *pudesse* tranquilizá-la. “Eu nunca tinha visto um humano antes daquele dia. Para ser sincero, não pensei que a sua espécie fosse mais do que criar gado. Eu não sabia. Se o fizesse, talvez tivesse contrariado a ordem do meu rei, mas outra pessoa teria assumido a tarefa sem hesitação.

“Estou feliz que tenha sido eu, se tivesse que ser alguém. Porque eu tenho você.”

Seus olhos brilhantes finalmente encontram os meus, e ela dá um sorriso indiferente.

“Estou feliz que tenha sido você também.” Mas ela ainda está perturbada e não posso culpá-la. “Só estou preocupado com os outros e com aqueles que deixamos para trás. Não é um mundo fácil lá embaixo.”

“Não, não é,” eu digo, arrastando-a para mais perto. “Você é tão corajosa, Cora.”

“Não mais do que a próxima pessoa que sobreviver a Protheka.”

Eu não posso deixar de sorrir. “Você pertence a uma casta própria. Quando você permaneceu destemidamente para proteger aqueles com quem você se importava, eu estava apenas começando a ver o fogo dentro de você. Mas você não tem igual. Nem mesmo perto.”

Ela aceita meu abraço humildemente. “É gentil da sua parte dizer isso.”

“Estou falando sério”, digo em um grunhido. “Ou você não teria me intrigado.”

Posso sentir suas emoções turbulentas e espero que nenhuma delas esteja arrependida. Desde o momento em que coloquei os olhos nela, ela nunca esteve longe dos meus pensamentos. Seus lábios macios pressionam minha clavícula. “Não é a vida que imaginei para nós, mas quero aproveitar ao máximo.

“Eu quero ver os outros.”

Meu coração afunda com sua declaração. “Não sei se o rei nos permitirá. Ele tem a crença errônea de que você irá irritá-los.

Seu olhar não é convincente. “E quem lhe deu essa impressão?”

Esta mulher, penso, odiando a forma como ela vê através de mim, embora me agrade saber que pouca coisa vai passar despercebida por ela. Isso lhe fará bem em Ti'lith. “Eu fiz, antes que eu soubesse melhor.”

O olhar de Cora suaviza. “Você realmente acha que eu dou tanto trabalho?”

“Eu acho que você é a quantidade certa de problemas.” Eu beijo sua testa. “E eu não aceitaria você de outra maneira.”

Ela relaxa contra mim e suspira. “Bom saber.”

Olho para o teto enquanto ficamos deitados juntos no silêncio. Nossas preocupações permanecem no ar, nunca longe de nós. Posso sentir o dela, ameaçando derramar. Ela quer proteger seus amigos e eu entendo o porquê. Se eles forem parecidos com ela, porém, eles ficarão bem.

Preciso saber disso, ou serei responsável pela morte deles.

As palavras do Rei ecoam em minha mente. Ele imaginou que alguns morreriam pelo bem da nossa raça, e me pergunto se o sacrifício valerá a pena. Será que Cora ainda se importaria comigo se soubesse tudo o que eu faço? Ela me odiaria?

Um dia, contarei tudo a ela.

Juro para mim mesmo, sabendo que qualquer aliança que forjamos provavelmente será quebrada sem possibilidade de reparo. Vou perder sua confiança e carinho, e ela se isolará de mim. Ela também odiará a criança que criamos? Não consigo imaginar que ela faria isso, mesmo que ela me desprezasse. Ela é tão teimosa quanto um Ur'gin e tão destemida quanto um Gilak.

Meu pequeno humano.

"Giroth", ela murmura novamente, o sono se arrastando nos limites de sua constituição. "Sim?" Pergunto novamente, passando minhas garras por seus cabelos dourados. "O que foi, Cora?"

"Eu quero vê-los novamente." Abro a boca para lembrá-la de que é impossível quando ela coloca um dedo nos meus lábios. "Eu sei que você pode providenciar isso. Por favor," ela pede com alguma ênfase. "Isso é tudo que peço, por tudo que já te dei."

Ela me surpreende com sua insistência silenciosa, e não posso deixar de concordar. "Eu farei o meu melhor."

Outro sorriso enfeita seu rosto, este real e caloroso. "Obrigada", ela diz com um suspiro, relaxando contra mim mais uma vez.

Olho para ela, me perguntando como ela conseguiu domar uma criatura como eu. Eu faria qualquer coisa por essa mulher, até mesmo desafiaria meu Rei, e esse pensamento me assusta. "Mas você deveria estar mais preocupada consigo mesma," eu digo, passando a mão sobre sua barriga macia.

Seus dedos entrelaçam os meus. "Não tenho medo de nada que venha de você, Giroth", diz ela enquanto se levanta para me beijar. É uma coisa suave e recatada que termina cedo demais. Seus olhos encontram os meus. "Eu acho que estou apaixonado por você."

A confissão de Cora derrete meu exterior duro e capturo sua boca com sinceridade, mostrando-lhe a profundidade de meu afeto. Quando finalmente me afasto, seus lábios estão tão vermelhos que não me canso. "Eu também te amo." *Mais do que você jamais saberá.*

Ela passa uma perna no meu colo e monta em mim. "Mostre-me."

"De novo?" — pergunto com muita cautela. "Mas você não está cansado?"

"Mais uma vez", ela sussurra em meu ouvido, fazendo-o se contorcer de alegria, "para garantir."

Um grunhido cresce em minha garganta quando eu a viro de costas, com a intenção de deleitar-me com sua ansiosa aquiescência. "Como posso dizer não?"

O fim

Mas espere! Para ler o que aconteceu com as crianças ou para ver Cora e Giroth em suas novas vidas, inscreva-se no meu boletim informativo em: [https:// www. página de assinatura. com/ celesteking](https://www.página.deassinatura.com/celesteking)

LIVRO 2: AMAR O DEMÔNIO

Como uma mulher humana em Prothea, eu sabia que sempre seria propriedade de alguém.

Mas os demônios me ensinaram que eu poderia ser ainda menos.

Os demônios de Ti'ilth que me possuem fazem meus antigos mestres elfos negros parecerem gentis.

Para os demônios, sou um objeto. Não deve ser comprado ou vendido, mas vale menos que isso.

Eu sou doado gratuitamente. E o príncipe Rej'thorek me leva avidamente.

Ele quase me quebra desde o começo.

Mas apenas da melhor maneira.

Ele me leva ao limite até que eu imploro para que ele me destrua.

Eu me torno o centro de seu foco, e isso traz uma ira infeliz sobre mim.

Mas ele é da realeza. E ninguém fará mal ao que é dele.

E é isso que eu sou.

Sua propriedade. Sua mulher. Seu amor.

Dele.

LAURA

AO guarda me joga em outra cela e eu caio com um tapa molhado na pedra.

Algemas estão apertadas em volta dos meus pulsos e tornozelos, prendendo-me ao chão por uma corrente. Depois do que fizeram comigo, mal consigo me mover, cada centímetro do meu corpo queimando de agonia. Eu não poderia lutar contra eles se quisesse, não que pudesse. Vozes demoníacas passam por mim, a maioria de suas palavras não me incomoda em compreender.

Eu me enrolo como uma bola quando a porta da cela se fecha.

“... é uma pena”, diz um dos meus captores. “Esperemos que os outros sejam viáveis.”

Talvez eles pensem que eu desmaiei. Não consigo manter os olhos abertos, mas eles ficam do lado de fora da minha cela como se suas vozes não alcançassem ouvidos indesejados. E talvez eles não consigam, aqui embaixo. O feiticeiro demônio que quase arrancou minha alma fala em seguida, sua voz profunda e áspera. “O rei não ficará satisfeito. Posso confiar em você para informá-lo?”

O primeiro muda de pé.

O rei .

Ele é impossível de esquecer. Conversamos muito antes de eu vê-lo e, quando o fiz, fiquei surpreso. No entanto, ele sempre teve uma voz suave, que me deixou à vontade quando me prometeu Protheka e a aniquilação dos elfos negros.

Mas Cora estava certa sobre tudo.

“Sim, claro”, o primeiro finalmente diz, o som forte de uma lança contra a pedra, sua reverberação me fazendo estremecer. “Eu tenho que me perguntar o que ele quer que façamos com este, no entanto. É muito esforço mantê-los. E não espero que sejam bons animais de estimação.”

“Ela será eliminada de alguma forma.” É uma observação casual, que atinge com força. Lágrimas brotam dos meus olhos enquanto o feiticeiro continua. “Não é sua função se preocupar com ela. Não mais.”

Não como há quase um dia e fico aliviado quando começo a me sentir mal com o estômago vazio. Soluços quebrados me escapam enquanto meu corpo se ilumina de agonia novamente.

O feiticeiro disse que não faria mal.

Como ele estava errado.

Quando meus dedos se apertam, todos os tendões e fios doem, como se eu tivesse trabalhado nas minas por dias sem descanso. Fecho as mãos para abafar o choro, o movimento gera mais dor do que mereço, apesar de tudo que fiz.

Um gotejamento constante em algum canto distante da masmorra marca o tempo para mim enquanto a conversa continua. "E os outros?"

"Eu irei até eles." O feiticeiro parece irritado, mas é impossível perceber as emoções dos demônios. Eles são temperamentais e rápidos em atacar nos melhores momentos. "O rei gastou muitos recursos para adquiri-los. Seria uma pena se todos fossem estéreis."

O guarda dá uma risadinha. "Mais diversão para nós."

"Hm", diz o feiticeiro por sua vez. "Para você, talvez. Se você gosta desse tipo de coisa. Expressei minha oposição ao rei, mas você sabe como ele fica quando olha para alguma coisa. Ele não quis ouvir e mandou o garoto do canil para lá, de qualquer maneira.

"Era muito perigoso. Cinco soz'garoth poderiam ter feito o mesmo na metade do tempo. E não teríamos arriscado ser pegos pelos habitantes."

Os guardas zombam, suas sombras cortando a pedra irregular enquanto eles passam em direção à saída. "Você teria deixado uma cratera no continente grande o suficiente para alertar todos os seus exércitos sobre a nossa presença aqui. Eu vi sua magia em ação, mágico."

"Como você está errado, Trolvor." Uma pesada porta de madeira se abre com um rangido. "Da próxima vez que pisarmos em Protheke, faremos dela nossa, assim como o Rei exige."

"Até então", o guarda responde, sua voz ecoando pelo longo corredor. "Teremos que satisfazer nosso tédio com o esporte na arena. Não acho que isso vá durar muito contra um Gilak."

O feiticeiro ri. "Provavelmente não."

Eles continuam a conversa, mas não consigo mais entender suas palavras quando a porta se fecha atrás deles. Eu me apoio nos cotovelos, tentando analisar as coisas na penumbra. Eles nem se preocuparam em deixar uma tocha para eu ver. Eu não sou nada para eles.

Menos que nada.

Acho que ouço soluços à distância. O som de mulheres chorando e chorando, embora pudesse ser apenas minha consciência pesada. *Eu fiz isso conosco*, digo a mim mesmo, deixando cair a testa no chão úmido de pedra. Se eu não tivesse acreditado em suas lindas mentiras, estaríamos de volta a Protheka, sob o domínio dos elfos negros. Pelo menos então eu saberia que Matt e Beth estavam seguros. Em vez disso, sou deixado sozinho para lamentar minhas escolhas e as escolhas que roubei de meus amigos.

Cora mal conseguiu olhar para mim quando descobriu.

Pensei que talvez pudesse fazer um acordo com o Rei dos Demônios para a proteção de nossa família em Protheka. Mas acontece que não tenho nada a oferecer.

Que bobagem da minha parte pensar o contrário.

Aperto meu estômago, me perguntando se o feiticeiro — o soz'garoth — estava certo sobre mim. Nunca tentei ter meus próprios filhos. Eu não via sentido nos campos de trabalho, e os elfos negros não me cobiçavam tanto quanto faziam com minha irmã, Cora. Mas também nunca levantei a minha voz contra as suas práticas como ela fez.

Aprendi a me misturar desde cedo, onde ela desafiava as expectativas e exigia um tratamento melhor do que o que nos era dado. Ela nunca se rendeu e foi sua maior dádiva. Mesmo aqui, entre monstros, ela capturou seu próprio demônio feroz.

Ele pode ter brincado de dominá-la, mas o modo como ela aceitou seu beijo... Conheço minha irmã melhor do que isso. Ela não poderia ter fingido o afeto em suas ações, ou seus olhos brilhantes e comoventes. Ela o *ama* e, do meu jeito miserável, estou feliz por ela.

Só posso esperar que os outros tenham a mesma sorte.

De minha parte, porém, nem sequer considero a noção de redenção. É tarde demais para mim. Minha vida será vivida nesta cela e depois entregue a quem decidir encurtá-la. Seja um trolvor, um soz'garoth ou um daqueles gilaks que eles mencionaram.

Fecho os olhos com força e tento descansar um pouco.

Depois de um tempo, um dos demônios com cabeça de chacal bate nas barras para me acordar. “Jantar”, ele rosna, deixando cair um prato cheio de comida do lado de fora das grades.

Estou morrendo de fome.

Eu nem penso nisso quando chego, a corrente interrompe meu movimento com um solavanco repentino. Meus dedos mal raspam a pedra ao lado. Mesmo assim, eu puxo as restrições, a dor subindo pelos meus braços com o esforço.

O lábio superior do guarda se curva como se estivesse se divertindo. Ele poderia empurrar a placa alguns centímetros para frente e eu seria capaz de alcançá-la. Ele poderia mostrar misericórdia, mas não tenho certeza se eles são capazes de tal coisa.

“Por favor,” eu imploro, minha voz rouca e seca. “Estou com tanta fome.”

“Que pena”, diz ele, rindo da minha situação.

Novas lágrimas vêm, como se eu ainda tivesse água em meu corpo.

Meus olhos estão cegos enquanto a sombra se inclina sobre mim. “É verdade o que eles dizem?” Ele não espera por uma resposta antes de falar novamente. “Que os humanos farão qualquer coisa por seus mestres?”

Aceno vigorosamente com a cabeça.

Eu não me importo que ele esteja olhando maliciosamente. A fome e a sobrevivência levaram a melhor sobre mim, e talvez eu *fizesse* qualquer coisa para viver mais um dia, mesmo que haja pouco pelo que esperar em minha situação. “Sim,” eu sussurro, pegando as barras e tentando me levantar. “Sim, farei qualquer coisa. Só não me *deixe* assim. Por favor...”

“Bom”, ele murmura, chutando o prato para que seu conteúdo caia no chão entre as barras. “Coma. Você tem um grande dia amanhã.

Quase não o ouço enquanto enfio a comida na boca com as mãos nuas.

É estranho e estranho, pouco mais do que uma refeição sem sabor que ficou de molho por muito tempo para formar uma pasta cinza. Mas é alguma coisa. Posso senti-lo olhando para mim, enojado com a forma como estou comendo, mas eles não me deram

muita escolha. Não posso me dar ao luxo de pensar em como devo ser, raspando a sujeira entre as ranhuras da pedra para lamber os dedos e limpá-los.

Ele emite um grunhido antes de sair, batendo a porta atrás de si.

No silêncio da minha cela, desacelero, refletindo sobre o que me tornei desde que o Rei dos Demônios me chamou. Foi através de visões que ele entrou em contato comigo pela primeira vez, quando eu me revirei na cama, sem conseguir dormir. Suas palavras eram uma presença reconfortante, que prometia uma vida melhor para mim e minha família, se eu fizesse *exatamente* o que ele dizia.

Pelo menos no acampamento eu tinha dignidade.

Se eu cuidasse de mim mesmo e mantivesse a cabeça baixa, poderia viver mais um dia sem ser alvo de nossos mestres elfos negros. Poderíamos cultivar alimentos e comer à mesa como escravos civilizados. Aqui, tudo que vi foi conflito e sofrimento.

Grande parte disso foi causado por mim.

Meus dedos ainda estão pegajosos por causa da escassa refeição e não tomo banho há mais de uma semana. Meu cabelo está emaranhado e sem brilho, e minha pele coça por causa da sempre presente sujeira das células. Quando finalmente me deixarem sair para a luz do dia, serei um estranho para o sol. E quando a saciedade da comida diminuir, ficarei com frio novamente.

Eu me enrolo mais forte para manter o calor e fecho os olhos.

Talvez eu sonhe com um lugar melhor.

REJ'THOREK

TOs portões de Ti'lith estão fechados.

Reviro os olhos quando encontramos os reforços. “Você vê isso?” Pergunto aos meus numerosos companheiros, todos servos volvath e pequenos zonak ansiosos que cambaleiam sob meus pés. Dois trolvor carregam minha presa – um demônio navalha de três metros de comprimento, da cauda ao peito – entre eles, amarrada a uma vara robusta. “Estamos numa ilha flutuante, a léguas acima dos continentes deste miserável planeta, e eles ainda insistem em fechar os portões!”

Vários riem da minha observação. “Eles não se esqueceram de você, meu príncipe.”

“É melhor que não tenham feito isso”, digo, irritado com o quão amigáveis os volvath são. Thonir teria me dado um tapinha nas costas e me dito para tirar a cabeça da bunda. Em vez disso, estou cercado por criaturas que bajulam e rastejam, e depois fazem cara feia quando viro as costas.

Eles acham que eu não sei?

Sinto falta de Thonir. Da próxima vez, insistirei para que ele me acompanhe na caçada, embora o esporte deixe muito a desejar. A ilha de Galmoleth está a ficar sem caça selvagem.

“Que bela aquisição”, diz um dos demônios volvath, e prevejo uma medida saudável de baba. Não estou desapontado. “Deve ser o maior que já vi de perto. E quando você o derrubou com o calcanhar do seu khopesh?”

“Incrível.”

Um dos trolvor acena para os guardas da muralha e o portão alto começa a se abrir. Entramos nas ruas movimentadas de Ti'lith, minha casa desde antes de virmos para Protheka. “Se você quiser chupar meu pau,” eu digo por cima do ombro. “-Apenas diga então.”

Os outros riem do alvo da minha zombaria.

“Da próxima vez”, diz outro, desafiando meu humor amargo. “Você poderia limpar um ninho de bestas bugigadoras, se quiser, meu príncipe. Ouvi dizer que eles

ultrapassaram a parte sul da ilha e isso pode oferecer um desafio melhor para uma de suas habilidades.”

“Talvez,” eu digo. Não gosto que os criados me aconselhem e não serei visto aceitando suas ideias de maneira favorável. Mas um ninho contorcido de bestas bugios parece uma boa diversão, mesmo que apenas por um dia. “Eu preferiria explorar os continentes abaixo. Ouvi dizer que eles têm muitos animais lá embaixo.”

“Sim”, diz o primeiro. “Meu irmão é um soz'garoth, um scrier do rei. Ele já viu muitas dessas criaturas, algumas até com duas pernas, e caudas, presas e tentáculos. Ele me disse que existem civilizações inteiras cheias de homens verdes, com grandes e feios...” O volvath continua, presenteando os outros com imagens vívidas do mundo abaixo de nossos pés.

Homens verdes, penso divertido.

O conceito parece ultrajante. Eu poderia me imaginar indo até lá e lutando contra um exército inteiro deles, forçando seu líder a ceder e depois trazendo um de volta para provar minha vitória. “Sim”, eu digo, interrompendo seu discurso. “Quando eu destruir o líder deles, farei de um daqueles homens verdes meu animal de estimação.”

Outra rodada de risadas.

“Eu não sabia que você gostava de homens, Rej'thorek.” Um arrepio percorre minha espinha ao som de um tom delicado, mas cortante, de uma matrona familiar. “Mas isso explicaria muitas coisas.”

Eu me viro, esperando que ela esteja sozinha, embora não tenha certeza do porquê. As matronas nunca deixam seus domicílios sozinhas. Eles preferem estar cercados por amantes dedicados e muitas vezes não conseguem chegar a um quarto privado antes que uma orgia comece na rua.

Yedina não está sozinha.

Aparentemente, ela ainda é capaz de arrastar demônios para sua cama e tem sete machos bajulando-a. Ela os escolheu para me deixar com ciúmes, tenho certeza disso. “Você deve ter me ouvido mal, Matrona Yedina”, digo igualmente cortante. “Ou talvez você esteja confuso quanto ao propósito de um animal de estimação, neste contexto. Eu não costumo *foder* o meu.

Minha comitiva ri por trás das mãos e, pela primeira vez no dia, estou feliz pela companhia deles. Isso traz um pouco de ruge às bochechas pálidas de Yedina, e sua boca se curva para baixo. Seus amantes podem sentir sua mudança de humor e um deles tenta acalmar sua amante com um toque.

Yedina dá um tapa na mão dele. “Sempre provocador, não é, meu *príncipe*? ”

Ela sai do grupo e vem até mim, os quadris balançando perigosamente. E, se ela fosse qualquer outra matrona, eu ficaria impressionado com sua aparência deslumbrante. Ela é jovem e rápida, com chifres polidos e curvos que ficam próximos ao crânio e uma estrutura pequena, o formato de seus quadris desafiando sua estatura diminuta. Até a camisa de seda está perigosamente aberta, como se ela não se desse ao trabalho de fechá-la.

“Você sabe”, ela diz, inclinando-se confidencialmente e passando os dedos por meu colete de couro. “Sou uma alma misericordiosa, mas primeiro você precisa se desculpar.”

Eu sou um príncipe. Eu não peço desculpas.

Ela não gosta que eu possa dizer 'não' a ela, como já fiz muitas vezes antes. Ela é uma matrona, acostumada a conseguir o que quer com qualquer homem que ela queira. Os demônios ao seu redor agora seriam mortos se a privassem da atenção desejada ou se lhe dessem muita atenção. Somente eu e meus irmãos poderíamos rejeitar o avanço de uma matrona.

Eu me inclino ainda mais, sentindo seu cheiro perfumado. “Foda-se, Yedina.”

Sua mandíbula aperta e ela retruca como se eu tivesse batido nela. Mas sua expressão esfria instantaneamente para algo recatado e desanimado. Ela nunca desiste, e isso seria uma bênção para um soldado, mas ela é uma matrona, e eles são tão coniventes quanto cruéis. “Você fere meus sentimentos.”

“Bom,” eu rosno, ficando farto de seus jogos. “Eu lhe disse para não me reconhecer em público, nem assediar meus servos, nem chegar perto de minha propriedade. E com orelhas tão grandes, imaginei que você pudesse ouvir um pouco melhor do que isso.

Ela se move para tocar o topo das orelhas inconscientemente, parando enquanto parece um pouco horrorizada. “Você tem uma língua tão cruel, Rej'thorek. Depois de tudo que compartilhamos...”

“Não compartilhamos nada além de sua cama. E isso dificilmente me impressionou.

Na verdade, ela é uma coisa selvagem. Feroz como um cão de caça Ur'gin no cio, e um amante muito disposto e generoso. Mas ela quer algo de mim.

Algo que não estou inclinado a dar a ela.

Como a maioria, Yedina pretendia me usar. Qualquer coisa que ela diga é uma mentirinha doce para me fazer dar a ela um filho nascido com um título. Homem ou mulher, seria altamente valorizado em Ti'lith, embora nunca ascendesse ao trono.

Vários dos meus irmãos estão trabalhando avidamente para atingir esse objetivo com uma série de suas próprias matronas, mas isso não é uma tarefa para mim. Yedina sabe disso e, ainda assim, tenta me derrubar até eu ceder. Receio que isso aconteça, mesmo que seja apenas para conquistar algo indomável. As matronas são a última verdadeira presa nesta maldita ilha.

Ela joga no ataque brevemente antes de mostrar seus lindos dentes brancos. Tudo o que ela faz é uma atuação. Um jogo. Não creio que ela seja capaz de sentir outra coisa senão uma fome profunda que ameaça engolir todos ao seu redor. Yedina passa os braços em volta do meu pescoço, ignorando o sangue na minha frente e se pressionando contra mim. “Rej... Não seja assim.”

“Pare com isso,” eu a aviso, pegando-a pelos ombros estreitos e fazendo-a recuar um passo. “Eu já disse que não estou interessado.”

A fúria passa por seu rosto antes que ela a domine. “Eu terei você”, ela murmura. “De uma forma ou de outra, você me dará o que eu quero.”

Ela nem está mais sendo sutil.

“Nunca”, digo, franzindo o lábio superior em desgosto. Até mesmo cogitar tal ideia é um pensamento repugnante, agora que ela está se gabando de um dia me conquistar no meio da cidade. Pela minha reputação, não posso ceder. “Se você não desistir, mandarei guardas trolvor vigiarem cada movimento seu. Você não poderá espirrar sem que eu saiba.”

Seu sorriso se alarga. "Eu gosto do som disso.

"Você, me vigiando. Cada coisinha suja que eu faço, sendo sussurrada em seu ouvido? Ela passa as mãos pela frente em um gesto sedutor, de modo que nem mesmo sua comitiva consegue esconder seu desejo óbvio. "Você sabe como fazer um demônio suar, Rej."

Eu cerro os dentes.

Tudo o que eu digo, ela vira para seu próprio benefício. Talvez eu tenha que conviver com o fato de que ela nunca me deixará em paz, enquanto nós dois ainda vivermos. Em vez de envolvê-la, corro em direção à minha casa.

Mas não consigo me livrar dela tão facilmente.

"Rej'thorek", ela diz com mais severidade do que antes. "Você *será* meu."

Boa sorte, penso, ignorando o impulso de retrucar. Ela me irrita, aquela, nunca desistindo, nunca me deixando sozinha. Sempre que me viro, ela está ali, pronta para fazer da minha vida um inferno.

Mesmo quando minha comitiva se dispersa, vários volvath seguem atrás de mim, olhando para trás ocasionalmente para ver se Yedina está me seguindo. "Meu príncipe?"

"O que é?"

"Talvez você devesse dar a ela o que ela quer", ele murmura para não me envergonhar. Ele sabe melhor do que isso, mas não o suficiente para evitar minha ira. "Seria tão horrível apenas-"

Eu o pego pela garganta, levantando-o. Quero esmagar seu pescoço e ver a luz desaparecer de seus olhos. Em vez disso, vou deixá-lo com um aviso. "Yedina," eu digo lentamente, apreciando como ele luta para respirar, com os olhos arregalados. "É uma criatura com a qual *não* quero ter nada a ver."

Quando eu o solto, ele bate com força no chão, com falta de ar.

Olho para o servo e mostro os dentes. "Se você sabe o que é bom para você, nunca mais sugira tal coisa."

LAURA

Aum barulho violento me tira do sono. “Acorde, pequeno humano”, vem um rosnado desconhecido. Outra daquelas placas de metal atinge o chão novamente. “É o seu grande dia.”

Estou enrolado em um canto úmido da cela, tremendo depois de uma noite gelada e sem dormir. Meus olhos estão pesados enquanto olho para o demônio, que parece ficar irritado e passa seu bastão pelas barras novamente para fazer um barulho terrível.

“Eu disse 'acorde'”, ele repete. “Alguns de nós apostamos muito em você. Então, é melhor você comer.

Não digo nada.

Ele rosna e então cospe em minha direção antes de sair furioso. Depois que a porta é fechada, mal consigo distinguir o que me rodeia novamente. A magia do soz'garoth desapareceu, deixando uma dor surda em meus membros, mas foi a comida que me pegou ontem à noite.

Eu não consegui segurar.

Agora, o cheiro está rançoso no meu nariz, ameaçando me fazer vomitar novamente. Sinto-me como uma casca vazia, agarrada à sanidade pelas unhas, a culpa sempre ameaçando me arrastar para baixo.

Isto é minha culpa. É tudo culpa minha, percebo pela milésima vez. Meus pensamentos são meus únicos companheiros aqui, exceto pelo demônio ocasional enviado para me verificar.

É difícil dizer as horas.

O trolvor alegou que já era dia, mas não tenho como saber por conta própria. Exceto pela comida miserável que parece ser entregue em intervalos regulares. Meus olhos se desviam para o prato e quase engasgo novamente.

Minha boca está ressecada e minha língua está presa no céu da boca.

Não vou durar muito mais tempo assim, mas parece que isso não importa, de qualquer maneira. *É o meu grande dia*, penso, sem conseguir nem chorar mais. Minha visão fica

embaçada de qualquer maneira, mas culpo a poeira. Esfrego-os, só piorando a queimadura.

O tempo passa despercebido neste lugar, e o que eu pensava serem minutos se transformam em horas num piscar de olhos, e os guardas estão de volta. Com meu ouvido pressionado contra a pedra, ouço seus passos muito antes de chegarem à minha masmorra particular.

Suas vozes, porém, são distantes e abafadas.

Só quando a porta se abre é que consigo ouvi-los melhor. "É esse?"

"O Soz'garoth confirmou isso."

Três pares de olhos estão em mim. Dois deles são demônios com cabeça de chacal – os trolvor, como preferem ser chamados – e um é um homem de pele cinza com chifres. Eles não me deram um nome para estes, mas eles se parecem mais com os elfos negros, com olhos e ouvidos aguçados.

No entanto, são seus chifres e pele que denunciam isso. Como se as Treze decidissem que não mereciam cor e as pintassem em tons de cinza. Não vi muitos deles aqui, mas parecem estar no comando de todos os outros.

Este me estuda com certo desgosto. "Abra a cela."

Apesar de sua falta de cor, ele próprio está vestindo um casaco vermelho brilhante, finamente trabalhado com costura dourada e um par de caudas atrás dele. Ele parece ridículo, como se pertencesse a um circo. No braço, ele carrega uma bengala correspondente, embora pareça que não precisa dela para caminhar. *Para chicotear, mais parecido com* , eu acho miseravelmente.

Os trolvor fazem o que mandam e abrem a porta da minha cela.

Eles hesitam como se esperassem outro pedido. "Bem?" o demônio late, sua bela boca voltada para baixo. "Tire ela daqui. O show está prestes a começar.

"Sim, Aggilas", eles murmuram em união, o maior entrando primeiro na cela.

Seu nariz se curva assim que ele se aproxima de mim e me arrasta para cima. "Ela está imunda."

"Isso não importa", diz Aggilas. "Ela é uma novidade. A multidão vai amá-la. Pelo menos até o Gilak conseguir pegá-la.

Não tenho forças para ficar de pé, então eles me colocam entre eles e me carregam. Suas mãos estão seguras, mas posso dizer que não querem me tocar. Eu não os culpo. Eu teria saído deste corpo há muito tempo, se pudesse.

Em vez disso, os Deuses decidiram que eu merecia uma morte lenta na arena deles.

A luz das tochas cega meus olhos sensíveis enquanto me arrastam por um longo corredor. No final, acho que vejo algo mais brilhante. Luz do dia, talvez. Mas não está uniforme, piscando descontroladamente como se uma tempestade elétrica estivesse se formando.

Deixei minha cabeça cair para frente.

Houve uma tempestade elétrica naquele primeiro dia também. O dia em que os demônios vieram do céu. A tempestade veio primeiro, engolindo a madrugada. Senti meus pelos dos braços se arrepiarem e subirem até os pelinhos da minha nuca.

Achei que sabia o que estava por vir.

Eu não fazia ideia.

“Lave-a”, diz Aggilas. “A soz'garoth disse que ela tinha pele dourada. Quero ver antes do show começar.

“E esses trapos?”

“Deixe-os. Não adianta vestir um cadáver.”

Sou levado para uma sala ao lado, onde posso ouvir o barulho distante de pés. Não apenas um pequeno exército, mas uma enorme multidão, nada menos que mil. Mal tenho tempo para processar antes de ser mergulhado em água morna, a sujeira escorrendo de mim em riachos marrons.

Alguns escorrem do meu cabelo para a minha boca.

É a primeira bebida que tomo desde que cheguei a esta cidade demoníaca e aceito.

“Nojento”, um deles rosna, mergulhando minha parte superior na água novamente. É apenas por um breve período que não consigo respirar, sugando água e engolindo-a. Quando ele me puxa de volta, o ar parece fresco e limpo. Ou talvez seja eu.

Eles me descartam no chão de terra vermelha e ouço novamente a voz de Aggilas.

“Deixe-a por enquanto. Avisarei você quando estivermos prontos para ela.

Os trolvor murmuram seu consentimento e saem, trancando a porta atrás deles.

Esta gaiola é nova e não é exatamente uma gaiola. Apenas uma sala com batidas persistentes de pés acima de mim e uma comemoração abafada que não consigo entender. Levanto-me sobre minhas pernas instáveis e encontro o balde de água, pegando punhados de líquido marrom e levando-o aos lábios.

Posso ter sentido repulsa pela criatura que me tornei, não muito tempo atrás.

Agora, eu aprecio cada gole desta água imunda, meu cabelo, antes loiro, pendurado, flácido, emaranhado e marrom de sujeira. Qualquer respeito próprio que eu pudesse ter foi substituído pelo instinto animal de sobrevivência. Mesmo que pretendam zombar do meu cadáver.

Quando meu estômago está inchado de água, tropeço até um banco baixo e apoio a cabeça na parede de pedra fria. Tento não pensar no que vem a seguir. Em vez disso, penso em Cora, me perguntando se aquele demônio a está tratando bem.

Ela merece uma vida boa, depois de tudo que passamos.

Eu era muito jovem para lembrar, mas ela sempre me contou como me protegeu dos elfos negros que mataram nossos pais. Ela lutou e lutou para me manter segura, ela mesma dificilmente era uma criança. Cora sacrificou tudo e eu estraguei tudo.

Não só isso, mas levei outros comigo.

Condenei-os a um novo tipo de escravidão, cuja crueldade mal pude compreender até chegarmos a este lugar. E quando pensei que estava fazendo a coisa certa, cuspi na cara da Cora. Eu zombei dela quando deveria ter ouvido.

Ela viu os demônios como eles são.

E fui enganado por uma linda fantasia que o Rei me vendeu. Este é o meu castigo, e se tenho alguma esperança de expiação, tenho de aceitá-la. Os Treze nunca teriam misericórdia de um humano. Eles são os deuses dos elfos negros, que decidiram há muito tempo que estamos abaixo deles.

Maldito seja, penso, lembrando-me de uma frase que os mais velhos ocasionalmente resmungavam. *E dane-se se você não fizer isso.*

É assim que é viver em Protheka como humano.

Estamos condenados, de qualquer maneira.

Eu nem reajo quando a porta se abre novamente. Os mesmos dois trolvor entram, suas expressões caninas ilegíveis, exceto pelas sobancelhas pesadas sobre os olhos escuros. É severidade? Eles odeiam a tarefa de assassinar criaturas inocentes como eu?

“Levante-se”, um deles late.

No momento em que começo a me levantar, o outro saca a lança, usando a ponta para me dar um tapinha na parte de trás das canelas. “Depressa, humano.”

Tropeço para frente, mas eles me seguram com seus braços fortes. O calor deles é um alívio para o frio sempre presente, e agora que estou encharcado, aceitarei tudo o que puder. Mas isso não dura muito, pois eles me conduzem através de um enorme arco e sob um céu tempestuoso.

O brilho ocasional de um relâmpago me cega e eu me encolho diante dos olhos da inquieta multidão de demônios. Alguns parecem Aggilas, afetados e bem vestidos, mas muitos são monstruosos amálgamas de horror encarnado, com dentes rangendo e chifres rachados.

Meu coração bate forte em meus ouvidos e minha respiração fica superficial.

Mantenho os olhos no chão, mas isso é um pouco melhor. Há corpos espalhados, alguns bem frescos, ainda escorrendo fluidos de seus estômagos dilacerados. Outros trolvor afastam as partes e os órgãos chamuscados, abrindo espaço para mim no chão da arena de areia vermelha.

Antes de chegarmos ao espaço aberto, sou empurrado e um portão abre atrás de mim. Há um canto da multidão que finalmente começa a fazer sentido, minha mente demora para entender seu canto retorcido no ritmo de seus pés batendo. “Gi-lak.

“Gi-lak, Gi-lak, Gi-lak.”

REJ'THOREK

“MSenhor?

Uma voz fina aponta para meus joelhos e tenho que me abaixar para encontrar sua origem. Um zonak pequeno e bem vestido se curva tão diante de mim que seus minúsculos chifres quase arranham a estrada de pedra. Quando ele se levanta novamente, um distintivo de lapela do Deus da Guerra reflete o relâmpago vermelho que brilha incessantemente acima de nós, indicando que ele é o emissário de meu pai.

Posso ignorar a maioria dos criados e posso ter rejeitado Yedina, mas meu pai não é alguém que eu possa ignorar. Não mais de uma vez.

“Sua Excelência Real exige sua presença na arena imediatamente, meu senhor.”

Meus olhos devem refletir o que penso do pedido, porque a voz já fina do Zonak treme tanto que os ventos turbulentos ameaçam carregá-lo para dentro da tempestade.

“Meu senhor, posso mandar buscar uma escolta real, se lhe agradar?”

“Isso não será necessário.” Sei que a oferta não é um pedido educado, é uma adaga escondida em veludo. Se eu não for aonde me ordenaram, serei levado, mesmo como Príncipe. “Quem sou eu para negar Sua Excelência Real?”

Quem é alguém para negá-lo? Meu pai transformava seus ossos em pó com um olhar. Meus servos inclinam a cabeça em respeito à simples menção de sua existência.

Dou um tapa na garupa do demônio da navalha e me dirijo aos meus servos. “Leve minha caça ao açougue e limpe-a para montar.”

Ele se juntará à parede com minhas muitas outras mortes. Outros demônios da navalha. Estou cansado deste mundo e de suas presas fáceis.

Dois guarda-costas me flanqueiam enquanto caminho em direção à arena. Mesmo a esta distância consigo ver as pedras negras e oleosas que rastejam no céu tempestuoso e o brilho roxo escuro da luz mágica. Um zumbido profundo emana da pedra, amaldiçoado com uma forte magia do caos, tão forte que meus chifres vibram com o zumbido até passarmos a soleira e entrarmos nos camarotes reais privados, acessíveis apenas aos favorecidos por meu pai.

Qualquer outro demônio será lançado lá embaixo, nos assentos de pedra.

Um inimigo será enviado ainda mais abaixo, para a própria arena. Mais de uma vez um demônio que se considerava nas graças de meu pai se viu lutando pela própria vida na arena de areia vermelha enquanto a multidão rugia.

"Você me deixou esperando."

Nunca vi meu pai sem capuz, nem uma vez, nem mesmo quando criança. Ele envolve todo o seu rosto na escuridão, com apenas o brilho vermelho de seus olhos visível. Sua armadura é grossa, mas suspeito que ele não precise dela. Já o vi matar mais de um inimigo com apenas um olhar. A magia do caos que o cerca estala e estala, e sua voz está repleta dela, vibrante e letal.

"Peço desculpas." Eu me curvo, chifres apontados para o céu. "Eu estava em uma caçada."

"Outro?"

Não tenho certeza do que dizer. Ele é meu pai, mas nunca consegui lê-lo. Asmodeus, Rei dos Demônios, não mostra o rosto e não mostra a mão, nem mesmo para seus próprios parentes.

"E o que você pegou dessa vez, meu filho?"

"Um demônio navalha."

Houve um tempo em que essa conquista me faria sorrir como um idiota pelo resto do dia, mas agora não passa de uma coisa morta para pendurar por causa da minha própria vaidade. Anseio por um desafio, por uma luta de verdade, e vasculhei os limites de Galmoeth em busca de uma. Não deixo a inquietação transparecer em meu rosto, mas até eu consigo ouvir a frustração em minha voz.

"Sim. Ouvi falar de sua conquista e posso ver que a vitória que você encontrou é vazia."

Assustado, levanto os olhos da arena onde um gigante de gilak luta contra um bando de Ur'gin ligados ao fogo com as próprias mãos. A matilha dilacerou sua carne até que suas mãos se transformaram em ossos, e o fedor de pele queimada encheu a arena quando seu mestre soz'garoth lhes ordenou que jogassem fogo pela boca.

Nunca vi um Gilak perder em batalha e minha atenção deveria estar arrebatada, mas meu pai descobriu minha fraqueza sem sequer tentar. Ele não gosta de palavras vãs. O desconforto arrepia minha espinha.

“Eu não teria encontrado uma missão em Protheke vazia.”

Os soldados aplaudiram nas ruas com recompensas humanas estendidas sobre os ombros e preencheram a noite com as suas histórias de um mundo verde e perigoso. A decepção coloriu minhas noites desde então, mas deve haver uma maneira de convencer meu pai a me deixar liderar a próxima excursão.

Anseio por deixar os limites deste mundo pequeno, minúsculo e independente. Ele deve saber disso. Ele sabe todo o resto.

“Você encontrará toda a vida vazia até encontrar uma companheira. Já passou do tempo.”

Olho para o chão negro da arena, atordoado. Um companheiro?

Ele sabe sobre Yedina? A suspeita agita minhas entranhas. Ele a enviou? Não admira que ela fosse tão insistente se tivesse a bênção do rei.

Talvez eu tenha menos escolha do que pensava.

Faço um ruído suave de concordância e me concentro na luta enquanto minha mente se volta para sua demanda. Eu sei que ele está tentando aumentar nossa população e que não tem os séculos necessários para construir uma naturalmente. As matronas são deliciosamente exageradas, mas férteis apenas pelos padrões demoníacos. Uma matrona típica só pode desovar uma vez a cada cem anos.

Não é rápido o suficiente para alguém que deseja construir um exército.

“Não tenho nenhuma objeção ao acasalamento, como você bem sabe.”

“Acasalamento”, ele cospe. “Você deve ter um filho. *Crianças*. E você deve começar agora.

“Como quiser.” Não sou tolo o suficiente para discutir com meu pai, especialmente por algo tão inconsequente. Consentirei em acasalar com quem ele considerar adequado.

“Contanto que não seja Yedina.”

Seus olhos vermelhos se estreitam. “Ela é uma matrona e deseja você. Não deve haver discussão neste assunto.”

“Ela é uma matrona, mas deve haver outras.” Nunca discordei de meu pai em toda a minha vida e mantenho minha discordância branda. — Eu experimentei ela, padre, e acho-a intolerável.

É difícil exagerar *o quão* intolerável. Não gosto das minhas mulheres tão espertas. Exigir é bom, mas Yedina chega à ferocidade. É mais como acasalar com um animal selvagem do que com uma mulher, e não é uma experiência que desejo repetir. Deve haver outras matronas, eu acho. Alguém menos selvagem, com algum senso de ritmo.

Talvez até suave.

A multidão irrompe em murmúrios entusiasmados e eu olho para a arena, esperando ver que Gilak realmente perdeu. Mas não, a arena está vazia, exceto pela carne carbonizada do gilak e pelas partes desencarnadas do bando de Ur'gin. Uma pena. Achei que eles poderiam vencer.

Os sussurros param. Tudo para.

Está tão silencioso que quase posso ouvir meus próprios pensamentos.

Uma estranha criatura emerge dos poços abaixo. Sem escamas, chifres ou pelos. Uma mulher. Uma mulher *humana*, com pele dourada e tufos curtos de cabelo coroando seu pequeno crânio.

Ela anda tremendo e se abraça. Seus seios, redondos e firmes, amontoam-se sob os braços finos.

Macio.

Acho-a insuportavelmente atraente, mesmo por baixo de toda a sujeira que mancha sua pele, lavada às pressas, mas não bem. Seus pés descalços afundam na areia e seu tornozelo quase torce.

Estou fascinado. O que eles pretendem fazer com ela? Certamente ela não é uma guerreira; ela parece apavorada com a areia sob seus pés. Ela olha para cima, esticando o pescoço para ver todos os demônios olhando para ela. Ela vira a cabeça e olha diretamente para mim.

Não, no meu pai.

O reconhecimento brinca com suas feições e seus intensos olhos cinzentos se estreitam. É um pequeno e insignificante sinal de destemor, mas existem feiticeiros de poder quase ilimitado que se encolhem diante do olhar furioso de meu pai. Ela levanta o queixo com orgulho e depois se vira para encarar seu destino.

“O que eles pretendem fazer com ela? Ela não tem nada, nem armas.”

“Os mestres da arena encontram inúmeras maneiras de divertir a si mesmos e ao público. Vamos ver o que eles planejaram.”

Metal ressoa contra metal e o portão é levantado.

A multidão começa a cantar. “Gi-lak, gi-lak, gi-lak!”

Este gilak faz com que o anterior pareça uma colina em direção à sua montanha. O humano mal chega à cintura e seus dentes devem ser do tamanho dos meus dedos. Eles gotejam saliva, famintos e desejosos. Se a protuberância sob a tanga significa alguma coisa, suspeito que ele queira mais do que apenas uma refeição.

O gilak para bem perto do humano, e uma nuvem de poeira vermelha gira entre eles enquanto ele olha. Uma bola grossa de saliva cai de sua boca, criando uma poça entre eles. A maioria dos demônios neste estádio perderia esta luta.

Ele vai despedaçá-la.

Meu pai está falando, mas suas palavras caem em ouvidos surdos. A mulher dá um passo trêmulo para trás e depois outro. O gilak observa, com diversão em seus olhos opacos, até que as costas dela atingem o fim da arena. Acima dela, a multidão zomba.

A sede de sangue e a fome queimam nos olhos do gilak, e seus lábios se separam até que seus lábios se transformem em um sorriso assustador. Ele ruge mais uma vez, tão alto que até o mundo abaixo de nós deve ouvi-lo, e ataca.

Meu sangue gela.

LAURA

Té assim que eu morro. Coberto de sujeira e devorado por um pesadelo.

Nenhum horror em Protheke se compara a esta fera, e Protheke é um mundo feito para horrores. Três vezes o meu tamanho, pelo menos, ele se eleva acima de mim com grossos cascos fendidos. Sua pele roxa escura está marcada e decorada com tatuagens pretas grosseiras, e seu rosto é largo e achatado, como se ele o tivesse esmagado contra as paredes de pedra da arena muitas vezes.

Mas a pior coisa sobre ele é o fogo.

Ele queima em seus chifres rachados e danificados, algo antinatural e ameaçador. Horivelmente hipnotizante, percebo com um sobressalto que enquanto eu estava olhando para ele, ele estava olhando para mim. Seus lábios se afastam em um sorriso louco, expondo dentes quase tão longos quanto o meu braço.

E então suas asas esfarrapadas recuam, levantando uma nuvem de poeira vermelha. Meus olhos ardem e mal parei de tossir antes de ele atacar.

“Gi-lak! Gi-lak! Gi-lak!” A multidão ruge de excitação enquanto ele troveja pelo campo, parando a apenas um palmo de distância do meu rosto.

Terror como esse é algo que nunca conheci e passei a vida com medo. É um terror que sacode meus joelhos, que me rouba o fôlego. Eu fecharia os olhos se pudesse, mas alguma dor perversa os mantém abertos.

Este é o destino que escolhi.

Eu mesmo causei isso. Na minha família e amigos. A dor, ainda mais poderosa que o terror, percorre meu corpo como um golpe físico. Eu pensei que estava conduzindo a raça humana ao paraíso e, em vez disso, entreguei as pessoas mais queridas da minha vida a um pesadelo acordado.

Um raio cai acima, lançando o monstro em uma luz vermelho-sangue. Eu deveria orar à Mãe, ou talvez ao Árbitro, pela salvação antes de morrer, mas tudo em que consigo pensar são nos contos de fadas que ouvi dos mais velhos enquanto crescia.

Os humanos, eles sussurravam no escuro, longe de nossos mestres elfos, tinham deuses antigos de Antes. Alguns tinham muitos, outros apenas um, mas a maioria acreditava em um lugar escuro onde o mal habita.

Inferno, eles chamaram isso.

Acho que encontrei o Inferno.

“Coma ela!”

“Arranque os braços dela!”

"Dê a ela uma boa foda primeiro!"

Não sou nada além de entretenimento para monstros. Eles não me deram nenhuma arma, nem mesmo nada para me defender. Sem escudo. Sem esperança.

O que eu fiz?

Eu deveria deixá-lo terminar comigo, mas algo dentro de mim quer viver, a covarde que sou. Viro-me para a multidão sedenta de sangue, preparada para implorar por misericórdia, mas seus rugidos são altos demais para me ouvirem, mesmo que eu tente.

Se eles fossem capazes de misericórdia.

Uma figura familiar encapuzada está sentada em um camarote privado, envolta em magia púrpura crepitante. Seu rosto está encapuzado, como estava em meus sonhos, e seus olhos vermelhos brilham ameaçadoramente.

Inclino meu queixo trêmulo e o amaldiçoo com o que pode ser meu último suspiro. O hálito do monstro está quente e faminto, e me viro e vejo que sua tanga está bem esticada. Seu pau é grande o suficiente para me abrir, como a multidão está pedindo que ele faça, e pensar nisso me faz recuar até pressionar contra a parede preta lisa e oleosa.

Eu olho para cima.

Centenas de demônios zombam de mim.

Eu olho para baixo.

Meus pés imundos estão sangrando por causa da areia escaldante. Fragmentos de corpos ainda estão espalhados pela arena, e por pouco não consigo pisar em um pedaço de carne fumegante.

Eu olho para o outro lado.

A fera ataca.

É um movimento borrado, tão rápido que ele está em cima de mim antes que eu possa piscar. Eu rolo para longe, mas ele chega tão perto que as chamas de seus chifres queimam meu ombro direito.

"Por favor!"

Eu me levanto e ele ataca novamente. Mais uma vez, eu me esquivo. Mais uma vez, ele me queima.

Mais uma vez, eu imploro.

"Por favor!" Minha garganta queima com a força dos meus gritos, mas ninguém ouve. Ninguém se importa. "Desculpe! Me desculpe. *Por favor!* "

Essas últimas palavras são para Cora, mesmo que ela nunca as ouça. Para Beth e Mattie. Para todos. Pelos Treze, que tolo fui.

"Desculpe." Minha voz agora é um áspero, rasgada e destruída pela tentativa de ser ouvida acima da multidão. O trovão rola; Eu sinto isso no meu peito. "Cora, você estava certa. Desculpe. Estou tão -"

As garras do monstro cortam o ar, quase arrancando minha orelha da cabeça. O sussurro ecoa e uma pequena gota de sangue cai do lóbulo da minha orelha. Um soluço agonizante escapa da minha garganta, mas não tenho tempo de chorar antes que ele me ataque novamente. Suas asas, rasgadas e desgrenhadas como estão, conseguem carregá-lo alto o suficiente no ar para que ele quase chegue ao topo da arena.

Ele paira. Fios de saliva escorrem de sua boca e transformam a areia em lama onde caem. Vapor sobe de sua saliva e um odor sulfuroso me faz engasgar.

Não há para onde correr, mas cambaleio mesmo assim. Anos atrás, Cora e eu vimos um rebanho de taura escapar do matadouro e ser levado embora minutos depois. Eu chorei, mas ela me disse que eles nunca teriam tido uma chance de qualquer maneira. Onde eles procurariam? Os becos?

Eu sou o taura agora.

Mesmo que eu consiga escapar desse monstro por pura sorte, não há para onde ir. Eu e meus entes queridos trouxemos para um continente demoníaco, flutuando para longe de nossa casa.

A única saída é a morte. Se eu tiver alguma honra, eu aceito.

O ar canta enquanto o monstro desce em minha direção, de cabeça e mandíbula aberta. Apesar da minha decisão de acabar com esta luta, eu recuo. Suas garras cortam levemente meu peito e pequenas gotas de sangue acumulam-se em minha pele.

Ele está fazendo isso de propósito.

Minha dança com o monstro dura algum tempo. Ele está brincando comigo; se ele quisesse me levar, não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-los. Mas somos entretenimento e ele dá um bom show. Eu faço minha parte, fingindo e me esquivando até meus pés não aguentarem mais.

E então ele me deixa rastejar.

A areia rasga meus joelhos. Não tenho joelhos esfolados assim desde que era criança brincando com Cora. Não importa o quanto trabalhássemos, ela sempre fazia questão de que tivéssemos tempo para os jogos.

Ela fez o mesmo por Mattie e Beth, e eu nunca gostei disso, nem uma vez. Tudo o que fiz foi odiar os elfos negros que nos forçaram a trabalhar. Tudo o que vi foram meus dedos inchados e sangrando, forçados a trabalhar todos os dias.

Ela tentou tornar isso suportável. Ela tentou tanto.

E agora quem está lá para tornar isso suportável para Beth e Mattie? Quem está lá para cuidar deles? Eles estão sozinhos e é tudo culpa minha.

A tristeza me invade, completamente. Meu destino é um horror que escolhi, mas o que fiz aos meus irmãos adotivos é imperdoável. O que eu teria feito quando criança sem Cora ao meu lado? A única razão pela qual sobrevivi o suficiente para condenar a todos nós foi por causa de sua força e graça. Porque ela abriu espaço para ser criança em um mundo projetado para nos drenar todas as alegrias.

A vida tinha sido difícil, mas tínhamos companhia. Agora nunca mais estaremos juntos.

“Ela está de joelhos por você, Gilak!”

O monstro ri, um chiado sinistro, e ele aperta o contorno de seu pau enorme através da tanga manchada. Ele inclina a cabeça, me avaliando, e estende a mão para me chamar.

Com os braços tensos, fico de pé, mas minhas pernas trêmulas não conseguem me levar mais longe. Dou um passo e uma dor quente rasga meu tornozelo. Eu desabo em uma

mistura suja da saliva suja do monstro. Risos e aplausos estridentes saúdam minha queda.

“Ela está toda molhada para você!”

O fedor é insuportável. Sua saliva gruda, colando meu corpo com areia molhada.

Minha auto-aversão é tão forte que quase deixei a fera me atacar com suas garras, mas minha covardia me estimula a fugir novamente. É inútil. Ele vai me pegar e me matar e provavelmente me comer vivo enquanto a multidão acima de mim assiste com deleite.

Os olhos do Rei Asmodeus brilham. Ele está sentado, reclinado em seu trono escuro. Não acredito que confiei nele. Que eu sempre sentei ao lado dele, acariciando sua bochecha como se ele fosse algum tipo de salvação. É justo que ele seja um dos últimos rostos que verei.

É o que eu mereço.

O monstro se levanta para me atacar uma última vez, e estou exausto demais para me mover. Ele venceu no segundo em que os portões se abriram. Nunca tive uma chance, desde que coloquei os pés neste mundo.

Lembro-me do metal frio da armadura do Rei contra minha mão enquanto o rosto de Cora se contorcia de traição e raiva. Eu assegurei a ela que estávamos seguros aqui. Que os humanos seriam tratados como membros da realeza, que o rei Asmodeus destruiria os elfos negros que nos mantêm em cativeiro.

Só troquei um mestre cruel por outro.

Eu não choro. Eu não mereço chorar. Luto contra as lágrimas e olho resolutamente para o demônio que me ajudou a destruir tudo de bom na minha vida. Eu o odeio tanto que queima como um sol dentro do meu peito, mas me odeio ainda mais.

Embora seu rosto esteja encapuzado, juro que ele está sorrindo.

REJ'THOREK

EU olhe, meu rosto se contorcendo em um sorriso de desgosto. Isto é claramente obra do meu pai.

Que desperdício absoluto.

Não é que eu sinta pena ou culpa pela humana que está prestes a encontrar seu destino. Tudo parece tão inútil. Uma mulher desarmada e inocente contra uma das nossas raças mais brutais? Onde está o esporte, a competição? Estamos aqui para torcer por uma matança fácil, já sabendo qual será o desfecho.

Não só isso, mas parece que o poder do gilak poderia ser melhor utilizado. Uma fera desafiadora como essa merece um oponente que valha a pena. Eu daria qualquer coisa para lutar com ele sozinho. Em vez disso, ele vai enfrentar essa loira patética.

Meus olhos brilham quando uma ideia terrivelmente, deliciosa e podremente boa me ocorre. Não é todo dia que se vê um gilak, muito menos luta contra um.

Não vou deixar a chance ser desperdiçada com ela.

Meu khopesh ainda está pendurado no quadril. E finalmente vou conseguir a caça que tanto ansiava.

Com um leve salto, salto sobre a borda da arena. Atrás de mim posso ouvir os protestos dos guardas trolvor. Meu movimento inesperado os pegou de surpresa, e agora eles estão nervosos por me deixar passar por eles.

Mas não vou parar agora. Eles podem gritar até ficarem roucos, pelo que me importa.

Pouso levemente sobre os calcanhares na areia vermelha; minhas pernas dobradas debaixo de mim. Com uma mão, desembainho o khopesh de lâmina afiada e o levanto no ar. Então eu avanço em direção ao gilak e sua presa.

Posso ouvir seus gritos, ficando mais altos à medida que me aproximo. Ela está fazendo o possível para evitá-lo, mas isso não pode durar muito mais tempo. Ela se apoia nas mãos e nos joelhos enquanto a areia se move e desliza sob ela, saindo do alcance dele.

Ele está muito focado nela para sequer me notar.

Eu provavelmente poderia cortar sua garganta agora mesmo. Mas uma emboscada acabaria com o desafio. Estou aqui para uma luta, uma boa luta.

Eu avanço em seu flanco esquerdo, balançando meu khopesh e arrastando-o através dos ossos de sua asa e separando-o de sua coluna. O movimento é suficiente para chamar sua atenção. Vai doer um pouco, mas não tanto a ponto de tirar toda a luta dele prematuramente.

Ele se vira para mim, ficando de pé em toda a sua altura. Esta é minha primeira boa olhada nele. Ele é enorme, pelo menos o dobro da minha altura. Eu sorrio em antecipação, a adrenalina correndo em minhas veias.

A fera ruge, jogando sua enorme cabeça para trás. Ele puxa seus ombros volumosos e monstruosos até o pescoço e balança os braços de forma violenta.

Gilaks são raros, mas todos nós os conhecemos. A regra geral que sempre ouvi foi que os Gilaks são durões, mas burros. Eles são excelentes buchas de canhão, pois podem derrubar os oponentes e resistir a ataques pesados antes de sucumbirem. Mas eles não são estrategistas, nem geralmente são capazes de seguir qualquer coisa que não seja os planos mais básicos.

Eu sei que não posso derrotá-lo apenas com músculos.

Ser mais esperto que ele será fundamental para o meu sucesso. Mas a expressão de irritação em seu rosto me faz suspeitar que não deveria ser muito difícil.

A mulher se afasta, tentando colocar a maior distância possível entre ela e o Gilak. Ele não presta atenção nela, de qualquer maneira.

Agora ele me quer.

Ele ataca e eu me esquivo. Posso sentir a magia do caos crescendo em mim. Isso faz meu interior queimar e a escuridão avassaladora toma conta de mim.

Já faz muito tempo que não me sinto tão vivo.

Eu desço com força com minha lâmina. Ele uiva e seus chifres estalam com um fogo furioso que combina com sua expressão feroz. Ele avança com a promessa de violência escrita em seu rosto. Isso não me assusta, do jeito que ele pretende. Em vez disso, isso me anima e percebo que estou me alimentando de sua energia.

Quanto mais irritado ele fica, mais eu gosto desse jogo.

Ele me ataca. Mas com a minha magia, minha pele começa a formigar, criando uma barreira de magia do caos. Ele se afasta reflexivamente, balançando as mãos com a

sensação elétrica que enviei sobre sua carne. Ouvi dizer que queima e, com base na reação dele, deve ser pior do que os Ur'gins em chamas.

Eu ataquei novamente, atingindo-o em seu âmago. Percebo com surpresa o quão denso ele é. Ele não é apenas grande. Seu peito é como uma rocha.

Eu o arranhei, mas por pouco.

Eu me retiro, percebendo que meu último ataque foi inútil. Vou precisar de um plano diferente, pois não posso machucá-lo lá. Mas no momento em que preciso puxar Khopesh, ele rouba meu tornozelo.

Então, me vejo voando pelo ar.

Eu me forço a manter os olhos abertos enquanto o chão sobe para me encontrar. No último segundo, uso minha magia para suavizar o golpe, caindo em um tronco rolado.

Eu me levanto e volto para encará-lo mais uma vez.

Meu coração está batendo forte no peito da maneira mais emocionante. Há um rugido surdo em meus ouvidos enquanto minha sede de sangue toma conta. Eu o quero para minha parede e o quero agora.

Estendo meu braço, sabendo que ele o alcançará. Ele faz o que planejei e, com a outra mão, uso o cabo da arma para desferir um golpe forte em suas costas. A força inesperada o faz cair esparramado.

Ele cai no chão, desequilibrado pelo meu golpe e pelo peso de seu próprio corpo. Quando algo tão grande cai, não se recupera rapidamente. Ele luta para se levantar, mas parece exigir toda a concentração que ele tem.

Enquanto ele se ajoelha, aproveito o momento. Não quero dar a ele a chance de se movimentar novamente. Em vez disso, eu o paro ali, balançando a lâmina do meu khopesh em seu pescoço largo. O ataque é adequado para um caçador, do qual posso me orgulhar – limpo, eficiente e concluído em segundos.

A força do golpe faz sua cabeça voar pela areia. Uma nuvem de poeira sobe ao atingir o solo. Ele oscila pela arena em uma linha torta.

Observo enquanto ele cai e lentamente para. Eu olho para cima do local de descanso final da cabeça, notando onde ela caiu. Bem diante de meu pai, o Rei Demônio, que se levantou e agora está diante de seu trono.

E ele não está impressionado. A magia do caos está saindo de seu corpo, elevando-se dele em ondas brilhantes e translúcidas.

Estaria mentindo se fingisse que isso não melhora tudo. *Cai fora, velho.*

O resto da multidão ruge em aprovação. Vou até a cabeça, pegando-a e levantando-a como um troféu. Eles explodem em outra rodada de aplausos ensurdecedores. Com o peito arfando enquanto me recupero do esforço, deixo o barulho tomar conta de mim de prazer.

Adoro o elogio deles tanto quanto amo a fúria do meu pai.

Não sei quanto tempo passa, mas estou cansado de ficar sob os holofotes. O momento parece que está acabando. Quero desaparecer antes que a multidão fique entediada. Posso não chamar tanta atenção quanto meus irmãos, mas ainda sou um príncipe demônio. Já me envolvi com a infâmia por tempo suficiente para saber que você precisa deixá-los querendo mais.

Um pensamento me ocorre. Eu esqueci do humano! Lutei contra o gilak por minha escolha, não por ela. Ainda assim, ela seria sacrificada por ele, e minha interferência a manteve viva.

Acho que isso a torna minha agora.

Um dos guardas trolvor vem me tirar da arena. Tomo isso como uma dica de que aproveitei o momento por muito tempo. Por mais que eu ame a adoração e os fãs, é hora de ir.

“Estou indo, estou indo”, respondo irritado, não gostando de ser mandado por um guarda punk. Dou-lhe um olhar ameaçador, avisando-o sem palavras que é melhor ele não me tocar. Então giro sobre os calcanhares, pronta para sair sozinha.

Pela primeira vez, noto que vários outros guardas estão cercando o humano. Ela ainda está sentada na areia, encolhendo-se diante deles.

“Ei!” Eu grito. “Tire as mãos do meu prêmio!”

Corro, minha expressão sombria. Os guardas podem responder perante o meu pai, mas este é agora o meu espetáculo. E eles têm muita coragem de se envolver. Eles cederam, dando um passo para trás enquanto me aproximava para interceptá-la. Eu agarro seu braço, levantando-a.

Ela não luta comigo, ficando comigo. Sua ansiedade e a força do meu toque fazem com que eu a puxe contra mim, muito mais perto do que eu pretendia. Ela olha para mim, sem palavras, com os olhos cinzentos arregalados. Seus lábios se separaram ligeiramente como se ela quisesse dizer alguma coisa.

Mas nenhuma palavra lhe escapa.

Eu olho para ela, de repente me sentindo um pouco sem fôlego. *Ainda deve ser da luta*, penso, tentando ignorar o fato de que não me lembro de ter me sentido assim, há pouco.

LAURA

Minha respiração fica presa na minha garganta quando ele me puxa contra seu peito.

Ele não é tão grande quanto a coisa monstruosa de antes, mas ainda é um gigante comparado a mim. Ele é formidável o suficiente para me fazer suar nervoso, especialmente considerando a maneira fácil como ele matou a outra criatura.

Não é apenas o tamanho dele.

Ele está me encarando com um olhar intenso que me deixa sem palavras. Sinto que preciso dizer alguma coisa, já que ele me salvou do gilak. Um obrigado, pelo menos. Mas as palavras morrem na minha garganta, e não consigo superar a forma como seus olhos vermelhos fervem.

Ele não espera que eu encontre as palavras. Em vez disso, ele me agarra pelo braço e me leva para fora da arena. Agora que não estou fervendo sob seu escrutínio, meu cérebro lentamente começa a reviver.

Ao fazer isso, minha ansiedade começa a aumentar. Meus nervos estiveram à flor da pele o tempo todo, mas estão crescendo. Eu mal escapei com vida.

Estou feliz que ele me salvou desse destino, é claro. Mas também não tenho certeza de quais são exatamente os planos dele para mim. Ele me chamou de seu prêmio, o que não é mais do que eu poderia esperar sob a supervisão do Rei Demônio. Tudo o que posso fazer é esperar não ter ganhado um mestre mais cruel do que ele.

Ele me salvou do Gilak, mas para quê? O que ele quer comigo e posso aceitar? Se ele for parecido com o rei, só posso presumir que planejou um destino muito pior para mim. Algo mais lento e mais horrível do que ser espetado no pau enorme do Gilak. E estremeço ao pensar no que poderia ser pior do que isso.

À medida que nos afastamos da arena, o barulho e os aplausos começam a diminuir. Logo, estaremos quase sozinhos. Há alguns transeuntes que aparecem de vez em quando, mas é muito mais privado do que estar no palco principal da arena.

No silêncio, podemos finalmente ter uma conversa de verdade. Tento morder a língua no início, não querendo incomodá-lo. Tenho cautela com ele e não quero piorar minha situação falando fora de hora.

Mas ele não está dizendo nada que me dê uma pista sobre suas intenções. Eventualmente, não consigo evitar. “Obrigado,” eu deixo escapar. “Por salvar minha vida.”

Espero que ele explique por que me ajudou ou me informe que não está me salvando de forma alguma. Ele não faz nenhuma das duas coisas. O silêncio só me agita mais.

“Você briga muito?” Eu tento de novo. “Você foi incrível lá atrás.”

Seguimos em frente, e o silêncio generalizado é estressante. Para mim, isso é. Não acho que ele esteja nem um pouco desconfortável. Ele não parece chateado ou zangado por eu estar falando. Ele não exige que eu fique quieto. Ele simplesmente não reconhece que estou dizendo alguma coisa também.

“Aquela criatura era enorme, mas você fez a luta parecer fácil.”

Outro silêncio pesado.

“Você não é...” Eu tropeço atrás dele, tentando acompanhar suas longas pernas. “Você não vai me levar de volta para o quartel, vai?”

Não recebo a garantia que desejo. Neste momento eu realmente não esperava, já que ele ainda não me respondeu. Seu silêncio não me convence de que estou prestes a morrer. Seu silêncio também não me convence de que não sou.

Com isso, desisto. Não faz sentido fazer perguntas que não obtenham resposta de qualquer maneira. Estou apenas me esforçando para ter um ataque de silêncio e ele nem está prestando atenção.

Olho para o chão, me escondendo atrás do meu cabelo sujo. Talvez seja melhor eu não ver para onde estamos indo. Paro de olhar em volta, não querendo mais prestar atenção ao que me rodeia, e apenas me concentro em não tropeçar.

Ainda não sei o que me espera.

Tento não pensar nisso, resignando-me a qualquer que seja o meu destino. Ele não vai compartilhar, então qual é o sentido de se preocupar com isso? Mas é mais fácil falar do

que fazer. Mesmo enquanto o sigo humildemente até nosso destino desconhecido, meu estômago dá um nó enquanto me preocupo com o que o espera lá.

Finalmente chegamos a uma casa ampla. É escuro e imponente, feito de ônix imponente. A superfície preta brilhante brilha do lado de fora, e fico um pouco sem fôlego ao vê-la.

É diferente de tudo que eu já vi, de alguma forma ao mesmo tempo impressionante e assustador. Parece impossivelmente apropriado que esta seja uma residência demoníaca. A aparência é perfeitamente apropriada para ser qualquer outra coisa.

Ele me leva por várias escadas pretas e lisas até a porta da frente. Esperando por ele estão vários escravos elfos negros. Todos eles usam colares grossos de metal que brilham levemente, deixando claro que foram encantados com magia.

Eles me olham, suas expressões são uma mistura de desdém e curiosidade mal disfarçados. Eu sei que os elfos negros desprezam os humanos. Porém, gostem ou não de mim, posso entender por que estão intrigados com o fato de seu mestre trazer para casa um humano estranho.

Ele me empurra para os braços de uma elfa. Ela me agarra com força pelos ombros, assumindo o comando de mim. Engulo em seco, de repente consciente de uma mudança notável no tratamento dele em comparação com o dela. Ele pode não ter sido terno, mas pelo menos não sentia tanto frio quanto ela.

“Limpe-a e deixe-a esperando por mim quando eu voltar”, ele ordena.

Só assim, ele se foi antes mesmo que eu pudesse protestar. Não que eu faria isso, e não que meus protestos pudessem servir de alguma coisa. Ela me segura com força, praticamente me arrastando para dentro como se eu fosse um animal de estimação desobediente na coleira. De repente sinto falta do seu silêncio, mesmo quando me lembro de que estou sendo ridícula.

Só porque eu gostava mais dele do que daquele elfo dele não faz dele meu amigo. Só porque ele me salvou na arena não faz dele meu aliado. Ainda não sei o que ele quer comigo, mas tenho certeza de que não é bom. Preciso lembrar que não posso confiar nele, mesmo que ele ainda não tenha revelado seus planos malignos.

Afinal, eu me meti nessa confusão em primeiro lugar por confiar no Rei Demônio. Fui muito rápido em presumir que todos eram meus amigos, que tinham boas intenções. Se eles demonstrassem ao menos um indício de estar do meu lado, presumi que poderia depositar minha fé neles.

Isto é, eu sei agora, um erro mortal.

E é algo que não pretendo repetir, embora seja tarde demais para mim. Já estou enredado e há um limite para o que posso fazer a respeito. Vejo esses demônios agora como eles são e só preciso me lembrar disso.

Vários outros elfos se aglomeram atrás de nós. Meu coração está batendo forte, uma batida de tambor em meus ouvidos. Mas com isso, ele bate descontroladamente. Parece que estou sendo atacado, oprimido e em breve serei dominado pela atenção total deles.

Eles não me machucariam agora, não é?

Ele é o mestre deles e eles devem fazer o que ele diz, certo? Sua orientação foi me limpar. A menos que... um pensamento horrível rompa a cacofonia em meu cérebro.

Os demônios comem humanos? Ele não quer me limpar como se fosse comida...

Ele faz?

Eu fico branco, de repente me sentindo tonta com a ideia. Minha pele fica úmida e minha garganta começa a apertar. Mal consigo respirar por causa das ondas de pânico que tomam conta de mim.

Chegamos a um quarto e eles me empurram pelas portas, arrancando minhas roupas antes que a fechadura se encaixe atrás de nós. Lágrimas quentes brotam dos meus olhos, o único sinal de pânico que permito por não ter ideia do que está acontecendo. Mas logo percebo que eles não estão me machucando. Eles são ásperos de uma forma abrasiva e clínica, mas não causam nenhum dano.

Sou uma boneca de pano, apenas saltando entre eles enquanto eles me enfeitam e me arrumam. Estou muito atordoado e entorpecido para resistir, e minha mente ainda está cheia de preocupação de que eu possa me tornar o jantar. É difícil me concentrar, e como eles não parecem ter a intenção de me matar agora, simplesmente os deixo trabalhar.

Antes que eu perceba, estou completamente nu. Alguns deles saem correndo, e a mulher com quem comecei está passando um pente no meu cabelo. Os emaranhados e nós são significativos, e ela tem um trabalho difícil para ela.

Estou um pouco envergonhado ao perceber o quão ruim estou. Sei que não é minha culpa e não há nada que eu possa ajudar. Não tenho tido muito tempo para minha higiene ultimamente. Ainda assim, é difícil não sentir vergonha.

Ela não parece ser crítica ou compassiva. Ela ainda tem aquela indiferença estóica de que tem um trabalho a fazer. Ela não se importa comigo e percebo que realmente não me importo.

Pelo menos ela não está me intimidando.

As lágrimas voltam algumas vezes enquanto ela passa a mão no meu cabelo. Mas finalmente ela terminou. Num redemoinho, sou empurrado para outro quarto e jogado em uma banheira de hidromassagem escaldante. Mãos parecem vir de todas as direções, ainda me puxando para um lado e para outro para me limpar.

Eu deveria estar feliz por finalmente estar tirando a sujeira, sabendo que isso me fará sentir melhor.

Mas tudo o que sinto é dormente.

REJ'THOREK

"EU Está feito, meu príncipe. Você descobrirá que o espécime já foi entregue em sua residência." — diz o açougueiro, tendo feito um trabalho rápido no cadáver do demônio da navalha.

Depois do dia que tive, isso já não é mais levado em consideração. "Agradeço o esforço", digo mesmo assim, feliz que a carne possa ser útil entre os moradores da cidade. "Você sempre faz um bom trabalho." Limpo o suor e o sangue da testa, minha pele ainda quente por causa da luta.

Meu novo prêmio não é o único que precisa de banho.

Penso em como meu pai reagiu à minha vitória, me perguntando vagamente se ele pretende retaliar depois do show que fiz na arena. Não seria do seu interesse, já que a multidão gostou muito. Restam poucas coisas para desfrutar nesta ilha, e isso evita que eles se matem uns aos outros por puro tédio. Prestei um serviço à Coroa.

Ele deveria estar me agradecendo.

Depois que meu khopesh brilha mais uma vez, volto para a privacidade de minha casa, subindo os degraus com passo pesado. Evito os criados enquanto eles correm, preparando-se para a noite e entram em meus aposentos privados para tomar banho.

Em questão de uma hora, estou apresentável novamente.

Minha pele escura está limpa e encontro uma túnica e um colete simples, muito mais leves que minha pesada armadura de couro. Prendo o cabelo na base do crânio e observo minhas feições marcantes em um espelho na parede. Será que ela vai me reconhecer como o mesmo demônio que derrubou o Gilak?

Meu coração pula uma batida.

Ela é apenas uma humana , lembro a mim mesmo, forçando minha expectativa a diminuir. Um escravo, primeiro dos elfos negros, depois dos demônios. "Agora ela é minha," eu sussurro, a sugestão de um sorriso curvando os cantos dos meus lábios. "E eu a terei quando quiser."

Com esse conhecimento, saio dos meus quartos privados e desço as escadas para descobrir que o jantar está finalmente pronto. Mas não é a refeição que me faz parar, mas sim o curioso método com que os meus criados decidiram prepará-la.

Há pratos ao seu redor, com pedaços de binmou e folhas prateadas entre seus joelhos trêmulos, mas ela está deitada sobre a mesa, com uma faixa de seda amarrada na cabeça para esconder seus encantadores olhos cinzentos. Seus membros estão amarrados à mesa, suas pernas abertas revelando sua forma nua, mal coberta por um pano transparente.

A visão me faz doer, mas não de fome.

Ela ainda não sabe que estou aqui. Posso dizer pela forma como ela está respirando, superficial e em pânico. Seus lábios vermelhos estão abertos para revelar uma bela dentição branca e plana. Ela descansou a cabeça na curva do ombro e suas mãos estão fechadas em punhos.

Meu olhar desce até o volume de seus seios empinados e a curva sensual de seus quadris, tão diferente das matronas estreitas e elegantes com as quais estou acostumada. Quero arrastar minhas garras sobre sua pele e senti-la estremecer embaixo de mim.

Estendo a mão para ela impulsivamente, parando logo acima do comprimento delicado de seu pescoço e me retiro. *Ainda não*, digo a mim mesmo, querendo prolongar um pouco mais o jogo. Em vez disso, digo a ela que não está sozinha arrastando uma cadeira para sentar.

Sua respiração fica presa na garganta. "O-alô?"

Não digo nada, servindo um prato de bife binmou para mim. Sua respiração fica rápida novamente quando ela ouve o barulho do meu garfo no prato.

"Tem alguém aí?"

Tantas perguntas, penso divertida, inclinando-me para frente em busca de um ângulo melhor. As pontas douradas do meu garfo deslizam sobre sua pele beijada pelo sol, do esterno ao umbigo.

Sua barriga salta com isso enquanto ela emite um pequeno suspiro. "Ah-" Faço isso de novo, desta vez mais suave, para que eles nem deixem marcas. Seu estômago se aperta

como se ela esperasse por isso, mas ela não consegue impedir que um gemido escape. "Por favor", ela sussurra, "deixe-me ir."

Nunca, quero dizer a ela, mas isso estragaria a diversão.

Eu me movo silenciosamente, roubando uma tigela de enfeite da mesa e me inclino sobre ela. Com a colher de servir, persigo uma linha da coisa vermelha entre seus seios, fazendo-a ofegar de frio. Ela puxa suas restrições e tenta esconder o rosto quando minha língua faz contato.

Sua pele está quente sob minha boca inquisitiva, e um gemido tenso escapa dela. Afasto a pasta de sua pele fina, diligente em minha tarefa. Concluo com um sussurro de um beijo no fundo de sua garganta. Ela morde o lábio como se estivesse contendo mais sons de prazer.

Atrevo-me a acariciar seus curtos cabelos loiros, surpreso ao ver como um simples banho pode fazê-los brilhar assim à luz das velas. Quando a vi pela primeira vez, pensei que ela era uma coisa lamentável, esfarrapada e imunda. Mas agora eu poderia fazer minha refeição no fundo de seu estômago.

Acho que farei exatamente isso.

Ela estremece sob meu toque e quando coloco pedaços de carne em seus quadris como um cinto. Que necessidade tenho de utensílios? Pressiono minha boca aberta na primeira mordida, saindo com um beijo na região do osso do quadril.

Suas pernas puxam as restrições, embora seja inútil.

Ela pedala os joelhos quando beijo mais perto de seu umbigo, dando uma boa mordida no bumbom. Na minha ausência, acaricio os cabelos louros entre suas pernas, meticulosamente aparados pelas minhas escravas. O simples gesto a faz se contorcer embaixo de mim.

" Por favor ," ela murmura, seus lábios mais vermelhos do que antes.

Não tenho certeza se ela ainda está implorando para ser liberada ou se está ficando tão impaciente quanto eu. Meu pau já está duro de expectativa, mas ainda não. Vou guardá-lo até que ela não aguente mais minhas provocações, e então vou preenchê-la com tudo o que tenho.

Eu roubo outra mordida, esta logo acima de seu regalo felpudo.

Seu corpo responde da mesma forma, saltando com a sensação. É uma emoção perceber que ela nem sabe quem eu sou. Se ela fizesse isso, ela não se daria ao trabalho de me implorar por sua liberdade. Mas é bom ter encontrado alguém que não me olha com uma reverência nauseante. Para ela, não sou nada além de um conjunto de lábios e mãos.

E vou torná-la minha esta noite.

Percebo que ela também deve estar com fome. Aggilas não é conhecido por manter o entretenimento bem alimentado. Eles são sustentados por resíduos que nem mesmo o Ur'gin tocara.

Eu sorrio enquanto pego uma fruta de um prato e coloco em seus lábios.

Ela os fecha primeiro, recusando minha oferta generosa. Estas iguarias são raras, agora que o nosso planeta natal se foi. Ela deveria estar grata por eu estar oferecendo a ela. Mas também tenho em mente que ela é escrava desde que chegou a Ti'lith.

Eu sufoco minhas próximas palavras. *Experimente isso.*

Não quero que ela saiba quem eu sou ainda, e ela já ouviu minha voz. Eu puxo a fruta e a coloco em minha boca, descendo e pressionando seus lábios nos meus. Ela é tão adoravelmente teimosa que leva um momento para ela se abrir. Mas quando esmago a fruta entre os dentes e deixo uma gota escorregar entre seus lábios, ela finalmente desiste. Com um pequeno gemido, ela aceita minha oferta, com a boca manchada de suco.

Sinto o gosto dela expirar entre as mordidas, apreciando como ela canta o sabor.

Ver? Não é tão ruim, não é? Minhas garras traçam sua mandíbula macia enquanto ela trabalha, e ela descansa a cabeça contra a mesa, aliviada. "Mais por favor..."

Obedeço, oferecendo-lhe outro, que ela aceita com entusiasmo.

Quando sua boca se fecha novamente, pressiono minha garra contra a bolsa de seu lábio inferior, aquele que ela não conseguia parar de mastigar antes. Quero provar o suco deles, chupá-los e encontrá-la com calor e vontade.

Eu me inclino e beijo seu precioso queixo.

Dessa vez, quando ela implora por mais uma mordida, pego o menor pedaço de carne binmou entre os dentes e a forço a aceitá-lo da minha boca. Sua doce expiração é

inebriante e ela morde a carne. Hesito em desistir até que nossos lábios se encontrem e a língua dela se junte ao jogo.

Eu me afasto com um sorriso, observando-a comer.

Há um ruído definitivo que se espalha por suas bochechas e desce pelo pescoço elegante até os seios expostos. Eu fiz isso? Minhas garras traçam um de seus mamilos perolados, e ela engasga com a sensação repentina.

Quando ela termina o binmou, seus lábios se abrem novamente. Ela quer outra mordida e parece aprender rápido, apesar dos rumores que ouvi sobre humanos. Acho que vou encontrar bastante utilidade para ela na minha casa, na minha mesa.

Na minha cama.

Concedo-lhe o que ela precisa e ela aceita meu carinho como um imposto especial de consumo. Ela até dá uma rápida lambida em meus dedos, como se os sucos fossem tão essenciais quanto o bocado. Eu me pergunto se ela queria que isso acontecesse, e um arrepio percorre meu corpo.

Talvez eu tire as restrições eventualmente, mas não a venda.

Isso é muito divertido.

LAURA

Meu núcleo já está tremendo.

Seus lábios são generosos e seu toque é gentil. É mais do que eu poderia esperar quando me vi na arena fugindo das garras brutais do gilak. Eu tenho que me perguntar se é o mesmo guerreiro que pulou no ringue e matou a fera, ou se é outra pessoa.

Ele é um demônio, disso eu sei. Senti seus dentes afiados contra minha boca e suas garras afiadas arranhando minha carne. Ele poderia me comer e, ainda assim, escolhe me alimentar. E sua tortura é tão doce que me deixa descaradamente molhada.

Uma vergonha surda rasteja através de mim.

Ele deveria ter me deixado entregue ao gilak e à multidão barulhenta.

Não é mais do que eu mereço.

Sua língua quente encontra meu mamilo e o gira, aqueles dentes ferozes roçando minha pele antes que ele desista. Não sei onde estou ou o que vai acontecer comigo, mas minha preocupação desaparece sob seu tratamento minucioso.

E ele me alimenta com as guloseimas mais deliciosas.

Nunca provei a semelhança deles, mas o suco doce me faz lamber os lábios pedindo mais. Outra mordida enfeita minha boca e aceito seu toque em troca. Ele está brincando comigo, me alimentando com pequenos petiscos, de modo que estou dolorida por mais. Só os entrego quando faço o que ele quer.

Meus joelhos não conseguem se tocar, do jeito que me prepararam, mas tento apertá-los de qualquer maneira, ansiando por uma pressão que minhas amarras não permitem.

Logo, minha fome diminui por um tipo diferente de apetite.

Não posso fazer nada para aliviar o fogo em meu âmago, e esse demônio não parece interessado em me aliviar. Seus dentes deslizam pelo inchaço dos meus seios, descendo pelas minhas costelas antes de sua boca se fechar sobre meu umbigo, que ele encheu com um líquido frio.

Soltei um gemido estremecedor enquanto ele o pronunciava.

Só posso imaginar aquela língua poderosa entre minhas coxas, me levando a um ataque de êxtase. Eu não reprimo meu próximo gemido. "Eu preciso *de mais*. "

Seu toque desaparece e quase choro de decepção.

Sem palavras.

Ele é silencioso e não parece muito interessado em conversar. Isso me faz questionar se ele é a mesma criatura que me salvou. Talvez seja outra, tentar me convencer a obedecer antes que seu mestre retorne. Isso explicaria o silêncio mortal. Mas neste ponto, eu não poderia me importar menos. Esta é a única coisa boa que tive desde que cheguei.

“ Por favor , não pare.”

Acho que ele desapareceu quando mãos fortes capturam minhas coxas, e estremeço de surpresa e alívio. Ele os aperta, suas garras quase rompendo a pele. Mas seu aperto suaviza e uma mão desliza entre minhas pernas, abrindo meus lábios.

Não consigo evitar que um sorriso se forme em um suspiro superficial.

Se eles não tivessem me colocado nessas malditas encadernações de seda, eu poderia ter sido capaz de incentivá-lo a realizar a tarefa. Do jeito que está, tenho que esperar enquanto ele me explora, lenta e deliberadamente. Dois dedos deslizam entre meus lábios e para cima, até a protuberância que chama a atenção.

Ele faz uma pausa ali, testando-o lentamente.

Já estou me contorcendo embaixo dele, um prazer agonizante subindo pela minha espinha. Mordo meu lábio novamente para me impedir de exigir mais. Só tenho que esperar até que ele decida parar de me torturar e me dar o que preciso.

Ele rola suavemente, a princípio, sem pressa.

Eu me contorço, contendo um grito. Sua outra mão pega minha bunda e aperta, me arrastando para mais perto dele enquanto trabalha meu clitóris com mais ênfase. É quando dois dedos deslizam e meu corpo se aperta ao redor deles.

Jogo minha cabeça para trás com um gemido desenfreado de satisfação. Ele desliza um pouco mais fundo, como se estivesse testando meu corpo em busca de outra coisa. Algo maior. Meus joelhos tremem quando ele se inclina para frente, seu hálito quente percorrendo minha pele e deixando arrepios.

Ainda estou surpresa quando seus lábios capturam meu mamilo esquerdo enquanto ele trabalha abaixo, empurrando e provocando minhas paredes lisas como se quisesse

encontrar meu fim. Quero me espetar em seus dedos longos, mas não posso fazer mais nada para encorajá-lo.

Quando ele arranca meu seio, eu suspiro.

Mas não demora muito para que ele me deixe, parando brevemente em sua busca abaixo antes que outro pedaço de comida seja apresentado aos meus lábios. Aceito-o como os outros, apreciando o sabor salgado da carne e o delicioso sabor doce.

Uma mão captura meu ombro como se quisesse se firmar, e ele usa os dedos para empurrar pela primeira vez. Eu estremeço antes de derreter por ele. Ele parece intimamente consciente de quão perigosas são suas garras e toma cuidado para não arrancar minhas entranhas. Não tenho certeza de como ele faz isso, mas na segunda estocada, esqueço de me importar.

Meu corpo responde favoravelmente, apertando seus dedos antes de adicionar um terceiro. Ele me estica até doer antes de se retirar novamente. Seus dedos estão escorregadios com meus sucos quando ele os pressiona em meus lábios, me forçando a sentir meu gosto.

Eu lambo seus dedos persistentes como a criatura que sou.

Acho que ouço um gemido escapar dele, mas é quase baixo demais para eu ouvir. Ele apresenta os nós dos dedos, um de cada vez, até que estejam lambidos e limpos, e captura minha boca com a dele. Sem comida desta vez, sua língua abrindo meus dentes para me provar.

Percebo sua expiração inebriante, drogada por seu manejo glorioso.

Um trolvor me perguntou se eu faria alguma coisa pelo meu mestre. E para este, eu simplesmente poderia. Ele abre minha boca um pouco mais, ultrapassando minhas defesas para que nossas línguas dançam em meu fluido. Ele devolve os dedos limpos à minha boceta encharcada, tomando um pouco menos de cuidado dessa vez.

Eu passo por baixo dele, seus lábios sufocando meu próximo grito.

Ele me orienta para o mundo, onde nada mais pode. Anseio por ver a criatura que poderia me fazer sentir assim, mas se ele não quiser ser visto, então eu poderia viver com isso. Quero tudo dele, mas estou disposta a aceitar o que puder.

Você não merece isso, vem o pensamento, mas isso desaparece com a mesma rapidez sob seu toque. Ele não me dá muita oportunidade de considerar qualquer outra coisa enquanto encontra meu fim, enfiando os dedos até a última junta.

Meu corpo se aperta de uma só vez e, antes que eu perceba, estou gozando.

Ele mantém os dedos alojados profundamente dentro de mim, pressionando os ossos dos meus quadris. Ele suga meu grito de êxtase, ávido por tudo que tenho. E eu dou para ele.

Porra, ele pode aguentar tudo.

Quando meu corpo finalmente relaxa, ficando mole contra a mesa, ele retoma suas estocadas suaves, acrescentando um quarto dedo que me estica quase além do meu limite. Choro atrás da venda, balançando a cabeça. Se ele for mais fundo, logo terá a mão inteira dentro de mim.

Eu poderia aceitar?

Algo me diz que posso. Talvez seja o latejar surdo da minha boceta, dolorido para ser espancado com mais força, mais rápido, até ficar dormente da cintura para baixo. Ele parece saber o que eu preciso, acelerando o ritmo novamente, exigindo que meu corpo fique rígido.

Um polegar pesado pressiona meu clitóris, me provocando outro ataque.

Meus membros estão doloridos de tanto esforço, mas eu aperto sob ele, minha respiração quente e irregular. “Mais,” eu sibilo baixinho, cerrando os dentes. “*Mais.*”

Ele obedece com urgência silenciosa.

Eu me esforço contra o prazer de tudo isso, curvando-me contra a textura da mesa. Um braço desliza para me apoiar enquanto ele se ajoelha na mesa. Pratos e talheres fazem barulho e batem, mas ele não parece se importar, esfregando e empurrando em um ritmo crescente.

Estou quase lá quando uma porta se abre em algum lugar próximo.

De repente, estou abandonada, seus dedos e lábios buscam o ar fresco que me banha. E uma voz vinda do salão fala. “Thonir está esperando por você no escritório, meu Príncipe.”

Antes que eu possa compreender, uma voz muito mais próxima fala, bastante familiar ao meu ouvido, concisa de irritação. “Estarei aí em um momento.” Estico o pescoço para ouvi-lo empurrar a cadeira e, sem dizer mais nada, vai embora.

Um soluço não correspondido me encontra.

Mas o significado não está perdido para mim. *Meu Príncipe*, disse o elfo negro, ligando todas as pistas em uma única frase. Então, foi um Príncipe que me resgatou da arena, arriscando sua nobre vida para me salvar, apenas para me reivindicar como seu.

Um arrepio percorre meu corpo, fazendo meus membros tremerem. Não está tão frio quanto a cela onde me jogaram, mas a faixa em volta da minha cintura não é suficiente para me manter aquecido na ausência dele. *Um príncipe?* Isso significa que ele é parente do Rei Demônio?

Ele não se apresentou como tal.

Na verdade, ele nem se apresentou. Ele não fez nenhum movimento ou gesto para sua posição elevada entre os outros demônios, e eu me pergunto se ele pretendia manter as coisas assim. Ele não pareceu muito satisfeito quando o escravo o chamou pelo título.

Talvez ele nunca quisesse que eu soubesse.

REJ'THOREK

"EU ouvi dizer que perdi uma caçada e tanto. A voz de Thonir está seca como sempre. "Não que eu esteja aqui para falar sobre o seu nove mil troféu de demônio navalha."

"Bem."

É difícil focar. Estou aqui no meu escritório, ao lado da minha mesa de pedra e dos meus livros particulares, cercado pelas montarias das minhas maiores mortes. Mas também estou saboreando a mulher humana, os picos suculentos de seus seios, o vale delicioso entre eles. Estou ouvindo seus gemidos e sua respiração presa, e isso me faz querer puxar meus chifres de frustração.

Para arrancar *alguma coisa*, pelo menos.

"Você perdeu a cabeça?"

"Bem possível." Tento transformar tudo isso em uma piada. Se Thonir suspeitar que sou obcecado por um humano, ele pensará que enlouqueci. "Você vê o que acontece quando você me deixa sozinho, meu querido amigo?"

Ele não ri nada. Thonir, possivelmente o demônio mais alegre que conheço, me encara com uma expressão de pedra. "Você ouviu o que estão dizendo sobre você na corte?"

Tribunal.

Não me importa o que um bando de preguiçosos mimados pensa sobre qualquer coisa que eu faça. Nunca tive tempo para suas intrigas e conspirações. Deixo a política da corte para meus irmãos, que gostam dessa bagunça. Mas o meu pai preocupa-se com as opiniões da sua corte.

Meu pai se importa muito.

Tento sair do poço frio e agourento que de repente me envolveu. "Que eu sou o melhor lutador do reino? Derrubei um demônio navalha e um gilak no mesmo dia."

"Que você quebrou todas as regras da arena!" Thonir, sentado em uma cadeira reclinável, fica de pé e examina freneticamente minha cabeça. "O demônio da navalha quebrou seu crânio? Todo mundo está chamando você de Príncipe Rebelde agora."

"Isso tem um certo talento."

Thonir me lança um olhar penetrante. “Um talento que seu pai vai gostar?”

Não.

Não, meu pai não liga muito para rebelião.

Disfarço meu desconforto mais uma vez, desta vez com um encolher de ombros. O que está feito está feito, e o preço que pagarei por isso não é da conta do meu amigo.

“Vamos falar de coisas mais interessantes. Como é a sua família?”

“Ah, eles estão indo bem. Muito divertido, já que algum louco pulou...”

“Akos está muito bem”, continuo, como se ele não tivesse dito nada. “Sua leitura melhorou imensamente, embora ele prefira ler lixo todos os dias.”

Finalmente Thonir relaxa. “E quem pode culpá-lo? Nunca consegui ler aqueles tomos soz'garoth sem adormecer pelo menos cinco vezes. Uma aventura volvath. Agora, esses eu posso ler a noite toda. Falando em noites...”

“Seus interrogatórios nunca cessam?”

“A culpa é sua por ser tão fascinante. Pelo menos ouvi dizer que Yedina pensa assim.”

Seu comportamento muda quando meus servos batem na porta.

“Digitar.”

Os escravos, elfos negros, curvam-se diante de nós dois.

“Você pode falar.”

“Colocamos o humano em um quarto vago”, diz o mais alto. “Você tem mais ordens, meu príncipe?”

“Não. Não, isso servirá.”

Thonir me lança um olhar estranho, mas não diz mais nada. O calor renovado escorre pelas minhas veias como néctar espesso quando a imagino esperando por mim. Anseio por saboreá-la novamente, amarrá-la e usá-la para meu prazer, mas é melhor que ela conheça seu lugar. Um humano não deveria interromper meus negócios.

Pelos deuses, é preciso toda a força de vontade que tenho para não dar uma desculpa e ir embora. Seria tão fácil, e ela está tão perto...

“Yedina é intrigante.” Ela é tão intrigante quanto o chão sob meus pés, mas meu pai tem ouvidos. Confio em Thonir tanto quanto confio em qualquer pessoa, mas desprezar uma matrona na frente de qualquer pessoa não é a melhor prática para uma vida longa.

Os lábios de Thonir se curvam como se ele tivesse lido minha mente. “Intrigante é uma maneira interessante de colocar isso. Presumo que você ainda não se apaixonou pelos avanços dela?”

Dou um tapinha nas costas do meu amigo e o levo para inspecionar minha última morte, ainda sendo limpa e preparada para ser montada na parede do meu escritório. A noite passa na companhia um do outro, e quando a noite cai e eu me retiro para meus aposentos, quase consigo ignorar a coceira constante pelo humano que está enterrada sob minha pele.

As tempestades matinais são especialmente violentas, e o vento uiva no pátio como um Ur'gin ferido. A maioria dos demônios espera dentro de casa, a menos que tenham reuniões urgentes do conselho para comparecer, como eu.

E então, claro, há Yedina.

Ela se esconde no pátio, aparentemente com sua corte de demônios inferiores, mas posso dizer que ela espera encontrar alguém. Seus penetrantes olhos negros continuam vagando pelas estátuas, procurando. O vento chicoteia seus cabelos ruivos como uma tempestade.

É uma tempestade que eu gostaria de evitar.

Com um truque de prestidigitação e um irônico pedido de desculpas ao Deus da Destruição, cuja estátua eu derrubei com uma súbita explosão de magia do caos, consigo criar diversão suficiente para chegar à reunião do conselho sem ser molestado.

"Meu príncipe." Vaemek, nobre demônio de origem inferior, faz uma reverência quando entro na Sala do Conselho. Uma fonte negra, homenagem ao Deus dos Sussurros, borbulha no centro da sala. A água é vermelha, como sangue. É o único toque de cor em toda a sala.

Vaemek me leva até uma longa mesa. São oito assentos. Um para mim e o resto para meu gabinete pessoal, espelhando os deuses. O Conselheiro da Guerra está sentado à minha direita e o Conselheiro dos Sussurros à minha esquerda. O restante da mesa é

completado pelos Conselheiros da Destruição, Terra, Sonhos, Caos e Forja. Um espelho do Conselho dos Sete, mas com muito menos poder. Como o príncipe mais jovem, minha autoridade não vai muito além dos portões de minha propriedade pessoal.

“A principal reclamação de seus súditos, meu príncipe, é o...” Meu Conselheiro dos Sussurros perde a coragem. Meu assento é elevado, um pequeno trono, e ele estica o pescoço quando reúne coragem. “A batalha na arena. Assim me foi dito. Eu, pessoalmente, é claro...”

Sufoco um suspiro impaciente. “Eu não sou meus irmãos, conselheiro. Fale livremente. Você quer dizer que meus súditos acreditam que minhas ações na arena são inadequadas, certo?”

Meus irmãos iriam incendiá-lo por apenas sugerir que eles estavam errados, mas meus irmãos não têm bom senso. Aceitarei boas orientações onde puder encontrá-las, mesmo que não seja o que desejo ouvir.

Ele concorda.

Lembro-me da batalha na arena, de Laura. O que quer que tenha me possuído para salvá-la, seja sua deliciosa pele dourada ou simplesmente a atração de uma luta desafiadora, está feito.

“Minha vontade foi feita e não pode ser alterada. Eu não mudaria se pudesse.”

“Foi uma luta gloriosa, meu Príncipe!” A voz do meu Conselheiro de Guerra ecoa pela sala. “Nunca vi um igual, nem em minha vida. Receber um gilak como prêmio é uma honra, e as pessoas verão isso como tal com o tempo.”

Mas a cabeça enorme e feia do gilak não é o prêmio em que estou pensando. À medida que a reunião do conselho se volta para discussões sobre agricultura e estimativas soz'garoth do rendimento das colheitas desta temporada, não posso deixar de me lembrar de Laura.

Nunca me importei muito com comida, mas saboreá-la, sentir a mulher humana se contorcer sob minha língua... isso era delicioso.

“Estamos bem abastecidos com todos os outros materiais?” Pergunto isso como se não estivesse imaginando vividamente o pico de seu mamilo endurecendo contra minha língua, ou a dificuldade de sua respiração enquanto arrasto a borda do meu queixo por

sua coxa macia e flexível. “De acordo com seu último relatório, os soz'garoth ainda estavam preparando os feitiços de invocação para nossos suprimentos de metal.”

Isso deveria estar sob a alçada do Conselheiro da Forja, e ele se lança em um monólogo monótono sobre a enorme energia necessária para lançar feitiços mágicos tão elevados, mas felizmente meu Conselheiro de Guerra o interrompe com um plano arrogante para armamento atualizado assim que o soz'garoth manifesta o metal que precisamos, me dando mais tempo para pensar em meus pensamentos cada vez mais acalorados.

Pensar na mulher humana é muito mais divertido do que contabilizar suprimentos e resolver disputas de terras. Eu fantasio até que o conselho se dissolva e volto para o pátio, onde uma equipe de soz'garoth está consertando a estátua caída.

“Um raio, meu príncipe”, murmura Vaemek. “Você viu isso?”

“Ah...”

Yedina está deitada em um dos soz'garoth, com os lábios pressionados contra a orelha dele. Felizmente seus olhos estão baixos, me dando tempo para girar e marchar em direção ao portão.

"Meu príncipe?"

“Pensei em visitar diretamente meus súditos hoje. Junte-se a mim.”

“Seria um prazer, meu príncipe.” Se os olhos de Vaemek se arregalam quando ele percebe que estou evitando o caminho de Yedina, pelo menos ele tem o bom senso de não mencionar nada em voz alta. Ele segue atrás de mim, batendo as asas enquanto acompanha meus passos. “Você gostaria de começar com a família Ur'rok? Eles fizeram uma petição a você recentemente.

Gostaria de começar com meu humano, amarrado e vendado novamente. Há algo de delicioso em tê-la tão indefesa, observando-a lutar para não reagir. Vendo ela falhar. Quero provocá-la até que ela fique escorregadia e desejosa, e então quero prová-la até que ela grite.

“Por onde mais poderíamos começar? Lidere o caminho.”

Eu mal comecei a torturá-la. Mal posso esperar pela noite chegar. Eu planejei tanto para aquele lindo corpo dela.

LAURA

EUdói tanto que é um absurdo.

Ele deve ter feito alguma coisa comigo, eu acho. Algum tipo de magia demoníaca contra a qual não tenho defesa. Eu nunca o vi sem armadura – ele pode parecer uma daquelas feras estranhas que o Rei Demônio mantinha no palácio para entretenimento. Ele certamente lutou como um. Mas não importa como ele é. Ele me conquistou sem dizer uma palavra e, pior, me deixou querendo.

“Maldito seja,” eu sibilo, amaldiçoando-o. Minhas mãos perseguem meu corpo por vontade própria. Estou inquieto nesta cama estranha, como se minha pele estivesse esticada demais para meu corpo. Os lençóis não parecem nada em Protheke. Ajudei a costurar roupas mágicas para os elfos negros, e esses materiais eram macios e flexíveis, mas isso? Isto é como um sonho. É mais macio do que a seda que ele usou para me amarrar, mas a textura ainda me faz suar.

Eu estava totalmente indefeso. À sua mercê. Ele poderia ter feito qualquer coisa comigo, qualquer coisa, e eu queria que ele fizesse. O tecido desliza sobre minha pele, me provocando, e puxo minha túnica para baixo sobre meus seios para que meus mamilos possam esfregar contra ela.

Não é nada parecido com a boca dele.

Desço minhas mãos pelas minhas coxas tão lentamente quanto sua boca as saboreia, permanecendo onde ele havia permanecido.

Eu quero mais.

Eu quero *ele*.

Frustrado, saio da cama e coloco minha túnica de volta no lugar. Ele é um príncipe e isto é claramente um palácio. Ele tem que estar em *algum lugar*.

“É rude não terminar o que você começou”, murmuro para mim mesmo.

“É assim mesmo?”

É uma voz masculina, mas não a dele. Um par de elfos negros entra no meu quarto sem bater, e minhas bochechas queimam ao pensar no que eles poderiam ter visto se tivessem chegado apenas alguns minutos antes.

Será que vou mesmo passar a vida inteira sendo humilhado por essas criaturas?

Eu seguro minha língua, porque suponho que sou uma espécie de prisioneiro e porque, embora suas orelhas pontudas e sorrisos oleosos me lembrem da escravidão em Protheka, esses elfos não fizeram nada comigo pessoalmente.

“Ainda não, pelo menos”, lembro a mim mesma.

Claro, eles me perseguem toda vez que tento sair da sala, e pareço estar encurralada neste andar, porque toda vez que tento descer as escadas, um deles me persegue de volta como uma babá irritada. Mas eles também me deixam comida e roupas, e não levantaram a mão para mim, o que é uma novidade entre os elfos negros.

Os criados penduram as roupas novas que trouxeram para mim com um movimento de dois dedos e depois me lançam um olhar desdenhoso ao sair.

Estou muito fascinado pelas roupas para me preocupar com seu desprezo. Quantas noites eu descí para olhar os vestidos que nunca usarei enquanto meus dedos queimavam por causa das picadas de agulha?

"Uau." Por mais que eu tente, não consigo ver um único ponto no tecido. Todas as túnicas foram construídas com algum tipo de magia que nunca vi, quase como se tivessem sido conjuradas inteiras. Até mesmo os elfos negros precisaram fazer pequenos ajustes em seus designs. "Isso é uma loucura."

Lembrando-me da facilidade com que os criados entraram antes, levo algumas roupas estranhas comigo para o banheiro. Pelo menos esta sala tem uma fechadura. A sala inteira é feita da mesma pedra preta que permeia o resto deste mundo, e luzes mágicas brilham acima de mim, flutuando perto do teto.

É como se eu estivesse suspenso em um oceano negro.

Retiro apressadamente minhas roupas velhas e visto as túnicas novas. O tecido se molda à minha pele, apertando e se ajustando por conta própria, até que o que parecia uma túnica bem feita, embora simples, se transformou em um vestido longo e lindo. Penso na cor azul e ela fica azul. Verde, e fica verde. Penso no tom preciso da minha flor favorita e ela desabrocha em um vermelho deslumbrante.

Eu brinco com isso por um tempo e fico no quarto luxuoso que ele me forneceu por ainda mais tempo. Eu espero e espero e espero por esse príncipe demônio, meus dedos

se contorcendo com o esforço para mantê-los longe de onde eu mais preciso deles, até que não aguento mais.

“Não posso descer e não posso subir.” Abro a porta do meu quarto e com certeza, lá estão os elfos negros, olhando para mim. Eu sorrio para os dois, o que eles parecem interpretar como um insulto pessoal, mas pela curvatura de seus lábios. “Onde eu *posso* ir?”

“Você tem permissão para entrar na sala de estar ou na biblioteca.” O elfo parece ter provado algo particularmente azedo. “Ambos estão neste andar.”

“Obrigado.” Espero um momento. “E onde eles podem estar neste andar, exatamente?” Eles me recompensam com olhares vazios.

Não ocorre a eles me escoltar para qualquer lugar, mas não é como se eles me deixassem ir a qualquer lugar que não deveria. Eles me seguem como se fossem likars em campo aberto, preparando-se para atacar se eu tocasse na coisa errada.

Minha pele se arrepia só de tê-los perto de mim, mas ignoro e começo minha busca pela biblioteca. Não sei se conseguirei ler algum dos livros, mas parece que falamos a mesma língua. Esperançosamente, a escrita deles é semelhante. Talvez eu consiga descobrir um pouco mais sobre este mundo, já que tudo o que o Rei me contou é mentira.

Não preciso me preocupar em procurar a biblioteca por muito tempo. O salão principal leva diretamente até lá, e a quantidade de livros me deixa tonto. Deve haver milhares e milhares, todos cuidadosamente empilhados em imponentes prateleiras pretas. Relâmpagos vermelhos brilhantes dançam nas grandes janelas do outro lado da sala, e luzes quentes brilham acima de mim.

É quase aconchegante.

A sensação é um pouco desorientadora, mas reconfortante. Tão pouco em Protheka parecia seguro, e este mundo tem sido ainda pior. Até agora, eu achava que os demônios eram muito difíceis de sentar em uma cadeira macia e ler, mas aqui há vários assentos longos e confortáveis. Há até um fogo aceso na lareira.

Ok, sim, há uma caveira gravada no centro da lareira. Suponho que o aconchegante demônio seja um pouco diferente do aconchegante de humano, mas o quarto é agradável mesmo assim.

Acabei de tirar um livro interessante da estante ao meu lado quando ouço passos. Meu coração bate forte no peito e todo o desejo que venho reprimindo volta.

É o Príncipe?

Algo raspa na prateleira atrás de mim e eu crio coragem para me virar.

É um demônio, tudo bem. Posso dizer pelos chifres em sua cabeça, que atualmente estão tirando da prateleira *A História da Agricultura Demoníaca* e *O Tratado de T'Morath, o Sábio*. Ele está curvado, como se escondesse o rosto e eu não pudesse ver que ele está ali.

Ele é uma *criança*. A postura é tão parecida com a do meu irmão e irmã adotivos que quase faz meu coração parar. Eu me agacho, como se pudesse intimidar uma criatura como ele, e mantenho minha voz suave.

"Olá."

Minha voz o faz recuar, e vários outros livros voam das prateleiras. Eu levanto minhas mãos, com as palmas voltadas para fora.

"Eu não vou machucar você. Eu prometo. Só estou aqui para ver livros.

O garoto finalmente olha para mim. Seus olhos são enormes, maiores do que qualquer demônio que já vi, e me pergunto se é porque ele é jovem ou se é um tipo de demônio que ainda não vi antes. Ele abre a boca e até suas pequenas presas são fofas.

"Por que seus dentes são assim?" Sua testa franze e ele inclina a cabeça para minhas mãos. "Suas garras estão quebradas?"

"Oh." Eu mexo meus dedos. "Não. Não, não tenho garras ou presas, embora possam ter sido úteis algumas vezes recentemente."

"Você é um escravo?"

Eu sou?

Os servos elfos negros certamente não parecem pensar assim, já que se ressentem de ter que me servir todos os dias. Mas estou restrito a um andar deste grande palácio. Não posso descer, não posso dar um passeio lá fora e nunca, jamais poderei voltar para casa.

"Talvez."

"Oh. De onde você é?" Ele se apoia na estante até que seu queixo pouse em uma fileira de livros e seus grandes olhos brilhem diretamente para mim.

“Proteca.”

“Isso fica no sul?” Ele se mexe com essa possibilidade. “Meu irmão vai para o sul o tempo todo. Ele está acabado. Não há nenhum lugar em Galmoleth onde ele já não tenha estado.

“Acho que você poderia dizer que é o sul.”

“Foi o soz'garoth que criou você?” Ele estreita os olhos. “Você não parece um dazoneth.”

Decido considerar isso um elogio, embora não tenha a menor ideia do que é um dazoneth. Eles poderiam ser perfeitamente adoráveis. “Eu sou humano. Não creio que existam muitas criaturas como eu aqui ainda.”

Eu mantenho a amargura da minha voz. Esse garoto não precisa de detalhes sobre como trai todos que confiaram em mim. Sua pequena mão estende-se timidamente pela prateleira em direção à minha, e eu deixo que ele dê uma cutucada em minha mão. Ele recua de alegria, sorrindo largamente.

“Ah, uau. Você é real. Ele ri. “Achei que talvez tivesse lido demais e comecei a sonhar. Eu não saio muito desta sala.”

"Não?"

“Não acredito que você nem tem *chifres* !”

Sua alegria é contagiante e não posso deixar de rir junto. "Não. Sem chifres.

“Eu sou Akos.” Akos se mexe na estante até que sua barriga encosta nos livros e suas mãos o mantêm em pé no meu lado do corredor. "Qual o seu nome?"

“Laura.” De alguma forma, estou sorrindo tanto quanto ele. Posso sentir a queimação em minhas bochechas enquanto meus lábios se arregalam. "Prazer em conhecê-lo."

REJ'THOREK

Cuando chego em casa, estou exausto.

Não tenho medo do esforço ou do trabalho árduo e, se parecer que realizei algo importante, posso ficar energizado. Mas, em vez disso, meus dias muitas vezes parecem que estou apenas arrastando os pés, ordenado a realizar uma tarefa entorpecente após a outra.

É o custo que devo pagar por fazer parte da família real, suponho, mas drena minha energia da pior maneira. Sei que tenho deveres a cumprir, mas às vezes gostaria que eles parecessem mais valiosos e menos... transacionais. Como se eu estivesse sempre marcando uma caixa em algum lugar, fazendo tarefas sem propósito porque alguém disse que eu deveria.

É difícil explicar como pode ser cansativo permanecer na água por tantos dias insatisfatórios. Gosto de me imaginar superando isso algum dia, assumindo um desafio que finalmente traga satisfação. Mas esse sonho parece igualmente evasivo na maior parte do tempo.

Na verdade, ultimamente a única coisa que chegou perto foi a garota. Tenho certeza de que seu apelo desaparecerá em breve, mas pelo menos por enquanto, ela oferece uma certa novidade. Não substitui a busca por um propósito, mas ameniza a dor que isso representa.

Um alívio temporário.

Enquanto ando pela casa, ouço vozes. Um deles é Akos, meu irmão mais novo. Sua voz está animada e entusiasmada, e não posso deixar de me perguntar o que ele está fazendo. Sinto uma pontada de ciúme que sei ser boba, mas não consigo evitar. Estou tão cansada e chata, e ele tem um certo entusiasmo em sua voz que eu gostaria que pudesse ser meu.

Sigo o som de sua voz, parando do lado de fora da biblioteca. Não há dúvida de que ele está lá. Estou prestes a entrar, com a intenção de descobrir a fonte de sua alegria, quando fico congelada.

Outra voz lhe responde. É tão diferente de qualquer outro em Ti'lith, suave, melódico e cadenciado. Eu sei que é a garota de ontem e me pergunto por que não percebi isso antes.

Ela sempre soou assim? Reflito por um momento e percebo que a voz dela não é apenas bonita. Está mais feliz que ontem, mais leve. Ontem ela estava gritando por sua vida e com medo do que estava acontecendo com ela. É assim que ela soa quando está relaxada, aproveitando a companhia de Ako.

Eu decido que não me importo. Eu não saberia que me importava com o conforto dela antes. Mas acontece que isso me atrai e de repente me sinto motivado a fazer isso durar. Eu ouço a conversa deles por mais algum tempo. Não quero perturbá-los. Acho que tenho medo de que, se souberem da minha presença, isso tire aquela qualidade mágica da voz dela.

Enquanto eles falam, meus ouvidos se animam, catalogando suas palavras. Ela não apenas parece bem. Ela é bastante espirituosa e inteligente, para minha surpresa. Ela tem um certo humor que me cativa, diferente das interações padrão dos demônios. Achei que ela voltaria para casa comigo como um brinquedo, semelhante a um novo animal de estimação. Mas ela é mais do que isso, vejo agora.

Estou ouvindo com tanta atenção, atenta e atenta a cada palavra dela, que me assusto quando Akos chama por mim. Ele me vê do lado de fora da porta, pois fiquei tão distraído que esqueci de ficar escondido. Eu pulo em atenção quando ele diz meu nome, o momento quebrado.

"Rej'thorek! Você está em casa! ele exclama. "Pare de se esconder aí e entre para dizer olá. Tenho um novo amigo que quero que você conheça.

Algo sobre isso me faz rir sozinho. Estou sendo apresentado à pessoa que está aqui graças a mim. *Eu já a conheci*, eu acho. A parte de trás do meu pescoço esquenta quando me lembro de provocar seu corpo nu. *Certamente nos conhecemos.*

Mas eu simplesmente entro na sala, tentando agir de maneira casual. "Um novo amigo?" Repito em tom seguro, mas curioso. "Que legal." Encosto-me no batente da porta, observando-a à distância.

Não quero assustá-la e arruinar seu humor. Prefiro quando ela está feliz, já decidi. Mas também não quero parecer fraco e ansioso demais. É importante que ela saiba que eu posso levá-la ou deixá-la, que qualquer atenção que eu lhe der é escolha minha. Não sei quanto tempo vou mantê-la por perto, mas não quero que ela se torne mimada ou presunçosa.

Ela olha para cima e nossos olhos se encontram. Isso envia uma emoção elétrica através de mim, uma sensação estranha diferente de qualquer outra que já experimentei. Ela faz mais comigo apenas com os olhos do que os outros fazem com o corpo inteiro, e ainda não sei o que pensar disso.

Seu rosto se ilumina, o choque e a surpresa de me ver ali estão gravados em suas feições. Ela não parece descontente com minha aparência. Há uma pitada de nervosismo, mas por baixo disso, ela parece quase... aliviada?

Eu poderia estar lendo demais sobre isso, vítima de uma ilusão. Eu estudo seu rosto, querendo ter certeza. Mas então ela desvia o olhar, corando, e sua expressão muda para algo tímido e modesto.

Meu estômago revira, o desejo por ela voltando à vida com um vigor renovado. Não sei por que a quero tanto para mim, mas quero. Ela me intriga de uma forma que pareço incapaz de escapar.

Mesmo que eu pudesse me afastar dela, eu não quero. Quero explorar as sensações que ela me traz, a paixão que ela respira na minha vida cansada. Quero correr atrás até aqui, pegar essa onda e ver até onde podemos ir.

Não sei o que é esse fogo, que ela segura. Mas não vou parar até conseguir.

“Você pode falar com seu amigo mais tarde”, digo a Akos. “Agora, é a minha vez de conhecê-la.”

Seus lábios se abrem em surpresa e meu olhar cai para eles. Ela olha para cima e encontra meus olhos brevemente, depois desvia o olhar novamente. Seu rubor se aprofunda até chegar às pontas das orelhas. Eu me pergunto onde mais os humanos ficam vermelhos e de que cor ela é por baixo das roupas.

Mal consigo registrar Akos saindo da sala.

Minha mente tem uma compreensão tênue de qualquer coisa, menos dela. A única razão pela qual presto atenção nele é porque quero saber quando finalmente estaremos sozinhos. Ele sai em silêncio e eu a observo em silêncio a princípio. Eu a queria para mim, mas agora que a tenho, meu estômago se agita como se eu estivesse nervoso para me aproximar dela.

Não tenho explicação para esses sentimentos. Esta é a minha casa e ela pertence a mim. Eu a ganhei e farei com ela o que quiser. Não preciso impressioná-la ou obter sua aprovação. Por que eu deveria estar nervoso?

Ela não parece notar, evitando cuidadosamente meu olhar. Suas mãos estão cruzadas recatadamente no colo e ela olha para os dedos entrelaçados. Atravesso lentamente a sala para sentar ao lado dela no sofá, me perguntando como iniciar uma conversa com ela.

Ela era tão leve e despreocupada com Akos.

Sei que não é uma competição, que não importa se ela prefere a companhia dele à minha. Ela é minha, em qualquer caso. Vou deixar Akos entretê-la enquanto estiver fora, mas apenas quando não a quiser primeiro. Mas, por alguma razão, de repente parece que importa muito se eu não consigo agradá-la do jeito que ele fez. Eu sei que ela gostou dos meus toques outro dia. Para ser honesto, quando a trouxe para casa, isso era tudo que eu esperava fazer com ela.

Só quando a ouvi conversando com Akos é que me ocorreu que eu também poderia querer isso. Não apenas prazer físico, mas companheirismo. Essa conversa com uma mulher pode ser tão divertida quanto jogos de quarto.

Eu afasto meu súbito ataque de insegurança. Afinal, sou um príncipe. Por que devo me preocupar com o que posso oferecer a ela? Ela já está se saindo bem, só de estar aqui comigo. Há muitos outros, como Yedina, que me consideram perfeitamente adequado.

Por que estou me amarrando tentando impressionar esse humano? É um absurdo, eu sei, mas não consigo me livrar dessa sensação torturante no peito.

Ela se endireita quando me sento ao lado dela. Seus olhos ainda estão em suas mãos, mas então ela lança um olhar hesitante para mim. Ela não olha para meu rosto, apenas

olha para algum lugar ao redor do meu peito, antes de desviar os olhos de volta para as mãos.

Apesar dos meus melhores esforços, ainda estou com a língua presa. Sua timidez me encanta. Sei que cabe a mim falar primeiro, mas não consigo pensar em nada para dizer. Suponho que nunca confiei muito em minhas habilidades de conversação no passado. Olho para seu precioso semblante, admirando seu perfil. Ela deve me sentir porque olha timidamente de novo. Desta vez, nossos olhos se encontram.

Há uma vibração dentro de mim enquanto eu a bebo. Não quero que ela desvie o olhar antes de eu me satisfazer, e minha mão poderosa sobe para segurar seu queixo. Seus olhos cinzentos se arregalam, suas sobrancelhas se erguem em expectativa.

Mantenho seu rosto ali, capturando cada curva e plano com minha mente. A inclinação do nariz, a inclinação da testa, a forma como a pele dourada brilha na maçã do rosto. Então me inclino para ela, reivindicando sua boca em um beijo tão suave que surpreende até a mim.

LAURA

HSeus lábios são tão macios quanto me lembro, um contraste surpreendente com sua aparência externa. Nada em Rej'thorek parece terno. Mas seus beijos de alguma forma são. Notavelmente.

Como pode alguém tão feroz e tão assustador ser tão gentil? Descobrir, ontem à noite, como ele poderia me excitar me deixa em conflito. Não tenho dúvidas do quanto gostei, ou do quanto gostei desse beijo. Parece simplesmente impossível.

Eu me afasto de seus lábios aquecidos, minha cabeça girando em confusão. Como pode ser tão bom? Todos os demônios são secretamente excelentes amantes ou é só ele? Ou um pensamento mais sombrio: há algo de errado comigo? É normal gostar tanto disso?

Eu olho para ele, lutando para organizar os pensamentos na minha cabeça.

Eu quero mais, mas isso me assusta ao mesmo tempo. Nunca desejei tanto alguém, mas o que ele espera de mim?

Ele olha de volta, e seu olhar reflete minha confusão. Ele parece incerto, como se pensasse que eu não gostei tanto do beijo quanto ele. Não tenho palavras para explicar que gostei, talvez até demais. Mesmo que eu pudesse contar a ele, não tenho certeza se quero que ele saiba.

Mas ele não me repreende nem fica com raiva.

Ele poderia interpretar isso como uma rejeição e se tornar hostil. Já vi isso com frequência suficiente para saber como isso acontece. Como rejeitar os avanços de alguém pode aumentar sua raiva. Em vez disso, ele franze a testa no que parece ser preocupação. “Você tem tudo que precisa aqui?” ele pergunta. “Você foi cuidado hoje enquanto eu estava fora?”

Ainda estou envolvida no beijo, incapaz de reunir as palavras para respondê-lo. Concordo com a cabeça em silêncio, o máximo que consigo extrair da corrente elétrica que percorre meu corpo. Há um zumbido surdo em meus ouvidos que mal consigo ouvi-lo.

“Bom”, ele diz, e se levanta abruptamente.

Posso sentir a perda dele e isso me desorienta. Quero-o de volta no sofá ao meu lado.

Mas enquanto tento encontrar uma maneira de dizer isso, ele continua. “Estou satisfeito que tudo tenha sido do seu agrado.”

E com isso, ele se foi.

Parece que fui demitido. Suponho que de certa forma estive, embora tenha sido ele quem partiu. Isso é tudo que ele queria, um beijo? Agora ele se cansou e foi embora?

Eu sei que fui eu quem terminou o beijo, mas não me ocorreu que isso seria tudo o que eu conseguiria. Afastei-me, não porque não quisesse mais, mas porque estava impressionado com o quanto queria.

Quase desejei que ele tivesse ficado bravo quando eu o recusei. Se ele tivesse me batido por isso, eu poderia ter certeza de que ele merecia ser odiado como o resto de sua espécie. É mais fácil ter um inimigo do que ansiar por um amigo.

Mas ele não me deixou nada em que eu pudesse criticar. Não tenho nenhuma desculpa à qual possa me agarrar para me sentir melhor com sua rejeição. Eu o quero mais do que nunca, e parece que ele é completamente indiferente se eu o desejo ou não.

Com meu desejo por ele ainda correndo em minhas veias, minha mente vagueia até ontem. À maneira como ele me provocou e torturou, da maneira mais deliciosa. A maneira sensual com que ele comeu meu corpo nu, enquanto eu me contorcía por mais.

Eu não sabia o que esperar quando fui deixada assim, forçada a esperar pelo seu retorno. Eu estava com medo, mas isso desapareceu rapidamente. Tudo o que restou em seu lugar foi meu próprio desejo. Foi quase vergonhoso como eu gemi e chorei por ele.

Nunca fui estimulado assim, fiquei no auge do meu barato e desesperado por mais. Seus dedos dentro de mim, me enchendo de uma satisfação que eu não sabia que era possível. Passei o dia todo imaginando como seria ir mais longe. Imaginando o prazer que ele poderia causar em meu corpo, se apenas seu toque me deixasse tão selvagem.

O dia todo esperei que ele voltasse. Pensei nele e em suas mãos e desejei que ele estivesse lá para fazer isso de novo. E então ele fez isso, e eu tive minha chance, e estraguei tudo. É uma condição crônica minha fazer escolhas tão tolas e autodestrutivas? Parece que tenho um talento incrível para sempre piorar as coisas, para dar um tiro no próprio pé.

Ou minha auto-sabotagem é o curso de ação correto? Não consigo confiar nele, não completamente, porque isso me obriga a lembrar como fiquei arrasado com as promessas que o Rei Demônio fez e se recusou a cumprir.

O rei fingiu que cuidaria de todos nós e nos tiraria da horrível escravidão em Prothea. Eu acreditei nele... eu confiei nele. E me vi escravizado novamente, trocando um pesadelo por outro.

Acabar nesta casa é uma melhoria. E sua preocupação com meu bem-estar me toca, mas não mereço isso. Já faz muito tempo que ninguém se esforçou tanto por mim. Minha irmã costumava fazer isso, embora isso pareça ter acontecido em outra vida.

Veja como eu retribuí sua preocupação, vendendo-a ao Rei Demônio e seus asseclas. Toda a minha família, todas aquelas pessoas que confiaram em mim. Eles dependiam de mim para fazer a coisa certa e eu falhei.

Eu causei tanta dor a tantas pessoas.

Talvez seja melhor que ele me despreze, que ele possa se afastar de mim tão facilmente. Eu o desejo, mas mesmo que ele possa me deixar satisfeita, não mereço isso. Parece que, se eu ousar sonhar, posso me imaginar feliz para sempre, mantido em segurança aqui nesta casa. Mas por que eu deveria conseguir isso, quando outros não o fazem e é tudo culpa minha?

Não sei qual eu realmente quero. Eu fantasio sobre esse terno demônio me dando o que eu não mereço. É a única coisa que irá amenizar a culpa do meu cruel sobrevivente, que se torna ainda mais complicada pelo fato de eu não saber como os outros estão sendo mantidos. Não sei a extensão dos danos que causei.

Se eles estiverem bem, posso aliviar um pouco do meu remorso. Mas não tenho como saber o que aconteceu com eles ou como pagaram pelas minhas escolhas. Eu gostaria de pensar que Cora está bem. Que talvez ela pudesse até me perdoar algum dia.

A última vez que a vi ela tinha um demônio que parecia preparado para cuidar dela. Espero que sim, que ainda o seja. Espero que ela tenha uma vida boa e eu não tenha roubado sua felicidade.

Mas isso ainda não me absolve do que fiz com Matt e Beth, lembro a mim mesma, meu humor ficando ainda mais sombrio. Meu acordo infundado com o Rei Demônio deveria

nos afastar dos campos de escravos de Protheke e do reinado dos elfos negros. Aconteceu, mesmo que não nos tenha trazido a alegria com que um dia sonhei.

Eu não tinha parado para pensar nas crianças, no entanto. Quando vendi as mulheres, condenando-as a viver sob o comando do Rei Demônio, isso significou que não sobrou ninguém no acampamento para cuidar das crianças. O que aconteceu com meus irmãos mais novos, Matt e Beth? Ainda me dói todos os dias admitir que talvez nunca saiba.

Eles foram deixados para trás em Protheke, provavelmente sofrendo sob os mesmos elfos negros dos quais eu estava tentando escapar. Na pressa de fugir, esqueci que eu e Cora éramos os únicos ali para protegê-los. Eu os deixei indefesos e vulneráveis. Eu havia derrubado a rede de segurança deles com minhas próprias mãos.

Onde eles estão hoje? Eles estão infelizes e com dor? Eles ainda estão vivos?

Akos me lembra um pouco Mattie. Mas Matt nunca conseguirá estar aqui nesta casa, lendo livros silenciosamente em uma biblioteca sem ser perturbado. Ele nunca terá criados lhe dando banho ou trazendo refeições.

Eu também não deveria. Não mereço nada disso, e então tenho coragem de sonhar com mais. Fantasiar sobre a terna carícia de um amante demoníaco quando eu nem deveria estar vivo.

Oprimido pela dor que raramente reconheço, posso senti-la percorrendo meu corpo como se pudesse me afogar nela. Deitei-me no sofá macio, desejando mais do que qualquer coisa que minha família pudesse estar aqui em vez de mim.

"Sinto muito", eu soluço, assim como na arena. "Me desculpe."

Mas não é como se as pessoas que precisam ouvir isso pudessem. Cora não está perto de mim.

E não tenho ideia do que aconteceu com Matt e Beth.

Um soluço inesperado me escapa. Mas é como se uma represa tivesse rompido e fosse tarde demais para parar. Meus ombros começam a tremer com a força do meu choro silencioso, a culpa destruindo meu corpo. Escondo o rosto na almofada e deixo as lágrimas quentes caírem.

REJ'THOREK

THonir é uma companhia bem-vinda para me ajudar a manter minha mente longe dos meus problemas. O humano que peguei é mais complexo do que eu esperava. Estou pensando sobre o que exatamente devo fazer com ela. Eu a desejo, mas fico confuso sobre como agir em relação a isso.

Ela é minha agora. Uma parte de mim sabe disso. Eu a ganhei e a trouxe para casa comigo. Ela é minha para fazer o que eu quiser.

Então, por que desejo que ela aprove minhas ações? Por que a ideia de ela estar insatisfeita comigo me deixa tão vazio? Não devo nada a ela e já lhe dei muito. Por que não consigo me convencer a usá-la, como desejo?

Não quero continuar viajando nesses círculos mentais, pelo menos não esta noite. Então, convidei Thonir para tomar alguns drinks, tentando me distrair. Eu sei que em algum momento terei que aceitar essa estranha dissonância cognitiva que tenho no que diz respeito a ela.

Mas esta noite não é para isso.

Infelizmente, Thonir não parece ter entendido essa mensagem. Ele não para de me irritar com perguntas sobre o humano. O humano em quem estou tentando tanto não pensar. “Quais são seus planos para ela?” ele pergunta entre goles. “Seria cruel da sua parte mandá-la de volta para a arena, a menos que... você pretenda mantê-la?”

Para todas essas perguntas, não há nada em branco. A única resposta verdadeira que poderia dar é que não sei. Mas não posso admitir que nem eu mesmo tenho certeza do que há nela que me obriga a mantê-la, sem ter ideia do motivo pelo qual a estou mantendo.

Finalmente, frustrado com seu gentil interrogatório, desviei sua próxima pergunta. “Ela é apenas um brinquedo”, explico. “Vou me cansar dela em breve, tenho certeza. Mas ela é divertida por enquanto. Um troféu vivo.”

Eu sei que estou mentindo. Só espero que Thonir não o faça.

Ganhei muitos troféus no meu tempo. Mas nenhum deles consumiu todos os meus pensamentos acordados do jeito que ela faz. Eu pretendo brincar mais com ela, então não é totalmente falso. Quero penetrá-la novamente, desta vez com meu pau ou língua. Mas não se trata apenas de possuí-la. É mais do que satisfazer minhas próprias necessidades através dela. Tenho tanto prazer no que dou a ela quanto no que tiro dela. Gostei do jeito que ela choramingou quando a beijei. Eu quero fazê-la fazer isso de novo.

Mas não posso dizer isso a Thonir. “Ela é um brinquedo novo”, repito, tentando nos convencer.

A julgar pela expressão em seu rosto, não tenho certeza se ele acredita em mim. Eu sei que não. Mas ele pelo menos abandona as perguntas por enquanto, o que ainda parece uma pequena vitória.

Continuamos a beber, o suficiente para que eu sinta minhas frustrações se dissipando. Isso entorpece minha mente o suficiente para acabar com meus pensamentos excessivos, o que me traz algum alívio. Thonir é um dos meus companheiros mais antigos e a melhor opção para passar uma noite descontraída.

Relaxamento é exatamente o que preciso agora.

Infelizmente, não dura muito. Eu a sinto antes de vê-la. Yedina. Ela entra no bar, seu rosto se iluminando assim que me vê.

Ótimo , eu acho. Eu estava quase tendo uma boa noite, então é claro que ela tinha que aparecer e acabar com isso.

Ela não se aproxima de mim imediatamente. Ela sai com sua comitiva e há um certo grau de exibição entre as matronas. Ela não pode ceder muito rapidamente ou me perseguir desesperadamente.

Em vez disso, ela finge estar ocupada demais para me ver lá. Ela balança para frente e para trás, esvoaçando ao redor de sua comitiva. A maneira como seus quadris balançam é claramente para meu benefício, mas ela tem que continuar a manter a ilusão de que não é assim.

Acho mais irritante que ela não vá direto ao ponto.

Já rejeitei seus avanços tantas vezes que estou acostumada. Se ela parasse de brincar, eu poderia simplesmente rejeitá-la novamente e voltar a aproveitar minha noite. Em vez disso, fico aqui sentado, fervendo de raiva por sua angústia mal disfarçada.

É o suficiente para ser perturbador, o suficiente para atrapalhar minha noite fora. Mas ela não chega perto o suficiente para eu repreendê-la. Eu sei que não importa quais sejam suas verdadeiras intenções, se eu me aproximar da mesa dela para exigir que ela me deixe em paz, parecerá que estou perseguindo-a.

A última coisa que quero é fazê-la acreditar que a estou seguindo, então tenho que cerrar os dentes e ignorar. Mas faz meu sangue ferver, sendo forçado a esperar pelo que sei que está por vir.

Não demora muito para ela, encorajada pelas outras mulheres e homens risonhos, se aproximar enquanto espero por outra bebida. Tento passar por ela com desdém, mas ela se posiciona dessa maneira. Já estou de mau humor pelo jeito que ela arruinou minha noite, e não demorou muito para me levar ao limite.

Ela me empurra para trás até que não tenho escolha a não ser sentar em uma cadeira atrás de mim. Então ela sobe no meu colo, montando em mim. “Saia,” eu retruco, já tendo o suficiente. Já disse 'não' a ela muitas vezes e não deveria ter que continuar dizendo isso.

Ela se inclina para lambe minha orelha. A sensação me faz estremecer de repulsa. “Você não precisa bancar o difícil para conseguir”, ela murmura. “Você sabe que sou seu para usar.”

“Onde posso devolver você?”

Ela finge que não me ouve, se esfregando em mim. Estou pronto para ferver, mas é quando ela enfia a mão debaixo da minha roupa para agarrar meu pau que não consigo controlar minha raiva.

Não há linha que ela não ultrapasse. Nada que ela respeite, nada que ela ouça. Eu a quero longe de mim e vou conseguir, quer ela goste ou não. Estou cansado de ser empurrado por alguma matrona mandona e insípida a quem eu já disse várias vezes para se foder.

Eu me levanto, largando-a sem cerimônia do meu colo. Ela cai no chão amontoada, seu rosto transmitindo sua surpresa assustada. As outras Matronas em uma mesa param de rir e ficam abruptamente em silêncio. O choque na sala é palpável.

Ela fica em silêncio no início, sem se levantar do chão enquanto tenta compreender o que acabou de acontecer. Então ela se levanta, impulsionada pela sua fúria. Eu a humilhei na frente de seu grupo. Não sinto muito, mas sei que ela não pode deixar as coisas assim.

Posso sentir sua magia aumentando, seu constrangimento e raiva tomando conta dela. Seu rosto queima e sua expressão está sombria de fúria. Eu sei que a magia dela é quase igual à minha e que ela poderia me matar se quisesse.

Mas também sei que ela não ousaria. Sua busca incansável por mim se deve ao seu desejo de estar ligada à família real.

Se ela me matar, ela não terá nada.

Além disso, meu pai e eu podemos não nos dar bem. Eu nem estou convencida de que ele gosta de mim. Mas ele não vai permitir que alguma Matrona escape impune ao matar seu filho, mesmo que deseje poder fazer a mesma coisa na maior parte do tempo. É uma questão de orgulho.

Thonir se levanta, ficando atrás de mim. É sua maneira silenciosa de lembrá-la de que ele está me protegendo. Ele está tentando encorajá-la a se lembrar de seu lugar antes de fazer algo de que possa se arrepender. Como homens, somos desencorajados de brigar com as matronas, mas a lealdade dele é, em última análise, para comigo.

Ela deve estar chegando à mesma conclusão de que precisa moderar sua reação. Porque, por mais alta que seja sua magia, ela não a libera. Em vez disso, ela aperta os lábios em uma linha fina de fúria mal contida, levanta a mão de forma dramática e me dá um tapa.

Duro. Sua palma aberta desfere um golpe sólido contra minha bochecha, e posso sentir o sangue correr imediatamente para a superfície da pele, irritado e inquieto.

Aceito o golpe, sabendo que não há outro recurso. Ela tem que salvar a face nesta cena pública, e fui eu quem a colocou nesta posição. Não me arrependo, tenho certeza de que ela merecia, mas também sabia que a vingança viria.

Se eu prosseguir com isso, a situação só se tornará mais volátil. Mas talvez eu finalmente tenha enviado uma mensagem clara para ela, uma mensagem que a convencerá a me deixar em paz.

Para isso, vale levar o tapa.

Ela levanta o queixo, arrogante e orgulhosa. “Você será meu,” ela sussurra para mim, sua voz tremendo de raiva. “De uma forma ou de outra, você será meu.

“É só uma questão de tempo.”

Então ela joga o cabelo ruivo sobre os ombros e vira a cabeça para dar aos outros demônios em sua comitiva um olhar penetrante. Girando nos calcanhares, ela sai pela porta da frente, sem nunca olhar para trás.

Eles se levantam, sussurrando entre si, e correm para segui-la. Caso contrário, isso seria visto como uma traição. Tenho certeza de que, depois da cena que ela acabou de criar, nenhum deles está ansioso para torná-la inimiga.

Eu a observo sair, ignorando a sensação de ardor na minha bochecha. Meu coração bate forte com minha própria raiva, vibrando pelo meu corpo em um crescendo.

LAURA

Eu Não é fácil adormecer.

Não com o peso da minha culpa pairando sobre mim. Olho para a tela do dossel, deitada em uma cama feita para acomodar uma criatura com o dobro do meu tamanho. Uma cama quentinha. Boa comida. Esses são luxos dos quais a maioria dos humanos nunca poderá participar, e aqui estou eu, chafurdando no paraíso.

É difícil imaginar as outras mulheres, enjauladas ou pior. Espero que, para o bem deles, eles não sejam como eu. Eu aperto meu estômago estéril. Como eu poderia saber que isso era tudo que o Rei Demônio queria? Atrevo-me a fechar os olhos, vendo novamente seus rostos, alongados. Aterrorizado.

Enterro o rosto no travesseiro como se isso pudesse fazer qualquer coisa para banir as imagens.

Do lado de fora da minha janela, a tempestade continua. Estou começando a achar que é uma coisa normal nesta cidade chamada Ti'lith. Parece não natural. Sinto falta das estrelas. O sol e a lua. A ausência deles é estranha. Eles estiveram lá durante toda a minha vida e agora simplesmente... desapareceram.

Lembro-me de como Cora e eu brincávamos atrás do assentamento depois de um longo dia de trabalho. Eu estava exausto e ela teve que me coagir a assumir, mas sempre valeu a pena. Eu considerava isso um dado adquirido, os campos verdes e as nuvens brancas e fofas.

Costumávamos deitar numa colina e observá-los passar por horas antes do pôr do sol.

É nesta memória que encontro agora o meu cansaço e as minhas pálpebras ficam pesadas. Posso imaginar que ainda estou morando lá, antes que minhas escolhas fizessem com que outras pessoas fossem mortas e levadas. E talvez seja aí que Matt e Beth estejam agora, imaginando um mundo melhor para si.

É quando uma porta lá embaixo se fecha.

Não é típico de Akos fazer tanto barulho. Ele é um especialista em ficar quieto, em passar despercebido, a menos que saiba que está seguro. Poderia ser...

Os degraus rangem sob o peso dos passos de um demônio e ficam mais próximos a cada segundo que passa. Sento-me quando minha porta se abre e a silhueta de um demônio aparece na minha porta. *É ele*, penso, respirando fundo.

Eu recolho o cobertor em volta de mim. “Rej'thorek”, eu digo, o nome dificilmente adequado à minha língua macia. Akos me contou isso confidencialmente, e eu ensaiei por horas para que não parecesse bobo quando finalmente o usasse na presença dele.

Ele não responde.

Não posso ficar surpreso. Ele faz o que quer, quando quer, independentemente do que eu diga. Mas há algo diferente nele esta noite. Como se ele tivesse sua própria tempestade pessoal ao seu redor. Ele estala no ar entre nós quando ele se aproxima da cama.

Encolho-me sob sua atenção, seu olhar brilhante enquanto ele me observa.

"O que você quer de mim?" A pergunta parece patética na presença dele. Meu núcleo aquece contra meu melhor julgamento. Tenho uma sensação que já conheço.

Rej'thorek arranca o cobertor da cama e estende a mão para mim. Eu grito quando ele agarra minha perna e me puxa para baixo enquanto se ajoelha sobre mim. Ele pega meu rosto com sua mão enorme, seu polegar traçando a linha da minha boca.

Abro por insistência dele enquanto ele pressiona a ponta da garra contra minha língua para que eu não possa falar. Seu aperto aumenta em meu queixo enquanto ele se inclina para um beijo, atacando minha boca com forte insistência.

Eu me rendo a ele, assustada demais para perguntar o que está acontecendo.

Ele havia saído com seu amigo horas atrás, e eu me pergunto o que o fez ficar tão furioso em tão pouco tempo. Mas ele não desconta em mim, seu toque é urgente. Como se ele estivesse tentando esquecer alguma coisa.

Eu entendo isso melhor do que a maioria.

Abro minha camisola para me revelar a ele, fazendo-o parar. Seus olhos brilham com magia negra enquanto ele me observa. “Eu preciso de você, Rej'thorek,” eu digo quando ele solta minha boca, acariciando sua bochecha quente. “Agora, termine o que começou na mesa da sala de jantar.”

Seu olhar pisca para encontrar o meu, e seus lábios se abrem como se ele quisesse dizer alguma coisa. Mas eles se firmam novamente e há algo determinado em seus olhos ardentes. Juro que há um sorriso miserável em seu rosto antes que ele me vire de bruços em um movimento rápido.

A respiração sai de mim rapidamente, mas não tenho tempo para processar quando ele passa por minhas defesas com vários dedos. Não consigo contá-los enquanto ele me empurra com força, forçando meu corpo a se esforçar contra a intrusão repentina. Eu grito quando seus últimos dedos aparecem, me enchendo demais em um instante.

Meu grito é abafado por uma mão pesada e sou arrastada contra ele, espetada em seu pulso. Sua boca encontra minha garganta e ele me examina, apertando a mão em punho com golpes pesados até meu corpo tremer.

Nas minhas costas, posso sentir seu pau ficando duro.

Se tenho alguma esperança de aceitá-lo, tenho que relaxar. Ele está certo em usar o punho primeiro, ou posso ser quebrado por seu enorme apêndice antes de terminarmos. Mais duas vezes, ele se aprofunda, forçando meu corpo a se formar em sua mão impiedosa.

Então, lentamente, ele afrouxa o aperto e desliza para fora, fazendo meu corpo estremecer em sua ausência. Agarro os lençóis para me preparar, mas não há nada que possa fazer para me preparar para a plenitude dele. Meus quadris estão quase tensos demais, embora ele não pareça se importar, um gemido profundo escapa dele enquanto a verdadeira agonia toma conta de mim, me fazendo gritar novamente.

Ele não se preocupa em abafar isso, agachando-se sobre mim e forçando-se totalmente, forçando meu interior com sua circunferência. Meu núcleo ameaça empurrá-lo para fora, meus músculos ondulando em desafio quando ele agarra meus quadris e se aperta ao máximo.

Minhas pernas se endireitam por vontade própria e a primeira onda de êxtase passa por mim. Meus olhos reviram e eu engasgo com um gemido. Sua mão desliza sob meu braço, me apoiando contra ele enquanto ele se levanta, bombeando com força a cada impulso.

Fico mole em seus braços.

Isso é tão diferente daquela primeira vez, que sei que algo está terrivelmente errado, mas não consigo me perguntar ainda, adorando cada minuto de seu tratamento rude.

Ele cai para trás em uma cadeira, passando um braço em volta das minhas pernas e me apertando com força para me bater melhor com seu pau enorme. Ele solta minha garganta e me deixa mole contra seu peito sólido. Rej'thorek nem se preocupou em tirar a camisa, mas sinto o gosto do calor masculino subindo dele e beijo a parte inferior de sua mandíbula.

É tudo o que posso fazer, preso na prisão dos seus braços.

A dor diminui para um prazer avassalador, a ponta de seu pênis batendo contra a minha extremidade, ameaçando romper. Fiquei imaginando como isso poderia acontecer o dia todo, mas nunca assim. Quase posso imaginar que este é o meu castigo pela boa vida que ele me deu, e se é assim que deve ser, então fico feliz em aceitar isso dele. Ele puxa meu cabelo para trás, forçando um gemido de mim.

Isso parece encorajá-lo ainda mais, e ele desliza para o chão de joelhos, me soltando apenas o tempo suficiente para segurar minha cintura novamente. Com meu rosto plantado no chão, ele me ataca com força, meu corpo transbordando de prazer.

Um grunhido o atinge enquanto ele bate em minhas entranhas.

Quando eu resisto, ele me força a voltar à posição, nunca desistindo. Meu lamento se torna um uivo de prazer e dor que estremece no ritmo de suas estocadas. Ele nem sequer tenta me manter quieta, muito concentrado na tarefa de me criticar.

Mais uma vez, meu corpo fica tenso.

Ondas de prazer percorrem meu corpo, enviando eletricidade para as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Duas vezes ele me libertou em questão de minutos e ainda não terminou. A palma da mão dele pressiona entre minhas omoplatas, me prendendo no lugar enquanto ele arranca seu prazer das partes mais profundas de mim.

"Leve-me!" atrevo-me a gritar. "Tire tudo de mim..."

Não sei dizer se ele ouve, mas seu ritmo aumenta e sua respiração superficial fica mais alta. Eu sei que ele está perto também. Ele morde minhas costas com seus dentes afiados, aquele estrondo se aprofundando em sua garganta. "Você já é meu," ele rosna em meu ouvido, perseguindo sua língua sobre a concha sensível.

Meus olhos reviram novamente e a luz me cega.

Seu ritmo aumenta ainda mais, violento e desesperado.

Não há nada que o impeça de me foder até o chão, neste momento. Estou indefesa em seu aperto, incapaz de me mover sob o peso dele. Ele deve estar demonstrando alguma moderação, porque senão ele já teria me quebrado.

Mas não sei dizer onde.

Seu corpo duro como rocha penetra em mim, e posso sentir seu ápice chegando. É a maneira como sua respiração ficou irregular e suas coxas ficaram tensas. Ou como seu próprio núcleo se enrijece para entrar e liberar sua semente.

É o que estou esperando, mas quando ele sai cedo demais, fico surpreso. Só por um segundo enquanto ele me chicoteia novamente e me arrasta até seu pau pela nuca. Sua cabeça grossa força seu caminho em minha boca enquanto ele goza com força, gemendo em sua liberação.

Eu aceito porque o que mais posso fazer?

A mordida salgada de sua semente desce pela minha garganta, me forçando a engoli-la em grandes goles enquanto ele termina. Quando ele finalmente me solta, caio no chão novamente, apoiando minha testa em chamas na superfície preta e fria.

REJ'THOREK

EU afundo na cadeira, me acariciando enquanto olho para sua linda forma nua. Há tantas coisas que farei com ela, mas por enquanto, permito que ela se recupere.

Deste ângulo, tenho uma visão clara da sua rata palpitante.

Lembro-me de como ela era apertada ao meu redor, não feita para caber em um demônio do meu tamanho. Ainda assim, ela não lutou e até exigiu mais quando eu poderia tê-la destruído em minha perseguição. Um pequeno gemido escapa dela, seus dedos caindo naquela umidade para esfregar seu clitóris inchado.

Ela está tentando me encorajar?

Meu ritmo aumenta. Não demorará muito até que a minha pila esteja novamente dura, pronta para mais do seu doce corpo. É num rosnado que encontro minha voz. "Venha aqui."

Há um atraso em seus movimentos.

Ela se ergue sobre os membros trêmulos, olhando para mim por cima do ombro, seus olhos se arregalando ao me ver.

Um sorriso ardente se espalha pelas minhas feições marcantes. *Isso mesmo*, eu acho. Eu não dei a ela a oportunidade de observar meu pau antes de ela pegá-lo. Ele sacode quando eu aperto a ponta, me excitando ainda mais. Vou reivindicar cada centímetro dela antes que a noite acabe. Quero ouvi-la gritando meu nome de novo, mas onde ela ouviu?

Eu nem conheço o dela.

"Venha aqui," eu digo novamente, desta vez mais suavemente.

Há incerteza em sua expressão, apreensão e desejo, enquanto ela apoia a cabeça em meu joelho. Seus dedos doces traçam linhas em minhas coxas, mas nunca muito perto do meu pau.

Agarro um punhado de seu cabelo e arrasto seu rosto para mais perto. "A quem você pertence?"

“Você,” ela sussurra sem hesitação. Há uma partícula de tristeza em seus olhos quando ela diz isso, mas ela abre a boca para me aceitar de qualquer maneira. Sua língua aveludada está molhada e estou tentado a colocar meu pau na fenda dela. Quando não o faço imediatamente, ela se esforça para me acolher, como se minha explosão anterior não fosse suficiente para ela.

Tão disposta, penso, apertando ainda mais seus lindos cabelos dourados, impedindo-a de diminuir a distância. Isso faz com que uma pequena pérola de pré-sêmen caia na minha ponta. “Ansioso, não está?”

Um suspiro de frustração escapa dela, e ela olha para mim com aqueles olhos cinzentos comoventes. “Não é isso que você quer?”

Eu poderia punir sua obstinação.

Meu aperto suaviza e capturo sua bochecha, traçando uma garra sobre seus lábios carnudos. “Você deveria ter medo dos meus desejos, humano.”

Sua mandíbula aperta e ela desvia o olhar.

Eu me pergunto o que está acontecendo naquela cabecinha dela. Ela nunca tentou escapar de seu destino, exceto no ringue com o gilak, quando não tinha esperança de sobreviver. Eu quero que ela saia correndo gritando da sala?

Eu quero persegui-lo?

Como uma presa na selva de Galmoeth, eu poderia caçá-la. Eu poderia prendê-la contra um sabugueiro e tirar dela tudo o que desejasse. Meu pau dói, endurecendo por conta própria com a fantasia errante. Mas não precisa ser assim.

Eu poderia tornar isso realidade. Afinal, sou um príncipe.

Num gesto repentino, levanto-me, levando-a comigo.

Ela encolhe na minha sombra enquanto meço sua forma diminuta. A obediência é tolerável, mas é outra coisa que anseio. Quero o medo dela, percebo, aquela faísca para acender minha paixão. Estava lá quando ela estava com os olhos vendados na minha mesa.

Incerteza, conluo, possibilidade de comê-la.

“Deite-se na cama, de barriga para cima”, eu instruo, e ela se esforça para fazê-lo. Ela se senta na beira da cama, mantendo os joelhos tensos enquanto recua antes de se deitar.

Ela nunca tira os olhos de mim, observando minha forma poderosa com cautela. "Assim?"

Eu não respondo, simplesmente fico olhando.

"Rej'thorek?" ela pergunta.

Deixo que ela queime sob meu escrutínio por um tempo, até que aquele rubor encantador se espalhe novamente por sua pele. Testo o fio da navalha dos meus dentes contra a língua, meus olhos brilhando de antecipação.

Finalmente, pego seus joelhos e os abro, revelando sua boceta ferida.

Ela solta um pequeno suspiro de surpresa, mas me permite, seu estômago tremendo enquanto eu arrasto minhas garras por sua coxa para acariciar sua fenda, fazendo seus joelhos tremerem. Eu nunca tive a chance de prová-la, não realmente. É com essa curiosidade que me inclino e passo minha língua sobre seu monte.

Ela tenta se sentar, mas eu a empurro de volta com um grunhido. "Não se mova."

Seu corpo relaxa um pouco enquanto continuo a explorar, testando seu buraco latejante antes de passar por cima de seu clitóris. Meus dentes roçam e suas coxas apertam em volta de mim. Eu levanto suas pernas sobre meus ombros para ter uma melhor visão, mergulhando profundamente com minha língua.

Seu suspiro me faz trabalhar mais rápido, minha língua a enchendo.

Entre as pernas da minha nova escrava, é fácil esquecer Yedina. Seu toque era venenoso em comparação com esta mulher humana, cujas mãos macias apertam meus chifres em busca de apoio. Isso envia um pequeno arrepio através de mim enquanto eu sacio minha fome com o gosto dela.

O cheiro dela é avassalador.

Eu me inclino para frente, forçando-a a rolar comigo enquanto pego seus quadris, banquetando-me com seus sucos doces enquanto ela solta um grito repentino. É simples ficar de joelhos na cama, mantendo um aperto firme em seus quadris, puxando-a para cima, de modo que ela fique de cabeça para baixo, seu corpo ágil suspenso apenas por mim.

Meu pau salta ao lado de sua cabeça enquanto eu vasculho seu interior, arrastando meus dentes contra seu clitóris no mesmo movimento fervoroso. Sem qualquer

comando, ela segura meu pau e beija a ponta. Meu gemido irradia através de sua metade inferior, e ela estremece novamente antes de me levar em sua boca.

Eu tiro sua boceta encharcada e a coloco em meu pau, forçando-o em sua garganta apertada. Posso senti-la tentando respirar, e a seguro lá por um breve momento antes de soltá-la completamente, deixando-a cair na cama, ainda engasgada com a intrusão repentina.

Ela se enrola em uma pequena bola, com falta de ar.

Uma risada sombria me escapa enquanto limpo minha boca molhada. “Foi demais?”

Ela não responde, sua respiração desacelerando para algo controlado. Eu me inclino e beijo sua nuca, depois desço aquela bela curva de suas costas antes de encontrar a carne de sua bunda e morder, queimando sua pele com as marcas dos meus dentes.

Ela resiste, mas apenas ligeiramente, escondendo o rosto em um cotovelo.

“Você é minha,” murmuro contra sua pele, rolando-a debaixo de mim e capturando sua mandíbula para que ela não possa desviar o olhar. “Cada respiração que você respira depende da minha boa vontade. Lembre-se disso, humano, e talvez você viva para ver o amanhecer.”

Seu aceno é rápido e seus olhos são arregalados.

“Bom,” eu digo, testando a carne de sua bunda. “Agora, incline-se.”

Rapidamente, ela se aproxima de mim apoiada nas mãos e nos joelhos, seu corpo tremendo como se a sala tivesse esfriado na minha presença. Meu pau desliza entre suas coxas, molhando-se contra sua boceta antes de me inclinar para trás, varrendo minha ponta contra o segundo buraco.

Com duas garras, eu afasto suas nádegas para ver melhor, empurrando a ponta do meu pau contra ela. Aperta com força e ela solta um grito abafado.

Essa banda briga comigo na entrada.

É ainda mais apertado do que sua linda boceta, e eu luto para romper por um momento antes que finalmente algo cede, e minha cabeça aparece. Nós dois soltamos um som, o dela um grito estridente, o meu um gemido satisfeito que enche a sala. Logo, ela está tremendo com o peso de sua plenitude enquanto eu abro sua bunda, centímetro por centímetro glorioso.

“Rej'thorek!” ela grita, abafando seu próximo grito com o punho.

Eu seguro seus ombros e afundo mais fundo, achando seu calor e pressão quase demais para suportar. Estou cego pelo prazer, girando meus quadris para melhor aproveitar cada impulso até chegar ao meu fim, forçando seu corpo a se formar em minha direção.

Ela está chorando agora, abafando os gritos em um travesseiro.

E encontro um ritmo pesado que me convém. Minhas garras arranham suas costas, deixando linhas de raiva em seu belo corpo enquanto reivindico cada centímetro dela, enterrado até o punho. Eu bato com força até ela, desejando poder permanecer naquele ponto de êxtase para sempre.

Forço dois dedos em sua boca, fazendo-a engasgar com eles enquanto a arrasto contra meu peito. Ela os chupa entre gritos febris, sua respiração ficando rápida e quente.

Enterro meu rosto na curva de seu pescoço, apertando seu ombro em êxtase primitivo.

Minha outra mão pressiona sua barriga, que incha a cada estocada.

Quero plantar minha semente bem fundo em suas entranhas, para que ela fique cheia de mim até a borda. Nenhum outro demônio poderia questionar que ela pertence a mim então. Meu cheiro já está em sua expiração irregular e, em breve, permeará cada faceta dela.

Eu arrasto seus quadris para baixo com força enquanto gozo em sua bunda, vomitando minha semente rapidamente.

Eu a forço contra mim, nossos corpos se juntam na transferência enquanto ela estremece e balança com uma liberação terrível. Meus dedos, molhados com sua saliva, descem até seu clitóris, que salta quando eu o esfrego, fazendo-a gozar com força.

O seu orgasmo força a minha pila a masturbar-se, a última da minha semente a escorrer.

Eu permaneço lá por mais um momento enquanto seu orgasmo rola através dela, agarrando meu pau em um torno. Isso me deixa fraco, e caio sobre ela, beijando sua testa, cheia de suor. *Minha*, penso, observando seu rosto aquecido e seu sorriso distante.

Ela é toda minha.

LAURA

Ó seu ato sexual dura tanto que começo a pensar que os demônios devem ter imunidade à fadiga. Ele é insaciável. Eu o queria tanto que estava ansiosa para ir, para encontrá-lo, impulso por impulso e clímax por clímax.

Mas, eventualmente, o prazer me deixou com uma sensação crua. Até mesmo as melhores coisas existem em excesso, e esta noite foi um verdadeiro desfile das melhores. Meus músculos estão doloridos e minhas costas estão rígidas. Fui usado e abusado e aproveitei cada minuto disso.

Quando ele finalmente para e me puxa para seus braços para descansar, é um alívio confortável.

Há um calor de satisfação que permanece entre nós. Pela primeira vez em muito tempo, tudo parece suficiente. A nuvem que paira sobre minha cabeça, esperando pela próxima tragédia, está fora de vista.

Finalmente, recebi uma mão vencedora e só quero aproveitar ao máximo. Não sei quanto tempo isso vai durar. Mas esta noite, estou apenas aproveitando o momento e não perguntando.

Ele ocupa a maior parte da cama, não me deixando muito espaço para me mover. A cama parecia tão grande antes, quando era só eu. Mas com ele dentro, posso dizer que deve ser dimensionado para um demônio. Não foi projetado para dormir junto.

Isso me obriga a ficar encostada ao seu lado, empoleirada de maneira um tanto precária para não cair da cama. Estou de lado, minha perna apoiada na dele. Minha cabeça está em seu ombro, com seu braço embaixo de mim.

É confortável o suficiente se eu não fizer movimentos bruscos. Não há espaço entre onde ele termina e eu começo, e estou perto o suficiente para sentir cada respiração que ele respira. Mas não me importo com a proximidade. Estou muito louca de satisfação para fazer qualquer coisa além de me deleitar em sua presença.

No início, estamos ambos mudos, deixando nossos batimentos cardíacos desacelerarem. Minha respiração começa a voltar ao normal. Meu cérebro, que estava quase bêbado pelo prazer que absorveu durante horas, começa a clarear.

Inclino meu rosto para cima, dando-lhe um beijinho apreciativo no pescoço. É a minha maneira de lhe agradecer. Há poucos dias, enfrentei o que parecia ser uma morte certa e dolorosa. E agora estou sendo cuidado com tanto prazer, em todos os aspectos, que parece positivamente surreal.

Eu me aninho contra ele, mas observo seu rosto.

Afinal, ele está me abraçando, então parece seguro presumir que ele não se opõe ao afeto. Mas ele ainda é um demônio e não quero causar-lhe nenhum desagrado. Ficar aqui está indo tão bem que quero tomar cuidado extra para não balançar o barco.

Ele não se opõe ao meu toque e seu corpo permanece relaxado. Há uma carranca estragando seus traços bonitos e nítidos que não tenho certeza de como interpretar, e parece estar em desacordo com seus olhos brilhantes.

Finalmente, ele fala. "Por que você não está lutando comigo?"

Pisco algumas vezes e agora quem fica surpreso sou eu. Penso cuidadosamente na pergunta dele, mas não sei como responder.

Lentamente, com sinceridade, admito: "Não vejo sentido". Sua testa se franze em confusão e fica claro que ele ainda não entende. "Você me reivindicou para si. O que eu ganharia lutando com você?"

"Mas você não precisa ceder tão facilmente. Você não resistiu de jeito nenhum.

Mordo o lábio, pensando nisso. Mesmo quando ele coloca as coisas sob essa luz, a ideia não faz sentido para mim. Gosto de ficar aqui com ele e espero que ele sinta o mesmo.

"Não quero ir a outro lugar", confesso. "Então, eu poderia muito bem gostar de estar aqui com você. O que mais eu faria?"

E é verdade. Não tenho casa própria, não tenho segurança sem ele, não tenho como me sustentar. Estou dependendo dele para tudo que preciso. Retribuir suas necessidades físicas parece o mínimo que posso fazer, se é isso que ele deseja.

Franzo a testa um pouco, refletindo sobre o fato de que este é o melhor cenário em que me encontrei. Estou disposta a mantê-lo feliz por ficar aqui. Se eu não o agradar, se eu causar mais problemas do que valho, ele poderá me colocar de volta na arena de onde me tirou.

O pensamento é desagradável demais para ser expresso em voz alta, especialmente na energia positiva da sala atual. Não quero estragar o momento com uma observação tão assustadora, então guardo isso para mim.

“Bem, sou totalmente a favor de aproveitar você”, diz ele em tom rouco. “Eu já gostei de você várias vezes esta noite.”

Logo sou distraída por ele quando ele beija meu pescoço. Ele não é tão imprudente ou insistente como era quando invadiu meu quarto. Em vez disso, suas carícias são suaves e gentis.

Isso tira minha mente dos pensamentos sombrios e aprecio as sensações que isso traz. Ele passa a mão sobre mim e é reconfortante de uma forma que eu não esperava. Estou cansada do nosso ato amoroso energético, mas a maneira como seu toque me acalma me faz sentir como se pudesse desmaiar novamente.

Ele para por um momento, sentando-se de repente. Olho para cima para ver para onde ele foi, sentindo falta da proximidade. Mas ele vai buscar os cobertores, amontoados no fundo da cama. Ele os endireita. Então ele se deita, puxando-os sobre nós dois. Com uma mão nas minhas costas, ele traça levemente suas garras em um padrão circular.

Minha mente está clara e organizada, sintonizada apenas com o prazer de seu toque. Fecho os olhos e deixo isso tomar conta de mim. É difícil acreditar que um demônio possa ser tão gentil, tão suave. Mas ele me surpreendeu desde o início.

Talvez ele sempre o faça.

Ele tem um lado rude, eu me lembro. Sorrio para mim mesma, lembrando-me da maneira como ele invadiu meu quarto. Foi outro tipo de surpresa: daquela vez ele não foi gentil. Em vez disso, a surpresa foi como ele chegou sem avisar e assaltou meus sentidos com sexo cru, primitivo, urgente e animalesco.

Eu gostava de ambos os lados dele: o demônio apaixonado e controlador que queria me reivindicar como seu, e o terno amante que queria cuidar de mim. Mas então, espontaneamente, um pensamento me ocorre. O que causou essa agressão? Deve ter havido um gatilho, algo que induziu a fúria que vi antes.

Era um lado dele que eu nunca tinha visto. De onde ele veio para casa e o que desencadeou isso? Eu não sabia nada sobre ele, na verdade.

"O que aconteceu hoje?" Eu pergunto a ele suavemente.

Seu rosto escurece, mas desaparece antes que eu possa ler. "O que você quer dizer?" ele pergunta, e posso sentir a tensão por trás de suas palavras.

Fico instantaneamente cheio de remorso por ter tocado no assunto. Eu havia ficado muito relaxado, muito confortável e esqueci de guardar minhas observações para mim mesmo. Preciso me lembrar da minha posição aqui e segurar a língua.

Ele me trouxe aqui para entretenimento. Não para lembrá-lo de coisas desagradáveis e problemas. Eu consegui tirar sua mente do que quer que o estivesse incomodando, tornando-me querido por ele. E então, com a mesma facilidade, estraguei tudo.

"Sinto muito", digo a ele. "Eu não queria bisbilhotar..."

Seus olhos brilhantes brilham, iluminando-se de surpresa e humor. Minhas desculpas o pegaram desprevenido. Ele relaxa contra mim mais uma vez, apertando os braços em volta de mim. "

Está tudo bem," ele murmura, mas isso não alivia a miséria que sinto agora.

Por que eu sempre estrago tudo? Mesmo nos melhores momentos, posso encontrar uma maneira de causar estragos.

"Gosto quando você fala o que pensa", ele admite. "Eu não quero que você pare. Posso não responder imediatamente, mas não deixe que isso o impeça." Ele aperta meu braço e depois se inclina para dar um beijo suave na minha têmpora. "Você não fez nada de errado", ele diz com firmeza.

Não consigo evitar a risada amarga que escapa. É tão duro que nem reconheço isso como eu mesmo. Eu não fiz nada de errado. O que Cora diria se ouvisse isso? Ou Matt ou Beth?

Se ele soubesse. Talvez eu não saiba nada sobre ele, mas acho que ele sabe igualmente pouco sobre mim.

E então, acho que talvez ele devesse saber. Ele deveria saber de que tipo de pessoa está cuidando. Eu não deveria enganá-lo e à sua gentileza, e ainda não acho que realmente mereço isso. Com uma voz miserável, não posso deixar de contradizê-lo.

"Eu fiz muitas coisas erradas."

REJ'THOREK

TA maneira como suas emoções mudam rapidamente me fascina. Achei suas expressões intrigantes desde o início, já que ela é muito diferente das matronas. Seu rosto é macio e curvo, redondo e cheio. Não tem as linhas e arestas irregulares que nós, demônios, possuímos.

Provavelmente não é tão incomum, no que diz respeito aos humanos. Mas para mim, esses recursos parecem muito exóticos, por serem pouco convencionais.

Acho-a estranhamente cativante.

Não é apenas sua aparência externa. Interiormente, também, ela parece tão inocente e terna. Combina com o rosto macio e inclinado. É por isso que quando ela dá aquela risada áspera e amarga, sou pego de surpresa.

“Fiz muitas coisas erradas”, diz ela, e seu rosto fica sombrio. Essa nova emoção, essa auto-aversão me atrai da mesma forma que qualquer outra que ela tem. Mas não sei de onde veio.

Ela estava tão macia há um momento e agora está dura. Mas ela é dura consigo mesma e não entendo o que causou isso.

Eu considero perguntar a ela. Mas então percebo que há muitas outras coisas que preciso saber primeiro. Há tanta coisa sobre ela que não aprendi e preciso começar do início.

"Qual o seu nome?" Eu pergunto.

“Laura,” ela diz suavemente.

“Laura”, repito, gostando da sensação na minha boca.

É macio e suave, como ela.

Mas é claro, eu gostaria do nome dela. Ainda não encontrei nada que não goste. Gosto do rosto dela, gosto da voz dela, gosto das expressões dela. Ela é uma bola emaranhada de todas as coisas mais agradáveis, com cabelos loiros brilhantes no topo.

Gosto da sensação de ficar deitado aqui com ela em meus braços. Eu gosto de conversar com ela. Isso me faz sentir como se estivesse sendo recompensado, apenas existindo no mesmo espaço que ela.

É o oposto de Yedina, cuja presença é um castigo. Passo todo o meu tempo quando ela está por perto tentando sair de sua órbita. Arranhando-me descontroladamente para chegar o mais longe possível, só para ter que fazer isso de novo algumas horas depois. Não consigo imaginar sentir nada além de gratidão se conseguisse cair nas boas graças de Laura o suficiente para que ela me cumprimentasse com alegria. Eu aproveitaria cada segundo ao lado dela.

Não quero pensar em Yedina agora. Ela é muito irritante para mim e não vou perder um segundo do meu tempo com Laura. Yedina já arruinou muitos dos meus dias e não vou lhe dar esta noite também.

“Conte-me sobre você, Laura”, convido. Quero saber mais sobre essa mulher mística que me fascinou. Quero entendê-la e cada expressão fugaz que passa por seu rosto.

Ela vira a cabeça para mim, cética. “É o seguinte?”

Eu dou de ombros. “O que você quiser. Me diga quem você é. De onde você veio.”

Laura hesita, seus lábios se separam, mas nenhum som sai. Posso dizer que ela não tem certeza se acredita em mim, que ela se pergunta se eu realmente quero saber. Mas o que quer que ela esteja prestes a dizer, eu quero ouvir. Então, aceno com a cabeça, encorajando-a a seguir em frente.

Isso é suficiente para quebrar sua relutância. “Sou de Protheke, claro. Meus pais morreram quando eu era jovem. Eu era escravo dos elfos negros em Tlouz.”

Ela cuidadosamente evita mencionar como acabou sendo capturada por meu pai, o Rei Demônio. Não quero discutir esse assunto delicado, pelo menos não ainda, e não faço perguntas. Temos muito que abordar antes disso.

“Você foi um escravo a vida toda?” Eu esclareço suavemente.

De repente faz muito mais sentido porque ela não se opõe a ser mantida por mim. Ela estava falando sério quando disse que não queria estar em nenhum outro lugar. Ela não saberia o que fazer com a liberdade se a tivesse.

Uma grande tristeza toma conta de mim. É uma sensação tão estranha que levo um momento para processar o que é. Não estou acostumado a sentir pena ou tristeza pelos outros. Para ser franco, nunca tive muitos motivos para me preocupar com ninguém além de mim mesmo.

Acho que sabia que tinha capacidade para isso. Eu cuidei de Akos e evitei que ele se machucasse. Simplesmente nunca percebi que minha preocupação com Akos acabaria não sendo um incidente isolado, que tenho verdadeira empatia pelos outros, e foram apenas aqueles ao meu redor que não merecem isso que me mantiveram fechado.

Mas essa garota estranha com cabelo loiro brilhante me dá vontade de tentar. Ela me faz querer considerar tantas coisas que sempre achei que não eram do meu interesse. Não sei como ela consegue, mas é inegável.

Sua voz suave continua a contar sua história angustiante. “Os elfos negros nos mantiveram em um campo de trabalho humano. Ajudei a cuidar das crianças, principalmente. Eles nos dariam trabalhos para fazer, como tricô e fabricação de tecidos para comércio.”

“É por isso que você gostou da companhia de Akos”, percebo. “Isso lembra você de cuidar das crianças.”

Seu rosto muda novamente, triste por um momento. “Acho que é algo assim”, ela admite. “Ele me lembra um garotinho em particular.”

“Você gosta de ler?” Eu tento, querendo fazê-la feliz novamente.

Ela pisca para mim em confusão. “O que?”

“Quando voltei para casa outro dia, você estava conversando com Akos na biblioteca”, digo. “Achei que talvez você gostasse de ler.”

“Oh!” ela exclama surpresa e depois ri. “Não sei. Eu acho que um pouco. Eu realmente entrei lá procurando por você. Eu estava entediado e os empregados não me deixaram ir a nenhum outro lugar.”

“O que você gostou no Protheke?” Eu pergunto.

“Não tínhamos muito tempo para entretenimento”, diz ela. “Principalmente, nós apenas nos divertíamos e tentávamos manter o ânimo. Tanto quanto pudemos, dada a situação. Contávamos histórias e piadas um ao outro enquanto trabalhávamos. Uma garota gostava de cantar.”

Eu estava quieto, perdido em minhas próprias reflexões. Não passou despercebido para mim o quão privilegiada minha vida tinha sido em muitos aspectos. Como Príncipe, tenho que atender a certas expectativas. Mas também tive muitas oportunidades. Tenho

tanto tempo livre que fiquei insatisfeito em como gastá-lo, viajando pela ilha em busca de desafios maiores.

Eu estava cansado da facilidade com que vivia minha vida, querendo algo que me trouxesse um senso de propósito. Mas também me deixou cego, ignorante do sofrimento dos outros. Fico comovido com suas palavras mais uma vez, tentando imaginar circunstâncias tão sufocantes.

“Quando você estava sozinho na cela, isso deve ter sido assustador. Mais do que apenas uma armadilha. Seus amigos foram tirados de você de repente,” eu aponto, Seu rosto muda novamente conforme as palavras penetram nela, e agora ela parece pensativa. “Nunca pensei nisso antes”, ela admite lentamente. “Eu sabia que sentia falta de todos, mas suponho que você esteja certo. É mais do que isso. Eles foram uma âncora para mim. Estou me recuperando de que os perdi.

“É por isso que você estava tão ansioso para procurar companhia na biblioteca”, penso em voz alta. “Achei que você ficaria satisfeito em esperar em seu quarto. Os demônios não têm a mesma necessidade de socialização que a maioria das outras criaturas tem”, explico. “Ficamos felizes em ficar sozinhos e nossos círculos crescem principalmente por propósito ou necessidade.”

“Companhia é uma necessidade”, ela ressalta suavemente. De certa forma, sei que ela está certa, mas não sei como explicar que nunca pensei assim antes. Nunca gostei da maior parte da companhia que me foi imposta, exceto Thonir e Akos. Mesmo assim, muitas vezes preferia ficar sozinho.

Mas agora, com ela em meus braços, posso imaginar por que alguém se esforçaria para passar seu tempo livre com outra pessoa. Apenas conversar com ela é agradável, e acho que nunca me cansaria disso.

Há outro silêncio confortável enquanto pensamos sobre isso. Então limpo a garganta.

“Você ainda acha tudo satisfatório aqui? Você está sendo cuidado?”

Eu sei que já perguntei isso a ela antes, mas de repente sinto uma nova urgência em dar a ela tudo o que ela precisa.

“Ah, sim”, ela me tranquiliza. “É muito melhor aqui do que o acampamento dos elfos negros.”

“É estranho”, ele começa lentamente, “ter elfos negros como servos? Depois da maneira como trataram você no Protheka?

“Sim”, ela admite. “Tento evitá-los o máximo que posso. Eles não agem como os de Protheka, mas ainda é difícil se acostumar.”

Eu concordo. É outra circunstância que eu não tinha considerado. “Eu posso ver isso. Esses elfos negros não podem usar magia contra você, então você nunca terá que se preocupar com isso. Nossa magia do caos é muito forte e perturba a deles, tornando-os impotentes.”

“Então aqui eles têm que viver como os humanos viviam em Protheka”, ela observa.

Eu aceno novamente.

“Também apagamos suas memórias. Eles nunca se lembrarão de seus antigos sentimentos em relação aos humanos, então você não precisa se preocupar com qualquer preconceito persistente.”

“Hmm,” ela cantarola para si mesma. O som é melódico e me faz sentir quase... contente. É uma sensação estranha que eu possa ficar tão satisfeito com apenas um simples som.

“Hmm,” eu murmuro de volta, querendo combinar com ela. Por um breve segundo, parece que estamos em pé de igualdade e não odeio isso.

LAURA

EU Tenho escolhido minhas respostas com cuidado, sem saber o quanto quero contar a ele. Há uma parte de mim que quer que ele saiba tudo, todos os meus erros terríveis. Acho que me sentiria melhor se tirasse isso do peito e finalmente pudesse compartilhar minha dor com outra pessoa.

Mas há outra parte de mim que tem medo de deixá-lo entrar. E se ele me julgar como Cora fez? E se ele estiver enojado? Dificilmente posso presumir que ele não estará. Estou tão enojado comigo mesmo, por que ele não deveria estar?

Eventualmente, o debate se resolve quando ele me pergunta sem rodeios: “Como você veio parar aqui, vindo de Protheke? Eu sei sobre o ataque, mas não estava lá.”

Meus olhos se enchem de lágrimas com a pergunta. Estou cansada demais para continuar dançando e digo a ele exatamente o que ele quer saber.

“O Rei Demônio veio até mim em meus sonhos, através de uma conexão mental. Ele me disse que queria que mulheres humanas apoiassem os demônios. Nós nos reproduziríamos com os demônios e criaríamos uma raça forte de guerreiros que poderiam derrotar os elfos negros de Protheke.”

A boca de Rej'thorek se abre de surpresa, mas ele não diz nada. Eu continuo. “Eu nem tinha certeza se era real, no começo. Achei que talvez fosse tudo coisa da minha cabeça. Algum tipo de episódio, talvez estresse, ou apenas uma fantasia muito realista. Parecia muito selvagem para ser verdade, sabe?

Minhas lágrimas começam a cair, tudo saindo de mim agora. “Mas eu odiava os elfos e o que eles estavam fazendo conosco. Então, quando ele me prometeu que poderia me ajudar a me vingar deles, concordei. Ele disse que seríamos queridos e cuidados...”

Estou soluçando abertamente e ele me puxa para me confortar. Mas seu rosto ainda parece atordoado. “Eu contei a ele tudo o que ele precisava saber sobre o assentamento humano e como invadir. Mas quando eles chegaram, não foi nada como o rei me prometeu. Foi apenas mais morte por mãos diferentes. E deixei meus irmãos para trás para serem trabalhados até a morte pelos elfos negros.”

“Uau”, ele diz, e fica claro que o que eu disse o deixou cambaleando. “Eu sabia que as mulheres vinham de um campo de trabalho. Mas eu não sabia que você... que você era o único...”

Meus ombros tremem com meus soluços. “Eu nunca deveria ter feito isso. Eu me arrependo todos os dias. Eu estraguei tudo. Eu nem sabia que era real até a tempestade chegar e os demônios aparecerem. E então já era tarde demais. Eu não consegui parar.”

Estou envolvido nas lembranças daquele dia horrível. Embora tenha sido eu quem fez o acordo com o rei, nunca esperei que isso acontecesse. Quando a tempestade passou e os demônios assumiram o controle, houve muito sangue e morte.

“Mas você está aqui agora”, ele ressalta. “Você está melhor comigo do que morrer como escravo dos elfos negros, não é?”

Ele está certo, estou melhor aqui do que no Protheke. Mas não sei como fazê-lo entender que quase não fui. Que sacrifiquei todas as outras mulheres pensando que poderia salvá-las. Confiei no rei que estava pronto para me matar porque eu era inútil para a sua causa. Quem sabe o que ele pode fazer aos outros?

Sento-me, enxugando os olhos. “Mas não sou só eu. Sou a razão pela qual todas aquelas mulheres foram capturadas. E se eles forem sacrificados na arena para entreter os demônios, da mesma forma que eu fui? Minha irmã me odeia agora por causa do que fiz.”

Faço uma pausa, pensando sobre isso. “Não sei o que aconteceu com ela e provavelmente nunca mais falará comigo. A última vez que a vi foi antes de o rei me trancar na cela.

É outro lembrete duro de quão estúpido eu fui. Lembro-me de quando pensei que ainda era o favorito do rei, que ele cuidaria de mim e me tornaria dele.

Eu teria ficado satisfeito com isso.

Ainda me lembro da indignação de Cora. E agora, entendo que ela estava certa. Mas é muito

tarde para pedir desculpas. Nunca serei capaz de desfazer o mal que causei, e isso me consome por dentro.

“Acho que tudo deu certo para ela, porque ela se apaixonou pelo demônio que a capturou. Ele

recebeu permissão para tomá-la para si - e somente para ele. Ela pareceu aliviada quando o rei concordou.”

“Quem foi?” Ele pergunta, sentando-se ao meu lado.

“Eles o chamavam de Mestre do Canil”, digo, encolhendo os ombros.

Os olhos de Rej'thorek se arregalaram novamente. Então ele joga a cabeça para trás e ri.

“O Pastor de Bestas?” ele exclama, dissolvendo-se em outro ataque de risada.

Sua risada enche a sala, embora ele comece a se acalmar. Mas de vez em quando ele ri de novo. “Vou ter que ver isso com meus próprios olhos”, ele responde. “Eu não tinha ouvido falar que o Pastor de Bestas estava vinculado.”

Ele finalmente se recompõe e fica sério novamente.

Pegando minha mão, ele me lança um olhar solene. “As outras mulheres ficarão bem”, ele tenta me tranquilizar. “O rei realmente precisa deles para produzir e aumentar nosso exército. Ele não estava mentindo sobre isso. Eles cuidarão bem deles para que possam ter filhos. Você era o único que eles achavam que era estéril.”

“Pensamento?” Eu ecoo, me perguntando o que ele quer dizer.

Ele dá de ombros. “Só não sei se os soz'garoth estavam certos. Somente os Deuses podem realmente saber o que está em seu ventre.”

Eu estremeço com a menção de deuses. Eles nunca foram gentis comigo. “Eu odeio os Treze”, confesso. Eu me pergunto se ele vai pensar que sou uma blasfema.

Em vez disso, ele apenas franze a testa em confusão. “Quem são os Treze?”

Eu olho para ele, boquiaberta e confusa. “Os deuses? Achei que todo mundo... Você disse Deuses.

Ele balança a cabeça. “Os demônios não acreditam nas bobagens que os elfos negros fazem. Temos nossos sete deuses reais e imortais que adoramos.”

Isso me intriga. Passei minha vida cercado pelos elfos negros e nunca me ocorreu questionar suas crenças. Eu as tomei como verdade, presumindo que todos tivessem ouvido as mesmas histórias que nós.

Até aquele momento, a ideia de Treze seres dormindo no subsolo, lavando as mãos dos problemas de Prothea, parecia indiscutível. Eu comecei a ficar ressentido com eles, me perguntando por que eles permitiam que seus elfos negros favoritos cometessem tais atrocidades em seu nome. Os elfos negros acreditavam que eram os seres mais elevados de Prothea porque os Treze lhes concederam a honra.

A ideia de que outros grupos, como os demônios, nem mesmo acreditam nos Treze é difícil de compreender a princípio. Mas me atrai pensar que esses deuses que os elfos negros usaram como desculpa para me torturar são uma mentira. Eu gostaria que fosse verdade.

“Conte-me sobre seus deuses”, eu digo.

Ele parece pensar sobre isso por um momento. “Bem, temos o Deus da Guerra, o Deus dos Sussurros, o Deus da Forja, o Deus dos Sonhos e o Deus da Terra”, diz ele. “E duas deusas. A Deusa da Destruição e a Deusa do Caos.”

Eu sorrio um pouco com os nomes. “Suas Deusas parecem durões.”

“Eles são”, ele concorda. “Nossas crenças estão muito longe dos costumes dos elfos negros. Valorizamos nossas mulheres e sua força porque é isso que permite que nossa raça exista.”

Deito-me, dando tapinhas na cama ao meu lado. Ele se inclina para trás, me puxando para seus braços mais uma vez.

“E só precisamos de Sete. Isso porque nossos Sete são duas vezes mais fortes que os deles.”

“Você já se perguntou por que eles nos deixaram sofrer tanto? É isso que odeio nos Treze. Alguns deles acham que é justo fazer os humanos sofrerem como nós, e outros não. Mas se eles não acham que devemos ser tão mal tratados, por que não nos ajudam? Por que eles não cuidam de nós? Eles são deuses!

Ele acaricia meu cabelo loiro curto, pensativo. “Na nossa religião, não pedimos ajuda aos deuses”, explica ele. “Acreditamos que devemos realizar o que queremos ou precisamos para nós mesmos. Se falharmos, não merecemos isso em primeiro lugar.”

“Hmm,” eu murmuro baixinho, pensando sobre isso.

“Talvez”, ele oferece timidamente, “você tivesse que aceitar a ligação do meu pai. Foi difícil, mas caso contrário você teria permanecido escravo dos elfos negros. Você realizou o que precisava para si mesmo e agora está livre para conseguir o que merece.

“Talvez,” eu digo lentamente. Eu me pergunto o que é que eu mereço. Ainda não tenho certeza se isso é bom ou não, apesar de todos os danos que causei. Eu machuquei tantas pessoas.

Descanso minha cabeça em seu ombro, me enterrando em seu lado. Com um bocejo sonolento, digo: “Conte-me mais sobre seus deuses”.

Ele obedece, contando histórias fantásticas sobre sua bravura e tradição. Ele nunca usa seus nomes, explicando que apenas os soz'garoth têm permissão para fazê-lo.

Todos os outros só podem usar seu título.

Minha mente se enche com as cenas que ele descreve, saboreando as histórias vívidas de um mundo há muito desaparecido. Em pouco tempo, meus olhos sonolentos se fecham. À medida que suas palavras tomam conta de mim, adormeço em um sono tranquilo em seus braços.

REJ'THOREK

Abater na porta me acorda. Viro-me e vejo Laura ainda aconchegada em mim. Penso em como foi a ela que procurei quando estava chateado. Nunca encontrei tanto consolo em outro ser. Isso me faz pensar. Eu queria um companheiro.

Ela poderia ser a única?

As circunstâncias que nos uniram podem ser consideradas estranhas, mas mesmo assim ela está aqui comigo.

As batidas ficam mais urgentes. Isso me irrita, mas sei que tem um propósito. Não seria qualquer um que me despertaria do sono.

O que quer que seja. Eu deveria cuidar disso.

Além disso, não quero que o barulho acorde Laura. Ela teve uma noite extenuante. Eu sei que os humanos são mais fracos e requerem um manejo mais sensível do que algumas outras espécies. Mas é essa suavidade que eu valorizo, então não me importo de estender a consideração extra.

Eu saio da cama. Não é o processo mais tranquilo, visto que os membros de Laura estão emaranhados nos meus. Ela se vira quando eu removo totalmente meu peso do colchão. Felizmente, seus olhos permanecem fechados.

Eu me visto e atendo a porta, saindo do quarto e fechando-a atrás de mim.

"O que é?" Olho para o servo enviado para me acordar. Sei que não é culpa deles eu não estar mais na cama com Laura, mas não posso deixar de ficar um pouco chateado com o mensageiro.

"Sua Excelência Real solicita a sua presença." Seus olhos se recusam a olhar diretamente nos meus. Devo parecer suficientemente irritado.

Eu seguro o suspiro profundo dentro de mim. Conversar com meu pai nunca foi proveitoso. Mas não posso recusar. Ele já está bravo comigo por causa das minhas... ações do outro dia.

É melhor não transformar toda luta em uma batalha. Tenho que conservar minha energia para nossas divergências mais importantes.

“Você gostaria que eu o acompanhasse, meu príncipe.”

"Não. Posso seguir meu próprio caminho." Prefiro não ter acompanhante, principalmente se for do meu pai. Assim que eu partir, tenho certeza de que o elfo negro relatará tudo o que viu ao rei.

Quanto menos tempo eu passar perto deles, melhor.

Vou até a sala do trono, sem entusiasmo. Entro sem me anunciar. Eu sei que meu pai sentiu minha presença antes de me ver. São apenas formalidades que ele gosta de cumprir, e esta é a minha maneira de deixá-lo saber que essas audiências obrigatórias estão começando a me irritar.

Fico de pé, esperando que meu pai me diga por que me despertou do sono. Ele parece mais impaciente do que o normal.

Claramente, eu o aborreci novamente.

E agora ele está brincando comigo, deixando o silêncio crescer entre nós enquanto ele me encara com seus brilhantes olhos vermelhos. Não sucumbo por falta de vontade. Não quero me envolver nos jogos do meu pai.

Não quando há coisas mais atraentes esperando por mim fora desta sala do trono.

"Você me convocou."

Meu pai se mexe na cadeira. Seus olhos permanecem em mim enquanto ele começa a falar. "Sim. Nossa conversa anterior permanece sem solução."

Franzo a testa, sem saber exatamente do que meu pai está falando. A última vez que ele me convocou foi para a arena. Conversamos sobre a caça e...

Companheiros.

Crianças para ser específico. Ele quer que eu considere Yedina. A ideia de acasalar com ela me faz estremecer. Acasalar-se com Yedina é uma ordem que não aceitarei.

"É isto-"

“Você vai encontrar uma companheira.” Parece que adivinhei corretamente.

"Um companheiro."

“Eu não me importo com quem. Uma escrava, uma matrona, uma Ur'gin disposta, se for preciso. Você precisa encontrar alguém para gerar seus filhos.” Aquele exército dele.

Ele está obcecado. Posso entender seu desejo de ter proteção contra os elfos negros, mas até onde meu pai está disposto a ir me perturba.

Pior, isso me irrita.

“Não preciso que me digam para encontrar uma companheira.”

“Então por que você ainda não encontrou um? Estou cansado de lembrá-lo de seu dever. Se ele está cansado de dizer isso, eu estou cansado de ouvir...

Ser príncipe me proporciona certos privilégios, como rejeitar Yedina sem consequências, mas também significa pressão do meu pai. Pressão para fazer o que ele quiser, quando ele quiser. Se há uma coisa que o Rei dos Demônios odeia é ser desafiado.

E eu o desafiei muitas vezes, tanto pública quanto secretamente. Ainda não me envolvi numa rebelião letal e é-me impossível avaliar quando cruzarei essa linha. Provavelmente não saberei até morrer.

Mas prefiro incorrer na ira do meu pai do que me curvar diante dele eternamente.

“Estou bem ciente de qual você acredita ser meu dever, pai.”

“Então cumpra. Você é um príncipe. Comece a agir como tal.

“Existem outros oito príncipes a quem você pode recorrer e que podem operar em meu lugar.” Não falei com meus irmãos, então é possível que eles tenham ouvido esse discurso exaustivo, mas tenho a sensação de que o Rei está concentrando a maior parte de sua atenção em mim atualmente.

“Não se preocupe com o que seus irmãos fazem.”

“Por que não? Existem tantas matronas e humanos. Tenho certeza de que alguns deles estão mais do que interessados em procriar com eles.” Ele está perdendo tempo tentando me convencer quando consegue encontrar um participante disposto a espalhar sua semente.

“Sim, há quem esteja pronto para fazer o que for necessário, mas precisamos de todos. Se não tomarmos cuidado, nossos números diminuirão e nos tornarão vulneráveis a um ataque de Protheke.”

“Tudo bem, mas não estou interessado em criar descendentes.” Depois de uma infância com um pai cujo rosto eu nunca tinha visto, achei a perspectiva de ter filhos... inconveniente.

Nunca me considere particularmente caloroso ou convidativo, mas quero uma vida doméstica que me traga conforto. Não me vejo capaz disso com uma criança.

Eu nunca tive, então não posso dar.

Tudo o que posso esperar é um companheiro com quem possa passar o tempo e não me cansar deles.

“Prefiro encontrar um companheiro adequado para passar minha vida.” A magia do caos que cerca meu pai borbulha com sua raiva. Eu sei que isso é para me intimidar.

O Rei só demonstra emoção quando isso lhe é benéfico. Eu costumava me perguntar se ele era capaz de sentir algo além do desejo de poder. Já não me preocupava com tais pensamentos, mas seria vantajoso conhecer o plano de meu pai, pelo menos para ficar à frente deles.

“Você é insolente, como sua mãe. É tolice perder tempo procurando tal conexão. O sangue real que corre em suas veias tem um propósito maior.” O rosnado baixo que ele emite serve como um aviso.

Um que eu não presto atenção. “É o que eu quero e assumirei as consequências e os sacrifícios que isso acarreta.”

“Você sacrificaria o sustento do seu povo por algo tão insignificante!”

Eu quase rio. O Rei Demônio submeteria seu povo às circunstâncias mais duras se isso significasse que ele mantivesse sua coroa. “Eu lutarei quando for necessário e você não deve esperar mais nada.”

O rei se recosta no trono, balançando a cabeça. O tecido do seu capuz balança enquanto seus olhos fazem buracos na minha pele. “Você desperdiça seu potencial.”

“Eu não desperdiço nada.”

“Oh?” A sala fica em silêncio por alguns momentos enquanto meu pai permite que sua decepção comigo permaneça no ar.

Anos atrás, isso poderia ter sido devastador, mas minha preocupação em relação à opinião dele sobre mim só se estende ao fato de ele me querer ou não morta.

“Você passa seus dias em caçadas inúteis, atacando criaturas que estão muito abaixo de sua classificação. Envolvendo-se em lutas você sabe que vai vencer.”

Eu seguro minha língua, evitando cuspir que ele não me permite lutar em uma batalha real.

Minha vitória contra o gilak só aconteceu porque fui contra as ordens dele. Tudo de bom e emocionante em minha vida é produto de uma rebelião. Akos. Laura...

Meu pai não me dá nada, então não espero nada.

“Terminamos?”

“Tenho um conselho para você, meu filho. Não desperdice seu sangue real com criaturas estéreis. Se você insiste em um par ‘adequado’, certifique-se de que ela seja adequada em todas as áreas.”

Não consigo mais controlar minha raiva. Meu pai ataca tudo sobre mim e depois espera que eu entre na linha.

E sabendo a maneira como ele tratava Laura. Ela é a razão pela qual ele tem tantas opções e a capacidade de construir seu exército formidável, e ainda assim ele a joga de lado no segundo em que ela não é mais útil para ele.

Sua falta de lealdade deixou-o com uma ferramenta. Temer.

Mas a ira do meu pai não me detém mais.

“Mais uma vez, seu conselho é inútil para mim.” Saio furioso da sala antes que meu pai possa dizer mais alguma coisa para mim. Já ultrapassei os limites com ele e só vai piorar quanto mais tempo eu tiver na presença dele.

Começo a voltar para minha casa. Quero ver Laura. Ela é a única coisa que pode ajudar a acalmar a tempestade que meu pai despertou em mim. Talvez seja tolice confiar tanto em uma humana, mas ela já entrou em meus pensamentos.

E estou começando a gostar de tê-la por perto.

LAURA

EU acorde e Rej'thorek não está mais comigo.

Não posso deixar de me sentir um pouco decepcionado. Eu teria gostado de acordar com ele ao meu lado depois da noite que passamos, mas entendo que ele é um príncipe. Ele tem deveres e expectativas. Acabarmos juntos foi um acidente.

Foi um infortúnio que me levou a Rej'thorek.

Não sei bem como me sentir sobre isso. Tenho muitos arrependimentos na minha vida, mas não consigo imaginar a vida sem Rej'thorek. É uma loucura pensar que passamos tão pouco tempo juntos, mas meus sentimentos por ele são tão fortes.

Sinto falta dele. Ele foi tão doce ontem à noite. Talvez pareça loucura, dadas as marcas de raiva que ele deixou em meu corpo, mas doçura e gentileza não são sinônimos.

Ele foi insistente e diligente, e eu percebi que ele estava se contendo, levando em consideração os limites do meu corpo. Foi diferente de tudo que eu já havia sentido antes.

Eu não mereço tanta gentileza. Eu provavelmente deveria ter deixado aquela fera na arena me matar. É o que mereço por levar a minha família à ruína.

É difícil não pensar nas mulheres capturadas sendo mantidas em jaulas. Uma jaula onde eu estava há não muito tempo. Como acabei desfrutando de tanto luxo enquanto aqueles que não fizeram nada de errado sofrem?

Isso faz minha cabeça doer.

Sento-me, enrolando-me nos cobertores. A pena não faz nada. A vida me mostrou repetidamente que é cruel. Talvez seja melhor apegar-me a qualquer bondade que exista, desde que me seja permitido.

Deslizo para fora da cama e visto minhas roupas. O tecido macio fica solto ao redor da minha figura, ajustando-se perfeitamente a mim e adquirindo um impressionante tom de marrom. Tanta coisa na casa de Rej'thorek é suave. Eu não esperaria isso em um reino cheio de demônios. Tudo neles é nítido. Seus dentes, dedos, corpos.

Talvez seja isso que os atrai para coisas mais suaves.

Vou até o espelho para dar uma boa olhada nas marcas em minha pele. Eu me viro e vejo longas linhas duras descendo pelas minhas costas. Fico aquecido, lembrando das posições que Rej'thorek me colocou ontem à noite.

Tenho a sensação de que ele vai gostar de ver as evidências do nosso encontro marcadas por todo o meu corpo.

Vou até a porta, testando se está destrancada. Não sei quanta liberdade realmente me é permitida. Ele não comentou quando eu disse que os servos mal permitem que eu me mova, mas Rej'thorek parece mais permissivo do que os elfos negros para quem eu trabalhava.

Mas não posso afirmar que o conheço ou que entendo completamente o nosso relacionamento. Só sei que há algo acontecendo e é intenso e talvez até um pouco assustador.

Com meus hematomas e cicatrizes cobertos, giro a manivela e descubro que não estou confinado ao quarto. Eu esbarro em um dos escravos de Rej'thorek. É tão estranho ver os elfos negros como escravos. Tanta coisa em Ti'lith parece de cabeça para baixo para mim.

Eu não diria que é desagradável. Apenas diferente.

"Minha dama." O elfo negro se curva para mim. Eu não sei o que devo fazer. Tenho tanto ódio pelos elfos negros que submeteram minha família, mas esse elfo nunca fez nada comigo. É possível que eles só tenham conhecido Ti'lith.

Como eu disse, de cabeça para baixo.

"Posso dar uma olhada?" Eu pergunto, este elfo parecendo mais inclinado a pelo menos responder às minhas perguntas. Não tenho visto muito a casa de Rej'thorek. As partes que vi pareciam bastante grandiosas. Tenho certeza de que o resto é praticamente o mesmo.

"Eu posso te mostrar o lugar."

Minhas únicas opções ontem eram a sala de estar e a biblioteca, mas parece que Rej'thorek abriu mais sua casa para mim. O elfo negro lista alguns quartos, mas opto por ir primeiro ao que é familiar.

Talvez eu encontre Akos na biblioteca novamente. Apesar da nossa diferença de idade, acho a companhia dele agradável. Como eu, ele tem liberdades limitadas. Talvez seja por isso que nos conectamos tão rapidamente.

O elfo negro mantém distância enquanto chegamos à biblioteca. Entro e chamo o nome de Akos, mas não obtenho resposta. Não sinto outra presença, mas meus sentidos não são tão aguçados quanto os dos demônios.

Mas não creio que Akos se esconderia de mim. Ele deve estar em outro lugar. Não sei onde ele mora na casa e tenho certeza de que é um segredo bem guardado.

De qualquer forma, ele não está aqui.

Decido levar um livro comigo e puxo um aleatoriamente da estante.

Saio da biblioteca e peço ao elfo negro que me leve até os quartos onde tenho permissão de ir. São apenas um casal, mas são todos lindos. Os demônios têm sensibilidades diferentes dos elfos. Admito que só vi a casa de Rej'thorek, mas gosto de pensar que os outros demônios são como ele. Isso me dá esperança para os outros humanos em Ti'lith. Depois de ver o que posso ver, o elfo negro me leva para a cozinha onde um pequeno banquete me espera. Não conheço os diferentes alimentos que existem em Ti'lith, mas alguns deles me lembram o que está disponível em Protheke.

Raramente tive a oportunidade de comer coisas tão decadentes. Os elfos negros costumam desperdiçar comida. Eles estão obcecados com todas as armadilhas da riqueza. Uma grande faceta da sociedade élfica está exibindo as bugigangas inúteis que comprariam por grandes somas de dinheiro.

Mas nos preocupávamos principalmente com a comida que podíamos furtar. Contanto que não fôssemos pegos, poderíamos comer o quanto quiséssemos. Mas se um elfo negro nos pegasse com comida que havia passado pela mesa deles, as punições eram generosas.

Os humanos são considerados abaixo do lixo, então a ousadia de nossas bocas em comer a comida que não querem ou a ousadia de nossas mãos em segurar os bens que jogaram de lado são vistos como um grande insulto.

Tiro Protheke da minha mente e me concentro na refeição anterior. Dou uma mordida, fechando os olhos enquanto a carne macia derrete na minha boca.

No entanto, não consigo ir muito longe na minha refeição. Uma batida na porta me interrompe.

Quem poderia ser?

Rej'thorek simplesmente entraria. Afinal, esta é a casa dele. E aquele amigo assustador dele faria o mesmo. Não sei se Akos pode sair, mas também não acho que bater seja algo que ele precise fazer.

Talvez Rej'thorek tenha uma visita. Não consigo imaginar quem poderia ser. Ele não falou muito de sua vida. A maior parte do que sei veio de Akos.

Ouçõ a porta se abrir e um elfo negro começa a cumprimentar alguém, mas há uma comoção. Parece... errado.

Eu me pergunto se deveria fazer alguma coisa, mas que ajuda poderia oferecer. Além disso, os elfos negros são escravos aqui. É possível que o que está acontecendo na porta da frente nem seja algo em que eu possa intervir. Mas então as coisas se acalmam. Prendo a respiração, esperando o que vai acontecer a seguir.

"Olá?" Uma voz suave e feminina flutua até mim.

Não é o que eu esperava ouvir. É o suficiente para despertar meu interesse.

Eu me levanto e vou até a porta da frente.

Quando viro a esquina, fico cara a cara com um demônio.

E ela é linda. Seus longos cabelos ruivos vibrantes contrastam com sua pele cinza pálida. Ela é apenas um pouco mais alta que eu, mas sua presença preenche toda a sala.

Eu estremeço sob o olhar de seus penetrantes olhos negros.

O que ela está fazendo aqui?

Eu não deveria me surpreender que lindas mulheres demoníacas visitassem a casa de Rej'thorek. É claro que ele tinha uma vida antes de eu colidir com ela. É simplesmente difícil ser confrontado com isso tão de repente. Depois de superar minha admiração pelo demônio na minha frente, percebo que o elfo negro que normalmente abre a porta não está lá.

Isso é estranho .

Eles estão sempre prontos para receber quem passa pela porta. Ainda não sei bem como me encaixo na vida dele, mas acho que não seria prejudicial se eu assumisse o comando por enquanto.

"Olá?" A mulher misteriosa sorri gentilmente para mim.

"Então, esta é a bonequinha."

Bonequinha ? É assim que Rej'thorek me chama na frente dos amigos? Um brinquedo? Só porque gosto do papel não me torna menos objeto de prazer dele.

Mas pensei que ele me valorizava mais do que isso. A moderação que ele demonstrou e a conversa que tivemos ontem à noite me deram a impressão de que havia mais coisas acontecendo.

Talvez eu tenha entendido errado.

"Quem é você?" consigo dizer. A mulher não responde à minha pergunta, mas acena para que eu avance com um gesto da mão.

"Venha aqui, bonequinha, e deixe-me ver a criatura deslumbrante que roubou o afeto do Príncipe." Sua voz e seu rosto permanecem gentis, mas tive um mau pressentimento sobre isso. Sobre ela.

Mas não tenho certeza se posso recusar.

De volta a Protheke, se não obedecêssemos aos comandos dos elfos negros, eles chegariam ao ponto de nos matar se quisessem. Se Rej'thorek souber que não escutei o amigo dele, ele me machucaria? Ficar com raiva? Me jogue fora?

Não quero deixá-lo com raiva, então paro relutantemente em frente. A mulher espera pacientemente enquanto eu me aproximo dela.

Mesmo que eu queira dizer não e esperar o retorno de Rej'thorek, vou contra meu instinto porque não sinto que tenho escolha. Engulo meu medo e me aproximo desse lindo demônio, torcendo para que minha intuição esteja errada.

REJ'THOREK

TOs anos fizeram com que as palavras de meu pai tivessem menos efeito sobre mim, mas ele sempre encontra uma maneira de me irritar. Ele sabe onde atacar para obter uma reação. Odeio dar a ele a satisfação de me ver chateada, mas minha raiva tende a transbordar na presença dele.

Mas me recuso a deixar meu pai me tratar como um de seus peões. Vou lutar até que ele perceba que superei seus jogos. Certamente haverá resistência em nossa conversa de hoje.

Lidarei com as consequências mais tarde.

Neste momento, meus pensamentos estão focados em Laura. Tudo o que quero fazer é agarrá-la e engolir seus doces gemidos. Ela era tudo que eu queria e muito mais ontem à noite. Eu não esperava ficar tão enredado. Eu não estava mentindo quando disse ao meu pai que queria encontrar uma companheira, mas nunca pensei que essas seriam as circunstâncias.

Estou viciado nela.

Anseio por seu corpo e aqueles gemidos libertinos que ela faz quando eu a toco.

Eu me pergunto o que Laura sente por nós. Ela gostaria de passar a vida comigo? Suas respostas ontem à noite foram genuínas. Mas ser companheiro envolve mais do que química sexual. Ela simplesmente ficaria comigo por obrigação ou é isso que ela realmente quer?

A ideia de não tê-la em minha vida me dói. Foi por isso que explodi com meu pai. O fato de que ele pensa que pode me pressionar e dizer com quem posso ou não estar quando for o Príncipe do Trono Ardente.

E suas palavras me atingiram profundamente.

O que significa que devo ter adquirido sentimentos pela mulher humana. Ela parece gostar da minha companhia, mas aquela cabecinha atraente dela é difícil de compreender. Suas emoções são mais complexas do que eu imaginava inicialmente.

A maneira como ela me implorou para levá-la ontem à noite, o desejo e a luxúria em sua voz, foi surpreendente. Esse corpo macio e doce dela esconde o espírito de uma

recatada tentadora. Estou aberto para compreender as artimanhas dos humanos por causa dela. E ela parece aberta também. Apenas avisos. O que faz sentido depois da maneira como meu pai a tratou.

As ações do Rei não me chocam. Ele fará qualquer coisa com qualquer um se isso significar que ele será o vencedor. Mas agora, estou focado em desejos mais carnis. Quero esquecer e não pensar, nem que seja por algumas horas.

Laura é uma fuga sedutora que mal posso esperar para experimentar.

No segundo em que cruzo a soleira da porta da frente, posso sentir que algo está terrivelmente errado. Não entro muito na casa, meus instintos assumem o controle.

Está muito quieto. Silêncio mortal.

O ar está parado, desabitado.

Normalmente, um dos meus escravos já teria se aproximado de mim. Mas isso não é insubordinação. Algo está *errado*.

Eu entro, ficando em alerta máximo.

Percebo que o cheiro de Laura está desaparecendo na entrada da frente. É possível que ela não tenha perambulado por aqui o dia todo, mas não me sinto confiante nesse palpite. Começo a andar pela casa, chamando um escravo para aparecer. Também grito o nome de Laura, na esperança de ter cometido algum erro, e ela estará em alguma esquina, esperando com aquele sorriso provocador dela.

Mas quanto mais fundo eu exploro; Percebo que o cheiro dela está desaparecendo por toda parte. Todo mundo desapareceu.

Para onde eles poderiam ter ido?

Instruí meus escravos a manterem Laura dentro de casa. Tinha menos a ver com querer mantê-la confinada e mais porque eu queria que ela estivesse segura. Existem muitos perigos em Ti'lith que podem acontecer com ela. Laura deveria estar protegida em minha casa.

Quem ousaria atacar a casa do Príncipe? Embora eu tenha uma posição inferior à de meu pai e irmãos, o sangue real que corre em minhas veias proporciona muitos privilégios.

Foi assim que mantive Akos escondido por tanto tempo.

Mas ele é um segredo. Ninguém está ciente de sua presença. Toda Ti'lith provavelmente está ciente da minha captura de Laura após a exibição que fiz na arena. Não me arrependo de ter salvado a vida dela, mas isso significa que há muita atenção voltada para ela.

Mas eu considerava a atenção mais uma inconveniência do que um perigo.

Além disso, treinei Akos para ficar escondido. Laura está cautelosa, mas ela sabe quem evitar? Se alguém não convidado viesse à minha casa, ela interagiria com essa pessoa?

Eu deveria ter falado com ela sobre como se manter segura.

Eu deveria tê-la preparado.

Ainda não encontrei Laura nem encontrei um único escravo. O pânico cresce dentro de mim. O silêncio é ensurdecedor. Isso me provoca, lembrando-me de como sou um fracasso por não ter protegido Laura.

“Akos!” Eu chamo pelo meu irmão. Ele ainda deve estar aqui. O primeiro instinto de Akos é permanecer escondido. Se algo acontecesse, ele teria esperado meu retorno.

Enquanto grito por ele, ele finalmente surge, parecendo ileso, mas abalado.

“Rej'thorek.” Akos olha para mim com os olhos arregalados. Corro até ele e me ajoelho, segurando seus ombros com força. Minha ansiedade está chegando ao limite, mas não quero descontar em meu irmão.

Respiro fundo. Não faz muito para me acalmar, mas ajuda um pouco.

“O que aconteceu? Onde está Laura? Eu pergunto.

Akos não me responde imediatamente. Ele ainda parece assustado. Preciso me acalmar se quiser arrancar alguma informação dele.

“Somos só nós aqui. Não vou deixar nada acontecer com você.” Respiro com Akos, e a tensão que ele mantém diminui. Às vezes esqueço como ele é jovem. Ele pode ser filho do Rei Demônio, mas também é uma criança.

Alguém que esteve escondido durante toda a sua vida.

“Você viu o que aconteceu?” — pergunto, desta vez com um tom mais uniforme.

Akos assente. “Eu vi tudo...”

Meu coração bate forte ao ouvir essas palavras saindo da boca de Akos. Seu comportamento me diz que tudo o que aconteceu não foi bom.

"O que você viu?"

"Uma matrona veio. Ela levou Laura. Os escravos tentaram detê-la e ela matou todos eles."

Todos os meus escravos mortos. Laura levada. Por uma matrona, nada menos...

Yedina .

A raiva surge através de mim, tomando conta de todo o meu ser. Yedina veio à minha casa. Ela matou meus escravos. Ela levou minha mulher.

Eu sabia que ela estava determinada a fazer o que queria, mas suas ações ultrapassaram os limites. O direito. A audácia. Não pensei que Yedina fosse tão estúpida, mas ela foi cegada pela ganância.

Desta vez, ser matrona não a protegerá da minha ira.

Levanto-me enquanto penso em todas as maneiras que vou punir a cadela. Eu me contive por tanto tempo por causa do lugar precioso que as matronas ocupam em nossa sociedade. Cerrei os dentes contra os numerosos avanços indesejados de Yedina.

Ela ficou muito confortável pensando que poderia pisar em mim. Eu deveria ter atacado antes. Odeio admitir, mas o medo do meu pai ainda me dominava. Se eu não estivesse preocupado com a reação dele, já teria cuidado de Yedina anos atrás.

Eu havia decidido há muito tempo não deixar meu pai ditar mais minha vida, mas foi preciso perder Laura para perceber que não estava totalmente comprometido com esse ideal.

Mas eu não me importo mais.

Farei o que for preciso para trazer Laura de volta.

Olho para Akos, que está visivelmente chateado. Não tenho tempo para consolá-lo. Não enquanto Yedina tiver Laura ao seu alcance. Preciso concentrar toda a minha atenção em recuperá-la.

Não é difícil adivinhar quais são os planos de Yedina para Laura.

Sua crueldade rivaliza com a do meu pai. A maior diferença é que seu ego distorce sua visão de mundo e a leva a fazer escolhas que acabam trabalhando contra ela. Seu ego está tão inflado que ela acredita que existe um caminho para gerar um herdeiro real.

Se ao menos Yedina tivesse me deixado em paz.

Depois que eu terminar com ela, não haverá qualquer dúvida sobre minha posição em relação a ela. Vou garantir que ela nunca mais possa falar comigo.

Hoje será o fim de sua perseguição por mim, quer ela concorde com isso ou não.

REJ'THOREK

TA raiva que me preenche é tão potente que ganha vida própria. Ela surge em ondas de caos, palpáveis e opressivas. Estou tentando manter minha magia sob controle, sabendo da ameaça real que represento se perder o controle.

Mas é difícil me importar quando minha visão fica vermelha. Meu autocontrole está pendurado por um fio tênue que pode quebrar a qualquer momento. Posso sentir a energia caótica formar bolhas e estalar sob minha superfície, ameaçando consumir minha forma física.

Eu sei que tenho que agir rápido.

Não há como dizer até onde Yedina irá ou o que ela tentará. Enquanto Laura estiver em suas mãos, ela correrá um perigo terrível.

Não perco tempo em pegar meu khopesh e prendê-lo no cinto. Estou voltando com Laura, de uma forma ou de outra, e estou me preparando para o que for preciso.

Akos me observa com olhos assombrados, em silêncio. Eu sei que ele está chateado com o que viu, mas sei que a maior fonte de sua preocupação é com Laura, e a única maneira de resolver isso é ir atrás dela. Não que eu precisasse que Akos me convencesse.

“Você fica aqui,” eu ordeno. “Esconda-se e não saia para ninguém. Ninguém, em hipótese alguma, exceto eu ou Thonir. Você entende?”

Akos sabe que não deve sair de casa sem mim. Pelo que o nosso pai sabe, Akos está morto.

Quando Akos nasceu, nossa mãe morreu durante o parto. Meu pai o culpou e ordenou que ele fosse eliminado como punição.

Recebi ordens para matá-lo eu mesmo.

Não consegui prosseguir e, em vez disso, trouxe-o para casa para morar comigo. Meu pequeno segredo. Mas se meu pai ou um dos guardas trolvor o encontrassem aqui, eles o executariam sem hesitação.

Esconder Akos geralmente não é um grande problema, já que valorizo minha privacidade e não deixo muitos convidados entrarem. Mas com a façanha que Yedina

fez, não tenho ideia do que pode acontecer a seguir. Pelo menos sei que posso confiar em Thonir para cuidar de Akos se algo acontecer comigo.

“Leve algumas rações com você e esconda-se atrás do painel secreto. Você sabe qual é”, eu instruo. “Pode demorar um pouco antes de eu voltar.”

Ele balança a cabeça, seus olhos amarelos solenes. Com uma expressão grave, ele sai da sala para se esconder no andar de cima.

Abro a porta da frente, pronta para sair, quando ouço seu chamado tímido.

“Rej'thorek?” ele diz do topo da escada.

“Sim?” Eu continuo impacientemente, querendo continuar com isso.

“Boa sorte.”

Ele foge, desaparecendo no corredor. Cerro a mandíbula e saio correndo, batendo a porta atrás de mim.

Estou fora de mim, tremendo de raiva. O céu acima é uma tempestade louca, e parece que a tempestade perpétua aqui nesta ilha perturba meu humor. Posso ouvir uma batida em staccato em meus ouvidos, meu sangue pulsando em minhas veias. Minha magia brilha na ponta dos meus dedos, incapaz de ser totalmente contida.

As poucas pessoas com quem me cruzo em minha caminhada fogem do meu caminho. Eu não posso culpá-los. Até eu sei que estou fora de controle. Mas não me importo, concentrado em minha marcha em direção ao círculo do conselho.

A maioria das matronas vive umas com as outras no círculo interno, que constitui o conselho de matronas. Eles saem conforme necessário para encontrar companheiros e trazê-los de volta para cá. Como Yedina é jovem, ela ainda não faz parte do conselho. Mas ela ainda mora no mesmo círculo, na periferia.

Eu seria capaz de localizá-la apenas sabendo onde moram as matronas. Mas tenho conhecimento íntimo da casa dela, do nosso encontro singular.

Um tempo. Foi só isso.

Eu nem sei por que finalmente cedi a ela. Ela estava de olho em mim há muito tempo. Eu sabia que ela era um problema. Ela não aceitava um não como resposta e, num momento de fraqueza, fiz uma escolha da qual ainda me arrependo.

Eu sei que ela realmente não se importa comigo. Ela só está chateada por não ter engravidado. Ela estava desesperada para ter meu filho, para que este pudesse ser seu ingresso na família real.

Yedina tem me perseguido incansavelmente desde então, na esperança de uma segunda chance. Ela está disposta a fazer o que for preciso, ressentida por eu não lhe dar minha semente. Mas invadir minha casa e sequestrar Laura é um nível que nunca pensei que Yedina pudesse atingir. Por pior que ela esteja, isso está fora de controle.

Se eu pudesse voltar no tempo e fazer tudo de novo, nem sequer olharia para ela. Eu fingiria que nem sabia o nome dela. Qualquer coisa para que esse flagelo possessivo, dominador, ciumento e tirânico saia da minha vida.

Ela está prestes a ser. Eu vou ter certeza disso.

Fora do círculo das casas das matronas estão postados guardas. Ao me aproximar, percebo que havia me esquecido deles em meu estado fervilhante. Eu não ligo.

Vou cortá-los se for preciso.

Eu não perco o ritmo, indo até eles. São apenas dois, o que não é tão ruim. Posso levá-los com relativa facilidade. Mas prefiro tentar usar minhas palavras primeiro.

“Deixe-me entrar,” eu exijo.

Os guardas estacionados aqui não são do mais alto escalão. Claro, mantemos as matronas protegidas, pois são muito importantes para a nossa sociedade. Até a chegada das mulheres, elas eram nosso único meio de reprodução. Como as matronas levam muito tempo para gerar um filho, e elas só podem ter alguns durante a vida, não podemos nos dar ao luxo de ser imprudentes com suas vidas.

Mas como as matronas são tão importantes e respeitadas, raramente há qualquer perigo real para elas. Agredir uma matrona é uma ofensa grave, que evita a maioria dos problemas. Os guardas são mais para exibição do que qualquer outra coisa e, geralmente, é aqui que se encontram os guardas que não serviam para mais nada.

Ao analisá-los, posso dizer que esta noite não é exceção.

Eles me olham com um sorriso malicioso. “Oh, bem, já que você perguntou,” o alto responde em um tom sarcástico, seus lábios curvando-se sobre os dentes afiados.

“Se perca”, diz o mais baixo.

Meus olhos ardem de desprezo e eu falo, rolando minhas vogais com intenção sombria.

“Se você não se mover, vou acabar com você antes do anoitecer.”

“Descartado como?” o alto responde com cautela.

“A arena está com falta de Ur'gin, ouvi dizer.” Eu faço uma careta desinteressada. “Em vez disso, eu poderia pedir ao meu pai para preencher a lista com trolvor inútil.

“Um príncipe sempre consegue o que quer.”

Eles se entreolham, ambos claramente incertos. Posso vê-los se comunicando com os olhos. Se me deixassem passar e desobedecessem às ordens de sua posição, poderiam ser repreendidos. Mas se eles não me deixarem passar e eu cumprir minhas ameaças, eles enfrentarão um gilak.

Eu sei que estou abusando da sorte. Eles poderiam pedir reforços em vez disso. Minha mão cai no punho da minha arma, ansiosa por ação.

Eu não me importo com o que tenho que fazer. Estou pronto para a guerra.

Mas então o mais baixo cede, acenando para o mais alto. O alto respira nervosamente, mas se afasta. Ele acena com a mão, gesticulando para que eu passe. Então os olhos de ambos se movem ao redor, observando a cena para ver se há alguma testemunha de sua discrição.

Minha mão, que estava tensa e pronta para a ação, fica frouxa. Não vou precisar da minha arma. De certa forma, estou quase desapontado. Minha raiva me levou a um estado selvagem e animalesco. Uma pequena parte de mim esperava uma luta para satisfazer meu desejo por sangue.

Eles não são meu alvo, lembro a mim mesma, caminhando entre eles e entrando no círculo de casas. Não tenho dúvidas de que vou conseguir a luta que desejo e não preciso perder tempo com isso.

As nuvens de tempestade no alto garantem que esteja escuro. Está sempre escuro aqui, graças a eles. Mas parece ainda mais escuro do que o normal. Meus olhos brilham, procurando um sinal que me leve até Laura.

Observo cada casa, movendo-me cuidadosamente, tentando discernir qual delas pertence a Yedina. Achei que saberia imediatamente, mas estou começando a ficar ansioso. *Onde ela está?*

E então eu travo, meu alvo à vista.

LAURA

TA mordida fria do metal contra meus pulsos é a primeira coisa que sinto ao acordar. A segunda é o cheiro terrível de sexo, que me obriga a abrir os olhos.

Não reconheço este lugar.

Há pouca luz aqui, mas pelo que consigo perceber na penumbra, é um quarto bem mobiliado. Estou sozinho nele, pendurado em pesadas algemas contra a parede dos fundos. Ao meu lado há uma cama larga com lençóis jogados, não há dúvida de por quê.

Não é difícil imaginar como cheguei aqui.

Lembro-me de entrar no saguão e testemunhar um demônio feminino impressionante com chifres delicadamente curvados, tão diferentes das torres afiadas e perversas de Rej'thorek. Lembro-me de uma luta, e então tudo ficou preto e formigante, uma risada sinistra me levando à inconsciência. Puxo as restrições, mas elas apenas batem na parede.

Meu corpo está pesado de exaustão e minhas roupas novas desapareceram.

Aperto os joelhos, o último vestígio de modéstia. Não consigo nem esconder o rosto no ombro, estou muito tenso. As articulações dos meus braços estão queimando sob o meu peso, uma boa indicação de há quanto tempo estou pendurado aqui. Quando meus olhos finalmente se acostumam com a escuridão, uma porta se abre e a luz entra, cegando-me.

Uma voz suave e feminina quebra o silêncio. "Você está acordado."

A porta se fecha novamente e uma iluminação suave espalha-se pela sala.

A pele do demônio parece alabastro sob a luz quente de luminárias mágicas, suas feições imaculadas suaves de prazer, exatamente como eu me lembro delas. "Não há necessidade de lutar, pequena", diz ela, passando os dedos pelo roupão de seda, abrindo-o para revelar o volume perfeito de seus seios. "Ainda não, pelo menos."

Eu luto de qualquer maneira.

Atrevo-me a implorar a ela? Algo me diz que não importará se eu fizer isso. Há um tom em seu sorriso que me arrepia profundamente.

Quando ela fala, é como ouro líquido, tão bonito quanto perigoso.

“Eu nunca vi um humano antes.” Ela deixa cair o roupão sobre os ombros e ele desliza de sua figura perfeita para se juntar a seus pés. Ela sai e se aproxima, cada movimento de seu corpo nu é ágil e gracioso. Seus olhos escuros nunca me abandonam, me examinando da cabeça aos pés. “Eu dificilmente vejo o apelo.”

A vergonha toma conta de mim, embora eu devesse saber que não devo deixar suas palavras me cortarem. Ela parece com ciúmes. Mas de mim? Não consigo compreender porquê.

“Nosso querido Rej'thorek realmente gostou de você, não foi?”

E aí está.

Ele nunca mencionou uma antiga paixão antes, embora nunca tenha mencionado muita coisa sobre seu passado. “Eu não sou nada para ele”, minto, esperando além de toda esperança que ela acredite em mim.

“Você não vai ficar”, ela promete com um sorriso fácil.

Meu coração pula uma batida. O que Rej'thorek poderia ter feito com ela para fazê-la querer me machucar ? Ele me manteve isolado dos outros demônios de Ti'lith. Mas todos já devem ter ouvido falar do espetáculo na arena. Até esse lindo demônio.

Ela se aproxima, seu hálito doce me banha enquanto ela passa os nós dos dedos pela minha bochecha. “Carne macia. Olhos suaves e tristes. Pequena tragédia”, ela sussurra, nossos lábios quase se tocando. “Vou tirar tudo, mas só se você me implorar.”

Eu me movo para protestar quando seus lábios esmagam os meus, e ela ataca minha boca com sua língua penetrante. Há um sabor que me deixa tonto e, muito depois de ela ser afastada, minha língua fica pesada com o gosto amargo de menta.

Minha cabeça cai para frente enquanto ela continua a me observar.

Pequenas garras perversas perseguem meu peito nu, enrolando-se em minha carne antes de se soltarem para criar pequenos cortes, invisíveis a olho nu. Cada um queima como fogo incandescente, fazendo-me contorcer. “O que você está fazendo comigo?”

Ela agarra meu queixo e inclina minha cabeça para cima, pressionando sua figura contra a minha intimamente. “Vou me certificar de que *ninguém* queira você quando eu terminar. Você tropeçará pelas ruas de Ti'lith sem um rosto que alguém possa olhar.

“Se você tiver sorte, claro.

“Rej'thorek ficará enojado com o que você se tornará sob meus cuidados *cuidadosos* .”

Suas garras traçam minha clavícula, roçando meu pescoço com uma promessa silenciosa. “Eu farei de você um escravo de verdade, que não vai querer nada além de agradar seu mestre.”

Eu viro meu rosto e ela ri baixinho, retirando-se.

"Ou." Ela parece refletir sobre isso, zombando de mim com um dedo na bochecha enquanto morde o lábio. “Talvez eu mantenha você só para mim. Meu brinquedinho pessoal.

Eu me encolho com seu próximo toque, mas ela abre minhas pernas de qualquer maneira, me olhando com algum desgosto. Ela está me supervisionando como alguém faria com uma fera no mercado. De certa forma, isso me lembra o Rei Demônio, ambos totalmente alheios à minha própria agência.

Sou uma criatura a ser manipulada.

“Ele já levou você várias vezes”, ela observa, sem questionar seu tom. “E você não resistiu.”

Um constrangimento aquecido rasteja pela minha pele, me fazendo corar.

Tento falar quando ela coloca um dedo delicado em meus lábios. “Silêncio. Não há nada que você possa dizer que eu já não saiba. Não é difícil adivinhar o que passa por essa sua cabecinha. Está escrito em todo o seu rosto.

Há uma escuridão em seu toque que morde ao contato.

Mesmo quando eu me encolho, ela parece se divertir com a dor que causa. Sua expressão escurece para uma crueldade nua e crua. “Eu sei o que fazer com você.”

Seu toque suaviza e ela abre meus lábios como se fosse examinar meus dentes. Quero arrancar seu dedo com uma mordida, mas não sei o que ela fará se eu atacar. Os cortes invisíveis ainda queimam como fogo na minha frente, e se as garras dela conseguem cortar tão fundo...

“Vou mandar erguer um pelourinho no centro de Ti'lith, só para você.” Suas garras arrastam minha coxa, deixando uma queimadura crescente, então tenho certeza de que

ela as envenenou com alguma coisa. “Você será aplaudido e curvado para que toda a cidade veja.

“Alguns podem zombar de sua situação, mas nós dois sabemos o que vai acontecer eventualmente.”

Minha boca fica seca.

“Alguém vai ficar ousado. Talvez um zonak tolo, primeiro, ou um trolvor ou até mesmo um gilak impaciente, mas eles o farão, e quando o fizerem, levarão você para todo mundo ver. Eles vão foder sua linda boca e rasgar você em busca do prazer deles.

“Isso encorajará os outros e, em breve, você será um brinquedo para todas as criaturas que passarem na rua, usado até transbordar com suas sementes. Até que você não aguenta mais, e seu corpinho macio cede.

“Quando você for inútil, alguém mandará derrubá-lo, e eu garantirei que eles o joguem no cercado de Ur'gin, para que nenhuma parte de você seja desperdiçada.” Ela faz uma careta brincalhona. “Você, que estava tão ansioso para se afastar de Protheka.”

Meus olhos brilham com isso. Como ela sabe quem eu sou?

“É tudo o que você vale, na verdade.” Estou prestes a protestar quando seu aperto penetrante aperta minha carne, um grito me escapa. Ela agarra um punhado do meu cabelo curto e arrasta minha cabeça contra a parede. “O afeto dele é *meu*, seu piolho.

“E eu serei amaldiçoado se você ficar no caminho.”

Ela abaixa minha cabeça novamente, me deixando pendurada enquanto ela vasculha uma gaveta em busca de alguma coisa. Mal posso imaginar o que ela pretende fazer comigo de verdade, mas também não posso ceder às suas ameaças.

Não espero que Rej'thorek me tenha contado algo importante sobre sua vida, mas com o quão desesperada ela está para me assustar, tenho certeza de que ele não retribui suas paixões selvagens. “Ele,” eu começo, fazendo-a parar em sua busca. “Ele nunca mencionou você.”

Uma expressão fria toma conta dela enquanto ela se endireita.

Estou satisfeito, mas apenas por um segundo, enquanto seus dedos rápidos fazem contato com meu estômago, me jogando com força contra a parede. Meus olhos lacrimejam, e o gemido que me escapa é rapidamente abafado por uma mão fria que

aperta meu rosto. “Cale a boca”, ela sussurra, seus lábios roçando minha orelha. “Você não pode falar sobre coisas que você não sabe.

“Você era um animal de estimação para ele, nada mais.”

Ela me libera com o que parece ser desinteresse, voltando a vasculhar. Não tenho certeza do que ela está procurando, mas ela passa por uma infinidade de dispositivos perversos. Espinhos e chicotes, uma vara longa e polida que me faz apertar os joelhos novamente.

Mais lágrimas vêm.

Será que o verei novamente antes que todos os demônios de Ti'lith me destruam?

Em sua cama, sob sua mão feroz, eu tinha certeza de que ele reservava algum carinho para mim, ou como eu poderia ter sobrevivido à sua ira? Será que ele se importará quando ela dirigir minha ruína? Mesmo agora, me pergunto onde ele está e se percebeu que eu desapareci.

Ainda assim, tenho que ter esperança.

O demônio encontra o que procurava, uma pulseira de couro com uma pesada pedra escura no centro. Ela parece satisfeita consigo mesma quando se levanta. “Isso vai mantê-lo quieto.”

Balanço a cabeça quando ela leva a pedra à minha boca. “Rej'thorek ficará furioso quando descobrir! Você não pode...” Eu luto contra o vínculo, mas ela é muito forte, amarrando-o em volta da minha cabeça e prendendo o cinto, silenciando-me o suficiente com a mordada.

Ela recua para observar seu trabalho, parecendo muito satisfeita consigo mesma. “Você se lisonjeia, querido.

“Ele não vai querer você quando eu terminar.”

REJ'THOREK

EU Preciso de todas as minhas forças para não estilhaçar a porta quando bato.

Há um silêncio profundo lá dentro e, a princípio, acho que posso ter ido para o prédio errado. Mas as cortinas vermelhas estão fechadas nas janelas estreitas e, através da névoa da memória, lembro-me do orgulhoso arco, tão diferente das outras estruturas do círculo da matrona. Combina perfeitamente com Yedina. Deixe que ela projete uma casa que seja tão ostensiva quanto seu proprietário.

Um conjunto de guardas passa.

O olhar coletivo deles desliza para mim, mas eles não dizem nada enquanto eu bato na porta com um pouco mais de força. Não deve ser uma visão tão incomum por aqui, e sem dúvida eles me reconhecem como alguém de sangue real, mesmo sendo um príncipe menos conhecido.

Sinto a intensidade do foco deles, mas ela desaparece quando a porta se abre, e Yedina se inclina no batente da porta de maneira lânguida, inteiramente nua. Quase esqueço de respirar, odiando que meu corpo ainda se lembre de como sua forma nua se ajustava bem à minha.

Seus dedos caem entre as coxas como se quisessem nos despertar. “Boa noite,” ela murmura, provocando-se para que todos os demônios na rua vejam.

Engulo uma repulsa repentina. “Yedina.”

“Nunca pensei que você viria, meu Príncipe”, ela diz, sua boca perfeita curvando-se nas bordas. “O que o fez mudar de idéia?”

“Não se faça de tímida,” eu digo em um grunhido, olhando além dela para sua casa.

“Onde ela está?”

Seu rosto fica irritado, mas apenas por um segundo antes de ela se recompor. Seus dedos deslizam pelo meu peito, aquelas unhas perversas percorrendo meu pescoço forte. “Não tenho ideia do que você está falando, Rej. Somos só você e eu e meu baú de brinquedos à sua disposição...”

Ignoro sua tagarelice vã.

Meus sentidos já estão em alerta máximo e, embora haja um forte cheiro de sexo saindo pela porta da frente, há um cheiro familiar logo abaixo, forte de medo. Isso faz meu nariz torcer e passo por Yedina, empurrando-a para o lado.

Cada quarto está escuro e vazio.

Hollow, como o tom enjoativo de Yedina enquanto ela segue logo atrás. Ela poderia ter qualquer criatura em Galmoleth, mas escolhe me atormentar. “Rej- não é educado ignorar seu anfitrião.”

“Você pegou o que era meu, Yedina”, digo, virando-me para encará-la. “Não vou perguntar de novo, onde ela *está*?”

Sua expressão desafiadora esfria diante da derrota, e ela estende o braço na direção de seu quarto. “Por aqui.”

Uma raiva formigante arrepia os pelos da minha nuca.

O que ela *fez* com Laura?

Pelo menos, para crédito dela, não sinto cheiro de sangue nem ouço sons de gritos humanos. Ainda não, de qualquer maneira. Mas eu sei o quão feroz Yedina pode ser quando enfrenta a concorrência. E para ser honesto comigo mesmo, a raiva está sendo alimentada por uma forte corrente de medo.

Eu sou um príncipe. E um demônio, ainda por cima.

Eu não deveria conhecer o medo.

Mas meu coração está acelerado e minha respiração fica curta quando Yedina me leva até seu quarto nos fundos do prédio, de longe o maior cômodo. Aqui, ela poderia receber uma dúzia de volvath ou um ávido gilak, se quisesse.

Ao contrário dos outros, este é iluminado com magia do caos crepitante.

Meu corpo fica rígido quando a porta se abre, e meu olhar recai sobre Laura, indefesa, pendurada na parede ao lado da cama, com os membros tensos pelo esforço. Seus olhos estão fechados e há uma mordaca de pedra em sua boca para impedi-la de falar.

Ela parece despertar ao som da porta se fechando atrás de nós, e quando seu olhar cai sobre mim, seus olhos se arregalam como pires. As lágrimas transbordam e sua voz é abafada pela pedra pesada em sua boca.

Fico tenso como se fosse saltar.

Laura está nua e, tão perto, posso sentir o cheiro de seu sangue. Quando estou prestes a diminuir a distância, Yedina desliza entre nós. Ela coloca as mãos no meu peito novamente, como se pudesse me impedir com seus membros frágeis. "Rej, espere."

Meu lábio superior se curva para revelar meus dentes afiados. "Saia do meu caminho."

"Por favor", ela ronrona, pegando meu rosto com suas mãos macias. "Eu não sou tão ganancioso quanto você me faz parecer. Se você me deixar mostrar o quão generoso eu sou..."

"Generoso?" A palavra queima na minha língua. Eu agarro seus pulsos e os jogo, fazendo-a recuar um passo com o impulso. "Você é egoísta e míope, Yedina. Você fez um inimigo por causa de suas ações hoje."

"Se você pensou que tinha alguma chance comigo, você estava se enganando."

Não há público aqui para ela apelar. Ninguém para ver seu beicinho. Ninguém para avaliar seu orgulho ferido e considerá-la deficiente. Ela não tem motivos para fingir essa fachada, mas ainda assim persiste. Impossível. Irracionalmente.

"Isso não é verdade", ela sussurra, sua voz quase inaudível sob as batidas em meus ouvidos. Seus olhos escuros estão cheios de tristeza que não posso acreditar que ela realmente sente. Ela só consegue brincar com as emoções como uma criança com uma faca, tão perigosa para os outros quanto ela para si mesma. "Você simplesmente não consegue ver o quão perfeitos podemos ser juntos. Você e eu, Rej, toda Ti'lith se curvaria ao nosso poder."

"Esta cidade não poderia ter um rei e uma rainha superiores."

Um hálito quente sai de mim e não posso deixar de rir, me apoiando nos calcanhares.

"É isso que você queria esse tempo todo?"

"Sim", sua satisfação é palpável. "Por mim, fique com seu brinquedo, mas me dê um herdeiro. Uma criança que possamos criar juntos será mais forte do que o próprio Asmodeus. Podemos mudar o curso deste novo mundo, Rej, mas preciso de você. Preciso do sangue real que corre em suas veias, e poderemos pegar o monstro que está sentado no trono."

Minha mente gira com a história que ela tece. Enfrentar meu *pai*? Ela deve estar louca para considerar tal coisa. "Suas palavras são uma heresia, Yedina, e não vou mais entreter você ou suas maquinações.

"Se você não me der ela, não hesitarei em-"

"Me mata?" ela termina suavemente, inclinando a cabeça como se a declaração a confundisse. "Você não ousaria. Todo o Conselho estará com você. Eu sou uma *matrona* e você é apenas um pirralho real que não conhece o seu lugar.

"Como era antes", ela murmura, passando os dedos pelos cabelos ruivos rebeldes. "-deveria ser de novo. Vocês, homens, nunca compreenderam bem o fardo do poder. Nós, matronas, fomos construídas para isso, onde vocês foram criadas para nos manter seguros.

"É tudo que você vale."

As algemas batem na parede, desviando minha atenção de Yedina e de seus relatos malucos. "Laura," murmuro, movendo-me para libertá-la da prisão da matrona. Já há sangue jorrando de cortes em seu peito e suas coxas estão listradas com linhas vermelhas furiosas. "Você a machucou."

"Nada que ela não pudesse suportar", diz Yedina, entrelaçando o braço no meu como se quisesse observar Laura comigo. "Ela é inútil para a causa de seu pai, ouvi dizer. Estéril. Incapaz de lhe dar os filhos que você merece.

Eu a afasto e vou até Laura. "Você vai ficar bem," eu digo a ela, tentando trabalhar as algemas mágicas. "Vou tirar você de lá e iremos para casa juntos."

As lágrimas transbordam quando ela se inclina ao meu toque.

"Se preferir", vem o tom delicado de Yedina. "-podemos brincar com ela juntos."

Frisson corre pela minha espinha quando não consigo libertar Laura por meios naturais. Yedina tornou as mechas infalíveis, amarradas com magia do caos que atinge a pele macia de Laura.

"Estou disposta a compartilhar", ela murmura, entrelaçando os braços em volta de mim e cravando as unhas afiadas na minha túnica, o tecido rasgando por baixo delas. "-se é isso que você quer, embora eu não tenha certeza do que você acha atraente em uma criatura que parece tão... frágil.

“Você tem uma escolha, meu amor.” Quando ela me solta, o ar ferve com a magia do caos e os pelos das minhas narinas queimam ao inspirar. “Você poderia ter tudo...

“...ou nada.”

Se eu me mover, Laura será queimada pela magia de Yedina, mas se eu ceder? Se eu me render a Yedina e seguir seu plano, enfrentarei não apenas uma companheira insana, mas também uma sentença de morte nas mãos de meu pai.

“Yedina”, digo lentamente, virando-me para encará-la.

Ela está brilhando com uma raiva silenciosa, sua pele pálida luminosa enquanto faíscas de energia caótica dançam ao redor de sua coroa enquanto ela olha para mim com olhos duros. Ela é uma imagem temível da própria Deusa da Destruição. Eu seria um idiota se a desafiasse neste momento, mas o pêndulo do meu coração oscila em uma direção diferente. Ela nunca compreendeu os anais das minhas paixões e, mesmo agora, deseja impor-me um futuro que não quero em troca dos seus próprios impulsos doentios. “Não tenho nenhum desejo de desafiar meu pai. Se ele soubesse de suas intenções, ele mesmo sancionaria sua morte.

Os olhos escuros de Yedina brilham de alegria. “Então é bom que não haja testemunhas.” Seu olhar se desvia para Laura, que está protegida pelo meu corpo.

“Bem... apenas um, eu suponho.”

Isso não é mais uma pechincha.

Ela pretende matar minha Laura para conseguir o que quer.

“Você *precisa* de mim, Rej'thorek. Você simplesmente não consegue descobrir.

Com isso, eu dou a ela um sorriso odioso. “Ninguém precisa de você, Yedina. É por isso que você tem prazer em pegar o que não lhe pertence.”

REJ'THOREK

"EUé isso mesmo?

Yedina finalmente quebra nosso olhar compartilhado, fingindo melancolia enquanto se acalma do que quer que a tenha possuído. "Suponho que deveria ter esperado..." Sua risada é suave, melancólica. "Que você *veria* dessa forma."

O que ela está falando?

Mesmo que Laura fosse apenas um brinquedo, como supõe Yedina, tirar o que pertence a outra pessoa é um crime que nem mesmo uma matrona pode evitar. Roubo não é tolerado em Ti'lith, como não era antes de chegarmos a Protheke. É uma pena para Yedina que Laura não seja apenas uma fixação, ela é *minha*.

"Você entrou em minha casa," eu digo suavemente, encorajando a demônio selvagem a levantar o olhar novamente. "Você roubou meu humano para ser usado como alimento para seus desígnios malignos.

"Você *deve* estar louco para me chantagear, um Príncipe do Trono Ardente, quarto filho do Rei Asmodeus. Você acha que meus sussurros não têm influência nos ouvidos de meu pai?

"Se eu contar a ele o que você fez, ele a arrastará para a praça e a transformará em exemplo, matrona ou não. *Você* se esquece de que os velhos hábitos não têm mais influência no estado atual das coisas. Vocês, matronas, tornaram-se complacentes em seu pequeno número, e agora seu controle está sendo ameaçado por aqueles que consideram inferiores a vocês, como Laura e o resto de sua espécie.

Um pequeno sorriso de escárnio se forma em seu rosto. "Tem um nome?"

"Cometi um erro ao ceder a você, Yedina." Minhas palavras são tão eficazes quanto qualquer golpe, atordoando-a o suficiente. "Este lugar", digo sobre seu quarto, sua casa além e o círculo de moradias das matronas além disso. "Eu sou um covil de pactos obscuros, forjados por necessidade de nossa raça, mas você não aguenta mais não ser o árbitro.

"Posso ver por que meu pai deixou você obsoleto."

Seu tapa deixa marcas de garras na minha bochecha, as linhas queimando com uma verbena odiosa. "Você me terá!" ela grita, mostrando os dentes para mim, seu rosto alongado em uma espécie de agonia sombria. "Ou você não sairá *daqui* vivo!"

Meus ouvidos picam ao som de um gemido abafado e algemas tilintando. *Não me esqueci de você, Laura*, quero contar a ela. *Deixe-me dominar a fera primeiro.*

"Você envenenou suas garras para torturá-la, não foi?" Eu pergunto, traçando a queimadura ao longo da minha mandíbula, o sangue escorrendo nas pontas dos dedos.

"Mesmo agora, cada palavra que você fala é um perjúrio. O Trono Ardente nunca será seu, e não importa quantos Príncipes você possa capturar." Coloquei a mão no peito.

"Este aqui nunca pertencerá a você. Agora, liberte minha mulher, ou meu pai ouvirá sobre suas alegações traiçoeiras.

A repulsa supera seus traços de porcelana.

Acho que minhas palavras podem tê-la quebrado quando ela caiu na gargalhada, segurando o estômago com o peso de seu mau humor. "Sua mulher?" Ela respira entre outra gargalhada. "Deixe isso com você, Rej," ela esfria, varrendo as lágrimas de seus olhos escuros. "Apaixonar-se por um *animal* em vez de um companheiro adequado . "

Um arrepio gelado percorre meu corpo, mas posso culpá-la por pensar assim? Pensei o mesmo por um tempo, antes de testemunhar as muitas emoções de Laura, sua grande dor e arrependimento, e a profundidade de suas paixões, tão ansiosas e dispostas.

Não consigo colocar tudo em palavras sob o escárnio de Yedina.

Mas algo mais profundo surge, um instinto de proteger os meus, com palavras ou com os punhos, não importa. Eu a avalio, lembrando a mim mesmo que ela é uma matrona e, por mais poderosa que seja, ela não tem sangue real.

Ela não conseguia tirar todo o foco da minha ira.

"Você está bravo," eu digo em vez disso, quieto e uniforme. "E quebrado."

"O que está quebrado é esta maldita cidade!" Seu humor desaparece num piscar de olhos, substituído por uma raiva fervente, seus braços rígidos ao lado do corpo.

"Administrado por um rei covarde e seus filhos inúteis!

"É uma maravilha que alguém siga a semente rançosa de Asmodeus!"

"Você não quis dizer isso-"

“Quero dizer *cada palavra*”, ela cospe, todo o seu corpo tremendo agora. “Você achou que eu fiz papel de bobo em público porque gostava *de* você? Eu *precisava* de você, mas agora estou começando a pensar que a prole de um trolvor teria mais coragem do que qualquer um de vocês.

“Os outros seguem o Rei Demônio porque estão assustados.” Ela se endireita e o tremor em seus membros diminui. “Eu não possuo medo.”

Eu franzo meus lábios. “Eu sei.”

Yedina faz uma pausa, mas apenas por um momento, com os olhos brilhando de incerteza. Há algo de vulnerável em sua expressão antes de desaparecer por causa daquela forte confiança com a qual me familiarizei. “Você não sabe *nada*. ”

“Yedina, você não está pensando direito.

“Solte-a e acabe com isso. Vamos partir sem incidentes e não contarei ao meu pai o que você confessou aqui hoje. Nenhum de nós o fará.

“É tarde demais!” Seu sorriso é muito amplo. “A cadela sabe, e ela gritará sob a mais suave das torturas. Eu não posso deixá-la solta, e *você*. Você é tão inconstante quanto seu pai. Ela sorri para mim, seu olhar seguindo para as linhas que ela desenhou em meu rosto. “No momento em que você sair pela minha porta da frente, você vai me amaldiçoar.”

“Você se amaldiçoou,” eu digo por minha vez, pegando sua bochecha. Ela interpreta isso como um gesto de boas-vindas, embora deva sentir a ameaça quando a garra do meu polegar aperta seu queixo. Ela cede quando eu a arrasto pela garganta. “Você poderia ter sido uma matrona invejável,” murmuro contra sua bochecha, sentindo seus braços delicados me envolverem e apertarem. “Você poderia ter sido *ótimo*. ”

Sua respiração passa pelo meu cabelo. “Você acha?”

“Eu sei,” eu sussurro, meu aperto apertando seu lindo pescoço.

Só mais um pouco e isso interromperá sua respiração. Pressiono meu polegar na cavidade de sua garganta. Sua respiração fica irregular, como se fosse nossa primeira noite juntos. “Você não tem isso em você, Rej. Você não tem provas se me matar aqui.

“Arraste-me para o tribunal, eu te desafio.”

“Não”, eu digo. “Termina aqui, esta noite.

“Eu deveria ter feito isso há muito tempo.”

Laura se contorce contra a parede, choramingando por trás da mordaca. Deve ser a magia de Yedina enrolada em seus pulsos e penetrando em sua carne. O veneno terá que ser extraído, mas ainda temos muito tempo. É Yedina que está acabando.

Mesmo quando estamos presos um contra o outro, sua morte é inevitável, ela enfia as mãos por baixo da minha camisa e apalpa minha barriga dura. É tudo uma piada para ela? Nunca conheci um demônio com tanto desrespeito pela própria vida.

A maioria estaria lutando com unhas e dentes para sobreviver, especialmente se estivesse nas garras de um príncipe. Achei que as matronas tinham mais poder do que isso, mas talvez ela não esteja usando o dela. Apenas alguns momentos atrás, ela era a destruição, encarnada.

Agora, ela está recatada novamente, suave. “É isso que voce quer?”

“Não se trata do que eu quero.”

Seu sorriso pressiona minha bochecha cortada e sua língua desliza para fora para varrer o sangue. “Eu conheço você, Rej'thorek, como aquele humano nunca conhecerá. Ela logo irá quebrar de qualquer maneira, sob suas paixões violentas.

“E ela não pode amar aquele que a prende.”

As palavras de Yedina são um veneno por si só. Eles deixaram um pouco de dúvida, e isso ofuscou todas as nossas memórias juntos. Mas tenho que me manter firme. Yedina é uma mestre no engano e fará de tudo para me conquistar.

Minha mão já está pronta para quebrar o pescoço dela, só preciso *fazer* isso.

“Bem?” ela provoca docemente, passando os dedos frios sobre meus peitorais e descendo pela minha barriga tensa. “Você vai me matar? Ou você vai me deixar ficar com a mulher? Eu prometo, vou cuidar bem dela para você...”

Meu aperto fica mais forte.

O ar de Yedina é cortado e suas unhas cravam-se em meu peito como se ela quisesse me levar com ela. Eu grunhi e a puxei pelas costas, mantendo meu punho cerrado em volta de seu pescoço e a levanto bem alto. Seus olhos já estão esbugalhados e sua pele está escurecendo com manchas prejudiciais à saúde.

Quase espero encontrar sangue escorrendo de sua boca enquanto ela procura ar.

Mas mesmo enquanto ela luta, a magia do caos surge na sala, iluminando as luzes e fazendo-as piscar perigosamente. Ela arranha meu rosto, tentando me impedir de fazer o que devo fazer. Yedina é um problema que já tenho que resolver há muito tempo; Eu simplesmente não tive coragem.

Agora é ela ou Laura, e a escolha é fácil.

Mas mesmo quando sinto minha vitória iminente, apertando ainda mais e sentindo os ossos de seu pescoço se rangendo de maneira anormal, seus olhos voam para a parede atrás de mim e uma mão perdida surge, pingando energia sombria.

Sinto mais do que vejo o raio sair da ponta de seus dedos.

O mundo fica mais lento quando duas coisas acontecem ao mesmo tempo: o pescoço de Yedina finalmente tem o bom senso de quebrar, roubando a luz de suas feições. E Laura... a flecha atinge seu peito.

Deixo cair o cadáver e me viro para ver Laura ficar mole, mesmo quando as algemas finalmente a libertam. Eu a pego antes que ela caia no chão, olhando para a marca escura e irregular entre seus seios, que se enterra profundamente em seu coração.

Bato palmas sobre a marca na tentativa de tirar o veneno. "Não!"

E enquanto luto pela próxima respiração de Laura, as palavras de Yedina continuam a me assombrar. *Você poderia ter tudo...*

...ou nada.

LAURA

Etudo ao meu redor está escuro. É o preto mais profundo e intenso que já vi. Mas não é assustador. Sinto-me quente e confortável enquanto flutuo pela vasta extensão do nada. Não sei dizer quanto tempo vai durar, mas não me importo. Eu poderia ficar aqui para sempre, flutuando neste rio escuro.

E então há um zumbido que enche meus ouvidos. O rio ainda é bom o suficiente, mas o barulho é chocante. Olho em volta, tentando descobrir de onde vem. Mas está escuro e não consigo ver. Eventualmente, porém, começo a juntar as peças.

Está vindo de mim.

Levanto uma mão ao ouvido, tentando fazê-lo parar. Nada ajuda, até que eu afundo no fundo do rio. O barulho finalmente desaparece quando me afogo na água negra. É grosso e enche meus pulmões. Não posso deixar de me perguntar por que estou respirando isso. Não sei que isso é um afogamento? Mas de alguma forma, mesmo sendo espesso e viscoso,

Posso respirar com facilidade.

E então, há uma pressão no meu peito. Uma sensação de aperto que empurra com força. A geleia sai dos meus pulmões quando caio do fundo do rio e caio no céu.

O despertar vem lentamente.

Sensações começam a surgir, nas bordas dos meus olhos, que me dizem que estou voltando à vida. Mas tudo em que posso me concentrar é no sentimento. Como se eu estivesse coberto por nuvens, felpudo e macio. É uma sensação tão maravilhosa que só quero ficar deitada aqui, à deriva.

À medida que o sono começa a diminuir e meu cérebro reinicia, percebo que não estou no céu. Não há nuvens. Há uma cama embaixo de mim e cobertores em cima. Mas meus olhos estão tão pesados. É como se eles estivessem selados. Eu apenas fico lá, teimosamente, sem querer abri-los. Como minha garganta ficou tão seca?

Minha mente está inquieta demais para parar e isso não me deixará suspenso por muito tempo. Isso me leva a uma lucidez miserável. Ao fazer isso, tudo de repente volta para mim com pressa.

Uma mulher de longos cabelos ruivos apareceu e me pegou de surpresa. Ela me odiava. Ela ia me matar. Ela me levou embora, me sequestrando da casa de Reg'thorek. A sensação de algemas apertadas me segurando contra uma parede fria. Mas eles não estão lá agora. Mesmo com os olhos fechados, posso dizer isso. Estou em uma cama. O que aconteceu?

Como se fosse encharcado com água fria, lembro-me da forma como ela me ameaçou. Ela queria me cortar, estragar meu rosto.

Aperto os olhos com mais força, como se pudesse bloquear tudo. Não parece que estou em perigo, mas não tenho certeza se quero abrir os olhos e descobrir. Se eu ficar aqui, posso fingir que está tudo bem.

Mas preciso de respostas. Não consigo parar de pensar nisso até verificar por mim mesmo. Eu levanto timidamente uma mão nervosa para sentir meu rosto.

Estou inteiro, noto com alívio.

Aquela mulher demoníaca não me cortou como havia prometido.

Meus olhos se abrem. Reconheço o dossel velado. Leva apenas um segundo para perceber que estou no conforto do meu quarto.

Estou seguro. Estou em casa.

Tentativamente, estico uma perna e depois a outra. Um braço e depois o outro. Tudo parece estar no lugar, funcionando da mesma maneira de sempre. Mas há um desconforto generalizado, uma rigidez que ecoa pelo meu corpo e me lembra do que passei. Mas, além disso, sinto-me praticamente inalterado.

Tento pensar no passado, relembrar os acontecimentos anteriores. Tudo está nebuloso e não consigo entender. É como tentar encontrar a ponta de um novelo de lã emaranhado para separá-lo.

Lembro-me de ver Rej'thorek. Acho que ele chegou perto do fim. Mas não me lembro do que aconteceu depois...

A lembrança de uma dor incapacitante em meu peito, insuportável e quente, vem à mente. Lembro-me de como isso me deixou sem fôlego, certo de que morreria. E então tudo ficou preto. Devo ter desmaiado de dor.

Abro minha camisa, querendo ver com meus próprios olhos. O movimento me faz estremecer de dor, meus músculos doloridos e gritando em protesto.

No meu peito há uma marca escura.

Ele fica sobre o meu coração e é quase tão grande quanto a palma da minha mão aberta. Parece uma tatuagem, como se alguém a tivesse pintado. O centro é preto sólido, uma forma oval irregular e irregular, com ramos que saem nas laterais. Isso me lembra uma explosão de fogos de artifício, sem a exibição colorida.

Eu fico olhando para ele, incrédula, maravilhada por não parecer doer. Parece que deveria ser incrivelmente doloroso, mas não consigo sentir nada. Eu até cutuco com o dedo para ter certeza.

O que é isso?

De repente, sinto um movimento acima de mim. Afasto meus olhos da marca para olhar para cima. Rej'thorek está parado perto de mim. Seus olhos brilhantes são duros, ilegíveis.

“Você está acordado”, ele diz.

Ele se ajoelha ao lado da minha cama, afastando meu cabelo loiro curto do rosto para olhar para mim. “Você está acordado”, ele repete como se precisasse confirmar.

“Sim”, eu digo com uma risada fraca. “Estou acordado. O que aconteceu?” — pergunto, tentando juntar todos os fragmentos.

Ele balança a cabeça, incrédulo, aparentemente ainda atordoado pelas ações dela.

“Yedina, a matrona que sequestrou você, atacou você para chegar até mim”, ele admite.

“Ela estava convencida de que eu pertencia a ela e estava tão motivada pelo ciúme para me manter que foi atrás de você. Não porque ela me amasse. Ela queria assumir o trono para si.”

Pedaços voltam para mim. Ela implorando a Rej'thorek para escolhê-la. Implorando para que ele desse o que ela queria. Insistindo que ele poderia ficar com nós dois. Depois exigiu tudo quando não obedeceu.

“Eu vi o que aconteceu e vim imediatamente salvar você de Yedina”, explica ele. “Mas eu não consegui impedi-la de usar sua magia contra você.”

Sua expressão escurece momentaneamente, cheia de tristeza. “Temo que você fique com essa marca pelo resto da vida”, ele me diz. “Ela atingiu você com um raio venenoso. Mas consegui tirar o veneno do seu coração a tempo, antes que ele matasse você.

“Eu vou ficar bem?” Eu pergunto timidamente. Considerando tudo o que passei, me sinto bem. Melhor do que bom.

“Sim”, ele murmura. “Você está seguro agora. E vou continuar assim.

“Como você está se sentindo?”

Olho novamente para a marca em meu peito, esfregando-a contemplativamente. Vou levar algum tempo para me acostumar, mas poderia ser pior.

Eu poderia estar morto.

“Eu me sinto... bem,” admito lentamente, incapaz de acreditar completamente nisso. Empurro o cobertor para o lado, me levantando para poder examinar meu corpo mais de perto. Mexo os dedos das mãos e dos pés, examinando minuciosamente qualquer coisa que pareça errada.

Meus pulsos ainda estão vermelhos por causa do local onde fui amarrado. Mas todo o resto parece ser exatamente como deveria ser. Afundo de volta na cama, olhando para seu rosto expectante. “Sério, estou bem”, repito. “Estou um pouco rígido e dolorido, mas não sinto dor.”

Ele se inclina, me dando um beijo gentil e sincero. Isso faz meu coração palpitar com a ternura do gesto.

“Obrigado, Rej'thorek, por me resgatar.”

“Eu faria isso mil vezes se fosse necessário.” Sua expressão fácil se firma. “Claro, não pretendo deixar isso acontecer novamente.”

Um pensamento terrível me ocorre e me sento com um puxão. “E quanto a Akos?”

“Ele está bem”, ele me garante, pegando minha mão na sua. “Ele ficou um pouco abalado com tudo isso. Mas agora que você está bem, ele também ficará. Nada aconteceu com ele.”

Soltei um suspiro trêmulo de alívio, meu corpo relaxando novamente.

“Quando você estiver pronto, o café da manhã estará esperando”, diz ele. Então ele se levanta, estendendo as mãos para me ajudar a sair da cama.

Deslizo para fora dos lençóis, deixando minhas pernas penduradas na lateral da cama. Colocando minhas mãos nas dele, permito que ele me coloque suavemente em pé. Ele passa os braços em volta da minha cintura e paramos por um momento apenas para olhar nos olhos um do outro. Só isso já faz com que o esforço de se levantar valha a pena. Ele me beija mais uma vez, desta vez profundamente. Prazer e alívio ressoam por todo o meu corpo e, por um momento, esqueço todo o resto.

LAURA

CNós dois comemos nosso café da manhã. Depois de tudo que passei, estou morrendo de fome. Eu mantenho meu foco no prato diante de mim no início. Mas não demora muito para que minha mente se volte para o demônio à minha frente.

Não acredito que tenho alguém na minha vida que cuida tão bem de mim. Depois de todos os erros que cometi, é inacreditável pensar que alguém como ele quer *me proteger*. Não sei se mereço isso, mas estou muito feliz por tê-lo.

Pego minha caneca, levando-a até o rosto. Tomo um gole profundo do curioso líquido escuro, achando-o açucarado e quente, gostando dele quase tanto quanto da companhia. Mas, ao fazer isso, não posso deixar de me perguntar o que posso fazer por Rej'thorek.

Ele me deu muito.

Coloco a xícara na mesa e olho para ele. Rej é tão fantástico que realmente não sei o que fazer com ele. Como tive tanta sorte?

Posso sentir um bocado de creme grudado em meu lábio. Eu lambo, preguiçosamente, e então vejo seu olhar pousado em meus lábios, olhando fixamente. Suas narinas se dilatam e tenho uma ideia do que quero oferecer a ele. Para ser sincero, é um prazer tanto para mim quanto para ele.

Colho um pedaço de fruta da vitrine. Levando-o à boca, mordo-o com cuidado, lentamente, buscando o efeito máximo. Funciona. Seus olhos vermelhos brilham, presos em meus lábios.

Levantando-me, faço meus quadris balançarem enquanto me aproximo. Ele levanta as sobrancelhas com expectativa, esperando para ver o que farei a seguir. Eu me inclino, meus lábios a apenas um suspiro dos dele. Mas eu não o beijo ainda. Quero provocá-lo um pouco primeiro.

Em vez disso, passo uma mão por seu braço poderoso. Então levo até o colarinho dele, mexendo no botão da camisa.

Ele rosna de brincadeira, seus braços se estendendo para envolver minha cintura. Ele me puxa para seu colo com determinação, claramente sem vontade de esperar.

Ele inclina a cabeça na minha direção, seus lábios encostando nos meus. Eu me entrego ao beijo e à teia sensual que ele tece ao meu redor. Posso ter começado, mas já estou caindo sob o controle dele.

Em pouco tempo, nossa respiração fica pesada.

O desejo entre nós é inegável.

Eu monto nele, sentindo sua dureza debaixo de mim, evidência de quão excitado ele está. Então nossas bocas se fundem mais uma vez, as línguas se enroscando enquanto nossos corpos assumem o controle. Ele desabotoa minha blusa simples, tomando cuidado especial ao passar sobre meu peito.

Não sinto que tenha nenhum ferimento que ele precise cuidar. Mas sua preocupação ainda é doce e sinto meu coração derreter com a gentileza. Quando ele tira minha camisa, deixando-a cair no chão abaixo de nós, eu faço a minha vez de despi-lo.

Nossas mãos se cruzam, sentindo nosso caminho. Beijo a linha de sua mandíbula, meus dedos roçando seus ombros musculosos e esculpidos. Ele mordisca minha orelha sensível, me fazendo gemer, então seus beijos descem pelo meu pescoço em direção à minha clavícula.

“Você me deixa selvagem”, ele murmura. “Eu não posso resistir a você, mesmo que devesse. Você deveria estar descansando agora.

Ele acaricia meus mamilos pontiagudos, já eretos e esperando por ele. Ele se abaixa, abaixando a boca para capturar uma entre os lábios. Eu gemo, e ele se move para o outro, puxando-o entre os dentes com força.

Meus quadris mexem reflexivamente, movendo-se contra seu pau grosso. Mas ainda há roupas demais no caminho. Relutantemente, pulo de seu colo. Por mais que eu goste do que ele está fazendo, estou pronto para mais.

Quando me levanto, ele agarra a faixa da minha calça com as mãos. Com ternura, ele os desata, empurrando-os para baixo. “Tão linda,” ele diz mais para si mesmo quando me observa. Não posso deixar de corar com a maneira como ele está me estudando, satisfeito, mas envergonhado.

Ele se levanta, com as mãos no botão da própria calça. Eu o interrompo, empurrando-o para fora do caminho para que eu mesma possa despi-lo. Puxo tudo para baixo lentamente, deixando minha mão permanecer sobre sua protuberância com um sorriso provocador.

Agora que finalmente estamos nus, ele se senta e me puxa para seu colo. Eu me posiciono sobre ele, deslizando-o em minha boceta já molhada. Meu corpo se lembra de sua circunferência e o agarra até que ambos esquecemos de respirar.

"Você está bem?" ele sussurra em meu ouvido.

Isso me pega desprevenido. Afinal, esta não é a nossa primeira vez. Então percebo que ele ainda está preocupado por eu estar sofrendo com os acontecimentos dos últimos dias.

"Está tudo bem, Rej," eu digo por sua vez, lutando por palavras. "Eu posso aguentar."

Eu balanço lentamente, para frente e para trás, sentindo-o me penetrar até o fundo. Adoro a sensação dele dentro de mim e acelero o ritmo.

Eu quero mais.

A cadeira balança precariamente, e uma pequena parte do meu cérebro registra isso o suficiente para ter esperança de que ela consiga aguentar. Tenho certeza de que não foi projetado para o abuso que estou sofrendo. Mas estou muito longe para parar agora. Mesmo que a cadeira quebre, provavelmente continuaremos no chão.

Nossos gemidos enchem a sala enquanto corremos em direção ao nosso final. Estamos suados e escorregadios, e posso sentir meu núcleo apertar à medida que me aproximo do meu clímax. Eu me inclino para frente, reivindicando sua boca com a minha, e a decadência do meu orgasmo me domina enquanto gemo contra ele.

Rej'thorek rosna contra mim, roubando meu fôlego enquanto encontra seu fim violento. Posso senti-lo pulsando dentro de mim enquanto ele toma minha boca novamente, me beijando até que meus lábios fiquem tão machucados e latejantes quanto minha boceta. Finalmente, ambos exaustos, eu desabo contra ele, minha cabeça apoiada em seu peito.

Ele passa as mãos para cima e para baixo nas minhas costas, traçando círculos preguiçosos na minha pele. À medida que meu pulso começa a desacelerar, posso aproveitar esse momento íntimo. Eu estava com tanto medo há tanto tempo. Não

apenas por causa do que aconteceu ontem. Eu estava com medo do que tinha feito, com medo do que havia perdido, com medo do que aconteceria comigo.

Mas estando aqui nos braços de Rej'thorek, todo esse medo desaparece. Eu não sabia que era possível, mas estou feliz que seja.

Pensar na mulher demônio me deixa sombrio e estremeço um pouco em seu abraço. Um pensamento me ocorre e eu me sento.

“O que aconteceu com a mulher demônio?” Eu pergunto.

“Você não terá que se preocupar com ela”, ele me tranquiliza. “Ela não vai voltar.”

Mordo o lábio, pensando nisso. Lembro-me vagamente de suas mãos em volta do pescoço do demônio e de repente percebo o que deve ter acontecido.

Mas eu não digo nada.

Não quero fazê-lo dizer mais nada sobre isso. Eu sei que ele pode ser um perigo para os outros, mas não para mim. Ele arriscou tudo para me salvar.

Deito minha cabeça em seu peito e posso ouvir as batidas constantes de seu coração. É uma sensação estranha estar ligado à batida que o mantém vivo. Eu me pergunto se ele sabe o que significa para mim. Gosto de imaginar que significo o mesmo para ele. Eu devo – ele não passou por tudo isso para me proteger como sua propriedade, não é?

“Eu te amo,” eu sussurro. No mínimo, quero que ele ouça essas palavras de mim. Mas não posso saber se ele retribuirá o gesto.

Ele levanta meu queixo com dois dedos, me fazendo inclinar a cabeça para olhá-lo nos olhos. Eu engulo, de repente nervoso. Parecia uma boa ideia há pouco, mas agora parece muito real. E se ele não responder?

“Amor”, ele começa. “Uma palavra tão estranha.”

Meu coração afunda um pouco, esperando uma rejeição elaborada. Mas ele não me dá muito tempo para chafurdar, continuando. “Eu não entendi até que vi você pela primeira vez. Eu não conseguia me identificar com esse sentimento de amor. Mas agora entendi. O que sinto por você, isso é amor.

“Eu também te amo.”

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto e logo estou sorrindo como uma idiota.

“Realmente?”

“Sério”, ele responde. Ele passa os braços em volta da minha cintura, me levantando com ele enquanto se levanta da cadeira. Os músculos de seus ombros flexionam sob minhas mãos, presos em seu pescoço. Prendo meus quadris em volta de sua cintura por reflexo, notando a facilidade com que ele me carrega.

Ele me coloca na beirada da mesa. Com uma mão, ele tira os restos de pratos e comida do caminho, empurrando-os para o outro lado da mesa. Com o espaço agora livre, ele empurra meus ombros para trás, forçando-me a deitar. Ele se inclina, sua boca perto da minha com um sorriso travesso.

“Agora, deixe-me mostrar o quanto eu te amo”, ele rosna. Ele desliza até a beirada da mesa, sua língua correndo dentro de mim.

Em pouco tempo, ele me faz gemer novamente.

Em meu cérebro nebuloso, apenas um pensamento consegue emergir da nuvem do desejo. Nós dois temos um longo dia pela frente.

REJ'THOREK

EU quero fazer algo especial para Laura. Algo que mostre a ela o quanto aprecio tê-la em minha vida. Algo que mostra a ela que não vou considerá-la garantida, especialmente depois de estar tão perto de perdê-la.

O primeiro passo foi mandar Akos embora por uma semana. Ele foi ficar com Thonir. Eu sei que ele ficará feliz em passar bons momentos com seu herói pessoal.

Akos não apenas não se importava, mas isso estava rapidamente se tornando uma necessidade. Estávamos comemorando o retorno seguro de Laura com tanta frequência que estava ficando difícil manter isso em segredo. Melhor tirá-lo de casa para que pudéssemos desfrutar da companhia um do outro sem medo de deixar cicatrizes no pobre menino.

E aproveitem a companhia um do outro, nós temos. Os últimos dias foram passados em uma intimidade alegre e profunda. Não tínhamos feito nada digno de nota. Passamos um tempo juntos, nos divertindo, relaxando e fodendo todos os momentos livres do dia. Esta noite, porém, tudo isso vai mudar. Não a diversão ou o sexo, é claro. Pretendo manter isso no menu indefinidamente.

Mas esta noite não pretendo passar uma noite normal descansando em casa. Com alguma sorte, esta noite seria notável. Memorável. Uma noite que Laura recordaria para o resto da vida.

Eu havia deixado claro que queríamos a casa só para nós, chegando ao ponto de mandar meus novos criados descansarem em seus quartos. Temos todo o espaço e privacidade que poderíamos desejar agora.

Começo dizendo a Laura que tenho algo que quero mostrar a ela. Seu rosto ansioso olha para mim com uma expectativa curiosa, me seguindo escada acima até o segundo andar.

Quando chegamos ao patamar, ela parece confusa. Ela esteve aqui inúmeras vezes e tenho certeza de que está se perguntando o que há de tão especial neste lugar. Mas então aponto para outro lance de escadas que leva ainda mais alto.

Com um sorriso, faço um gesto para que ela me siga. Ela o faz de boa vontade, confiando implicitamente em mim. Ainda assim, posso ver a curiosidade em seus olhos. As escadas levam ao deck aberto no topo da mansão. Ele tem algum potencial como ponto de vista útil graças à sua altura sobre Ti'lith. Mas eu uso com pouca frequência. Não há muita coisa no terreno que eu sinta necessidade de observar. E as constantes tempestades acima da ilha significam que também não há muitos motivos para olhar para cima.

Ela não parece se importar com a falta de vista. Ou talvez ela esteja animada com as fileiras de velas acesas que espalhei, querendo tornar a noite especial. Seus olhos se iluminam quando ela vê o novo ambiente, um prazer silencioso passando por suas feições suaves. “Eu não sabia que isso estava aqui”, diz ela, girando lentamente e apreciando a vista.

O jantar foi preparado e colocado numa pequena mesa redonda, já à nossa espera. Comemos juntos, conversando e rindo enquanto saboreamos a refeição. Há pão quente e bismou assado, além de queijo picante e salada de frutas. Comemos a comida calmamente, embora seja difícil para mim conter minha impaciência. Sei que algo melhor ainda está por vir e é difícil não me distrair com minha empolgação.

Tento agir normalmente, porém, jogando com a indiferença. Não quero apressá-la, pois a refeição é apenas a primeira parte da comemoração. A noite toda é significativa e é importante para mim que tudo corra bem. Mesmo que eu esteja ansioso pela surpresa e não consiga me concentrar na comida.

À medida que o jantar chega ao fim, ela ainda está terminando a sobremesa. Eu a vejo girar a colher lentamente no prato de creme, e parece que está demorando uma eternidade. Sinto que estou me contorcendo tanto na cadeira que não consigo acreditar que ela parece não notar.

Mas eventualmente, ela terminou.

Ela coloca a colher no prato e eu praticamente pulo da cadeira para correr até ela.

Ela ri de surpresa, sentindo minha urgência fora do personagem. “O que está acontecendo, Rej?”

“Nada, só quero te mostrar uma coisa.”

Eu mesmo irei reprimir um pouco. Deslizando lentamente a cadeira e me forçando a mostrar alguma contenção, ofereço-lhe minha mão e a ajudo a se levantar.

Depois a levo pelo convés até um pequeno divã. “Espere aqui,” eu instruo, gentilmente pedindo que ela se sente. Com as mãos ainda em seus ombros, dou-lhe um olhar solene. Ela pisca e depois torce o nariz, sem saber por que isso é tão importante para mim.

“Ok,” ela concorda lentamente, uma pergunta silenciosa permanecendo em sua voz.

Não me preocupo em explicar. Tudo ficará claro em breve. Dando alguns passos para trás, desenvolvo minha magia do caos. Posso senti-lo percorrer meu corpo e, quando estou pronto, aceno em direção ao céu.

As nuvens escuras sobre nossas cabeças se separam, criando uma pequena janela através da qual podemos ver a lua. É a primeira vez que ela vê o luar desde que chegou à nossa ilha flutuante de Galmoleth. Nós, demônios, estamos tão acostumados com as nuvens que sempre cobrem o sol e a lua que muitas vezes não percebemos a ausência, mas tive a sensação de que ela poderia gostar disso.

Aproximo-me dela novamente, olhos esperançosos observando seu rosto para ver sua reação. Ela fica em silêncio, mas olha para cima parecendo completamente apaixonada. Sua expressão exultante é inconfundível, e estou tão feliz quanto ela, só de ver seus olhos brilharem de admiração.

Depois de um momento longo e silencioso, ela desvia o olhar por tempo suficiente para olhar para mim. Estou perto o suficiente para ver que eles brilham com lágrimas de felicidade não derramadas.

“Eu via isso todas as noites em Protheke e considerava isso um dado adquirido”, diz ela em uma voz baixa que é quase um sussurro. “Nunca imaginei que chegaria um momento em que não poderia ver isso novamente. Ou como seria perceber o que perdi. Eu sei que parece bobo, mas... me lembra de antes. De casa.

Não parece nada bobo para mim. Acomodo-me no divã ao lado dela. Ela apoia a cabeça em meu ombro, mas olha para cima para poder manter a lua à vista.

"Obrigado."

Estou muito ocupado lembrando de uma época em que pensei que poderia perdê-la. Posso me identificar com o fato de ter algo especial, mas tão próximo que você esquece

o quão importante é. Só quando você perceber que pode não ser seu para sempre é que você poderá realmente avaliar o que significaria perdê-lo.

Eu a puxo comigo para deitar no divã para que possamos observar as estrelas juntos. Estamos bem juntos, pois não há muito espaço. Mas acho que nenhum de nós se importa.

Ocasionalmente, ela quebra o silêncio com uma história.

Algumas delas são lições que ela aprendeu, como os diferentes nomes das estrelas ou como elas podem ser usadas para indicar a direção. Outros são de sua vida, como aquela vez em que ela e a irmã ficaram acordadas até tarde e escaparam para assistir a uma chuva de meteoros. Mas na maioria das vezes ela fica quieta e fascinada pelo espetáculo além da tempestade.

Estou tão encantado quanto ela, mas não pelas estrelas. Eles são lindos, mas o que é ainda mais incrível para mim é a maneira como refletem em seus olhos cinzentos. Eu me apoio em meu braço para poder olhar para ela. O luar pode ser lindo, mas observá-la ao luar é de tirar o fôlego.

Ela fica quieta mais uma vez enquanto eu ainda estou olhando para ela, e finalmente olha para mim novamente. "O que?" ela pergunta, com uma risada em seu tom.

"Há algum problema?"

"Por que você continua me olhando desse jeito?"

Abro a boca, preparada para responder. Mas então fecho novamente, quando um pensamento diferente me ocorre. De qualquer forma, é algo que eu tinha planejado dizer esta noite, e este parece ser o momento perfeito.

"Seja meu," eu finalmente digo. "Não é um escravo. Não porque você precise ou porque eu ganhei você na arena. Ser *meu*. Meu parceiro, meu companheiro, meu igual.

"Ficar comigo. Faça uma vida comigo.

Tudo sai às pressas, nada como eu havia planejado. Não é nem de longe tão polido quanto eu pretendia fazer meu discurso.

Mas é de coração e é genuíno.

Ela se senta abruptamente e me encara com a boca aberta. Sigo seu exemplo, empurrando um braço para sentar ao lado dela.

Seus olhos cinzentos estão vazios e sinto uma vibração no peito.

Por que ela não está dizendo nada?

Mas então o choque desaparece de seu rosto e ela encontra sua voz. “Sim”, ela concorda, jogando os braços em volta do meu pescoço e enterrando o rosto aquecido no meu ombro. “Sim! Eu serei seu companheiro.

“E minha igual,” eu a lembro, querendo que ela entenda que ela não é minha propriedade ou escrava. Esta deve ser a escolha dela que ela se sente livre para fazer.

“E seu igual”, ela concorda.

Ela ainda está agarrada ao meu pescoço, apertando. Retribuo o gesto, retribuindo o abraço.

Então, quando ela se afasta, capturo seus lábios com os meus. É poderoso e não sou nem um pouco tímido, mas não consigo evitar. Meu coração está disparado e não há chance de me conter agora.

Ela é *minha*.

LAURA

"Quando o rei conheceu a dona do chinelo rosa vermelho, eles se apaixonaram. E eles viveram felizes para sempre", digo, concluindo a história de Akos antes de dormir. Tornou-se um ritual na casa, algo que gosto tanto quanto ele.

Eu costumava ser um contador de histórias competente, usando minha habilidade para manter entretidas as crianças do campo de trabalho. Não tínhamos muito, mas as histórias eram gratuitas. Ainda me lembra de outra época e de outras crianças que precisavam de mim.

Akos, eu suspeito, é um pouco velho para histórias de ninar. Mas ele gosta da atenção, algo que perdeu durante todos aqueles anos que passou sem mãe nem pai. Então, ele finge que precisa ouvir minhas histórias tanto quanto eu preciso contá-las para alguém. Ele puxa o cobertor até o pescoço, se acomodando para dormir e dá um grande bocejo. "Boa noite, Akos", digo a ele com uma voz suave.

"Boa noite", ele responde com outro pequeno bocejo. "Ah, Laura?"

"Sim?"

"Se você vai se casar com Rej'thorek, isso significa que somos uma família de verdade? Mesmo que você não seja minha mãe verdadeira?"

"Sim", asseguro a ele. "Uma família é o que você faz dela. No Protheke, a maior parte da minha família foi adotada. Mas eu não os amava menos."

Ele pensa sobre isso por um momento. Então, parecendo satisfeito com minha resposta, ele cai de lado com uma sugestão de sorriso no rosto. "OK. Boa noite."

Balanço a cabeça, querendo rir da rejeição abrupta. Acho que até mesmo demônios de treze anos conseguem demonstrar tanto afeto.

Me virando, noto Rej'thorek me esperando no corredor. Olho por cima do ombro para Akos e saio correndo da sala para encontrar Rej. Ele me pega em seus braços, me puxando para perto e me dá um beijo profundo.

"Você é muito bom com ele", elogia. "Ele tem sorte de ter você."

Olho para a forma esguia de Akos, enterrada sob os cobertores. “Tenho sorte de tê-lo também”, aponto. “Ele me lembra...”

Eu paro, não querendo dizer isso em voz alta. Mas Rej'thorek sabe o que eu ia dizer. Ele me puxa para seu peito e suspira.

Descanso minha cabeça contra ele, suspirando também.

Isso nunca vai embora, as lembranças dolorosas de todos os meus erros. Não há nada que eu possa fazer para mudar o que fiz, nada que corrija o passado ou amenize minha culpa. Eu sei que terei que encontrar uma maneira de fazer as pazes com a situação de alguma forma. Mas parece impossível na maioria das vezes.

Pelo menos Rej'thorek é paciente e compreensivo. Ele reconhece que isso é uma fonte de tristeza e faz o possível para me apoiar durante a dor.

Posso realmente ter essa felicidade, depois do que fiz aos meus amigos? Eu mereço isso? Sobrevivi à arena e ao ataque de Yedina. Foi esse o preço que tive que pagar?

Já estou absolvido?

Não sei. Eu gostaria de ter feito isso, mas não faço. Eu não tenho nenhuma resposta. Cora ainda nem fala comigo.

Não posso culpá-la, mas às vezes acho que se pudesse falar com ela uma última vez, isso poderia me ajudar a ter alguma clareza. Eu sei que provavelmente não conseguirei que ela aceite minhas desculpas. Isso pode ser uma ilusão que nunca poderei ver realizada.

Parece que preciso de um encerramento. Nós nos afastamos um do outro e esse foi o fim. Preciso saber como ela está. Preciso saber se ela ainda me odeia.

Preciso saber se ela está feliz.

Com minha cabeça apoiada em seu peito, Rej'thorek passa a mão pelo meu cabelo. “Há algo que eu possa fazer para ajudar?”

Balanço a cabeça, do mesmo jeito que sempre faço. Então faço uma pausa, olhando para ele, quando um pensamento me ocorre. “Você sabe o que? Sim. Quero que você me ajude a ver minha irmã.

“O que?”

“Ajude-me a ver minha irmã”, repito, mais insistente desta vez. A ideia está crescendo em mim e me pergunto por que não pensei nisso antes. “Você conhecia o demônio com quem ela se acasalou. O Mestre do Canil. Quero ver os dois mais uma vez.

Espero com a respiração suspensa, ansiosa pela resposta dele. Nós dois já sabemos que não desistirei até que ele concorde. Mas prefiro não ter de convencê-lo e espero nervosamente um enfático “sim”.

Ele para de brincar com meu cabelo e passa a mão pelo meu braço. Quando ele alcança minha mão, ele a segura. Então, levando minha mão até seu rosto, ele dá um beijo suave na palma da minha mão.

“Vou marcar uma reunião”, ele promete. “Não esta noite, mas em breve.”

Olho para seu rosto aberto e honesto e sei que ele está falando sério. Esta é uma promessa na qual posso confiar. A respiração que eu estava prendendo escapa e meus ombros relaxam. Eu não percebi o quão tenso eu estava.

“Esta noite”, ele começa, com um sorriso malicioso no rosto. “Esta noite, quero fazer você esquecer seus problemas.” Ele se abaixa para pressionar uma linha de beijos no meu pescoço. Fecho os olhos, suspirando um pouco para mim mesmo. Então, ainda segurando minha mão, ele me puxa pelo corredor em direção ao quarto.

No segundo que a porta se fecha atrás de nós, ele me puxa para seus braços novamente. Braços fortes me envolvem, não deixando espaço entre nós, e sua boca desce para reivindicar a minha.

Retribuo o beijo, fechando os olhos. Por trás das minhas pálpebras fechadas, tudo fica nebuloso e dourado cintilante.

Meu coração está batendo tão rápido que me assusta.

Ele finalmente interrompe o beijo, afastando-se dos meus lábios para morder meu pescoço sensível. Meus joelhos estão começando a ficar fracos com suas administrações. Há uma sensação de formigamento que só ele me dá, começando no meu centro e se espalhando em uma onda até os dedos das mãos e dos pés.

Seus longos dedos deslizam pela minha camisa, puxando suavemente até que ela seja puxada para cima e por cima da minha cabeça. Seus olhos varrem para cima e para baixo, me observando e se iluminando de desejo.

Sua cabeça se inclina, seus lábios deslizando suavemente sobre um dos meus mamilos. Inconscientemente, arqueio as costas, facilitando o acesso. Com um sorriso encantador, ele obedece, passando a língua e os dentes por um mamilo e depois pelo outro.

Ele para apenas o tempo suficiente para me levantar em seus braços, me carregando pelo quarto até a cama. Então, montando em meus quadris, ele começa tudo de novo. Seus lábios estão trabalhando para me deixar o mais flexível possível, e está funcionando.

Quase derreto no colchão.

Seus lábios encontram os meus, e ele permanece por um momento, me vasculhando com seus beijos apaixonados. Então ele continua, abrindo um caminho até a cavidade do meu pescoço. Então, seus lábios se movem mais para o sul, capturando meus mamilos mais uma vez. Ele coloca um e depois o outro em sua boca, me fazendo gemer de alegria.

Ele segue em frente, deixando um rastro molhado de beijos pela minha barriga até chegar à linha da minha saia. Parado por um momento, ele arranca a camisa. Então, indo até os pés da cama, ele coloca uma mão em cada um dos meus quadris e desliza a saia pelas minhas pernas.

Levantando os joelhos para se equilibrar na beira da cama, ele se inclina para acariciar minha calcinha. Através do tecido, ele roça levemente os dentes no material. "Mais," murmuro sem fôlego, minha mão apertando os lençóis. "Mais."

Ele levanta meus quadris, removendo minha última peça de roupa tão facilmente quanto o resto. Então, posicionando-se na cama em cima de mim, ele esmaga sua boca na minha em um beijo quente e abrasador que é tão urgente quanto eu sinto. Uma mão desce para acariciar meu centro, gentil e reverentemente.

"Mais", repito, minha voz ficando mais insistente dessa vez. "Eu quero todos vocês."

Ele não hesita em me dar o que eu quero, tirando as calças para que não haja nada entre nós. Sentado em meus quadris, ele ainda não entra em mim. Em vez disso, ele se inclina para provocar meus seios, beliscando os mamilos até eu gemer novamente.

Então ele desliza para dentro de mim e a sensação de formigamento floresce. Ela pulsa do meu centro, crescendo com cada uma de suas estocadas. Ele cobre meu corpo com o dele, apoiando a cabeça na curva do meu pescoço.

Meus quadris sobem, movendo-se para atender seus movimentos. Ele me preenche de uma forma que eu não sabia que era possível, e não demora muito para que eu fique sem fôlego novamente.

Ele morde meu pescoço e meu clímax cai sobre mim como uma onda poderosa. Fica mais potente pela forma como meu coração dá um pulo quando ele chama meu nome. Ele alcançou o auge comigo e posso senti-lo liberar sua semente.

Ele se inclina, rolando para o lado, tomando cuidado para não me esmagar. Então ele me envolve em seus braços fortes, beijando minha testa suada.

Entrelaço minha mão na dele, observando a forma como nossos dedos se entrelaçam. Isso me faz sorrir para mim mesmo. Quer eu mereça ou não, estou realmente feliz, de uma forma que nunca imaginei que poderia ser.

KHA'ZETH

Tele convoca me desperta dos meus estudos na biblioteca real.

“Honrado”, vem a voz profunda e áspera de um trolvor. Desde o ataque a Protheka, eles começaram a usar uma infinidade de títulos estranhos para se referir a mim. Como se o meu serviço à Coroa fosse opcional. “O rei solicita sua presença.”

É claro que sim, penso, fechando o livro com um tapa. “Agora?”

“Agora”, vem a resposta do trolvor.

E é assim que me encontro andando pelo salão principal do palácio real, evitando a luz vermelha brilhante do teto acima. O mármore escuro que nos envolve amortece o pior, mas ainda protejo meus olhos da luz mágica.

“Por aqui.”

“Eu sei onde fica a sala do trono”, rosno, olhando para meu guarda, que é tanto um porta-voz do rei quanto uma arma contra mim se eu desobedecer suas ordens. O Rei Asmodeus raramente escondeu suas intenções. De mim, pelo menos.

Esta noite, espero que não tenham sido as minhas falhas que encorajaram esta reunião.

Mas quando entro na sala do trono, o único assento está vazio. De qualquer forma, fico em frente a ela, mantendo as mãos cruzadas atrás das costas em reverência. Uma onda de magia do caos passa por mim quando ouço sua voz atrás de mim, em um tom que não posso desafiar.

“Soz'garoth, que bom que você se juntou a mim.”

Eu giro nos calcanhares para encontrar a fonte. Ele se aproxima de um corredor lateral, elevando-se vários metros acima de mim. Não importa quantas vezes eu fale com ele, não posso ignorar a onda de terror que se segue. É assim que ele mantém o controle sobre Ti'lith, sem dúvida. Mas sou um soz'garoth, um de seus bens mais valiosos.

“Meu Rei, é um prazer.”

Sua risada fala o contrário, como se ele soubesse o efeito que causa em todas as criaturas vivas que estão em sua presença. “Tenho um presente para você, Kha'zeth. Um que acho que você vai gostar.

Um presente? Eu quero o que ele tem a oferecer?

“Estou honrado”, digo mesmo assim, curvando-me profundamente ao ouvir o barulho de pés descalços contra os ladrilhos de obsidiana. Quando levanto a cabeça novamente, cerca de vinte humanos se reúnem no arco, tremendo e imundos em seus trapos, liderados por vários trolvor com longas lanças.

Minha confusão aumenta quando o Rei sinaliza para que eles sejam trazidos à luz. “Você pode ter um de sua escolha. Considere isso uma recompensa por seus esforços.”

Olho para o grupo arrependido, com desinteresse evidente em meu rosto, embora não fale com ele. Em vez disso, aponto para os guardas trolvor que cercam o grupo de humanos. “Não consigo vê-los quando estão amontoados assim.”

Eles não precisam de mais instruções, cutucando e empurrando os humanos até que eles estejam em uma situação difícil, chorando e choramingando em abundância. A maioria mantém o olhar voltado para o chão, mas todos estão imundos, cobertos de fuligem. Até o cabelo deles está emaranhado e emaranhado, de modo que não consigo dizer se eles conhecem alguma outra cor além do marrom lamacento.

O Mestre do Canil teria se saído melhor cuidando deles, se seus cães Ur'gin servirem de indicação. Deixe que trolvor os negligencie assim.

"Eu devo?" — pergunto antes de perceber que falei.

Rei Asmodeus ri novamente. “Eu havia solicitado a tarefa ao meu quarto filho, mas ele recusou e estou ficando impaciente. Giroth está testando minha teoria, mas preciso de outra para garantir que nosso sucesso não seja uma anomalia antes de entregar as outras aos meus aliados.

“Pegue uma como quiser, faça com ela o que quiser, mas certifique-se de que sua semente não seja desperdiçada. Quero que ela seja reproduzida e engravidada o mais rápido possível.

“Eu preciso de resultados.”

Exteriormente, sou o servo que o Rei espera de mim. Mas internamente, estou cheio de nojo, o sabor grudado no céu da minha boca enquanto volto minha atenção para a multidão de humanos, que são diminutos em comparação com seus guardiões iminentes.

Nenhum deles expressa quaisquer características notáveis.

Alguns são mais altos ou mais gordinhos, mas todos têm a mesma expressão abatida no rosto. Como se entendessem o que significa ser propriedade da Coroa. Eles próprios são desprovidos de magia, pouco mais conscientes do que os binmou que pastam nas pastagens de Galmoleth.

Não me importo de perder meu tempo escolhendo.

Sem pensar, pego um da fila.

Ela solta um pequeno grito, seu corpo tremendo sob meu toque enquanto eu a arrasto para o meu lado. Ela sabe o que vai acontecer com ela? Pela expressão vazia em seus olhos arregalados, não consigo imaginar que ela o faça. Ela é menor que as outras, com uma figura curva e cabelos negros que cobrem seu rosto macio. Se ela não fosse tão suja, eu poderia achar suas feições toleráveis.

É o máximo que posso esperar.

“Este aqui,” eu digo, apertando minhas garras em sua carne até quase quebrar. Não quero trazer outra boca faminta para minha casa, mas não posso evitar. A palavra do Rei é lei. “Eu te agradeço por este presente, meu rei.

"Eu vou usá-la bem."

O tremor do humano fica mais pronunciado à medida que os outros são escoltados para longe, de volta ao casebre de onde saíram. Alguns choram mais abertamente, sem se preocupar em abafar o choro. Mas o que está ao meu lado está em silêncio.

Felizmente silencioso.

“Cuidado com isso”, diz o Rei. “E volte para mim quando tiver sucesso.”

Faço uma reverência menos pronunciada do que antes e giro nos calcanhares, arrastando o humano comigo. Ela tropeça nas pernas curtas, contendo um grito. Eu não posso me preocupar em me importar. Ela é um 'presente', um item a ser preenchido com minha semente até grudar, nada mais.

Deixe que o Rei transforme um presente em uma carga.

Corro pelo corredor em direção à saída, desesperado por ar fresco e tempestuoso. Entendi por que violamos nosso anonimato e atacamos Protheke, mas pensei que seria problema de outra pessoa, não meu.

É essa irritação acalorada que me faz sacudir o humano que está em minhas mãos. “É melhor você não causar mais problemas do que vale, entendeu?”

Seus olhos se arregalam e acho que ela está prestes a falar.

Mas quando um soluço desenfreado escapa dela e as lágrimas escorrem pela sujeira em seu rosto, não consigo evitar que um gemido escape.

“Vamos , ” eu rosno, puxando-a junto.

Nem tenho certeza se ela me entende, mas sua chateação é óbvia. Ela preferiria ser jogada de volta em uma cela para o trolvor negligenciar? Ou jogado na arena como um de seus companheiros? Talvez eu ainda pudesse voltar e dizer ao rei que este está quebrado e conseguir outro. Eu nem toquei nela ainda.

Porque ela está chorando?

E por que tenho que recolher o lixo do Rei?

O fim

Para ler mais sobre Laura e Rej'thorek e ver o que acontece a seguir, inscreva-se no boletim informativo aqui: [https:// www. página.de.assinatura.com/ celesteking](https://www.página.de.assinatura.com/celesteking)

LIVRO 3: ENVIANDO-SE AO DEMÔNIO

No meu mundo, o amor é um luxo.

Viver no terrível mundo de Protheke é ruim.

Mas depois de ser roubado, pensei que minha vida havia acabado.

Os demônios adoram matar e torturar.

Isso é o que pensei que estava reservado para mim.

Mas Kha'zeth me mostra que não é esse o caso.

Ele tem uma mão firme e um coração gentil.

E pode me acalmar e me fazer entrar em combustão de uma só vez.

Mas quando seus segredos cuidadosamente guardados são revelados, eu fujo de sua casa.

Não aguento mais o desgosto. Eu escolhi homens errados no passado que me machucaram.

Desta vez poderia me matar.

Somente Kha'zeth não desistirá de mim.

Ele não dará a nenhum outro demônio a chance de me levar.

Ele não vai me deixar ir.

Porque ele nunca deixará nada nem ninguém machucar sua mulher.

E mais importante.

Machucar seu filho ainda não nascido.

NATALIE

EU Encolhi-me em meu assento, lançando um olhar para o gigante demônio sentado à minha frente.

Seus longos cabelos prateados balançam levemente a cada movimento da carruagem, quase se misturando ao tom branco leitoso de sua pele. Ele poderia ser lindo, se não fosse pela imponente coroa de chifres no topo de sua cabeça ou por seus olhos de obsidiana, sem nenhum branco digno de menção. Não me atrevo a olhar para ele por muito tempo, sem saber se ele está olhando para mim ou pela janela.

Ele não fez mais do que um comentário passageiro desde que fui arrastado para fora das masmorras fétidas pelas criaturas de pesadelo sob o comando dos demônios superiores, apenas lançando um olhar superficial sobre as mulheres humanas reunidas antes de me tirar da linha.

Depois disso, tudo ficou confuso.

Fui arrastado do resto dos humanos e pelos corredores do palácio. Eu queria chutar, gritar, fazer *algo* para evitar me tornar o brinquedo sórdido daquela criatura assustadora, mas minha mente e meu corpo estavam em dois comprimentos de onda diferentes.

Em vez disso, a enorme mão do demônio deixou hematomas em meu braço, e eu tropecei em meus próprios pés enquanto chorava silenciosamente, meus músculos atrofiados pelo tempo passado naquelas células apertadas e sujas. Não consegui nem encontrar as palavras quando ele me deu a oportunidade de falar.

Pelo menos este parece vagamente humanóide, penso comigo mesmo, tristemente, enquanto dou outra olhada no demônio.

A carruagem sacode e seu cabelo balança, revelando orelhas elegantemente pontudas que me provocam uma onda de dor. Entre as feições altas e as orelhas pontudas, ele tem uma vaga semelhança com Toklys.

Toklys. Meu querido e doce Toklys.

Desde o dia em que os demônios destruíram nosso campo de trabalho, não consigo nem pensar no nome dele sem lembrar de seus últimos momentos – nossos últimos momentos juntos.

Toklys era um zagfer, com pouca magia e menos posição social, encarregado de ajudar a administrar o campo de trabalho em que eu era escrava. No início, eu tinha medo dele, assim como qualquer mulher humana tinha medo dos manipuladores dos elfos negros que nos presidiam. mas sua bondade inata me suavizou para com ele.

Ele não era como muitos dos outros elfos negros. Ele era gentil e atencioso.

Ele queria um mundo melhor, não apenas para os elfos de Protheke, mas também para os humanos. Toklys sempre falou sobre a injustiça do sistema de castas e do uso de escravos humanos, e apontou exemplos como Amelie e o arquiduque Kral Ishiraya, dizendo que eles estavam abrindo caminho para um mundo novo e mais gentil para todos nós.

E então os demônios o massacraram.

Eu estava com ele quando a tempestade caiu e os demônios caíram do céu. Todo o acampamento enlouqueceu, humanos e elfos fugindo e gritando. Toklys tentou corajosamente me esconder deles, me conduzindo para debaixo de sua cama e me alertando para ficar quieto.

O demônio que invadiu a cabana de Toklys era um bruto, um enorme pesadelo de obsidiana com chifres flamejantes e armadura reluzente que só aumentava seu volume inimaginável. Toklys lutou contra ele, fazendo tudo o que podia para afastar o demônio.

Isso só distraiu o demônio por um certo tempo. Assim que se cansou da luta de Toklys, o demônio esmagou seu crânio entre duas patas enormes.

O esmagamento do sangue, o estalar dos ossos e o assobio horrível e úmido que vinha da laringe exposta de Toklys ainda assombram meus sonhos. Tudo o que eu conseguia ver debaixo da cama que Toklys e eu havíamos compartilhado tantas vezes era a confusão de carne e cérebro que um dia fora a cabeça do meu amante.

Se eu não estivesse naquela maldita cabana e não tivesse me escondido como um covarde, Toklys ainda poderia estar vivo. Sua morte foi minha culpa. O pensamento,

embora recorrente, ameaça me fazer girar na carruagem, tornando minha respiração irregular enquanto agarro a borda do assento com tanta força que meus dedos ficam brancos.

Não , digo a mim mesmo. Não foi minha culpa.

\Era de Laura.

Laura foi quem conduziu os demônios para o nosso acampamento, encorajou-os a nos roubar e procriar conosco, para gerar a prole dos demônios horríveis. Ela nos vendeu, vendeu sua própria irmã e seu povo para essas verdadeiras feras.

Cora, pelo menos, tentou lutar contra os demônios, ficou com o resto de nós naquelas jaulas horríveis enquanto as monstruosidades animais nos deixavam passar fome e nos negava água apenas para ver quanto tempo conseguiríamos durar sem ela.

Cora e eu nunca fomos próximas no campo de trabalho, não realmente, mas nosso tempo naquelas masmorras forjou um vínculo não muito diferente de irmandade. Eu confiei nela, fui consolado por ela; até que ela também nos abandonou, nos deixando por um demônio.

Assim como sua irmã fez.

Balanço a cabeça como se pudesse me livrar das lembranças que me atormentam. Não me faz bem refletir sobre tudo o que aconteceu. Não faz nada para mudar onde estou ou para onde estou indo.

Outro olhar para o demônio que parece ter me reivindicado me faz congelar, o pânico travando meus músculos enquanto olho para ele.

Desta vez, não há dúvida de que o demônio está olhando para mim.

Observando todo o seu semblante, percebo que há pequenas e estranhas marcas ao longo da pele de suas bochechas e testa, algum tipo de runas que são apenas um tom mais claro que o resto de sua pele, e apenas contribuem para sua aparência assustadora. Eu não tenho certeza do que fazer. Devo desviar o olhar? Devo segurar seu olhar? Os outros demônios odiavam quando respondíamos ou olhávamos nos olhos deles, e nos batiam até mesmo pela menor infração.

Deixo cair meu olhar em uma respiração instável, ganhando um bufo de escárnio do meu novo supervisor. Um lampejo de raiva percorre meu corpo, mas eu o reprimo

rapidamente – qualquer tipo de temperamento, qualquer tipo de rebelião pode significar a morte de um humano neste lugar.

Se quiser sobreviver, preciso manter a cabeça baixa.

Não posso deixar de imaginar como será meu mais novo mestre. Os demônios que nos mantinham na prisão eram diferentes, nada humanóides e cruéis além de qualquer imaginação, mesmo comparados aos piores elfos negros nos campos de trabalho.

Ele será como eles?

Uma parte de mim espera que ele seja mais gentil, mas essa esperança diminui quando uma estrutura assustadora em forma de pináculo surge do lado de fora da carruagem. A pedra negra do imponente edifício projetava-se da terra vermelha como uma estalagmite rebelde, a terra à sua frente pontilhada por plantas estranhas de preto vítreo e dourados e prateados reluzentes.

Meus olhos ardem quando todo o peso da minha nova situação bate em mim. Não há absolutamente nada familiar ou reconfortante em nada aqui. Nem os edifícios, nem os seus habitantes – até o solo tem a cor errada.

A carruagem diminui a velocidade até parar bem em frente ao prédio, a sensação de destruição iminente esmagando todo o ar dos meus pulmões. Um caminho se estende da carruagem até o prédio, e um demônio atarracado aparece diante de mim, abrindo a porta.

O demônio à minha frente sai primeiro da carruagem, uma graça predatória colorindo cada movimento seu. Por um momento, fico congelado no lugar, sem saber o que devo fazer a seguir.

Com uma bufada de aborrecimento, o demônio me pega pelo braço, me arrancando da carruagem. Um pequeno grito me escapa com o movimento brusco, e eu poderia jurar que o demônio revira os olhos antes de me forçar a encará-lo completamente.

“Espero que você fique em silêncio e obediente durante sua estadia em minha casa”, ele rosna, sua voz baixa e rouca irradiando através de mim. “Este é o meu domínio e não tolerarei nenhuma lamentação. Você não fará barulho se souber o que é bom para você. Você entende?”

Não consigo evitar as lágrimas silenciosas que transbordam.

Fui um escravo durante toda a minha vida e há muito tempo me acostumei com meu lugar em Protheke, mas de alguma forma a declaração desse demônio fez meus joelhos baterem um no outro.

Ele solta meu braço como se estivesse enojado com minha reação, girando nos calcanhares e caminhando em direção à casa. Permaneço enraizada no lugar, olhando para ele, meu rosto ainda molhado de lágrimas até que o demônio atarracado – um servo, presumo – aparece em meu campo de visão.

“Por aqui”, vem sua voz grisalha e aguda, inclinando a cabeça em direção à torre. Não me atrevo a recusar, estou com muito medo de desobedecer. Sigo o caminho, tentando ao máximo evitar que meu queixo balance ao entrar no prédio.

Ele me leva por uma série de degraus estreitos que me fazem tropeçar, e algumas voltas e reviravoltas depois, o demônio abre uma porta. "Aqui." Sou praticamente empurrado para dentro da sala antes que a porta se feche novamente, o som definitivo ecoando por toda a sala.

O quarto em si é terrivelmente bem mobiliado, paredes azuis claras com detalhes em preto nítido. Uma grande cama de dossel fica no centro, o resto do quarto é ocupado por duas poltronas estofadas e uma pequena escrivaninha - nada parecido com a cela em que passei os últimos meses, ou com meu alojamento no trabalho. acampamento antes disso.

Seria muito mais fácil desprezar o lugar se não fosse tão... legal.

Minhas lágrimas ficam mais fortes quando caio na cama. Mesmo cercada por tanta elegância, não posso deixar de me sentir mais prisioneira do que nunca. Pelo menos no campo de trabalho, eu sabia que poderia escapar dos avanços de um elfo negro se seguisse certas regras, especialmente com Toklys como meu protetor. Mas aqui, meu único propósito é ser criado.

Não haverá escapatória.

Estou sozinho, total e completamente sozinho. Nenhum dos tecidos finos ou lindas bugigangas que adornam minha nova gaiola mudam isso. Eu me afundo mais na cama macia, sem nem me preocupar em tirar minhas roupas imundas enquanto agarro o travesseiro com mais força.

Este quarto nada mais é do que uma jaula dourada e, mesmo quando adormeço, não consigo evitar a sensação de que estou esperando a força.

KHA'ZETH

Hhumanos,

Eu zombo de mim mesma enquanto passo pelas portas da mansão. Meus passos ecoam pelos corredores escuros, apenas aumentando a cacofonia que ressoa em meu crânio.

Não posso fingir que entendo o raciocínio do Rei Asmodeus por trás de trazê-los aqui. Embora a preservação da raça demoníaca seja de extrema importância, certamente há uma raça mais... *atraente* com a qual poderíamos procriar.

Os humanos são seres frágeis e inconstantes, e sua expectativa de vida compreende apenas décadas, em vez de séculos. Pelo que tenho visto, eles são tão fracos mentalmente quanto fisicamente e parecem não ter nenhuma habilidade verdadeira - eles não têm magia, força e inteligência real.

Suspiro, suprimindo a vontade de voltar para meus quartos pelo resto do dia.

Se eu aprovo ou não a decisão do Rei, não tem importância - o Rei ordenou que procriássemos com os humanos, e embora a ideia de tomar a garota humana imunda e de olhos arregalados à força seja, na melhor das hipóteses, desagradável, não tenho escolha.

Ela está claramente apavorada, apesar de minha mansão ser uma das propriedades mais bonitas de Ti'lith. Eu ficaria meio ofendido com a reação dela se ela fosse capaz de pensar mais alto, mas, como animal, suponho que ela simplesmente não sabe de nada.

Não fiz nada com a humana, já demonstrei a ela mais gentileza do que os guardas do rei jamais fariam, e ainda assim ela chora e chora em todas as oportunidades.

Não consigo evitar a carranca quando o salão principal se abre diante de mim. Estou prestes a me acomodar em minha poltrona favorita perto da lareira quando noto metade de um doce enfiado no espaço entre o braço e o assento.

Eu rosno, arrancando a massa e limpando as migalhas do assento com dedos ágeis. Eu estava tão perdido em pensamentos ao entrar na sala que não percebi a bagunça completa e total que minhas sobrinhas fizeram no espaço.

A pequena mesa de jantar está cheia de comida pela metade e páginas arrancadas de livros, pedaços de papel de rascunho e desenhos superficiais rabiscados na superfície.

Tinteiros estão derrubados na borda da mesa, manchando a madeira petrificada e o carpete abaixo dela - sem dúvida o produto do cansaço de Tanulia de seu mais novo hobby.

Elincia devia estar no processo de construção de um forte, porque metade da mobília está arrumada em um círculo desequilibrado, lençóis e toalhas esticados em cima de mesas e cadeiras. As flores que antes estavam em um vaso perto da janela agora estão enfiadas em novos buracos nos lençóis, e fico horrorizado quando percebo que ela destruiu a roupa de cama que encomendei à própria camareira de Asmodeus.

Uma pilha de tomos da primeira edição está espalhada na mesa próxima, vários deles caindo de cara no chão, várias páginas dobradas e rasgadas pelas mãos descuidadas de Valindra. Embora uma parte de mim esteja feliz por ela estar tentando estudar, me encolho com o dano causado às obras que fazem parte de minha prestigiada coleção pessoal.

Aquelas garotas têm sorte de não estarem aqui agora, fico furioso enquanto pego os livros, alisando as páginas com um pouco de truque. De que adianta ter algo de bom se as meninas destroem tudo que tocam?

Meus dedos traçam distraidamente o amuleto que uso no pescoço, com o símbolo de Netia, a deusa do caos.

Cuidado com o que você deseja, penso comigo mesmo.

Imaginar a expressão em seus rostos quando eu os mando para seus quartos e os proíbo de comer doces durante a próxima semana só oferece uma pequena quantidade de gratificação enquanto eu limpo a tempestade que eles deixaram para trás. Não sei como minha irmã teria lidado com eles, se ainda estivesse viva.

Eu gostaria que ela pudesse vê-los agora. Ela ficaria tão orgulhosa deles, com bagunça e tudo.

Sinto falta de Drannatha todos os dias e sei que as meninas também sentem, mesmo que só se lembrem dela por meio de histórias. Quando ela sucumbiu ao desaparecimento, um ano depois de elas nascerem, cuidar das meninas naturalmente coube a mim. É uma raridade extrema para qualquer mulher demoníaca ter mais de um filho durante a vida, muito menos ter três, e todas as futuras matronas.

Gêmeos e trigêmeos são comuns em nossa família, o que explica por que Asmodeus me encarregou de encontrar uma mulher humana com tanta urgência. Independentemente disso, já tenho o suficiente para lidar do jeito que está. Adicionar outra criança à briga, mesmo que fosse do meu próprio sangue, é como um zonak se afogando pedindo mais água.

Além disso – se ela tiver um pensamento consciente em sua pequena mente – duvido que a mulher humana esteja tão ansiosa para ter meus filhos. O pensamento me entristece, embora não tenha muita certeza do porquê. As crianças devem ser uma alegria, não um dever.

Ando pela sala de estar, recolhendo a comida meio comida e os restos, reorganizando os móveis e arrumando todo o ambiente. Só depois de uma hora de limpeza é que pisco com uma lenta compreensão.

Onde, em nome dos Sete, estão os zonak?

Deixo tudo cair e vou em direção aos aposentos dos empregados, amaldiçoando-os internamente. Aquela sala devia estar em ruínas durante metade da manhã, pelo menos, e ainda assim nada foi feito a respeito. Na verdade, a única vez que vi um deles durante todo o dia foi na carruagem.

Os dois zonak provaram ser notavelmente mais inúteis do que um ninho de bugios em hibernação. Só os contratei a pedido de Elencia, depois de ouvi-la gemer e gemer sobre o estado da casa. Sugeri que ela e suas irmãs pudessem corrigir o problema limpando-se sozinhas, visto que a casa nunca estava tão bagunçada quando eu morava aqui sozinha, mas é claro, fazê-las limparem-se sozinhas está fora de questão.

Meu temperamento aumenta quando viro a esquina para a sala comum entre os quartos dos dois zonaks e encontro os dois descansando.

Um zonak está desmaiado em uma espreguiçadeira extra, com a boca bem esticada, a baba escorrendo no tecido de pelúcia e descendo pela túnica. O outro zonak está jogando cartas sozinho na mesa de jantar e pelo menos tem o bom senso de se levantar quando entro na sala - um momento tarde demais.

Eu afrouxo a rédea que seguro na minha magia e ela se inflama. O terror surge no rosto do zonak ascendente enquanto minha aura mágica pulsa ao meu redor, engolindo a luz

próxima. Faíscas passam pelas pontas dos meus dedos enquanto as atiro na direção dos dois servos indolentes.

A consciência dos dois tenta fugir das faíscas como se fossem meras brasas de um incêndio. *Tolo*, penso comigo mesmo com um sorriso de escárnio. As faíscas se fixam em seu alvo, picando-o como vespas furiosas, seus gritos reverberando pelo corredor enquanto ele sai correndo, o fundo de suas calças soltando fumaça.

Assim que ele está fora da minha linha de visão, ouço um pequeno barulho sufocado vindo do zonak na espreguiçadeira enquanto a baba fica presa em seu grito ao ser acordado pelas faíscas pungentes. Eu solto uma risada quando ele bate no chão com força, rebatendo inutilmente a magia enquanto ele se levanta.

“Da próxima vez que vocês dois se esquivarem de suas responsabilidades, vocês vão perceber que gentileza essas faíscas são,” eu rosno para ele enquanto ele sai da sala, uivando quando uma das faíscas encontra sua marca em sua carne cinzenta e enrugada. No silêncio da sala comunal, minha diversão desaparece. Nunca me importei em ter empregados, em parte porque eles não são confiáveis, mas principalmente porque não gosto de precisar distribuir punições quando elas inevitavelmente ficam aquém das minhas expectativas.

Os servos elfos negros tornaram-se cada vez mais populares desde a nossa chegada a Protheka. Eles estão equipados com colares mágicos que pretendem apagar suas memórias e paralisar qualquer habilidade mágica que possam ter tido em suas vidas anteriores. Pensei em negociar no zonak por alguns, mas não gosto mais da ideia de elfos em minha casa do que de demônios inúteis.

Enquanto os humanos são animais inúteis e humildes, os elfos negros são criaturas cruéis e vingativas. Não confio em uma coleira para afastá-los de sua verdadeira natureza.

Suspiro, esfregando as têmporas para tentar dissipar a dor de cabeça brutal que cresce ali. Há simplesmente muita coisa no meu prato hoje em dia: os trigêmeos e todas as suas bagunças, as mais novas ordens do Rei Asmodeus, os deveres persistentes de um soz'garoth, tentando manter minha propriedade funcionando...

Adicionar um novo hóspede à equação é nada menos que um pesadelo - sem mencionar a necessidade de manter a propriedade adequada para um hóspede com nada além de duas zonas inúteis em que confiar.

Balanço a cabeça, me repreendendo pela minha linha de pensamento. Ela é *humana* . Duvido que ela notasse uma bagunça, muito menos se importasse.

Não sei por que me preocupei.

O único padrão que importa é o meu ou o do rei, lembro a mim mesmo enquanto caminho em direção à sala de jantar. As meninas chegarão em casa em breve, e eu devo pelo menos garantir que o espaço seja adequado para comer e que a comida esteja realmente preparada para quando elas voltarem para casa.

Estou pensando em alimentar a garota humana também, mas estou tão esgotado que não posso confiar em mim mesmo para ser paciente se a patética criatura começar a chorar novamente.

Vai ser um longo dia, penso, me preparando para o retorno iminente das meninas.

NATALIE

EU Se eu não estivesse tão acostumado a me sentir desconfortável, tenho certeza de que minhas costas já estariam doendo. Talvez seja, e esqueci como é relaxar.

Estou sentado na cama, encolhido no canto mais distante da porta, desde que fiquei sozinho aqui. Meus joelhos estão pressionados contra o peito e meus braços estão presos nas canelas há tanto tempo que ficam rígidos demais para serem movidos.

Não me atrevi a tentar, no entanto.

Tenho medo de respirar, muito menos de explorar o quarto onde fui empurrado. Não sei o que fazer com aquele monstro que me reivindicou e continuo esperando que, se eu me enrolar o suficiente, ele possa me esquecer.

Infelizmente, meu corpo se recusa a permitir que isso aconteça. Por mais quieto que esteja, meu estômago ronca como se quisesse lembrar a mim e ao resto do mundo que estou, de fato, vivo e forte. Um gemido me escapa e ele resmunga mais alto.

"Você poderia calar a boca?" Eu pergunto.

Eu estava atribuindo minha terrível dor de cabeça a todo o estresse, mas estou começando a perceber que minha tontura e a fraqueza dos meus membros têm menos a ver com medo e mais com fome desesperada.

Já faz tanto tempo que não como.

Os demônios esqueceram de me alimentar antes de eu ser levado embora. *É mais provável que eles não vissem sentido em desperdiçar comida*, penso com amargura. Mesmo assim, eventualmente preciso comer e, por mais que esteja com medo, não creio que meu novo mestre vá gostar muito se eu desmaiar de fome.

Com meu coração batendo forte no peito, tiro meus membros da posição desconfortável. Eles estão tremendo e, novamente, não consigo dizer se é porque meu corpo precisa de comida ou porque estou apavorada com a reação do demônio.

Ambos, provavelmente.

Rangendo os dentes, atravesso a sala e abro a porta. Quase espero vê-lo do outro lado, exigindo saber o que estou fazendo. Mas enquanto fico na porta e não ouço ninguém se aproximando, aproveito a oportunidade e saio.

Desço as escadas e só quando começo a fazer uma curva em direção ao que deve ser a área de estar principal, ouço vozes. Não consigo entender o que eles estão dizendo enquanto congelo no último degrau, perto o suficiente para perceber que quem quer que seja, não é *ele*.

Chego mais perto, mantendo meus passos em silêncio enquanto percebo que não é apenas uma mulher. Parece dois ou três. Quantas mulheres esse demônio tem?

"...não não não. Eu não acho que você viu--"

"Ah, eu *vi*. "

"Claramente não, se você não concordar. Você deve estar absolutamente *cego* ..."

"Ou você é apenas um idiota."

Chego até a beira do corredor e, com um gole ousado, espio pela esquina. Estou chocado com a visão diante de mim.

Há três garotas – não mulheres demoníacas, mas na verdade garotas que parecem mais jovens que eu – descansando na sala. Há comida empilhada na mesa entre eles que estão devorando. Estremeço involuntariamente ao ver mais demônios.

"Oh, silêncio, vocês dois! Vocês dois estão indo longe demais. Não ouvi esta falar, mas ela tem um ar que me diz que ela é a mais velha. Ela está de costas para mim e, de alguma forma, os outros dois parecem não notar enquanto continuam a gritar um com o outro.

"Você nem estava lá--"

"Por que você sempre acha que está certo?"

A mais velha relaxa na espreguiçadeira em que está. "Você não está mais intrigado com o que Re'chel disse?"

Uma das outras revira os olhos. "Você acredita nela?"

O terceiro se senta, inclinando-se na direção dos outros. Eu acho que elas são irmãs. Todos eles são parecidos, mas talvez seja porque eu nunca vi um demônio feminino

antes. “Você não? Re'chel sempre tem as melhores fofocas. Ouvi dizer que a irmã dela está com um dos soz'garoths do rei.

“De qualquer forma, não duvido que o Rei esteja querendo desembarcar em Protheke. Só me pergunto o que ele fará depois do ataque.” As respostas do mais velho são tão ponderadas.

“Escravize os elfos negros!” — grita aquela de olhos amarelos, recuando e rindo ao dizer isso.

“Quem sabe?” a terceira bufa enquanto ela se recosta. “Mas estou pronto para estar no chão. Imagine ter um mundo inteiro! Deve ser muito melhor do que esta ilha *chata*.”

Eu tenho que reprimir uma zombaria.

Essas garotas estão descansando em uma casa luxuosa comendo o que parece ser uma comida deliciosa que faz meu estômago roncar de novo, e estão reclamando do tédio?

Minha boca enche de água enquanto vejo o de olhos amarelos arrancar outra fatia de pão e enfiar em uma travessa. Quero tanto comer, mas meu corpo treme com a ideia de dar um passo à frente. Eu sei que vou desmaiar no ritmo que estou indo, mas parece ser melhor do que enfrentar os três.

Respiro fundo, forçando meu pé para cima, e assim que ele toca o chão, eu giro. Não tem como eu entrar naquela sala com eles, e estou com tanta pressa para fugir que nem presto atenção ao que me rodeia.

Dou dois passos antes de bater em algo sólido que juro que não estava lá antes. Tropeçando para trás, percebo o porquê.

Há um corpo enorme na minha frente. Engulo em seco enquanto olho para cima e vejo o rosto do mesmo demônio que tenho evitado. Um arrepio percorre meu corpo e não tenho ideia do que fazer, não que tenha muito tempo para descobrir.

Ele segura meus ombros quando tento colocar distância entre nós e, a princípio, temo que ele esteja tentando me agarrar. Quando noto a surpresa em seu rosto, pouco antes de a máscara de irritação retornar, percebo que ele estava tentando me acalmar.

Mas seus dedos cavam meus ombros enquanto seus lábios se curvam em um rosnado tão suave e assustador que não acho que as três garotas na sala ao nosso lado o ouçam.

“O que você está fazendo no corredor?”

Eu quero responder a ele. Não estou sendo propositalmente difícil. É só isso enquanto olho para o rosto dele, que é afiado e tem marcas duras no rosto que o fazem parecer mais assustador do que me lembro. Meu queixo fica ligeiramente aberto enquanto olho para ele e meu pulso acelera.

Sua mandíbula aperta. Acho que ele pode estar tentando ser contido comigo porque não grita nem me bate. Posso dizer que ele está ficando frustrado, e assim que tento me acalmar o suficiente para explicar que estou absolutamente morrendo de fome, uma descarga elétrica percorre o ar e faz minha boca se fechar.

“Eu perguntei a você”, ele resmunga. “Uma pergunta.”

Meus olhos se arregalam enquanto pulsos de energia irradiam dele, e quanto mais eu permaneço em silêncio, pior fica sua magia. Ele começa a estalar de forma audível, faíscas voam ao redor de seu corpo, e eu estremeço ao temer que alguém corte minha carne por conta própria.

Linhas ferozes de magia explodem ao seu redor. É como se sua própria tempestade de raios acentuasse seu humor e, à medida que a magia passa por seu rosto, ela apenas destaca a ferocidade de suas feições.

Minha autopreservação entra em ação nesse momento, e eu nem tomo a decisão consciente de fugir. Algo sobre olhar para um demônio enorme e poderoso que pode conjurar sua própria tempestade me faz fugir. Nem tenho certeza de como consegui me livrar dele, mas não penso muito sobre isso enquanto subo os degraus.

Meu peito está pesado quando viro a esquina do meu quarto e bato a porta atrás de mim. Jogando meu corpo contra ela, eu a tranco e mantenho minhas costas pressionadas contra a madeira pesada. Eu sei que se o demônio quiser, ele pode invadir, mas me sinto um pouco melhor colocando alguma distância entre a magia dele e eu.

Afundo no chão e, embora a fome aperte meu estômago, a comida é a coisa mais distante da minha mente. Acho que nem conseguiria comer agora, com a forma como o medo está revirando meu estômago.

O que vou fazer quando não conseguir enfrentar esse demônio?

Também estou curioso sobre as garotas lá embaixo. Ele não parece ser do tipo paternal, mas não vejo outra razão para eles estarem aqui.

Estou tão tonta com todos os pensamentos que passam pela minha cabeça, e meu coração está batendo tão forte em meus ouvidos que não consigo ouvir nada. Enquanto me enrolo em minha bolinha, imploro a todos os deuses que já existiram que me dêem apenas um *momento* de paz.

KHA'ZETH

Rpoucas vezes na minha vida fiquei atordoado. No entanto, fico paralisado nos corredores enquanto olho para a garota cambaleante, seus pés quase escorregando enquanto ela sobe as escadas correndo para se afastar de mim.

Quando a vi saindo do quarto pela primeira vez, pensei que talvez fosse um bom momento para apresentá-la às minhas sobrinhas. Se ela estiver em casa, todos eles precisam se encontrar em algum momento. Mas então ela se virou e correu direto para mim.

Não entendo se ela estava fugindo das meninas ou se só estava com medo de ser pega fora do quarto, mas de qualquer forma, não ajudei. Não estou tentando assustar o pobrezinho para que ele se esconda pela casa, mas nunca conheci uma criatura tão quieta. Não consigo obter uma única resposta dela, nem mesmo uma resposta incoerente, e tudo o que consigo fazer é levá-la a um estado de pânico.

Rangendo os dentes, inspiro profundamente pelo nariz. Minha magia está explodindo ao meu redor, e quando ouço a porta do quarto dela se fechar, não consigo controlar a pulsação violenta que emana de mim.

“O que devo fazer com uma *praga* como esta?” Murmuro para mim mesmo.

Na verdade, não entendo o propósito que ela deveria servir. Como vou para a cama com uma criatura que acabou de correr pela minha casa? Já vi o Mestre do Canil ter interações mais significativas com uma ninhada de ur'gins do que eu com aquela garota.

Ela não conseguia nem responder a uma pergunta simples.

Balançando a cabeça, decido ir atrás dela. Não posso ter alguém em minha casa que não fale comigo e fique perambulando. Preciso pelo menos saber o que ela estava fazendo.

Silenciosamente, me amaldiçoo por ser um servo tão obediente. Eu gostaria de poder ignorar as ordens do rei e simplesmente deixá-la se esconder em seu quarto, sem me preocupar em levá-la. Eu não sou esse tipo de demônio, no entanto.

Cumpro as tarefas que me são atribuídas sem hesitação.

E, no entanto, a ideia de forçá-la faz meu estômago embrulhar. Não posso fazer isso com ninguém, então acho que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para tentar corrigir esse relacionamento que já começou tão mal.

Fico do lado de fora da porta dela, ouvindo atentamente. Mal consigo distinguir sua respiração em pânico e sei que a assustei. Não quero que ela me tema, necessariamente. Isso torna todo o nosso acordo muito mais difícil de executar.

Tentando controlar meu aborrecimento, bato na porta. É suave, mas alto o suficiente para ela ouvir. Juntando as mãos atrás das costas, espero.

Minha raiva aumenta quando não ouço voz ou passos. Ela vai simplesmente me ignorar? Na minha própria casa, nada menos? Sem conseguir controlar minhas emoções oscilantes, levanto o punho para bater na porta mais uma vez, e faíscas azuis voam das pontas dos meus dedos enquanto bato com mais força.

Novamente, não há resposta e perdi toda a paciência restante. Desta vez, bato na porta, esquecendo de manter o rosnado longe da minha voz. "To entrando!"

Consigo controlar meu temperamento para evitar desintegrar a porta. Não quero quebrar a única aparência de privacidade da menina, e minhas sobrinhas já causam danos suficientes à minha casa do jeito que ela está. Com moderação, coloco minha mão na maçaneta, enviando um raio de magia através dela que aciona os mecanismos. Ele se abre e eu entro.

Com a primeira varredura do meu olhar, a sala parece vazia. A cama, embora ligeiramente amarrotada, está imóvel como a deixei. Ela não está na cadeira do canto e a luz do banheiro anexo está apagada com a porta aberta.

Eu pisco, confuso.

Eu até me viro para espiar por trás da porta que acabei de abrir para ver se ela está escondida atrás dela, mas não, ela também não está lá. O que nos Sete...

Diminuindo meus batimentos cardíacos – e meu temperamento explosivo com isso – eu paro um segundo para avaliar a energia da sala, e é então que ela toma conta de mim. A presença dela está aqui, mas ela está debaixo da cama. Ela é realmente apenas um animal que corre para baixo dos móveis mais próximos?

Não consigo evitar que uma carranca se forme. Minha boca se torce e sei que minha magia queima em meus olhos. É um sinal revelador das minhas verdadeiras emoções que sempre me denunciaram. Consigo manter minha voz baixa, se não gentil.

“O que você está fazendo aí embaixo?” Bato o pé, tentando não assustá-la novamente, na esperança de que ela responda. Uma briga suave me alerta que ela está se afastando de mim e reprimo um suspiro. “A cama não é confortável?”

A única resposta que recebo é o silêncio. Estou começando a me perguntar se ela é muda. Ela é um defeito e o Rei não sabia? Talvez tenhamos escolhido um lote ruim, mas sei em primeira mão o quão minuciosa foi a pesquisa. Achei que esse grupo de mulheres humanas fosse um conjunto viável.

Não este, penso amargamente.

Dando dois passos à frente, ela desliza na minha frente e eu rosno de frustração. Eu a trouxe para uma bela mansão, longe daqueles demônios trolvor vulgares. Esta cama não é melhor do que qualquer acomodação que ela tivesse antes?

Pelo menos aqui ela tem privacidade e seu próprio banheiro! Ela estava tão imunda quando a vi pela primeira vez que me perguntei se ela teria visto uma gota d'água desde o ataque a Protheke, mas quando a vi no corredor, não parecia que ela tivesse se aproveitado de minhas provisões hospitalares.

Eu esfrego meu queixo.

Não é normal que os humanos tenham um banheiro e uma cama? Deverão ser tratados como animais, mantidos em estábulos e lavados com mangueira pelos seus donos? Tive a impressão de que ela era pelo menos senciante o suficiente para cuidar de si mesma, mas não parece ser o caso.

Não importa o motivo, não a deixarei em minha casa coberta de sujeira. Ela é nojenta e eu não posso permitir isso. Se ela não cuidar disso sozinha, terei que fazer isso sozinho. Agachando-me, espio debaixo da cama. É difícil distinguir sua forma com a sujeira ajudando-a a se misturar às sombras, mas posso ver alguns vislumbres dela. Ela está olhando para mim com os olhos arregalados, e tento novamente mostrar a ela que não sou como seus guardas anteriores.

“Você não viu que há um banheiro adjacente? Você não preferiria estar limpo?”

Não há nenhuma indicação em seu rosto de que ela me entenda e, apesar de todas as minhas postulações, esta é a primeira vez que realmente me pergunto se ela é simplesmente uma fera, um animal de estimação de Prothea. O Rei realmente encontrou para nós um grupo de criaturas que não conseguem nem conversar conosco na cama? Isso é alguma piada cruel que eu simplesmente não entendo? Talvez ele esteja tentando ver quem chegaria ao ponto de realmente pegar um deles.

Eu balanço minha cabeça. Nada disso faz sentido. Sempre fui uma criatura mais de ação e, por isso, em vez de ficar olhando para essa criatura que parece entender menos do que um ur'gin, decido fazer o que sou melhor.

Tome uma atitude.

Eu cambaleio para frente, e um grito suave escapa dela enquanto ela tenta fugir do meu alcance. Ela já se pressionou contra a parede e não há outro lugar para ir. Agarro seu antebraço e me dou conta – não pela primeira vez – de como ela pesa pouco enquanto a arrasto para fora da cama.

Não importa o quanto ela se contorça, eu a puxo diante de mim, absorvendo-a novamente. Já estive tão perto dela duas vezes, mas a sujeira me fez estremecer. Agora, observo seu cabelo emaranhado e seu rosto coberto de sujeira com um olhar minucioso. Será necessária toda a água quente da casa para limpar sua pele e, internamente, recuo ao pensar em ter que fazer isso.

Mas se eu não o fizer, quem o fará?

Ela empurra minha mão, ainda tentando se libertar, e eu quero atacá-la. Ela não quer ficar limpa? Ela realmente prefere estar suja?

Bufando, murmuro baixinho: — Sempre tenho que fazer tudo sozinho. Primeiro os trigêmeos, depois a bagunça da casa e agora isso.

Todos os fardos recaem sobre mim.

Quase considero levantá-la, mas não quero seu corpinho imundo pressionado contra o meu. Em vez disso, arrasto-a até o banheiro, me perguntando se terei que amarrá-la só para evitar que ela pule da banheira.

“Eu não quero fazer isso mais do que você”, digo a ela, puxando-a para fora da porta, e a sujeira que cai dela me faz quase perder o controle enquanto recuo.

Que tarefa miserável, penso eu, reconsiderar as intenções do rei.

NATALIE

EU Fico tremendo no banheiro, o demônio segurando meu braço com força, e tudo que posso fazer é me amaldiçoar enquanto tento me afastar dele. A água está correndo na banheira, e estou com medo de que ele mesmo tente me dar banho.

Ele não parece gentil.

Eu me sinto uma idiota por não responder quando ele me deu a oportunidade de falar. É o mais calmo que já o vi, e quando ele perguntou se eu gostaria de me lavar, eu deveria ter saído de debaixo da cama e dito que sim, eu gostaria muito. Eu poderia ter tomado um banho relaxante sozinho e talvez até começado a me sentir humano novamente.

Em vez disso, me sinto como um maldito animal sendo jogado na água escaldante. Eu suspiro quando estou mergulhado na superfície, e o demônio me libera tempo suficiente para arregaçar as mangas.

Ainda estou vestido, e antes que eu possa fazer qualquer tipo de protesto, meio me afogando enquanto o demônio me empurra, ele parece notar que o tecido fino e cinza não é minha pele real. Ele agarra minha camisa, arrancando-a de mim sem esforço, e joga a blusa estragada de lado enquanto pega uma barra de sabão e uma escova.

Eu me afasto dele, abrindo a boca enquanto me preparo para dizer que sou perfeitamente capaz de me limpar, mas ele agarra meu braço e me empurra para frente.

A água espirra em meu rosto e eu gaguejo enquanto ele começa a me esfregar.

Minhas bochechas queimam enquanto ele examina meus ombros e braços. Ele agarra meus membros sem hesitação, torcendo-os de um lado para outro para poder pegar cada centímetro de mim. Quando ele começa no meu peito, tento me livrar dele, mas não adianta. Ele é forte demais para mim, e tenho que engolir meu constrangimento enquanto ele esfrega meus seios sem fingir.

Ele desce pelo meu corpo, e tenho que admitir que é bom estar limpo novamente. Quase esqueci como era não sentir coceira constante por causa da sujeira grudada em mim.

Eu nem protesto quando ele tira o short fino do meu corpo. Mesmo que eu ainda esteja vermelho brilhante por causa da água escaldante, estou quase disposto a me submeter ao seu manejo. É uma coisa tão simples, mas esse banho simples parece um luxo depois de tudo que passei.

Quase suspiro enquanto ele desce pelas minhas coxas, mas quando sua mão agarra meu joelho e vai abri-lo, eu fico rígida, me levantando e ficando meio agachada, parcialmente sentada na borda da banheira. "Não está lá!"

O demônio congela, com a mão ainda estendida enquanto se aproxima de mim. Lentamente, seu olhar escuro se eleva para o meu, e sua testa lisa franze. "Você pode falar?"

A surpresa colore sua expressão e não sei como responder. Ele realmente achava que eu não poderia falar? Ele não percebeu que eu estava com medo dele?

Percebo que é por isso que ele estava me limpando com tanta precisão. Ele não achava que eu poderia me limpar. Ele deve ter pensado que eu era pouco mais que um animal, silencioso e apressado, e quase sinto vergonha de tê-lo levado a essa conclusão. Não tanto quanto eu, ele tentou alcançar entre minhas pernas, mas ainda assim.

Engulo em seco, as lágrimas queimando meus olhos novamente. Estou sobrecarregado. Estou morrendo de fome, envergonhado e aterrorizado. Minha pele arde com o quão rude ele tem sido comigo, e embora eu esteja feliz por finalmente estar limpa, odeio a maneira como cheguei aqui.

Lutando para não deixar as lágrimas caírem, eu finalmente desabo e respondo sua pergunta enquanto suas mãos caem para o lado da banheira, não ameaçando mais me agarrar.

"Achei que você iria me machucar se eu dissesse alguma coisa."

Ele pisca novamente. Parece que ele não consegue processar minhas palavras ou reações mais do que eu consigo processar as dele. "Por que eu faria uma coisa dessas quando lhe fiz uma pergunta?" Sua mandíbula aperta e a magia azul escura brilha em seus olhos.

Eu forço as próximas palavras. “Eu pensei que os demônios eram assim. Os guardas nos puniram por perguntar qualquer coisa. Eu engulo em seco. “Eu só temia que você me tratasse da mesma forma.”

Minhas pernas tremem enquanto desço meu corpo mais fundo na água. Envolver meus braços em volta do peito, querendo afundar na água e me afogar sob seu escrutínio.

As mãos do demônio envolvem a borda da banheira e vejo o sinal revelador de faíscas dançando em seus dedos. Ele mantém seu tom neutro enquanto fala, sem revelar a raiva que parece estar apertando seu corpo, mas suas palavras não são o que eu esperava.

“Eu nunca bateria em você.” Seu tom fica mais áspero e eu recuo diante das faíscas que explodem de suas mãos. “Você acha que sou uma fera tão insensível quanto o trolvor?”

Sua raiva causa medo profundo em mim, e eu recuo ainda mais. Tento formular uma resposta, mas ao olhar para sua expressão sombria, as palavras morrem em meus lábios. Tenho muito medo de me mover na presença dele, muito menos de falar, e embora saiba que não é sensato, fico quieta.

Isso só parece deixar o demônio mais irritado e, enquanto ele me encara, meu coração dá um pulo na garganta. Apesar de ter me garantido que ele não iria me bater, não consigo evitar que o medo aumente e abaixo a cabeça, protegendo o rosto com os braços.

A escova dura que ele estava usando cai no chão. A borda da banheira geme sob seu aperto forte, e as luzes acima de nós começam a piscar enquanto sua magia ataca em ondas pesadas.

Com um suspiro áspero, ele se vira, saindo furioso do banheiro, e não consegue sair antes que sua raiva seja liberada com força total. As luzes acima de mim aumentam e diminuem, o som da eletricidade crepitante se transforma em um zumbido agudo até que elas se apagam.

Ele atravessa meu quarto enquanto fico no escuro, e quando a porta se fecha, percebo que a água ao meu redor ficou gelada. Ele sugou o calor de todo o quarto e agora estou na água lamacenta e fria do banho, no escuro.

Minha mente está em guerra. Não tenho certeza do que fiz para aborrecê-lo, mas estou aliviado por ele ter ido embora. Eu senti como se estivéssemos chegando a algum lugar, mas assim que sua raiva começou a crescer, lembrei-me por que o estava evitando em primeiro lugar.

Ele pode me oferecer uma cama e um banho, mas isso não faz dele nada mais que um demônio. Sua espécie me roubou de minha casa, e nós dois sabemos o que se espera de mim. O Rei instruiu-o a dormir comigo, a fazer uso de mim.

Só a lembrança dele separando meus joelhos faz com que o soluço que vem crescendo em meu peito se liberte. Pressiono a testa contra os joelhos, deixando as lágrimas caírem, e quando não aguento mais, escoo a água.

Minhas lágrimas continuam escorrendo enquanto coloco água morna e fresca, desta vez me limpando. Esfrego meu cabelo enquanto os soluços me escapam, e os deixo. Estou muito exausto por tudo o que fui forçado a sofrer.

Lamento a vida que me foi dada. Honestamente, perdê-lo seria um alívio, e não ter outra opção a não ser seguir em frente não foi nada além de um tormento. Temo o que me espera nesta casa, quase mais do que tive sob aqueles demônios com cabeça de chacal - os trolvor, como ele os chamava.

Sejam quais forem, ele age como se fosse melhor que eles.

Mas minha pele queima com o manuseio dele, e mesmo quando saio da banheira, finalmente limpa e tremendo enquanto minha tagarelice luta para superar minhas lágrimas, não consigo vê-lo como diferente do resto deles. . Posso estar numa bela casa, mas é uma prisão.

Meu quarto também está escuro e o ar está gelado. Visto-me rapidamente, encontrando minhas roupas no chão perto da soleira. Surpreendentemente, eles estão secos, e devo presumir que suas explosões de magia foram quentes o suficiente para eliminar a água deles. Uma vez vestida, viro-me para olhar no espelho que tenho evitado e começo a chorar de novo.

Agarro a pia enquanto os soluços destroem meu corpo, mas não consigo me dar ao trabalho de me acalmar. Não reconheço a pessoa no espelho. Ela parece magra,

quebrada, esquecida. Meu coração se parte por ela e me pergunto – não pela primeira vez – como vou superar isso.

Respirando com os dentes cerrados, jogo a cabeça para trás e olho para o espelho com desafio. Meus olhos estão vermelhos e minhas bochechas estão manchadas. Eu odeio o quão fraco e patético pareço. Eu não fui sempre assim. Eu costumava ser *alguém*.

Toklys uma vez me disse que eu era a luz do mundo dele. O que eu me tornei?

E ainda mais, o que será de mim?

KHA'ZETH

Sah, ela *pode* falar.

E ela não é uma completa idiota, afinal.

É fácil deixar minha fúria tomar conta de mim e sair do banheiro, mas quando a porta do quarto se fecha atrás de mim, faço uma pausa. *Kha'zeth* , eu me repreendo silenciosamente, *você está agindo como uma fera. A garota está morrendo de medo. Quem não seria?*

O fato de ela ter sobrevivido ao trolvor deve ser elogiado por si só. Eles são brutos da mais alta ordem, adequados apenas para servir ao Rei. Nós nem sequer permitimos que elas se reproduzam com matronas, e não que alguém fosse aceitá-las em seus quartos. Pelas regras não escritas da nossa sociedade, são anomalias. A maioria é castrada ao nascer, adequada apenas para proteção com sua força bruta e cérebro pequeno.

Minha magia, liberada, finalmente se acalma enquanto ouço seus soluços suaves.

Mas ela está em silêncio.

Estou começando a perceber que deve ser um instinto de sobrevivência, aprendido com sua breve estada nas masmorras reais. Ou, talvez ainda mais longe, de sua vida em Protheka como escrava dos elfos negros. Ouvi histórias sobre as condições horríveis em que mantiveram os humanos e imaginei que a nossa presença fosse um alívio bem-vindo, mas talvez esteja enganado. *Aqueles malditos trolvor* , eu amaldiçoo internamente, *eles comeriam suas próprias crias se pudessem produzi-las*. E agora eles arruinaram o meu 'presente' do Rei Asmodeus.

Ela não confia em nós. Ela não confia *em mim*, em particular, e eu lhe dei poucos motivos para fazê-lo. Belos quartos que se danem.

Soltei um longo suspiro e me inclinei contra o batente da porta, usando a magia do caos imbuída em todas as coisas para ouvir melhor o que havia no quarto dela. O som suave dos pés descalços torna-se audível para mim. O farfalhar de pano e uma leve fungada.

Eu estava com tanta pressa para vê-la limpa que não tive a chance de apreciar sua pele rica e seu cabelo escuro depois que ela estava. E agora que sei que ela é senciente, me dói perceber que a tratei como um animal. Ainda assim, ela está fraca.

Como pode o Rei presumir criar um exército com tais seres?

Nem posso ter certeza se somos compatíveis, ela e eu.

Meu queixo treme furiosamente enquanto considero o que fazer a seguir. Não posso deixar as coisas como estão entre nós. O ressentimento cresce muito mais rápido do que a confiança, e eu me atrapalhei com ambos.

“Droga”, digo em voz alta, vasculhando minha mente em busca de uma solução fácil, que não existe. Eu simplesmente tenho que pedir desculpas e esperar receber o final mais generoso de seu perdão.

Então um pensamento me atinge como um golpe no estômago.

Ela não comeu desde que chegou e provavelmente foi negligenciada pelos carcereiros antes disso. É meu dever mantê-la alimentada por tempo suficiente para procriar e, embora este último me provoque um arrepio de desgosto, o primeiro é administrável.

Mais do que administrável, é um precedente.

Mas devo esperar até que ela esteja apresentável, ou ela poderá considerar meu súbito reaparecimento como mais uma intrusão. Escuto de novo, desta vez com mais atenção, de modo que quase consigo ver os movimentos dela por trás dos meus olhos. O movimento do pano contra a carne me diz que ela está vestida novamente. E com um movimento uniforme, ela escova o cabelo emaranhado até que os emaranhados estejam desembaraçados.

É outra batida do meu coração antes de eu bater, acalmando seus movimentos.

“Humano,” eu digo um pouco duramente, decidida a suavizar meu tom com uma respiração constante. “Posso entrar?”

Há apenas silêncio.

Mas ela não joga a cadeira para trás nem corre para debaixo da cama novamente, então eu seguro a maçaneta – desta vez com cuidado – abrindo a porta como se fosse do meu próprio quarto.

Ela se senta à minha frente, na pequena penteadeira que já serviu de Valindra quando ela era mais jovem, simplesmente olhando para mim com aqueles olhos arregalados e tristes. Qualquer movimento repentino sem dúvida colocará sua forma tensa em ação.

Quer ela seja senciante ou não, ela tem os instintos de um bímio selvagem.

O cabelo dela ainda está molhado do banho e tenho o raro instinto de terminar de secá-lo. Mas ela não é criança. Ela é considerada uma mulher entre sua própria espécie. E o nosso, aparentemente. “Não há necessidade de correr”, digo a ela, medindo sua forma diminuta. Havia os mais altos. Eu poderia ter escolhido qualquer número deles, mas na época ela parecia... fácil de lidar.

Ela não responde nada, seus braços finos esticados como se pretendesse se levantar.

"Não quero fazer nenhum mal a você."

A garganta da mulher salta enquanto ela engole.

“Desejo me desculpar por minhas ações até agora. Até muito recentemente, eu não sabia que você falava a língua comum, já que não havia respondido às minhas perguntas.

Nada muda nela, exceto seu olhar, que voa brevemente para minha coroa de chifres antes de pousar na linha fina de minha boca. Ela abre a sua como se fosse dizer alguma coisa, depois a fecha novamente em reconsideração.

Magia queima sob minha pele. Ensine-lhe uma lição , surge um pensamento muito intrusivo. Você é o dono da casa. Exija o respeito dela.

E se eu fizer isso?

Esse ressentimento em sua expressão florescerá. Não. Não posso traí-la novamente. Ela teve uma apresentação tão sombria à minha espécie que apenas verificarei suas suposições.

Quanto mais a observo, mais percebo que ela não é exatamente a praga que eu imaginava. O banho fez maravilhas em sua pele, que quase brilha com a luz suave do quarto. Suas bochechas redondas estão coradas e sua frequência cardíaca aumenta enquanto meus olhos começam a vagar, então os mantenho levantados. “Sinto muito pela sua manipulação. Se você me permitir, farei o meu melhor para compensar você.

Seu corpo relaxa, mas apenas ligeiramente.

Quando ela finalmente fala, é aquela voz aguda que me lembro do banho, como um pássaro de Prothea que se perdeu e veio até aqui. É um som melancólico, e mesmo enquanto ela tenta suavizá-lo, posso ouvir um toque de desafio que não lhe pertence

exatamente. Quase como se ela estivesse tentando imitar outra pessoa. Alguém com muito mais coragem do que ela. “E como você vai fazer isso?”

Minha magia explode por vontade própria.

Eu suprimo isso sem mover um músculo. “Em primeiro lugar, forneci um guarda-roupa, um quarto e um banheiro, que você já conhece. Em segundo lugar”, hesito, perguntando-me se o ressentimento dela não decorre parcialmente do fato de eu ter negligenciado suas necessidades básicas. Já faz um dia e não mandei o zonak entregar a comida dela. “Eu preparei algo para você lá embaixo, se você se juntar a mim.”

Sua desconfiança fica evidente quando ela não se mexe.

Ela acha que pretendo *comê-la*?

Ou ela entendeu tudo o que o rei falou em sua presença? Nunca pensei que ela pudesse estar a par de seu destino como criadora. O calor sobe pela minha espinha com o pensamento. Não é à toa que ela se encolheu ao meu toque. Ela acha que pretendo devastá-la aqui e agora, quando isso está mais longe da minha mente.

“É comida”, enfatizo, “Você está com fome?”

Seus olhos se arregalam novamente, mas não é a expressão de medo com a qual estou acostumada. Em vez disso, é um olhar de surpresa e alívio, que ilumina seus traços suaves, tornando-os quase... lindos. Não se parece em nada com as feições marcantes de uma matrona, mas de alguma forma ainda é cativante.

Vê-la acender me causa um tipo diferente de arrepio, que faz todos os meus cabelos se arrepiarem. Minha magia corre pela minha carne, despertando um sentimento que há muito tempo rendi por um bem maior.

É um prazer profundo.

Isso faz minha boca ficar seca, então tenho que passar a língua nos caninos afiados. “Eu não sei com que frequência os humanos precisam comer. Mas você deve estar com fome depois de passar o tempo no castelo.”

Ela respira cautelosamente, seu olhar indo para a porta aberta atrás de mim. Acho que ela pretende correr novamente quando finalmente falar. “Haverá outros?”

Meus lábios se curvam nas bordas. “Não. Não se você não quiser.”

O humano solta um suspiro estremeecedor. Posso sentir o gosto de seu medo e apreensão, mesmo daqui, mas quando ela se levanta de seu assento na penteadeira, sinto um arrepio de excitação através de mim. Em vez de recuar, ela se mantém firme, embora pareça ser necessário um esforço considerável para permanecer na minha sombra. Suas roupas surradas fazem pouca justiça à sua estrutura elegante, e eu me pergunto por que ela ainda não invadiu o armário.

Minhas sobrinhas teriam feito isso em um piscar de olhos.

Mas estou começando a entender que não deveria presumir com este. Quando faço isso, nunca acontece do jeito que espero.

Lentamente, para que ela não fuja, estendo a mão para ela. “Você se juntará a mim?”

NATALIE

He está esperando uma resposta, com a mão estendida.

Há algo gentil em sua expressão, apesar das marcas em seus olhos afiados e maçãs do rosto que ocasionalmente brilham com magia.

Posso confiar nele em sua palavra?

Ele não é como os demônios trolvor, que rosnam e zombam sem um pinga de remorso. Mas se ele for inteligente o suficiente para me enganar, então ele poderá ser igual aos elfos negros. Mesmo assim, tenho que dar o salto, ou talvez nunca mais coma.

Encontro minha voz novamente, mansa e instável enquanto repito: “Comida?”

Um pequeno sorriso o encontra. “Sim.”

Eu quero acreditar nele. A gentileza dele é a primeira que sinto desde que cheguei aqui, além de Cora e das outras mulheres. Observo sua mão estendida, com garras longas e delgadas cortando onde deveriam estar as unhas. Tudo o que ele precisa fazer é estender a mão e...

Ele retrai a mão e seu rosto fica ilegível novamente. “Se você preferir não-”

“Não!” Eu grito, só percebendo que fiz isso quando a sala fica mortalmente silenciosa. “Eu- quero dizer, sim. Eu vou acompanhá-lo.” Se não for prova suficiente, um grunhido rasga minhas entranhas e o faz levantar uma sobrancelha para mim. Jogo meu olhar para o chão como se tivesse quebrado uma regra.

E talvez eu tenha.

Ele me *disse* para não fazer barulho desnecessário. Mas quando me atrevo a olhar para ele novamente, o humor brilha em seus olhos escuros e vazios, e sua risada é baixa. “Por aqui”, é tudo o que ele diz, me guiando para fora da segurança do meu novo quarto.

Eu fecho minha boca e sigo atrás, ouvindo atentamente qualquer som das garotas demoníacas que inundaram o nível inferior com suas divagações. Mas tudo fica quieto enquanto descemos a bela escadaria feita do que parece ser obsidiana. Tudo em sua casa é elegante, à sua maneira.

O castelo do rei era frio e rígido, assim como o seu dono.

Este lugar não se parece com nada que eu já tenha visto, não se parece em nada com a arquitetura dos elfos negros, intrincado por causa da complexidade. No entanto, é muito mais ornamentado do que os barracos e casebres aos quais os elfos negros nos submeteram nos campos de trabalho.

Não sei se algum dia conseguirei me acostumar com isso.

O caminho se abre para uma ampla sala de estar com móveis finamente esculpidos e ligeiramente desarrumados, como se os demônios femininos tivessem escapado rapidamente quando eu não estava olhando. Sinto-me feliz por sermos apenas ele e eu, neste momento.

Ele é um demônio mais que suficiente para mim.

Quando o calor de seu foco se volta para mim novamente, faço uma pausa na descida. Há uma dureza em seu queixo refinado que não existia antes, como se ele estivesse me medindo. E nunca consigo dizer se ele está olhando para mim ou *através de* mim.

“Eles se foram por enquanto”, ele diz como se já estivesse ciente das minhas preocupações. “Você pode encontrá-los mais tarde, no seu próprio ritmo.”

Não me atrevo a dizer o que penso, mas as perguntas se acumulam. Quem são eles para ele? São filhas dele ou... amantes? Eles pareciam muito jovens para serem demônios de pleno direito, mas sei pouco sobre sua espécie que não esteja atolada em terror. E se eu fizer as perguntas *erradas*, temo atrair mais do que apenas a ira dele.

Não consigo esquecer como o rei demônio o acusou de se deitar comigo, como se eu fosse uma noiva cativa para seu prazer. Não há nada que o impeça de me levar, e ainda assim ele quer me alimentar. *Para me tornar forte*, penso com pavor repentino, *para que eu possa suportar sua prole demoníaca*.

Meu coração pula na garganta com a ideia.

Não adianta esquecer o papel que devo desempenhar aqui. Toklys não me amava pelo que meu corpo poderia oferecer a ele. Ele *me queria*. Assim como eu o queria. Não importa o quanto seu mundo estivesse inclinado a seu favor, ele nunca usou isso contra mim.

Mas este demônio não tem tais reservas.

Pelo formato de seus ombros magros, posso dizer que ele mantém um padrão mais elevado do que os outros de sua espécie. O rei também o tinha em alta conta, o suficiente para cumprir a tarefa que lhe foi proposta sem questionar.

Lágrimas ardem em meus olhos, e eu as afasto assim que ele me leva para um grande salão de jantar com uma longa mesa construída para acomodar pelo menos uma dúzia de demônios, seu topo na altura do meu peito. Acima está um lustre impressionante que já brilha suavemente com chamas sobrenaturais.

A mesa, porém, está vazia.

Ele parece perceber que estou demorando e volta para o meu lado, pressionando uma mão insistente na minha região lombar e me conduzindo até a mesa. “Sente-se”, ele diz enquanto puxa uma cadeira para mim. “Eu preciso de um momento para me preparar.” Estou confuso.

Ele não disse que havia comida? Um resmungo escapa da minha barriga novamente, e tento abafá-lo com um gole, me sentando no assento que ele me oferece. Quando ele parece contente com o fato de que não vou fugir, ele dá um longo passo para trás, colocando as palmas das mãos para cima. A magia dança na ponta dos dedos e, quando ele acena, salta de suas mãos, lançando uma chuva de faíscas azuis sobre a superfície da mesa.

Os cheiros perfumados me atingiram primeiro e um suspiro me escapou.

Diante dos meus olhos surge um banquete, a mesa transbordando de coisas boas para comer. Achei que teria que me acostumar com a dieta dos demônios, mas entre os novos e estranhos também estão os pratos familiares. Alguns que eu mesmo poderia ter preparado.

Só posso descrever o banquete como abundância, abundam pedaços e frutas, muitos de Protheke e outros que nunca vi antes. Pãezinhos, centeio e salame vindos de Oshta. Queijos raros do oeste e bifes de taura do norte. Eu sei dessas coisas porque Toklys certa vez compartilhou suas rações comigo e disse muito mais.

E doces. Bolos em abundância.

Não consigo imaginar por onde começar, estou com água na boca por algo feroz.

O demônio se senta na cabeceira da mesa, nunca pegando um utensílio. Seu prato permanece vazio enquanto ele me observa com mais interesse do que antes. Presumo que ele esteja se perguntando se algum dia pretendo comer a recompensa que ele me deu.

O constrangimento queima meu rosto e tomo uma porção generosa do prato mais próximo, que é uma salada prateada que parece mais metal do que folha. "Obrigada", digo, sem saber o que mais ele espera de mim. "Como você fez isso?"

Seus olhos permanecem fixos em mim e seus lábios fechados.

Há algo de não muito amigável na maneira como ele está olhando para mim, mas ele ofereceu esta refeição e não pretendo rejeitá-lo. Então, eu coloco algumas folhas e dou a menor mordida no início, achando-a mais succulenta do que parece.

Não posso deixar de dar uma mordida verdadeira.

Há batatas vermelhas regadas com um molho escuro. Pego uma amostra de tudo que está ao meu alcance, do taura ao gallus, e tudo mais. Meus dedos estão pegajosos depois de experimentar as estranhas frutas douradas que exalam doce néctar, e eu as lambo até limpá-las, lançando um olhar para meu anfitrião – meu captor – antes de fazer uma pausa.

Ele ainda está olhando.

Engulo minha mordida, me perguntando se o ofendi novamente.

Este demônio é impossível de ler. Seu humor é inconstante, de modo que em um momento fica difícil respirar, o próprio ar carregado por suas magias. No próximo, ele é frio e calculista, me medindo com o olhar pesado de seu olhar impossivelmente escuro.

Acho que ele pretende me devorar, em vez disso.

Usando o guardanapo fornecido, esfrego o néctar das pontas dos dedos. "Me desculpe eu-"

Antes que eu perceba que ele se mexeu, ele já agarrou meu queixo. Meu pedido de desculpas murcha quando ele se inclina, seu olhar inflexível vasculha cada centímetro do meu rosto. Não sei se consigo falar, o aperto dele é tão forte, mas também não me atrevo.

Ele é um predador da mais alta ordem.

Já lidei com predadores antes, mas não como ele. Uma criatura sem um pingo de humanidade, com características alienígenas tão parecidas com as dos elfos e, ainda assim, não há como confundi-las quando ele aproxima sua coroa com chifres. Mesmo sentado, ele se eleva sobre mim. Seu cabelo prateado cai sobre um ombro enquanto ele se inclina e respira lentamente pelo nariz bem torneado.

Juro que nossos lábios quase se tocam.

Meu batimento cardíaco troveja em meus ouvidos e tenho certeza de que ele também pode ouvir. Seus olhos se estreitam enquanto os meus se arregalam, recusando-se a piscar para que ele não se mova rápido demais novamente.

Se eu o mantiver em minha mira...

Uma carranca toma conta dele, como se ele não tivesse me achado do seu agrado, então me libera de uma vez, seu olhar se desviando, me libertando da minha paralisia. “Se você terminou,” ele diz com um aceno de desdém. “Você pode voltar para o seu quarto.”

Eu vacilo em meu assento.

Bem desse jeito?

Ainda há muita comida para comer, mas de repente não sinto mais fome. Um enjôo toma conta de minhas entranhas com o bife, e me afasto da mesa sem dizer uma palavra. A fúria se instala sob minha pele enquanto eu saio correndo com as pernas trêmulas, com medo do que poderia dizer se me desse a oportunidade.

Ele é um demônio , lembro a mim mesma, minha visão ficando embaçada com o aparecimento de novas lágrimas. *Eu seria um tolo se esperasse outra coisa dele.*

KHA'ZETH

TOs passos do humano se afastando ecoam pelos corredores enquanto sou deixado sozinho na sala de jantar com nada além de meus pensamentos. Esfrego meu polegar e indicador distraidamente, a sensação de sua carne lisa e macia permanecendo nas pontas dos meus dedos.

Aquela pele... por baixo de toda a sujeira, lágrimas e fuligem, ela tem a pele morena mais linda, como se tivesse sido feita para aproveitar o sol. Os tons dourados de sua pele apenas acentuam seus grandes e quentes olhos castanhos, que ficam ainda mais deslumbrantes pela espessa franja de cílios que os emolduram.

Minha mente vagueia de volta para o modo como ela olhou para mim quando segurei seu queixo, o modo como seus lábios carnudos se separaram ligeiramente enquanto ela inclinava a cabeça para trás. Se eu não soubesse melhor, teria pensado que ela queria que eu a beijasse.

Quase consegui.

Meus olhos se voltam para o arco onde ela desapareceu, como se, ao pensar nela, eu de repente a chamasse de volta à mesa. Balanço a cabeça, olhando para o prato vazio à minha frente. Perdi todo o apetite por comida, embora o meu apetite noutras áreas esteja a tornar-se mais difícil de controlar.

Balanço a cabeça novamente, tentando limpar minha mente de todos esses pensamentos. O humano foi concebido para ser uma égua reprodutora. Não posso permitir que esses sentimentalismos tolos interfiram no meu dever. Devo me reproduzir com o humano para o bem da raça demoníaca, nada mais.

Apesar dos meus melhores esforços, continuo pensando em como a garota é linda enquanto ando pela casa, tentando me manter ocupado. O Príncipe pode ser capaz de desafiar as ordens do Rei Asmodeus e sobreviver, mas eu não tenho essa posição real para me defender se eu fugir dos meus deveres.

Mesmo sendo um dos demônios soz'garoth mais poderosos do planeta, ainda sou apenas um servo. E como servo, se eu ficar aquém das expectativas do rei, mesmo que seja apenas por hesitação, serei expulso de Galmoleth em pouco tempo.

Preciso levar o humano para a cama antes do fim do dia – se não for por mim, então pelas meninas. Eles já perderam a mãe. Se eu fosse contra o rei, estaria custando-lhes a única casa e zelador que já conheceram.

Esse pensamento me causa um arrepio e apenas fortalece minha determinação de fazer o que precisa ser feito. Os demônios femininos são cobiçados por muitas razões, mas sua capacidade de manter a raça está no topo da lista de razões pelas quais são tão fortemente protegidos.

O que pode acontecer com eles se eu for embora e eles forem forçados a cumprir suas obrigações muito cedo...

Eu cerro os dentes, recusando-me a ir mais longe nesta linha de pensamento. Isso não acontecerá, porque não darei ao Rei qualquer motivo para duvidar de mim ou da minha lealdade. Farei o que for preciso, deixando todo o sentimentalismo de lado, pelo menos para proteger minhas meninas.

A conversa enche a frente da casa, ecoando de volta ao salão principal, onde estou sentado em minha poltrona, meditando em frente à lareira. Um pequeno sorriso aparece em meus lábios enquanto os sons dos trigêmeos conversando sobre seus amigos e seus estudos fazem a propriedade ganhar vida novamente.

“...Não, uh! *Serei* o primeiro a ganhar o favor da família real; Eu simplesmente sei disso. Provavelmente até chamarei a atenção de um príncipe, e então todos vocês terão que me ouvir!

“Oh, por favor, nenhum príncipe vai escolher você! Além disso, todo mundo sabe que você tem uma queda por Orthriun, e ele é apenas um Volvath normal!”

Elincia engasga e Tanulia ri atrás dela. As meninas finalmente dobram a esquina e entram na sala, e antes que eu possa cumprimentá-las, Elincia se vira para mim, seus olhos amarelos dançando com toda a fúria do fogo do inferno.

“Kha'zeth! Valindra está sendo má comigo! Diga a eles que estarei com um príncipe e que eles *terão* que me obedecer porque serei favorecido pela família real!

Eu gemo enquanto Valindra revira os olhos por cima do ombro de Elincia.

“Eu não estou sendo mau!” Valindra protesta antes que eu possa responder, seus olhos violetas encontrando os meus. “Ela *não* vai ficar com um príncipe e, além disso, ela é apenas um bebê. De qualquer forma, vou amadurecer primeiro.”

" *Eu não sou um bebê!*" Elincia grita com Valindra. “Você nasceu apenas oito *minutos* antes de mim e não é meu chefe!” Encontro minha voz no momento em que Elincia e Valindra estão prestes a se atacar.

“MENINAS”, rugo sobre elas, levantando-me de um salto caso precise separar Elincia e Valindra. Minha magia crepita ao meu redor, minha aura provocando um azul profundo em alerta.

Felizmente, o som da minha voz faz com que as três garotas parem, Valindra congela onde está, Elincia virando-se para mim e Tenulia fazendo o possível para desaparecer no fundo. Eu bufo, esfregando o rosto em frustração antes de afundar de volta na cadeira.

“Valindra, não antagonize sua irmã. Elincia, Valindra pode não ser seu chefe, mas você também não é chefe de mais ninguém”, digo com firmeza, olhando para cada um deles enquanto me dirijo a eles.

“Além disso, vocês são jovens demais para se preocupar com o acasalamento”, continuo, dando a cada um deles um olhar aguçado. “Ainda faltam vários anos, e você não deveria estar emparelhando por status, de qualquer maneira. Você pode encontrar alguém que ama e o status dele não importará.” Todas as três garotas têm a decência de parecer completamente castigadas antes de Valindra se aproximar de mim, cruzando os braços.

"O que está errado?"

Olho para ela, sem me preocupar em esconder a confusão e a exasperação em meu rosto.

“O que você quer dizer com o que há de errado?”

“Quero dizer, você quase nunca grita conosco, especialmente por causa de brigas estúpidas. Então, algo deve estar errado”, diz Valindra, explicando com seu jeito prático de sempre. Tanto Elincia quanto Tenulia voltam para onde estamos, parecendo interessadas demais em nossa conversa para meu gosto.

“O que há de errado é que vocês três estão me usando como seu zonak pessoal,” resmungo para ela, voltando-me para o fogo crepitante na lareira. Valindra está me olhando como se não acreditasse em mim, mas prossigo, aproveitando a oportunidade para expor minhas frustrações.

“Todos vocês têm idade suficiente para se limparem. Você sabe em que estado esta sala estava quando cheguei em casa hoje? Estou cansado de ser atropelado em minha própria casa, vocês são perfeitamente capazes de atender...”

“Temos o zonak para isso. Por que você está *realmente* chateado?” ela diz, apoiando as mãos nos quadris e me olhando com um olhar que me lembra tanto Drannatha que meu peito aperta de dor.

“Nada com que vocês três precisem se preocupar”, digo com desdém, percebendo meu erro um momento tarde demais.

“Então há algo errado?” — pergunta Tenulia, sentando-se aos pés da minha cadeira, com os olhos escuros arregalados de preocupação enquanto olha para mim. Passo a mão por seu cabelo loiro louro, alisando-o sobre seus chifres em crescimento.

“Não, querido, não há nada de errado”, murmuro, na esperança de acalmar sua ansiedade.

“Bem, deve ser alguma coisa se você está tão mal-humorado”, Valencia brinca, sentando-se no braço da minha cadeira. Eu gemo, incapaz de conter minha ira enquanto lanço um olhar para ela por assustar sua irmã.

“Vocês três precisam ir para seus quartos. Não estou interessado em outro sparring hoje”, rosno, deixando minha aura ficar escura e pulsar ao meu redor. Eu sugo o calor da sala, deixando o fogo tremeluzir, esperando que minha exibição mágica faça com que eles saiam e parem de me incomodar.

Não tive essa sorte.

“Se você nos contar por que está rabugento, prometo que iremos para nossos quartos. Nós até continuaremos depois que terminarmos de brincar,” Elincia diz docemente, com um leve gemido em sua voz enquanto ela pisca os cílios para mim.

Nós dois sabemos que isso é mentira, mas com três pares de olhos demoníacos de meninas adolescentes em mim, finalmente cedo à pressão. “Temos um novo convidado.”

Mal as palavras saem da minha boca quando as meninas começam a gritar, pulando animadamente e conversando umas com as outras.

"Um convidado? Quem é esse?"

“É uma mulher? Nós *realmente* poderíamos usar alguém mais divertido para brincar!”

“Por que ela está ficando conosco? É porque você gosta dela? Ela está no conselho?”

"Onde ela está? Podemos vê-la?"

Suspiro novamente, já arrependido de ter aberto a boca. Posso ficar diante do Rei, coordenar ataques na superfície de Protheka, quebrar pescoços sem sequer levantar um dedo, e ainda assim essas três adolescentes podem arrancar informações de mim num piscar de olhos.

“Sim, nossa convidada é uma mulher, não, ela não está no conselho, e não, você não pode vê-la,” eu digo com um suspiro, recitando respostas às perguntas que eles me lançaram. “Ela é humana e está muito assustada. Duvido que vocês três *a* deixassem à vontade”, digo a eles, dando a cada um deles um olhar aguçado.

"Um *humano* ?" Elincia diz, uma mão voando para o peito, a imagem de uma socialite horrorizada.

“Eu nunca vi um humano antes. *Por favor*, podemos vê-la? Tenulia implora, agarrando a perna da minha calça.

“E se prometermos nos comportar da melhor maneira?” Valindra pechinha.

“Não”, digo severamente, acrescentando um ar de finalidade à palavra. “Vocês três não devem incomodá-la. E fique fora da ala oeste — acrescento, pensando posteriormente.

Grande erro.

As meninas trocam um olhar significativo e depois saem correndo da sala, gritando e rindo escada acima no corredor.

"GAROTAS!" Eu grito atrás deles, ficando de pé enquanto corro atrás deles escada acima, subindo os dois de cada vez. Os trigêmeos, entretanto, têm uma vantagem inicial muito grande e já estão descendo a ala oeste quando chego ao topo da escada.

“Deuses, maldito seja”, resmungo, correndo atrás deles.

NATALIE

EU Ainda estou deprimido em meu quarto com o estranho rumo dos acontecimentos no refeitório quando sons distantes de guinchos penetram em meu quarto. Congelo ao lado da janela, minha cabeça girando em direção à porta enquanto os sons das risadas se aproximam.

O chão treme com o barulho de vários pares de passos, e meus olhos percorrem desesperadamente a sala, procurando um lugar para me esconder. Antes que eu possa pensar melhor, mergulho na cama, meio debaixo das cobertas, quando a porta do meu quarto se abre, seguida por um clamor de vozes.

Três figuras correm em minha direção e é um esforço para não gritar quando elas pulam direto na minha cama. Eu os reconheço mais cedo naquele dia, quando eles estavam comendo e conversando no refeitório antes que o demônio que me reivindicou me pegasse bisbilhotando.

Todas as três garotas demoníacas têm o mesmo cabelo louro-claro e pele acinzentada, e todas parecem ter mais ou menos a mesma idade, embora seja aí que suas semelhanças terminam. Cada uma das meninas tem um conjunto diferente de chifres, todos parecendo estar mais ou menos no mesmo estágio de crescimento.

Uma das garotas, com olhos violeta brilhantes, tem um anel de chifres brotando como uma coroa no topo da cabeça, semelhante ao homem demônio. A garota demônio com olhos amarelos ardentes tem apenas dois chifres lisos brotando do topo de sua cabeça, e me olha com ceticismo, seu rosto um pouco próximo demais do meu para me sentir confortável. A terceira garota, a mais quieta, olha para mim com admiração, acariciando meu cabelo suavemente, a cabeça inclinada de uma forma que deixa a luz refletir em seus olhos negros e nos dois tocos em forma de chifre que se projetam de seu crânio.

“Os olhos dela são tão grandes! E tão lindo! Comenta a garota de olhos violetas.

“E o cabelo dela é tão macio”, murmura a de olhos escuros, continuando a acariciar meu cabelo em movimentos longos, como se estivesse acariciando um cachorro. A de olhos amarelos franze o nariz enquanto seu olhar cai em minhas roupas e pergunta: “Todos os humanos são tão sujos? Por que ela não comprou roupas novas?”

Eu teria vontade de ficar envergonhado se não estivesse tão assustado. Antes que eu possa pensar em algo para dizer ou fazer, as meninas me repreendem com perguntas, suas vozes se sobrepondo antes que eu encontre espaço para responder.

"Qual o seu nome?"

"Como você fez seu cabelo ficar tão brilhante? O meu *nunca* é tão brilhante!"

"Onde fica sua casa?"

"Por que você está ficando conosco? Você pertence a Kha'zeth?"

"Você quer jogar conosco?"

"Posso escovar seu cabelo? Por favor?"

"Por que sua pele parece tão marrom? Todos os humanos são marrons?"

"Você tem algum amigo? Eles estão vindo para ficar conosco?"

"Todos os humanos são tão quietos assim?"

"Você pode falar?"

Neste ponto, eu ficaria feliz em colocar o demônio assustador e de rosto impassível em vez das três garotas. Tento controlar minha respiração, lutando contra a vontade de tapar os ouvidos com as mãos.

As garotas demoníacas estão todas sorrindo, bajulando meu cabelo, pele, olhos, qualquer coisa que possam ver, mas ainda não consigo evitar de me sentir aterrorizada. Eles são todos tão barulhentos e embora ajam como crianças, são todos muito maiores do que eu.

Uma parte de mim está um tanto ofendida por estar sendo tratada como um animal de estimação novo e brilhante, mas outra parte maior de mim está lisonjeada por eles estarem tão entusiasmados com a minha mera presença. Em toda a minha vida, nunca fui recebido com tanto entusiasmo, e isso faz com que meu coração se sinta caloroso por eles – mesmo que eu sinta minhas mãos tremendo de medo debaixo das cobertas.

Enquanto eles conversam e me cutucam, ocorre-me que essas três meninas podem ser filhas do demônio, e esse pensamento envia uma nova onda de emoções através de mim.

Se essas meninas são filhas dele, então ele *claramente* deve ter uma parceira! Ou os demônios acreditam em conceitos como o amor? Uma parte estranha de mim espera

que ele acredite no amor, no casamento e em outros conceitos românticos, mas não tenho certeza por que isso seria importante para mim.

Mas se ele acredita no amor, então há alguém com quem escolheu ter três filhas.

Algo parecido com ciúme corre através de mim antes que meus dedos se enrosquem firmemente nos lençóis. Se ele está apaixonado, ou mesmo se apenas tem uma parceira que está lhe dando filhos, então por que, em nome dos deuses, estou aqui?

Certamente a dona da casa não ficará feliz com o fato de seu marido estar se deitando com uma humana. Terror gelado percorre minhas veias enquanto considero a ideia de que posso ter uma mulher demoníaca enfurecida vindo me matar por dormir com seu marido.

Quase criei coragem para perguntar às meninas onde está a mãe delas e se eu deveria dormir com um olho aberto quando uma enorme sombra com chifres aparece na porta.

"PARAR." Sua voz é como gelo, suas feições já intimidantes endurecidas pela fúria. Se eu não estivesse sentado, poderia ter desmaiado de terror ao vê-lo tão furioso. As três garotas ficam paralisadas onde estão, as cabeças virando-se para a porta tão rápido que é uma maravilha que elas não quebrem o pescoço.

Uma voz boba dentro de mim quer proteger as três garotas, mandar ele ir embora, mas não tenho dúvidas de que elas são mais do que capazes de se defender se estão dividindo a casa com o demônio há tanto tempo.

Abro a boca para me desculpar, para implorar por misericórdia, quando percebo que ele está olhando para as três garotas demônios, não para mim.

"Eu contei a vocês três," ele rosna, sua voz quase um sussurro. "Para ficar fora da ala oeste e não incomodar nosso novo hóspede." Uma aura azul-escura profunda pulsa ao seu redor, crepitando com energia como um fogo crepitante.

Convidado? Penso comigo mesmo, tentando controlar minha surpresa por ser chamado com esse tipo de respeito. Se ele não parecesse prestes a entrar em combustão com poder mágico e bruto, eu poderia agradecê-lo por reinar sobre as três irmãs demoníacas antes que toda a excitação me estimulasse bem e verdadeiramente.

As meninas saem da cama, com os olhos baixos enquanto mexem nas camisas ou cruzam as mãos atrás das costas.

“Caso eu não tenha sido claro o suficiente antes”, ele continua, com a voz mais dura que granito. “Você não deve incomodá-la. Não invada seus quartos, não a repreenda com perguntas e absolutamente *não* toque nela.”

Com os olhos ainda grudados no chão, as três garotas acenam com a cabeça e murmuram em concordância.

“Vá para seus quartos. Todos vocês. Chamarei você lá embaixo quando estiver pronto para discutir isso mais detalhadamente.

Sem sequer olhar para trás, as três garotas saem da sala, e só quando estão no corredor é que ouço sussurros abafados.

"AGORA!" Ele grita por cima do ombro, passos rápidos ecoando em resposta. Deixado sozinho apenas com o demônio furioso, puxo as cobertas sobre minha cabeça, esperando inutilmente que elas de alguma forma me protejam de sua ira.

A porta se fecha silenciosamente e ficamos em um silêncio sufocante. Com qualquer outra pessoa, eu teria assumido que eles tinham saído do quarto assim que ouvi a porta se fechar, mas é como se eu pudesse sentir sua presença, seus olhos perfurando onde estou deitada na cama.

E quando ele fala, não fico surpreso. “Sinto muito pelas meninas. Eu lhes disse explicitamente para não incomodarem ou perturbarem você, mas como você pode ver, eles não escutam muito bem”, diz ele, em um tom genuinamente apologético.

Eu não respondo, não tenho certeza do que devo dizer ao demônio que está perto da ponta da minha cama. Meu coração ainda está batendo forte no peito e um forte tremor toma conta de mim.

“O comportamento deles... bem, eles são crianças, eu suponho. Eu nunca soube realmente o que fazer com eles.” Ele parece tão cansado de repente que tenho que lutar contra a vontade de espiar por cima dos cobertores. Suponho que será mais fácil para ele ser honesto, mostrar alguma vulnerabilidade, se puder fingir que não estou ouvindo.

Estou muito consciente dele quando a cabeceira da cama afunda sob seu peso impressionante. O demônio se senta na beira do colchão com um suspiro. Não sei dizer

se ele está exasperado por eu não ter saído do esconderijo ou porque as meninas claramente têm vontade própria. Talvez ambos.

O silêncio se instala entre nós mais uma vez e, em comparação com a confusão, é quase... confortável. Mantenho minha respiração o mais uniforme e silenciosa possível, tentando não pensar muito sobre o fato de que estamos ambos na cama, independentemente do fato de termos um monte de cobertores e um espaço sólido entre nós.

Sinto sua mudança de peso, um maneirismo surpreendentemente humano. Quase como se ele estivesse tentando decidir se deveria sair da sala ou não. Ele deve decidir não ir embora, porque o sinto virar o corpo em minha direção para ver onde estou enterrado sob a colcha macia e os lençóis de seda.

“Você sabe por que está aqui, não é?” Ele pergunta, sua voz calma e grave. Meu sangue gela. Ele vai exigir que cumpramos nossas... obrigações, aqui e agora? Minhas palmas ficam escorregadias de suor e eu aceno, sem ter certeza se conseguiria invocar minha voz se quisesse.

Percebo que ele talvez não consiga me ver debaixo das cobertas, então coloco a cabeça para fora, repetindo o gesto. Apesar de ter tido a oportunidade de observar o demônio diversas vezes, ainda acho sua presença enervante.

Sua cabeça está ligeiramente inclinada, como se ele fosse um predador farejando sua presa, seus olhos negros brilhando na luz moribunda que entrava pelas janelas. Ele balança a cabeça, repetindo meu gesto, e mantém meu olhar.

"Bom."

KHA'ZETH

eu Há muito tempo, quando eu era aluno de Pli'thel, um mestre Soz'garoth, ele nos trouxe um dazoneth, recém-treinado. Apesar de seus dentes e garras afiados e do tamanho de um dedo, ele choramingava no canto, os olhos desviados, os músculos contraídos como se esperasse um golpe.

A visão me deixou doente.

Lembro-me da fera, espancada pela magia até a submissão aterrorizada, sempre que olho para o humano. Eles têm os mesmos olhos, ou melhor, a mesma maneira cautelosa de olhar através deles. Abatido, mas sempre alerta. Ela está deitada de lado agora, o cobertor puxado até o nariz. Deveria ser uma pose relaxante, mas ela parece pronta para fugir, mesmo agora.

Ela alguma vez para de esperar que o interruptor caia?

A vida dela a deixou assim ou os demônios a trataram tão mal? O pensamento de alguém batendo em seu peito, quente e grosso. As luzes piscam no alto e seus olhos se arregalam.

Ela está tão quieta com seu medo, tão silenciosa, que é fácil interpretá-la erroneamente como calma. Eu vejo isso agora. Ela não é nada simples ou dócil. Sua expressão vazia mascara um terror abjeto que nem consigo imaginar, um terror que só vi em uma presa pouco antes da morte inevitável.

"Você está com medo." Suavizo minha expressão o melhor que posso, mas acho que isso não ajuda muito. Devo parecer algo saído de um pesadelo para ela, com meus chifres e dentes e marcas de magia do caos escritas corajosamente em meu rosto. "Você não precisa estar."

Lentamente, com cautela, ela retira o cobertor. É mais para me apaziguar do que qualquer outra coisa, penso, mas estou grato pelo gesto. Ela mantém o olhar apontado para meus pés e torce o cobertor até os nós dos dedos ficarem pálidos, mas eventualmente o cobertor cai, revelando uma linda mulher.

Uma linda mulher em trapos.

Os trigêmeos disseram algo nesse sentido, mas são propensos ao exagero. Elincia, em particular, está convencida de que qualquer moda com mais de uma estação é tão desejável quanto vestir esterco de gim, e ela não hesita em me repreender por seu sofrimento.

Mas isto é verdadeiramente inaceitável.

“Vou trazer roupas adequadas para você.” Minha frustração comigo mesmo transparece em minha voz e ela se afasta. “A culpa é inteiramente minha.”

“As meninas”, ela diz, a voz rouca de desuso. Tenho que me inclinar para frente para poder ouvir o que ela está dizendo. Acho que gosto do som de sua voz, suave e suave. É como uma flecha ao vento. “Elas são suas filhas?”

Filhas! Eu perderia o pouco que resta da minha mente!

Não consigo parar a risada que explode no meu peito só de pensar nisso. Deuses, eles quase me deixaram louco o suficiente. Eles conversam tanto que o eco disso me segue por toda parte, ressoando em meus ouvidos enquanto cumpro meus deveres oficiais. Não tive um momento de silêncio em minha própria casa desde que eles nasceram, e parece que nunca mais terei, a menos que tenha a sorte de entregá-los ao conselho.

E isso só traz mais problemas. E se as meninas decidirem formar pares cedo ou com alguém inadequado? Já tive que afugentar mais de um pretendente, e as meninas são mais teimosas que um binmou.

A garota estremece com minha risada indisciplinada e eu fecho a boca como uma armadilha para silenciá-la. Ela se assusta tão facilmente e não quero que ela fuja para baixo dos lençóis novamente.

Já faz tanto tempo que não ria assim que esqueci o quão alto eu poderia falar.

“Eles não são meus.” Tento manter minha voz tão suave quanto a dela, mas é difícil. Estou acostumado a gritar feitiços e ordens. Nunca tive que me silenciar para o conforto de ninguém antes, exceto o próprio rei. “Eles são da minha irmã. Ela atingiu seu propósito há muitos anos.”

A garota inclina a cabeça, não familiarizada com o eufemismo que uso para benefício dos trigêmeos, que provavelmente estão parados com as orelhas encostadas na porta.

Por um momento, considero enviar uma faísca para afugentá-los, mas decido não puni-los por curiosidade honesta.

Isso poderia assustar o humano.

Baixo minha voz o máximo que posso. “Minha irmã morreu há muito tempo.”

Exceto que não demorou tanto, não para um demônio como eu. Parece que há apenas algumas luas ela esteve aqui, me persuadindo a evocar seus lanches favoritos enquanto ela criava os trigêmeos em seu útero florescente.

Eu tinha tanto medo por ela, e ela era tão desdenhosa.

“E quantas vezes temi pela sua segurança”, ela exigiu com os braços cruzados acima da barriga inchada. “Enquanto você atende o rei?”

Eu não respondi, mas meus lábios se apertaram com tanta força que tiraram sangue. Trigêmeos são raros.

Sobreviver ao nascimento de trigêmeos, duplamente.

Nós dois sabíamos que ela poderia não sobreviver. E então, quando o pai perdeu a vida na arena, ela veio morar comigo na minha propriedade e montamos o berçário em minha casa. Ela me deu seus nomes com antecedência e me treinou em cuidados infantis porque me disse que não se podia confiar nos zagfers as preciosas vidas de demônios recém-nascidos.

Para minha surpresa, descubro que estou contando tudo isso ao humano.

“Eles nunca dormiam ao mesmo tempo”, suspiro. “E então fiz o que devia e fiz uma cama de cobertores ao lado dos berços, como se estivesse em guerra. Valindra, em particular, era uma fera quando criança. Não podíamos manter uma ama de leite, porque ela sempre buscava sangue.”

“Oh!”

“Acontece às vezes, sem a mãe. As crianças não têm o vínculo materno que protege os dentes. De qualquer forma, é um bom presságio, entre os demônios, alimentar-se com tanta força. Claro, isso significava que eu teria que usar outros métodos.” Que experiência exaustiva foi tentar conjurar um mamilo adequado que os trigêmeos não destruíssem com suas presas. Se eles tivessem tolerado a ama de leite, eu poderia ter

tido alguns momentos para mim. Em vez disso, a infância deles passou como um turbilhão de exaustão e tristeza.

“Eu não substituí a mãe deles, mas fiz o meu melhor. O que, como você pode ver pelo seu comportamento abominável, foi totalmente inadequado.” Respiro desapontada, mas não consigo evitar a forma como meus lábios se curvam nos cantos. “Eles são espirituosos, assim como ela. Eu estava lá para ver seus primeiros passos, seu primeiro voo e suas primeiras centelhas de magia. Todos eles são problemas, veja bem, mas eu a vejo neles todos os dias. Eu gostaria de pensar que ela acharia minha educação adequada.”

O humano funge e eu reprimo minha surpresa. Os humanos são fracos e propensos a doenças. falhei tanto em cuidar dela que ela ficou doente?

Ela olha para mim por baixo de seus longos cílios e eu entendo.

Ela está *chorando* de novo.

Lágrimas escorrem livremente por seu rosto.

Sinceramente, estou perplexo. O que eu fiz agora? Eu mantive minha voz baixa e as presas escondidas o tempo todo. "Algo está errado?"

“Deve ter sido muito difícil para você perder sua irmã.” Ela enxuga os olhos com a manga suja e eu reprimo um estremecimento. Preciso encontrar suas roupas novas imediatamente. “E para ela sentir falta de criar os próprios filhos. Não consigo nem imaginar como as meninas se sentem por terem perdido a mãe.”

“Você chora por um estranho.” O conceito é absurdo, mas fico estranhamente tocado pelo cuidado dela. “Você nem sabe o nome dela.”

"Você poderia me dizer."

“Drannatha.” O nome dela sai da minha língua facilmente, como se eu tivesse acabado de chamá-la para jantar. Quanto tempo se passou desde que eu disse isso em voz alta?

“E suas filhas são Valindra, Tanulia e Elincia.”

"Ela os nomeou?"

"Ela fez."

A humana encontra meus olhos agora, timidamente, e me pego prendendo a respiração enquanto ela me estuda com seus olhos castanhos vítreos. O que quer que ela encontre

em meu rosto deve deixá-la à vontade, porque ela finalmente libera a tensão em seus ombros e coloca as mãos abertas ao lado do corpo.

“Eu sou Natália.”

“Natália.” Eu gosto do gosto do nome dela. “Quem deu seu nome, Natalie?”

“Minha mãe, eu suponho.”

“Você a conhecia bem?”

Natalie faz uma pausa e balança a cabeça. “Eu morava em um campo de trabalho. É tudo que eu já conheci. Não sei se meus pais morreram ou se estavam desesperados o suficiente para me vender. Cora, uma das mulheres dos campos, era uma espécie de mãe de todos ali. Até... — Um raro lampejo de raiva distorce sua expressão, e eu me encontro desamparadamente intrigado.

Talvez Natalie não seja tão dócil quanto parece.

“Meu nome é Kha'zeth”, digo. “Não acredito que tenhamos sido devidamente apresentados.”

“Foi gentil da sua parte acolher suas sobrinhas”, diz ela. “Três bebês ao mesmo tempo deve ter sido difícil.”

“Teria sido mais difícil desistir deles.” A simples ideia de os pais de Natalie decidirem vendê-la faz com que as pontas dos meus dedos estalem em fúria em retaliação. Se eles estivessem aqui, eu derreteria a carne dos seus crânios.

Mas guardo isso para mim, porque o queixo de Natalie começou a tremer novamente e uma nova torrente de lágrimas fluiu.

Eu convoquei magia de poder incomensurável e dobrei as profundezas do caos à minha vontade. Muitos dizem que meu nome será escrito no Livro de Soz'garoth quando meu propósito chegar a me encontrar. Criei filhos e manifestei um exército de pedra. Não há nada em Galmoleth que eu não possa realizar, e suspeito que o mesmo aconteça no mundo abaixo.

Mas que os deuses me ajudem, não tenho ideia do que devo fazer com esta mulher chorando.

NATALIE

Drannatha.

O nome da mulher demoníaca que nunca conheci, a irmã de Kha'zeth, ressoa na minha cabeça enquanto nos encaramos. Antes de hoje, eu só via Kha'zeth como meu captor aterrorizante e sem nome, capaz de usar magia destrutiva, completamente sem compaixão ou emoção, e decidido a me criar.

Olhando para ele agora, meu coração dói por ele.

Eu estava com medo dele, e era fácil para mim pensar nele como um monstro cujo único propósito era me usar e me aterrorizar, mas estou lentamente começando a perceber que ele não é um demônio mau, apenas alguém em uma situação difícil. situação.

A ironia de passar do pavor de Kha'zeth para vê-lo como algo próximo de um companheiro não passou despercebida para mim, e minhas lágrimas vêm mais rápido. Eu também tinha pavor de Toklys antes de me apaixonar por ele.

A derrota de Kha'zeth chega perto demais. Nós dois perdemos pessoas que amávamos e carregamos esse fardo conosco em todos os momentos de nossas vidas. Minha garganta se fecha em torno de um soluço e, por mais que eu tente abafá-lo, um pequeno ruído de dor escapa de meus lábios.

Em um instante, Kha'zeth está ao meu lado, envolvendo-me com seus braços grossos. Estou muito perdida em minha dor para ter medo de sua proximidade. Finalmente perco o controle das lágrimas e soluços percorrem meu corpo enquanto ele me pressiona com força contra seu peito.

Lágrimas correm pelo meu rosto e eu pressiono meu rosto ainda mais contra ele, minhas lágrimas vindo mais rápido. A mão de Kha'zeth percorre suavemente minhas costas antes de pousar na minha nuca, acariciando meu cabelo enquanto eu choro.

Uma parte de mim fica chocada com sua ternura e disposição em me confortar neste momento, especialmente depois de tudo o que aconteceu até agora, mas seu toque me ancora. Enfrentamos a tempestade juntos e, quando meus soluços diminuem, percebo que ele está me balançando suavemente, sussurrando pequenas palavras doces em meu ouvido.

Eu fungo, me afastando um pouco para olhar para ele. Seus olhos negros brilham para mim, e acho que percebo uma pitada de tristeza em sua expressão. O silêncio entre nós é quase insuportável e sinto necessidade de justificar minha reação. " Eu perdi alguém também. Não minha irmã, mas... alguém que amo."

"Você quer falar sobre isso?" Sua voz é suave e profunda, algo nela me lembra veludo. Pisco para ele, surpresa por ele se importar o suficiente para perguntar. Eu enxugo as lágrimas perdidas, tentando disfarçar meu semblante miserável.

"O nome dele era Toklys", consigo sussurrar, minha voz embargada ao dizer seu nome. Não falo isso desde o dia em que ele morreu, e parece estranho na minha língua. Balanço a cabeça, me esforçando para continuar. Se Kha'zeth pode compartilhar uma experiência tão sombria e íntima de seu passado, é justo que eu faça o mesmo.

"Ele era um elfo negro que estava estacionado no campo de trabalho em que eu estava antes, antes de vir para cá. Ele não tinha muita posição social e muito menos magia, então fez o trabalho que nenhum outro elfo negro queria fazer.

"Quando ele chegou ao acampamento, eu o evitei. Nunca sabíamos se eles iriam nos machucar ou tentar nos atrair para a cama deles, então todos nós apenas evitávamos eles. Raramente nos davam o suficiente para comer e, um dia, uma das crianças estava com tanta fome que não conseguíamos fazê-lo parar de chorar.

"Se algum de nós, mesmo as crianças, chorasse muito ou demorasse muito para fazer o trabalho, eles nos batiam. Eu sabia que as cozinhas estavam vazias, então fui até o depósito que elas sempre mantinham trancado. Só pensei que se eu pudesse conseguir algo para ele comer, mesmo que fosse algo pequeno, ajudaria... — paro, olhando para Kha'zeth.

Seus olhos negros estão em chamas com uma emoção que não consigo entender, e seus lábios são uma linha fina de desaprovação, mas não para mim. Desvio o olhar novamente, tentando não perder a coragem.

"Toklys me encontrou quando eu estava saindo furtivamente da cozinha com um pedaço de pão. Eu tinha certeza de que ele iria me chicotear por isso ou me entregar aos outros guardas, mas quando expliquei o que estava acontecendo, ele desapareceu de volta no depósito e saiu com sacos de carnes secas e frutas.

“Ele me acompanhou até minha cabana e me ajudou a distribuir as rações extras. Depois disso... bem, foi fácil para mim me apaixonar por ele. E ele sentiu o mesmo. Tínhamos que manter isso em segredo, é claro, mas íamos fugir juntos. Nós seríamos felizes... — Respiro fundo e estremeço antes de prosseguir. “Ele estava lá quando seu pessoal chegou.”

Dou outra olhada no rosto de Kha'zeth, frio e impassível como granito.

“Ele viu que eles estavam levando mulheres humanas e tentou me esconder. Me proteja. Ele me fez rastejar para baixo de sua cama e prometer que não sairia, não importa o que acontecesse. Engulo em seco, me preparando para o resto da história.

Eu nunca disse nada disso em voz alta antes, nem mesmo para as outras mulheres com quem estive preso, e vendo como o povo dele é o responsável, cerro os punhos, continuando a história sem me aprofundar muito no pensamento. Não posso parar agora e, além disso, ele merece saber o que o seu povo fez. A dor que eles infligiram.

“Um enorme demônio invadiu a sala da frente. Não consegui ver como era por baixo de toda a armadura, mas era enorme. Toklys segurou o demônio o melhor que pôde sem uma arma de verdade - ele só tinha o bastão e o chicote que todos os guardas carregavam. Eu acho que o demônio estava *brincando* com ele, deixando Toklys lutar até decidir que estava cansado do jogo.

“O demônio esmagou a cabeça de Toklys com as próprias mãos. Assisti a tudo e... comecei a gritar. O demônio me encontrou depois disso. Acho que desmaiei, não sei se de choque ou de tristeza, mas a próxima coisa que me lembro é que acordei em uma cela com os outros.”

Respiro fundo, esperando Kha'zeth dizer alguma coisa, qualquer coisa. Quando ele não o faz, olho para ele, me preparando para o pior.

Kha'zeth apenas olha para mim e, depois de um momento, abre a boca como se fosse dizer algo antes de fechá-la novamente e olhar pela janela.

"Você disse que sabe por que está aqui?"

Meu queixo relaxa enquanto olho para ele.

"O que?" Eu pergunto. Acabei de revelar meu coração e alma para ele, contei a ele sobre a pior coisa que já aconteceu comigo, e ele quer falar sobre seu dever para com seu *rei*?

A fúria irradia através de mim, e eu reprimo a emoção com força, não ousando deixá-la transparecer. Não sei por que fui estúpido o suficiente para pensar que ele se importaria com Toklys ou com o que aconteceu com qualquer um de nós. Acho que ele não tem coração, afinal.

Meu rosto esquenta quando me afasto dele, olhando para o chão e tentando desesperadamente me controlar. Perder o controle só vai enfurecê-lo, mas mesmo saber disso não acalma minha raiva.

“Você entende as implicações? Ou devo explicar para você? Ele pergunta, aquele olhar impassível ainda gravado em cada linha de seu rosto.

Ele deve salgar a ferida?

Kha'zeth não parece se importar se isso me perturba quando ele começa. “Você está aqui porque a raça demoníaca não está se mantendo da maneira que antes podíamos. Cada vez menos demônios nascem a cada verão. Para manter nossa raça, o Rei apresentou uma... solução *criativa*”, diz ele, sem emoção na voz.

A confusão forma um nó em minha testa quando olho para ele. Ele também não parece muito entusiasmado com esse acordo.

Talvez eu possa usar isso a meu favor.

“Devemos copular”, continua ele, alheio ao meu monólogo interior. “Até que você gere jovens demoníacos ou seja provado ser um recipiente incompatível. O Rei ordenou isso para nós dois, e é do nosso interesse obedecer.

Peso minhas opções e decido jogar a cautela ao vento. Outra chance como essa pode não surgir novamente. “Então isso é um dever para você? Nada mais?” Eu pergunto timidamente.

Kha'zeth balança a cabeça bruscamente, evitando meu olhar.

“Como ele vai saber que estamos procriando?” — pergunto, fingindo curiosidade mesmo quando minha irritação ferve logo abaixo da superfície.

Kha'zeth parece ver através de mim de qualquer maneira. “Não há maneira de contornar isso. Uma vez que o Rei emita uma ordem, todos os demônios, e a quem mais a ordem se aplica, devem obedecer.”

“O que acontece se eu for infértil?” Eu pergunto, meio assustado com a resposta.

“Não sei, mas é seguro presumir que você não será mais um convidado em minha casa”, diz ele. Decido que ele está sendo honesto, embora, na verdade, não consiga dizer.

“Mas se nenhum de nós quiser–”

“Não se trata do que nenhum de nós quer”, ele retruca, levantando-se abruptamente. “É uma questão de responsabilidade, lealdade. É uma questão de *sobrevivência* .”

Pressiono meus lábios, desejando que meu queixo não trema com seu tom áspero.

“Temos que começar nossos deveres esta noite. Esteja pronto quando eu for buscá-lo”, ele ordena. Ele nem sequer olha para mim enquanto se vira e sai da sala, fechando a porta com força atrás de si.

Momentos atrás, eu desejava ficar sozinho, rezando por um alívio de todo o barulho e corpos aglomerados em um espaço tão pequeno. Agora, o silêncio paira pesadamente na sala, e fico sozinha com nada além do meu próprio medo.

NATALIE

EU olhar para a porta em estado de choque, o silêncio na sala pesado como um cobertor. Sinto-me como uma boneca sórdida, sentada imóvel como a morte, enfiada sob lençóis de seda, esperando que meu mestre retorne e faça comigo o que quiser.

Meu estômago se revira e, por um momento, acho que vou vomitar. Corro para o banheiro, meus joelhos batendo com força no azulejo em frente ao vaso sanitário enquanto agarro a pia.

Apesar da náusea avassaladora, nada acontece. Fico ali sentado por um momento, o frio da porcelana penetrando em minhas roupas sujas e rasgadas. Quando tenho certeza de que não corro o risco de vomitar bile por todo o quarto, me levanto, usando a parede para me manter firme.

Estou prestes a sair do banheiro quando me vejo no espelho que adorna a parede. Meu rosto está vermelho e inchado de tanto chorar, meus olhos vermelhos.

As roupas que uso desde que Kha'zeth me trouxe para cá estão em ainda pior estado do que quando cheguei, ou talvez apenas pareçam piores em contraste com o ambiente agradável.

Os fios estão se soltando nas bainhas irregulares da minha túnica, e o tecido está coberto de manchas. Manchas de sal estão espalhadas na minha frente por causa das lágrimas, apenas aumentando o quão desgrenhada estou.

Tento em vão alisar o material esfarrapado antes de passar os dedos pelo cabelo, que está emaranhado por causa da bagunça. Suspiro diante do meu reflexo, virando-me para rastejar de volta para a cama quando ouço uma batida na minha porta.

Meu coração dispara. Ele já voltou?

Certamente não posso ter passado tanto tempo no banheiro! Espio pela janela, certificando-me de que o sol ainda está acima do horizonte.

A batida vem novamente, desta vez mais insistente.

Inalando profundamente, abro a porta, me preparando para a presença iminente de Kha'zeth. Para minha surpresa, não é Kha'zeth, mas um dos demônios menores, um pouco mais baixo que eu, arrastando um tronco enorme.

O demônio e eu olhamos um para o outro com os olhos arregalados por um momento antes que ele me faça uma rápida reverência e enfie o baú na sala. Ele sai no meio da sala antes de virar o rabo e sair correndo da sala com as pernas agachadas.

Que estranho, penso comigo mesma, vendo-o fugir pelo corredor com leve diversão.

Fechei a porta atrás dele, virando-me para inspecionar o porta-malas. A curiosidade toma conta de mim enquanto eu cutuco e cutuco o couro gasto que o reveste e viro a trava para abrir o porta-malas.

Está repleto de vestidos novos, chinelos de seda dobrados nas laterais em todas as cores do arco-íris. Sinto maravilhada os tecidos, desdobrando cuidadosamente os vestidos e colocando-os sobre a cama.

Nunca tive nada tão luxuoso.

Os vestidos do baú são feitos de materiais dos quais só ouvi falar e alguns que não reconheço: tule, renda, cetim, veludo, com uma grande variedade de cores e silhuetas. Estou quase tonto brincando com a variedade antes que o motivo de todas as roupas novas me ocorra.

Kha'zeth quer que eu faça o papel.

Uma náusea familiar se manifesta em meu estômago e, de repente, estou muito menos interessada nos vestidos. A ideia de estar arrumada como um brinquedo rasteja pela minha pele, deixando-me com uma sensação de sujeira e vazio.

Kha'zeth não está disposto a fingir por minha causa e deixou bem claro que retornará esta noite para consumir o acordo escolhido pelo rei. O pânico toma conta de mim quando olho pela janela e descubro que o sol está um pouco mais baixo no céu tempestuoso.

Nuvens pesadas estão se formando no horizonte, cinzentas e cruéis, e não posso deixar de sentir que são um presságio do que está por vir. Vou até a janela, avaliando o que me rodeia.

Uma pequena borda fica abaixo da janela, larga o suficiente para que eu possa colocar meus pés e chegar até o pequeno pedaço de telhado que conecta ao jardim. Para onde eu iria a partir daí, não tenho ideia, mas pelo menos não ficaria preso nesta sala.

Minha determinação se fortalece quando penso na sombra de Kha'zeth reaparecendo na minha porta. É assim que tem que ser. É melhor correr e morrer lutando do que viver minha vida como nada mais do que uma égua reprodutora para os demônios.

Minhas mãos estão tremendo quando alcanço a borda da janela e dou um empurrão forte.

Não se mexe.

Empurro com mais força, torcendo para que a janela esteja presa no lugar devido a anos de desocupação do quarto, mas a janela não abre. Só então vejo a pequena trava do lado de fora da janela, prendendo-a no lugar.

Merda, penso comigo mesmo enquanto corro para a próxima janela, tentando abrir aquela também. Repito o mesmo processo indefinidamente, verificando cada janela do quarto e do banheiro anexo, e cada uma delas está bem trancada.

Quando termino, meu coração está quase saindo do peito, o pânico se aproximando quando percebo que a única maneira de sair desta sala é pela porta. Estou tentado a tentar a sorte, mas a única vez que saí sem alguém me escoltando, Kha'zeth nunca ficou muito atrás.

Pelo que sei, ele colocou proteções mágicas que o alertam sobre meu paradeiro na casa. E se não for Kha'zeth quem me encontrar, podem ser as meninas, ou um servo, ou alguma monstruosidade desconhecida. Não estou preparado para lidar com nada disso e certamente não estou em condições de lutar contra um demônio, mágico ou não.

Suspiro, lutando contra a vontade de cair no chão e chorar novamente. Estou cansado de fazer o papel da garota humana chorosa e de ser um prisioneiro onde quer que eu vá, mas só consigo controlar uma dessas coisas.

Volto minha atenção para os vestidos, examinando-os de uma forma desanimada enquanto aceito a verdade da minha situação. *Não há saída para isso*, vem a lenta compreensão. Coloco o vestido mais simples que consigo encontrar, uma camisola de algodão verde suave que atinge minhas panturrilhas, e me sento na beira da cama.

A luz das janelas está diminuindo constantemente e velas mágicas ganham vida ao redor da sala, lançando um brilho quente sobre os vestidos que saem do baú. Ando por um tempo, passando de janela em janela, sempre ouvindo o som de passos ou o giro da maçaneta.

Os segundos passam, cada minuto uma eternidade.

Procuo me manter ocupada, separando os vestidos e guardando-os no guarda-roupa, organizando-os e reorganizando-os de diversas maneiras.

Penso em tomar banho ou tentar fazer algo com meu cabelo emaranhado, mas não quero dar a Kha'zeth, nem a qualquer outra pessoa, a impressão de que estou satisfeito com a situação.

Então sento e espero, o silêncio tão sufocante quanto o pavor fazendo cócegas na minha espinha. O sol se põe no horizonte da cidade, as espessas nuvens de tempestade ondulam e ficam mais escuras a cada minuto, e trovões ressoam ao longe.

Minha mente vagueia em silêncio e não posso deixar de me perguntar como será mentir com Kha'zeth. Imagino que, como os demônios parecem não ter empatia, eles também têm pouca consideração pela ternura ou pela reciprocidade.

Dito isto, no entanto, tenho dificuldade em imaginar Kha'zeth realmente querendo me machucar no cumprimento de seu dever. Talvez seja apenas um assunto tranquilo, mais uma tarefa para ele marcar sua lista de tarefas a serviço do rei.

Não dormi com ninguém além de Toklys. A primeira vez que fizemos amor foi um caso estranho para mim, mas foi doce, e eu não me cansava dele.

Tentar imaginar Kha'zeth no lugar de Toklys em minhas memórias me faz sentir sujo. Toklys está morto por causa dos demônios, e aqui estou eu, pensando em fazer sexo com um. Torço as mãos, sentindo de repente muito frio.

Entro debaixo das cobertas, enrolando a colcha firmemente em volta de mim para combater o frio. Todo o meu choro e preocupação estão começando a me atingir, mas a ideia de acordar com o corpo nu de Kha'zeth pressionado contra mim envia ondas de ansiedade através de mim que mantêm meus olhos bem abertos.

Ele disse para estar pronto esta noite, que viria, mas o céu está escuro há algum tempo e não há sinal dele.

Talvez ele tenha esquecido ou esteja ocupado demais para se preocupar com o nosso acordo. Talvez ele tenha mudado de ideia e decidido que não quer continuar com isso de qualquer maneira. Uma pequena centelha de esperança se instala em meu peito com esse pensamento, dissipando a ansiedade que persiste em meu sistema.

Eu relaxo no abraço caloroso da cama, minhas pálpebras ficando pesadas enquanto reflito sobre todos os motivos pelos quais Kha'zeth ainda não veio ao meu quarto. Talvez ele nem venha; talvez ele concorde em fingir comigo, em me deixar ficar aqui e ser tão livre quanto sempre serei por um curto período de tempo até que o rei fique sabendo da situação e me considere inviável.

Agarro-me a essa esperança enquanto meu corpo cede, caindo em um sono profundo e tranquilo.

KHA'ZETH

EUando pelo meu quarto, meus ombros caindo sob o peso da minha conversa com Natalie. O som de seus soluços ecoa em meus ouvidos enquanto me movo, a imagem de seu corpo pequeno e frágil curvado pela dor nadando diante de meus olhos.

O ataque a Prothea foi necessário, digo a mim mesmo com firmeza, tentando dissipar a crescente semente de descontentamento que está se enraizando em mim. A maneira como sua voz falhou quando ela disse o nome de seu ex-amante ainda permanece.

Devo contar a ela?

O Rei Asmodeus pode ter sido quem sugeriu o ataque, mas fui eu quem o coordenou. Depois que o Rei nos informou sobre a mulher humana com quem ele estava em contato, coube a mim organizar a missão, e assumir uma tarefa tão importante foi motivo de orgulho para mim. Até hoje a noite.

Até que ouvi da perspectiva de Natalie.

Memórias daquele dia passam pela minha mente, as imagens se misturando com o quadro que Natalie pintou para mim quando me contou sua história. Eu me lembrava do ataque com honra, considerando-o um trabalho bem executado, um empreendimento executado com perfeição que rendeu exatamente o que foi prometido. Natalie se lembra disso com horror.

Ela tremia ao contar sobre sangue, lágrimas e lascas de madeira antes de seu amante ser morto por algum gilak sem nome e sem rosto. Sua perda se contorce em meu estômago como se fosse minha.

Minha cabeça gira enquanto tento entender a situação e afundo em uma cadeira próxima com um gemido. Contar a Natalie sobre meu envolvimento na operação poderia muito bem arruinar qualquer possibilidade de eu conseguir cumprir meus deveres. Saber que eu fui o motivo da morte de seu amante, ainda que indiretamente, certamente fará com que ela me odeie.

“Não posso contar a ela”, decido.

Há muita coisa em jogo para nós dois arriscarmos não fazer o que precisa ser feito, e a ideia de tomá-la à força faz meu estômago embrulhar.

Não, ela não pode saber sobre o ataque.

Sou responsável pela segurança dela, e incluí-la no fato de ter coordenado o ataque não geraria nenhuma dessas coisas. Tento me convencer de que não estou tomando o caminho covarde, que é melhor para nós dois assim, mas uma sensação incômoda persiste.

Não sei por que a ideia de ela estar infeliz ou me odiar me incomoda tanto. A imagem dela, repleta de angústia, surge diante dos meus olhos novamente, e eu esfrego as mãos no rosto, tentando dissipar a imagem da minha mente.

Só estou preocupado com o bem-estar dela porque ela é minha responsabilidade enquanto estiver aqui. Não há amor perdido entre nós dois, e esta situação não dá espaço para sentimentos nostálgicos e emocionais. Estou cumprindo meu dever para com meu Rei e meu povo, nada mais.

Minha decisão é baseada na lógica e na razão, não nas emoções.

Velas mágicas ganham vida ao redor da sala, tirando-me dos meus pensamentos. O tempo passou mais rápido do que eu pensava e está quase na hora de voltar ao quarto de Natalie.

Vou até o banheiro, avaliando minha aparência no espelho. Se vou cumprir minhas ordens, o mínimo que posso fazer por Natalie é parecer apresentável.

Passo uma escova em meus longos cabelos prateados, desembaraçando os nós e deixando-os cair sobre meus ombros em uma juba impressionante. A forma como meu cabelo cai faz meus olhos parecerem muito penetrantes, muito assertivos, e só serve para destacar a coroa escura de chifres no topo da minha cabeça. Eu pego a escova de volta, reorganizando meu cabelo em um rabo de cavalo na nuca.

Ter todos os pequenos símbolos em meu rosto à mostra parece muito intimidante, especialmente para Natalie em seu estado atual. Eu não quero assustá-la. Suspiro, jogando a escova sobre o balcão e arrancando meu cabelo da faixa que o segura.

Não tenho ideia do que estou tão preocupado. Já dormi com muitas matronas e, embora nunca tenha dormido com um humano, não consigo imaginar que será muito diferente.

Não há razão para eu estar tão preocupado em agradá-la. Esta é uma tarefa, não um encontro.

Será mais tranquilo se for pelo menos um pouco agradável, digo a mim mesmo, afastando a noção crescente de que poderia haver algo mais por trás do meu comportamento. Não há nada de errado em querer que isso seja prazeroso para nós dois.

Olho para o meu reflexo, me vendo através dos olhos de Natalie. Meus chifres são afiados como navalhas, suas pontas se retorcendo em direção ao céu, seu tom escuro como breu apenas realçado por meu cabelo prateado e minha pele pálida.

Meus olhos são poças negras, sem emoção nos olhos de um humano, sugando toda a luz circundante.

Não admira que ela esteja tão apavorada, penso amargamente, afastando-me do espelho. Natalie é o epítome da suavidade e do calor, com curvas convidativas e feições gentis, enquanto eu sou... bem, um demônio.

Nunca estive tão preocupado com os sentimentos de outra pessoa e isso é exaustivo. Não sou egoísta nem de longe, mas sempre me senti confiante em meus esforços, sexuais ou não.

Tudo isso é um território desconhecido para mim e detesto a incerteza.

Reviro meu guarda-roupa, folheando túnicas e sobretudos. Muitos dos itens do guarda-roupa parecem muito formais e abafados.

Passo mais tempo do que gostaria de admitir, pesando as opções antes de decidir não mudar nada, mantendo minha túnica e calça pretas simples. Pode ser que eu envie uma mensagem errada se eu mudar, e não quero sobrecarregá-la.

Eu me pergunto se ela recebeu o baú que mandei para o quarto dela.

Um dos zonak deveria levar as roupas novas para cima para ela vestir, mas visto que elas são quase totalmente inúteis pela casa, não posso contar com o fato de que ela teria recebido alguma coisa.

E mesmo que o fizesse, talvez não tivesse aceitado o meu presente.

Apesar de todas as suas lágrimas e suavidade, Natalie tem uma tendência teimosa que é difícil de enfrentar. Ainda assim, não posso deixar de imaginá-la com os vestidos que encomendei. Eu não sabia o que ela gostaria e não tinha nenhuma medida para ela além

de uma estimativa aproximada, mas o alfaiate prometeu que serviriam e que qualquer mulher ficaria feliz com a coleção que compilamos.

Olho pela janela e meu coração dá um pulso quando percebo que o sol está bem abaixo do horizonte, as estrelas espreitando através das nuvens de tempestade reunidas.

Há quanto tempo está escuro?

Dou uma última olhada no espelho, passando a mão pelo cabelo antes de sair do quarto e virar em direção à ala oeste. Meus passos ecoam pelos corredores, ameaçadores no silêncio.

Quando finalmente chego à porta de Natalie, respiro fundo e bato suavemente. "Natália?"

Espero um momento, esforçando-me por qualquer tipo de resposta. Meu coração bate mais alto no peito quando bato novamente, me perguntando se ela me ouviu. Quando ela não responde novamente, o pânico se instala e eu abro a porta.

À primeira vista, a sala parece vazia, e meu pulso acelera ao pensar nela tendo saltado por uma janela e se perdido em algum lugar de Ti'lith. Todos os tipos de demônios vagam pelo continente fora da minha mansão, e a ideia de ela ser recolhida antes que eu possa alcançá-la faz meu estômago revirar.

Estou prestes a gritar pelo zonak quando noto uma pequena forma enrolada sob as cobertas da cama, o peito subindo e descendo suavemente. O alívio me invade quando vou até a cama, observando o rosto relaxado de Natalie, em paz durante o sono.

"O que vou fazer com você?" Eu considero enquanto olho para sua figura adormecida. Antes que eu possa pensar melhor, deito-me na cama ao lado dela, deitando-me em cima da colcha creme. Ela se mexe levemente enquanto meu peso muda a cama, e eu congelo, sem saber o que diria se ela acordasse.

Felizmente, Natalie se aconchega na cama com um suspiro sonolento enquanto adormece mais profundamente. Uma parte de mim se pergunta se deveria acordá-la, mas ela parece tão contente, tão destemida, que não consigo imaginar roubar-lhe esse pequeno alívio.

Eu a observo dormir por um tempo, ansioso para estender a mão para tocá-la. Meus dedos pairam hesitantemente sobre seu cabelo por um momento antes de pentear suavemente seu cabelo escuro.

Os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso sonolento ao meu toque, e meu coração incha no peito enquanto acaricio seu cabelo novamente. Estou fascinado pela maneira como o sono suaviza suas feições, como ela fica linda e desprotegida à luz suave das velas.

O cabelo de Natalie é sedoso sob meus dedos, e penso em tocar seu rosto, seus lábios, mas decido não fazer isso – não quero assustá-la. Em vez disso, fiquei deitado em silêncio ao lado dela, vigiando enquanto ela dormia, absorvendo sua beleza radiante.

Ela tem um leve cheiro de terra aquecida pelo sol e de plantas novas da primavera. Inspiro profundamente, incapaz de me cansar deste momento. Dela. Todos os meus pensamentos de dever e lealdade me abandonam enquanto o volume de seus seios sobe e desce, a maneira como seus lábios se abrem enquanto ela sonha.

Eu não posso continuar com isso. Não essa noite.

E a ideia de forçar qualquer coisa nela, muito menos *me forçar* a ela, está fora de questão. Eu quero fazer ela ficar assim. Quero que ela se sinta segura, feliz e à vontade, e que saiba que eu nunca a machucaria.

Aperto mais a colcha em volta dela, e Natalie murmura sonolenta, enrolando-se mais perto de mim, como se soubesse que estou perto. Continuo acariciando seus cabelos com ternura, minha decisão já tomada.

Estarei sempre perto, se ela quiser que eu esteja. Eu *vou* cuidar dela.

NATALIE

EU Saio do sono lentamente, a luz do sol penetrando pelas janelas e iluminando as paredes azul-claras do meu quarto. Pisco contra a claridade repentina, dando-me tempo para acordar.

Não durmo tão bem há séculos, embora tenha certeza de que tem algo a ver com o fato de estar dormindo em uma cama tão bonita e não ter acordado com sons de choro ou de demônios estalando seus chicotes e rangendo os dentes.

Sorrio suavemente para mim mesma, me perguntando se deveria apenas passar o dia na cama, dormindo e lendo, se há algum livro que eu possa ler. Meus músculos estão tensos por causa do sono e estendo os braços, com a intenção de esticá-los quando congelar.

Um braço pálido e musculoso está em volta da minha cintura.

Meu coração pula na garganta e é um esforço conter um grito de surpresa quando olho para trás e encontro o rosto de Kha'zeth a poucos centímetros do meu, sonolento.

Por que diabos ele está na minha cama?!

As lembranças da nossa conversa da noite passada voltam à tona e o terror percorre minha espinha. A última coisa que me lembro é que adormeci sozinho nesta cama. Kha'zeth nunca apareceu para cumprir sua demanda.

Ele subiu para cumprir seu 'dever'? Ele me drogou para que eu não tornasse as coisas mais difíceis para ele?

Minha mente dispara enquanto o medo toma conta de mim. Achei que ele não iria me machucar, pensei que ele não era como os outros, que se deleitavam com o nosso sofrimento. Por que ele faria isso comigo? Fui tolo em baixar a guarda, mesmo quando pensei que ele havia desistido?

Antes que eu possa decidir o que fazer a seguir, Kha'zeth se move atrás de mim, resmungando e mudando de posição. Fico rígido, sem saber o que posso fazer. Eu corro? Eu grito?

E se ele ainda não terminou comigo?

Observo enquanto Kha'zeth acorda lentamente, medo e fúria se misturando. Incapaz de controlar meu temperamento por mais tempo, tiro seu braço de cima de mim e me sento, pressionando as costas na cabeceira da cama enquanto puxo as cobertas até o peito.

"O que você *fez* ?" Eu sibilo para ele. Kha'zeth olha para mim, sem se mover de onde está deitado em cima da colcha, piscando uma, duas vezes.

"O que?" ele resmunga, sua voz cheia de sono.

"Por que você está na minha cama? *O que você fez comigo?*" Minha voz aumenta de tom, mas não consigo me importar. Ele me violou, me drogou ou lançou um feitiço em mim ou algo assim para que eu não acordasse, e ele está se fazendo de tímido?

Kha'zeth balança a cabeça, tendo a coragem de parecer confuso. Quero gritar, quero bater nele ou jogar alguma coisa nele, mas mais do que qualquer outra coisa, só quero que ele saia da minha cama.

"Saia," eu digo a ele, meu tom venenoso. "*Pegar. Fora!*"

Kha'zeth finalmente se senta, uma compreensão lenta surgindo nele enquanto ele olha ao redor da sala. "Natalie, espere--"

"Eu disse para sair!"

"Natalie, apenas escute--"

"NÃO!" Eu grito de volta para ele a plenos pulmões. "Eu não vou ouvir! Você colocou algum tipo de feitiço em mim. Você entrou furtivamente no meu quarto na calada da noite e fez o que queria *comigo* enquanto eu estava inconsciente?"

A boca de Kha'zeth fica aberta de horror e ele estende a mão como se fosse me agarrar. Eu me esquivo de sua mão, rolando para fora da cama e ficando de pé assim que caio no chão.

Minhas costas estão pressionadas contra a parede, meus olhos colados nele enquanto ele sai da cama, levantando-se em toda a sua altura enquanto olha para mim.

Kha'zeth dá um passo em minha direção e meus instintos se manifestam. Jogo um travesseiro próximo nele, na esperança de atrasá-lo enquanto corro para o banheiro. Ouço seus passos atrás de mim quando bato a porta, minhas mãos tremendo quando a fecho.

“Natália! Nada aconteceu!” Ele grita do outro lado da porta.

“Não minta para mim!” Eu grito de volta para ele, lágrimas de raiva caindo pelo meu rosto. “Apenas vá! Me deixe em paz!”

“Natalie, destranque esta porta”, ele rosna.

“Eu disse para sair!” — grito de volta, empurrando todo o meu peso contra a porta. O terror atormenta meu cérebro, meu corpo treme enquanto mantenho a maçaneta no lugar.

“Apenas venha aqui para que possamos conversar sobre isso”, diz Kha'zeth, exasperado e algo como uma súplica colorindo seu tom. Não vou cair nessa, não vou deixar ele me machucar de novo. Não digo nada, mantendo minha postura e acusação.

“Natália?”

Eu permaneço em silêncio.

Não acredito que confiei nele. Não posso acreditar que fui estúpido o suficiente para acreditar que ele pudesse se importar comigo de uma forma doentia e perturbada. Kha'zeth suspira do outro lado da porta, afundando-se contra a porta até se sentar.

“Precisamos conversar sobre isso”, diz ele, parecendo mais cansado do que jamais o ouvi. Eu não respondo, sufocando o soluço que sobe pela minha garganta. Como ele ousa exigir mais de mim, como se o que ele já fez não fosse suficiente?

Eu me recuso a ser intimidado a desistir mais de mim mesmo. Recuso-me a deixá-lo tirar o último resquício de dignidade que me resta. Não vou ceder a esse estratagema.

Kha'zeth fica sentado do lado de fora da porta pelo que parece uma eternidade antes de se levantar novamente. “Vou pedir ao zonak que traga comida para você”, diz ele. Seus passos caem pesadamente enquanto ele se afasta, o som diminuindo quando ouço a porta do meu quarto se fechar.

Um soluço escapa dos meus lábios quando tenho certeza de que ele se foi, e afundo na cadeira, me dando tempo para chorar por causa desse mais novo horror. Quando estou sem lágrimas, preparo um banho quente, querendo tirar essa sensação de mim até que minha pele fique em carne viva.

O som de água corrente ecoa no banheiro enquanto olho para meu reflexo, me preparando para o que estou prestes a fazer. Seria mais fácil fingir que não aconteceu,

agir como se nada estivesse errado, mas sei que tenho que verificar, nem que seja para confirmar por mim mesmo que não estou louco.

Tiro a camisa enquanto me olho no espelho, procurando algum sinal de hematoma, mas não encontro nenhum. Usando as pontas dos dedos, pressiono levemente o pescoço e os braços, verificando se estou sensível ou dolorido em algum lugar, mas, novamente, não encontro nada.

A dúvida começa a surgir enquanto me examino, mas a afasto. Só porque ele não deixou marca não significa que nada aconteceu. Só há uma maneira de saber realmente se ele cumpriu seu dever na noite passada.

Gentilmente, com relutância, pressiono os dedos entre as coxas, verificando se há escoriações ou dores, ou qualquer outro sinal revelador de que fui penetrado.

Não há nenhum.

Não estou dolorido nem machucado. Não há hematomas; não há ternura em parte alguma, absolutamente nenhum sinal de que algo tenha acontecido. Entro na banheira, aquela sensação arrepiante de dúvida arranhando meu estômago.

Repasso na minha cabeça os acontecimentos da manhã, a maneira como Kha'zeth parecia confuso e depois horrorizado à medida que nossa conversa avançava. Algo surge em minha mente e me faz querer afundar na água e nunca mais emergir.

Kha'zeth estava dormindo em cima da cama, não debaixo das cobertas.

Ele estava completamente vestido e eu também.

Uma humilhação escaldante cobre cada nervo, cada célula do meu corpo quando percebo que Kha'zeth estava dizendo a verdade. Ele não me tocou ontem à noite, exceto por passar um braço em volta da minha cintura. Enterro meu rosto em minhas mãos, vagas lembranças de ter meu cabelo acariciado e um corpo quente me segurando voltando à tona.

Não sei por que ele entrou no meu quarto ontem à noite, ou por que adormeceu na minha cama, mas ele não me machucou - ele me confortou.

Ele cuidou de mim e me manteve segura.

Eu gemo, tentada a arrancar meus próprios cabelos de vergonha. Eu fiz papel de idiota e o acusei de ser um monstro quando ele não fez nada de errado. Não sei como devo enfrentá-lo depois disso.

Todo o peso da minha compreensão só pesa ainda mais quando penso no tempo que passei aqui, na casa de Kha'zeth. Ele nunca me disse um palavrão, nunca fez qualquer movimento para me machucar - ele me alimentou, me vestiu e me deu um tipo de privacidade e respeito que nunca experimentei antes.

Ele até expulsou sua própria família de mim quando percebeu que eu estava sobrecarregado e me perguntou sobre minha vida, sobre Toklys, e me abraçou quando eu chorei.

Nunca senti tanta vergonha de mim mesmo em minha vida. Eu finalmente me arrasto para fora do banho, me enxugo e coloco outro dos vestidos mais simples que Kha'zeth me deu, um vestido de seda cor de ferrugem que mal chega ao chão.

Até os vestidos que ele comprou para mim são modestos, penso, para meu desgosto, enquanto passo a escova no cabelo. Não sei como poderia consertar isso, mas acho que posso começar com um pedido de desculpas.

Fiel à sua palavra, Kha'zeth mandou entregar comida em meu quarto, uma grande variedade de frutas e doces em uma bandeja ao lado da minha cama. Minha vergonha só aumenta ao ver isso, sabendo que ele me fez aquela promessa quando eu estava gritando para ele ir embora.

Uma parte de mim não quer nada além de me esconder na cama o dia todo, comendo a comida que Kha'zeth manda e fingindo que nada está errado, mas não consigo ignorar o que é certo.

Preparando meus nervos, desço as escadas para encontrar Kha'zeth e oferecer-lhe o pedido de desculpas que ele merece.

Só espero que ele aceite.

KHA'ZETH

MA magia estala em minha pele enquanto saio da sala, confusa. Esta é a minha casa, estas são as minhas paredes, mas sinto-me perdida ao olhar para a porta fechada do quarto de Natalie. Fico na frente dela, mas ela se recusa a abrir a porta, não importa o que eu diga.

Eventualmente eu desisto.

Seus soluços são tão altos que podem ser ouvidos no final do corredor, onde paro e aperto meus chifres em frustração abjeta.

Eu não fiz nada!

Pelos deuses, esta mulher é irritante. Ela é tão confiante quanto um demônio navalha, e suas emoções mudam tão rapidamente quanto as tempestades elétricas que rugem acima de nós. Num momento ela tem um coração tão terno que chora pela morte de um estranho e se agarra a mim em busca de conforto, e no momento seguinte, ela está me acusando de manipulá-la. De *usá* -la.

Ainda não consigo acreditar que adormeci na cama dela. Por um momento, senti que eu poderia pertencer ao lado dela. Ela sorriu durante o sono e algo apertou meu peito. Eu não suportaria deixá-la. Ainda não. E então minhas pálpebras ficaram pesadas, observando o sonho dela, então...

Por um momento, foi tranquilo segurá-la em meus braços enquanto acordávamos. Eu não sabia que poderia dormir tão bem.

“Chega”, digo a mim mesmo.

Suficiente. Se ela for tão caprichosa quanto as tempestades acima, então poderá ficar com a cama só para ela. Cansei de tentar conquistá-la com gentilezas e palavras gentis. Se algum dos meus companheiros demônios pudesse me ver agora, só posso imaginar como eles zombariam da criatura chorão que me tornei, tentando ganhar a confiança de um humano sobre meus deveres.

Por um momento sombrio, considero tomá-la à força. Se ela vai me acusar de tal coisa, por que não?

É o que qualquer outro demônio faria na minha posição.

Mas o simples pensamento de seus gritos aterrorizados revira meu estômago e a bile queima em minha garganta. Não, não posso ser eu quem lhe causa dor. Já foi bastante difícil vê-la chorar pelos outros. Isso me rasga como uma ferida recente. O que quer que ela possa pensar de mim e da minha espécie, machucá-la assim não é algo que eu possa tolerar.

Posso ver por que o Príncipe falhou.

Que zombaria o tribunal fez dele. Não abertamente, é claro. Ninguém poderia sobreviver a isso. Mas em enseadas secretas, em sussurros. Até eu o considere uma farsa depois de sua fuga da arena com o humano.

Cerro os dentes até que meus caninos afiados ameaçam cortar minhas gengivas, e a dor ajuda a clarear minha mente. É de manhã e tenho outras tarefas.

O humano inconstante deve esperar.

Deixo os pensamentos sobre ela de lado, mas suas acusações chorosas ecoam na minha cabeça quando entro na cozinha. Eu exagerei, dormindo na cama dela? Não foi minha intenção.

Ela veio de algo muito pior, até mesmo em Protheke!

Sou uma tempestade por dentro, passando do arrependimento à raiva no espaço de um instante. Os criados zonak na cozinha devem sentir meu humor porque eles me mantêm bem afastados enquanto eu saio furioso, lançando feitiços e invocando comida. Eu deveria deixá-la morrer de fome até que ela ache adequado ir até a cozinha e pedir perdão.

Mas eu prometi a ela que enviaria.

“Pegue isso.”

Enchi travessas de prata com frutas e doces, ovos e carnes. Eles os carregam para cima, balançando ligeiramente sob o peso da oferenda. É mais do que ela consegue comer, mas talvez eu queira provar algo.

Ela nunca comeu tão bem na vida, tenho certeza disso. Seus ossos afiados são perigosamente proeminentes sob a carne morena e seus olhos são um pouco vazios em seu crânio. O cuidado que demonstrei com ela é tamanho que nem mesmo seu amado amante elfo negro poderia igualar.

Toklys.

Só o nome dele me dá vontade de cuspir fogo.

Pelo menos ele está morto. Mas não consigo nem sentir prazer nisso, por causa dos olhos dela com o coração partido quando ela confessou como um demônio esmagou seu crânio entre as próprias mãos.

Ele deu a ela o quê? Pão?

Posso dar mais a ela. Muito mais. Ela é uma tola por não ver isso.

“Kha'zeth?” Uma voz alta e melodiosa vem atrás de mim. Viro-me para encarar minhas sobrinhas, que parecem ter acabado de acordar. “Este prato desagradou você ou é apenas uma manhã ruim?”

“Ou é o humano?”

“Quem se importa?” Valindra boceja e passa pelos cotovelos de suas irmãs intrometidas, sentando-se na mesa sem sequer abrir os olhos. “Estou morrendo de fome. Kha'zeth, por favor.”

Coloco o prato no balcão de ônix brilhante e volto a andar. “Eu não sou seu servo. O zonak retornará em breve.”

“Mas estou com fome *agora* .” Valindra finalmente abre os olhos e fareja o ar incisivamente. “Parece que você já convocou o café da manhã. Mas para quem?”

Elincia faz uma careta e cutuca minha barriga com um dedo insolente. “Para ele mesmo. Egoísta.”

“Você tem idade suficiente para invocar sua própria comida.”

Tanulia sorri, os dentes afiados. “Você realmente gostaria que tentássemos isso de novo?”

Reprimo um gemido. Eu tive que pedir emprestados servos zonak de outra propriedade na última vez que eles tentaram, e levou dias de feitiços para consertar as paredes, elas estavam tão manchadas de comida. Não sei se o feitiço coletivo deles é tão deficiente ou se foi um ataque proposital à minha residência, mas não estou ansioso para tentar novamente.

Não com tudo o mais acontecendo.

"Multar. Multar." A bandeja bate na mesa e minha magia brilha mais forte que o normal. Demoro mais tempo do que deveria para me concentrar, e a tagarelice fútil deles não está ajudando. "Silêncio por um momento, por favor."

"Só se você prometer convocar-"

"Não." Olho furioso para Elincia e ela sorri de volta. Tudo o que a criança quer são doces. É uma maravilha que ela ainda tenha dentes. "Você vai comer o que eu te der."

Ela quer os doces estilo Protheke que convoquei para Natalie, mas me recuso a ceder a isso. A dieta principal de um demônio é carne, quanto mais sangrenta melhor, complementada com ervas raras e finas da colheita. Desde que os humanos e os escravos elfos negros chegaram, nossas dietas tornaram-se mais corrompidas. Não permitirei isso para os filhos da minha irmã. Eles estão estragados o suficiente.

A carne, farta e crua, aparece na travessa.

Eles olham para mim, desanimados.

Eu os examino, decidida em minha decisão.

Finalmente, Elincia baixa os olhos. Seu lábio inferior treme. Ela estende o utensílio em direção à mesa com a mão trêmula.

"Nós humildemente agradecemos-"

"Tudo bem," eu respondo. Estou rodeado de ingratos. Estalos mágicos furiosos e doces e frutas juntam-se à carne. "Aqui."

As meninas conversam animadas e Elincia sorri para mim enquanto enche o prato.

"Você deve comer carne também ou vou evaporar tudo."

"Sim, Kha'zeth," as meninas recitam em uníssono, pegando a menor porção possível.

Elincia tenta pegar três pastéis, mas sua irmã mais velha arranca o terceiro de sua mão antes que ela possa enfiá-lo na boca.

"Ei!" ela choraminga.

Se eles lutarem agora, acho que posso evaporar a mesa. Meu temperamento tênue está por um fio. Suas vozes aumentam e então sua irmã se junta a eles, apenas para fazer parte do clamor. Fechei os olhos e recito feitiços na minha cabeça, feitiços nos quais não pensava desde que era menino, só para não destruir toda a minha mansão.

Não tenho energia para nada disso. O zonak deveria servir café da manhã, mas eles apenas começaram a limpar o salão principal. Não tenho paciência para explicar-lhes mais uma vez o que implica o seu trabalho. Quando direcionados, eles são bastante eficientes, mas realmente devem ser direcionados em todos os momentos.

E não dá tanto trabalho pegar um prato do armário e enchê-lo de carne.

Naturalmente, quando me sirvo, sinto uma presença no arco. Viro-me para instruir o zonak a começar a limpar a mesa assim que terminarmos de comer, e não durante. Se eu não for claro, é provável que eles fujam com meu prato antes que eu termine.

Mas não é um zonak.

Natalie fica de pé, com as mãos cruzadas na frente dela. Ela lavou o rosto das lágrimas, mas o branco dos olhos ainda está vermelho. Ela demora um pouco para erguer os olhos. Ela veio com um propósito ou está tentando se misturar à parede?

As meninas compartilham um olhar curioso e meus ombros enrijecem.

Ela veio dizer a eles que sou um monstro? Repetir a calúnia de antes na frente das minhas meninas?

Não gostei de ouvir isso da primeira vez e não quero que minhas sobrinhas ouçam. Mesmo que seja meu direito tomá-la como desejo, algo dentro de mim não quer que as meninas suspeitem de mim de tal coisa.

Pressiono as palmas das mãos contra a mesa e me levanto. Cada passo que dou em direção a ela, espero que ela fuja.

Até o zonak da sala ao lado interrompeu o trabalho. Todos os olhos estão voltados para Natalie, não que ela os veja. Ela olha para o chão sem piscar.

"Bem?" Minha voz é áspera. Eu não tento ser gentil. Lixar minhas arestas ao redor dela não funcionou até agora, e desisti de tentar. Sou um demônio e falo como um. "Você vai se juntar a nós ou não?"

NATALIE

Minhas pernas tremem enquanto estou no corredor que leva ao refeitório. As sobrinhas de Kha'zeth conversam alegremente, mas ele permanece rude. Várias vezes lhe pedem mais comida e ele cede, mas sempre com uma palavra dura. Seu temperamento parece ainda pior que o normal.

É por minha causa?

Talvez eu devesse voltar para o meu quarto, mas o zonak me observa com interesse preguiçoso do canto. Eles vão dizer a ele que eu estive aqui e então terei ainda mais para explicar. É melhor acabar com as coisas rapidamente, em vez de deixar minha ansiedade aumentar.

Resolvido, decido pedir desculpas imediatamente, mas assim que dou um passo para dentro do arco real, congelo. Não consigo andar mais. Meu coração martela na garganta e meus pés se recusam a se mover. As garotas demoníacas param de falar imediatamente.

Quanto eles sabem sobre minhas acusações? Eu estava tão alto. Eles me ouviram?

Fecho os olhos e forço uma respiração instável. Deuses, o que eu estava pensando para acusá-lo de tal coisa, mesmo que ele *tivesse* feito isso? Em Protheke, a maioria dos elfos negros teria cortado minha língua por causa dessas palavras. Ou pior.

E este lugar, este mundo estranho e perpetuamente tempestuoso que se assemelha a todas as histórias sussurradas da minha avó sobre um lugar que ela chamava de inferno, não parece ser o tipo de lugar que os humanos são perdoados. O demônio troglodita que me aterrorizou durante meu cativeiro inicial deixou isso bem claro. Protheke já era ruim o suficiente; este lugar é pior.

Não tenho certeza se quero saber o que eles fazem com humanos como eu aqui.

Os ombros de Kha'zeth curvam-se acima do prato e então ele vira a cabeça com chifres. Quando ele me vê, seus olhos negros se arregalam e depois se estreitam. Por um estranho momento, seu rosto parece como se eu tivesse dado um tapa nele.

Ele não me esperava. Não tenho certeza se estou sendo tolo ou corajoso. Talvez fosse melhor permanecer no meu quarto. Lembro-me das pequenas gentilezas que ele me

mostrou. Posso ter jogado na cara dele, mas ele não precisava me tratar tão bem. Talvez ele não me machuque.

Mas ele pode me entregar a alguém que o faça.

O medo e a culpa me fazem tremer de novo, e entrelaço os dedos, tentando esconder meu nervosismo. As meninas sussurram animadamente umas com as outras, mas permanecem sentadas à mesa imponentemente alta.

"Bem?" Seus olhos percorrem meu vestido novo e depois voltam para a mesa com desdém. "Você vai se juntar a nós ou não?"

Sua voz é tão áspera que levo tempo para analisar o significado de suas palavras. E mesmo assim, a princípio acredito ter ouvido mal.

"Desculpe?"

Um movimento de seu dedo faz com que uma cadeira alta e pesada se afaste da mesa repleta de café da manhã. "Se você quiser comer, então sente-se. Não vou deixar você ficar parado no corredor. É falta de educação.

A menina mais nova revira os olhos e a irmã rouba um doce do prato. "Ei!"

"Tem certeza de que está tudo bem?" Ele havia enviado montanhas de comida mais cedo com os criados, mas meu estômago estava tão apertado que não consegui dar uma mordida.

Estou começando a ler melhor suas expressões agora. Quando cheguei, seu comportamento geral era tão assustador que eu simplesmente presumi que ele estava sempre furioso. Mas agora vejo a leve torção em sua testa e a inclinação descendente em seus lábios. Seus olhos negros não são fáceis de ler, mas também não impossíveis.

Ele parece confuso.

"Há comida e você está com fome." Sua testa enrugada ainda mais. "O que há para debater?"

Outra reviravolta no meu estômago. Não a fome. Culpa.

Ainda quero me desculpar, mas não na frente de seus pupilos.

Mais tarde, eu acho. Devíamos ter uma conversa privada.

Fiquei com tanto medo de que ele me machucasse, e tudo o que ele fez foi me enviar comida e roupas novas, e depois me convidar para sentar e comer uma refeição com sua

família. É surreal. Mesmo com Toklys, que me amava, nunca imaginei ser bem-vindo a um jantar com sua família. Era inédito um humano jantar com elfos como iguais.

Um zonak entra na cozinha e pega um prato para mim, e as meninas observam enquanto eu o encho com frutas e doces.

“Por que *ela* não precisa comer carne?” o mais novo choraminga.

“Ela é humana”, Kha'zeth responde.

Olho para a carne em questão, crua e sangrando no prato.

“Os humanos comem carne?” A menina mais velha sorri para mim, e devo estar me acostumando com os demônios, porque seus incisivos afiados já não me intimidam mais. “A propósito, meu nome é Valindra. E esta é Tanulia, e quem está enchendo a cara de doces é Elincia.”

O rosto de Elincia está coberto de açúcar e ela mostra seus dentes afiados para mim.

“Eu como carne às vezes”, digo, tentando ignorar como os olhos de Kha'zeth me encaram enquanto falo. Palavras não ditas pairam pesadamente no ar entre nós, e é um alívio falar de algo alegre em vez disso. “Se estiver cozido.”

“Cozinhou!” Elincia se maravilha. “Posso ver seus dentes?”

Eu engulo e tomo um gole de água. A água deles tem um gosto estranho aqui. Não tenho certeza se é porque foi invocado ou por causa das tempestades acima, mas tem um gosto estranhamente elétrico, como se faíscas na minha língua.

Eu sorrio largamente. Elincia estende a mão para separar ainda mais meus lábios, mas sua irmã mais velha impede sua mão.

“Acho que eles são um pouco espertos”, diz ela, com ceticismo. “Mas há muitos dentes chatos lá.”

“É por isso que ela consegue comer tantos doces”, retruca Kha'zeth.

Não tenho certeza se agora é o momento certo para uma palestra sobre higiene dental humana, mas também não estou ansioso para que o café da manhã acabe. Então falo sobre curandeiros e como os dentes precisam de cuidados. Isso parece agradar inesperadamente Kha'zeth, pois ele lança um olhar penetrante para Elincia e ela cruza os braços, petulante.

“Os dentes são extremamente importantes”, ele concorda. “Se você não pode esfolar a carne de seus inimigos com nada além de seus dentes, o que poderia ser mais vergonhoso?”

Não tenho nada a dizer sobre isso. Em vez disso, dou uma mordida na fruta. Parece algo feito por alguém com alguma familiaridade com a fruta tizret da Protheke, mas tem um sabor excessivamente doce, sem o sabor característico. Isso e o brilho prateado e metálico de sua pele me fazem perceber que ela foi criada por magia, em vez de cultivada.

“Você cria toda a sua comida aqui?” A pergunta me escapa antes que eu pense bem e me encolho. Uma coisa é falar quando se fala com ele, mas fazer uma pergunta a um elfo negro em Protheke provavelmente seria um convite a um tapa forte no rosto.

Mas meus anfitriões não se sentem nem um pouco insultados.

Kha'zeth, surpreendentemente, quase sorri. “Você gosta disso?”

Eu concordo. Quase digo que a fruta é parecida com a de casa, mas me preocupo que ele tenha tentado recriá-la. Não quero dizer a ele que ele falhou.

“Posso aperfeiçoar, se você quiser.” Ele quase parece envergonhado. “Eu queria que você se sentisse confortável, então falei com o soz'garoth familiarizado com o palácio. O Príncipe Rej'thorek solicitou que invocássemos comida para agradar sua companheira humana, Laura.

Laura.

O traidor.

A razão pela qual Toklys está morto.

A razão pela qual me sento à mesa, rodeado de mais comida do que jamais vi em toda a minha vida.

Parte de mim quer fazer mais perguntas, porque não tenho ideia do que é um soz'garoth, ou que magia permite que eles invoquem comida, ou por que um príncipe trabalharia tanto para ganhar o favor de um humano, mas sentimentos confusos paralisam minha língua.

Tanulia afasta o cabelo loiro do rosto e pisca para mim com olhos negros travessos. Os dela são semelhantes aos do tio, mas com brancos ao redor. “Você não gosta dela.”

As outras garotas, sentindo uma fofoca interessante, inclinam-se sobre a mesa. "Você queria o príncipe em vez disso?"

"Não." Minha voz não é afiada, mas é definitiva. "Eu nunca o conheci antes."

Respiro fundo e sorrio para suavizar a palavra, mas Kha'zeth já começou a falar sobre seus vários compromissos do dia, e as garotas me acenam alegremente enquanto se afastam da mesa.

Eles não estão nem um pouco chateados.

Algo em meu peito se desenrola. Há quanto tempo não preciso ser recatado para agradar aos outros? Para permanecer vivo?

Quem sou eu, sem aquele medo constante correndo em minhas veias?

Não sei a resposta para nenhuma dessas perguntas. Tenho medo desde que estou vivo.

Viro-me para Kha'zeth, que mexe em seu utensílio, com um prato vazio diante dele.

Posso me dar ao luxo de falar o que penso aqui ou isso é outro truque?

Nosso olhar compartilhado se trava.

Sei que deveria me desculpar por acusá-lo falsamente de fazer coisas terríveis comigo, mas é difícil reunir coragem. De repente, sinto falta das meninas e da desculpa para conversar sobre coisas mundanas.

As meninas vão para seus quartos, as portas se fecham, e até os criados zonak vão embora depois de limparem a mesa da nossa refeição.

Tiro meus olhos dele e olho pela janela. Não é uma vista pitoresca. O trovão ressoa tão alto que as janelas tremem. Relâmpagos roxos dançam no céu, refletindo a agitação dentro de mim.

Tenho que me desculpar, mas não tenho ideia de como.

KHA'ZETH

NAtalie e eu nos entreolhamos por cima dos pratos, os sons da conversa das meninas desaparecendo à medida que elas vão para seus quartos. Ela não acreditou em mim quando tentei me explicar mais cedo, e não a culpo totalmente, mesmo que suas acusações tenham paralisado uma parte de mim que eu não sabia que existia.

Essa ira familiar ameaça impedir minha capacidade de raciocinar, mas eu a sufoco, não querendo deixá-la continuar a acreditar que eu iria machucá-la ou violá-la da maneira que ela acredita que eu fiz. Não sei o que dizer, o que fazer para que ela acredite em mim.

A verdade da noite passada já é humilhante o suficiente, sem precisar colocar em palavras, mas tenho que tentar, mesmo que ela não esteja disposta a acreditar que um demônio possa possuir qualquer propensão à ternura.

Abro a boca, esperando que, assim que começar a falar, as palavras saiam livremente, mas Natalie me vence.

"Desculpe."

A afirmação é tão chocante que não me ocorre fechar a boca. Fico boquiaberto para ela, sentada em silêncio como uma idiota na minha cadeira enquanto ela olha para as mãos no colo.

"Sinto muito por esta manhã", ela repete suavemente, olhando para mim por um breve segundo antes de olhar para baixo. "Foi injusto da minha parte acusar você disso."

"Não foi injusto", digo, finalmente encontrando minha voz. Eu mantenho seu olhar enquanto seus olhos se voltam para os meus, surpresa e confusão unindo suas sobrancelhas.

"Você acordou comigo em sua cama, sem nenhuma lembrança de como cheguei lá. Na última conversa que tivemos, eu lhe disse que estava vindo para... cumprir as exigências do rei. Foi um salto natural, dadas as nossas circunstâncias, sem falar em tudo que você passou." Eu a observo com atenção, notando o alívio em seu rosto antes de continuar.

“No entanto”, digo lentamente, “eu apreciaria a oportunidade de falar com você com calma antes de tirar conclusões precipitadas na próxima vez que houver um mal-entendido.”

Natalie assente, embora a ruga entre suas sobrancelhas não seja suavizada. “Por que você *estava* na minha cama?” Ela pergunta, incomumente direta. Eu me movo desconfortavelmente, sem muita certeza de como responder a sua pergunta sem parecer totalmente patético.

“Eu me lembrei do nosso... noivado um pouco mais tarde do que pretendia”, respondo, de repente achando um fiapo na manga da minha túnica muito interessante. “Quando cheguei ao seu quarto, você já estava dormindo. Eu bati. Mas quando você não respondeu, fiquei preocupado que algo tivesse acontecido, então entrei.

“Você parecia tão tranquilo, dormindo naquela cama, que eu não queria te acordar. Não sei o que deu em mim”, admito, odiando o constrangimento que cobre minhas palavras.

“Devo ter adormecido.”

Tentando recuperar alguma aparência de dignidade digna de um soz'garoth da minha posição, eu olho para cima, mantendo meu queixo erguido enquanto olho nos olhos dela.

“Peço desculpas por violar sua privacidade. Isso não acontecerá novamente.”

Um pequeno sorriso aparece nos lábios de Natalie enquanto ela sustenta meu olhar, examinando-me com cuidadosa admiração. Ela balança a cabeça pensativamente, seus olhos percorrendo meu rosto como se quisesse julgar a sinceridade de minhas palavras, antes de assentir novamente.

“Agradeço o pedido de desculpas”, diz ela. Suspiro, aliviada por termos chegado a uma conclusão e podermos deixar toda essa bagunça de manhã para trás.

“Podemos começar de novo?” — pergunto, as palavras vindo mais rápido do que pretendo. Natalie ri, o som me lembra água corrente e a forma como uma brisa suave brinca com os galhos das árvores. Ocorre-me que nunca a ouvi rir antes, e não posso deixar de me perguntar quando foi a última vez que ela se sentiu livre o suficiente para fazê-lo.

“Eu gostaria disso”, ela admite, com o riso ainda presente em sua voz. Não consigo evitar o sorriso aparecendo em meus lábios.

“Sou Kha'zeth”, respondo, e o sorriso de Natalie cresce novamente.

“Olá, Kha'zeth. Meu nome é Natalie”, ela sorri, com um brilho provocador nos olhos. Não me preocupo em esconder meu prazer com essa reviravolta, sorrindo amplamente para ela. Nós nos encaramos em silêncio por um minuto, sorrindo como dois idiotas, antes que eu recupere o juízo.

Convoco outro prato de comida, certificando-me de incluir doces e frutas que seriam familiares para Natalie desde seu tempo em Protheke. Ela sorri, pegando outro doce antes de se virar para mim com um olhar curioso.

“Como você faz isso? Convocar comida? ela pergunta enquanto mordisca a ponta de seu pão doce. “Eu nunca vi magia assim antes.”

Dou de ombros, uma pequena onda de orgulho me enchendo com sua admiração. A magia do caos é algo inconstante, mas acho que começar com o básico é a melhor maneira de responder à pergunta dela.

“Eu sou um soz'garoth. Você notará durante sua estada aqui que existem diferentes tipos de demônios, todos com habilidades diferentes e adequados para funções diferentes. Soz'garoths têm uma propensão natural para a magia do caos, alguns de nós mais do que outros,” acrescento brincando, arrancando um sorriso de Natalie enquanto ela revira os olhos.

“Bem, você ainda não respondeu minha pergunta, oh poderoso soz'garoth,” ela brinca de volta, com sarcasmo brincalhão dançando em sua voz. Eu gosto desse lado dela – essa brincadeira fácil e provocadora. Eu me pego esperando que isso perdure durante nosso tempo juntos.

“Você tem que começar de algum lugar,” eu a repreendo gentilmente antes de continuar. “A magia do caos é um tipo de magia instável e extremamente poderoso, muito diferente do tipo de magia que os elfos negros e outros seres exercem. Estas”, afasto meu cabelo, expondo as marcas em meu rosto com mais clareza. “Permita-me controlá-lo e direcioná-lo sem nivelar o ambiente.”

A boca de Natalie se abre, quase certamente para apontar que ainda não respondi à sua pergunta, mas continuo antes que ela tenha a chance de me atormentar ainda mais sobre invocar comida.

“Usar a magia do caos me permite invocar tudo o que desejo, seja comida, armas ou outros objetos. Também me permite realocar, em uma palavra, itens de qualquer lugar que eu quiser.”

“Para onde vão as coisas quando você deseja realocá-las? De onde vem a comida? Como funciona a magia do caos? Natalie recita suas perguntas mais rápido do que eu posso respondê-las, com os olhos arregalados de admiração, uma mão debaixo do queixo enquanto ela se inclina para frente. Reprimo uma risada ao ver o quanto isso me lembra de conversar com as meninas.

“A magia do caos não é facilmente explicada, especialmente durante o café da manhã”, digo a ela. “Mas tudo tem um preço. Tenho que ter cuidado ao gastar minha energia e tomar cuidado para não retirá-la da fonte errada. A comida pode ser convocada de onde já está preparada nas cozinhas, ou posso pegar emprestado os ingredientes de outros lugares e transformá-los no que eu quiser.

“Quando eu descarto isso, ou qualquer outra coisa, vai para onde eu quero. Posso descartá-lo como faria com qualquer outra coisa, enviando-o para outro local neste plano, ou ele pode ir para uma espécie de espaço intermediário, onde posso invocá-lo novamente sem gastar muito poder.”

“Há limites para o que posso fazer, assim como qualquer outra coisa”, continuo. “Normalmente não consigo convocar pessoas ou outros seres sencientes e não consigo ler mentes ou submeter os outros à minha vontade.” O alívio óbvio no rosto de Natalie me fez reprimir outra risada, optando por um sorriso largo. Natalie cantarola pensativamente enquanto examina a comida diante de nós, como se pudesse descobrir de onde ela veio olhando com atenção.

Empurro minha cadeira para trás, me levantando e oferecendo meu braço a Natalie.

“Você gostaria de me acompanhar em um passeio pelos jardins?” Eu pergunto, ansioso para mostrar mais. Não sei de onde vem toda essa confiança, mas o modo como seus

olhos se arregalam de admiração, o quanto ela fica impressionada com os componentes mais simples do meu mundo, me deixa com vontade de mostrar mais a ela.

“Com prazer”, ela responde, sorrindo para mim enquanto entrelaça sua pequena mão na dobra do meu cotovelo. Eu nos conduzo pelas portas francesas para os jardins, absorvendo o espanto óbvio em seu rosto enquanto ela examina o canteiro de plantas cuidadosamente cuidadas.

Natalie estende a mão, passando as pontas dos dedos pelas pétalas de uma topiaria dourada. Ela olha para mim como se pedisse permissão para explorar, e eu aceno, oferecendo-lhe um pequeno sorriso. Ela o devolve antes de largar meu braço, vagando pelos caminhos sinuosos, parando ocasionalmente para tocar ou cheirar várias plantas. Sigo atrás dela, dando-lhe espaço para aproveitar o jardim de uma forma que nunca fiz. Eu nunca pensei em como seria o meu mundo através dos olhos humanos. Todas as coisas que considero mundanas e comuns tornam-se extraordinárias com Natalie ao lado delas. Algo se agita em mim, ao observá-la sorrir e brincar entre os tons metálicos e pretos do jardim.

Mesmo com as expectativas depositadas sobre nós, encontro-me querendo agradá-la. Colho uma flor prateada e cheia de Lolanean de um arbusto próximo antes de ir até Natalie e oferecê-la a ela.

Ela sorri, seu prazer com a flor é palpável. Ela aceita, colocando-o atrás da orelha antes de se apoiar na ponta dos pés e dar um beijo suave na minha bochecha. Atordoada, eu me afasto um pouco, meus olhos encontrando os dela enquanto ela me dá um sorriso doce e tímido.

"Para o que foi aquilo?" — pergunto, sem me preocupar em esconder a surpresa na minha voz. Natalie ri enquanto olha para mim, encolhendo os ombros com um ombro só.

“Por ser tão cavalheiro.”

Sorrio para ela, chocada com a suavidade que um ser humano tão pequeno e frágil pode evocar em mim. Ficamos ali por um momento olhando um para o outro, antes que algo no olhar de Natalie fique sóbrio.

“Eu acho... eu acho que gostaria de tentar,” ela diz suavemente, ainda segurando meu olhar.

"Tentar...?" Eu pergunto, sem entender o que ela quer dizer.

"Tentar. Você sabe, para trabalhar com o que quer que seja... Ela se move entre nós dois.
"-é."

Minhas sobrancelhas se juntam, a preocupação se infiltrando em nossa conversa agradável. Certamente ela não pode pensar que estou fazendo isso na tentativa de conseguir o que quero? Estou prestes a perguntar isso quando Natalie me interrompe.

“E não, antes que você pergunte, não mudei de ideia porque sinto que não tenho outra escolha. Eu sei que você não me forçaria nada. Eu só penso... por que não aproveitar ao máximo a situação em que estamos? Eu sei que você não pode fazer nada a respeito, e eu também não, mas talvez tudo isso tenha acontecido por um motivo.”

Meu choque aumenta quando ela termina, e fico sem palavras enquanto a observo. Natalie morde o lábio inferior nervosamente, quebrando meu olhar.

“Apenas... prometa ser gentil comigo, ok?”

“Claro”, respondo rapidamente, incapaz de me conter enquanto a puxo para meus braços. “Serei tão gentil quanto você quiser”, murmuro, meu olhar caindo para seus lábios enquanto a distância entre nós diminui.

Em vez de responder, Natalie levanta o rosto para o meu, separando ligeiramente os lábios em um pequeno suspiro. Desta vez, entendo a dica e coloco meus lábios nos dela em um beijo suave e prolongado.

KHA'ZETH

EU sinto-se como um filhote novamente.

Desde aquele beijo ardente que Natalie e eu compartilhamos no jardim, há um fogo rugindo em meu âmago, desejo e algo que não consigo identificar pulsando em minhas veias. Prometi ser gentil com ela e estou determinado a manter minha palavra, mas Natalie desperta em mim algo que tornará muito, muito difícil me controlar.

Depois de terminarmos nossa caminhada pelos jardins, acompanho Natalie até seu quarto, prometendo voltar em breve e dizendo que ela terá liberdade sobre a propriedade na minha ausência, embora duvide que ela se aproveite disso com os trigêmeos correndo por aí.

Ao sair, instruo um dos zonak a cuidar dela, dizendo-lhe que ela não deve ser tratada como prisioneira, mas que é uma convidada e deve ser mantida em segurança a todo custo enquanto eu estiver fora. Se ele falhar em qualquer aspecto ou desagradá-la no mínimo, não tenho escrúpulos em matá-lo imediatamente – e digo isso a ele.

Saber que ela está me esperando em casa me faz sentir um arrepio na espinha enquanto a carruagem avança pela estrada. Por alguma razão, Natalie me deixa nervoso – nervoso de uma forma que não ficava há muito, muito tempo.

Sou um doz'garoth poderoso e perigoso, pelo amor de Netia. E aqui estou eu, ansiando e sonhando acordado com uma mulher humana. Mesmo me sentindo tão ridículo quanto me sinto, não consigo me livrar da excitação que sinto pelo que está por vir esta noite.

Nunca compartilhei o mesmo sentimentalismo em torno de meus relacionamentos e sexo, mas seria um tolo se dissesse que essa dinâmica é parecida com meus encontros anteriores, então quero desesperadamente fazer o que é certo com ela.

Preocupar-me com os sentimentos e expectativas de outra pessoa ainda é uma novidade para mim, mas espero que ela perceba que estou tentando. Esta noite precisa ser perfeita. Quero provar a ela que estou falando sério sobre o que disse, que não vou tratá-la do jeito que os elfos negros trataram.

Podemos estar cumprindo as ordens do rei dormindo juntos, mas não quero que ela pense que essa é a única razão pela qual as coisas estão acontecendo do jeito que estão entre nós. Esta noite é minha chance de cortejá-la e, embora me sinta perdido, não quero desperdiçar a oportunidade.

A carruagem para do lado de fora do jardim botânico do rei, um local de convívio favorito dos demônios mais prestigiosos, e sem dúvida onde encontrarei Moraan.

Moraan era o melhor amigo de Drannatha desde que éramos crianças, e mesmo depois da morte de Drannatha, Moraan fez questão de ficar perto de mim e das meninas. Todos os três trigêmeos adoram sua tia M.

Moraan e eu somos bons amigos, embora eu tenha procurado sua companhia e seus conselhos com muito menos frequência desde que Drannatha sucumbiu ao Desvanecimento. Vê-la me lembra muito da minha irmã gêmea e traz à tona memórias dolorosas que são mais fáceis de deixar no passado, mas dada a minha situação atual, não consigo pensar em ninguém melhor a quem recorrer para obter conselhos.

Os jardins botânicos estão vivos com os sons da água corrente e do canto dos pássaros, o espaço encantado pelos mais talentosos dos soz'garoths para ser um farol de poder e luxo em constante floração. Socialites se movem pela flora, matronas espalhadas entre elas em busca de suas mais novas presas.

Aprofundo-me nos jardins, fazendo o possível para parecer o mais inacessível possível. Não tenho interesse na conversa estúpida dos alpinistas sociais e, embora capte o olhar de algumas matronas, mantenho a cabeça baixa, avançando em direção à área de estar.

Vejo Moraan sentada a uma mesa preta ornamentada que parece ter sido elegantemente esculpida em um único bloco de obsidiana, seu vestido dourado refletindo a luz e combinando com as flores ao redor com tanta precisão que ela quase parece fazer parte do jardim. .

Grupos de pretendentes em potencial cercam Moraan, todos disputando sua atenção enquanto ela ri e se abana, seus longos cabelos negros brilhando ao sol da tarde enquanto ela se deleita com a atenção deles. A conversa deles fica em silêncio quando me aproximo, os diferentes machos me avaliam como um competidor.

“Espero não estar interrompendo”, digo, sem querer dizer uma palavra. Moraan vira seus olhos violetas para mim, seu rosto se iluminando de prazer.

“Kha’zeth!” ela exclama, levantando-se para me envolver em um abraço caloroso, para grande desgosto de vários de seus pretendentes ao redor. Eu retribuo seu abraço sem jeito, muito consciente de como os machos demoníacos territoriais podem se tornar parceiros em potencial.

"O que você está fazendo aqui?" Ela pergunta, se afastando para me ver melhor. "Algo está errado? As meninas estão bem?"

“As meninas estão bem”, eu a tranquilizo. “Eu tinha algo sobre o qual queria falar com você. Particularmente.” Moraan não se preocupa em esconder sua curiosidade, um brilho travesso em seus olhos quando ela se volta para seus pretendentes.

“Se me der licença, cavalheiro”, diz ela com uma doçura enjoativa. Todos eles murmuram seu acordo conciso, olhando para ela e se mexendo, mas não fazem nenhum movimento para ir embora.

“Agora,” ela grita com eles, toda a doçura em sua voz desapareceu. Os machos fogem ao seu tom, sábios o suficiente para saber que não devem incorrer na ira de uma matrona. Moraan se vira para mim, todo sorri novamente, e faz um gesto para que eu me sente.

"Então, quem é ela?" Moraan pergunta, indo direto ao assunto. Uma parte de mim fica ofendida por ela me achar tão transparente e finjo ignorância.

"Quem?"

Moraan diz, balançando a mão no ar como se quisesse descartar minha pergunta.

“Venha agora, Kha'zeth. Você não me procura há meses, exceto para me convidar para ir ver as meninas, e então, de repente, você enfrenta os jardins para 'falar em particular' comigo sobre algo”, diz ela, com uma sobrancelha levantada enquanto ela repete minhas palavras.

“A única razão pela qual você faria isso é se houvesse uma mulher envolvida. Então, quem é ela? ela pergunta novamente. As matronas são notoriamente impacientes, Moraan ainda mais do que o resto, por isso, embora eu deteste o fato de ela ter visto através de mim, decido que é do meu interesse não jogar nenhum jogo.

"O nome dela é Natalie," murmuro. Moraan faz um gesto para que eu continue, interesse estampado em seu rosto. "Ela é... diferente."

"O que você quer dizer com 'diferente'?"

"Ela é humana."

Moraan pisca em estado de choque, o silêncio cai entre nós por um momento antes de ela começar a rir. Eu rosno, o calor subindo em meu rosto.

"O que é tão engraçado?" Eu respondo a ela, perdendo a paciência.

"Oh Kha'zeth, um *humano* ? Só que você finalmente cairia de joelhos diante de uma garota mortal boba", ela diz entre risadas, enxugando as lágrimas do canto dos olhos. Moraan suspira como se estivesse se recuperando, antes que seus olhos violetas ficassem ligeiramente sóbrios. "Isso faz parte dos novos pedidos de Asmodeus?"

Apenas Moraan se atreve a abandonar o título de rei em público, sua posição como uma de suas consortes favoritas protegendo-a de qualquer uma das consequências mais graves por fazê-lo. Embora eu duvide que ele goste muito fora do quarto.

Aceno com a cabeça em vez de responder, não estou interessado em mais nenhuma provocação dela.

"Se é apenas parte de seus pedidos, então qual é o problema?" Ela pergunta, percebendo antes que eu possa responder.

"Oh", ela diz baixinho enquanto examina meu rosto, "Oh."

Concordo com a cabeça novamente, não confiando em mim mesmo para tentar colocar em palavras o que estou sentindo.

"Este é um jogo perigoso que você está jogando, Kha'zeth," Moraan murmura, dando tapinhas na minha mão suavemente. "Tem certeza de que este é o caminho que você deseja seguir?"

"Não sei se é algo sobre o qual tenho muito controle", admito enquanto mantenho seu olhar. Moraan acena pensativamente antes que seu comportamento típico e alegre retorne enquanto ela sacode o leque.

"Bem, você sabe como o sexo funciona, então duvido que seja por isso que você me procurou", ela brinca enquanto se abana. "Com o que você precisa da minha ajuda?"

Engulo meu orgulho, tentando não deixar transparecer meu constrangimento.

“Como faço para... conquistá-la?”

“Oh, fácil”, Moraan diz levianamente, balançando a mão livre no ar. “Todas as mulheres são iguais, sejam elas humanas, demônios ou qualquer outra coisa. Tudo que você precisa fazer é ouvir, mas não se curvar.”

“Ouça, mas não se curve?” — pergunto, sem me preocupar em mascarar minha confusão. Moraan assente.

“Leve em consideração o que ela quer e diz, mas não obedeça a todos os seus comandos como um cão de caça”, ela explica em um tom prático, franzindo o nariz em desgosto com a ideia. “Você precisa assumir a liderança e fazer as coisas em seus termos, ao mesmo tempo que honra os desejos dela.” Moraan diz isso como se fosse a coisa mais simples do mundo, mas ainda estou perdido.

Eu rosno, minha frustração tomando conta de mim. “Mas *como*?”

Moraan sorri e revira os olhos diante da minha irritação, claramente gostando de brincar comigo.

“Vocês, homens, sempre tornam as coisas mais difíceis do que o necessário”, ela repreende. “Por exemplo, se você vai dormir com ela em breve, certifique-se de que ela encontre prazer, mas faça isso nos seus termos. Traga-a para sua cama, na hora certa. Ao assumir a liderança e ser firme, mas adaptável, você conquistará o respeito dela.”

“Firme, mas adaptável”, murmuro baixinho, tentando entender as palavras. O sorriso de Moraan só aumenta quando ela me dá um tapinha no ombro.

“Você vai ficar bem”, ela diz com um sorriso, embora um pouco de preocupação ainda permaneça em seus olhos. “Apenas... seja esperto sobre isso. Asmodeus não gosta quando não consegue o que quer.”

Eu aceno, levantando-me.

“Obrigado”, digo enquanto me preparo para sair. Ela balança a cabeça, seus olhos nunca me deixando. “Verdadeiramente, Moraan. Obrigado por tudo.”

Ela sorri tristemente para mim, entendendo o que deixei de dizer, apenas deixando a dor do momento persistir por um segundo antes de me dispensar.

“Agora vá, você está assustando todos os meus pretendentes”, diz Moraan, fingindo a leveza em sua voz.

“Você quer dizer vítimas”, murmuro enquanto me viro, sorrindo com a risada dela por cima do meu ombro enquanto saio dos jardins. A carruagem ainda está me esperando onde a deixei, e eu subo, mais do que pronto para voltar para casa.

Firme, mas adaptável. Acho que posso fazer isso.

NATALIE

EUando pelo quarto azul bebê, mal vendo o que me rodeia.

Por que *diabos* eu concordei com isso?

Talvez tenha sido um momento de fraqueza. Afinal, Kha'zeth estava sendo muito gentil comigo, e ninguém me olhava daquele jeito desde Toklys, sem julgamento ou expectativa. Não sabia o quanto sentia falta daquela ternura, daquele desejo de um potencial parceiro.

Talvez aquela parte inútil e primitiva de mim tenha entrado em ação. No segundo em que me senti segura, fui vestida, alimentada e protegida do perigo, tornei-me novamente uma mulherzinha indefesa e recatada, desesperada por segurança e buscando-a da única maneira que conheço.

Eu só o quero pelo que ele pode fornecer? Estou disposto a vender tudo, minha própria alma, por um alívio desta terra de pesadelo em que agora resido?

Eu gemo, parando diante de uma das várias janelas, e olho para o jardim por onde Kha'zeth e eu passeamos. Ele parece tão doce por baixo de tudo, tão genuíno e atencioso. É tudo um estratagema? Eu joguei direto nas mãos dele?

Nunca estive tão confuso em minha vida.

O tempo passa enquanto espero o retorno de Kha'zeth. Esperar hoje é apenas um pouco melhor do que ontem - pelo menos desta vez conversamos e pudemos falar um com o outro com respeito. Saber que ele prometeu ser gentil acalma apenas um pouco meus nervos em frangalhos. Ele poderia renegar essa promessa no segundo em que estivéssemos sozinhos, e ninguém, muito menos eu, estaria em posição de fazer algo a respeito.

Na verdade, a ferocidade provavelmente seria encorajada pelo rei e pelos outros demônios. Seria interpretado como um entusiasmo pelo rei, pela raça, pelas ordens que recebemos - qualquer dor ou sofrimento que eu pudesse suportar seria visto como uma parte necessária da equação.

Mesmo enfrentando meus piores medos sobre a situação, no entanto, sei no fundo do meu coração que Kha'zeth não me machucaria de boa vontade. Ninguém, nem mesmo

um poderoso demônio soz'garoth, poderia fingir o tipo de sinceridade que vi em seu rosto no jardim.

Você está bem, eu digo, tentando me acalmar entre respirações instáveis. Tudo ficará bem.

Embora o que acontecerá esta noite entre Kha'zeth e eu pese muito em minha mente, as repercussões de ficarmos juntos parecem ainda mais pesadas. Eu deveria carregar o filho dele, um demônio filhote. Se tudo correr de acordo com os planos do Rei, estarei grávida mais cedo ou mais tarde.

A única vez que pensei em ser mãe foi quando estava com Toklys. Sonharíamos com o futuro, discutindo os nomes dos nossos filhos e a casa que construiríamos muito, muito longe da civilização.

Mesmo nesses momentos de desejo, porém, eu sabia que qualquer filho que eu tivesse seria caçado e estaria em constante perigo.

Pelo menos aqui, sei que meu filho estaria protegido. Mesmo que eu não esteja.

Os demônios parecem valorizar seus filhotes mais do que outras raças, talvez por causa de sua raridade, mas a ideia de um filho meu ter a liberdade de tomar suas próprias decisões, de ser educado e criado em segurança e alegria, traz um pequeno sorriso aos meus lábios.

Mesmo a gravidez não seria tão ruim, suponho.

Eu seria protegido, cuidado e Kha'zeth poderia invocar qualquer coisa que eu quisesse. A ideia de ele me bajular enquanto estou com seu filho só serve para ampliar meu sorriso.

Kha'zeth seria um bom pai, eu decido. Afinal, ele tem muita experiência com as garotas e, embora seja certamente um rabugento, qualquer um pode dizer que ele as ama de todo o coração. Imagens de um demônio pálido filhotes com meus olhos e o nariz de Kha'zeth dançam em minha cabeça, e de repente minha situação não parece tão ruim assim.

Uma batida soa na porta e o sangue em minhas veias se transforma em gelo, sufocando efetivamente qualquer um dos sentimentos quentes e confusos que eu estava tendo há apenas alguns segundos. Minhas mãos tremem ao lado do corpo e aliso o tecido macio e aveludado do vestido preto que escolhi para esta noite.

O vestido se ajusta às minhas curvas, o decote roçando meu esterno exposto enquanto eu o reajusto. Minhas costas estão abertas para o ar, a abertura longa e suavemente curva na parte de trás do vestido parando logo acima da minha bunda.

É uma roupa mais bonita e exposta do que qualquer coisa que já usei. Eu esperava que isso me desse alguma confiança esta noite, ou pelo menos confundisse Kha'zeth o suficiente para nivelar o campo de jogo, mas não estou me sentindo muito confiante quando alcanço a maçaneta da porta.

Respiro fundo para dizer olá, mas sinto um nó na garganta quando percebo que a figura na porta não é Kha'zeth, mas um dos zonak atarracados. Antes que eu tenha tempo de me sentir aliviado – ou desapontado – o zonak se curva rapidamente para mim e corre pelo corredor sem dizer uma palavra.

Hesitando apenas por um momento, eu o sigo, lutando para acompanhar seus passos rápidos e me arrependendo da minha escolha de guarda-roupa enquanto tropeço na bainha do meu vestido. Nós giramos e viramos por vários corredores, meu coração batendo mais rápido quando nos aproximamos, esperando encontrar Kha'zeth a cada esquina.

Depois de vários longos momentos navegando pela casa, estou prestes a abrir a boca para perguntar ao zonak para onde exatamente estamos indo quando ele para diante de um enorme conjunto de portas duplas. O zonak dá uma batida forte antes de virar-se e praticamente fugir de volta pelo corredor.

Eu o vejo partir, uma parte de mim está pensando em fugir ao lado dele quando as portas se abrem.

Kha'zeth eleva-se sobre mim, vestido com seu habitual traje todo preto. Fico impressionada com o tamanho e a beleza intimidante dele, e engulo em seco enquanto tento encontrar minha voz.

“Venha,” ele ordena, sua voz baixa e áspera. O brilho em seus olhos envia um arrepio de temida excitação pela minha espinha enquanto eu obedeco, entrando na enorme sala. Tudo foi construído para acomodar o demônio de 2,10 metros, com uma grande mesa de mogno ocupando quase toda a parede e um tapete carmesim de pelúcia com padrões ornamentados sob os pés, completo com uma cama ampla equipada com lençóis de

seda preta. Minha respiração fica presa quando olho para a cama e desvio o olhar rapidamente, voltando minha atenção para Kha'zeth.

Ele fecha a porta com um *baque sólido* antes de se virar para mim. Os olhos de Kha'zeth percorrem meu rosto e corpo, parecendo que ele pretende me comer. O calor se acumula entre minhas pernas enquanto fico ali, com medo e expectativa crescendo em meu estômago. Minha voz está trêmula quando finalmente a encontro. “Você gostou do vestido?”

"Tire."

Meu coração tropeça e não faço nada além de olhar para ele por um momento antes que meu corpo alcance meu cérebro. "Tudo isso?" Deslizo as alças finas do vestido dos meus ombros, deixando o tecido deslizar dos meus ombros e descer pelo meu corpo até meus pés.

Kha'zeth faz um barulho baixo enquanto me observa, um rubor subindo pelo meu pescoço enquanto ele absorve cada centímetro de mim.

"Sim. Tudo isso," ele rosna, seus olhos permanecendo nas roupas íntimas finas de algodão que eu usava por baixo do vestido. Minhas mãos tremem enquanto tiro o sutiã e deslizo a calcinha pelas pernas, saindo delas com os joelhos bambos.

Os dedos de Kha'zeth desabotoam lenta e deliberadamente a gola de sua túnica, seus olhos grudados em mim enquanto ele deixa a túnica cair e começa a trabalhar em suas calças. Meu coração bate descontroladamente em meu peito enquanto meus olhos vagam pela ampla extensão de seu peito e abdômen, saboreando os grossos músculos tensos sob a pele de seus braços enquanto suas calças caem no chão a seus pés.

Engoli em seco meu suspiro diante de sua forma completamente nua. Cada pedaço dele está repleto de graça letal, seus membros são flexíveis e fortes. Kha'zeth não foge do meu olhar, permitindo que eu me sacie enquanto meus olhos descem.

Minha boca fica seca quando percebo o quão grande ele é. É um esforço olhar para seu rosto, a dor profunda em meu núcleo fica mais pronunciada quando encontro seus olhos. Kha'zeth avança como um predador. Não me atrevo a me mover, a respirar, quando ele para diante de mim.

Eu suspiro quando as pontas ásperas de seus dedos deslizam pela minha pele, traçando a curva do meu peito, sua cabeça já escorregadia roçando minha barriga. Kha'zeth encosta seus lábios nos meus, roçando a língua na costura dos meus lábios em pedido e exigência.

Eu me rendo a ele com um gemido suave, inclinando a cabeça para trás para permitir seu acesso enquanto ele provoca os picos endurecidos dos meus seios. Uma de suas mãos cai, deslizando pela minha cintura para agarrar meu quadril com firmeza, me puxando para ele.

Kha'zeth interrompe o beijo mais cedo do que eu queria, recuando o suficiente para olhar nos meus olhos.

“Fique de joelhos”, ele instrui, sua voz sombria de desejo. Eu obedeco, meu coração batendo descontroladamente quando ele coloca minha mão em sua orgulhosa extensão. Meus dedos vagam, acariciando a pele cinza e sedosa. Kha'zeth geme quando eu o toco, sua mão entrelaçando meu cabelo, eletricidade correndo em minhas veias em resposta. Abaixo minha boca até ele, colocando beijos em uma trilha até seu eixo, parando quando chego à sua cabeça brilhante.

“Natalie”, ele murmura, meio que um apelo, ainda uma exigência. Eu o coloco em minha boca em resposta, arrancando um grunhido gutural dele enquanto meus lábios deslizam sobre ele, minha língua roçando sua cabeça. Sua pele é tão macia, mais macia que cetim ou veludo, mas dura como aço por baixo.

Eu me afasto, encontrando os olhos de Kha'zeth enquanto o bombeio, meus dedos firmes contra a parte inferior sensível de seu eixo. Os olhos de Kha'zeth estão turvos de desejo enquanto ele me observa, e uma onda de umidade desliza entre minhas coxas quando noto o poder que tenho sobre ele.

Ele me quer .

Eu arrasto minha língua sobre sua cabeça larga, lambendo a umidade que está ali. O sal dele me deixa faminta, e eu tomo tanto dele quanto posso caber em minha boca, sugando avidamente. Kha'zeth se curva ao meu toque com um gemido, e eu luto contra um sorriso, levando-o garganta abaixo em golpes longos.

Aperto minhas coxas enquanto o trabalho, desesperada por qualquer tipo de fricção enquanto seu aperto em meu cabelo aumenta. Kha'zeth geme de novo, mais alto, e posso ver a coleira que ele mantém sobre si mesmo, esticada a ponto de quebrar. Kha'zeth puxa minha cabeça para trás bruscamente enquanto sai da minha boca.

Luto contra a vontade de fazer beicinho, querendo senti-lo derramar na minha boca e garganta abaixo, mas quaisquer protestos que eu possa ter tido são reprimidos quando ele me pega. Envolver minhas pernas em volta de sua cintura, saboreando a sensação de sua pele nua na minha.

Kha'zeth rosna ao sentir minha umidade deslizar contra ele antes de pegar meus lábios em um beijo reivindicativo, toda língua, dentes e necessidade feroz. Lençóis de seda deslizam contra minhas costas enquanto Kha'zeth me coloca na cama, sem interromper nosso beijo.

Suas mãos percorreram minha pele nua, provocando meus mamilos enquanto ele beijava minha mandíbula e garganta, mordiscando e lambendo enquanto avançava. Eu gemo, levantando meus quadris em direção a ele, implorando para que ele me tome.

Os lábios de Kha'zeth se curvam para cima contra a cavidade do meu pescoço enquanto ele passa a mão preguiçosamente pelo meu torso.

"Por favor", imploro sem fôlego, "Por favor, me toque."

Kha'zeth obedece, passando um dedo lento entre minhas dobras. Eu suspiro com o contato repentino, meus quadris balançando descontroladamente enquanto ele aperta o ponto macio e sensível, esfregando-o entre os dedos enquanto incha.

Ele dá beijos em meu peito enquanto desliza um dedo dentro de mim, persuasivo e terno, embora isso não me preencha o suficiente.

"Tão molhado", Kha'zeth murmura contra minha garganta enquanto bombeia o dedo para dentro e para fora de mim. "Você está sempre tão molhada para mim, Natalie?"

"Mais," eu suspiro, minha mente incapaz de conversar. "Por favor, eu quero você."

"Tão educado," ele diz enquanto retira o dedo, levando-o aos lábios. Observar seus lábios carnudos envolvendo-o, observá-lo me provar, me deixa em chamas.

O olhar de Kha'zeth nunca vacila enquanto ele abaixa a mão para se guiar até mim, provocando minha entrada. Gemo ao senti-lo escorregar na minha umidade,

levantando meus quadris para cumprimentá-lo. Ele empurra para dentro de mim, o alongamento delicioso me fazendo ver estrelas.

Ele é tão grande, muito maior do que eu sei o que fazer com ele. Mesmo sendo a primeira cutucada dele em meu corpo, ainda na metade do caminho, o fogo arde em meu âmago. Kha'zeth treme acima de mim, segurando-se dentro de mim, dando-me tempo para me acostumar com seu tamanho.

Cravo minhas unhas em suas costas, exigindo mais dele sem palavras, me perdendo na sensação de sua força e na pressão crescendo entre minhas pernas. Kha'zeth dá golpes longos e suaves, gemendo enquanto afunda ainda mais dentro de mim.

Não aguento mais, a provocação, a suavidade. Eu o quero – todo ele. Eu movo meus quadris nele, assumindo o controle, gritando enquanto me movo cada vez mais rápido.

“Natalie,” ele diz em meu ombro, seu pau se contorcendo dentro de mim enquanto nos movemos juntos. Estou tão perto, minha liberação se enrola quando ele empurra dentro de mim. Eu estendo a mão, agarrando sua coroa de chifres enquanto nos movemos.

O nó se rompe e minha liberação me inunda assim que Kha'zeth encontra a dele, sua semente me preenchendo tão profundamente que vaza de mim enquanto eu o aperto, gritando de prazer.

KHA'ZETH

Gods, a sensação dela, o *sabor* dela; Não sei se algum dia conseguirei ter o suficiente.

Forço meus olhos a focarem novamente enquanto me recupero da minha liberação, recompondo-me lentamente. Um pequeno gemido me escapa quando saio de Natalie, rolando para me deitar ao lado dela enquanto minha respiração lentamente começa a se estabilizar.

Natalie se vira para olhar para mim, e qualquer coisa que eu estava prestes a dizer fica presa na minha garganta quando olho para ela. Seu cabelo escuro está espalhado descontroladamente no travesseiro sob sua cabeça, suas bochechas estão vermelhas e seus calorosos olhos castanhos ainda selvagens. Ela está mais linda neste momento do que eu jamais poderia ter imaginado.

Já posso me sentir enrijecendo novamente quando um sorriso brincalhão surge em seus lábios.

“Você nunca respondeu minha pergunta,” ela brinca, virando-se de lado para que fiquemos de frente um para o outro. Eu me movo, puxando-a contra meu peito e envolvendo meus braços em torno dela, incapaz de evitar o desejo de tocá-la novamente.

“E que pergunta foi essa?” Murmuro no topo de sua cabeça, dando um beijo em sua coroa enquanto corro minhas mãos sobre suas costas, seus ombros, toda a sua pele exposta e aveludada. Natalie cantarola alegremente sob meu toque, recuando um pouco para poder olhar em meu rosto, seu sorriso nunca vacilando.

“Meu vestido!” ela exclama, irritação brincalhona colorindo sua voz. “O que você achou do meu vestido?”

“Acho que o que aconteceu é evidência suficiente”, respondo com um sorriso. Natalie ri, aninhando-se mais fundo no meu peito. A maneira como sua pele macia desliza contra a minha me deixa em chamas novamente. “Você estava deslumbrante esta noite.” Ficamos deitados em silêncio na minha cama por um tempo, a respiração de Natalie se tornando profunda e uniforme enquanto eu a segurava. Fico admirada com a maneira

como nossos membros se entrelaçam, minha pele cinza-clara contrastando com os lençóis pretos como a meia-noite e o bronzeado quente da pele de Natalie.

Tão diferente, tão estranho e, ainda assim, tão... certo.

Deixo meu olhar percorrer os pedaços dela que posso ver, traçando as linhas de seus pés delicados, subindo pelas panturrilhas até o traseiro exposto. Eu esperava que ficar juntos fosse mais difícil, menos agradável, mas não poderia estar mais errado.

Apesar da estrutura de Natalie, pequena até mesmo para os padrões humanos, ela não hesitou comigo. Na verdade, ela estava entusiasmada, assumindo o controle de seu próprio desejo no momento em que a oportunidade se apresentou.

A memória de seus quadris ondulando sobre mim, a forma como suas mãos agarraram meus chifres tão ferozmente enquanto ela me montava, faz meu pau se contorcer contra ela. É uma maravilha que ela não sinta o mesmo que eu endureço só de pensar nela. A respiração rítmica de Natalie não falha enquanto eu luto comigo mesma.

Ela está claramente cansada e provavelmente dolorida. Cumpri meu dever e completei o que precisava, mas ainda não me sinto realizado. Não sei se conseguiria, quando se trata dela.

Minha masculinidade dói em seu quadril, a ponta sensível roçando sua barriga a cada respiração. Eu sei logicamente que ela está dormindo e deve estar completamente inconsciente do que está acontecendo, mas isso não diminui a tortura de ter tanto dela tão perto.

Perco a batalha comigo mesmo, depositando beijos no topo de sua cabeça, me afastando para poder beijar sua testa, suas bochechas, seu nariz. Natalie sorri sonolenta, murmurando meu nome antes que eu encontre seus lábios nos meus.

Eu só permaneço em sua boca por um momento antes de continuar mais abaixo, salpicando beijos em sua mandíbula e pescoço. "Você está pronto?"

Mordo levemente o ponto sensível entre seu pescoço e ombro, em pedido, e ela desperta com um pequeno ruído gutural. "Você não pode estar falando sério," ela murmura enquanto abre um olho para olhar para mim. Eu emito um sorriso diabólico em resposta, lambendo a dor antes de descer ainda mais para beijar a ponta de seus seios.

“Eu farei com que valha a pena,” eu prometo antes de passar a ponta da minha língua pelo seu mamilo endurecido. Natalie engasga com o contato, formando um arco em meus lábios, e eu sorrio contra seu seio enquanto desenho círculos apertados com minha língua antes de colocar seu seio completamente em minha boca.

Natalie geme enquanto eu trabalho em seu outro seio com a mão, provocando e massageando sua carne macia enquanto arrasto beijos pela parte inferior macia de seu seio e por suas costelas. Não quero nada mais do que me enterrar dentro dela neste momento, mas sou um homem de palavra e, além disso, ela provavelmente precisará de um aquecimento para ajudar a dissipar qualquer dor persistente.

Baixo minhas mãos para agarrar seus quadris, maravilhando-me com os ossos do quadril elegantemente curvados sob minhas mãos enquanto a puxo bruscamente em direção à beira da cama. Natalie grita com a súbita mudança de movimento, e eu reprimo uma risada enquanto me inclino para traçar os ossos do quadril com a língua.

Natalie levanta os quadris para cumprimentar meus lábios, e eu me permito mais alguns gostos dela antes de sair da beirada da cama, ficando em pé. A maneira como Natalie parece deitada na cama diante de mim me deixa quase selvagem.

O desejo nubla seus olhos sob as pálpebras abaixadas, seus lábios inchados e rosados pelos beijos que dei ali. Cada centímetro de sua pele morena está totalmente à mostra, as curvas generosas de seus seios arfando com sua respiração irregular.

As linhas sensuais de sua cintura e quadris arrastam meus olhos ainda mais para baixo, e um ruído baixo ressoa em meu peito quando meus olhos pousam entre suas pernas. Natalie sorri, sabendo muito bem o efeito que está causando em mim, antes de dobrar o joelho e deslizar a perna para fora, expondo a umidade brilhante entre as pernas e se exibindo.

Forço meu olhar de volta para seu rosto, onde seus olhos encontram os meus em desafio, um pequeno e lindo sorriso brincando em seus lábios. Eu caio de joelhos na beira da cama, deleitando-me com a maneira como sua respiração falha quando abaixo minha cabeça entre suas coxas.

Estou dolorosamente consciente de meus chifres, tomando cuidado para manter meu queixo inclinado para cima para evitar espetar sua carne macia com as pontas afiadas de obsidiana. Eu suspiro entre suas pernas, deixando-a sentir o quão perto estou dela. Natalie choraminga, movendo os quadris em minha direção em um apelo silencioso antes de eu passar um braço pela parte inferior de seu abdômen, segurando-a no lugar. Arrasto meus lábios pela parte interna de sua coxa, serpenteando minha língua entre eles e soprando sobre o rastro molhado.

Sua carne se arrepia, suas mãos se retorcem no tecido de seda preta acima da minha cabeça enquanto ela tenta encontrar apoio. Antes que ela possa antecipar o movimento, eu me inclino para frente, lambendo-a da base ao ápice.

O sabor é ainda melhor vindo da fonte. Estou tão duro que dói, e seu choro cheio de prazer só me faz enrijecer ainda mais. Repito o movimento lentamente, demorando-me com ela, lambendo em movimentos longos e lânguidos até que ela fique ofegante.

“Kha'zeth,” ela geme, e eu olho para cima para encontrar seu rosto, incapaz de evitar o sorriso feroz que se estende em meus lábios ao som do meu nome em sua língua. Eu mantenho seus olhos enquanto a lambo novamente, deixando minha língua separá-la antes de prender meus lábios ao redor do botão sensível em seu ápice e chupar suavemente, passando minha língua sobre ele em um ritmo constante.

Os quadris de Natalie balançam sob meu controle, mas eu a seguro com firmeza, recusando-me a ceder e avançar enquanto a trabalho até o limite.

“Eu quero você dentro de mim,” ela ofega, o tom suplicante só me irrita ainda mais. Eu mergulho um dedo em seu núcleo em resposta, bombeando entre suas pernas enquanto continuo chupando, beijando e lambendo cada lugar que sei que a deixa louca. O sabor quente e acolhedor dela dança em minha língua enquanto eu a trabalho, me empurrando muito perto da minha própria liberação.

Os sons de seu prazer ecoam nas paredes do meu quarto, apenas me encorajando a me mover mais rápido nela, acrescentando outro dedo, e depois outro, até que suas paredes os apertem. Natalie se levanta da cama com um grito final, espasmos em volta dos meus dedos enquanto vejo sua determinação se desintegrar.

Eu só lhe dou um momento para recuperar o fôlego antes de estar em cima dela novamente, gentilmente afastando seus joelhos dos meus, dando beijos deliberados ao longo de seu pescoço e peito. As mãos de Natalie voam até meus ombros, suas unhas cravando em minhas costas enquanto eu me abaixo para me guiar.

Eu a cutuco suavemente, sabendo que ela ainda está dolorida de antes e não querendo machucá-la. Natalie geme quando minha cabeça a empurra, e estudo seu rosto embaixo de mim, procurando por qualquer sinal de dor ou desconforto.

Natalie apenas afunda mais os dedos, encontrando meus olhos e oferecendo um pequeno aceno de segurança. Eu me afasto dela quase completamente antes de entrar novamente, me permitindo ir um centímetro mais longe.

Mordo minha língua com força, tentando controlar a liberação que vem em minha direção rápido demais. Nenhuma mulher jamais teve esse efeito sobre mim, e ainda assim tenho que me repreender para durar quando é ela. As coisas que ela faz comigo... Movo meus quadris contra os dela lentamente, suavemente, dando-lhe tempo para se aclimatar ao meu tamanho. Minha mão desliza entre suas pernas, encontrando aquele ponto sensível mais uma vez e esfregando-o em círculos apertados enquanto empurro mais fundo a cada impulso.

Natalie se aperta ao meu redor, seu calor e umidade ameaçando quebrar qualquer controle que tenho sobre mim mesmo. Seus olhos rolam para trás enquanto eu me movo entre suas pernas, meu nome em seus lábios enquanto me movo mais fundo dentro dela, cada golpe me leva mais longe.

Meu clímax se enrola com mais força na base da minha coluna enquanto me movo mais rápido, a estrutura da cama batendo na parede atrás dela a cada impulso. Natalie me aperta, seus dedos se enroscam e puxam meu cabelo enquanto ela faz sons suplicantes e ofegantes em meu ouvido que ameaçam desfazer tudo o que sou.

Desta vez, quando Natalie atinge o auge, eu vou com ela.

NATALIE

EU deitei de lado, o braço de Kha'zeth em volta de mim enquanto eu estava encostado em seu peito. Desenho formas ao longo de sua pele com as pontas dos dedos, observando a subida e descida de seu peito pálido. Esta é a terceira vez na semana passada que acordo abraçada ao seu lado depois de uma noite selvagem.

Estou surpreso com o quão longe chegamos em tão pouco tempo.

Temos passado mais tempo – e noites – juntos e me sinto à vontade com ele. É quase como uma verdadeira parceria – se eu puder fingir que não estou aqui apenas para procriar a pedido do Rei.

Mas Kha'zeth me fez sentir que *é* mais do que isso. Ele me ouve e posso dizer que ele se preocupa comigo a cada toque. Se não o fizesse, não teria me expulsado ontem à noite depois de se fartar?

Ele me trata com respeito, nunca me forçando demais. Ele sempre me faz sentir incrível e, depois de reivindicar meu corpo, ele me limpa e me diz para descansar. Às vezes, me pergunto se ele me deixaria dormir aqui todas as noites se eu pedisse, mas tenho muito medo de nossa situação precária para testar essas águas.

Deixei escapar um suspiro suave.

Minha vida melhorou notavelmente desde que cheguei à mansão, mas isso não significa que posso esquecer as condições a que fui forçado. Posso ter tido sorte com o tipo de demônio que me escolheu, mas isso não significa que todos os demônios desta ilha flutuante sejam como ele.

“Você está pensando muito alto esta manhã.” A mão de Kha'zeth se move suavemente para cima e para baixo em minha espinha, seus dedos percorrendo minha pele tão levemente que me causa um arrepio delicioso. Quero arquear as costas para ele, implorar, implorar para que ele vá mais baixo, mas sei que isso não vai parar o que está pesando tanto sobre mim.

“Natalie”, ele sussurra, e sua outra mão sobe para agarrar meu queixo. Ele levanta meu rosto para olhar para ele. “O que está em sua mente?”

Mordo meu lábio inferior. “Você sabe que sou muito grato pela minha vida aqui, certo?”

Suas sobrancelhas se levantam. “E?”

“Mas nem todos os humanos em Ti'lith são tratados tão bem. Antes de vir para cá, eu estava morrendo de fome e o trolvor não nos alimentava com frequência.”

Seu braço aperta em volta de mim. “Você não é mais assim, no entanto. Eu te alimento bem.

Concordo com a cabeça, apoiando-me em seu peito para olhar melhor para ele enquanto ele desliza a mão do meu queixo até o ombro. “Simplesmente não tenho estômago para viver tão bem quando sei que outros não o são. Você acha que poderíamos trazer comida para os outros?

Kha'zeth passa os dedos pela minha bochecha. “Natalie, não posso fazer coisas assim.”

“Mas você pode invocá-lo do nada! Tenho que dar um pouco para quem realmente precisa.”

Ele desliza debaixo de mim, levantando-se para se vestir. “Posso tratá-lo bem, mas isso não significa que todos os demônios entenderão o porquê. Se eu fizesse algo assim, seria um sinal da minha desaprovação pelo tratamento do rei. Isso poderia me causar problemas, e se eu não estiver nas boas graças do rei, não poderei fazer muito por você, muito menos por todos os outros humanos.

Suspiro, querendo protestar ainda mais, mas ele já está atravessando a sala. Ele para na porta do banheiro. “Vista-se, por favor. As meninas estarão nos esperando.

Uma centelha de fúria acende dentro de mim, mas eu aceno. Eu sei que Kha'zeth não está apenas ignorando os humanos, mas isso não ameniza o golpe.

Fico em silêncio enquanto descemos, mas isso passa despercebido com a conversa dos trigêmeos. Eles estão sempre tão entusiasmados, e uma pontada de tristeza ecoa através de mim quando Kha'zeth estala os dedos e a comida enche a mesa.

Observo cada um dos trigêmeos encher seus pratos com comida que só vão provar, sem sequer ouvir a conversa. Só quando sinto uma mão em meu braço é que sou levado de volta ao presente.

“Natália.” Viro a cabeça para olhar nos olhos escuros de Kha'zeth e naquele nó familiar na minha garganta se formando enquanto ele fala. “Por que você não está comendo?”

Lembro-me dos dias em que ele gritava comigo apenas para comer, mas agora Kha'zeth sabe que não faço coisas sem motivo. “Eu simplesmente não posso.”

Valindra, que está sentada à minha frente, faz uma pausa na refeição. “Há algo de errado com a comida?”

Os outros dois congelam e Elincia quase grita. “Há algo de errado com você?”

Balanço a cabeça, meus olhos ainda no tio deles. Posso ver em sua expressão que ele está me implorando para não começar isso de novo, mas não consigo me conter. Eu me afasto dele, colocando minhas mãos sobre a mesa enquanto olho para Valindra.

“Perguntei a Kha'zeth se poderia levar comida para as outras mulheres humanas. Eles estão morrendo de fome lá e não posso comer se souber que estão com fome.”

Imediatamente, Tanulia se inclina para frente e encara Kha'zeth. “Por que ela não pode?”

Ele passa a mão pelo rosto. “Natalie”, ele geme.

“Bem, eu não vou comer se as outras mulheres não puderem!” Elincia anuncia, empurrando o prato de volta.

Kha'zeth me lança um olhar furioso. “Você vê o que você fez? Você iniciou uma greve de fome quando há comida perfeitamente boa aqui que vai ser desperdiçada.”

“Então deixe Natalie levá-lo para aqueles que precisam.” A voz de Valindra é firme. Ela é sempre a mais sensata. “Nunca conseguiríamos comer tudo, e se nenhum de nós quiser comer até que os famintos o façam, é melhor dar-lhes a comida aqui.”

“Não será desperdiçado!” Tanúlia entra na conversa.

“A menos que você não deixe ela pegar.”

“Apenas deixe ela! Por favor, por favor, por favor, por favor!” Elincia se jogou sobre a mesa, esticando-se para olhar para o tio. “Eles precisam de comida!”

Kha'zeth olha ao redor da mesa, para meu rosto taciturno e a expressão severa de Valindra, e os braços de Tanulia cruzados sobre o peito e os olhos suplicantes de Elincia, e suspira. “Eu não tenho escolha, tenho?” ele murmura, balançando a cabeça.

Finalmente, ele levanta a cabeça para olhar para mim. "Faça as malas e eu acompanho você."

A excitação vibra dentro de mim, e as meninas e eu avançamos para começar a empacotar tudo. Em questão de minutos, tudo está pronto e Kha'zeth recolhe as cestas que não consigo carregar.

Estou praticamente vibrando em meu assento enquanto deixamos a mansão de carruagem, partes iguais de excitação e medo passam por mim. Preocupo-me em enfrentar o trolvor novamente, mas preocupo-me mais em alimentar as outras mulheres.

Como se pudesse dizer o que estou pensando, Kha'zeth estende a mão para agarrar minha mão. "Ninguém vai te machucar enquanto estivermos lá. Você é meu agora."

Uma emoção toma conta de mim quando ele diz "meu", embora não devesse. Eu sou posse dele, nada mais aos olhos de sua espécie, então me forço a concordar. "Eu sei."

Isso não desacelera meu coração quando chegamos. Posso ver as figuras iminentes dos guardas trolvor, seus crânios se projetando com rosnados estampados em seus focinhos. Eu me inclino para Kha'zeth enquanto nos aproximamos deles, mantendo a cabeça erguida, e ele passa a mão pela minha espinha em busca de apoio.

Ninguém nos impede quando nos aproximamos e, com a mão quente de Kha'zeth em minhas costas, consigo passar pelos guardas sem mais do que um estremecimento. Mantenho os ombros para trás e a coluna reta enquanto desço até onde estão as células, sentindo-me orgulhosa de como estou me segurando – e surpreendentemente segura.

Mas, ao chegarmos ao chão frio onde passei muitas noites, avisto as celas que antes mantinham as mulheres do meu acampamento em Protheke.

Eles estão todos vazios.

Eu ainda inclino a cabeça para olhar para Kha'zeth. "Onde eles estão?"

Meu coração aperta dolorosamente. Já foram todos distribuídos? O rei decidiu abandonar seu projeto favorito? O que está acontecendo?

Kha'zeth se vira, caminhando em direção ao guarda na base da escada. "As mulheres", ele late em um tom que me faz estremecer. Faíscas azuis dançam nas pontas dos dedos

como se ele precisasse lembrar a esses demônios o que ele pode fazer se eles não lhe disserem o que ele quer saber. "Onde eles estão?"

"O rei deu-lhes outras acomodações."

Minha pele se arrepia com a maneira como ele diz isso e, antes que eu possa me conter, deixo escapar: — Podemos visitá-los lá?

Os olhos do trolvor deslizam lentamente de Kha'zeth para mim, e a diversão que dança em seus olhos me deixa enjoado. "Não."

"Bem, porque não-"

Kha'zeth me segura pela cintura e me puxa em sua direção. "Nós iremos então."

Ele me conduz escada acima e eu olho para ele. "Quero saber onde eles estão."

"E ele não vai nos contar", ele sibila. "Tudo o que você está fazendo é provar o quanto isso é importante para você, o que lhes dará munição contra você. Você tem que ficar calmo diante de demônios como esse."

Suspiro e, com isso, toda a energia parece esgotada de mim. Apesar de todas as minhas tentativas, não consegui ajudá-los, e isso dói muito.

"Serei capaz de ver meus amigos novamente?" Pergunto baixinho quando estamos quase de volta à mansão.

As sobrancelhas de Kha'zeth estão unidas e ele não está olhando para mim. Nem tenho certeza se ele me ouviu, e deixei o silêncio tomar conta de nós. No momento em que estou tirando esse pensamento da cabeça, ele responde: "Vou falar com alguém que possa ajudar".

E apesar de minha mente tentar alertar, meu coração floresce de esperança.

KHA'ZETH

NAtalie parece desanimada enquanto sobe os degraus, e isso faz meu coração doer. Tento engolir a sensação, mantendo meu rosto neutro até que ela desapareça de vista.

Ver aquelas celas e o quão tensa Natalie ficava perto dos guardas trolvor me impressionou profundamente. Isso me lembrou de como ela estava magra e suja quando veio até mim. Não que ela tenha ganhado muito peso em uma semana, mas suas bochechas estão mais coradas e não parece tão frágil a ponto de uma rajada de vento errante poder derrubá-la.

É difícil não querer ajudar quando me apaixonei tanto por ela, e se ela está tão apaixonada por querer alimentar as outras mulheres, então vou encontrar uma maneira de fazer isso acontecer.

Só conheço um demônio que pode ter influência suficiente para ajudar.

Viro-me, saindo da mansão novamente, e desta vez vou na direção oposta. Já moro a uma boa distância do centro da cidade, mas esse demônio valoriza sua privacidade mais do que a maioria, e deveria. Com sua nova pequena família, um segredo surgindo com a notícia de sua companheira humana circulando, não o culpo por tentar ficar longe do alcance de seu pai.

Chego em questão de minutos e, por isso, estou feliz. Acho que não conseguiria aguentar mais esperar. O rosto de Natalie continua piscando atrás dos meus olhos, e não consigo suportar a expressão quebrada em seu rosto quando a afastei das celas.

Eu tenho que consertar isso.

A porta se abre depois de uma batida rápida e eu sorrio para o Príncipe. “Príncipe Rej'thorek.” Eu me curvo ligeiramente. “Peço desculpas por ter vindo à sua casa sem avisar.”

Rej'thorek acena para mim, descartando minhas desculpas com um aceno de cabeça nobre. “Íamos apenas nos retirar para os jardins. Junte-se a nós.”

Eu sigo atrás dele. Já estive na casa do Príncipe algumas vezes e sempre me senti vazia. Ele tem empregados, sim, mas fora isso tem sido impecável e silencioso. O próprio

Rej'thorek não é conhecido por sua hospitalidade ou natureza descontraída, então quando vejo como ele parece relaxado e como ele me recebe facilmente, fico confuso.

A sensação só aumenta à medida que entramos em seus jardins privados. Há uma mulher humana sentada no chão e na frente dela, para minha surpresa, está um jovem demônio que parece idêntico a Rej'thorek. Parece que o boato de que o Príncipe salvou seu irmão mais novo da ira do Rei é verdadeiro.

Ao lado da mulher está um demônio que reconheço como amigo do Príncipe. Não me lembro do nome dele, mas ele fica à vontade entre a mulher e o pequeno demônio esquecido.

Quando a mulher inclina a cabeça para trás, com um enorme sorriso no rosto, ele escurece ligeiramente enquanto seus olhos se movem do Príncipe para mim.

“Laura,” Rej'thorek diz com mais reverência do que eu imaginava que ele poderia reunir. “Este é Kha'zeth. Kha'zeth, esta é minha companheira, Laura.”

Inclino minha cabeça para ela. “É um prazer conhecer você.”

“Você também.” Ela se levanta, seus olhos me avaliando, mas eu desvio meu olhar dela quando o Príncipe começa a falar novamente. Estou muito curioso sobre sua companheira, mas vou guardar todas as minhas perguntas para mim mesmo – por enquanto.

“Acredito que você conhece Thonir”, continua Rej'thorek, e eu aceno. Ele me dá uma leve inclinação de cabeça, reconhecendo meu status mais elevado, e eu dou a ele um movimento de minha cabeça. “E este é Akos.”

O Príncipe não dá mais informações sobre o pequeno ex-príncipe e eu não pressiono. Eu apenas me abaixo, sorrindo para ele da mesma forma que faria com minhas sobrinhas e digo: “Oi, Akos. Eu sou Kha'zeth.”

Ele olha para mim sem medo. Seu olhar se dirige para Rej'thorek por um segundo, e eu o vejo acenar para o garoto antes de Akos dar um passo à frente. “É um prazer conhecê-lo, senhor.”

Eu tenho que segurar minha risada. Ele é adorável e isso me enche de uma estranha saudade. Por mais que eu ame minhas três filhas, gostaria de saber como seria criar um menino como se fosse meu.

“Akos”, diz Laura, e o demônio gira em sua direção, correndo para o lado dela. “Vamos para os jardins, ok? Acho que seu irmão pode precisar de algum tempo sozinho.”

O menino olha para Thonir. “Você também?”

Em uma exibição incomum, ele salta em direção ao pequeno demônio, caindo em seus braços enquanto ele ri. “Eu também. Vamos, Laura.

Eu fico olhando para eles. Eles se encaixam muito bem e são realmente uma pequena família. Quando me viro para olhar para o Príncipe, ele os observa com admiração. Posso ver o desejo em seus olhos, e não há como negar o quanto ele se importa com sua companheira.

Eventualmente, ele se vira para olhar para mim, e a luz em seus olhos diminui visivelmente. “Ouvi dizer que você tem seu próprio humano agora, Kha'zeth.”

Concordo com a cabeça, vendo o rosto dolorido de Natalie em minha mente novamente. “Eu faço. Natália. Ela é um pouco mais moderada do que a sua Laura, que, aliás, é adorável.

“Laura nem sempre foi assim. Ela ganhou vida aqui, no entanto. Ele me dá um olhar conhecedor. “Tenho certeza que sua Natalie também vai. Dê-lhe tempo.

Meu coração se enche de ideia de ver Natalie brincando com os trigêmeos e à vontade no meu dia a dia. Ela já está mais confortável com todos nós, mas não é tão cheia de vida quanto Laura. Espero vê-la desfrutar verdadeiramente da minha companhia um dia.

Percebo que esqueci de responder e balanço a cabeça, voltando minha atenção para Rej'thorek. Ele está me observando com atenção e não sei o que pensar da expressão pensativa em seu rosto.

“Ela pode, mas seu coração está pesado pelos outros.” Reprimo um suspiro quando me viro para ele. “Ela se preocupa com seus amigos. Levei-a para vê-los hoje e eles não estavam mais lá. Ninguém me disse para onde eles foram transferidos.”

O Príncipe apenas acena com a cabeça. “Meu pai e seus segredos.” Seus olhos estão voltados para onde Akos desapareceu.

Preocupo-me com a possibilidade de ele deixar as coisas aí e não quero que as preocupações de Natalie sejam deixadas de lado dessa maneira. Eu pressiono para

frente. “Não consigo imaginar que estejam sendo tratados melhor, não que possa ficar muito pior do que aquelas células. Certamente, você viu onde eles estavam sendo mantidos? As condições são insustentáveis. Não sei como ele espera que qualquer um deles seja viável em condições em que são tratados tão mal.”

Normalmente, eu não falaria contra o rei dessa maneira. Não confio em ninguém, especialmente num príncipe. Mas com sua companheira humana e seu irmão secreto, suspeito que Rej'thorek não me atacará por me manifestar contra as condições que o Rei está fornecendo.

“Meu pai pensa muito pouco nos humanos. Eles são uma ferramenta que ele pode usar, e isso é tudo. Alimentá-los, cuidar deles, sustentá-los... é estranho para ele. Ele não consegue imaginar dar-lhes acomodações verdadeiras enquanto eles estão sendo criados como criadores.”

"Talvez você pudesse falar com ele, então?" arrisco. “Se você concorda que as condições são ruins, então talvez você possa convencê-lo a melhorá-las.”

A risada repentina de Rej'thorek me pega desprevenida, e eu me viro, tentando determinar o que ele acha tão engraçado. Ele balança a cabeça, agarrando meu ombro enquanto esfria. “Oh, Kha'zeth, você teria mais chances do que eu.”

Eu olho para ele, perplexa. Não sei como responder a isso e, enquanto ele se recupera totalmente, percebe a expressão em meu rosto. “Certamente, você já ouviu falar?” O Príncipe levanta uma sobrancelha. “Meu pai não tem sido particularmente receptivo comigo desde que tomei Laura como minha companheira.”

Isso me deixa surpreso. “Ele não está feliz por você ter levado um humano? Achei que ele ficaria emocionado.

Emoção por não conseguir colocar nuvens no rosto de Rej'thorek. “Laura não é o que meu pai queria.” Isso me atinge então. Laura não produziu para ele um herdeiro e, com base no aperto de sua mandíbula, ela não pode e o rei é insensível a isso. “Ele diz que me esquivei dos meus deveres ao escolhê-la e, portanto, não me levará a sério como príncipe. Receio que quaisquer tentativas que eu fizer serão ignoradas.”

Isso pesa muito sobre mim, mais do que eu esperava. O Príncipe claramente adora sua companheira, e isso ressoa dentro de mim. Quero que Natalie seja tão feliz e, embora

ainda queira vê-la carregando meu filho, está começando a ser por um motivo diferente do que cumprir as ordens do rei.

“Lamento ouvir isso”, murmuro, e as palavras soam tão sinceras que me chocam. Não me lembro da última vez que tive uma conversa tão crua com alguém.

Muitas vezes enterro minhas emoções, mas ver tudo o que tenho lutado refletido no rosto de Rej'thorek me faz querer ser mais sincero. Não esperava que Natalie mudasse a maneira como me sinto, que fosse capaz de me desgastar em tarefas como essa só para fazê-la feliz, mas o Príncipe sabe como é se sentir assim.

E ele está sendo punido por isso.

“Visite o Mestre Cão.” Sua voz corta meus pensamentos. “Ele está em melhores condições com o rei no momento.” A voz de Rej'thorek está tensa quando ele diz isso, mas não pressiono. Seu companheiro está andando pelos jardins e seus músculos relaxam, um sorriso flutuando em seu rosto. Decidindo que já interrompi o suficiente do seu tempo, aperto seu ombro.

"Eu vou. Obrigado pela ajuda. Eu vou sair.

"Boa sorte com sua busca." Rej'thorek me lança um olhar divertido. “E boa sorte com sua mulher.”

Eu rio enquanto me viro, andando pela casa dele e saindo pela frente. Eu realmente espero que o Hound Master possa ajudar. Quero desesperadamente fazer Natalie feliz.

Quero que ela olhe para mim como Laura olha para seu príncipe.

NATALIE

EU desmoronar logo após a partida de Kha'zeth. Acho que ele não sabia que eu estava ouvindo, mas senti seus olhos em mim enquanto subia os degraus e ouvi quando ele se virou para sair sem dizer uma palavra.

Eu estou faminto. Não comi o dia todo e, apesar da greve de fome que inspirei, preciso de um pouco de comida. Além disso, eu havia conseguido tecnicamente o que queria. Kha'zeth tentou me levar para ver as outras mulheres.

Descendo as escadas, só consigo sorrir quando encontro os trigêmeos na cozinha, retirando comida que estava guardada nos armários. Elincia me vê primeiro e congela com um doce na boca.

Ele cai no chão e ela imediatamente parece culpada. Eu só posso rir.

“Você pode comer”, digo a ela, chegando mais perto. “Eu só estava vindo buscar alguma coisa.”

“Íamos montar uma colcha na sala de estar”, Valindra me conta. “Você é mais que bem-vindo para participar. Adorariíamos saber como foi.”

Com suas palavras, meu coração afunda e me lembro novamente de como não fiz nada importante. Não sei o que aconteceu com meus amigos e não posso ajudá-los.

Não tenho certeza se eles veem isso no meu rosto, mas Tanulia, sempre quieta, passa o braço em volta dos meus ombros e me guia até a sala de estar. Os outros dois já estão preparando a comida que foi embalada hoje de manhã, e vejo algumas sobras da noite anterior. Honestamente, eu não sabia que alguma comida estava guardada. Eu meio que pensei que Kha'zeth simplesmente fazia toda a comida aparecer e desaparecer.

Graças aos deuses esse não é o caso ou seríamos todos infelizes agora.

“Então,” Elincia começa enquanto enche a boca. “Todos estavam tão entusiasmados com a comida?”

Ela não pareceu perceber minha mudança de humor como sua irmã, mas Valindra aperta seu ombro. “Elincia,” ela sussurra antes de voltar seu foco para mim. “Natalie, está tudo bem?”

Balanço a cabeça, olhando para o meu colo. Tanulia ainda está sentada ao meu lado, sem me tocar, mas oferecendo apoio e eu agradeço isso. “Eles foram transferidos e não sei para onde. Kha'zeth saiu sem dizer uma palavra.” Solto um longo suspiro, me perguntando o que o deixou tão nervoso. “Mas estou realmente preocupado com eles. Quero ajudá-los e ninguém vai me dizer onde estão para que eu possa vê-los e ter certeza de que estão bem.”

Tanulia aperta meu ombro e Elincia salta para frente. “Nós os encontraremos!”

“Tenho certeza de que Kha'zeth será capaz de mexer os pauzinhos para você”, Valindra me garante. “Ele é muito engenhoso. Apenas confie nele e você verá seus amigos em pouco tempo.”

Concordo com a cabeça, mas meu coração ainda dói. Dói-me engolir esta incerteza, sentar e esperar quando não sei o que todo mundo está passando.

"Aqui." Tanulia está tão quieta enquanto coloca um prato cheio de comida em minhas mãos. A calma simplesmente irradia dela. "Você precisa comer."

Eu olho para ela, depois para os outros dois. Eles são tão jovens e, ainda assim, estão aqui, ajudando-me a carregar esse fardo até que seu tio retorne. “Obrigada”, digo a eles, minha voz pouco mais que um sussurro enquanto a emoção aperta minha garganta.

"Sim! Comer!" Elincia já está enchendo a cara de novo. “Kha'zeth é muito bom em coisas assim. Ele é super bom com sua magia. Foi por isso que o rei o escolheu para ajudar no ataque a Prothea. Ele poderá encontrar seus amigos.

Eu congelo, meu sangue gelando em minhas veias. “K-Kha'zeth, ele ajudou na invasão?”

Tanulia olha para a irmã mais velha e depois para mim. Nenhum deles parece saber o que pensar quando minhas mãos começam a tremer. É claro que Elincia não achou que o comentário passageiro teria tanta importância. Na verdade, o objetivo era me tranquilizar. Mas em vez disso, sinto-me abalado, meu mundo abalou.

“Ele é um soz'garoth poderoso”, Valindra finalmente diz.

"Sim! Tão poderoso. Como esta comida. Eu amo como ele evoca isso para nós. Ele pode encontrar as melhores iguarias. Se você tiver um desejo, basta dizer a ele, e ele vai..." A

conversa incessante de Elincia se transforma em um zumbido suave em meus ouvidos, e isso faz minha cabeça doer.

“Claro”, murmuro, minhas mãos movendo o prato do meu colo. "Com licença. Eu só preciso de um pouco de água.

Posso sentir olhos em mim, mas nem sei de quem são quando saio da sala de estar. Elincia ainda está falando monotonamente e ouço Valindra responder em algum momento. Além de seus tons distintos, abafei todas as palavras.

Minha respiração está ofegante enquanto revivo a declaração chocante repetidamente. Kha'zeth esteve envolvido no ataque. Ele foi escolhido para ajudar. Ele é parte da razão pela qual estou aqui.

Ele é parte da razão pela qual Toklys está morto.

Não, ele é o motivo.

Um arrepio percorre meu corpo quando a dor me atinge novamente. Toklys morreu defendendo o acampamento, *me defendendo*, e foi mortal saber que ele não só perdeu a vida por minha causa, mas também que compartilhei a cama com seu assassino.

Estendo a mão, pressionando-a contra a parede em um esforço para me equilibrar. A náusea me invade. *Eu me entreguei a Kha'zeth. Confiei nele partes de mim que só deixei Toklys confiar.*

O que eu fiz? Desonrei meu amor, um elfo negro de verdadeira honra e generosidade. E para quê? Para um demônio que foi forçado a me levar, a me criar, e por acaso ele foi gentil o suficiente para me alimentar?

Outra onda de náusea me atinge. *Kha'zeth sabe?*

Fico doente ao pensar que ele me ouviu chorar. Ele me abraçou e me consolou enquanto eu lhe contava sobre minha dor, sobre algo que *ele* causou, e ele não disse nada. Ele deixou isso me consumir e nunca foi honesto comigo.

Pressiono a mão na boca. Eu posso estar realmente doente.

Kha'zeth matou Toklys pessoalmente?

A bile queima no fundo da minha garganta só de pensar, porque, embora eu estivesse lá, não tenho certeza. Lembro-me do demônio que arrombou a porta, viajando com meu amante elfo negro, e não posso realmente dizer que não foi Kha'zeth.

Eu sei que como um feiticeiro poderoso, Kha'zeth teve um grande papel no ataque. Sem ele, há uma chance de Toklys ainda estar vivo. Mas o pensamento de que ele era o demônio que matou meu amor—

Eu tenho que sair desta casa. Preciso de ar fresco e cabeça limpa antes de perder a cabeça. Já estou à beira das lágrimas e não sei quanto mais desses pensamentos intrusivos posso aguentar.

Meus pés vão em direção ao jardim sem um pensamento consciente, mas congelo quando isso me atinge. Eu me apeguei aos jardins e adoraria o ar fresco que eles proporcionam, mas sei que quando estou lá, só penso em Kha'zeth.

Essa é a última coisa que preciso agora.

Mas não há alternativa. Estou na casa dele, sem ter para onde ir. Eu não posso ir embora. Não consigo fugir deste lugar onde a presença dele está em toda parte, e envolvo meus braços em volta do peito, minha respiração acelerada.

Estou parado no corredor, tentando respirar o suficiente para não desmaiar, embora esteja ficando mais leve a cada segundo, e tudo que posso ouvir é a respiração ofegante quando a traqueia de Tokly foi esmagada.

Minha mente é um turbilhão de lembranças que não quero, desde seu rosto sorridente até seus gritos para segui-lo naquela noite. Tudo isso me deixa doente, e eu me viro, tentando descobrir para onde vou que será melhor do que aqui, porque tenho que sair daqui—

“Natália!”

Eu estremeço, a voz de Kha'zeth me tirando dos meus pensamentos. Ele vira a esquina, sorrindo amplamente, e quase comecei a chorar olhando para ele.

"Tenho boas notícias!" Seus pés ficam lentos enquanto ele me observa. "Natalie?"

Ouvir minha voz vindo dele me desfaz. É mais simples do que pensei que seria, e me viro, fugindo para o único lugar que consigo pensar: os jardins.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto atravesso a casa e um soluço sai da minha garganta. Basta uma olhada em Kha'zeth e estou perdido. Tudo o que posso perguntar é *se ele fez isso, ele fez isso, ele fez isso?*

Isso está me comendo vivo, e o pior é que não posso perguntar a ele. Se ele me disser não, não acreditarei nele. Ele escondeu a verdade de mim antes, sabendo o quanto o ataque me custou. Ele me segurou enquanto eu chorava por alguém que ele tirou de mim.

E se ele disser que sim...

Saí correndo, o ar fresco me banhando e eu respiro fundo sem diminuir a velocidade. Não vou esperar perto da mansão até que Kha'zeth me encontre. Preciso de distância entre ele e eu. Meu cérebro ainda está girando e preciso desesperadamente colocar meus pensamentos em ordem antes de enfrentá-lo.

Corro até meus pés não aguentarem mais e minhas pernas trêmulas cederem. Caio de joelhos, lágrimas encharcando minha pele enquanto grito, e despejo toda a angústia que cresce dentro de mim.

Eu não posso acreditar nisso. Não acredito que ele fez isso.

E o pior é que quero odiá-lo por isso.

Mas por alguma razão, não posso.

KHA'ZETH

EU estava tão ansioso para ver Natalie depois de passar metade do dia fora, e nada menos que com boas notícias! Mas quando chamei por ela no corredor e ela se virou para olhar para mim...

Nunca vi alguém parecer tão angustiado e enojado ao mesmo tempo. Mesmo quando nos conhecemos, Natalie nunca olhou para mim daquele jeito. Ela pode ter ficado com medo, sim, mas nunca pareceu tão magoada ao me ver.

Então, ela se virou, correndo pelo corredor antes que eu pudesse processar o quão terrivelmente errado tudo tinha dado enquanto eu estava fora.

Elincia espia para fora da sala de estar no corredor, olhando para onde Natalie acabou de ir, e então vira a cabeça para me encarar. Imediatamente, a culpa e o pânico passam por seu rosto, e meu estômago dá um nó.

O que eles fizeram?

Eu avanço, mas antes de chegar lá, as três garotas saem correndo, praticamente subindo umas nas outras para chegar até mim.

"Eu não sabia--"

"Você deveria saber--"

"Não, eu simplesmente não pensei--"

"Bem, agora ela está chateada--"

"Pelo menos não fui eu--"

"Eu só queria comer alguma coisa--"

"Silêncio!" Não consigo nem acompanhar as frases sobrepostas, e a magia do caos estala no ar. Na verdade, eles ficam em silêncio. "Agora, um de vocês me diga por que Natalie fugiu de mim aos prantos."

Surpreendentemente, todos eles olham para mim com rostos inexpressivos. Viro-me para Valindra. "O que. Ocorrido?" Meu tom é entrecortado e sei que ela percebe que não estou com humor para esses jogos.

"Elincia disse a ela--"

"Achei que ela soubesse!" o mais jovem grita atrás dela.

“Não sei como ela não sabia”, murmura Tanulia.

"Esse é meu argumento. Como eu poderia saber que seria novidade para..."

“Bem, isso não lhe dava o direito de aborrecê-la”, Valindra retruca.

“Como vamos saber o que vai aborrecê-la!”

“Você poderia prestar atenção em alguém pelo menos uma vez na vida...”

“Tanúlia!” Valindra balança a cabeça. “Elincia não está tentando ser rude.”

“Ela passou por muita coisa!”

"OK!" Eu rugo, cansado de ouvir as brigas. Isso não está me levando a lugar nenhum e não sei onde Natalie está ou o que foi dito. É claro que tenho muito controle de danos para fazer e ouvir esses três não vai resolver nada. “Volte para a sala! Eu vou lidar com isso sozinho.”

Eles fogem e eu saio correndo pelo corredor, emergindo do lado de fora. Meus olhos examinam a área mais próxima da minha casa, mas não vejo Natalie em lugar nenhum. Isso faz meu coração apertar de medo e minha magia aumenta em resposta.

Eu preciso encontrá-la.

Meus jardins se abrem para grandes campos ao lado de Galmoleth, a terra vermelha ameaçadora na luz moribunda e as pedras pretas pontilhando a paisagem provando áreas de cobertura onde Natalie poderia estar se escondendo de mim.

Mas eles também fornecem abrigo para criaturas que poderiam engolir Natalie se a encontrassem primeiro. Meu batimento cardíaco troveja e minha magia gira. Meus pés deixam o chão enquanto estou consumido pela necessidade de encontrá-la antes de qualquer outra coisa, e uma pequena tempestade elétrica se forma abaixo de mim.

Eu saio voando da minha casa, meu olhar buscando qualquer sinal dela. Não sei o que foi dito para fazê-la fugir de mim, mas não deixarei que nada a machuque. Mesmo que ela não queira ficar perto de mim, eu vou salvá-la.

Ela não entende os perigos daqui.

Examino a paisagem, procurando desesperadamente por Natalie. Minha magia gira, iluminando manchas escuras conforme a noite começa a cair. Isso só aumenta minha preocupação, pois sei que essas criaturas aparecerão em massa e Natalie nem conseguirá vê-las até que já a tenham capturado.

Bestas menores atacam-me quando passo por seus ninhos, e lanço um raio de energia, incendiando-os ou eviscerando-os enquanto avanço. Minha raiva está aumentando com minha ansiedade e estou começando a perder o controle de mim mesmo.

Onde ela está?

Eu me ergo mais, tentando ter uma visão melhor, mas a grama amarela é alta aqui. Provavelmente chega até os ombros e ela vai se misturar muito bem. Isso torna mais difícil localizá-la e, em um ataque de fúria, solto um rugido de frustração e libero uma explosão poderosa em uma grande rocha abaixo de mim.

A magia estala e ilumina o céu quando ele bate na rocha, rompendo sua superfície. Ele explode, espalhando estilhaços por toda parte, e uma enorme mancha preta foi queimada na grama por causa da minha raiva.

Isso não fez nada para aliviar as emoções crescentes em meu peito, e cerro os dentes enquanto voo mais baixo. Deslizo pela grama alta, meus olhos examinando os lados, e tento pensar como ela pensaria.

Mas não posso. Nunca vi Natalie naquele estado e tenho a sensação de que ela não estava pensando. Ela estava reagindo com pura emoção – a quê, ainda não tenho certeza – e isso significa que não posso rastreá-la. O caminho dela não será lógico, mas- Eu congelo, me levantando e me virando para olhar para Ti'lith. Se ela não estivesse pensando, apenas tentando fugir, ela teria atacado direto. Com o quão perturbada ela estava, ela também não teria ido longe.

Esforçando-me mais rápido, voo até o topo da colina atrás da minha casa e procuro um caminho marcado na grama. É difícil notar em hastes tão altas, mas sob um exame cuidadoso, vejo uma brecha no mar amarelo.

Descendo em direção a ela, confirmo que é pequena o suficiente para ter sido feita por Natalie e me viro, olhando para os campos. Sigo os caules quebrados e, à medida que a colina desce abruptamente, finalmente a localizo.

Ela está se movendo tão rápido que seus pés tropeçam embaixo dela, e meu coração dá um pulo na garganta enquanto corro atrás dela. Ela não consegue encontrar apoio em uma encosta tão rochosa, e espero que isso a desacelere o suficiente para que eu possa finalmente chegar até ela.

Natalie bate com força no chão e o alívio toma conta de mim. Sem pensar duas vezes, eu a chamo. “Natália!”

Embora meus pensamentos sejam uma confusão de preocupação, não querendo nada além de senti-la segura em meus braços novamente, seu rosto revela o oposto. Sua cabeça se vira para trás e olha para mim com uma mistura de medo e apreensão, e ela se levanta.

Tropeço na descida quando a vejo decolar novamente e vejo por que ela conseguiu parar. A entrada de uma caverna se projeta na encosta, dando a ela uma fenda para se aninhar, e enquanto meus olhos traçam o exterior rochoso e preto, meu coração cai.

Há apenas uma fera aqui que prefere se enterrar tão profundamente no subsolo, e esta caverna é seu lar ideal. Enquanto Natalie desce pelas pedras, quase grito um aviso que tenho certeza de que ela não vai prestar atenção porque lá dentro há um monstro feroz dormindo.

Ela pousou na base de um ninho de bugio.

Imploro-lhe que continue correndo, que tente correr até a borda da ilha, se isso acalmar seu coração, mas os deuses estão apostando contra mim, e Natalie avista a abertura da caverna. Ela não deve pensar que posso vê-la sob a entrada da caverna pela forma como ela se projeta, e ela contorna a borda, desaparecendo da minha vista.

Um grito queima na minha garganta enquanto vou atrás dela. Estou aliviado por tê-la visto, porque se ela passar mais do que alguns segundos ali – e mesmo isso pode ser demais – seria tarde demais para eu salvá-la.

Mesmo me movendo o mais rápido que posso, temo não ser rápido o suficiente. Aquela fera poderia despedaçá-la antes mesmo de eu colocar os pés naquelas cavernas. Isso poderia tirá-la de mim.

Poderia levar meus filhos.

O pensamento atinge meu estômago com força enquanto mergulho entre os talos de grama, pedras se projetando e explodindo enquanto eu as corto em um esforço para chegar mais perto da caverna. É algo que eu nem admiti de verdade para mim mesmo.

Mas sei, sem dúvida, que Natalie está grávida. Ela parece não saber disso ainda, e não quero assustá-la ou pressioná-la demais. Dentro de algumas semanas os sinais começarão e teremos isso confirmado.

Porém, com nosso acasalamento intenso e frequente, eu já suspeitava que ela já pudesse estar grávida. Mas algumas manhãs atrás, acordei com um fio de magia respondendo ao meu. Ela se agitou contra mim, me chamando nas primeiras horas da manhã, e quando coloquei a palma da mão em sua barriga, ela me sacudiu.

Não havia como negar isso para mim então. Passei horas enviando pequenos fios de magia e sentindo a criança responder. Não é forte o suficiente para Natalie sentir, mas estou tão sintonizado com minha magia que consegui registrar a criação assim que ela começou.

E não posso negar que fiquei emocionado. É outra razão pela qual me tornei tão protetor com Natalie, e depois de ver o Príncipe hoje, tudo que consegui pensar – além de fazer Natalie feliz – foi em ter meus próprios filhos.

Esse pensamento permanece comigo enquanto caio no chão fora da caverna, sentindo a imensa energia dentro dela. Há um bugio à espreita e ele pensa que sua próxima refeição chegou.

Quão errada a criatura está.

NATALIE

Sobs destrói meu corpo enquanto a grama alta balança ao meu redor. Estou aninhado na base dos caules, esperando me esconder aqui o tempo que for necessário para clarear minha mente.

Mas não tenho essa sorte.

No que parece ser pouco tempo, ouço o leve estalo da eletricidade e um rugido áspero. Minha cabeça vira para a direita a tempo de ver um raio de eletricidade azul que reconheço muito bem. É Kha'zeth. Ele deve ter me seguido até aqui.

Eu fico de pé. Não sou capaz de estar perto dele agora. Não fui capaz de entender a bagunça em minha mente ou em meu coração, e não posso voltar para a casa *dele* e dormir em *seu* quarto quando realmente não sei do que ele é capaz.

Nunca desejei algo para chamar de meu tão desesperadamente quanto agora, mas só quero ficar longe dele – e se isso significar dormir aqui no meio da grama, eu o farei.

A encosta é íngreme e começo a escorregar enquanto corro para longe dele. Meus pés deslizam para fora de mim e eu caio pela grama, quebrando os talos enquanto ando até que um afloramento rochoso retarda minha descida, aninhando-me contra sua base.

“Natália!”

Minha cabeça se vira para trás e vejo Kha'zeth no alto da colina, seus olhos fixos em mim, e a magia do caos que parece estar consumindo ele, iluminando seus olhos e envolvendo seus braços, me lembra muito do ataque.

O som sufocado de Toklys enche meus ouvidos mais uma vez, e estou de pé, descendo a encosta. Posso me esconder embaixo dessa pedra que se projeta e ele provavelmente continuará andando, procurando por mim.

Porém, quando chego perto dela, percebo que é uma caverna e mal consigo ver alguns metros da entrada. É o esconderijo perfeito porque Kha'zeth não conseguirá me ver aqui.

Mergulho, sem me atrever a espiar para trás para ver onde ele está, e pressiono a mão na parede da caverna para me guiar. Está muito escuro aqui, e a luz moribunda lá fora não faz nada para iluminá-lo.

A caverna é mais estreita do que eu pensava inicialmente, e as paredes de ambos os lados estão quase se tocando em certos pontos, mas continuo avançando. Meus olhos estão se ajustando lentamente, mas mal consigo distinguir um caminho à minha frente, me dizendo que não cheguei ao fim.

Talvez este seja na verdade um túnel e me levará para longe da mansão de Kha'zeth, algum lugar onde eu possa descansar e analisar as memórias quebradas. Continuo avançando, esperando tê-lo perdido, quando ouço um baque do lado de fora da caverna.

Da entrada, a voz sussurrada de Kha'zeth percorre o espaço imensamente vazio. Ecoa ao meu redor, vindo de todas as direções até que eu queira gritar.

“Natalie, Natalie, Natalite.” Meu próprio nome me bombardeia. “Volte, volte, volte. Não é seguro, não é seguro, não é seguro.”

Quero gritar, mandá-lo embora. Não tenho certeza se estou segura com ele, e o fato de que ele está me perseguindo em cavernas escuras à noite, quando eu claramente preciso de espaço dele, só me perturba ainda mais. Por que ele não pode me deixar em paz?

Cerro os dentes enquanto continuo. Não vou dar a ele a satisfação de confirmar que estou aqui. Ele pode estar apenas testando para ver se eu respondo, para que ele possa atacar e me forçar a recuar.

Deuses, eu fui uma idiota por confiar nele. Todo esse tempo eu sabia por que ele me levou, e não sei como me deixei convencer de que ele era algo mais do que um demônio que me arrastou para me forçar a procriar. Eu o deixei entrar em meu coração e tomar meu corpo porque pensei – tão, tão estupidamente eu pensei – que havia algo mais entre nós.

Eu tenho que reprimir uma risada áspera. *Ah, como eu estava errado.*

O único som ao meu redor é o gotejamento suave das lágrimas escorrendo pelo meu rosto, o barulho delas atingindo o chão da caverna mais consistente do que meus passos. Estou surpreso que eles ainda estejam caindo, mas cada vez que começam a desacelerar, uma nova onda de pesar e dor me atinge. Perdi o único homem em quem confiava e amava, e quando abri meu coração para outro, ele mentiu para mim e me usou.

Eu nunca deveria ter perdido de vista quais eram suas intenções. Eu vi quem ele era no primeiro dia em que nos conhecemos e deixei que ele me embalasse com uma falsa sensação de segurança com esse ato que ele fez para mim. Como um tolo, acreditei em tudo e agora estou preso.

“Natália!” Ele deve estar na parte onde as paredes são estreitas porque sua voz não ecoa. “Por favor volte para mim. Por favor!”

A angústia em sua voz deve ser falsa. Droga, ele é um bom ator e certamente me enganou, mas não mais. Não aguento mais suas mentiras e seus truques. Eu já dei muito de mim a ele e ele escondeu de mim seu envolvimento na invasão! E para quê? Para dormir comigo-

Um suspiro me escapa quando outra compreensão me atinge. Pressiono a mão na barriga e outra onda de soluços começa a crescer em meu peito.

E se eu já estiver grávida? É muito cedo para saber, mas Kha'zeth cumpriu bem seus deveres quando se trata de me criar. Assim que o deixei me ter, ele me tomou repetidamente até ter certeza de que um de nossos casais iria funcionar.

E eu tenho que me perguntar se isso aconteceu. O medo faz meu coração disparar e tremo enquanto pressiono com mais força a parte inferior do abdômen, desejando que houvesse alguma maneira de saber. Mas que bem me faria descobrir? Eu poderia realmente carregar o filho do demônio que matou a única pessoa que amei de verdade? Balanço a cabeça, minha garganta queimando com a histeria oculta. Não quero nada mais do que cair de joelhos e me encolher. É demais para mim aguentar e me sinto sobrecarregada com tudo isso.

“Natália.”

Não! Eu quero gritar. Me deixe em paz! Você já fez o suficiente!

Mas fico em silêncio enquanto a voz de Kha'zeth se aproxima. Ainda esta manhã, a ideia de estar longe dele me encheu de ansiedade, e agora é a proximidade dele que me dá vontade de gritar.

Ele sabe se estou grávida? Foi por isso que ele mudou sua atitude em relação a mim? Deuses lá embaixo, se eu perdesse Toklys apenas para carregar o filho de seu assassino...

Pode ser errado da minha parte, mas como poderei lidar com o facto de o meu filho partilhar a face de um demónio – um que eu desprezo, nada menos? Cada olhar para ele enviará novas ondas de raiva e dor através de mim, e não quero isso para meu filho. Queria que eles fossem felizes e livres com uma família que os amasse.

Não é o resultado de um experimento.

E se eu não conseguir amar meu próprio filho? Ficarei cheio de ressentimento em relação a eles e eles crescerão sem o amor que merecem. Sou uma pessoa terrível por não conseguir superar isso? Está me destruindo por dentro pensar que eu poderia ser uma mãe que poderia virar as costas para seu próprio filho, mas como eu poderia segurar um bebê demônio quando ele se parece com Kha'zeth?

Ele será a cria de um monstro.

“Natália, por favor. Vamos voltar para a mansão. O que quer que esteja incomodando você, podemos conversar sobre isso. A voz de Kha'zeth é tão reconfortante que posso ver o quão facilmente fui sugado. Ele me conquistou com palavras gentis e acha que um tom suave e algumas promessas fáceis são suficientes para que eu corra para seus braços novamente. .

Não quero sair para vê-lo, voltar para a cama com um demônio em quem não posso confiar. Não sei que lado dele é real, mas não quero ter nenhum dos dois por perto.

“Apenas me diga o que você quer e eu darei a você.”

Suas palavras enviam outra onda de soluços através de mim. Eu quero estar em casa. Eu quero meus amigos. Quero estar perto de pessoas em quem possa confiar e não ter que fugir de algum demônio em uma terra estranha só para conseguir um pouco de paz.

Eu quero Toklys.

E eu não posso ter nada disso.

“Natalie, seja o que for, podemos resolver isso—”

Eu não aguento mais. Suas palavras, sua voz, suas negociações, é demais. Sinto-me sobrecarregada e cada vez mais irritada com cada palavra que ele vomita. Estou prestes a perder o controle completamente e me viro, com uma mão ainda pressionada na parede da caverna para me orientar, e grito: — Vá embora!

Silenciosamente, eu me amaldiçoo. Se Kha'zeth não tinha certeza de que eu estava aqui antes, agora ele sabe. E o pior é que estou começando a entender por que ele estava certo, por que eu precisava voltar. Ele simplesmente nunca disse o verdadeiro motivo. Não é seguro.

Eu gostaria de ter aprendido de uma maneira diferente, mas quando a pedra sob minha mão começa a se mover e uma figura enorme paira sobre mim no escuro, rugindo com tanta ferocidade que tenho que fincar os calcanhares para evitar ser jogado para trás , vejo que Kha'zeth foi o mal menor desta vez.

Pena que escolhi errado novamente.

KHA'ZETH

A Um rugido sacode as paredes da caverna, a rocha sob os pés tremendo com o poder da besta uivadora que se esconde lá dentro. Natalie grita, o som ecoando pela caverna e enviando pânico através do meu coração.

Ilumino o espaço, enviando esferas de luz pela passagem da caverna, aderindo às paredes da caverna. Em meu terror por ela, eu não havia pensado nem uma vez em melhorar a visibilidade no espaço, para que isso não acordasse os bugios.

Estúpido, estúpido, estúpido, penso cruelmente comigo mesmo enquanto avanço.

Os sons das garras raspando nas rochas mantêm ondas constantes de terror pulsando através de mim, minha magia girando ao meu redor, reunindo-se para me proteger da ameaça. Mas não sou eu quem está em perigo – pelo menos não quem importa.

Natalie, com meu filho na barriga, grita de novo quando ouço o impacto da carne contra a pedra. Meu coração pula na garganta, meus passos se alongam enquanto corro até ela, rezando para chegar lá a tempo.

Estou muito longe para enviar qualquer magia pela caverna - não posso arriscar que isso a machuque. Terei que estar bem no topo das feras para fazer qualquer coisa com eficácia. Faço uma curva na caverna e o tempo passa mais devagar.

Por um momento, meu cérebro não consegue entender as cores e formas que estou vendo. Castanho acastanhado, emoldurado por um carmesim profundo e preso entre o preto como breu e o cinza doentio, manchas de branco brilhante e um cinza mais doentio completando o borrão de cores. Curvas suaves e arredondadas parecem nítidas e vulneráveis contra ângulos irregulares e pontas afiadas.

Então, tudo entra em foco.

Meia dúzia de bugios alinham-se nas paredes negras e rochosas das cavernas, todos andando de um lado para o outro, chiando e rosnando diante de nossa intrusão. Natalie está presa sob a maior e mais cruel das feras demoníacas, com sangue escorrendo de onde seu crânio encontra a rocha irregular do chão da caverna, repleta de ossos brancos e lascados.

A besta uivadora em cima dela rosna, presa demais em sua sede de sangue para perceber onde estou na entrada da caverna. Sua cauda em forma de chicote balança no ar, protuberâncias ósseas projetando-se de seus cotovelos, ancas e cauda, sua carapaça cinza doentia brilhando nas luzes pulsantes que lancei ao redor do espaço.

Ele ruga novamente, revelando as fileiras de dentes irregulares na boca aberta da fera. Natalie choraminga fracamente, levantando os braços acima dela como se quisesse se defender do ataque iminente da fera.

Algo em mim estala com a imagem dela prostrada e indefesa sob a fera.

Soltei um rugido que rivalizava com o dos uivadores, enviando uma explosão mortal de azul meia-noite contra a fera em cima de Natalie. A criatura nem sequer faz barulho antes de ser completamente eviscerada em nada mais do que uma névoa de sangue negro e pútrido.

O resto das feras gira em minha direção, entrando em ação antes de avaliar a mais nova ameaça que apareceu em sua toca. Eu lanço outra explosão no mais próximo dos uivadores, sua resistência à magia do caos defendendo apenas marginalmente contra o golpe.

A fera uiva, um som miserável e penetrante que deu à criatura esse nome, enquanto ela volta para a parede da caverna, o sangue jorrando ao bater contra a rocha afiada. Em pouco tempo, ele está de pé novamente, e a dor só o torna mais irritado e perigoso.

Pelo canto do olho, vejo uma fera rondando em direção a Natalie, querendo reivindicar para si o pedaço de carne agora desprotegido. Eu lanço para trás, usando um pouco da minha magia que está diminuindo rapidamente para lançar uma bolha azul crepitante sobre ela, protegendo-a enquanto neutralizo o rebanho.

O bugio ferido avança em minha direção novamente, acompanhado por outro, com os dentes estalando ao chegar ao alcance do braço. Uma gavinha de magia ataca, agarrando uma das feras e usando-a para bater a outra no chão com um esmagamento final e úmido. A criatura fica mole quando deixo minha magia quebrar o pescoço da outra.

Um bugio pula nas minhas costas, um latido de dor escapa da minha garganta enquanto tropeço para frente sob seu peso esmagador. A dor rapidamente se

transforma em fúria quando uso minha magia para lançar a fera para longe de mim, um estalo retumbante ecoa pela caverna quando a fera atinge uma estalagmite, a estalagmite se despedaçando sob o peso do uivador.

Viro-me para o próximo uivador, baixando meu centro de gravidade enquanto invoco uma arma, uma espada brilhante aparecendo em minha mão, formada por gavinhas de um azul profundo, no momento em que o uivador salta em minha direção. Eu afundo sobre meus quadris, saltando para encontrar a fera no ar, deixando minha magia me impulsionar para frente mais rápido do que deveria ser possível, mesmo para um demônio.

Eu voo diretamente sob a fera, erguendo minha espada e partindo a criatura do queixo até a bunda, uma lama negra e fedorenta chovendo sobre mim quando eu caio, rolando para absorver o impacto da minha queda. A fera está morta antes de atingir o chão.

Faço um registro mental dos corpos ao meu redor. Quatro, incluindo o bugio cujos restos nada mais são do que uma camada preta e viscosa nas paredes e no chão da caverna. Amplio minha postura para uma posição defensiva, inclinando minhas costas em direção à parede enquanto procuro os dois restantes.

Eles não estão em lugar nenhum, e me permito dar uma olhada rápida em Natalie, que está imóvel demais sob o orbe crepitante. Minha magia está começando a diminuir devido ao esforço de manter o escudo protetor e as luzes espalhadas pelo espaço, mas me recuso a deixá-las apagar, totalmente incapaz de deixar Natalie exposta até que eu tenha neutralizado a ameaça iminente.

Um bugio salta de trás de uma estalagmite, esperto o suficiente para tentar me pegar de surpresa, mas não o suficiente para saber que não é melhor me atacar. Eu desvio a garra que balança em minha garganta, deslizando minha lâmina em direção ao rosto da fera.

Ele se esquivava por pouco, um rosnado irrompendo enquanto ele me ataca novamente. Desta vez, aponto minha lâmina mais para trás, cortando ossos e tendões, cortando a pata da fera na articulação. O uivador grita ao tropeçar, escorregando nos jatos de seu próprio sangue.

Eu aproveito o ferimento, deslizando para seu agora inútil flanco esquerdo, evitando por pouco sua cauda espinhosa chicoteando o ar com fervor. Eu recuo, acertando minha

lâmina no pescoço da criatura com um som nauseante e esmagador, interrompendo seus lamentos horríveis.

Satisfeito porque o quinto bugio está morto, circulo no lugar, ouvindo qualquer sinal do último predador nas sombras. Depois de alguns segundos de silêncio, ouço o raspar de garras contra a rocha em direção à entrada da caverna, e minha cabeça vira em direção à fonte do som bem a tempo de ver uma história ossuda e pálida desaparecendo pela passagem curva.

Pelo menos um deles teve visão, penso sombriamente enquanto deixo minha espada evaporar novamente em um azul profundo. Corro até Natalie, afastando o orbe que zumbia suavemente com a mão enquanto caio de joelhos ao lado dela, embalando-a.

“Natália?” — pergunto, sem me preocupar em esconder o medo na minha voz.

Levanto sua cabeça suavemente, seu sangue quente e pegajoso contra minha mão, seu cabelo emaranhado em tufo. Envio um pulso suave de magia através dela, cedendo sob o peso do meu alívio quando descubro que seu coração ainda está batendo.

Minha mão vai até sua barriga enquanto chamo seu nome novamente, enviando outra onda suave de magia por sua barriga. Tudo fica em silêncio por um segundo, a dor cega ameaçando me sugar, antes que um fio de magia fraco e aterrorizado responda à minha. Envio ondas calmantes através de seu ventre em direção ao nosso filho, tentando reprimir o pânico que cresce ali enquanto pego Natalie em meus braços. Sua forma já pequena e frágil está mole contra mim, parecendo mais frágil do que nunca. Eu me movo o mais rápido que posso, empurrando-nos pela passagem da caverna e de volta para o campo aberto. Ela precisa de cura agora e não sei como ajudar um humano.

O desamparo toma conta de mim, apenas alimentando as chamas da minha fúria que mal diminui. Estou pensando em exterminar todos os bugios da ilha por essa transgressão, mas minha ira desaparece quando Natalie se agita em meus braços, com os olhos tremulando.

“Shh, está tudo bem, estou com você”, murmuro para ela. Caminhar de volta pelos penhascos levará muito tempo e será ainda mais doloroso para Natalie. Usando o que resta da minha magia, reúno uma onda de magia azul meia-noite sob meus pés,

fazendo-nos voar para cima, para cima, acima dos penhascos das encostas e penhascos circundantes.

Natalie geme, encolhendo-se com o movimento e o som de sua própria voz enquanto o vento passa por nós. Diminuo um pouco meu padrão de vôo, não querendo deixar ela ou a criança desconfortáveis, mas não querendo arriscar que qualquer uma de suas condições piore enquanto eu demoro.

Seus olhos se abrem, nebulosos e desfocados enquanto ela olha para o céu rodopiante. A boca de Natalie se move como se quisesse formar palavras, mas nenhum som sai de seus lábios.

“Não se preocupe, estamos indo para casa”, eu a tranquilizo, tentando manter meu tom suave e calmo, apesar do pavor que envolve cada músculo do meu corpo tão tenso quanto uma mola. Minha magia tremula abaixo de nós, quase drenada completamente, mas avanço, ganhando velocidade novamente quando as paredes da mansão entram em foco.

“Kha'zeth?” Natalie choraminga baixinho, levantando a mão trêmula até meu rosto como se fosse me tocar. Seu braço treme e ela não consegue terminar o movimento.

“Estou aqui,” digo a ela baixinho, minha voz falhando ao vê-la tão fraca.

A mão de Natalie cai do meu rosto, seu corpo fica completamente mole.

NATALIE

Meu corpo acorda diante da minha mente enquanto eu me levanto, um suspiro estrangulado rasgando minha garganta seca enquanto minha mente é arrancada da escuridão em que estive nadando. A primeira coisa que noto é o latejar na minha cabeça, e é tão forte que a náusea revira meu estômago.

Cada junta do meu corpo está rígida e, embora eu precise desesperadamente de um pouco de água, preciso que o espaço pare de girar antes de tentar me levantar. Lentamente, me recosto, meus olhos mal captam nada além das paredes na ponta da minha cama. É o suficiente para me dizer que estou de volta à minha cama na casa de Kha'zeth.

Meu coração dispara só de pensar, mas não tenho forças suficientes para correr novamente. Ainda temos muito que resolver, mas por enquanto só preciso descansar.

“Aqui”, uma voz familiar me diz, e a excitação troveja através de mim quando olho para a direita e vejo Cora sorrindo para mim. “Eu trouxe um pouco de água para você.”

Ela me ajuda a sentar o suficiente para engolir metade do copo, lembrando-me de andar de um lado para o outro quando só quero me afogar nele. Quando termino, ela ajusta os travesseiros atrás de mim. “É isso. Apenas deite-se. Você precisa ir com calma.”

“Mas o que você está—”

Cora balança a cabeça, dando-me aquele sorriso maternal que passei a confiar nos meus primeiros dias nas celas. “Você não precisa se preocupar com nada agora, mas com a cura.”

Uma risada áspera me escapa. “Há muitas coisas em minha mente para isso.”

“É por isso que você correu para a caverna de uma fera só para escapar do seu demônio?”

Mordo meu lábio inferior enquanto dou a ela um sorriso tímido. “Você ouviu o que aconteceu?”

“Eu posso ter ameaçado Kha'zeth quando cheguei para ver o estado em que você estava. Pensei que ele tivesse machucado você. Giroth teve que me segurar.”

Ela sempre foi ferozmente protetora com os outros, especialmente com aqueles de nós que foram trazidos para cá. Ela lutou muito para nos ajudar quando poderia ter ficado quieta e não ter sido afastada do Mestre Cão. Embora isso parecesse funcionar bem a seu favor.

Meu sorriso morre enquanto digeri suas palavras. Apenas a menção de Kha'zeth envia uma nova onda de tristeza através de mim, e isso deve transparecer em meu rosto porque Cora se aproxima, segurando minha mão.

"O que é?"

Minha voz está cheia de lágrimas não derramadas – principalmente porque não tenho água de sobra em meu corpo desidratado – e engulo em seco. Kha'zeth não me machucou fisicamente, mas aprendi algo sobre ele recentemente que me chateou."

Essas palavras parecem totalmente desanimadoras em comparação com minhas emoções, mas não sei como colocá-las melhor. Cora apenas balança a cabeça, seu rosto compreensivo.

"É por isso que você fugiu."

Soltei um longo suspiro. "Eu só precisava me afastar dele. Precisava pensar e não posso fazer isso aqui, onde tudo me lembra ele."

"E o que é que te machucou tanto que você escolheu um ninho de bugios em vez desta mansão?"

Lanço um olhar para ela porque nós dois sabemos que não fui eu que escolhi isso. Eu não sabia o que era quando entrei. Cora apenas dá de ombros, ainda olhando para mim com expectativa.

"Bem," eu digo bufando. "Em Protheka, eu me apaixonei por um elfo negro." Seus olhos se arregalam e eu só consigo rir. "Eu sei. Eu sei. Ele foi gentil, no entanto. Ele me deu comida e me ajudou a ajudar outras pessoas. Ele não foi cruel e eu... me apaixonei por ele."

Suspiro, puxando meu cabelo emaranhado enquanto tento lutar contra as lágrimas que já estão enchendo meus olhos. "Quando os demônios atacaram, ele – Toklys – tentou me manter seguro, mas os demônios o massacraram na minha frente."

Cora esfrega meu braço enquanto um arrepio percorre meu corpo e lágrimas brotam em meus olhos. Prossigo, porém, precisando contar a alguém que entenda. “Aprendi que Kha'zeth fez parte do ataque.” Os soluços começam a me rasgar. “Eu contei a ele sobre a perda de Toklys, sobre o quanto isso me machucou, e ele nunca disse uma palavra. Ele me viu chorar, e então eu o deixei entrar em meu coração apenas para descobrir que ele arrancou o homem que eu amava.

Ela dá um tapinha na minha mão. “Eu sei que isso é difícil de aceitar. A traição de Laura me esmagou, e foi Giroth quem me sequestrou. Pode parecer errado ou duro, mas você precisa conversar com ele antes de decidir odiá-lo e excluí-lo. Aprendi que há mais nesses demônios do que aparenta.”

Suspiro enquanto me acomodo nos travesseiros, tentando me acalmar. “Talvez.”

Cora emite um pequeno 'hm', mas não o pressiona. Tudo o que ela diz é: “Espere um pouco. Por enquanto, você só precisa descansar. Você bateu a cabeça com muita força e todo mundo está preocupado com você. Ela aperta minha mão. “Especialmente Kha'zeth.”

Quero bufar, mas apenas murmuro: “Tenho certeza”.

“Ele tem. Ele não saiu do seu lado durante todo o tempo em que você dormiu.

“Então onde ele está agora?”

Meu tom foi mais nítido do que eu pretendia, e o de Cora saiu suave e calmante em resposta. “Você começou a se mexer, então ele foi embora. Ele disse que não queria sobrecarregar você quando você acordasse.

Eu odeio o jeito que meu peito aperta com sua consideração. Ele não queria me aborrecer ainda mais, mesmo que tudo o que quisesse fosse me ver.

Afasto o pensamento, pois ele traz novas lágrimas.

Mudando de assunto, pergunto: — Como está sua vida com o Hound Master?

Instantaneamente, o rosto de Cora se ilumina. É claro que ela ama seu demônio e, por algum motivo, me dói ver sua felicidade surgir tão espontaneamente. Eu gostaria de poder me sentir menos em conflito.

“Giroth tem sido maravilhoso. Eu pensei que ele era um grande rabugento quando nos conhecemos, mas como todos os homens, ele é macio por dentro. Juro que aquele cara...

posso soluçar e ele enlouquecer, com medo de que seja algum sinal terminal. Seus olhos brilham quando ela olha para mim. “Muito parecido com outro demônio que conheço, que apareceu na minha casa em um ataque porque uma garota humana na casa dele estava triste.”

Minhas sobrancelhas se juntam. "O que?"

Ela assente. “Acho que Kha'zeth não teve a chance de te contar antes de você partir para cima dele, mas ele visitou Giroth. Ele veio pedir ao meu companheiro que defendesse o Rei em nome das mulheres humanas ainda não acasaladas. Ele insistiu que só queria um tratamento justo, mas acabei descobrindo que ele estava desesperado para fazer qualquer coisa para fazer você se sentir melhor depois de ir vê-los nas celas.

"Ele os encontrou?" A compreensão me atinge como um raio. Foi por isso que ele se foi? É por isso que ele ficou tão silencioso quando voltamos para a mansão e por que desapareceu tão rapidamente?

Cora está sorrindo às minhas custas. “Giroth foi com ele em busca da atenção do rei. Agora, eles estão sendo mais bem cuidados. Giroth e Kha'zeth aprovaram seus próprios alojamentos e Kha'zeth convocou comida adequada para eles. Ele disse aos guardas para chamarem qualquer um deles se as meninas precisassem de mais alguma coisa, e o rei concordou em cuidar melhor delas – para evitar que seu produto estragasse, como ele disse. De qualquer forma, eles estão muito melhor por causa desses dois.”

Mordo meu lábio, sem saber como responder. Isso me faz sentir em conflito. Fiquei muito chateado com Kha'zeth, pensando o pior dele. Achei que ele tinha sido falso comigo, um mentiroso que só queria me usar.

Mas por que ele se esforçaria tanto só para me fazer feliz se não se importava comigo? Ele fez todo esse esforço só porque eu estava triste com as outras mulheres, mulheres que não têm impacto sobre ele.

Como posso odiá-lo quando ele queria acalmar minhas preocupações? Não apenas acalme-os, mas apague-os. Ele deu um passo além do que eu pedi, não apenas alimentando-os, mas garantindo que estivessem sendo cuidados adequadamente.

Deitei minha cabeça no travesseiro, olhando para o teto. Talvez Cora esteja certa. Talvez eu tenha julgado esse demônio com muita severidade. Eu estava convencido de que ele

era apenas um monstro, e seria fácil rotulá-lo como tal se ele fosse um assassino cruel tentando me coagir a ir para sua cama.

Mas ele nunca foi assim.

Ele passou um tempo comigo. Ele foi cuidadoso, atencioso e gentil. Ele nunca me pressionou além do que eu estava disposto a ir, e me dói admitir que sinto falta da nossa intimidade. Na verdade, neste momento, sinto falta dele. Sinto falta de como eu acordava ao lado dele, com um braço enrolado em volta de mim de forma protetora.

Mesmo dormindo, ele tinha que garantir que eu estava seguro.

Como eu poderia pensar nele como um monstro, um manipulador ou um mentiroso?

Estou de volta à estaca zero, sentindo que meus pensamentos estão mais confusos do que qualquer outra coisa. Apesar de todo o conflito, porém, reconheço uma diferença: não quero mais fugir desesperadamente de Kha'zeth.

Talvez eu precise encarar isso de frente. Só posso obter dele as respostas que preciso.

Virando-me para olhar para Cora, pergunto: "Onde ele está?"

"Ele está esperando lá fora." Meus olhos se voltam para a porta e não consigo deixar de me perguntar o quanto ele ouviu. "Você quer vê-lo?"

Meu coração palpita. *Eu?*

No fundo, eu sei a resposta. Só tenho muito medo de admitir.

KHA'ZETH

Mtalvez esteja errado, mas estive ouvindo atentamente do outro lado da porta do quarto de Natalie o tempo todo. Assim que a vi se mexer, soube que ela não iria querer acordar para me ver, mas não consegui ir muito longe. Eu precisava ouvir a voz dela, saber que ela estava bem e, honestamente, queria saber por que ela estava tão chateada comigo.

Agora que sei, não posso culpá-la por fugir de mim.

Eu fiz tudo o que ela me acusou. Eu estive envolvido na operação e escondi isso dela. Eu não queria admitir isso na época porque ela estava muito hesitante em confiar em mim. Ela estava apenas começando a se abrir e eu queria mais. Eu sabia que ela iria desligar se eu contasse a ela.

E eu tentei racionalizar isso. Eu menti para mim mesmo, dizendo que não era importante o suficiente para ela saber. Mas nem eu acreditei nisso.

O que devo dizer a ela? Ela ainda está com o coração partido por causa de um *maldito* elfo negro quando posso oferecer a ela mais do que ele jamais poderia, e estive envolvido em sua morte.

Eu me arrependo? Não. Mas não acho que essa informação vá ajudar em nada no meu caso.

A voz de Natalie corta meus pensamentos. "Onde ele está?"

Ah Merda. Meu coração vacila, ansiedade e saudade se misturam. Quero vê-la, mas tenho medo. Não tenho certeza do que vai prolongar isso, e se ela apenas vai confessar o quanto me odeia, prefiro ficar aqui, atolado na incerteza, do que enfrentar o golpe que ela está prestes a desferir.

"Ele está esperando lá fora. Você quer vê-lo?"

Pressiono a palma da mão na porta enquanto me encosto nela. Nunca estive tão nervoso em minha vida e, à medida que a pausa se prolonga, meu coração afunda. Essa é uma resposta em si.

Mas então ela fala, provocando choque e esperança em mim. "Sim."

Tenho que respirar fundo para acalmar meus nervos em frangalhos. Minhas mãos estão tremendo – quando eles fizeram isso? Eu me preparo quando toco a maçaneta, lembrando-me de não invadir lá e exigir nada mais do que ela está disposta a dar.

Minha preocupação está me atingindo em ondas violentas, e quero examiná-la, garantir que ela esteja bem. Quero tomá-la nos braços e sentir seu corpo, quente e muito vivo, pressionado contra o meu.

Mas não posso fazer nenhuma dessas coisas, lembro a mim mesmo. Eu preciso ir no ritmo dela.

Com um aceno de cabeça e uma autoconfiança *de que posso fazer isso*, giro a maçaneta. Assim que ela se abre, sou atingido com força quando coloco Natalie. Estamos separados há apenas alguns minutos, mas ter o olhar dela em mim novamente me deixa sem fôlego.

Um sorriso suave se espalha pelo meu rosto quando dou um passo para dentro da sala. “Boa noite, Natalie.” Tento manter minha voz neutra, embora ela esteja repleta de uma tênue esperança.

Seus olhos são analíticos enquanto ela me avalia, e sinto que estou sendo julgado. Nunca vi ninguém com um olhar tão penetrante, nem mesmo quando tive uma audiência com o Rei.

“Você realmente fez tudo isso por mim?” Sua voz normalmente suave e doce é dura e avaliativa. Isso me faz engolir em seco e meu coração está martelando no peito. Ela vai acreditar em mim? Mesmo que Cora lhe contasse tudo, ela pensará que é verdade?

“Sim”, eu digo, cruzando as mãos atrás das costas para esconder como elas se inquietam. “Eu fiz.”

Meu coração bate forte quando as palavras saem dos meus lábios, mas para meu alívio, a expressão dela muda imediatamente. Sua testa se suaviza e seus ombros relaxam enquanto ela se recosta nos travesseiros. Sua expressão severa se transforma em suave exaustão, e eu poderia cair de joelhos quando ela olha para mim com aquela luz em seus olhos que eu aprendi a amar.

“Acho que essa é a minha deixa,” Cora murmura enquanto se levanta, seus olhos passando entre Natalie e eu, não que nenhum de nós preste muita atenção nela. “Você

sabe onde estou se precisar de mim.” Ela dá um tapinha na mão de Natalie e abaixa a voz enquanto diz: “Boa sorte”.

A porta se fecha suavemente atrás de Cora e, com as pernas inseguras, caminho até a cadeira vaga. Os olhos de Natalie acompanham meus movimentos, mas ela não parece desanimada com eles. Considero isso um bom sinal e puxo a cadeira para mais perto da cabeceira dela.

Estendendo a mão, pego a mão dela e acaricio suas costas. “Natalie, por favor, me diga o que você ouviu que a deixou tão chateada.”

Posso ter entendido a essência ouvindo através da porta, mas quero desesperadamente que ela mesma me conte. Preciso aliviar seus medos e ela precisa saber que não vou esconder isso dela.

“Ouvi dizer que você fez parte do ataque a Protheke.” Seus olhos ficam tristes quando ela diz isso, e é como um soco no estômago. Eu faria qualquer coisa para apagá-lo, de verdade, e me dói o quanto me apaixonei por essa mulher. “Você nunca admitiu estar envolvido na operação quando eu lhe contei como ela destruiu minha vida. E pensei que talvez você tivesse matado Toklys.

Tento não me encolher quando ela diz o nome de seu ex-amante. Dói-me pensar em outro homem segurando-a, mas posso superar isso por Natalie. É uma conversa que tenho temido e, ainda assim, tenho vontade de tê-la desde que a vi com lágrimas nos olhos correndo pelo meu corredor.

Balançando a cabeça, digo a ela: — Fiz parte do ataque, mas nunca fui a Protheke. Como soz'garoth, eu apenas abri os portais para os demônios chegarem lá. Sinceramente, não sabia o que eles planejavam fazer no continente terrestre.

“Eu estava apenas cumprindo ordens.”

Eu levanto para acariciar suas bochechas. “Não participei do rapto de nenhuma das mulheres ou do assassinato de ninguém. Minha contribuição foi apenas um aceno de mão, e não contei antes porque não queria que você pensasse o pior de mim. Estávamos apenas começando a construir confiança e eu não queria quebrar algo tão frágil.”

Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas. “Você nunca foi para Protheke.”

Ajoelho-me ao lado da cama dela, querendo ficar no mesmo nível dos olhos e chegar o mais perto possível dela. “Não, não fiz isso, mas isso não significa que não estive envolvido.” Respiro fundo, mal conseguindo acreditar nas palavras que saem da minha boca em seguida. “Eu sinto muito.”

Um sorriso suave brinca em seus lábios. Ela está relaxando mais, e parece que ela acha meu pedido de desculpas nada demoníaco tão divertido quanto antinatural.

“Por que?”

“Sinto muito por não ter contado a você em primeiro lugar. Você me deu a oportunidade perfeita e, ainda assim, quando tive a chance, fiquei em silêncio. Não importa o motivo, eu não deveria ter feito isso. Eu deveria ter lhe contado a verdade e deixado você tomar suas próprias decisões em vez de tentar guiá-lo na direção da minha escolha.”

Suas sobrancelhas se unem enquanto continuo, e isso me deixa nervoso. Não sei se a estou chateando ao dizer isso, mas continuo.

“E sinto muito que você tenha tido notícias de outra pessoa. Não quero que você sinta que estou escondendo alguma coisa de você. Você merece a verdade, Natalie. Se você tivesse vindo até mim, eu preferiria falar com você em vez de persegui-lo até um ninho de demônios bugios.

Sua boca se curva em uma carranca. Estou indo na direção errada.

“Mas eu entendo por que você fez isso”, admito, parecendo quase resignada. Nunca fui tão aberto com ninguém sobre meus sentimentos e é difícil para mim contar tudo isso a ela. Mas eu tenho que. Tenho que fazer o que for preciso para limpar o clima entre nós e depois deixar que ela tome sua própria decisão.

“Não culpo você por fugir de mim, mas quero que saiba que sempre pode falar comigo. Quero saber o que você está pensando e como está se sentindo, e se precisar de um espaço meu, posso lhe dar isso.

Aperto a mão dela. “Só, por favor, *por favor*, não saia correndo assim de novo. Não é seguro, e é por isso que corri atrás de você, não porque não consigo respeitar seu espaço, mas porque não suporto a ideia de você se machucar.”

Atrevo-me a olhar para seus lindos olhos escuros e ela está me encarando com aquele olhar pensativo novamente. Espero alguns instantes, esperando que ela me dê algum tipo de resposta, mas ela não dá. Lentamente, tiro minhas mãos de seu rosto e me afasto dela.

“Me desculpe se fui muito forte ou se invadi seu espaço ou te empurrei longe demais. Estou tentando, Natalie, mas eu... Balanço a cabeça, olhando para as palmas das mãos abertas. “Não sei o que estou fazendo aqui, para ser sincero. Estou fazendo o melhor que posso.”

O silêncio é tudo o que encontro comigo, e quando olho para ela, ela está olhando para frente. Suspiro, mas sabia que ela não estava pronta para me ver. Levanto-me e mantenho a imagem do estoicismo, embora esteja muito longe disso. “Sinto muito por me intrometer quando você precisa descansar.” Mesmo que ela tenha dito que queria me ver, ainda sinto que foi um erro agora. “Eu irei.”

Eu me viro, meu coração afundando a cada passo. Eu não *quero* ir embora. Quero abraçá-la, saber que ela está bem e que não me odeia. Eu dei meu coração àquela garota e agora estou indo embora, dando a ela todas as oportunidades para esmagá-lo.

Assim que chego à porta e estendo a mão para segurar a maçaneta, a voz dela finalmente corta o ar.

"Espere..."

NATALIE

Kha'zeth se volta para onde eu estava deitado na cama, sua postura mais resignada do que esperançosa. Enrolo meus dedos nos lençóis que me cobrem, tentando disfarçar a ansiedade que pulsa através de mim enquanto ele olha para mim. Não sei o que dizer, mas sei que não quero que ele vá.

Olhamos um para o outro por um longo momento, o silêncio pesado pairando entre nós antes que Kha'zeth finalmente o quebre.

"Você quer que eu sente com você?"

Concordo com a cabeça, grata por ele ter me salvado de tentar colocar meus pensamentos dispersos em palavras. Kha'zeth se senta na cadeira ao lado da minha cama e tiro o olhar das mãos enquanto respiro fundo.

"Aquele dia foi o pior dia da minha vida", digo a ele baixinho.

O rosto de Kha'zeth é solene quando ele balança a cabeça, seus dedos se contorcendo em minha direção como se quisesse me alcançar. Não faço nenhum movimento para pegar sua mão, ainda não, até ter certeza de que sei tudo sobre o que aconteceu naquele dia.

"Quando descobri que você fazia parte do ataque, foi como se algo dentro de mim tivesse quebrado. Tudo que eu conseguia pensar era naquele enorme demônio transformando o crânio de Toklys em lascas. Fiquei imaginando seu rosto por baixo de toda aquela armadura, fiquei pensando... fiquei pensando que você não me contou sobre seu envolvimento com o ataque porque foi você quem matou Toklys e me levou.

Kha'zeth está balançando a cabeça enfaticamente antes mesmo de eu concluir o pensamento, abrindo a boca para se defender quando levanto a mão, sinalizando silenciosamente para ele que não terminei. Ele para, esperando que eu continue enquanto me forço a encontrar seus olhos.

"Eu preciso que você seja honesto. Eu quero descobrir isso, realmente quero, mas para fazermos isso eu preciso saber exatamente o que aconteceu, sem barreiras."

Kha'zeth assente, esperando um pouco para ver se vou continuar. Quando não o faço, ele o faz, falando suave e deliberadamente, mantendo meus olhos nos olhos o tempo todo.

“Eu não matei Toklys. Não matei ninguém, pelo menos não diretamente. Abri os portais que permitiam a passagem dos demônios e, dessa forma, sou responsável pelas mortes que ocorreram, mas nunca levantei uma lâmina ou uma mão para ninguém em seu acampamento. Não pisei em Protheke e não levei nenhuma das mulheres do seu acampamento. Por favor, saiba que eu nunca, jamais mentiria para você sobre isso”, diz ele, sua voz se tornando mais enfática e suplicante à medida que sua explicação chega ao fim.

“Eu deveria ter contado tudo a vocês antes e, embora não tenha matado ninguém pessoalmente, assumo total responsabilidade pelas vidas perdidas naquele dia. Sinto muito, Natália. Eu poderia muito bem tê-los matado abrindo aqueles portais...

“Pare,” eu o interrompo, minha voz embargando com a emoção crua no rosto de Kha'zeth enquanto ele gira, defendendo seu caso comigo. Eu levanto minha mão para segurar sua bochecha, chocada com a umidade acumulada em seus olhos e a angústia gravada em suas feições. “Você não os matou”, digo baixinho, tanto para confortá-lo quanto para me confortar. Deslizo meu polegar por sua maçã do rosto saliente, sustentando seu olhar.

“Nunca pensei que você fosse um monstro ou um assassino – mesmo quando eu estava com medo e acreditava no pior, no fundo da minha alma eu sabia que você não era capaz de mentir para mim sobre algo tão horrível,” eu admito, meu polegar nunca cessando em seus pequenos traços em seu rosto.

Os ombros de Kha'zeth caem com o peso de seu alívio, e ele se inclina na palma da minha mão, dando beijos doces enquanto olha para mim.

“Ainda sinto muito”, diz ele com voz rouca. “Sinto muito por esconder as coisas de você, por abrir esses portais em primeiro lugar, por lhe dar qualquer motivo para duvidar de mim. Eu vou compensar você, eu juro.” Um pequeno sorriso brinca em meus lábios com sua promessa, todos os tipos de ideias dançando na minha cabeça.

— Então, terei que pensar em algumas maneiras de você me compensar — digo timidamente enquanto olho para ele, deixando meus olhos percorrerem os traços fortes e bonitos de seu rosto. Não me permiti sentir todo o meu desejo por ele, o quão difícil foi ficar longe dele, até este momento.

O choque passa pelo rosto de Kha'zeth por uma fração de segundo antes de ser rapidamente substituído por um sorriso arrogante e puramente masculino. "Estou ansioso para compensar você, uma e outra vez", ele murmura, inclinando-se para pegar meus lábios em um beijo gentil e carente que me diz o quão preocupado ele realmente estava.

"Eu vou compensar você enquanto você me deixar."

A luz do sol incide sobre o jardim em raios grossos entre os ramos das árvores, respectivos pontos de luz e sombra fundindo-se numa dança hipnótica. Kha'zeth e eu estamos deitados sobre um cobertor fino no meio dos jardins, como se tornou nossa tradição semanal.

Apesar da terra de Ti'lith ser completamente estranha e intimidante para mim quando cheguei, agora descobri que ela, e especialmente os jardins de Kha'zeth, são uma fonte especial de conforto. Flores prateadas de Lolane dançam ao vento seco, a luz do sol brilhando em suas pétalas metálicas.

Suspiro, aninhando-me ainda mais nos braços de Kha'zeth, adorando a maneira como ele me aperta mais perto. Até agora, a gravidez tem sido exatamente o que eu sempre imaginei que seria, embora eu pudesse viver com menos instintos territoriais de Kha'zeth. Ele quase esfolou um dos zonak vivo ontem depois de entrar em nosso quarto sem bater.

No dia em que encontrei o ninho dos bugios, eu suspeitei que poderia estar grávida, mas não tive certeza até que Kha'zeth confirmou isso para mim enquanto eu estava me recuperando. Ainda é muito cedo para eu aparecer, mas o pequeno parece querer dar a

conhecer a sua presença de outras formas, como a náusea persistente ou a rapidez com que fico cansado.

A mão de Kha'zeth vagueia da minha cintura até minha barriga, como tantas vezes acontece hoje em dia, e sinto mais do que vejo um pequeno fio de seu toque mágico contra minha barriga. Uma pequena gavinha de magia responde à sua.

Nunca deixarei de me surpreender que Kha'zeth e nosso filho já consigam se comunicar, já tão... parecidos. Pressiono a mão na minha barriga ao lado da de Kha'zeth enquanto olho para ele maravilhada.

“Sabe, acho que nunca vou parar de ficar com ciúmes por você poder fazer isso”, digo a ele enquanto esfrego minha barriga. Kha'zeth sorri, colocando a mão sobre a minha e se inclinando para me beijar docemente.

“Você consegue cultivá-los, eu deveria pelo menos poder brincar um pouco com eles”, ele retruca. “A magia do caos deles já é forte. Eles vão ser um pouco infernais”, acrescenta Kha'zeth, seu sorriso se aprofundando enquanto ele continua espalhando pequenas ondas de magia para nosso bebê.

Reviro os olhos, sorrindo enquanto relaxo contra ele, deixando minha mente vagar no calor do sol e no conforto do toque de Kha'zeth.

“Eu deveria fazer questão de visitar Cora novamente em breve”, digo distraidamente, fechando os olhos contra o calor do dia. Kha'zeth murmura sua concordância, ouvindo apenas parcialmente enquanto brinca com nosso bebê.

Sonolenta por causa do sol da tarde, deixo-me perder e recuperar a consciência enquanto descansamos, e depois de um tempo Kha'zeth se afasta, dando beijos leves na cicatriz que está quase completamente escondida na linha do meu cabelo.

Serve como um lembrete, ele me disse ontem à noite, do que ele tem a perder agora. Do que ele tem que lutar. Eu sorrio enquanto seus lábios descem pelas minhas bochechas, salpicando beijos ao longo da ponta do meu nariz e em cada pedaço possível do meu rosto.

“Seja meu”, Kha'zeth sussurra entre os beijos que dá em minha pele. “Fique comigo, Natália. Seja meu parceiro, meu companheiro.

"Você está falando sério?" — pergunto, sem me preocupar em esconder a surpresa na minha voz. Kha'zeth paira acima de mim, seus olhos encontrando os meus.

"Nunca levei nada tão a sério em minha vida", ele responde. Minha respiração fica presa na garganta, minha voz me abandona completamente enquanto olho para ele.

Kha'zeth devolve meu olhar, estudando meu rosto no silêncio, antes de me prender sob seu peso e me atacar com uma saraivada de beijos. Eu grito, incapaz de evitar minhas gargalhadas enquanto Kha'zeth arrasta os lábios por cada centímetro de pele exposta que pode alcançar, tomando cuidado extra para permanecer onde ele sabe que sinto mais cócegas.

"Ainda estou esperando", diz Kha'zeth contra a pele nua do meu pescoço. Antes que eu possa responder, ele pressiona os lábios firmemente no local, exalando bruscamente e fazendo um barulho grosseiro. Eu grito de tanto rir com a sensação, me afastando de seus lábios enquanto ele sorri e abaixa a boca até meu ombro para fazer isso de novo.

"Ok, ok," eu ofego, o riso ainda persistente em minha voz.

"Certo *o que*?" Kha'zeth pergunta em seu tom mais sofrido, recuando para me olhar nos olhos, seu sorriso absolutamente felino.

"Tudo bem, serei sua – mas só se você parar de me fazer cócegas", retruco, olhando para ele. Kha'zeth ri da minha estipulação para o nosso acordo enquanto minhas palavras são absorvidas, a gravidade delas se tornando óbvia.

Minha expressão deve ter mudado, porque Kha'zeth para de rir, me libertando de seu aperto enquanto estuda meu rosto. Eu levanto a mão para segurar seu rosto, sorrindo suavemente para ele.

"Eu era seu antes mesmo de você perguntar," digo baixinho, sem nunca deixar cair o olhar. "Ser seu parceiro e companheiro – é a maior honra que eu poderia esperar."

Kha'zeth sorri, alegria pura brilhando em seu rosto enquanto ele me envolve em um beijo longo e apaixonado.

"A honra é toda minha", ele murmura suavemente.

KHA'ZETH

Sele disse sim!

É estranho, quase ridículo, permitir-me ser tão dominado pela emoção e, ainda assim, aqui estou, com a pele muito esticada, esticada sobre a enorme extensão da minha alegria e a promessa do que o futuro agora reserva.

Abaixo meus lábios até os de Natalie novamente, seus braços entrelaçando meus ombros enquanto ela abre a boca para mim. Ela será minha companheira, minha esposa, a mãe do meu filho. Meu.

Minha língua desliza dentro de sua boca, o beijo gentil rapidamente se tornando uma reivindicação. Natalie geme de prazer com a mudança repentina, puxando-me ainda mais para dentro dela.

O fato de estarmos nos jardins, abertos ao ar e aos olhos de quem por ali passa, torna-se irrelevante quando Natalie levanta os quadris, envolvendo as pernas em volta de mim e me puxando bruscamente para o berço entre suas pernas.

É a minha vez de gemer, meus quadris roçando os dela instintivamente. Os dedos de Natalie se atrapalham com o fecho da gola da minha túnica, e eu rosno, jogando-a sobre a cabeça antes de começar a trabalhar em seu vestido.

Natalie ri do meu entusiasmo, o som de sua risada apenas aumenta meu senso de urgência para me livrar das camadas que nos separam. Eu pego aquela risada em outro beijo, amando o sabor do sorriso dela dançando na minha língua.

Por fim, perco a paciência com as fitas e os fechos ridículos do vestido fino e cheio de babados que Natalie escolheu para a manhã, e rasgo a roupa na lateral. Natalie engasga, lançando um olhar incrédulo para mim.

“Kha'zeth! Esse foi um dos meus vestidos favoritos! Ela me repreende, embora o sorriso em sua voz me diga que ela não está *muito* chateada.

“Vou comprar mais para você,” prometo enquanto meus lábios encontram os dela mais uma vez, beijando-a profundamente antes de arrastar meus lábios por seu pescoço, provocando-a com meus dentes e língua. Natalie se curva ao meu toque enquanto deslizo minhas mãos por seu torso agora exposto, saboreando a suavidade sedosa de

sua pele enquanto minhas mãos se movem para cima, para cima, para segurar seus dois seios.

Abaixei ainda mais a cabeça, minha boca e língua se movendo mais para baixo em movimentos preguiçosos. Continuo minha série de beijos por todo o pescoço, pelas clavículas e pelo volume generoso de seus seios. Eu provoço o pico do seio de Natalie com meu dedo antes de minha boca se juntar à minha mão, minha língua batendo contra seu mamilo, arrancando um suspiro de sua garganta.

Meu pau se contorce com o som, forçando minhas calças agora muito apertadas. Eu pressiono Natalie, minha boca batendo contra a dela enquanto provoço e ando por sua pele nua. Ela é tão quente, tão macia – mesmo com minhas mãos tocando, acariciando e segurando cada centímetro de sua pele nua, não há o suficiente dela.

Sempre vou querer mais.

Os dedos de Natalie se desembaraçam do meu cabelo, descendo pelo meu peito para agarrar meu cós, puxando-o em uma exigência muda. Eu obedeco, me atrapalhando com a fivela do cinto na pressa de tirar as calças.

Interrompo nosso beijo enquanto tiro a calça, a mão de Natalie envolvendo meu comprimento com tanta velocidade e possessividade que um rosnado ecoa em minha garganta. Eu fico onde estou, ajoelhado diante dela enquanto ela está deitada no cobertor, as sebes altas cheias de flores de Lolane nos cercando.

O olhar de Natalie vagueia pelo meu peito e estômago, descendo para observar enquanto ela arrasta a mão pelo meu pau. Eu reprimo um gemido enquanto ela me bombeia, deixando-a olhar até se preencher. Cada golpe, cada carícia ameaça me desfazer completamente.

Não tenho ideia de como sobrevivi tanto tempo sem ela.

Agarro seu pulso, acalmando aqueles movimentos longos. Os olhos de Natalie encontram os meus, confusão juntando suas sobrancelhas enquanto ela olha para mim. Eu me inclino, segurando seu queixo suavemente com a mão livre, sustentando seu olhar.

“Você é minha,” eu sussurro para ela, beijando-a enquanto solto seu pulso e queixo.
"Meu."

Natalie geme em aprovação, puxando-me para um beijo profundo e aberto, nossas línguas e dentes lutando pelo domínio. Eu me acomodo no berço entre suas pernas, seus tornozelos presos nas minhas costas, me guiando em sua direção.

Eu me arrasto através de seu calor úmido, gemendo com o quão escorregadia ela já é para mim. Natalie engasga com o contato, arqueando-se para encontrar meus quadris com os dela. Eu cutuco sua entrada, parando logo quando interrompo nosso beijo para olhar para ela nos olhos.

“Diga,” murmuro enquanto mantenho seu olhar.

A compreensão surge no rosto de Natalie enquanto ela olha para mim, seu olhar caindo para meus lábios enquanto ela sussurra: “Eu sou sua, Kha'zeth.”

Eu pressiono suas palavras, me mantendo dentro dela para deixá-la se acostumar com o meu tamanho. A sensação dela se apertando ao meu redor, a maneira como seu cabelo está espalhado sobre o fino cobertor branco e a terra vermelha, seus olhos brilhantes e turvos de desejo, suas bochechas vermelhas, faz com que minha liberação já se enrole firmemente em torno da base da minha coluna.

“De novo,” exijo com os dentes cerrados, minha restrição ameaçando quebrar.

“Eu sou sua,” ela respira. Eu saio quase completamente dela antes de empurrar de volta lentamente, permitindo-me mais alguns centímetros. “Sou seu!” Natalie engasga. Repito o movimento, saindo quase totalmente dela antes de empurrar mais fundo e mais rápido.

“Eu sou sua, eu sou sua, eu sou sua,” ela geme embaixo de mim, levantando os quadris para cumprimentar cada batida, reivindicando golpe. Sua voz ecoa em meu ouvido enquanto eu empurro nela, meu corpo queimando e apertando em antecipação à minha liberação.

Natalie estende a mão para agarrar meus chifres, forçando-me a abaixar meus lábios nos dela em um beijo ardente enquanto me movo dentro dela. Ela me aperta, seu corpo se levantando do chão enquanto ela chega ao clímax. Eu não cederei em meus golpes, batendo nela com mais força e mais rápido do que antes, querendo cair daquela borda com ela.

Não demoro muito até que aquele nó enrolado dentro de mim se rompa e eu derrube em Natalie com um rugido, nossos corpos escorregadios de suor. As estrelas dançam em minha visão enquanto tento me recuperar da minha libertação. Minha respiração está instável quando saio de Natalie, desabando ao lado dela.

Ela ri, claramente divertida com o efeito que causa em mim, antes de dar beijos suaves em meu rosto. Eu sorrio preguiçosamente, puxando-a para mais perto de mim com um suspiro.

“Esse é o tipo de tratamento que posso esperar toda vez que digo 'sou seu'?” Natalie brinca enquanto passa um dedo preguiçoso pelo meu bíceps. Eu solto uma risada com sua pergunta, beijando o topo de sua cabeça em resposta.

— Porque se for — continua Natalie, afastando-se para me olhar nos olhos —, sou *toda* sua.

Meu sangue aquece com o desafio em seu rosto, o sorriso pintado em seus lábios carnudos. Rosno, já me sentindo enrijecer com o convite. Estou prestes a montar em Natalie novamente quando um estrondo retumbante vindo de perto da casa ecoa pelos jardins, nossas cabeças se voltando para a fonte da perturbação.

“KHA'ZETH! NATÁLIA!” O grito agudo de Elincia corta o silêncio calmo e efetivamente apaga o fogo que cresce entre Natalie e eu. O pânico toma conta de mim com a ideia de que algo está errado antes que a voz de Valindra o siga.

“Oh meus DEUSES, não seja tão bebê!”

“EU. Sou. Não. UM BEBÊ!” Elincia grita com a irmã. Reprimo um gemido, levantando a mão para limpar a dor de cabeça que já sinto crescendo. Natalie ri por trás da mão, sentando-se e mudando de posição para que os arbustos cubram a maior parte de seu corpo nu.

Visto a calça para o caso de uma das garotas descobrir nosso esconderijo, jogando minha túnica para Natalie, que a veste. Elincia passa pelo nosso esconderijo sem sequer olhar, Valindra logo atrás dela.

“Valindra está sendo má comigo de novo!” Elincia grita no silêncio, claramente esperando que um árbitro apareça do nada.

Praticamente posso ouvir Valindra revirar os olhos enquanto ela retruca. “Não, uh! Eu estava apenas dizendo a verdade!

A briga das meninas desaparece à medida que elas se afastam cada vez mais do nosso esconderijo secreto de flores de Lolane. Olho para Natalie, com um sorriso espalhado em meu rosto, em parte devido ao absurdo das brigas constantes das meninas, e em parte devido ao fato de que quase fomos pegos fazendo amor no mato como dois jovens.

Os olhos de Natalie brilham quando ela começa a rir, incapaz de conter o riso agora que as meninas estão longe o suficiente para não poder ouvir. A risada dela é contagiante e, antes que eu perceba, nós dois estamos histéricos, ofegantes entre as risadas, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Pisco em meio às lágrimas turvas em meus olhos para olhar para Natalie. Observá-la rir, com as bochechas coradas, todo o rosto vivo de alegria, faz com que algo se estabeleça para mim. Eu amo ela. Já faz muito tempo que sei que a amo e que quero estar com ela, mas esse momento é... diferente.

Eu mataria por ela. Eu morreria por ela. Eu faria qualquer coisa por ela, qualquer coisa que ela pudesse querer ou precisar, eu fornecerei para ela e para a criança que cresce em sua barriga. Quero que ela seja feliz assim para sempre – quero que os dois sejam felizes.

E farei tudo ao meu alcance para garantir que o futuro deles seja brilhante.

VOLIKAN

Tele convoca é uma surpresa agradável.

De novo? Eu penso, me perguntando se o Rei já esgotou os estoques de seus cobiçados humanos e precisa coletar mais do continente abaixo. Considero trazer minhas espadas gêmeas comigo, mas penso melhor. Da última vez, tivemos horas para nos prepararmos antes do ataque.

Ainda sonho com o ataque de vez em quando, esmagando elfos negros e humanos indiscriminadamente. O cheiro de sangue e merda.

Eu não poderia imaginar uma vitória mais completa.

Vestido como estou, em couro binmou cravejado, sigo a pé o carrancudo trolvor até a residência de seu mestre. A propriedade real surge acima de nós, facilmente o edifício mais alto de Ti'lith. Há outros do ataque que reconheço, através da névoa da matança. Todos volvath ou soz'garoth, aqueles que atacaram Protheka para infligir carnificina aos seus residentes. Seguimos o mesmo caminho, passando pelas grandes portas em meio a uma multidão solta.

Aceno para um volvath endurecido pela batalha com chifres rachados e olhos amarelos. Ele retribui o aceno e emite um sorriso radiante. *Lembra como devastamos os elfos negros?* Seu sorriso parece perguntar.

Eu faço.

Com carinho.

Um zonak que serve a família real, estampado com o sigilo do deus da guerra em suas vestes, nos cumprimenta, tão alto quanto sua forma atarracada permite. Ele nem chega à minha cintura. “Bravos guerreiros”, sua voz áspera chama quando paramos perto da sala do trono. “Sua Majestade convida você humildemente a participar dos despojos de nossa vitória em Protheka.”

Algo dentro de mim se contorce de prazer. Não é exatamente a gratificação de massacrar elfos negros desavisados, o que é uma recompensa por si só, mas só havia uma coisa que fomos lá procurar.

Mulheres.

humanas que os elfos mantinham só para si. Que outros despojos poderíamos ter obtido que o soz'garoth já não consegue invocar?

As portas são abertas com estrondo.

O rei Asmodeus está sentado em seu trono exatamente como me lembro, sem rosto, sem idade. Uma imagem que poderia ser esculpida na obsidiana, e mesmo em cem, cem anos, ele continuaria sendo uma imagem perfeita de apatia, com uma mão enluvada apoiada no joelho, a outra alcançando o vazio sob o capuz. Apenas aqueles olhos brilhantes permanecem fixos em nós enquanto ele se mexe na cadeira. “Finalmente”, diz ele, sua voz profunda ressoando pelo corredor conforme nos aproximamos. “Traga-os para fora.”

Ele não está falando conosco, mas com uma multidão de trolvor que se curva profundamente antes de arrastar uma cauda de mulheres humanas em vestidos de seda finos que não combinam com sua aparência desgrenhada. Eles estão magros e desnutridos, seus olhos oscilando entre o rei e nossa comitiva.

Cada um eu poderia destruir com prazer e dor.

O dono do canil os escolheu bem e, apesar da maneira como o trolvor os trata, ainda há medo em seus cheiros, pois são forçados a ficar em fila diante de nós. Meus companheiros ficam tensos ao vê-los, um estrondo na garganta do demônio de olhos amarelos enquanto ele absorve suas imagens.

Despojos, penso, olhando para a multidão de mulheres.

Elas não são matronas.

As matronas cuspiam e amaldiçoavam a audácia de mantê-los em condições tão sombrias. Mas os humanos não. Vários choram em suas mãos, mas quando ousam emitir algum som, um dos trolvor pega seu chicote e eles ficam em silêncio novamente. Bem de salto alto também.

A voz do Rei Asmodeus atrai meu foco. “Graças aos esforços de Giroth e Kha'zeth, sabemos agora que os humanos são recipientes viáveis para a nossa semente. Minha intenção é criar um exército de demônios para enfrentar a guerra que vem do céu para Protheka...” Ele faz uma pausa enquanto rimos da promessa de derramamento de

sangue. “-e cabe a vocês, meus guerreiros mais fortes, ser a fonte desse exército. Tenho certeza de que não preciso instruí-lo sobre como levar uma mulher para a cama...”

Outra risada circula.

Algumas das mulheres estão visivelmente tremendo, e eu me impedi de andar para frente para deleitar-me com seu terror. Eu possuo um espelho em minha residência e sei como minhas muitas cicatrizes de batalha afetam o sexo frágil. Nenhuma matrona se ofereceu para compartilhar sua cama ultimamente, mas uma dessas mulheres o fará.

Ela não terá escolha.

“Cada um de vocês mereceu esta dádiva”, continua o Rei. “Considere isso um presente, com um custo mínimo. Mantenha-os vivos, mas caso contrário, crie-os como quiser.

Meu coração acelera.

Antes de sair daqui, um deles será *meu* para brincar.

Eu os examino com mais discriminação desta vez. Cada um deles tem seu próprio apelo, desde o voluptuoso que empurra os nós dos dedos nos olhos, até o alto com rosto manchado e boca firme. Cada um gritaria por mim no final, alguns mais cedo do que outros. Embora existam muitos demônios para observar, a maioria dos humanos me observa.

Meu pau dói ao pensar em cada um deles embaixo de mim. *Ainda não*, digo a mim mesmo, reprimindo a sensação antes de ser superada por ela. *Tenha paciência*.

“Volikan”, sai meu nome dos lábios do rei. “Passo à frente.”

Quando faço isso, todos os olhos estão voltados para mim.

Deleito-me com a atenção, principalmente das mulheres, que finalmente veem meu rosto cheio de cicatrizes. Alguns até suspiram quando puxo os lábios para revelar dois pares de dentes afiados. “Sim, meu rei?”

Ele faz um gesto para seus guardas trolvor sem dizer uma palavra. Eles parecem saber o que fazer, empurrando um ser humano particularmente justo para frente. Ela tropeça e se endireita, olhando para mim com os olhos arregalados antes de decidir olhar além de mim.

“Pegue seu prêmio.”

Este?

Estudo sua pele pálida e a pulsação vital de seu coração na garganta. Ao contrário dos outros, suas bochechas não estão manchadas de lágrimas e, embora ela use o vestido mal ajustado, não duvido que sua forma seja tão leitosa e rica quanto o resto dela.

Eu me aproximo, enrolando uma mecha de seu rico cabelo castanho em torno de uma garra. Um tremor repentino a atinge, mas ela aperta a mandíbula com mais força em um esforço para permanecer estóica. Quanto tempo ela vai durar?, pergunto-me enquanto me deleito com sua valente tentativa de reprimir seu medo.

Nunca tiro os olhos dela, mesmo quando me dirijo ao Rei Asmodeus. “É um presente generoso, Sua Majestade.”

A gravidade da minha voz a faz fechar os olhos.

Mas não lhe dou tempo para lamentar seu destino, arrastando-a pelo pulso de modo que seus lábios carnudos se abram em um suspiro. Meus dedos endurecidos pela batalha se fecharam em volta de seu pescoço, forçando seu rosto a encontrar o meu. Há uma pausa antes que seus olhos se abram e uma acusação fria ferva ali.

Eu pego seu traseiro e arrasto nossos quadris, finalmente arrancando um pequeno gemido dela. É um som delicioso que absorvo antes que ela tenha a chance de protestar ainda mais. O resto está olhando.

Deixe-os ver como isso é feito.

Sua língua luta contra a minha, recusando-se a me deixar entrar.

E eu rio, retirando minha língua antes que ela a quebre entre os dentes brancos e chatos.

“Bom,” eu digo a ela. “Não seria divertido se você não lutasse.”

Juro que ela está prestes a me amaldiçoar quando eu arrasto sua cabeça para o lado, mordendo a pele de sua garganta. Meu pau já está duro como pedra. Ela pode sentir isso? Ela pode sentir o meu calor, desejando-a? O Rei quer que criemos descendentes, mas isso é a última coisa em minha mente agora, enquanto meus dentes roçam sua carne macia.

Meu polegar está pressionado na parte inferior de sua mandíbula, então ela não poderia falar mesmo que quisesse. De qualquer forma, é desaconselhável diante do Rei, que a considera pouco mais que um recipiente para meu uso. Mas mesmo na tensão suave do seu corpo, ela resiste a mim.

Você aprenderá, penso, abrindo bem a boca. De uma forma ou de outra.

Seu grito ecoa pelo grande salão, todos os seres congelados – até mesmo o Rei – enquanto eu quebro a carne, saboreando seus curtos anos em uma forte tragada. Meu polegar aperta sua garganta, o que funciona furiosamente, mas apenas um miado abafado escapa dela enquanto ela me agarra.

Eu me retiro antes de me perder, minha língua deslizando sobre sua carne ferida como um ur'gin tentando aliviar a dor. Um tipo diferente de som lhe escapa. É pequeno e patético, cheio de tristeza que não me preocupo em compreender.

Olho para o meu trabalho, deleitando-me com o círculo fluorescente em sua garganta que a marca como minha. Sua respiração está acelerada, seu medo aumentando com a frequência de seu coração enquanto a ferida fica cheia de sangue fresco.

Hesito em prová-la novamente. Não na frente dos outros, que já estão preparados para reivindicar seus próprios humanos. Um frenesi pode facilmente surgir e não serei responsável por isso. Em vez disso, lambo os lábios ensanguentados e olho para o rei, que observa o caso com uma expectativa silenciosa.

“Ela vai servir,” eu digo, puxando-a contra mim. “Considere seu pedido atendido.”

O fim

Para ler mais sobre Natalie e seu demônio enquanto eles navegam neste mundo, inscreva-se no meu boletim informativo aqui: [https:// www. página de assinatura. com/ celesteking](https://www.página.de.assinatura.com/celesteking)

LIVRO 4: ABRAÇANDO O DEMÔNIO

Ela adora seus deuses.

Mas nenhum deus pode protegê-la de mim.

Eu sou o demônio Volikan.

Forte em batalha e cruel, minha fúria furiosa é temida em todos os planos da existência.

E ainda assim fui arrancado do campo de batalha pelo meu rei para brincar de casinha com uma pequena mulher humana com metade do meu tamanho.

Estou extasiado com sua beleza.

Meu corpo está atraído por ela de uma forma que nunca esteve nas incontáveis eras em que estou vivo.

Eu não sei por quê.

Ela é pequena.

Ela é barulhenta.

E ela não tem medo de mim.

Não vou sucumbir aos seus encantos femininos.

Não serei persuadido a acasalar com ela e trocar minhas espadas flamejantes por babadores de bebê.

Então por que a única coisa que consigo pensar é na suavidade dos olhos dela?

O cheiro dela. Seu toque.

E o quanto eu quero que sejamos uma família?

ANASTASIA

"EU tem alguém aí? Eu sussurro, olhando para a escuridão. Ainda não tenho certeza se estou criando problemas ao falar, mas corro o risco de qualquer maneira. Tudo depende se um amigo ou inimigo se esconde nas sombras. Ainda assim, mantenho a voz baixa, testando a água.

Ninguém responde. Espero, ouvindo o silêncio que me rodeia. Nunca quebra e finalmente decido que devo ficar sozinho.

Sozinho. Se isso é bom ou ruim, eu não sei. Suponho que depende do que me trouxe a este lugar. Ou onde fica esse lugar.

Eu me endireito, de onde estou deitado no chão frio de pedra. Limpando o sono dos meus olhos, examino os arredores. A única luz é uma pequena vela, distante, que não revela muito o cenário. É difícil ver, na escuridão, mas é quase certo que seja outra masmorra.

Mas parece totalmente desconhecido. No começo, acho que pode ser um lado diferente da masmorra com o qual estou acostumado. Aquele em que passei meses. Talvez ainda esteja lá, apenas vendo a vista de um ângulo diferente.

Quanto mais meus olhos observam, porém, mais me convenço de que este é um lugar novo. Olho para meu corpo em busca de pistas, tentando juntar as peças do que aconteceu nas últimas horas. Pelo menos, espero ter perdido apenas algumas horas. Poderia facilmente levar dias, e suponho que isso realmente não importa em nenhum dos casos.

Quando você é um prisioneiro, o tempo começa a perder todo o sentido.

A única coisa revelada pelo meu exame limitado é que estou nu. Apalpo meu corpo com ternura, tentando julgar o que aconteceu com ele quando eu não percebi. Nada significativo salta à minha mente.

Sem fluidos misteriosos ou coxas pegajosas. Sinto alguns hematomas, mas tenho certeza de que já estavam lá. Não é como se minha última masmorra não tivesse deixado marcas.

Ainda assim, isso não me ajuda a resolver meu mistério atual. Onde eu estou agora?

Lembro-me, claro, da invasão ao meu campo de trabalho. Nunca esquecerei isso – esse pesadelo ficará gravado em minha mente até o dia da minha morte.

Claro, isso pode acontecer a qualquer momento. De muitas maneiras, estou surpreso que ainda não tenha acontecido. Às vezes, acho que o cumprimentaria ansiosamente.

A vida sob os elfos negros não era fácil, mas de alguma forma só piorou. Estávamos acostumados a ser forçados a trabalhar quase até a morte no campo. Suponho que outrora, jovens e ingênuas, todas as mulheres teriam concordado que nada poderia ser mais difícil do que isso.

Mas então os demônios vieram. Eles nos sequestraram e nos forçaram a voltar para uma estranha ilha flutuante, pairando no céu sobre Protheke. Para que eles nos queriam, ninguém sabia realmente. A tortura parecia ser a única coisa que lhes passava pela cabeça e talvez fôssemos apenas os alvos mais fáceis.

Afinal, tínhamos sido, para os elfos negros. Talvez os demônios pensassem que era a vez deles. E descobriu-se que eles provaram uma coisa – o que considerávamos sofrimento sob os elfos negros era apenas o começo.

Os demônios, agora eram os verdadeiros especialistas da miséria. Cada dia era crueldade pela crueldade. Consegui sobreviver tanto tempo, mas para quê?

“Ai,” eu respiro, minha mão cobrindo reflexivamente meu pescoço. Uma dor aguda e repentina interrompe meus pensamentos. Sinto uma substância estranha atingir meus dedos, algo úmido e pegajoso, e fico pensando que está secando sangue.

De repente, tudo volta para mim num piscar de olhos, como um raio. Esta é a peça do quebra-cabeça que eu precisava. Meu cérebro nebuloso acelera, subitamente alerta quando as comportas da minha memória se abrem.

Lembro-me do rei sorteando na loteria, essencialmente sorteando as mulheres para seus apoiadores favoritos. A crueldade e o abuso diminuíram nos últimos dias, embora nunca tenham cessado completamente, quando o Rei percebeu que as mulheres humanas podiam servir a um propósito. Isto é, além de entreter demônios enquanto nos observam gritar, chorar e morrer.

Acontece que as mulheres humanas são mais férteis que as mulheres demoníacas. Temos uma missão agora – ser criados como animais de curral e usados para reprodução. Teremos seus filhos, gostemos ou não.

Porque caso contrário, os demônios correm o risco de serem extintos. Suas mulheres simplesmente não conseguem acompanhar. Levam muito tempo para atingir a idade fértil e muito tempo para dar à luz. A taxa de nascidos vivos não corresponde aos modos imprudentes dos demônios masculinos, com a intenção de se matarem mais rápido do que conseguem nascer.

Crianças meio-demônios, atacadas repetidamente por mulheres humanas, são melhores que nenhuma. No entanto, há uma fresta de esperança nesse pensamento aterrorizante. Ou seja, que as mulheres humanas pelo menos tenham algum valor agora. Valem mais vivos do que mortos.

Os demônios não serão gentis conosco, mas pelo menos pensarão duas vezes antes de nos matar. E, como qualquer animal de curral, podemos esperar obter o básico necessário para sustentar a vida. Comida e água adequadas, descanso, coisas que parecem tão pequenas, mas que podem ser muito valiosas. Coisas que nunca fomos capazes de considerar garantidas tornam-se subitamente um dado adquirido.

De qualquer forma, é um passo na direção certa.

Lembro-me do demônio que me 'ganhou' na loteria. O rei o anunciou como Volikan. Ele se aproximou de mim com olhos gananciosos e brilhantes, parecendo que poderia me devorar inteiro. Mesmo agora, esse pensamento me dá um arrepio na espinha.

“Eu sempre marco meus brinquedos”, ele sibilou para mim. “Fique quieto ou farei isso por você.”

Congelado de terror, todo o meu corpo estava trancado. Não por causa de sua ameaça, necessariamente. Foi simplesmente a traição física de uma mente que fugiu gritando.

Então ele cravou os dentes em meu pescoço, mordendo com força suficiente para tirar sangue. Ele me jogou por cima do ombro e suponho que devo ter desmaiado de medo. E agora estou aqui.

Onde quer que esteja o “aqui”.

Estremeço e tento me curvar de uma forma que mantenha o máximo possível da minha pele nua longe do chão frio de pedra. É um agachamento estranho, mas ajuda um pouco. Pelo menos até que minhas coxas fiquem cansadas demais para me sustentar.

Não há outro lugar para sentar, nada mais quente. Pelo menos, nada que eu consiga distinguir na escuridão quase completa da masmorra.

Envolvo meus braços em volta de mim, tentando reter o máximo de calor corporal que posso. Não há como saber quanto tempo ficarei aqui, e até o ar está frio. Se eu deixar minha temperatura cair, será muito mais difícil voltar ao normal. Melhor simplesmente conservar o calor agora.

“Mãe”, começo minha oração recorrendo à única coisa que sempre me ajudou nos momentos difíceis. “Seu humilde servo está aqui para oferecer gratidão e agradecimento por me preservar com segurança até aqui. Ajude-me a lembrar que, como seu seguidor, devo estar pronto para me curvar à sua vontade.”

Faço uma pausa, tentando banir o pensamento fugaz em minha mente que zomba da ideia de fazer sexo com um demônio. Se a Mãe me trouxe até aqui através de uma série de acontecimentos tão selvagens e imprevisíveis, quem sou eu para questionar os seus caminhos?

Limpo a garganta, decidida a me comprometer com o plano dela. Seja o que for.

Mesmo que eu tenha que ser uma égua reprodutora.

“Tudo o que você deseja de mim será feito. Forneça-me orientação para compreender seus caminhos e a capacidade de reconhecer sua intervenção divina quando ela aparecer diante de mim. Rezo, Mãe, para que você me dê sabedoria e força para fazer o que deve ser feito.”

Como se fosse uma deixa, ouço um som raspado, madeira sendo arrastada sobre pedra. Meus ouvidos se animam, ouvindo passos pesados descendo uma escada. O som fica mais alto a cada passo, aproximando-se cada vez mais.

Mais ou menos na metade da escada, ele passa pelo teto de pedra que impede sua visão. A primeira coisa que vejo é a luz da tocha em suas mãos, meus olhos imediatamente atraídos por ela. Parece quente e brilhante, e consegue iluminar seu rosto demoníaco de modo que parece quase... bonito.

Ele continua descendo a escada, parando bem na minha frente. Seus olhos me percorrem e sei que deveria estar apavorada.

Mas tudo o que consigo pensar é que agora, com ele aqui, posso sentir o calor que irradia da tocha. Isso tira o frio do ar. Posso sentir meus músculos tensos relaxarem, tornando-se reflexivamente mais confortáveis.

Parece que pode ser um sinal da própria Mãe. Pedi a ela que me mostrasse o caminho. Entra um demônio com uma tocha que o torna a parte mais visível da sala. A única coisa que consigo ver claramente é ele.

Eu deveria estar apavorado, mas o pensamento me anima. Gosto da ideia de ter instruções claras, de não ter que decifrar mais nada. Talvez realmente tenhamos vindo aqui e passado por todo esse horror para salvar a raça demoníaca da extinção.

Não consigo imaginar porquê, pois parecem ser criaturas absolutamente horríveis. Mas não estou aqui para questionar a Mãe, estou?

Ele sorri para mim, seus dentes brancos brilhando contra sua pele escura e pálida. Mesmo no escuro, seus olhos roxos me assustam com seu brilho estranho, e fico cativada ao encará-los.

“Bom”, ele declara. “Você está acordado.”

VOLIKAN

A Um sorriso aparece nos cantos dos meus lábios cinza-escuros. Eu não sou capaz de segurar isso. Queria levar a mulher na carruagem na volta, mas ela havia desmaiado. Agora é a hora da minha recompensa.

Eu seguro a tocha para observar suas curvas longas e fluidas. A mulher Blackwell é de boa linhagem. Cabelo castanho-mel e olhos castanhos severos como aço. Ela dará uma boa prole e tenho grandes esperanças de que ela produza muitos herdeiros para mim. Eu mereci.

Aproximando-se dela, ela se encolhe contra a parede. Suas pernas cobrem o honeypot e um braço cobre um dos seios, mas quase por acidente, como se ela estivesse simplesmente deitada no chão, de costas para a parede. Ela está bancando a tímida, possivelmente esperando me suavizar com seus encantos femininos. *Bom. Seus gritos serão ainda mais doces quando ela perceber que não receberá nenhum tratamento tão gentil de minha parte.* Eu sou a favor daqueles que pensam que receberão tratamento preferencial desde que sejam submissos. *Todo mundo acaba sendo submisso, Anastasia.*

À medida que me aproximo lentamente, exibindo meu corpo duro e cheio de cicatrizes, admiro sua forma flexível. Eu gostei de seus montes macios e prazerosos quando tirei seu vestido antes de colocá-la aqui. Fiquei encantado em saber que ela seria minha. Eu poderia tê-la levado então, na carruagem, em qualquer um dos quartos por onde passei enquanto a trazia para cá, ou aqui mesmo nesta cela escura e sombria, mas não queria. Não há graça em brincar com uma boneca mole. Quero ver o olhar dela quando deslizo para dentro dela, reivindicando seu corpo como meu brinquedo, como meu recipiente de procriação. *Quebrá-la será divertido.*

Eu me movo para ficar diretamente acima dela, segurando a tocha sobre meus chifres para lançar uma dramática sombra em minhas feições duras. Cicatrizes profundas parecem mais profundas, músculos densos aparecem através da minha pele acinzentada com um corte mais duro. Eu despejo poder em meus olhos roxos para que, mesmo nas sombras mais escuras, eles brilhem. *Três dois um...*

Nada.

Nada? *Por que ela não está gritando?* Esses truques sempre funcionam com os humanos. Ela provavelmente nunca viu nada tão horrível em toda a sua vida, mas ela apenas fica encolhida no chão? Não, ela está tentando brincar com sua natureza submissa. Sim é isso. Ela quer se tornar querida por mim. Isso faz sentido. Com olhos tão grandes e suaves - e corpo macio - é lógico que ela se incline na esperança de que eu seja misericordioso. Embora eu não tenha piedade em meu coração, não posso realmente machucá-la. O rei a quer viva para procriar, assim como eu. *Um pouco de dor não vai... doer.* Má escolha de palavras, mas sei o que estou fazendo.

Eu levanto minha bota sobre sua cabeça e rosno de desgosto, fingindo que vou pisar nela, mas ela continua olhando para mim, quase como uma criança repreendida. Há um medo em seus olhos, me provocando, me dizendo que está ali, mas não é pavor, não é histérico nem profundo, é simplesmente o medo da incerteza.

Coloco o pé no chão e me agacho, jogando a tocha para o lado. Pego minha longa trança preta por cima do ombro e acaricio-a com as duas mãos, apertando-a, mostrando o que minhas mãos farão com ela se ela não me der o que eu quero. Eu a estudo por um momento, abaixando minha cabeça, prendendo-a com meus chifres altos. As quatro pontas se ramificam e raspam na parede de pedra acima dela. Sendo duros como ônix, eles cortaram a pedra, cobrindo-a com areia e poeira. *Como ela não está gritando? Como ela ainda está olhando para mim como se estivesse preocupada com o castigo que cairá sobre ela? Ela não tem consideração por sua vida?*

Se for esse o caso, terei que mostrar a ela que existem coisas piores que a morte. Mas delicadamente.

Minha mão ataca, agarrando sua garganta. Eu fico em pé e a bato contra a parede, meus dedos sofrendo mais impacto do que ela. Ela grunhe de dor enquanto seus pés ficam pendurados a vários metros do chão. Tenho cuidado para não sufocá-la exatamente, mas aplico pressão para fazê-la se contorcer em meu aperto de aço.

A contorção é boa, mas ainda não é um grito. *O que tem de errado com ela? Ela está confusa?* Preciso que ela grite para alimentar meu sangue furioso, para sentir seu êxtase fluindo através de mim.

“Grite pombinha. Grite ou seja empalado pelos meus chifres!” Eu bato minha cabeça contra a parede acima dela, sacudindo a parede de pedra.

Ela estremece, mas nada mais.

"Não está com medo?" Lambo seu rosto, o sabor é chocantemente delicioso. Estou tentando a fazer isso de novo, mas isso arruinaria meu ímpeto. “Seus gritos vão me nutrir.” Dou um soco na parede ao lado de sua cabeça, quebrando a pedra, mas não consegui nada além de um estremecimento.

“Ah! Você sabe que eu não bateria na sua cabeça, muito rápido, muito fácil de matar. Inteligente. Mas e a sua barriguinha macia? Pressiono três dedos em sua barriga, enquanto abaixo minha cabeça até a dela, arrancando a parede com meus chifres.

Ela faz uma careta, mas ainda me nega os gritos que procuro.

“Talvez eu devesse usar sua coragem em meus chifres. Eles deveriam fazer belos adornos, não?”

Ela morde o lábio inferior, ainda lutando com a mão na garganta. “L- Solte.”

"Solte?" Eu rugo, pressionando minha testa contra a dela. “Você acha que pode me dar uma ordem? Que você pode *me dizer* o que fazer? *Você* pertence a mim, mulher!

Eu a puxo da parede. Mesmo com todos os meus gritos, ela ainda não derramou uma lágrima. "Multar! Eu vou deixar ir.”

Saio do bloco da masmorra e subo as escadas, arrastando-a em minhas mãos.

No escuro, ela tenta ficar de pé em diversas ocasiões, agitando as pernas, mas mesmo que meus braços estejam ao meu lado, uso um pouco de músculo para impedi-la de ficar de pé. Eventualmente, ela sucumbe ao seu destino.

No topo da escada, há uma divisão em quatro direções. Para cima leva à mansão, à direita leva aos canis enquanto à esquerda leva às câmaras de tortura. Eu a arrasto para a esquerda e desço as escadas até uma câmara tão grande quanto aquela em que estávamos.

Tochas revestem as paredes para manter o ambiente bonito e iluminado, facilitando a visualização de todos os diferentes dispositivos que tenho à minha disposição.

Chicotes, punhais, marcas, ganchos, varetas inseríveis e outras ferramentas do ofício estão penduradas nas paredes, enquanto os cantos da sala guardam os dispositivos maiores. Peças centrais, cada uma por direito próprio, prometendo dor e morte.

Passo pela minha favorita, a matrona de ferro, uma estrutura de metal que só não tem saída depois que as portas aladas são fechadas. O metal é moldado no formato da minha mãe, sua beleza guardada para sempre no dispositivo mortal. Uma vez que as portas são fechadas e a vítima não consegue se mover, espinhos se projetam lentamente na vítima que chora. Eu chego ao clímax todas as vezes.

Eu não posso usar esse. Também não posso usar o segundo. Uma guilhotina que tem um conjunto de freios para que eu possa largar a lâmina, pará-la e fazer tudo de novo. O terror enquanto observam a lâmina cair em sua garganta é orgástico, mas as pausas falharam ocasionalmente e não posso correr esse risco.

Também não posso usar o pêndulo. Ela provou que a ameaça da dor não será suficiente, e isso seria tudo, mas o suporte extensível servirá. Posso causar dor, mas não manter controle suficiente para que ela fique segura para procriar.

Eu a jogo em uma prateleira. A longa mesa está inclinada em um ângulo de trinta graus, e eu prendo seus pulsos primeiro.

Ela não oferece muita resistência, realmente nenhuma. Na verdade, não tenho certeza se é porque ela desistiu ou se ela é apenas fraca.

Independentemente disso, movo a base do rack e amarro seus pés, travando cada membro no lugar com minha chave. Assim que coloco o cordão de couro da chave em volta do pescoço, puxo a moça para apertar suas amarras.

Ela geme e eu inalo como se o doce aroma de carne queimada chegasse ao meu nariz. Mas não é suficiente. Eu quero mais, *preciso* de mais. E eu terei isso.

Depois que seus membros são provocados, puxo outra manivela que a inclina para cima, até que a prancha fique plana e ela se levante alguns centímetros, suspensa no ar pelos braços e pernas na engenhoca.

Ela grunhe de dor novamente, mas depois ri. Uma coisa pequena no começo. Apenas uma pequena sombra de ruído, um truque de som, na verdade. Podem ser as correntes chacoalhando. Mas não, cresce. Ela cresce até ela inclinar a cabeça para trás, rindo.

“O que... Pare com isso! Por que você está rindo?” Eu me movo como um espectro, deslizando até ela com os olhos acesos. “O que há de errado com você, mulher? Por que você riu?”

Sua risada morre, mas em seu próprio tempo. Ela levanta a cabeça, as bochechas rosadas e os olhos desbotados como se ela estivesse bêbada.

Isso não faz sentido. Ela não bebeu vinho nem cerveja. Como ela está possivelmente bêbada?

Anastasia olha nos meus olhos, os dela me apunhalando como adagas. "Você precisa de mim inteiro."

VOLIKAN

"EU Verme insolente! Eu não preciso de você inteiro. Eu me inclino com um sorriso. "Eu preciso de você reproduzível."

Seus olhos endurecem, mas ela permanece em silêncio.

"Você não precisa de dedos para isso, nem de mãos." Agarro seus dedos e os dobro para trás, tomando cuidado para não aplicar muita pressão.

Ela ainda não me dá o que eu quero.

"Hum. Talvez você também não se importe muito com seus dedos. E quanto aos seus joelhos? Eu me agacho e lambo sua panturrilha. *Porra! O que é essa mulher? Maldito doce?*

"É melhor provar agora, antes que acabem, certo? Carne tão macia. E meu Ur'gin vai adorar os ossos."

Ela estremece ao meu toque, mas ainda sem gritos.

Eu fico de pé, passando um dedo por sua coxa nua, quadris e barriga antes de agarrar um de seus seios. "Você só precisará de um desses para alimentar a semente."

Seus olhos brilham com fogo quente o suficiente para que eu queira pular neles e aproveitar seu calor. "Você precisa de mim inteiro! Você não vai tirar nada de mim."

Como ousa esta criatura insolente falar comigo dessa maneira? Meus olhos brilham de raiva verdadeira, e não de qualquer tática de intimidação. Eu deveria girar o rack até que os braços dela se soltem! Foda-se ela enquanto seus quadris estão deslocados! Veremos o quanto ela fala então.

Vou até a manivela, situada bem na frente dela, e mantenho seus olhos nos meus o tempo todo enquanto aciono mais duas rodadas.

Sua cabeça pende para trás e um pequeno ruído lhe escapa, um pequeno grunhido enquanto ela faz uma careta de dor. "Por favor... Misericórdia."

Sim. É mais assim. "Implorar. Implore ao seu senhor por misericórdia!

"Misericórdia, meu senhor", ela grita.

Meus olhos perdem o brilho enquanto minha raiva diminui e minha luxúria aumenta.

Ela está chegando lá. "Você não merece minha misericórdia. Grite por isso, partícula!

Implorar!"

Ela faz uma careta, seus braços e pernas flexionam, mas não encontra alívio para as restrições. "Por favor." Mais uma vez, é um pedido humilde, não o grito que eu deveria receber dela.

Isso não é nada divertido! Se ela não está gritando de terror, qual é o sentido? *Talvez eu devesse aliviar a tensão em seus membros...*

Não! Eu não deveria mostrar absolutamente nenhuma piedade. Ela merece isso, *precisa* disso. Ela precisa saber quem é seu mestre. Mas... *Droga!* Eu rugo em minha mente.

Quero girar a manivela, mas não consigo. O Rei Asmodeus arrancaria minha cabeça se ela estivesse muito danificada, independentemente de quão leal eu tenha sido no passado. Mesmo que tudo que eu quisesse fosse um ombro saindo do lugar, não há garantia de que isso não arrancaria o braço do corpo. Erros sempre podem acontecer. *Ah!* E que acidente delicioso e *sangrento* seria, mas uma bagunça política muito feia que eu não teria como consertar. O rei me concedeu ela e eu tenho que cuidar dela.

A ideia de cuidar de alguma coisa me enoja, deixando meu estômago desconfortável. As coisas de que cuido são minha raiva e luxúria, muitas vezes ao mesmo tempo. Machucar e matar coisas e facilmente saciar minha luxúria tanto quanto molhar meu pau pode subjugar minha luxúria. O melhor é quando consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Achei que a mulher Blackwell me daria isso. Grite seu medo e terror enquanto a divide no meu pau. *Como ela ousa negar-me o meu maior prêmio, o presente do rei?*

Anastasia olha para mim com uma esperança suplicante de que arruinaria demônios menores, e certamente todos que vivem naquela rocha patética abaixo de nós. Vale a pena recomeçar guerras com aqueles olhos castanhos, e o corpo que ela tem certamente também. Os reinos dos elfos negros provavelmente a manteriam como uma prostituta real, ou ainda mais ridículo, um deles provavelmente se apaixonaria por ela. Ouvi dizer que eles têm deixado seus pintos lhes dizerem que as mulheres humanas valem mais do que criadoras e brinquedos. *Tolos. Como eles puderam deixar algo tão fraco tomar conta deles?*

Eu não vou ceder a ela. Não vou deixar que ela me enfraqueça... Mas mesmo assim estou enfraquecido, pelo rei de todas as pessoas. Ando de um lado para o outro,

dividida por dentro entre meu verdadeiro eu e o animal de estimação fiel e obediente do rei. Eu sou forte, mas não sou Asmodeus forte. Ele poderia me esmagar se eu o desafiasse. E essa força é parte da razão exata pela qual eu o sigo tão ferozmente. Ele conquistou meu respeito repetidas vezes, e finalmente ganhei o suficiente dele para ser concedido como criador. *Se ao menos ela gritasse!* Por que ela me nega? A pergunta gira em minha mente continuamente.

Viro-me para ela e rugo minhas frustrações em seu rosto. O som profundo e entrópico sacode as paredes, mas ela resiste à tempestade, fechando os olhos e cerrando a mandíbula. Quando termino, ela abre os olhos e encontra meus olhos brilhantes como um inimigo no campo de batalha que sabe que está acabado, sabe que não tem chance de me derrotar, sabe o fim sombrio que o aguarda, mas mesmo assim, ela não deixa o medo assumir o controle, mesmo em seus últimos momentos.

Parte de mim aprecia isso nela, reconhece isso como uma característica que possuo. Destemor. Ainda assim, não é uma característica que eu queira no meu brinquedo.

Ela... vence. Eu não sei mais o que fazer. E se não posso torturar os gritos dela, de que outra forma poderei me divertir?

Eu bufo pelo nariz e esmurro a mesa do suporte em lascas ao sair da câmara.

Não me importo que ela ainda esteja lá, presa pelas correntes e correias. Ela pode sofrer um pouco. Sofrer pelo que ela fez comigo, pela frustração que ela me fez passar quando tudo o que ela precisava fazer era gritar!

Subo as escadas para a mansão, indo direto para meus aposentos antes de liberar minha raiva. Pego um copo de cristal com algo alcoólico. Não importa o que seja. Tudo que eu quero é o fogo no meu estômago. Inclino-o para trás enquanto subo as escadas para os aposentos. Eu apreciaria muito mais a queimação do líquido âmbar se ela gritasse por mim.

Ainda não consigo entendê-la. Ela ri de mim e depois implora por misericórdia, sabendo que não posso machucá-la muito. *Como ela sabia disso? Ela ouviu a ordem em algum momento? Ela adivinhou? Ela pode ler mentes?* Não. Se ela pudesse, ela teria gritado. Ela teria lido minha mente e saberia do grande prazer que eu teria dado a ela com meu pau se tudo o que ela tivesse feito fosse gritar a plenos pulmões.

Entro na minha antecâmara e fecho a porta. Depois de engolir o resto do âmbar, deixando-o pegar fogo na minha barriga, pego a coisa mais próxima, que por acaso é uma cadeira, e a jogo do outro lado da sala. Ele se estilhaça na parede, mas já estou na próxima coisa quebrável. Uma mesa, meus troféus de caça, cálices, garrafas vazias de álcool depois de engolir seu conteúdo. Se não fizer parte da mansão, é a vez de voar. Nem mesmo os sofás ou a pesada mesa de jantar estão imunes à minha ira. Eles são jogados tão facilmente quanto qualquer outra coisa.

Fui construído para a guerra, não para este estilo de vida domesticado. Se Asmodeus realmente quer que eu procrie, ele deveria ter enviado a mulher para mim no campo de batalha para que eu pudesse transar com ela sobre os cadáveres dos meus inimigos mortos. Ela poderia ter ficado maravilhada com minhas proezas marciais e ao mesmo tempo maravilhada com minhas proezas sexuais. Morte, sangue e sexo. Como deveria ser. Não me chamar para casa para deitar com a mulher numa cama, rodeado de lençóis finos, travesseiros macios e fogos quentes. É uma farsa! Não sou eu...

Mas estou destinado a ser mais do que isso, não estou? Não pretendo ser apenas o terror em campo que surge tão naturalmente. Não devo me deleitar sempre com sua pureza. Estou destinado a mais. *Malditos sejam os Sete por nos colocar nesta situação! Se ao menos tivéssemos mais matronas. E maldito Asmodeus por me colocar nisso.* A criação deve ser simples. Eu escolho uma mulher, destruo-a e ela vive ou morre. Se ela sobreviver, procuro outra e faço o mesmo. Se ela morrer, procuro outra e faço o mesmo. Não é difícil. Eu não deveria ter que... *cuidar dela.* Isso é ridículo! É degradante.

Eu nivelo o resto da sala antes que meu sangue finalmente esfrie e eu caia contra um monte de tecido e almofada que costumava ser meu sofá. Maldito seja todo mundo. Os humanos por descobrirem seu valor, os elfos negros por ensiná-los a eles, e maldita Anastasia. Eu disse para você gritar, mulher. Você deveria ter feito isso, mesmo que soubesse.

O tamborilar de pés descalços sobre pedras frias ecoa pelo corredor. *Quem diabos se atreve a entrar na minha morada?* E por que descalço? Assassinos têm sapatos. Que tipo de assassino anda sem sapatos? Um morto, é isso. Se não conseguir que Anastasia grite, farei com que este assassino me dê o que eu quero.

Olho para a porta se abrindo. Anastasia espia, enfiando a cabeça pela pequena abertura. Ela entra, as correntes e fechaduras ainda presas aos seus membros estão em seus braços. *Como você se libertou?*

ANASTASIA

EU Fiquei um pouco aliviado quando ele saiu furioso. Obviamente, eu preferiria não ficar preso em uma masmorra úmida. Mas se eu estiver aqui, gostaria de ter um pouco de paz e sossego em relação às suas ameaças furiosas.

No entanto, não demora muito para que meu prazer desapareça. Em segundos, reconheço a dor que percorre meu corpo. Ele pode ter morrido, mas me deixou aqui amarrado a esse aparelho horrível. Está me esticando tanto que sinto que posso me despedaçar a qualquer momento.

Meus músculos e articulações estão sobrecarregados até o limite máximo. Deixa uma sensação de queimação que se espalha por cada centímetro do meu corpo, meu corpo protestando contra esse abuso cruel. Leva apenas alguns minutos antes que eu sinta que não aguento mais. Quanto tempo ele pretende me deixar aqui?

Mordo o lábio, tentando afastar as lágrimas de dor. A Mãe nunca nos envia mais tristeza do que podemos suportar. Obviamente, este é algum tipo de teste, e ela sabe que posso passar. Seria um pecado questionar o julgamento da Mãe.

Respiro fundo, tentando me equilibrar. Já experimentei dor suficiente em minha vida para aprender alguns truques. Respiração profunda, atenção plena, distração, imagens positivas. Mas isso é algo completamente diferente e nada no meu conjunto habitual está funcionando. Não posso me enganar ignorando esse nível de sofrimento físico.

O que a Mãe gostaria que eu fizesse? Eu me pergunto. Olho ao redor da masmorra, esperando por um sinal. Mas não há nada que prenda minha atenção e direcione minhas ações. É esparso, escuro e sombrio, como seria de esperar, e não oferece pistas.

Só então, ouço o barulho de metal próximo. Antes que eu possa processar o que está acontecendo, sinto meu corpo se mexendo na prateleira. Deslizo um pouco mais para baixo, meus braços se movendo automaticamente em direção aos ombros.

Confuso, demoro um minuto para entender. Minhas correntes se soltaram da prateleira em que descanso. Eles ainda estão enrolados em meus braços e pernas, mas não estou

mais preso a essa coisa horrível. O peso das correntes, sem nada para ancorá-las, causou a mudança na minha posição.

Imediatamente, meu corpo se enche de alívio, mesmo antes de minha mente descobrir o que está acontecendo. O desconforto que senti foi instantaneamente aliviado e, embora meu corpo ainda doa, é muito mais tolerável do que antes.

Lentamente, eu me sento. Não é pouca coisa, pois essas correntes pesam uma tonelada. Além de serem difíceis de mover, devo ter cuidado para não me atingir com eles. Alguns erros no início provam o quanto isso dói.

“Oh, Santa e Reverendíssima Mãe, obrigado por suas bênçãos e pela gentileza demonstrada ao seu fiel servo”, digo com reverência, totalmente convencido de que o que acaba de acontecer é graças à Mãe. Eu estava procurando um sinal dela e certamente consegui um.

Levanto-me com cuidado, olhando para o local onde antes estavam as correntes presas a este leito de tortura. A placa de metal ainda está fixa no lugar, mas o elo que segurava a corrente quebrou. Está bastante enferrujado e dá a impressão de ter sido comido até quebrar sob a pressão.

O mesmo parece ser verdade para as correntes nas pernas. Sei, é claro, que foi a Mãe quem provocou este fracasso, e estou muito grato pela Sua intervenção divina.

É muito raro que algum dos deuses preste atenção aos humanos aqui em Protheka, então o resgate dela me enche de um calor especial. A Mãe cuida melhor de mim do que outros humanos.

Em seguida, examino as algemas que estão enroladas em meus pulsos e tornozelos. Apesar dos meus melhores esforços, nenhum estímulo consegue desfazê-los. Examino a fechadura, até tento quebrá-la com os dedos, mas é inútil.

Eu preciso da chave. Paro para pensar, esfregando as pontas doloridas dos dedos machucados. Então me lembro: vi aquele demônio pendurar a chave no pescoço quando me amarrou aqui.

A última coisa que quero é outra troca com ele. E, no entanto, é a única maneira de me libertar. As correntes são pesadas, não algo que eu possa simplesmente levar comigo

enquanto saio furtivamente pela janela e fujo. Com eles ainda colocados, não tenho chance.

A ideia de procurá-lo me apavora, mas é a única opção. Um pequeno pedaço de pavor se instala em meu estômago enquanto procuro meu caminho até as escadas. As correntes pesadas chacoalham atrás de mim, tornando a subida dolorosamente difícil.

Finalmente, sem fôlego, cheguei ao topo. Estou fora da masmorra, de qualquer maneira. No entanto, é difícil ter muito orgulho do meu sucesso, pois ainda sei o que o espera pela frente.

O pavor piora quando ouço a pior comoção que provavelmente já ouvi na minha vida. Parece que uma matilha de animais selvagens está destruindo a casa. O som de coisas quebrando e quebrando no que deve ser apenas destruição total ressoa em meus ouvidos.

Parece, talvez, quase pior que eu não consiga ver o que está acontecendo. Eu apenas ouço, e minha imaginação hiperativa preenche o resto. Certamente isso não me deixa mais ansioso para encontrá-lo, e preciso fazer muita persuasão interna para conseguir abrir a pesada porta da masmorra.

Entro na casa, as correntes ainda arrastando atrás de mim. O som é bastante alto e áspero, ou pelo menos seria, se não estivesse competindo com o pandemônio que ouço a algumas salas. Eu me curvo, fazendo o meu melhor para agrupar o metal em um pacote em meus braços. Isso pesa consideravelmente no meu centro, mas torna-o mais fácil de gerenciar.

Meu andar é estranho enquanto tento rastejar pela casa, com medo do que posso encontrar. Felizmente, parece não haver mais ninguém aqui para me detectar. Chego à sala de onde vem todo o barulho sem ser visto ou parado.

Pressionando-me contra a parede do lado de fora, vacilo, tentando decidir o que fazer. Eu sei que preciso da chave e ela está enrolada no pescoço do demônio. Ainda assim, pelo que parece, ele pode me despedaçar membro por membro se eu entrar agora. Pelo que sei, é isso que ele já está fazendo com outra pessoa.

O fato de não ouvir gritos, pelo menos, ajuda a me dar coragem. Certamente parece destrutivo, mas é o som de vidro e metal, de seus xingamentos, de móveis voando ao

serem atirados. Ainda tenho medo de entrar lá e do que possa encontrar, mas não creio que seja mais uma sala de tortura.

Finalmente, o barulho começa a diminuir. Espero ansiosamente antes de decidir que não há tempo como o presente. Respirando fundo para me fortalecer, empurro-me para a porta.

A sala está um caos absoluto. Ele destruiu quase tudo e quebrou tudo o que encontrou. Tudo o que imaginei andando aqui não me preparou para a visão real diante de mim.

A parte mais bizarra, para mim, é que não consigo entender por quê. Se o barulho fosse o som dele torturando alguém, pelo menos faria sentido. Seria horrível, mas faria sentido. Uma debandada de animais faria mais sentido do que isso.

Isso parece ser apenas destruição por causa disso, sem rima ou razão. Por que ele arruinaria sua própria casa? Por que ele quebraria suas coisas? Olho ao redor da sala em estado de choque, totalmente perplexo com o que aconteceu aqui.

Não demora muito para ele me notar. Mesmo enquanto observo a cena, posso sentir seus penetrantes olhos roxos me perfurando. Tento me recompor, colocando meu foco de volta nele.

Ele me encara, me estudando. Seu olhar é intenso, mas o resto dele não se irrita com a energia cruel que tinha na masmorra. Seus ombros estão caídos e ele parece quase derrotado.

“Por favor, me solte”, peço, levantando uma perna como se quisesse lembrá-lo da algema que ele colocou ali. Ele franze a testa, ignorando o pedido.

“Como você saiu?” Ele exige curiosamente.

“Minhas orações foram atendidas”, respondo honestamente. “Pedi ajuda à Mãe. Ela devia estar me observando e decidiu intervir.”

Seu rosto se enrugava de descrença. Rapidamente, é substituído por uma espécie de diversão mesquinha. Ele dá um passo à frente, rindo.

“Você orou aos deuses por ajuda?” Ele repete. Seu tom é uma mistura de escárnio e humor. “E você acha que eles responderam?”

“Claro que sim”, respondo. Para provar isso, levanto o feixe de correntes em meus braços. É uma ampla evidência para mim, e não consigo entender sua zombaria. Como ele pode negar o que está bem diante dele?

Ele ri novamente. À medida que termina, seu rosto se contorce em um sorriso de escárnio. Ele dá mais um passo à frente, erguendo-se ameaçadoramente. Seus olhos roxos parecem lançar faíscas em mim, e ele exala um ódio puro e desenfreado que me faz recuar diante dele.

“Os deuses não são reais, seu humano estúpido”, ele zomba. “Somos só você e eu aqui.” As últimas palavras soam como uma ameaça.

ANASTASIA

Meus membros começam a tremer com suas palavras. É uma reação incomum para mim, pois raramente cedo ao medo. Embora eu esteja com medo, acho que meu estado atual é agravado pelas pesadas correntes sob as quais trabalho atualmente. Meus músculos estão levados ao limite e as rachaduras estão começando a aparecer.

O que sei que não estou reagindo é a sua afirmação de que não existem deuses. Não acredito nisso nem por um momento, e suas palavras não inspiram nenhuma quebra de fé. Os deuses são reais e a Mãe está cuidando de mim.

Ele aproveita minha reação, sentindo uma oportunidade fácil de atacar. Há um brilho predatório em seus olhos enquanto ele zomba de mim. "Você está com medo de que seus deuses tenham abandonado você aqui?" Ele zomba zombeteiramente.

Faço com que meu corpo pare de tremer, tentando escondê-lo o melhor que posso. Então eu me preparo com confiança. Nunca serei tão alto quanto ele, é claro, mas faço o possível para parecer maior do que me sinto.

"Eles não fizeram isso," eu respondo. Olho para a chave que está pendurada em seu pescoço, brilhando para mim à vista de todos. Se eu pudesse conseguir isso...

"Acabei de te falar; A Mãe cuida de mim. Talvez seja só você que eles estão ignorando. Seus olhos brilham. "Ninguém me ignora!" ele ruge. A raiva em sua voz me faz tremer de novo, só um pouco. Eu olho para ele com um olhar de aço, tentando parecer despreocupado. Não vou me encolher por causa dele.

Ele se aproxima. Leva tudo dentro de mim, mas não me movo, recusando-me a recuar. Tardamente, percebo que ele nem está atrás de mim. Ele está simplesmente saindo furioso, furioso, e eu estou bloqueando a porta.

Eu me viro, tentando persegui-lo pelo corredor. Não é fácil carregar metade do peso do meu corpo nessas correntes. "Onde você está indo?" Eu grito, pois ele já está bem à minha frente.

"Fora", ele retruca.

Já estou ofegante e sem fôlego, e sei que não posso pegá-lo assim. Eu só preciso daquela chave que está pendurada no pescoço dele! Se ao menos ele parasse de fugir de mim!

As correntes estão quebradas, então não é como se ele fosse colocá-las de volta em mim. Eu sei que não posso contar com a gentileza dele, mas parece que o que quer que ele pense a seguir será pelo menos melhor do que isso. Eu deveria ter pegado a chave quando tive oportunidade, mas não esperava que ele fosse embora daquele jeito.

Posso sentir minha frustração aumentando à medida que ele se afasta cada vez mais. Odeio essa sensação de desamparo, como se tudo estivesse fora do meu controle. O fato de não conseguir fazê-lo parar só me estimula ainda mais.

“Você não precisa procurar os deuses”, eu o desafio. “Eles estão por toda parte.”

Ele bufa, ainda se afastando. “Eles não estão em lugar nenhum.”

“Talvez você esteja apenas com medo deles. Você se esconde e nega a existência deles porque teme que eles sejam mais fortes do que você. Você é um covarde.”

Tarde demais, está claro que apertei o botão errado. Eu queria uma reação, queria fazer com que ele pelo menos parasse e me reconhecesse. Mas libertei algo que não esperava com minhas palavras. Eu pisei nele agora e ele está *lívido*.

Ele congela no lugar e seu corpo fica completamente imóvel. Então ele se vira abruptamente, me encarando de frente. Seu rosto está contraído, com uma expressão espessa de pura ira.

Ele ataca por mim, pegando a mim e às minhas correntes como se não fôssemos nada. Empurrando-me contra a parede, ele pressiona seu rosto no meu até ficarmos nariz com nariz.

Seus penetrantes olhos roxos brilham com uma raiva selvagem enquanto ele me desafia. “Chame-me de covarde novamente.” A ameaça implícita em sua voz deixa claro que devo fazer qualquer coisa, menos se valorizo meu bem-estar.

Sem saber o que fazer, mastigo meu lábio inferior, insegura. Minha mente procura uma solução. Não quero desabar completamente, mas isso obviamente não é o ideal. Sou forte demais para implorar perdão, mas talvez haja uma maneira de contornar qualquer buraco que cavei acidentalmente.

Mentalmente, eu me castigo por ter caído nessa bagunça. Há uma linha entre agir com medo e provocar problemas, e eu fiz o último. Por que nunca aprendo a simplesmente manter a cabeça baixa e evitar trazer problemas desnecessários para mim?

Sua única mão está no meu ombro, me prendendo na parede. O outro sobe até minha garganta e começa a apertar. Seus olhos se iluminam quando posso sentir as unhas afundando em minha carne.

Ele está gostando, embora eu não esteja surpreso. Ele me observa com expectativa, mas eu dou a ele o mínimo possível. É claro que ele se alimenta dessa energia negativa, em busca da miséria. Isso o encanta e não quero dar-lhe essa satisfação.

Ainda assim, embora eu tente agir com indiferença, posso sentir minha vida se esvaindo. Não consigo respirar e, depois de alguns momentos sem ar, meus sentidos começam a se alterar. Tudo está ficando nebuloso e um barulho de campainha começa a ecoar em meu ouvido. Minha pele está formigando em todos os lugares, menos no pescoço, que só dói com a pressão que ele exerce.

Dura o suficiente para que eu comece a pensar que posso morrer assim. Apesar do que eu disse anteriormente, que sabia que ele me manteria vivo, posso ter cometido um erro. Um erro de julgamento porque parece que ele realmente vai me matar de qualquer maneira.

Talvez ele simplesmente não consiga se conter. Nunca conheci uma criatura tão violenta. Ele anseia pela morte e destruição, de uma forma que não pode ser domesticada.

E então, justamente quando penso que pode ser o fim, ele de repente me solta. Seu aperto em meu pescoço desaparece. O ar enche meus pulmões reflexivamente, tão profundamente que queima meu peito.

Então, antes que eu consiga recuperar o fôlego, seus lábios estão presos contra os meus. A explosão rápida de uma coisa inesperada após a outra deixou minha mente cambaleando, incapaz de entender qualquer coisa que estivesse acontecendo.

O ato é estranho, mas uma coisa é certa. Não é de paixão ou de amor. Ele me beija como se estivesse me punindo. É como se ele estivesse tentando pegar algo que sabe que não deveria ter, só porque não deveria ter. Não porque ele queira, de jeito nenhum.

Eu relaxo contra ele, deixando-o fazer o que quiser. O bom senso rapidamente dita que fazer barulho ou revidar só tornará isso mais agradável para ele. Ele está fazendo isso supondo que eu não vou gostar, então a única maneira de me vingar dele é reter a reação que ele deseja.

É como ser criança de novo e receber ordens para ignorar um agressor. Se você reclamar, estará dizendo a eles que eles chegaram até você. Se o único objetivo era incomodá-lo e você permitiu, eles continuarão fazendo isso.

Eu simplesmente pensei que aos 27 anos eu estava farto de valentões. Acontece que às vezes eles não vão embora. Eles simplesmente ficam maiores.

Quanto mais eu me rendo a ele, mais o beijo estranhamente começa a crescer em mim. É quase embaraçoso admitir ou entender, e difícil de explicar. Mas acontece que ele beija bem e isso é... legal.

Não que ele seja menos idiota por fazer isso, é claro. Embora a mentalidade por trás disso esteja totalmente errada, o ato em si não é tão abominável quanto eu esperava.

Em algum lugar ao longo do caminho, isso começa a mudar. Sua crueldade começa a desaparecer e ele não está mais tentando me testar. O beijo se transforma em um beijo apaixonado, algo que ambos estamos gostando genuinamente.

Posso sentir quando ele suaviza, lentamente se tornando mais flexível comigo. É como se a característica estivesse enterrada tão profundamente dentro dele que ele esqueceu que estava lá. Mesmo enquanto ele o pronuncia, parece hesitante e desconhecido. Posso sentir que é natural e desconfortável para ele, mas ele deixa acontecer.

No momento em que as coisas estão esquentando, ele parece se lembrar de si mesmo. Ele se afasta abruptamente, puxando as mãos para o lado do corpo como se eu as tivesse queimado. Afastando-se de mim, ele dá um passo para trás, com os olhos quase acusadores.

Confuso com a mudança abrupta, noto a expressão em seu rosto. Isso me faz sentir um pouco na defensiva. Eu não estava *tentando* ficar com ele, mas a reação ainda tem um jeito de me provocar de uma forma instintiva, como se ele estivesse sendo rudemente desdenhoso.

Ocorre-me, para lembrá-lo que *ele* começou. Ele não precisa me olhar feio como se *eu* fosse o estranho aqui. Foi ideia dele, eu apenas joguei junto.

Mas quando consigo formular o pensamento, ele já saiu furioso mais uma vez. Posso vê-lo virando a esquina do corredor, desaparecendo antes mesmo de eu colocar a resposta em palavras.

E então, outro momento se passa antes que um pensamento ainda mais importante me atinja. Eu imediatamente o amaldiçoo por me distrair quando percebo isso.

Ele ainda tem a chave.

VOLIKAN

EU afastar-se da mulher, irritado e agitado. Há uma enxurrada de pensamentos e sentimentos desconhecidos passando por mim agora, me confundindo e competindo pela minha atenção. Até que eu consiga me resolver, a primeira coisa que quero é me afastar dela. O mais rápido possível.

Eu sei que foi minha ideia beijá-la, mas não era para ser agradável. Ou pelo menos não para ela. A satisfação inicial veio de sentir meu prazer às custas dela.

Acontece que não havia pouca satisfação em seu próprio prazer. Mas eu não queria que fosse assim. Perceber isso faz minha pele arrepiar, enojada com o rumo dos acontecimentos.

Saber que ela gostou me faz sentir um pouco... alegre. E estou chateado com isso. Como ela ousa me enganar para fazer algo de bom para outra pessoa e me sentir feliz com isso?

Entro em meu dormitório particular, fechando a porta atrás de mim. Apoiando-me pesadamente na porta, inclino a cabeça para trás e tento pensar. Finalmente tenho privacidade para tentar desvendar essa experiência bizarra em paz.

Meu ouvido fica atento, ouvindo sons de movimento do lado de fora da porta. A última coisa que quero é que ela me siga até aqui. Quero ficar sozinho com meus pensamentos, livre daquela estranha criatura.

E ainda assim há um pequeno pedaço de mim que fica quase desapontado quando não ouço nada. Não consigo entender por que me incomoda o fato de ela não ter me perseguido até aqui, mas incomoda.

Tento ignorar isso, em vez disso espero que meu coração acelerado desacelere. Está batendo forte no meu peito, uma sensação que nunca tive ao beijar outra pessoa. E certamente, um sentimento que nunca esperei que um humano fosse capaz de me proporcionar.

O que há com essa mulher? Não posso deixar de sentir como se ela tivesse me enganado de alguma forma. Ela leu minhas intenções e as virou de lado antes mesmo que eu soubesse o que ela estava fazendo. Ela é realmente tão inteligente?

Mas, por outro lado, é difícil imaginar que ela me enganou. Toda aquela conversa ridícula sobre “deuses” sugere uma mente infantil e ingênua.

Que tipo de criatura inteligente acreditaria em tal absurdo? Que tipo de criatura estúpida poderia inventar uma técnica tão manipuladora intencionalmente? Deve ter sido inteiramente coincidência ela ter apertado os botões certos na combinação certa para acidentalmente tropeçar na minha reação inesperada.

A adrenalina em minhas veias está começando a diminuir, meu corpo voltando ao normal. Agora que estou um pouco mais composto, resolvo esquecer tudo.

Ela é claramente um pouco idiota e não é um mentor conspirador. O que quer que tenha acontecido entre nós foi algum tipo de acaso estranho. Misterioso, mas improvável que se repita.

Não há absolutamente nenhuma maneira de eu ter sido manipulado por um humano denso o suficiente para acreditar no conto de fadas dos deuses. Simplesmente não pode ser.

Ela precisa aprender seu lugar, pura e simplesmente. Estou disposto a aceitar parte da culpa por isso. Eu permiti que ela me deixasse inseguro, e esse tipo de autoridade fraca é o motivo pelo qual ela está escapando do meu controle tão facilmente.

Tenho que me recompor e comandá-la como o líder que sou. Quando eu ajo como chefe dela, o que sou, ela me tratará como tal. Não posso culpá-la por abandonar seu papel quando não lhe ensinei efetivamente o que é.

Estou muito frustrado para resolver o problema esta noite e sei que não adianta tentar novamente se continuar a fazer um trabalho desleixado. Será melhor esperar e começar do zero amanhã, depois que eu tiver algum tempo para entrar no estado de espírito certo.

Por enquanto, vou colocá-la de volta na masmorra. Ela não deveria estar vagando pela casa, de graça. Como se ela fosse minha igual!

Com a decisão tomada, saio do meu quarto para encontrá-la. Ela voltou para a porta que dá para a sala de estar, olhando para toda a destruição que causei com um choque silencioso.

Algo na expressão do rosto dela me irrita, me fazendo sentir como se estivesse sendo julgada. Considerando que vem de um humano irritante, estou extremamente descontente. Pelo menos isso fortalece minha determinação de devolvê-la à masmorra e tirá-la da minha frente.

Ela está começando a se sentir como um inseto que não posso esmagar. Ter que dividir minha casa com ela está sendo uma tortura. Terei que fazer um esforço considerável para conter esse comportamento amanhã, antes que a situação se torne insustentável.

“De volta à masmorra, escrava,” eu rosno. Ela se vira para olhar para mim e sua testa enrugam. Seus olhos castanhos enrugam nas bordas, pensando.

“Não posso ficar, agora que estou aqui? Não vou fugir ou lutar com você, obviamente.” Eu zombei da ideia de que ela pudesse lutar comigo. Não tenho vergonha de mostrar a ela que sugestão ridícula é essa.

Ela franze os lábios, um breve olhar de aborrecimento passando por seu rosto. Mas ela se segura, continuando como se não tivesse notado minha reação.

“Eu sei que você me trouxe aqui para me criar. Você precisa de filhos, então vamos lá. Não podemos largar as outras coisas, as correntes, a masmorra e tudo mais, e eu prometo jogar bem?”

Eu olho para ela, momentaneamente pego de surpresa pelo quão direta essa mulher é. Mas não vou deixá-la mexer na minha cabeça de novo, do jeito que ela fez com aquele beijo mais cedo. Eu rapidamente afasto minha reação, agarrando-a pelo braço para arrastá-la para baixo mais uma vez.

Ela não reclama, embora continue defendendo seu caso. Não é mendicância, mas sim firmeza. Ela repete que não tem intenção de fugir e que está disposta a cooperar.

Infelizmente para ela, não me importo com isso. Na verdade, a cooperação dela é um pouco desagradável, para ser sincero.

“Você não está com medo?” — finalmente exijo, irritado por ela parecer tão indiferente a tudo isso. “Tudo isso é contra a sua vontade e você simplesmente não se importa?”

“Tudo aconteceu da maneira que aconteceu com um propósito. Se meu propósito é gerar filhos para vocês, eu o farei. Eu confio na Mãe.”

Eu faço uma careta, empurrando-a para dentro da jaula e batendo a porta de metal. Quem diabos é essa mãe de quem ela fica falando? Essa mulher é tão estranha que está começando a me estranhar, uma posição que nunca ocorre.

Estou começando a me preocupar com a possibilidade de ela ser um pouco débil mental e possivelmente não ser uma boa raça para reprodução. Talvez eu possa levá-la de volta ao rei e conseguir outra, avisando-o de que ela parece estar com defeito. Se eu não estivesse com tanto medo da fúria do Rei, eu poderia. Fazer isso seria insultar seu dom, e não me atrevo.

“Você não pode pelo menos tirar as correntes?” ela pergunta. Sua voz é suave e embora ela não implore, há um toque de sinceridade genuína. Tirar as correntes não é algo que ela está mencionando apenas para me irritar ou mandar – ela está bastante incomodada com isso.

Estou surpreso que a ideia não me emocione mais. Saber que as correntes estão chegando até ela deveria me encantar, mas em vez disso sinto uma pontada estranha no peito.

Abro a porta, ajoelhando-me o tempo suficiente para desatar todas as correntes. Quando termino, olho para cima e encontro seu olhar.

Nossos olhos se travam por um momento. No seu olhar há algo ainda mais suave que a sua voz, uma ternura que parece agradecer-me pela minha ajuda.

A ideia me abala porque não quero ser visto como útil. Ou mesmo alguém que se preocupa com os desejos dela. Ser agradecido é contra-intuitivo para tudo o que me propus a ser.

E ainda assim aquele olhar gentil em seus olhos continua a me seguir, quase como se me dissesse que estou errado. A pessoa que me propus ser, que não ajuda ninguém e não se importa, não é a pessoa que ela sabe que eu realmente sou. A ideia me faz sentir falta de ar e entrar em pânico.

Levanto-me abruptamente, querendo sair dali antes que essa mulher estranha faça algo ainda pior. Estou começando a realmente não gostar de tê-la por perto.

Bato a porta de sua jaula mais uma vez, sendo extremamente forte, como se quisesse provar meu ponto de vista de que ela está errada. Não sou um cara legal, não importa o que ela pense que vê. Provavelmente só tirei aquelas correntes para que ela não fizesse muito barulho e me atrapalhasse lá em cima.

“Fale baixo”, eu respondo. “Você não está com as correntes, graças a mim, então é melhor não ouvir muita agitação aqui embaixo. Se eu tiver que consertar você, nem mesmo sua mãezinha será capaz de ajudá-lo.”

“Ela sempre pode ajudar”, a mulher interrompe calmamente. Ela não é argumentativa, apenas factual, mas isso ainda me irrita. Lanço-lhe um olhar feio, deixando-a saber o que penso sobre o assunto.

Então giro nos calcanhares, afastando-me dela abruptamente. Deixando clara minha dispensa, subo as escadas. Ela pode apodrecer aqui por um dia enquanto eu tento destruir as ruínas autoinfligidas da minha casa.

A mãe, penso enquanto me afasto. Que absurdo absoluto.

VOLIKAN

Ao dia passa.

Há algo terrivelmente errado comigo.

Minhas mãos, sempre fortes e seguras, tremem sempre que penso em pegar o humano, e não só de desejo. Minha garganta, sempre pronta para um grito de guerra, fica seca. O que é mais contundente, os mesmos pés que me levaram descuidadamente para a batalha?

“Basta entrar”, murmuro para mim mesmo. “Ir.”

Eles hesitam. *Eu* hesito.

Que merda é essa?

Nervosismo, talvez. Eu nunca os tive antes, então não saberia. Digo a mim mesmo que é só porque não suporto sua boca piedosa e seu corpo delicado e carente. Digo a mim mesmo que é porque quero pegá-la rudemente e acabar logo com isso, e não é divertido se ela gostar.

Mas meu abdômen se enrola com calor ao pensar nela flexível e gemendo no meu pau.

Eu posso ser um mentiroso.

Passa um dia dessa loucura, e quando cai a noite eu vou embora. Parece mais uma fuga do que qualquer outra coisa, o que me irrita porque me tornei um covarde. Quase me viro só de pensar nisso, mas não consigo. Eu simplesmente não posso. Meus pés passam tropejando pela porta que a esconde, e eu bebo a chuva forte com alívio.

Sempre há uma tempestade em Galmoleth. Este não é um mundo para humanos, para criaturas monótonas que foram feitas para prados ensolarados e riachos borbulhantes. Um raio cai e posso sentir a picada elétrica do ar na minha pele. É uma limpeza. É disso que preciso, não de um humano gentil e conivente com olhos misteriosos.

Eu ainda vou levá-la. Vou fazê-la gritar de agonia. Eu só preciso colocar minha cabeça no lugar primeiro.

Meus pés não hesitam agora. Não, agora eles me carregam pelos portões da fazenda da minha propriedade, pelas ruas pavimentadas irregularmente, deslizando sobre pedras lisas de metal até chegarem a uma cervejaria nos limites de Ti'lith que conheço bem.

Meus lábios se afastam em um sorriso rosante. Posso ouvir o som da luta lá dentro — o ranger de ossos, a carne sendo dilacerada.

Isto é o que eu preciso. Uma briga e dez cervejas.

“Volikan, nosso querido patrono.” Um zonak desdentado se atreve a sorrir para mim, expondo as gengivas. Sua túnica tem dois tamanhos dois grandes. Ou ele o roubou ou o soz'garoth que o invocou está cego. “É bom ver você um—”

“Vá se foder”, eu o aconselho, abrindo caminho para dentro.

Não estou aqui para conversa fiada.

O cheiro de cerveja e sangue, quente e familiar, me envolve como um amigo. A cervejaria é antiga, mas não mais velha do que eu. Tão pouco é. Convocado por soz'garoth, ele é construído com a mesma pedra preta oleosa da maioria dos edifícios aqui, e as mesas são as mesmas, então sua bebida escorregará se você não tomar cuidado ou se alguém cair muito perto dela .

É um bom motivo para brigar, não que eu precise de muitas desculpas aqui.

E não que isso seja um grande desafio. Assim como a cerveja, é um substituto fraco para outra coisa. Mas visto que não há outros mundos para atacar ou verdadeiras batalhas para travar, dar alguns socos terá que me satisfazer por enquanto.

É melhor do que nada, e qualquer coisa é melhor do que andar entre as paredes da minha própria casa, pensando *nela* .

Várias lutas já estão em andamento, como sempre. Este lugar é frequentado por demônios violentos de castas inferiores, embora todos eles tendam a se reunir perto de sua própria espécie. Os trolvar com suas presas afiadas e asas mudas se posicionam como poleiros perto da longa barra na parte de trás, os volvath, minha espécie, são mais altos que o resto, zombando no canto com seus brilhantes olhos vermelhos e amarelos. Até mesmo vários dazoneth correm. Alguns deles vêm com seus mestres soz'garoth, que apostam neles como se fossem demônios da navalha, e outros - mais sencientes - rastejam, andam ou voam.

Dazoneth é sempre uma surpresa de se lutar. Alguns deles são mais fracos do que parecem, pois são todos amálgamas de demônios e qualquer animal que um curioso feiticeiro soz'garoth encontrou naquele dia. E tal como os seus antecessores, alguns são

mais inteligentes que outros. Poucos são capazes de falar, mas a maioria é capaz de arrancar um pedaço da sua carne e cuspi-lo de volta na cerveja.

Um desafio decente.

Às vezes quase sinto pena dos bastardos quiméricos, mas hoje só me importo em socar seus rostos transmutados.

“Cerveja?”

“Faça dois.”

Um servo zonak corre nervoso de volta para o bar. Ele traz as cervejas e as coloca na mesa sem comentários. Pego um em cada punho e bebo, observando a multidão.

Há uma batalha travada no centro da cervejaria entre dois vovalth. Eu conheço o primeiro, com sua pele branca leitosa e chifres listrados e enrolados. Stedik é um tolo, e é um prazer ouvir sua espinha estalar contra a mesa, assistir um soz'garoth bêbado tentar um feitiço de cura meia-boca enquanto o idiota geme de dor e o vencedor derrama um litro de cerveja em sua cabeça .

Em parte um prazer, pelo menos.

Meu sangue pulsa, mas não posso deixar de comparar isso com o ataque a Protheke. À batalha original que construiu esta ilha tempestuosa no céu.

Um zonak traz mais cerveja e eu bebo, sem sentir nada. Finalmente, meus ossos aquecem e minha mente fica alegremente nublada. Uma luta numa cervejaria pode não ser uma grande batalha, mas é boa o suficiente. É alguma coisa.

Minhas mãos coçam. Eu os cerro em punhos, examinando a multidão.

Uma mão se enrola em meu ombro e unhas cravam-se em minha pele.

“Você está no meu lugar,” uma voz familiar rosna. “Já falei com você sobre isso antes.”

“E eu disse a você”, digo, girando para enterrar o punho em sua barriga, “para ir foder sua mãe por mim”.

O golpe acerta, mas ele estava preparado e rebate imediatamente com um chute rasteiro. Ele é enorme, um bom dobro da minha circunferência. Minha cabeça chega até seu ombro, e isso só se eu estiver em pé.

Finalmente, uma *luta* .

Uma das minhas pernas dobra e a mesa quase bate na minha cabeça ao cair, mas eu me abaixo no último momento, puxando-o para baixo comigo.

É uma luta feroz e violenta, e os outros demônios gritam de alegria. Sem pensar, meus punhos navegam, pegando-o em qualquer lugar que possam alcançar. Seus próprios punhos retribuem o gesto, machucando minhas costelas e ombros, apesar da minha pele endurecida pela batalha. Meu sangue dispara – que alívio é deixar meus músculos se curvarem e torcerem, dar socos e chutes e...

Estamos suspensos no ar. Um de nós jogou o outro. Não sei dizer se é ele ou eu. As cervejas aqui são fortes e fazem efeito lindamente. Tudo o que sei é que não me sinto entorpecido, entediado ou confuso. Sinto-me vivo, tão vital quanto a tempestade que assola lá fora.

Com um barulho violento, a mesa abaixo de nós desaba e todas as outras brigas e conversas cessam. Lascas de pedra negra voam no ar, espalhando-se pelo ar como uma chuva forte e oleosa. Uma lasca cai na minha cerveja virada e um respingo do líquido cai na minha bochecha sangrando.

Eu não sou o único sangrando. O sangue escorre pelo rosto do meu querido amigo Drir'gen, e seus dentes brancos exibem um sorriso. Suas pequenas asas se abrem ao longo de suas costas enquanto ele nos puxa para cima.

Portas gêmeas se abrem e um demônio sai de seu escritório nos fundos. Ele aponta um dedo curvado e em forma de garra para nós dois, bastante descontente.

"Fora! Vocês dois, *fora* ! E então, resmungando para si mesmo enquanto caminha em direção à destruição: "Levou semanas para transmutar o último."

Os demônios podem quebrar-se aqui o quanto quiserem, desde que não perturbem a mobília. Jogo algumas moedas para ele e saio com Drir'gen, rindo como uma idiota o tempo todo.

Ele é um bruto corpulento. Os rumores são de que a mãe dele dormiu com um gilak, mas ele vai arrancar sua cabeça só de pensar nisso, então seus amigos apenas olham uns para os outros com conhecimento de causa sempre que ele entra em um quarto. Impiedoso e cruel, é um demônio raro que lutará contra ele e viverá para contar a história.

Meu irmão em tudo menos no sangue, somos inseparáveis desde que éramos meros filhotes.

“Este é o segundo lugar de onde fui expulso hoje”, diz Drir'gen, passando o braço em volta do meu ombro. “Eu deveria saber que só haveria mais problemas quando vi você.”

Ele roubou um copo de cerveja do bar, e eu rio enquanto ele bebe de um só gole e bate o copo nas pedras do nosso caminho.

“Eu só tinha quatro”, suspiro.

"Pena."

Deixei a chuva cair na minha pele, enxaguando o sangue das minhas bochechas. Algumas delas são dele e outras são minhas. Não importa, já lutamos antes e lutaremos novamente, provavelmente mais de uma vez antes do sol nascer pela manhã.

“Venha”, exijo, virando-me em direção ao caminho para casa. “Eu preciso de algo mais forte esta noite. Algo que derrube um bugio no chão.

Tenho licor transmutado por soz'garoths que fará com que os pensamentos traiçoeiros que sussurram em minha mente derretam no abismo.

Com Drir'gen ao meu lado, parece um plano bom o suficiente. Meus dedos pingam sangue. Estendo minha mão, observando como minha pele se une lentamente enquanto o relâmpago brilha acima.

Drir'gen parece pensativo. “A noite é uma criança, meu amigo. Tem certeza de que quer acabar com isso tão cedo?

“Quem disse alguma coisa sobre o fim?”

ANASTASIA

EU Na masmorra, é difícil medir quanto tempo se passou. No começo eu dormia muito, o que torna ainda mais difícil adivinhar. Acho que talvez já tenha passado um dia, talvez dois.

Rolo de lado, tentando ficar confortável no chão frio de pedra. "Ugh," eu gemo de aborrecimento, caindo para o outro lado. "Não adianta."

No início, deitar para tirar uma longa soneca ajudou a me ocupar. Eu não tinha nada melhor para fazer de qualquer maneira, e pelo menos eu sabia que toda vez que fechava os olhos, isso me aproximava do retorno do meu captor de demônios.

Pelo menos foi o que pensei. Mas ele nunca mais voltou. Agora estou com muita fome e sede para poder descansar confortavelmente. As dores no estômago me perturbam e me mantêm acordado, e estou começando a pensar que o demônio não está vindo.

Isso me lembra do tempo que passei em uma cela no castelo. No começo, ninguém se importou com o que aconteceu conosco. Passamos fome por longos períodos de tempo, mal recebendo o suficiente para permanecermos vivos.

Nunca soube exatamente o que provocou a mudança, mas ouvi dizer que outro demônio defendia melhores condições para nós. Ajudou o fato de os demônios também terem percebido, até então, o potencial que os humanos tinham para procriação. Eles precisavam de nós para dar à luz aos seus filhos e preencher as suas fileiras e, como resultado, tornaram-se muito mais complacentes com as nossas necessidades básicas.

Os demônios nunca foram bons, mas pelo menos agora estavam fazendo um esforço para nos manter vivos. Só pelo que oferecemos, mas mesmo assim foi melhor que nada. Achei que quando o rei me entregasse a esse demônio que ele chamava de Volikan eu poderia esperar o mesmo. Eu procriaria com ele e Volikan me sustentaria. Talvez eu conseguisse um quarto, ou pelo menos uma cama. Eu seria alimentado todos os dias e aquecido, e pelo menos poderia dizer com segurança que as coisas sempre poderiam ser piores.

Não é o sonho de uma menina, mas quando os tempos estão difíceis, você pega o que pode.

Isso é realmente tudo o que vai ser? Ele não parece se interessar por mim, além de me ver infeliz. Acho que ele nem quer procriar comigo, a única coisa que pensei que tinha a oferecer.

“Você acha que as outras mulheres têm esse problema?” Eu me pergunto em voz alta. “Um demônio com quem eles são forçados a procriar, quem nem os quer? Espero que eles estejam melhor do que eu.”

Eu estava muito esperançoso de que este fosse um ponto de viragem e, em vez disso, parece que entrei em algo pior. Contudo, não creio que fosse essa a intenção do rei e espero que os outros ainda tenham uma oportunidade. Talvez eles não tenham acabado com um demônio como o meu.

Obviamente, esta não era a resposta que qualquer um de nós, humanos, queria, mas realmente pensei que poderíamos encontrar uma maneira de fazê-la funcionar. Coexistir, suponho. Eu gostaria de pensar que algumas das mulheres conseguiram isso, mesmo que isso não estivesse nos planos para mim.

Pelo menos eu tenho minha fé. Isso me ajuda a seguir em frente, sabendo que tudo sempre será como a Mãe pretendia. Quando fui entregue a um demônio, pensei que isso significava que procriar com ele era o que Ela queria.

Agora parece que ela interveio mais uma vez, deixando claro que essa não é a direção que as coisas estão tomando. Fui trazido aqui por um motivo, mesmo que ainda não consiga ver o que é. Com o tempo, tudo ficará claro.

A única coisa que sei é que não posso continuar esperando que ele volte. A dor no meu estômago está me deixando louca, uma lembrança muito comovente daqueles tempos sombrios de antes. Estou começando a ficar maluco e sei que preciso sair daqui antes que piore.

Confio na Mãe e no seu cuidado, mas às vezes Ela exige que nos ajudemos. É isso que pretendo fazer. Vou até a porta da cela, examinando primeiro a fechadura.

É seguro e não há chance de outro “acidente” estranho como o que aconteceu com as algemas anteriormente. Mas isso não me preocupa. Ainda é apenas uma fechadura e as fechaduras podem ser quebradas.

Olho além das barras da cela para determinar quais ferramentas tenho à minha disposição. Rapidamente, vejo uma prateleira ao longo da parede que tem vários itens apoiados nela. Pregos, arame, chave de fenda e muito mais.

Eles são deixados descuidadamente, jogados em qualquer lugar. É claro que Volikan deixou essas coisas por acidente, simplesmente esquecendo ou não se preocupando em limpar tudo.

Mas agora a negligência dele é meu ganho. Eu mexo meus dedos através das barras. Não consigo alcançar mais do que alguns centímetros antes que minha palma fique presa entre o metal, mas é tudo o que preciso. As pontas dos meus dedos roçam um par de pinças, apenas o suficiente para segurá-las.

Com pinças em mãos, agora posso usá-las para ampliar meu alcance. Trabalho lenta e cuidadosamente, empurrando os compassos em direção à prateleira. Apertando-os, pego um prego perdido.

Mas não fechei a alça com força suficiente e, assim que tento levantá-la, não consigo segurar o prego. Ele desliza pelo chão, irremediavelmente fora de alcance. Observo isso em desespero, sabendo que já é tarde demais para parar.

Não importa isso, eu resolvo. Tem mais. Apenas não faça isso de novo.

Eu exalo alto, soprando uma lufada de ar frustrada em meu rosto. O cabelo castanho mel que cai na frente do meu rosto ondula com o movimento e depois cai para trás para cobrir meus olhos.

Com uma mão, tiro meu cabelo do caminho. Mordendo o lábio, me concentro, tentando me equilibrar. Posso sentir meus nervos acelerados, no limite por causa do meu fracasso recente.

Com precisão metódica, tento novamente. Meu coração dispara quando seguro o prego e prendo a respiração enquanto puxo o compasso e o prego de volta para a cela. Só quando o metal liso cai na minha palma, são e salvo, é que finalmente solto uma risada nervosa de alívio e começo a respirar normalmente.

Quase tonto, preciso de um momento para me recompor. Só então, ouço barulhos altos no alto.

Aperto o prego e o compasso contra o peito, de forma protetora. A princípio, escuto a porta da masmorra se abrir, esperando que ele venha me buscar.

Nada acontece e logo percebo que o som não está chegando mais perto. Está exatamente lá em cima, seja lá o que for. Faço uma pausa para olhar para cima reflexivamente. Não consigo ver o que está acontecendo lá em cima, é claro, e fico pensando.

Não parece que ele esteja lá quebrando coisas, como fez antes. Acho que até ouço outra voz, como se estivessem conversando animadamente. Ouve-se um som de passos pesados, talvez como pés pesados pulando.

Se ele tiver companhia, este pode ser o momento perfeito para fugir. Parece turbulento, o tipo de cenário em que ele nunca vai me notar. Esta é minha chance. Mais uma vez, parece que a Mãe interveio em meu favor.

Coloquei minha ferramenta no chão, movendo-me rapidamente em direção à fechadura. Prego na mão, enfio-o no buraco da fechadura. "Vamos, Anastasia, você consegue", murmuro para mim mesmo. "Você já fez isso antes."

A fechadura é antiga e não é particularmente sofisticada. Não tenho nenhum talento especial para arrombar fechaduras, mas quando você é humano em Protheke, é forçado a ser criativo. Este não é tão desafiador e, depois de algumas tentativas, ele se abre.

Eu saio da cela, seguindo em direção às escadas. "Obrigado, abençoada mãe, por cuidar de seu filho", respiro baixinho, cruzando os braços em um breve reconhecimento. Eu não espero, subindo as escadas levemente, mesmo durante minha oração.

Quando me aproximo do topo da escada, uma sensação de vertigem percorre meu corpo. Estou quase lá e em breve estarei livre. Não tenho ideia do que vem a seguir, mas não estou com medo. A Mãe me guiará na direção certa enquanto eu ouvir.

Por enquanto, só quero sair daqui. Longe deste lugar horrível e desta pequena prisão horrível.

Subo os últimos degraus com pressa, estendendo uma mão em direção à porta no topo da escada da masmorra. Congelo com a mão na maçaneta, ouvindo uma voz desconhecida.

Seja quem for, está do outro lado da porta. Não posso ir sem ser visto. Se a porta não estivesse aqui, bloqueando sua visão, eles estariam ao alcance de seus braços.

A alegria dá lugar ao pânico quando os ouço rindo alto, um barulho estridente e gargalhada. E então, sem tempo para se esconder, a porta se abre de repente.

Uma luz brilhante entra pela porta e tudo que posso fazer é apertar os olhos. Meus olhos estão na penumbra da masmorra há tanto tempo que não sabem o que fazer e lutam para se ajustar. Minha garganta aperta, sabendo que fui encontrada.

Uma sombra monstruosa cai sobre mim. Pelo menos bloqueia a luz forte, tornando-a mais fácil para os meus olhos. Mas quando olho para a criatura parada acima de mim, aquela que projeta a sombra, decido que prefiro não ver.

“Bem, bem, bem”, ele zomba. “O que temos aqui?”

VOLIKAN

CQuando fico sozinho para refletir sobre minhas batalhas passadas, nunca é tão glorioso como quando posso compartilhá-las com um amigo. Já faz tanto tempo que não faço isso que esqueci a sensação de passar um tempo com alguém que pode apreciá-lo.

Há muitos momentos de vitória dos quais me orgulho, mas ninguém consegue entender isso tão bem quanto Drir'gen. De certa forma, somos duas metades, cortadas do mesmo tecido. Mesmo entre os demônios, somos o que a maioria descreve como personalidades “extremos”, mas refletimos uns aos outros perfeitamente.

Somos próximos desde que éramos pequenos, inseparáveis como filhotes. Ele sempre esteve lá para me encorajar, e eu me tornei um dos lutadores mais fortes e sanguinários graças ao seu incentivo. Agora, embora tenhamos conquistado independência suficiente para viver as nossas próprias vidas, ainda somos quase como irmãos. Quando estamos juntos, é como se nunca tivéssemos nos separado.

“Lembra quando fomos expulsos do bar há alguns anos?” Drir'gen lembra. “Você virou aquela mesa e quebrou o espelho na parede.”

“Você começou,” eu indico. “Você estava brigando com aquele demônio porque ele não lhe dava nada de sua comida.”

“Sempre gostei de comida”, ele se defende, mas há um sorriso divertido em seus olhos. Ele sabe que seu argumento é totalmente ridículo e simplesmente não se importa. Drir'gen dá pouca importância às regras da sociedade e sempre teve uma atitude mais do tipo 'me faça'. É uma das muitas razões pelas quais nos damos tão bem.

“Ele não tinha ideia de com quem estava discutindo”, eu rio. “Você estava sentado quando ele lhe disse para ir embora. Lembra quando você se levantou e ele percebeu o quão grande você é?”

“Você se lembra da expressão nos olhos dele?” Drir'gen grita, tomando outro gole da garrafa à sua frente. Ele olha ao redor da sala e então parece lembrar que estamos sozinhos.

Ele se inclina para frente animadamente, sua voz vibrando com humor. “Acho que ele queria chorar!”

“Contra uma fera enorme como você, a maioria faria isso,” eu o elogio com um sorriso. Bebo meu próprio gole, apreciando o gosto amargo enquanto ele desliza friamente pela minha garganta.

Drir'gen retribui o sorriso, recostando-se na cadeira. “Mas você não”, ele ressalta.

Algo incha em meu peito com o elogio, embora eu faça o meu melhor para não demonstrar. Seria impróprio sorrir, então escondo minha reação.

Drir'gen sempre foi um dos demônios implacáveis, impiedosos e endurecidos que conheço, e aspirei imitar sua natureza severa. Ouvi-lo reconhecer que me considera no seu nível é uma grande recompensa.

“Claro que não”, concordo facilmente. “Eu lutaria com você a qualquer hora, em qualquer lugar. Mas já fizemos isso uma vez esta noite. Agora é hora de beber.”

Levanto minha garrafa, inclinando-a em sua direção. Ele faz o mesmo, e brindamos descuidadamente. Então nós dois tomamos outro gole vigoroso, virando as garrafas para trás enquanto o escasso líquido que sobrou escorre para nossas bocas.

Giro minha garrafa, verificando se ela está realmente vazia. Há uma névoa agradável que preenche meus sentidos agora, mas não estou pronto para terminar esta noite.

“Hora de outra?” Eu grito, já ficando de pé.

Drir'gen fica de pé. Mesmo com o álcool, ele sempre permanece afiado. Não creio que haja qualquer quantidade de bebida alcoólica que possa acalmar o guerreiro perspicaz dentro dele.

Eu, por outro lado, às vezes suspeito que bebo justamente para esse propósito. Isso embota as vozes dentro de mim que sempre clamam por sangue, algo de que Drir'gen parece nunca se cansar. Gosto do relaxamento que vem disso, quando tudo dentro de mim se acalma.

Suponho que seja por isso que, no fundo, sei que nunca serei tão feroz quanto Drir'gen consegue ser. Ele exala isso naturalmente, sem nunca tentar. Tenho momentos em que, num ataque, posso destruir qualquer coisa que esteja no meu caminho, mas nunca parece ser algo que mantenho tão facilmente quanto Drir'gen.

Ele bate palmas, como se chamasse um criado. “Sim, traga-me outro, rapaz. Enquanto você faz isso, vou invadir a despensa. Que tipo de anfitrião terrível não oferece comida aos convidados?

Virando-me enquanto passo pela porta, jogo a garrafa vazia nele. Ele se abaixa, rindo, enquanto o objeto bate contra a parede. Eu rio também, contente com o som do vidro quebrando. Vou limpá-lo mais tarde, se me apetecer.

Vou até a cozinha, selecionando uma nova garrafa para nos reabastecer. Então pego alguns extras, só para não ter que fazer a viagem novamente. De repente, parece muito trabalho.

Coloquei as garrafas sobre a mesa por enquanto, procurando um lanche para ajudar meu amigo. Embora seu comentário tenha sido feito em tom de brincadeira, há um certo grau de verdade por trás dele. Ele sempre precisou de muita comida para manter seu corpo corpulento.

O boato, desde que éramos crianças, era que ele era na verdade parte demônio gilak. Mesmo ele sendo oficialmente reconhecido como um volvath, como eu, isso não impediu que as histórias se espalhassem. É compreensível, pois ele se parece mais com um gilak do que qualquer coisa.

Ele tem quase 2,5 metros de altura e uma parede de músculos sólidos. Suas asas são pequenas e inadequadas para voar, mas isso provavelmente é um ponto sem sentido. Com um corpo tão grande quanto o dele, quase todas as asas seriam impróprias para ele voar. Ele é simplesmente muito pesado.

Funcionou para ele, no entanto. Ele pode lutar na arena com os melhores e derrotar um gilak sem problemas. Algo com que a maioria dos volvaths só poderia sonhar.

Por causa da maneira como ele se destaca como incomum, sempre houve rumores de que sua mãe era terrivelmente tenaz. Ela conseguiu, através de muitos esforços, levar um gilak para a cama, e foi assim que Drir'gen se saiu daquele jeito.

Não tenho ideia se é verdade ou não, pois Drir'gen nunca comentou o assunto. Sei que ele está ciente da conversa, mas não responde. Eu nunca ousaria perguntar, então suponho que os rumores sempre estarão circulando no decorrer das conversas.

Procurando por um lanche adequado, finalmente pego vários pedaços de carne seca. Fazendo malabarismos com tudo enquanto recupero as garrafas, carrego a carga com cuidado de volta para a sala.

Na porta, paro e olho em volta, me perguntando para onde Drir'gen foi. Achei que ele estava brincando sobre invadir a despensa, mas talvez ele estivesse falando sério.

Drir'gen sempre foi do tipo que se serve de tudo que quer, e não apenas porque somos amigos. Ele aceitaria qualquer coisa de qualquer pessoa se achasse que valia a pena.

Não tem importância para mim – fico feliz em compartilhar com meu amigo. Quando ele retornar, ele terá sua escolha de comida. Começo a desabafar, colocando cada garrafa sobre a mesa enquanto espero ele voltar com seus lanches.

Mas então algo chama minha atenção. Eu me endireito, virando-me para a porta da masmorra, agora quebrada. Mal está aberto – apenas uma pequena lasca, mas ainda o suficiente para me dizer que algo está errado.

A confusão me preenche enquanto tento juntar as peças da cena. Ela não poderia ter tentado fugir de novo, poderia? Aquela porta foi fechada há pouco, não foi?

Mesmo enquanto me arrasto em direção à porta, posso sentir meu coração pulando na garganta, tornando impossível respirar. No fundo, já sei a resposta às minhas perguntas e sei quem é o culpado pela porta ter ficado aberta.

Eu só não quero acreditar. Não da minha melhor amiga, quando tudo tinha sido tão agradável há pouco.

Lentamente, abro mais a porta, ainda buscando qualquer outra explicação possível. Quero culpar qualquer outra coisa, qualquer coisa que me faça acreditar que Drir'gen não está lá com ela.

Mas no topo da escada ouço um grito estridente e frenético. Meu coração se aperta no peito e corro para a masmorra o mais rápido que minhas pernas me permitem. Estou me movendo tão rápido que a gravidade quase termina o trabalho para mim, mas consigo me endireitar antes de cair no chão.

Viro-me e vejo Drir'gen ali, acariciando meu prêmio com as mãos. Ela é minha, não dele. Talvez eu estivesse disposta a dividir os lanches da minha despensa com ele, mas isso é um passo longe demais.

Minha visão fica vermelha e posso sentir o fogo começar a ferver em minhas veias. Tudo em meu corpo esquenta, até as pontas dos meus nervos formigando de fúria.

Apesar da sensação agradável que senti, o álcool parece fugir instantaneamente do meu sistema. Fico imediatamente sóbrio, quase dolorosamente. Isso me ocorre como um tapa na cara, quase como sair de casa em uma noite fria e com neve.

E quando ela se vira para olhar para mim, seus olhos castanhos implorando silenciosamente para que eu a ajude, perco todo o controle. Meu lado furioso assume o controle, cedendo à raiva, enquanto levanto uma mão pesada para esmagar seu rosto.

ANASTASIA

EU estava tão perto de sair desta masmorra. Teria sido necessário apenas mais um ou dois passos.

Mas não só minha fuga foi bloqueada por um demônio hediondo, ele me perseguiu de volta ao ponto de partida. Estou aqui mais uma vez, no pé da escada, quase encostado na minha cela na tentativa de fugir dele.

Infelizmente, aqui embaixo, há tantas direções que posso seguir. Eu não conseguia me livrar dele quando ele estava tão determinado a me perseguir. Estou pior do que nunca, com uma de suas mãos carnudas em volta da minha garganta exposta. O outro me dá uma patada animalesca, fazendo minha pele arrepiar.

Não é apenas o toque dele que me assusta. Ele é realmente terrível, uma fera monstruosa com chifres pesados e rachados que se enrolam para frente e para trás. Sua pele está marcada e áspera, sua mão é abrasiva enquanto desliza sobre meu corpo.

“Você deve ser o prêmio do qual Volikan se vangloriou a noite toda”, ele declara asperamente. Ele lambe os lábios, me olhando ameaçadoramente. Seus olhos amarelos brilham, mostrando claramente suas intenções cruéis para mim.

Não me preocupo em responder, principalmente porque não parecia uma pergunta. A mente da criatura já está decidida e não acho que nada do que eu diga possa ter importância neste momento. O que quer que ele planeje fazer comigo, só posso sentar e ver acontecer.

Não posso deixar de me sentir um pouco traída. Não pelos maus tratos que esse demônio me deu, mas pelos maus tratos de Volikan. Ele me deixou aqui sozinho por todo esse tempo e depois enviou um amigo aqui para me usar.

A ideia de que ele me trocaria assim é chocante, mesmo que eu não saiba por que estou tão surpresa. Afinal, Volikan é um demônio, e de repente me pergunto por que esperava algo diferente.

Já foi bastante difícil fazer as pazes com o fato de que seria entregue a um demônio. Não fiquei satisfeito com a ideia de ter que procriar contra a minha vontade, mas consegui me convencer de que poderia haver uma fresta de esperança.

Eu pegaria um parceiro e lhe daria um filho. Em troca, eu estaria seguro. Eu teria uma casa quente, um lugar para ficar e comida. Poderia ter sido pior, tentei me convencer.

Nenhuma dessas coisas conseguiu dar certo para mim. Eu estava aqui em uma masmorra, com fome e sede. Ter minhas esperanças frustradas dessa forma já era ruim o suficiente, mas será que estava realmente piorando?

Ver que Volikan pretende me emprestar a outros demônios como achar melhor é apenas um golpe a mais do que posso suportar. Eu realmente não queria acasalar com ele, mas certamente não quero ser passada de mão em mão.

E ainda assim, que escolha eu tenho? Estou preso aqui, para ser usado e abusado até meu estômago ficar inchado com a prole deles. Se eu recusar, eles simplesmente me matarão.

Lágrimas brotam dos meus olhos, sentindo-me totalmente consternado e abandonado. Pela primeira vez, acho que Volikan poderia estar certo quando me disse que os deuses não iriam me ajudar aqui. Talvez até os deuses estejam cegos neste lugar abismal.

O novo demônio continua a me apalpar. Ele não solta meu pescoço, mas me gira para poder bater na minha bunda. O movimento é chocante, me fazendo estremecer. Ele solta uma risada baixa, parecendo gostar da minha reação, e me dá um tapa novamente. “Aposto que é bom nessa sua bunda apertada”, ele rosna. “Mal posso esperar para descobrir esta noite.”

Ele me gira mais uma vez, apertando a mão com força no meu peito. Então ele belisca com tanta força que dói, e tenho certeza que sob minhas roupas, marcas vermelhas de raiva no formato de seus dedos já estão ganhando vida.

Uma sombra se move atrás dele. Eu viro minha cabeça reflexivamente para ver. Em resposta, o estranho demônio aperta meu pescoço com mais força, zombando do movimento não autorizado.

É Volikan. A visão de alguém familiar me enche de conforto inesperado e imediatamente me castigo por isso. Ele não está aqui para me ajudar. Ninguém pode me ajudar agora.

Eu olho para ele com olhos opacos e desamparados, me perguntando se eles poderiam transmitir a profundidade da traição que sinto. Algo em seu semblante endurece, me observando.

Ele enrijece, todos os músculos de seu corpo ficam tensos. E então, num piscar de olhos, é como se alguém completamente diferente estivesse em seu lugar. Ele entra em ação, atacando o demônio que me trata rudemente.

A mão de Volikan se fecha em punho e ele bate contra o rosto do grande demônio. Pego de surpresa, o demônio me solta abruptamente. Caio no chão, desequilibrado, e por pouco não sou atingido pelas garras do próprio Volikan.

Eu me arrasto pelo chão, recuando o mais rápido que posso para sair do caminho deles. Os dois brigam furiosamente por algum tempo enquanto eu assisto com horror.

A princípio, o demônio maior parece quase divertido com a atividade. Ele é tão maior que é difícil imaginar como Volikan poderá vencer. Mas Volikan é implacável, acertando golpe após golpe.

Eles perseguem uns aos outros pela masmorra, deixando um rastro de destruição em seu caminho. A prateleira que continha as ferramentas que usei em minha fuga se quebrou, caindo ruidosamente no chão. Instrumentos metálicos de tortura espalhados pelo chão, alguns pousando perto de mim. Eu estremeço, levantando meus pés como se eles pudessem me queimar.

Com os olhos arregalados, observo enquanto os dois se esmurram. É uma luta cruel e sangrenta, e em algum momento ele consegue entender que Volikan nunca teve a intenção de deixar esse outro demônio se aproveitar de mim. Não sei por que, mas me anima um pouco ver sua disposição em me proteger.

No entanto, é difícil sentir muito prazer com o caos que se desenrola diante de mim. Não gosto de violência de nenhum tipo, nem mesmo merecida. Ambos estão ensanguentados e espancados, e a visão faz meu estômago revirar.

A luta vira na minha direção mais uma vez, e preciso correr para o canto para evitar mais uma vez ser chifrado. Volikan parece totalmente fora de controle, como se não tivesse consciência de suas ações. Seus movimentos são totalmente separados de seu cérebro.

Não posso deixar de pensar que ele me mataria assim que matou o outro demônio. Pelo menos neste estado, ele não tem capacidade de discernir a diferença. Ele está em busca de sangue, qualquer sangue que puder conseguir.

Não vou chegar perto o suficiente para acidentalmente ser pego no meio. Não quero testar até onde ele é capaz de ir e suspeito que seria uma aposta perdida. Nunca vi nada tão feroz como ele, neste estado. Parece ser uma espécie de loucura.

Eu me enrolo, tentando desaparecer no canto da minha cela e evitar ser detectada. Uma parte de mim quer fechar os olhos e bloquear as visões horríveis, mas parece que isso seria um erro fatal. Não tenho escolha a não ser assistir, mesmo que isso me apavore.

O cheiro de sangue de demônio queima minhas narinas. O estranho começa a oferecer desculpas tímidas, tentando apaziguar Volikan. Ele nunca se desculpa por suas ações, mas barganha com ele, tentando chegar a um acordo.

Volikan não se comove e não oferece nenhuma evidência de que tenha ouvido as palavras. Ele bate meu atacante nas paredes de pedra da masmorra, repetidamente. O som me faz estremecer, mas se mistura com o grito interno que ouço na minha cabeça.

Finalmente, o demônio cai no chão, derrotado. Algo no rosto de Volikan muda novamente, o olhar duro desaparece. Ele se vira para mim e imagino ver um brilho de consciência retornando aos seus olhos.

Mas então Volikan se aproxima. Entro em pânico, preocupada que ele esteja prestes a me atacar em seguida. Depois de tudo que acabei de ver que ele era capaz, tudo parece possível. Meus olhos se voltam para o chão, observando a seleção de itens espalhados pelo chão.

É uma bagunça, lixo deixado por toda parte como resultado da luta deles. Mas alguns deles são instrumentos de tortura de Volikan – facas e lâminas e até um cinto grosso cravejado de pregos. Se eu precisar de uma arma, há muitas opções.

Mesmo quando ele se aproxima, algo em mim hesita. Eu não quero atacá-lo. Simplesmente não é da minha natureza. É isso que devo fazer para sobreviver neste lugar horrível? Posso encontrar coragem?

Felizmente, não preciso tomar a decisão. Ele cai de repente, caindo no chão vários metros à minha frente.

Levanto-me trêmula, aproximando-me e me perguntando se ele está morto. Ele está totalmente inconsciente, assim como o outro demônio. Mas seu peito sobe e desce constantemente, deixando-me saber que ele vive.

"Isso é bom ou ruim?" Eu pondero.

Ele é uma bagunça sangrenta do que era antes e provavelmente desmaiou devido aos próprios ferimentos. Dou uma olhada mais uma vez na seleção de armas e considero terminar o trabalho. Pelo menos então eu estaria livre.

Posso sentir minha determinação se fortalecer e então quebrar imediatamente. Posso morrer aqui, eventualmente. Ainda assim, simplesmente não tenho coragem de matar outro. Prefiro morrer do que viver com essa culpa.

Meu coração martela no peito enquanto examino a cena, tentando pensar. Mesmo que eu não consiga me livrar de Volikan, devo fazer algo a respeito do outro demônio. Tem que haver alguma maneira de afastá-lo de mim, antes que ele acorde e eu reviva esse horror novamente.

VOLIKAN

EU acordo de repente, ofegante e acordado com um susto. “Que porra é essa?”
Eu gemo quando meus sentidos voltam.

O movimento faz minha cabeça doer e olho em volta, confusa. Sinto-me esgotado e dolorido, embora leve um momento para relembrar minhas memórias nebulosas e lembrar por quê.

Estou no meu quarto, mas não me lembro de ter vindo aqui. Eu pisco, tentando juntar as peças. Eu estava bebendo com Drir'gen, o que pode ser suficiente para explicar a dor de cabeça.

Estávamos nos divertindo, e depois? Como um raio, ele vem até mim, fazendo meu sangue congelar nas veias. Isso mesmo. A mulher.

Minha raiva começa a aumentar novamente, borbulhando em meu peito e apertando minha garganta. A maneira como ele a acariciou está impressa em meu cérebro. Acontece que os últimos minutos foram um alívio. Foi a última vez que não me lembrarei daquela visão devastadora.

Já estou cheio de saudades de uma época mais simples, quando não precisava reconhecer o quanto a noite passada foi terrivelmente errada. Mas agora que me lembro, não há como parar. Vou ter que descobrir uma maneira de sair dessa bagunça.

Eu sei que minha sede de sangue, meu modo frenético, assumiu o controle. Acontece com tanta frequência que estou bastante acostumado e familiarizado com a maneira como desmaio quando isso acontece. Embora meu corpo continue se movendo, meu cérebro parece desligar para esses episódios. Quando acaba, lembro-me do tempo que antecedeu, mas não durante.

Portanto, este vago espaço em branco que não consigo preencher não é inesperado ou surpreendente. É típico para mim. Normalmente, isso não me preocupa, mas há uma diferença significativa desta vez.

O que eu fiz com ela? Tive muito cuidado em me controlar perto dela, não querendo que ela me visse daquele jeito. Não estou preocupado com Drir'gen – ele consegue se defender e, além disso, mereceu.

Mas ela, e ela? Meu coração afunda ao pensar, com medo de admitir que não há limite para o monstro que me torno nesse estado. Eu nunca quis que ela fosse vítima desse horror, e agora é quase certo que seja tarde demais.

Pulo da cama, ignorando a sensação de que minha cabeça está cheia de líquido, espirrando em volta do meu crânio. Não há tempo para isso agora. Devo encontrá-la e torcer pelo melhor.

Se ela ainda estiver aqui. Se ela sobrevivesse, eu não a culparia se ela fugisse na primeira chance que tivesse. Como posso explicar isso ao rei?

Corro pela casa, amaldiçoando interiormente Drir'gen pelo que ele começou. Se ele tivesse ficado sozinho, nada disso teria acontecido. Ele entrou na masmorra, sem ser convidado. Ele pegou o que era meu, sem aviso ou incentivo.

Se ele não fosse tão sorrateiro e traiçoeiro, eu não estaria sofrendo agora. Ele pode ser meu melhor amigo, mas também é meio idiota. Normalmente, isso parece razoável – eu também. Mas será que ele vai me ajudar a sair dessa bagunça?

Eu nem me preocupo em me vestir. Minha metade inferior está coberta tanto quanto a modéstia exigiria, com um par de leggings simples. O resto de mim está nu, algo que não tenho o hábito. Mas não há tempo para se preocupar com algo tão trivial agora.

Não quando o corpo humano pode estar esperando para ser descoberto. *O rei vai cortar minha cabeça por isso. Droga, Drir'gen!*

Mesmo em meu estado de pânico, consigo perceber que a casa está mais limpa do que merece. Lembro-me que no início da noite, antes de tudo virar uma merda, Drir'gen e eu não éramos cuidadosos. Deixamos muitas pequenas bagunças enquanto bebíamos, incluindo uma garrafa quebrada, mas não há nenhuma evidência disso agora.

Desço as escadas do porão com passos fortes, meu coração disparando quase dolorosamente no peito. Não tenho ideia do que espero encontrar, mas definitivamente não é isso.

Não há bagunça, apesar de destruir o lugar. Não, Drir'gen. E nenhum humano.

O que está acontecendo aqui? Eu giro em um círculo lento e cauteloso, tentando fazer sentido. Eu estava preocupado em encontrá-la ferida ou até morta. Eu não esperava que ela desaparecesse completamente.

Ela realmente fugiu? Acho que não posso culpá-la se ela viu uma abertura e a aproveitou. É quase uma pena que eu tenha que caçá-la pelo delito e puni-la.

Melhor ela do que eu. Porque se eu não a encontrar, o rei vai me matar.

Esfrego meu rosto com cansaço, minha mente cheia de reprimendas. Eu tinha um emprego e falhei completamente. Eu não procriei com a humana como deveria – eu nem mesmo fiz sexo com ela. E então eu a perdi, ainda por cima.

Eu nunca vou superar isso. Nunca. Como vou explicar por que adiei o sexo, quando ela foi entregue diretamente em meus braços? Já posso ouvir os outros demônios rindo de mim.

E então algo consegue passar pelo meu nariz e interrompe meu nariz descontente. Um cheiro estranho. Não é desagradável, mas inesperado. *O que é aquilo?*

Hesito, farejando o ar novamente. É... cozinhar. A resposta pode parecer óbvia, mas é um conceito tão estranho nesta casa que a constatação me deixa abalado. Eu não cozinho. Como comida com o mínimo de preparo possível, até crua, mas não cozinho.

Subo lentamente as escadas, tentando entender o que está acontecendo. Quem estaria cozinhando? Eu ainda tenho as ferramentas para isso?

Quando entro na cozinha, sinto o cheiro de uma panela fervendo em um pequeno fogão que sempre ignorei. Não tenho certeza se sabia que isso poderia acontecer, para ser honesto.

Olho ao redor, notando como a cozinha está limpa. A diferença entre a aparência atual e a aparência que estou acostumada é chocante. Os balcões e o chão são de uma cor diferente do que eu pensava, mais claros. Acho que nunca os vi limpos antes.

Isso é obra de Drir'gen? Sua maneira de se desculpar comigo pela noite passada? Eu não tinha ideia de que o manequim sabia cozinhar. Pelo menos posso conseguir uma boa refeição antes que o rei me execute.

E então eu a vejo. Minha cabeça, girando para observar a sala, termina seu curso. Ele cai sobre ela no canto, me observando.

Ela não está danificada, ensanguentada ou morta. Na verdade, ela parece mais saudável do que da última vez que a vi. Seus olhos não estão cheios de terror e desamparo, e ela não tem as mãos estúpidas de Drir'gen em volta de sua garganta.

Ela parece melhor assim.

Ela sorri abertamente, e isso me dá uma pontada estranha no peito que não consigo identificar. Eu nunca a vi sorrir.

Eu meio que gosto disso, exceto pela reação que meu corpo tem a isso. Eu não gosto disso, de jeito nenhum.

“Bom dia”, ela diz alegremente, ainda sorrindo. “Você gostaria de se juntar a mim no café da manhã?”

Minha boca fica aberta, incapaz de formular uma resposta. Eu sei que deveria dizer alguma coisa, mas pela primeira vez desde que me lembro, estou sem palavras.

Este humano fraco e bizarro me deixou perplexo. Isso me enche de uma sensação de intriga, de repente fascinado por ela. Há poucas pessoas que poderiam induzir essa reação em mim, e pela primeira vez percebo que ela deve ser mais complexa do que eu imaginava.

Ela não espera que eu fale, o que é uma sorte. Acho que poderíamos ficar ali o dia todo, olhando um para o outro, se ela o fizesse. Em vez disso, ela simplesmente vai embora, esperando que eu a siga.

E por alguma razão, eu faço. Eu, que não sigo ninguém, docilmente deixo que ela me conduza sem palavras até a sala de jantar.

Um elaborado café da manhã está espalhado sobre a mesa. Há um prato de carne e outro prato de pãezinhos com mel. Uma grande tigela de frutas cortadas fica no meio, uma decoração colorida e uma contribuição comestível.

Tudo tem um cheiro fantástico e não consigo evitar que minha boca fique com água na boca ao ver isso. *Ela ficou acordada a noite toda cozinhando isso?* Eu me pergunto. Não tenho ideia de quanto trabalho envolve uma refeição como esta, mas parece complicado. Horas, imagino.

Minha mente não consegue entender a tela, tentando entender como ela surgiu. Eu nem sabia que tinha coisas suficientes na minha cozinha para um banquete como este. É curioso e estou impressionado com o esforço dela.

Mas também perplexo. Por que ela teve tantos problemas e por que está compartilhando isso comigo? Eu poderia entender se ela tivesse invadido minha

despensa enquanto eu estava fora, servindo-se de tudo que quisesse. Ela poderia ter feito isso em particular e provavelmente nunca foi pega.

Ela teve a oportunidade perfeita e a maior liberdade que teve em dias. E ela usou esse tempo para limpar minha casa e preparar o café da manhã para mim. Estou cheio de confusão, tão confuso que tudo que posso fazer é olhar fixamente.

Ela puxa uma cadeira e finalmente se senta quando percebe que não estou me movendo. Então ela acena com a mão em minha direção, gesticulando para que eu faça o mesmo.

"Bem?"

VOLIKAN

"Certo?" ela diz com expectativa, acenando para que eu me sente. Meu olhar segue a mão dela e percebo que há até uma mesa aqui para mim. Ela arrumou a mesa, esperando que comêssemos juntos.

Isso só aumenta minha confusão, ainda sem entender por que ela faria todo esse esforço. Ela poderia ter servido o que quisesse – eu estava inconsciente e não consegui impedi-la. Por que ela fez isso por mim?

Para nós, percebo entorpecidamente. Mas algo nessa palavra me deixa desconfortável. Paro o pensamento assim que surge, deixando-o de lado.

Em vez disso, sento-me conforme as instruções, ainda sem palavras. Eu reflexivamente agarro a cadeira na minha frente, puxando-a e caindo nela distraidamente.

Olho ao redor da sala, como se as respostas estivessem escritas nas paredes. Nada sobre isso faz sentido, mas é difícil identificar qual parte me incomoda mais. Nada está errado, mas também nada parece certo.

E a mudança do meu ambiente não ajuda. Tenho a sensação de que de alguma forma fui para a cama ontem à noite e acordei em outro lugar. Um lugar que *quase* se parece exatamente com a minha casa, mas não exatamente.

Está muito limpo. Posso ver a diferença, mesmo que seja difícil explicar por que parece errado. Sei que a limpeza é uma coisa boa e agradeço o esforço dela. Mas isso me faz sentir como se estivesse no lugar errado, que tudo está um pouco "errado".

Todas as minhas perguntas competem em minha mente, tão confusa neste momento que não consigo decidir qual delas virá primeiro. Então, simplesmente não digo nada, ainda tentando resolver isso na minha cabeça.

Ela sorri para mim calorosamente novamente. Faz aquela coisa estranha no meu peito de novo, como se eu estivesse sendo picado todo. A sensação, decido, não é totalmente desagradável, agora que tive tempo para pensar a respeito.

Eu olho para ela, percebendo o quão diferente ela parece agora. Ela não tem a expressão estressada e nervosa que tinha. Por outro lado, quando penso em como agi quando ela

chegou em casa comigo, é difícil culpá-la por parecer nervosa. Eu fiz de tudo para provocar essa reação. Acho que não sabia que eu também gosto dessa versão dela.

Ela me olha por um momento. Há um brilho de humor em seus olhos enquanto ela espera. Eu reconheço isso, mas ainda estou de queixo caído para fazer qualquer coisa além de simplesmente tomar nota disso. Ela não sai rindo, mas posso dizer que ela está perto.

Não sei o que é tão engraçado, mas não consigo me importar agora. Uma resposta terá que esperar, pois simplesmente não tenho capacidade cerebral para me preocupar com isso. Estou muito sobrecarregado e sobrecarregado com tudo o que está acontecendo aqui.

Seus olhos brilham com humor para mim, mesmo quando eu olho fixamente para ela. Então ela se levanta e começa a andar ao redor da mesa para pegar os vários pratos, um de cada vez. Ela começa a me servir deles, enchendo meu prato com grandes porções de tudo.

Ocorre-me que ela estava olhando para mim, esperando que eu fizesse isso sozinho. É por isso que ela ficava olhando para mim e parecia tão divertida quando eu não o fazia. Ela deve pensar que sou um completo idiota. O pequeno e gentil sorriso em seu rosto enquanto ela trabalha não desmente isso.

Suponho que, pelo menos quando se trata de interações sociais como essa, talvez eu esteja. Não saio muito de casa nem passo muito tempo em grupos. Prefiro ficar sozinho, entregue à minha própria sorte. Coisas como compartilhar uma refeição educada não são meu forte ou algo em que tenho muita experiência.

Depois que meu prato contém um pouco de tudo, ela volta sua atenção para si mesma. Ela se inclina sobre a mesa, deixando cair um pedaço de carne bismbe no prato. Ela larga isso, pega uma tigela de frutas e começa a servi-la em seguida.

A forma como ela alcança aproxima seu corpo do meu, e sua camisa roça meu ombro nu. Nós dois parecemos notar isso ao mesmo tempo.

Mesmo que não seja um movimento significativo, ambos reagimos. Sento-me direito, finalmente fechando a mandíbula. Ela cora um pouco e seu olhar percorre meu peito nu.

Permanece por um período desconfortável de tempo. Algo em seus olhos muda, parecendo mais inquieto do que envergonhado. Observo seu rosto, até que me ocorre pensar se ela está olhando para minhas cicatrizes.

Nunca prestei muita atenção neles antes, embora saiba que existem muitos deles. Simplesmente nunca importou para mim ou valeu a pena me preocupar. Ainda assim, algo na maneira como ela olha me deixa desconfortável e constrangido pela primeira vez na vida.

Afinal, talvez eu devesse ter colocado uma camisa antes de sair do quarto. Parecia sem importância na época porque nunca me importei com o que alguém pensava antes. Eu não sabia que esse humano seria a primeira pessoa por quem eu mudaria.

Ela limpa a garganta e desvia o olhar, rapidamente colocando a comida da tigela em suas mãos no prato. "Sinto muito se isso não é tão bom quanto o que você normalmente come", ela oferece. "Não consegui encontrar muita coisa nos armários e muitos dos ingredientes não me são familiares. Fiz o melhor que pude."

Então ela coloca a tigela na mesa, andando ao redor da mesa de volta ao seu lugar. Pisco para mim mesmo, absorvendo a ironia do comentário dela. Eu não cozinho nada, então isso já parece um passo acima de qualquer coisa que eu normalmente comeria. Caramba, eu provavelmente sei menos sobre como usar os ingredientes que ela encontrou do que ela, mesmo que ela nunca os tenha visto antes.

"Parece delicioso", finalmente consigo responder educadamente. Surpreendo até a mim mesmo com meu novo tom dócil. Ela olha para mim com os olhos arregalados, mas rapidamente disfarça o choque, voltando o olhar para o prato.

"Para onde foi Drir'gen?" Eu deixo escapar inesperadamente. Tenho muitas perguntas, mas essa é a mais urgente. Ele vai acordar a qualquer minuto e arruinar todo o seu trabalho duro?

Se alguém seria idiota o suficiente para estragar sua refeição, esse alguém seria Drir'gen. Ela pode não perceber ainda, mas eu percebo.

Ela faz uma pausa com uma garfada de comida a meio caminho dos lábios. "O que?" ela pergunta.

Enquanto repito a pergunta, ela dá uma mordida. Ela mastiga por um momento e parece estar pensando. Então seus olhos se iluminam de compreensão.

“Oh, seu amigo”, ela percebe em voz alta. Concordo com a cabeça, ignorando a sensação de arrepio que tenho quando ela usa a palavra “amigo”.

“Mande-o para casa quando ele acordou”, explica ela. “Ele estava com enxaqueca.”

Eu olho para ela com incerteza, tentado a questioná-la. Não posso acreditar que Drir'gen concordaria calmamente em ir para casa do jeito que ela está insinuando.

Drir'gen não escuta ninguém. Mas acima de tudo, ele não escuta os humanos. Especialmente uma mulher pequena e indefesa como ela.

Eu não posso acreditar que ele não ficaria aqui e veria sua chance de começar a noite passada tudo de novo. Ele compensaria o fato de ter perdido a chance na noite passada, vendo isso como uma nova oportunidade de conseguir o que deseja. Além disso, teria sido a sua oportunidade de se vingar de mim.

Não, não há como um demônio como Drir'gen ter saído pacificamente do jeito que ela está insinuando. Ele não teria desviado o olhar de tê-la à sua disposição, não quando isso alcançaria dois objetivos ao mesmo tempo. Pegá-la e me punir.

Se ele saiu tão facilmente, deve ter tido uma forte enxaqueca.

Mas algo no olhar agradável e descontraído em seu rosto me convence a não fazer mais perguntas. Ela está feliz pensando que eu acredito nisso. Então, por enquanto, estou feliz em fingir que acredito.

Deixei para lá por enquanto, em vez disso peguei um grande gole de carne binmou e mastiguei pensativamente. Nossos olhos se fixam na mesa e não parece desconfortável. Ela não desvia o olhar imediatamente e não fico cheio de raiva por isso.

A comida é realmente deliciosa, mesmo que Anastasia achasse que não sabia o que estava fazendo. Ou ela sabe cozinhar melhor do que deixa transparecer, ou é natural. Acabo pegando um segundo grande pedaço de carne quando termino o primeiro.

Ela também fez kela frita, uma folha prateada que cresce selvagem em Galmoleth. Tende a ficar amargo e mole quando cozido, mas de alguma forma ela conseguiu mantê-lo crocante. É delicioso assim, embora eu não tenha ideia de qual seja o segredo dela.

Comemos em um silêncio agradável por um tempo. O silêncio não é desconfortável, mas bastante relaxante. Nós dois estamos gostando da comida e aparentemente pelo menos aprendemos a tolerar a presença um do outro o suficiente para não parecer totalmente indesejável estar na mesma mesa.

Mas, finalmente, as perguntas que continuam fervilhando em meu cérebro exigem ser expressas. Estou alimentado e calmo, e tive algum tempo para resolver e resolver minha confusão. Eu sei o que está em minha mente e o que preciso saber.

“O que realmente aconteceu ontem à noite?”

ANASTASIA

EU respire fundo, olhando para Volikan. Suas sobrancelhas estão franzidas, mexendo no prato à sua frente.

Depois de um batimento cardíaco, ele suspira. "Estou esperando. O que realmente aconteceu naquela noite? Ele me observa, seus olhos nunca deixando os meus.

"A fera acordou em uma névoa. Não esperei para lhe dar a chance de recobrar o juízo e mandei-o embora. Isso é tudo. Tive sorte e vi um zonak que estava passando", digo, encostando-me na mesa, demorando um segundo para lembrar de tudo em ordem. Que provação de noite.

Peneirar a memória nebulosa requer energia que hesito em desperdiçar. "Pedi ajuda e eles conseguiram levar você para o seu quarto para que você pudesse descansar adequadamente. Foi uma luta realmente brutal." Termino de falar, finalmente me afastando do olhar dele. Sinto meu coração acelerar um pouco enquanto meus olhos descem para seus lábios.

A expressão de Volikan muda, suas sobrancelhas se erguendo. "Não sei dizer se você é incrivelmente idiota, alheio ou se realmente é completamente destemido." Seu tom parece transbordar de uma estranha forma de entusiasmo enquanto ele espeta o bife.

Meus olhos continuam a percorrer seu corpo, me descobrindo incapaz de continuar apenas observando-o comer. Em vez disso, meu olhar desce mais para baixo, olhando para sua pele cicatrizada. Isso acende um pequeno fogo dentro de mim. Essa pessoa já viu muitas batalhas, mas aqui está ele, sentado na minha frente, comendo um bife.

Isso faz minha cabeça girar um pouco. Tantas mudanças em tão pouco tempo. Não consigo encontrar uma razão, mas confio na Mãe. Ela sabe o que é melhor e sempre terá boas intenções.

Ele se anima depois de algumas mordidas. "Eu acho que você não é um humano completamente inútil. Esta comida é realmente aceitável. Ele dá um grunhido e tenho que impedir que as bordas dos meus lábios se levantem.

Recuso-me a sorrir diante desta criatura.

“Aprendi a cozinhar quando era mais jovem. Embora eu não tenha conseguido cozinhar por muito tempo. É quase reconfortante.” Encontro as palavras escapando da minha boca. Desvio o olhar do rosto de Volkan. O calor começa a acumular-se sob minhas bochechas.

Volkan apenas olha para mim, franzindo as sobrancelhas novamente. “Nós vamos dizer que você não estava exatamente em posição de fazer muita coisa,” ele quase zomba enquanto dá outra mordida. Ele esfaqueia um vegetal, empurrando-o com um pouco de carne. Sua declaração me deixa desconfortável.

Não quero pensar no passado. Só tenho o futuro para prestar atenção. A Mãe me deu esta oportunidade. Ela me deu a bênção de continuar vivendo e vou aproveitar ao máximo. Recuso-me a ficar preso em tempos tão sombrios, quando a Mãe lançou uma luz à minha frente.

Eu dou a ele um olhar de lado. “Você não está errado”, eu brinco, deixando os sentimentos negativos borbulharem lentamente.

Balançando a cabeça, chego à conclusão de que apenas rezarei à Mãe quando estiver longe desta criatura desumana.

Se ele é uma criatura tão vil, por que seu corpo me fascinou tanto? Por que estou olhando para o corpo dele?

Não consigo evitar que as palavras saltem em meu crânio, ricocheteando e se desfazendo em pequenas pedrinhas de pensamentos. As cicatrizes. São as cicatrizes que chamaram minha atenção.

Sua forma tem muita definição, seus músculos se projetam sob a pele. Não posso negar a pequena vontade de tocá-lo. Quero sentir o quão forte ele é, quero passar os dedos por aquelas cicatrizes. Sua história pessoal está escrita em tecido danificado. Uma história viva.

Posso sentir aquela pequena faísca de chamas começando a crescer um pouco mais. Isso desperta algo perigoso em mim. Algo que não consigo nomear. Algo que começo a enterrar no segundo que sinto. Não tenho orgulho disso e sei que qualquer um desses pensamentos certamente me causará problemas. Esta criatura é desumana, fim da

história. Ele machucou tantas outras pessoas, então por que é tão difícil para o meu coração entender a mensagem? Por que está bombeando mais rápido que o normal?,

Por que é tão difícil resistir à compulsão de tocar e saber mais?

"Por que você continua olhando para mim?" A voz de Volkan me tira totalmente da minha espiral. Quase recuo, mas me recuso a deixar meu corpo fazer isso. Não demonstrarei medo ou covardia quando sei que a Mãe me protegerá de tudo que não aguento.

"Suas cicatrizes. Por que você tem tantos? — pergunto, minha voz mais baixa do que antes, como se não quisesse irritá-lo. Vejo seu corpo ficar um pouco tenso, largando o utensílio. "Eles estão por todo o seu corpo." Afirmo o óbvio depois que ele não responde, tentando incentivá-lo a continuar a conversa.

Volkan se levanta e eu faço o mesmo, sentindo o desconforto correr pelas minhas veias como um rio gelado, me congelando no lugar. A expressão e o comportamento de Volkan mudam completamente. Ele avança e o gelo dentro do meu corpo se quebra enquanto dou passos para trás até que minhas costas batam na parede.

Meu coração começa a martelar no peito quando ele para bem na minha frente. Sua estrutura se eleva sobre a minha, mas eu endireito meus ombros. Quero parecer maior do que sou. Eu não sou mais fraco que esse demônio. Meu corpo fica tenso quando o ouço rosnar.

Ele se inclina para frente, seus lábios ficam bem ao lado da minha orelha e eu posso sentir as lufadas de ar enquanto ele exala. "Eles assustam você?" Ele rosna novamente desta vez, com o corpo rígido como se esperasse um golpe.

Demoro um segundo, mas balanço a cabeça. "Não." Não tenho chance de me explicar porque com essa proximidade posso ver seus músculos relaxarem levemente. Sinto a confusão inundar meu sistema enquanto ele se afasta.

"Eu estava constantemente em batalhas. É como pura adrenalina toda vez que estou lutando. Essas cicatrizes são troféus." Ele sorri, mostrando seus dentes parecidos com presas. Ele se recosta na cadeira, passando a mão sobre uma das cicatrizes mais profundas pintadas em seu peito. "Um dos meus favoritos." Ele sorri apenas por um segundo antes de cair.

Seus olhos estão distantes quando ele abre a boca para dar outra mordida na comida. Ele mastiga lentamente antes de voltar sua atenção para mim. “Eu derrubei inimigo após inimigo. Eles nunca tiveram a menor chance. Ainda me lembro do sangue, dos gritos.” A expressão de Volkan se transforma em um sorriso cruel.

Seu olhar ainda está distante e enterra uma sensação de desconforto em mim. “Minha arma favorita é de lâmina dupla. Eu o fiz especialmente para a batalha. A borda de um lado é lisa, enquanto a parte inferior contém pedaços irregulares de metal enferrujado. Certa vez, esfaqueei duas criaturas na cabeça ao mesmo tempo. Foi estranho ver tal ferimento, mas não me importei por causa da sede de sangue. Eu nunca faço isso, e é por isso que lutar é tão fácil.” Ele dá um tapinha no peito.

“Lembro-me das batalhas, de ver as correntes de água próximas ficarem vermelhas com tantos eliminados.” Ele claramente ainda está nostálgico com essas batalhas. Ele sente muita falta deles.

Observo enquanto ele continua a relembrar em tom orgulhoso. É um tabu ouvir isso. Falar sobre o passado é apenas um convite à recorrência de mais violência e sofrimento. Eu sei que pará-lo agora só irá parar o progresso que fizemos, então o deixei continuar, querendo saber mais sobre ele.

Volkan dá uma mordida em sua viagem pela estrada da memória, preferindo o bife enquanto eu ouço sem entusiasmo. “Fui esfaqueado mais vezes do que você poderia contar. Estou acostumado com a dor, ela não me perturba mais do que se você cortasse o dedo em um pedaço de metal.” Ele sorri para mim.

Luto contra a vontade de revirar os olhos para ele. “Tenho uma tolerância à dor muito maior do que você pode imaginar, Volkan.” Murmuro, encolhendo os ombros enquanto ele dá outra mordida.

“Com certeza.” Sua voz transborda sarcasmo antes de voltar ao assunto anterior.

Minha atenção é desviada da conversa pelo orgulho que borbulha involuntariamente em meu peito enquanto o observo fazer isso. Ele realmente gosta da minha comida. Olho para o meu próprio prato para ajudar a esconder o sorriso que estou tentando desesperadamente esconder.

Volkan parece estar em seu mundinho. Embora tenhamos tido um começo incrivelmente difícil, estou começando a me sentir um pouco melhor. Talvez a Mãe estivesse certa sobre ele. Ela me colocou aqui por um motivo. Eu sorrio com o pensamento. A Mãe sempre sabe o que é melhor.

“Havia muita gritaria. Lembro-me de ter lutado contra a criatura mais forte de lá, vendo como a vida dele desapareceu de seus olhos quando dei o golpe final. Como os outros fugiram quando sabiam que não havia esperança para eles. Covardes. Sempre esperando que outra pessoa resolva os problemas. Estou feliz por ter conseguido destruí-lo. Eu me deleitei com o fato de tê-los colocado de joelhos. Por ter causado tanta destruição durante e após a batalha.” Seus olhos roxos permanecem distantes, um leve sorriso aparecendo em seus lábios.

Sinto um arrepio percorrer minha espinha quando o lembrete revela sua horrível verdade. Esta criatura é perigosa e, apesar do meu bom senso, capto seu olhar.

Minhas mãos repousam sob meu queixo enquanto tento me acalmar. “Que batalha foi essa?” Eu pergunto. A expressão de Volkan não muda.

“A batalha em Protheke.”

VOLIKAN

Sestar a apenas alguns assentos dela me permite ver cada expressão capturada em seu rosto. Minha concubina humana, Anastasia. Observo sua expressão curiosa enquanto ela me faz perguntas sobre minha vida anterior.

Criatura tola - ela não entende o perigo que corre? Minha espécie devora seres inferiores como ela. Não sou um companheiro nem um guia de demonologia; Eu sou seu diretor, seu carcereiro.

Ela é o prêmio que recebi por destruir meus inimigos.

Minha irritação só aumenta, mesmo enquanto respondo às suas perguntas. Por que ela não tem medo de mim? O que permite que ela fique tão calma? Qualquer outro ser humano em sua situação ficaria aterrorizado, encolhido em um canto como um animal fraco e espancado.

Mas Anastasia preparou apenas uma refeição. Ela manteve o juízo por tempo suficiente para sobreviver na mesma sala que dois demônios ferozes, e até conseguiu mandar um embora. Agora ela está sentada diante de mim, me oferecendo comida deliciosa e tentando obter informações minhas.

É isso, minha mente fornece, *ela só está usando você para tentar ganhar vantagem*. Ela é apenas mais uma criatura patética - alguém que se voltará contra você na primeira chance que tiver, zomba a voz em minha mente. Não pode haver outra razão para sua gentileza – ela está simplesmente tentando descobrir uma fraqueza ao ouvir minhas histórias, para que possa se agarrar à esperança de escapar.

Meus olhos se estreitam imperceptivelmente, desconfiando dos motivos dela. Esta Anastasia parece sincera em sua atenção - mas e se for realmente tudo uma manobra? Posso ser um dos mercenários favoritos do Rei Demônio, mas isso não significa que ele ficará muito feliz se eu deixar um de seus humanos capturados escapar.

A prole é uma mercadoria entre nossa espécie - a raridade das Matronas significa que apenas algumas crias de demônios podem realmente ser procriadas, e menos ainda possuem a força para sobreviver à infância. Para o Rei me conceder uma fêmea para

acasalar, a fim de garantir a sobrevivência da nossa raça, é uma grande honra - mas mais aclamação significa mais inimigos.

Agora, mais do que nunca, devo estar alerta. Duvido que essa mulher abandonada possa me prejudicar seriamente, mas isso não exclui a possibilidade de que ela possa estar tentando erradicar uma fraqueza minha.

Então a coisinha quer ouvir histórias das minhas lutas? Depois de uma vida inteira sobrevivendo no campo de batalha, tenho mais do que algumas histórias para compartilhar. Memórias de meus inimigos rasgados e despedaçados aos meus pés passam pela minha mente - *por que não compartilhar com meu novo animal de estimação?*

“De todas as batalhas que travei, devo dizer que o ataque a Protheke é uma das minhas lutas mais fáceis”, começo, girando minha faca distraidamente. Ver o rosto dela cair como eu previ é satisfatório, então não me preocupo em mascarar meu sorriso de escárnio.

“Seu mundo é definitivamente um dos mais benignos que atacamos, não se engane. Tantos fracos, agricultores e elfos. Os gritos do seu povo foram como música para os meus ouvidos naquele dia.”

O terror do ataque ainda me mantém acordado algumas noites. Como um demônio, preciso dormir muito pouco, mas às vezes um descanso das lembranças assustadoras seria um alívio bem-vindo. Nunca me gloriei na carnificina de que minha espécie é capaz, e a raiva furiosa que pulsa dentro de mim é uma fera que prefiro manter sob uma jaula de autodisciplina e habilidade.

Meu prisioneiro humano, entretanto, não precisa saber disso. Preciso do medo dela e de esmagar o espírito dela. Se eu não a quebrar, seus olhos arrebatadores ainda poderão me dominar.

“Sequestrar seu líder foi o mais fácil de tudo. O homem dificilmente lutou - clamando misericórdia para o seu povo, como um velho tolo. Tiramos tudo de você, e o seu mais forte mal conseguia levantar um dedo.”

Anastasia parece abatida, vazia e tensa. Imagino que suas lembranças também sejam terríveis, por diversos motivos, mas me recuso a deixá-la esquecer. Não há nada além

de perigo aqui agora, e ela é uma prisioneira de guerra – assim como o resto de nós sob as garras do Rei Demônio.

“Lutar e destruir são realmente as únicas coisas de que você é capaz?” ela pergunta baixinho. Ela é calma, controlada, e a tragédia por trás de seus olhos me perfura.

“Vidas foram arruinadas naquele dia e muitos sofreram. Você não consegue testemunhar toda essa miséria e não sentir empatia? Você é realmente um animal que é incapaz de sentir alguma coisa?

“Você e sua espécie são os animais,” eu rosno, arrepiado. A carapaça em meus ombros vibra de irritação.

“É por isso que você perdeu. Por que deveria eu simpatizar com aqueles que são incapazes de se defender?”

Enquanto falo, mais lembranças inundam minha mente. As batalhas anteriores - minha espécie e outros, expulsos de nossas casas, morrendo de fome e lutando pelo menor pedaço. O Rei Asmodeus pode ser o mais alto nível de *idiotas*, mas ele salvou muitos de nós de um destino pior que a morte.

“Vocês todos não passam de cães para domesticarmos.” Eu sorrio para disfarçar o quanto suas palavras me afetam.

“Vocês são criaturas para desfrutarmos e descartarmos, como acharmos adequado”, explico friamente. “Nunca se esqueça, pequenino, você vive à minha mercê. Você serve a um propósito aqui, e apenas a um propósito – então, se você não me servir adequadamente, tenho permissão para corrigir esse erro.”

Deixei a ameaça pairar no ar entre nós. Deixe-a perceber quanto perigo ela corre, sempre - quanto perigo nós dois corremos. O simples fato de ter essa mulher deliciosa e provocadora sob meu teto já causou problemas imprevistos.

Eu fico de pé, meu apetite esquecido. Mais uma vez, Anastasia conseguiu fazer meu sangue bombear, e sinto a necessidade de ir embora antes que meus instintos mais básicos assumam o controle. Ela se levanta também, estremecendo quando meus olhos aquecidos fixam-se em sua forma.

“Eu-eu perturbei você. Eu devo ir.”

Ela se move para passar por mim, silenciosa e rápida - *mas eu sou mais rápido* . Agarro seu pulso enquanto ela se afasta, saboreando seu suspiro assustado enquanto os pratos que ela segurava caem no chão. Com um movimento e passo hábeis, eu a prendo efetivamente contra a mesa.

Seus olhos estão arregalados, como os de um animal encurralado. O medo que escapa de seu cheiro é tentador, um vinho doce que é um vinho potente para os meus sentidos. Eu dou um grunhido primitivo, pegando-a e arrastando-a para mim – minhas garras agarrando seu pescoço não deixam espaço para escapar.

O medo de Anastasia aumenta, inebriante e rico. É temperado com outra coisa que não consigo identificar - mas sem saber por que percebo que é exatamente isso que tenho desejado. Com que facilidade consigo ficar bêbado com essa mulher - ela está se tornando um vício para mim.

“Assim é melhor,” eu sibilo com a reação dela, puxando o colarinho para trás para revelar minha marca. A marca das minhas presas está marcando lindamente o topo de seu ombro, refletindo o brilho da luz das velas.

"Muito melhor."

“É realmente um bruto, não é?” ela morde, olhando rebeldemente. Seus insultos se transformam em um suspiro estimulante enquanto lambo a ferida desbotada.

Eu sabia que ela seria sensível. Que sua pele seria macia e sua língua afiada. Ela tem sorte de eu me sentir magnânimo depois de uma boa refeição, caso contrário eu puniria aquela língua insolente com outra mordida – mais profunda que a anterior.

Haverá muito tempo para deixar outras marcas, lembro-me pacientemente. Mesmo depois da comida, a fome persiste - ainda não estou saciado. Há dias que desejo esta mulher e tudo o que separa os nossos corpos são alguns pedaços de roupa frágeis.

"Você é meu brinquedo, você me entende?" Eu sibilo em seu ouvido. "Meu brinquedo. O rei Asmodeus me presenteou com você, para usar como achar melhor.

Tudo o que posso sentir é o corpo dela, torcendo-se contra o meu. Seus quadris se inclinam, como se tentassem se libertar e correr, mas meu aperto em seu pescoço aumenta em alerta. Esta mulher está invocando meus instintos perigosos - onde as fronteiras do prazer e da dor giram juntas.

Valentemente, ela luta em meu domínio. Sua resistência me emociona – assim como aconteceu na masmorra, só que agora não vou me conter. Meu controle atingiu um ponto de ruptura - e as brigas da noite passada estão praticamente esquecidas, apesar de todo o bem que fizeram para esfriar meu ardor.

"Várias vezes vou usar você, Anastasia." Minhas palavras carregam promessas sombrias que fazem seu corpo se contorcer. "Seu único propósito de agora em diante é me satisfazer."

Minhas presas deslizam ao longo do pulso em seu pescoço e tornam sua luta inútil. Ela fica imóvel em meus braços, flexível enquanto eu traço seu decote, suas mãos pousando em meu peito nu. Sem dizer uma palavra, ela começa a traçar caminhos ao longo das minhas cicatrizes.

Raramente me permiti um contato tão próximo com outro ser – e a sensação é inebriante. Seus movimentos de rastreamento são gentis, quase reverentes, mas uma pressão firme me mantém no momento. O gosto do seu medo permanece no ar, mas seus golpes são cativantes.

Ela não tenta me enganar como um inimigo faria, eu percebo. É o toque que se daria a um amante. O choque reverbera pelo meu sistema com seu toque elétrico. Estou impressionado com a combinação irresistível de seu terror e desejo.

Preciso de mais - não consigo resistir ao toque magnético dela. Pressionando sua palma, eu afasto seus dedos, puxando-a para a pressão do meu corpo. Inclino minha cabeça na direção dela, arrastando-a para um beijo selvagem, golpeando seus lábios com minha língua.

Derramo toda a minha frustração dos últimos dias neste beijo. Toda a minha agitação e fúria reprimida - desconto tudo em sua boca tentadora; com movimentos profundos da minha língua e mordidas provocantes em seus dentes. Deixando os pensamentos de lado, compartilho todo o meu aborrecimento armazenado na forma de minha boca punitiva.

Ah, mas a maneira como ela cede ao meu toque é celestial. Seus lábios são como frutas vermelhas e seu sabor é delicioso. A doce tentação de seu corpo está me chamando, com curvas que ameaçam ter um sabor ainda melhor que seus lábios.

Não consigo mais me conter, vou levá-la.

Aqui e agora.

ANASTASIA

Volikan me levanta sobre a mesa, sua força lhe permitindo lidar com minha forma completa com facilidade. Meu corpo treme em seus braços enquanto ele me beija longa e profundamente - embora não consiga mais dizer se isso é por medo ou excitação.

Eu deveria ter medo desse homem, aterrorizado com esse demônio que me prendeu embaixo dele. Durante dias estive temeroso pela minha vida e ansioso com a minha situação. Meu destino é ser condenado como alimento reprodutor para esse poderoso demônio.

No entanto, enquanto ele dá beijos ao longo da minha clavícula, não consigo sentir terror. Ele queimou na esteira da carícia consumidora de Volikan.

Mesmo que este seja um dos demônios que ajudou na destruição da minha casa, não consigo odiá-lo - não quando ele me faz sentir assim. Não quando seu toque enche meu corpo com um calor elétrico que domina todos os meus pensamentos.

Ele me empurra contra a superfície dura, derrubando pratos que caem no chão. O som ressoa em meus ouvidos, mas não consigo me concentrar nos restos do café da manhã quando as presas de Volikan mordem minha carne. Pela Mãe, nenhum toque de homem jamais me fez sentir assim.

Esse calor intenso ameaça queimar minha sanidade, junto com minha preocupação. Volikan paira sobre mim, forte e grande – minha visão está repleta dele.

Sua pele cor de cinza parece refletir a luz da manhã, como alabastro com veias de cicatrizes de glórias passadas. As tranças escuras de seu cabelo caem sobre seu ombro, e seus olhos violetas parecem brilhar enquanto ele traça meu corpo caído. Apesar de toda a sua crueldade e violência, dou comigo a pensar que nunca conheci um homem mais bonito em toda a minha vida.

“Tão adorável”, ele murmura sobre mim, ecoando meu sentimento. Sua voz, rouca e sombria, provoca um arrepio na minha espinha. Eu sei o que esse homem quer de mim e, pela primeira vez desde minha prisão, fico vermelho de excitação com a perspectiva.

Qual será a sensação de ser levado por esse demônio? Lembro-me da luta da noite passada, quando testemunhei o poder de Volikan pela primeira vez. Não houve hesitação em suas ações, nem movimentos desperdiçados – e lembrar da poderosa flexão de seus músculos deixa uma pulsação latejante entre minhas pernas.

“O-o que você vai fazer comigo, Volikan?” Eu pergunto sem fôlego.

É uma pergunta tola, considerando os acontecimentos dos últimos dias, mas estou me sentindo perdido e vulnerável. Minha posição esparramada sobre a mesa de jantar é embaraçosa, e me movo para me proteger de seu olhar descarado.

Ele entende rápido, porém, e ri sombriamente da minha reação, pressionando habilmente meus pulsos na superfície da mesa. “A pergunta mais precisa seria: o que não farei com você, Anastasia?”

A promessa pecaminosa de suas palavras provoca um gemido baixo na garganta. Seu aperto é inquebrável, e a pressão do seu corpo em cima do meu me permite sentir a extensão do seu desejo. O peso de seu comprimento se acomodando entre minhas coxas envia uma pontada de prazer através de mim, fazendo meus olhos revirarem.

Cada suspiro, cada reação – não posso esconder nada dele nesta posição, e ele parece se deleitar com esse fato. Seu sorriso arrogante é lascivo e de auto-satisfação, e se não fosse pela trava que ele tem no meu pulso, eu poderia ter dado um tapa nele. Em vez disso, tudo o que posso fazer é empurrar-me impotente contra ele, a fricção das nossas roupas enviando faíscas quentes pelos meus nervos.

“Oh, pequeno humano”, ele brinca, “tão responsivo. Você é um brinquedinho tão bom, e vou infligir a mais doce tortura em você.

Minha mente grita para lutar, para resistir aos seus toques ardentes. No entanto, meu corpo reage de maneira diferente, minhas pernas envolvem suas coxas firmes. Seu corpo irradia poder, e a sensação de ter essa criatura cheia de cicatrizes, mas gloriosa, entre minhas coxas é inebriante.

Sua risada é um estrondo contra minha pele, vibrações que tremem agradavelmente. Meu núcleo parece vazio, dolorido – uma sensação que só aumenta quando ele se move habilmente sobre minha blusa. Mãos grandes me acariciam, acariciando minhas costelas, esfregando meus seios.

Eu suspiro, um prazer chocante me atravessa enquanto ele me apalpa. Dedos longos se estendem sobre mim; segurando a redondeza do meu peito e agarrando minhas curvas enquanto ele se ergue para beliscar com força meus mamilos.

Um lamento corta o ar da manhã – enquanto ele ri novamente, percebo que veio de mim. Como é possível que esse demônio já tenha me embriagado de prazer? Mal tenho tempo para pensar quando sua boca desce sobre mim mais uma vez, traçando os caminhos que suas mãos faziam com a língua.

Meus gemidos enchem o ar enquanto ele continua a me tocar, me lambar e me levar a novas alturas. Nunca senti uma luxúria tão intensa como essa antes - como se meu corpo estivesse desejando o dele sem que eu percebesse.

Mas Volikan parece saber exatamente o que fazer, mesmo enquanto eu danço embaixo dele. Seus olhos brilham com uma inclinação feroz que me lembra de sua energia anterior da noite passada, mas sua voz permanece controlada, mesmo que seu tom permaneça sombrio.

"Oh, pequenina, basta olhar para você." Sua voz é provocadora e orgulhosa.

"Eu sabia que você seria assim," ele murmura, trazendo seus lábios de volta para minha carne superaquecida.

"Tão decadente. Vou saborear cada sabor seu.

Não posso deixar de me contorcer com suas palavras. Nossas roupas estão se tornando um obstáculo – seu atrito é uma provocação do impulso de nossos corpos. Eu me pego querendo traçar suas cicatrizes novamente – sentir seus padrões pressionados em minha própria pele.

"Tão carente", ele responde, deslizando as mãos de volta para cima.

Eu gemo em resposta, querendo sentir mais dele, nossa discussão anterior esquecida.

"Tão desesperada - minha pequena humana está com tanta fome de provar, não é? Posso sentir seu corpo se movendo debaixo de mim, meu lindo brinquedinho – posso ouvir você choramingar pelo meu toque.

Estou, não posso negar a verdade de suas palavras. Mesmo enquanto eu queimo de vergonha, meu corpo está cantando abaixo dele, desejando mais de suas palavras sujas

e de seus toques sujos. Volikan não me nega, em vez disso ele parece prosperar na minha mortificação.

Ele me lança um sorriso malicioso – é o único aviso que recebo antes que suas garras voltem a descer, rasgando as únicas roupas que consegui encontrar esta manhã. Agora eu estava nua diante dele, corada e brilhando de desejo desconcertado. Meu corpo está inteiramente à mostra, e Volikan leva um minuto para admirar a vista pagã, antes de colocar seus dedos delgados entre minhas pernas.

Eu grito com seu toque aquecido, as pontas de seus dedos pressionando rudemente minha virilha, escorregadia de desejo. Sua risada parece vitoriosa, e eu cubro meu rosto de vergonha com minha reação, mesmo quando seu toque faz meus quadris subirem.

“Meu Deus”, ele diz, presunçosamente. “Você realmente é um bom brinquedinho, não é? Você está brigando comigo há dias, mas você está tão molhado no momento em que te coloco nas costas.

"Você estava querendo isso, não é, Anastasia?" Meus olhos se arregalam com esta revelação, mas Volikan está ocupado demais para perceber – contente em mexer no meu monte incansavelmente. Seus movimentos desencadeiam uma pressão que faz meu interior apertar de desejo.

Suas ações liberam uma verdade que meu corpo não pode negar. Sim, temi este homem; Tenho medo pela vida e pelas minhas circunstâncias. No entanto, aqui e agora, com as costas apoiadas na mesa, tudo que preciso é de Volikan, cada vez mais.

Nós dois estamos empurrando um contra o outro, corpos se movendo em um empurrão e puxão impensados. O desejo vibra através dos membros, criando o ritmo de uma música tocada pelos dedos de Volikan dentro de mim.

O tempo todo ele sussurra promessas lascivas que fazem meu corpo arquear de alegria. Eu nem percebo o que estou implorando, respondendo inconscientemente às suas declarações ousadas - mas Volikan parece saber exatamente do que preciso.

Ele provoca um clímax no meu corpo antes que eu entenda o que está acontecendo, meu prazer caindo em direção a um precipício invisível. Eu grito e me debato descontroladamente, todas as preocupações e pensamentos do passado esquecidos em um plano de felicidade entorpecente.

O deslizamento dos dedos molhados ao longo do meu quadril me traz de volta ao presente, assim como a risada confiante do demônio. Posso senti-lo em vibrações satisfeitas ressoando pela minha coxa, sua boca desceu ainda mais pelo meu corpo. Minha visão se concentra em Volikan, orgulhoso e poderoso, ajoelhado diante de minhas pernas abertas - olhando para o mundo inteiro como se estivesse prestes a devorar um banquete.

"Minha Anastasia, acho que você gosta de ser meu brinquedo."

O constrangimento me inunda e quero me cobrir de vergonha – mas meus membros estão pesados e se recusam a se mover. Volikan é persistente em suas provocações, mas suas palavras, agora ditas contra meus lábios inferiores, estão estimulando e despertando meu ardor.

"Você não pode se esconder de mim, pequena, minha tortura apenas começou. Você não se lembra da minha promessa? Vou usar seu doce corpo indefinidamente.

Ele enuncia seu ponto com uma lambida afiada no meu centro, sacudindo o feixe de nervos aninhado em cima. Respiro fundo, meus joelhos dobrando em resposta. Volikan parece gostar da minha reação e faz isso de novo.

"Oh, doce mãe," eu sussurro em um pequeno suspiro.

"Ela não vai salvar você de mim", retruca Volikan. "Nenhum dos seus deuses o fará."

"Você sabe como eles chamam o prazer que acabei de lhe dar? Chama-se ' *a Pequena Morte* ' e farei com que você sinta isso muitas mais vezes antes que o dia termine." Com isso, ele passa as mãos por baixo das minhas nádegas e as levanta para me acomodar com mais firmeza em sua boca.

"Aposto que você tem um gosto tão bom quanto grita."

A abertura de Volikan no meu quim é uma bênção sem descrição. Onde antes seus dedos eram afiados em sua gratificação - com sua língua, agora o prazer rola pelo meu corpo em ondas. Ele se deleita no mais íntimo de mim, me afogando em delírio.

Sua língua lambe dentro de mim, sugando e sorvendo sem descanso, extraindo sons que eu não acreditava ser capaz de emitir antes de hoje. Posso sentir os movimentos dos músculos, imitando a ondulação do meu corpo, e não posso deixar de gritar mais uma vez de agonia e felicidade.

Indefeso ao ataque de excitação, eu me rendo às sensações novamente, o orgasmo me invade. Minha mente parece presa em um redemoinho de euforia, uma tempestade de prazer e humilhação girando juntas em um emaranhado de membros.

Meu demônio está falando de novo, mesmo enquanto lambe os lábios casualmente. “Sua boceta é deliciosa, meu animal de estimação. Você também gostou disso, não é? Até mais do que meus dedos.

Concordo com a cabeça, emocionada demais para falar, o prazer ainda percorrendo meu sistema. Volikan está descontente com a minha falta de resposta, e eu o encontro pairando sobre mim mais uma vez, músculos pesados pressionando firmemente minha forma relaxada.

“Use suas palavras, querido. Você gostou de eu comer você fora? Sua voz continha um comando sombrio, suas mãos voltando para a palma rudemente em meus seios.

Meus mamilos endureceram ainda mais sob seu toque. Os picos rígidos eram sensíveis e, sem avisar, ele mordeu a carne macia, forçando-me a gritar.

"Responda-me Anastasia, agora."

"SIM!" Eu grito, latejando novamente de excitação. “Sim, adorei sentir sua língua e seus dedos!”

"Muito bem, Anastasia", ele elogiou zombeteiramente. “Quão obediente.”

“Eu- eu não sabia que poderia ser tão bom”, confesso, corando por minha própria ignorância. “Quando esse acordo foi feito, eu não pensei-”

“Não pensei o quê? Isso porque você foi entregue a um demônio sem coração, você não experimentaria um prazer glorioso?

Ele libera meu seio para segurar meu rosto em um momento de gentileza inesperada. O momento me pega tão desprevenida que não presto atenção quando ele levanta minha perna para abrir espaço enquanto sobe na mesa para empurrar sua virilha nua contra a minha.

Ondas de luxúria me percorrem mais uma vez, sentindo seu pau demoníaco deslizar ao longo de minhas dobras lisas. Começo a ficar tenso de apreensão, mas Volikan está em minha visão mais uma vez, me segurando com firmeza, dando beijos suculentos no topo do meu peito.

“Agora vou lhe dar o máximo prazer”, ele promete, deslizando ao meu lado de forma sedutora. “Não vou parar até encher você com minha semente. Você aceitará tudo o que eu lhe der - e então aceitará ainda mais, não é, Anastasia?

Já posso sentir mais alegria aumentando. Volikan me protegeu e cuidou de mim à sua maneira, e a ideia de estar perto de seu filho me enche de uma sensação de propósito que nunca havia considerado antes.

“S-sim”, gaguejo, enquanto a cabeça de seu eixo prende meu clitóris. Nós dois assobiamos de alegria, então ele se move para empurrar dentro de mim.

“Leve-me Volikan,” eu suspiro, sentindo meu interior se esticar para acomodar sua circunferência. É demais e não é suficiente, de uma só vez.

“Encha-me com sua semente - *eu quero tudo* . Crie-me como você deveria.

Não sei de onde vêm as palavras dentro de mim, mas algo em Volikan me deixa corajoso. Antes, somente quando eu orava à Mãe eu encontrava forças - mas esse magnífico demônio que se eleva acima parece sempre encontrar uma maneira de tirá-las de mim.

Ele ruge de satisfação com a minha resposta, avançando profundamente, perfurando as partes insondáveis de mim. Minha coluna se curva com a invasão, forçando meus seios para cima em sua boca aguardante. Imediatamente ele começa um movimento de puxar meu peito e fazer círculos em seus quadris.

Como em todas as coisas, pelo que posso dizer, Volikan é inabalável e implacável. Seus quadris avançam para enterrar todo o seu comprimento dentro de mim em um único impulso, empalando-me em sua ereção. Não me dando tempo para me recuperar, ele me move contra o aço aveludado de seu pênis inchado.

Apesar de tudo que ele fez comigo antes, nada pode me preparar para seu ataque. Posso sentir cada centímetro quando ele joga seus quadris contra os meus, penetrando ainda mais em mim a cada passada. Tudo o que posso fazer é segurar um ombro cheio de cicatrizes, os dedos pressionando profundamente as cristas desbotadas.

Volikan grunhe e se move acima de mim, deixando uma perna no chão para se equilibrar. Ele se move descontroladamente, empurrando-me ainda mais fundo, atingindo um ponto que faz a cor explodir atrás das minhas pálpebras.

"Sim! Ali!" Eu grito, indiferente ao barulho, ao rangido da madeira embaixo de mim. Todo o meu mundo se reduziu a um único ponto: sentir que Volikan me leva à felicidade.

Ele atende meu chamado com paixão desenfreada, rosnando e acertando aquele ponto, sem parar. Eu grito enquanto jorro ao redor dele, encharcando sua virilha enquanto o aperto e o puxo o mais fundo que posso dentro de mim. Seus longos golpes prolongam meu prazer e me deixam tremendo enquanto o êxtase diminui.

Há uma bagunça molhada e escorregadia entre nós, mas mal consigo me importar. Volikan me preenche como prometido, seu calor formigando dentro de mim - mesmo quando um pouco escorre pelas minhas coxas. Nós dois diminuímos o ritmo, dominados pela emoção e pelo esforço.

Paro um momento para ouvir a cadência irregular de nossas respirações - então choro ao sentir seu pau ainda duro deslizar novamente dentro de mim. À medida que ele retoma um ritmo determinado, o sorriso em seu rosto é positivamente maligno.

"Não se preocupe, minha doce Anastasia, apenas começamos. Eu lhe disse que pretendo ter você *de qualquer maneira que eu quiser* ... e posso ser muito imaginativo, para um demônio.

Sua voz baixa em meu pescoço causa arrepios de emoção através de mim. Encontro seus olhos para encontrá-los fixados com determinação em mim, luxuriosamente saciados e cheios de energia, tudo ao mesmo tempo. Suas palavras são outra promessa misturada como uma ameaça.

"Você descobrirá que sou um mestre muito exigente."

VOLIKAN

EU Só depois de várias horas é que finalmente me deito, saciado e relaxado. Todas as agressões e frustrações que eu estava administrando mal foram agora liberadas, aplacadas entre nossos corpos.

Há uma sensação de servidão de derreter os ossos que toma conta de mim, como se eu tivesse superado um grande desafio e pudesse finalmente aproveitar minha recompensa. Olho para os despojos da minha vitória – minha recompensa, Anastasia.

Ela está desmaiada ao meu lado, ainda mais exausta do que eu pelos nossos esforços. Neste momento de silêncio, aproveito o tempo para observá-la, observando-a enquanto a lua surge no céu. Um dia inteiro se passou – a luz do dia já passou horas atrás, mas eu não prestei atenção nisso, me perdendo nela.

Agora, sem distrações, estou livre para estudá-la quando quiser. Raios de luz pálidos através das janelas lançam sombras estranhas. O luar se inclina sobre sua forma, dando à sua pele uma luminosidade brilhante.

Anastasia se mexe desconfortavelmente durante o sono. Nós estamos... Olho em volta, notando o que nos rodeia pela primeira vez, e percebo que estamos no chão da sala de estar da casa. Coço a cabeça, lembranças do dia flutuando em minha cabeça em uma felicidade provocante e pós-orgásmica.

Nosso encontro inicial na mesa de jantar foi uma mera preliminar em comparação com o resto do dia. Mesmo agora meu corpo treme de alegria, pensando nas últimas horas. Seu corpo glorioso debaixo de mim, contra mim, sobre mim; nenhum quarto parecia intocado pela nossa paixão.

Quase inconscientemente, estendo a mão para acariciar seu corpo com um dedo com ponta de garra. Minha vida me deixou pouco tempo para perseguir mulheres, muito menos aproveitá-las em meu lazer. Uma vida construída sobre a sobrevivência dificilmente é adequada para ser capaz de segurar uma beleza tão bela em meus braços
- mas ela está aqui .

Quantas fortunas sorriram para mim, contraídas pela mão de nosso enigmático rei, nada menos. Nunca antes tive a oportunidade de simplesmente contemplar uma figura tão incrível, muito menos experimentar seus prazeres.

Tão gentilmente quanto consigo, acaricio sua pele quente, aproveitando por um momento essa intimidade tranquila. Ainda posso sentir a memória de seu toque aquecido, me levando a novas alturas. A maneira como ela implorou com seu corpo por mais do meu ardor.

Dei tudo que pude, derramando raiva e desejo em seu corpo, fazendo-a me levar até que eu estivesse completamente esgotado. Apesar da minha exaustão até agora, sinto uma pequena vibração de energia reacendendo dentro de mim quando me lembro do toque dela. Durante nossas conversas na masmorra, me peguei pensando que o corpo dela seria tão quente quanto seu espírito ardente - *e estou feliz em ver que estava certo*.

No entanto, a sensação de seu corpo agora ainda está quente, até superaquecida. Quente demais, penso comigo mesmo, considerando como o ar da noite esfriou minha pele, mas a dela continua corada.

Seu descanso também é apático, seu corpo muda inconscientemente em uma luta para encontrar uma posição mais confortável. O que ela certamente não encontrará no chão. Soltando um suspiro cansado, eu me levanto do chão, os músculos doendo em protesto pelo alongamento. Ignorando a dor, me abaixo para pegar meu prêmio humano em meus braços. Sua forma febril se agita com a ação, mas ela rapidamente se acomoda em mim, com dedos macios, acariciando minhas cicatrizes mesmo durante o sono.

Distraidamente, me pergunto se a agradei neste dia - se meu corpo e minhas ações lhe deram satisfação. Então balanço a cabeça, franzindo a testa para meu próprio sentimentalismo.

Anastasia nada mais é do que um prêmio que o rei lançou para mim em troca de lealdade contínua. Ela é mera mercadoria, dotada com o propósito de me servir até que um novo soldado possa ser gerado – dificilmente vale o esforço, muito menos a preocupação com o bem-estar. Especialmente quando tenho minha própria pele para me preocupar.

Sou apenas mais um soldado no exército de sua majestade, e ela nada mais é do que minha prostituta humana. Mesmo assim, ajusto minha postura para ter certeza de que ela está mais confortável, então começo a me dirigir em direção aos meus aposentos.

Ao entrar em meu quarto, deitei-a na minha cama. É um dos poucos luxos de que aproveitei desde que reivindiquei esta casa, e uma das poucas superfícies que não foi completamente destruída pelos meus recentes acessos de raiva.

Anastasia imediatamente se pressiona na cama, o corpo automaticamente enrolado nos cobertores. Seu corpo se agita e ela solta um gemido suave que puxa algo enterrado profundamente dentro de mim. Silenciosamente prestativo, puxo os cobertores ao redor dela, observando com pequena admiração enquanto ela se acomoda mais confortavelmente.

Eu me pego rindo um pouco de seu comportamento inocente, antes de me levantar mais uma vez. Minha mente tem pouco espaço para pensamentos meditativos quando este humano me faz companhia, flexível e agressivo, tudo ao mesmo tempo. Deixo meu corpo realizar as ações de preparar o banho, tirar e aquecer a água.

Enquanto ela descansa e a água esquenta, volto para a cozinha para começar a vasculhar os armários. Procurar por aí lembra o café da manhã que compartilhamos esta manhã, seguido pelo banquete que tive entre as pernas dela. Engulo as lembranças tentadoras e consigo montar uma pequena tigela de frutas misturadas com o que encontro.

A comida irá reabastecer e restaurar minha Anastasia. *Mantê-la saudável agradará ao rei*, penso, retornando aos meus aposentos.

Com a água suficientemente quente, eu a desperto do sono e a coloco na banheira, afastando seus resmungos nebulosos. Ela relaxa na água rapidamente, um pequeno sorriso de contentamento curvando seus lábios.

É uma expressão que me deixa sem fôlego. Eu a fiz feliz - e saber disso faz com que um fio de satisfação se enrole em minhas entranhas. Ela começa a cair no sono, então eu deslizo meus braços sob a água, agarrando-a para mantê-la acordada.

“Ainda não, pequenino, vamos terminar o banho primeiro.” Meu comando calmo faz com que seus olhos se abram para me observar. “Então vou deixar você descansar.”

"Junte-se a mim?" ela murmura, sua voz ainda cheia de sono.

Minha risada em resposta é uma promessa rouca e sombria. "Mais tarde", respondo, aproximando a tigela. "Por enquanto, tente comer alguma coisa."

Seus olhos se fecham mais uma vez, mas ela obedece às minhas palavras, abrindo sua boca delicada para a fruta que eu lhe dou. Enquanto meu dedo roça seus lábios, rachados de tanto gritar, sua língua sai em lambidas divertidas. *Pequena Tentadora esperta*, me pego pensando afetuosamente.

Aproximo-me de seu ouvido e dou um rosnado lascivo. "Não comece algo que você não pode terminar, Anastasia," eu aviso, mesmo quando um lampejo de antecipação se agita dentro de mim.

Ela bufa, mas se acomoda novamente no círculo dos meus braços, gentil e submissa. Deixar a água relaxar seus músculos sobrecarregados parece funcionar, e quando mais tarde a tiro da banheira, sua pele umedecida fica fria e macia mais uma vez.

Usando um lençol descartado, seco seu corpo, que não consigo parar de tocar. Dos seios deliciosos aos quadris suculentos, até os preciosos dedos dos pés - eu experimentei de tudo, mas até mesmo tocar seu corpo perfeito dessa maneira inocente me fez mexer mais uma vez. Mas estou exausto, em mais de um sentido e, além disso, Anastasia precisa descansar.

Aí está de novo - pensando em Anastasia como pertencendo a mim. Nenhum presente vem sem restrições e não posso me dar ao luxo de baixar a guarda - especialmente agora. Mesmo sem a expectativa de descendência, estou confiante de que apenas irritei Drir'gen com nosso último *debate*.

Meus pensamentos ficam pensativos enquanto a visto com uma das minhas poucas camisas, resgatadas da cabeceira da cama. Até que seus braços se estendem para envolver meu pescoço, aproximando-se.

"Agora junte-se a mim?" ela murmura, aninhando-se na minha clavícula.

— Sim, vou me juntar a você — sussurro de volta, sua afeição banindo pensamentos sobre Drir'gen e o rei. *Problemas para outro dia* eu decido, fazendo nossos corpos afundarem juntos na cama.

Assim como antes, seu corpo se enrosca no meu, curvas doces em meus planos desfigurados. Eu gemo de felicidade – a sensação de estar rodeado de suavidade é inteiramente nova para mim e estimulante à sua maneira.

No escuro, sem nada além dos meus pensamentos e do seu calor entorpecedor, posso admitir que estou extasiado por esta mulher. Fico maravilhado com seu espírito e sua tenacidade inabalável. Sexo com ela parece uma vitória bem merecida, e nenhuma batalha que lutei me levou às alturas que ir para cama com ela.

Se eu soubesse que esse presente precioso seria tão receptivo quanto ela, eu nunca a teria jogado nas celas da minha masmorra - mas sim diretamente na minha cama. De qualquer forma, é aqui que ela pertence, e pretendo mantê-la nesta cama o mais rápido possível nos próximos dias.

Ou em qualquer lugar, na verdade. Anastasia mais do que provou sua adaptabilidade e resistência; sem mencionar sua flexibilidade. No mínimo, vou para a cama com ela sempre que achar necessário - até que ela esteja perto do meu filho.

O próprio pensamento envia outro arrepio de satisfação pela minha espinha. Por mais maravilhosa que seja sua figura agora, ela será simplesmente gloriosa como quando incha com minha semente.

Seus dedos roçam minha bochecha - eu os capturo, e então é minha vez de beijar as pontas dos dedos dela. Mais do que tudo, o rei me presenteou com uma oportunidade – e é uma que não pretendo desperdiçar.

"Obrigado, Anastasia", eu digo, antes que o sono me domine.

Ao ver sua sobrancelha questionadora, eu insisto. "Pela comida, pelo sexo, por tudo."

"Pelo resto da minha vida, nunca esquecerei o prazer que você me deu hoje."

ANASTASIA

Volikan e eu estabelecemos o que só poderia ser descrito como um acordo único. Uma espécie de trégua, suponho.

Ele pode me levar sempre que quiser – pode parecer sombrio, mas eu estava preparado para isso de qualquer maneira. Esse foi o acordo desde o momento em que o rei me entregou a ele.

A diferença é que agora parece mais um jogo. Ele gosta quando eu me faço de inocente e assustada, representando o papel de uma presa para ele caçar. Eu pisco meus olhos grandes e tremo, e ele come.

E assim, não preciso realmente *ficar* com medo. Ele não tem motivação para me atormentar, desde que eu esteja disposta a preencher essa necessidade predatória da qual ele simplesmente não consegue desistir. É uma encenação, mas atinge um meio-termo que combina perfeitamente com nós dois. Para ser honesto, é divertido.

Estou limpando a casa quando ele se aproxima de mim. Instantaneamente, posso sentir meu corpo reagir, esperando que ele me agarre a qualquer momento. Não estou com medo – estou animado. Minha pele formiga com antecipação.

Ele caminha atrás de mim, ignorando completamente minha presença. No começo, estou um pouco confuso e desapontado.

Mas quando ele faz questão de entrar pela segunda vez na cozinha, alguns minutos depois, tudo começa a clicar. Ele não está me ignorando – ele está brincando comigo.

Volikan faz isso mais algumas vezes, esse jogo de entra e sai. Cada vez, me pergunto se será a hora. Quando ele finalmente me agarra por trás, me puxando contra ele, estou tão molhada pela espera que não posso deixar de sorrir.

Finalmente vou conseguir a liberação que tanto desejo.

“Não, me deixe ir,” eu grito, tentando sair debaixo dele. Estamos em um campo grande e aberto, onde gostamos de fugir para fazer amor, então não há preocupação de que

alguém nos ouça. Não que alguém iria defender um humano aqui, de qualquer maneira.

Fingir não querer parecia uma boa ideia. Isso lhe daria a chance de me forçar, algo que eu tinha certeza que ele iria gostar. Mas quando seus olhos escurecem para mim, imediatamente começo a sentir que cometi um erro.

Seu aperto em meus pulsos aumenta. Montando em meus quadris, ele inclina seu rosto para mais perto do meu. Engulo reflexivamente, uma pontada de medo tomando conta de mim. É uma sensação que ele não me dá há algum tempo.

“Não faça isso”, ele avisa, com a voz rouca e tensa. “Quando você luta...” ele para, e seus olhos adquirem uma qualidade estranha e vítrea.

“Talvez eu não consiga controlar meu lado sombrio”, ele admite, olhando para mim mais uma vez. Qualquer pensamento em que ele estivesse envolvido se perdeu, como fumaça sendo levada pelo vento. Seu foco retorna, me olhando seriamente. “Sem gritos. Sem luta. Sem brigas. Entender?”

Concordo com a cabeça, engolindo novamente, embora não tenha certeza se sei. Eu entendo o suficiente para perceber que não quero testá-lo. Imediatamente, fico mole debaixo dele, como se quisesse provar que não tenho intenção de lutar.

Ainda estou um pouco nervoso, mas enquanto estudo seu rosto em busca de um sinal de aprovação, algo me ocorre. Ele não está me ameaçando. Ele está genuinamente mais preocupado do que eu, com medo de sua reação.

Ele está tentando me salvar dele.

O pensamento me faz parar e meu medo se esvai. Em seu lugar, há uma curiosidade estranha. De onde vem esse lado dele, afinal? Ele realmente não tem voz ou controle sobre isso?

Começo a expressar minhas perguntas, tentando entender. Quero saber o que o torna assim e como ele ficou assim.

Mas ele apenas se inclina em direção ao meu pescoço, dando beijos quentes na minha pele. Eu inclino meu rosto, dando-lhe melhor acesso. Ainda assim, persisto, continuando minha linha de questionamento mesmo enquanto seus lábios dançam em mim.

Tão teimoso quanto eu, ele finge que não ouve. Finalmente, depois da minha quinta ou sexta pergunta, ele rola os quadris contra os meus, provocando um gemido.

“Você faz muitas perguntas”, ele murmura, exigindo meus lábios para me silenciar.

Mais alguns beijos e todas as perguntas saem da minha cabeça, de qualquer maneira.

Quando finalmente terminamos, algumas horas depois, estou saciado e feliz. Deitamos no chão juntos. Volikan não fala muito, mas sua companhia ainda é agradável.

Isso me faz sentir um pouco de saudade de casa, estar aqui. Os céus de Galmoleth estão sempre nublados e tempestuosos. Basicamente não há luz solar aqui, e isso me faz sentir falta da sensação de deitar na grama em Protheke.

Ali a grama era verde e macia. Você poderia relaxar em dias quentes e ensolarados e apenas respirar o cheiro. Sem mencionar as flores silvestres que brotavam na maioria dos espaços abertos e os cantos dos pássaros.

Não é assim aqui em Galmoleth. Por um minuto, fico tentado a compartilhar meus pensamentos com Volikan. Mas, ao pensar nisso, percebo que não tenho certeza de como explicaria a diferença para ele, de qualquer maneira.

No final, parece muito complicado tentar se abrir com ele. Então, eu não. Nós nos levantamos depois de um tempo, voltando para casa.

Ainda estou perdido em meus pensamentos, sentindo nostalgia de como as coisas eram em casa. A natureza era uma das poucas gentilezas que ninguém poderia tirar de mim, mesmo nos acampamentos humanos. Absorvido em minhas memórias, sou pego de surpresa quando Volikan segura minha mão enquanto caminhamos.

É um gesto simples, mas ainda assim surpreendente. Isso me puxa de volta ao momento, ao aqui e agora. Olho para ele e tenho certeza de que a pergunta em meus olhos é evidente. Ele olha para mim, seu rosto sério.

“Você parece incomodado”, ele ressalta. Estou ainda mais pasma do que estava, chocada por ele prestar atenção ao meu humor.

Não é um grande gesto, claro, mas dele qualquer gesto é significativo. Antes que eu perceba, me pego balbuciando todas as coisas que estavam em minha mente, tudo derramando como um balde transbordando.

Quase espero que ele me interrompa, me diga para ficar quieta. Mas ele não faz isso. Na verdade, ele não diz nada, apenas balança a cabeça de vez em quando para mostrar que me ouve.

Não é muito, mas vindo dele parece muito. E quando termino, finalmente quieta e exausta, percebo que estou feliz por poder compartilhar isso com ele.

Ele ainda não diz nada. Ele apenas aperta minha mão, e gosto de imaginar que é a maneira dele de dizer que está feliz por eu poder compartilhá-la também.

Mais tarde naquela noite, deitei na minha cama. Olhando para o teto, ainda estou muito ferido para dormir. Em vez disso, reflito sobre o meu dia, tentando organizar meus pensamentos.

A única coisa que continua circulando em meu cérebro é minha volta para casa com Volikan e a maneira como ele pegou minha mão. A maneira como ele ouvia enquanto eu falava.

Às vezes, parece que há algo mais nele. Uma camada mais macia, por baixo de toda a dureza que ele usa como escudo. Poderia estar na minha imaginação, mas são momentos como esse que realmente me fazem pensar.

Parecia muito gentil para ser um erro, um acidente, uma interpretação errada. Ele não sabe como mostrar seu lado terno, mas isso não significa que ele não esteja lá.

Não tenho certeza do que aconteceu, para fazê-lo querer esconder isso tão profundamente. Está tão baixo que é fácil passar despercebido, e quase o fiz. Talvez seja exatamente isso que significa ser um demônio. Dureza e resistência, o tempo todo, e sufocando qualquer parte de você que queira ser suave.

Eu acho que quando você cresce cercado por outros demônios, a suavidade e a fraqueza te matam. Mas não é fraqueza, pelo menos não para mim. É incrível, e eu gostaria de poder descobrir como fazer com que ele solte isso com mais frequência.

No momento, isso só aparece nos mais ínfimos e raros vislumbres. Mas tenho certeza de que está lá, apenas esperando para se manifestar.

Talvez seja eu quem ele precisa para revelar isso. Talvez a Mãe estivesse certa o tempo todo, e este era realmente o lugar onde eu deveria estar. Talvez isso, bem aqui, seja o porquê.

“Seu humilde servo vem lhe agradecer, mãe”, começo minha oração noturna. “Obrigado por me trazer até aqui e me mostrar o caminho para navegar nesta situação difícil. A princípio parecia intransponível, mas graças à Sua orientação agora posso ver meu caminho para superar isso. Obrigado por me dar forças para administrar e por seu terno amor e carinho.”

Fecho os olhos, refletindo calmamente para mim mesmo. Interiormente, posso ouvir um pensamento repetidamente. A princípio tento ignorar, mas depois começo a perceber que é outra ordem, da Mãe. Ela vem com mais orientações, persistindo até eu ouvir.

O pensamento que floresce em meu coração, aquele que sei que vem da Mãe, me diz que devo persistir e não perder a esperança. Preciso ficar, porque sou o único que pode trazer à tona o que há de melhor nele.

Vejo a bondade que ninguém mais consegue, o que significa que sou o único que pode encorajá-la e revelá-la. Até o próprio Volikan não sabe que está lá, tão focado em seu lado sombrio e furioso que nunca considerou a possibilidade de conter um lado mais brilhante também.

É meu trabalho torná-lo melhor e vou fazer isso. Não importa o que o futuro reserva.

VOLIKAN

“**T**Aquele parece um cardo”, diz ela, apontando. Viro-me apenas o suficiente para ver, sem desviar a cabeça dela da posição em que repousa sobre meu braço.

“O que é um cardo?” Eu pergunto. Ela me olha de soslaio, como se tentasse decidir se estou brincando com ela. Não sei por que ela pensa que eu faria isso – não sou do tipo alegre.

Ela deve chegar à mesma conclusão porque sua expressão duvidosa desaparece. É substituído por confusão, enquanto ela tenta pensar em uma maneira de explicar. “Eles são um animal em Protheka. Coberto de lã, muito fofo.”

Viro de lado, perdendo o interesse na nuvem. De frente para ela agora, eu sorrio. “Então todas as nuvens não são assim?”

Ela suspira bem humorada. “Não!” ela insiste. “Não é só assim. Aquele tem pernas e até olhos. Você não vê isso?”

Não me preocupo em olhar uma segunda vez. “Se você diz.” Tudo o que vejo são nuvens de tempestade, a mesma coisa que vemos todos os dias.

Ela franze a testa e, por algum motivo, tenho vontade de rir do absurdo de tudo isso. Ela é uma criatura tão bizarra, tão séria e insistente sobre as coisas mais sem sentido. E ainda assim, por algum motivo, acho que essa é uma das muitas coisas agradáveis nela. Às vezes me pergunto onde ela encontra energia para se preocupar tanto com tudo, tão profundamente. É ao mesmo tempo impressionante e inspirador, mesmo que seja algo que acho que nunca serei capaz de compreender completamente.

“Você sente falta da sua casa?” Eu pergunto e descubro que realmente quero saber. Posso não ter, via de regra, a sinceridade e a preocupação profunda e ilimitada que Anastasia tem. Mas eu faço, apenas por um assunto. Dela.

Posso sentir sua cabeça balançar onde ela descansa em meu braço. A grama do campo se enrugava com o movimento. “Não mais”, ela admite. “Na verdade.”

Eu estudo seu rosto, me perguntando se ela está falando sério. Mas ela parece genuína, embora isso não deva ser surpresa. Ela é sempre genuína, tão sincera em tudo que diz e faz.

Algo dentro de mim borbulha com as palavras, percebendo que estou mais aliviado do que jamais pensei que ficaria ao ouvi-la dizer isso. Não deveria importar para mim se ela gosta daqui ou não, não realmente.

O que me importaria se ela preferisse estar no Protheka? Se ela considera isso um lar? E ainda assim, saber que ela não se sente insuportavelmente significativa, tirando dos meus ombros um peso que eu nem sabia que existia.

“Eu costumava”, ela continua. “Mas acho que me senti deslocado aqui e solitário. Não me sinto mais sozinha”, ela admite. Reprimos a vontade de dizer a mesma coisa para ela, mesmo que seja verdade.

Com Anastasia por perto, fico tão perdido nela que nem penso em brigar. Ela é uma distração bem-vinda da sede de sangue que costumava tomar conta dos meus pensamentos acordados. É quase como se o simples fato de ser visto por ela, por inteiro, me desse a peça que estava faltando. A peça que pensei que deveria encontrar através da guerra e da violência.

Não é que eu ainda não goste dessas coisas – é que não preciso delas. Posso esquecê-los completamente, não mais cego por sua atração quase encantadora. Porque descobri algo ainda mais inebriante.

Coloquei minha mão em sua barriga sem pensar, meus dedos esfregando sua pele firme. É apenas uma questão de tempo até que ela fique inchada com meu filho, com os músculos sensíveis e a pele esticada. A ideia me arrepia nas veias, imaginando ver sua fertilidade confirmada com uma barriga grande e grávida.

Ela sorri para mim, e posso dizer pela expressão em meu rosto que ela está pensando a mesma coisa que eu. Ela está se imaginando, grávida.

Anastasia ainda não está avançada o suficiente para confirmarmos uma gravidez, mas isso não importa para mim. Tenho certeza de que há vida crescendo ali, pequena o suficiente para escapar da detecção. As pontas dos meus dedos formigam quando acaricio sua barriga, o que considero uma prova da vida que floresce dentro dela.

Ela suspira um pouco, encostando a cabeça no meu ombro e se aproximando. Ela leva a mão à barriga, deixando-a descansar sobre a minha. Silenciosamente, observamos as nuvens de tempestade passarem por cima, com as mãos entrelaçadas.

Tudo parece certo quando ela está assim, em meus braços. Como se fosse assim que sempre deveria ser. Mesmo que eu me sinta um idiota por ter demorado tanto para perceber isso e por tratá-la como uma prisioneira no tempo que antecedeu esse momento.

Eu fiz o meu melhor para compensar isso agora, pelo menos. Estou aprendendo a ter cuidado com ela, entendendo suas limitações humanas. Ela não consegue lidar com o mesmo tratamento rude e feroz pelo qual os demônios nem piscariam.

Mas, ao mesmo tempo, eu não mudaria isso por nada. É isso que torna nosso tempo juntos tão especial. Ela é humana, não um demônio, e isso é algo incrível, lindo e maravilhoso.

Estou começando a amar todas as coisas que fazem dela o que ela é, incluindo todas as suas características e comportamentos humanos. Eles me fascinam e intrigam, e alguns deles não fazem nenhum sentido, mas eu amo cada um deles.

Adoro o jeito que ela boceja e como suas mãos ficam frias quando as seguro tarde da noite. Adoro o jeito que ela parece tão séria quando cozinha, concentrada como se estivesse tentando resolver o maior mistério de todos os tempos e não simplesmente preparando o jantar.

Adoro o som da risada dela, que vem tão facilmente para ela, e a maneira como ela bufa e bufa sempre que fica impaciente. Adoro a forma como a cor surge em suas bochechas quando digo algo que a irrita, dois pontos vermelhos brilhantes que aparecem em sua pele pálida.

Há tanta coisa sobre ela que estou começando a pensar que nunca mais quero ficar sem ela. E, no entanto, tenho medo de admitir isso. Tenho medo de me abrir com ela, de mostrar-lhe todo o carinho que está enterrado no fundo do meu coração por ela e somente por ela.

Não é que eu não saiba como demonstrar esse amor a ela – eu não achava que sabia, até que ela apareceu. Mas algo nela me convence, fazendo com que a verdadeira dificuldade seja a necessidade de esconder isso.

Posso dar carinho a uma mulher que só pode estar na minha cama por um presente passageiro? O que acontece quando ela se vai e eu fico com o coração cheio de lembranças ternas e sem ninguém com quem compartilhá-las?

Talvez seja melhor não abrir esse portal, caso eu nunca consiga fechá-lo. Porque parece que quando eu deixar a emoção sair de mim e contar a ela tudo o que ela significa para mim, não saberei como pensar em mais nada.

E então, algum dia, quando ela se for, saber de tudo o que perdi pode me matar. Talvez, se eu nunca admitir isso para mim mesmo, possa viver uma vida de negação silenciosa. Não será tão fantástico assim, mas também não será tão devastador.

O rei só me deu ela para engravidar. Feito isso, não há nada que diga que ela é minha. Por mais que me doa pensar nisso, tenho certeza de que ela será levada para dar à luz meu filho e depois enviada para os braços de outra pessoa.

O Rei a vê apenas como um método de reprodução. Ele não entende o sentimento caloroso que se espalha por mim quando ela diz meu nome. Como o sorriso dela faz minhas bochechas ficarem quentes. O quanto eu gosto de ficar aqui com ela, sem fazer nada, o que de alguma forma parece *tudo*.

Com uma mão ainda apoiada em sua barriga, me pergunto se consigo sentir a vibração do bebê que imagino estar crescendo dentro dela. Ela aperta minha mão e se vira para sorrir calorosamente para mim.

Olho para seu rosto esperançoso, sentindo que posso ler sua mente. Ela está animada ao pensar no bebê, e eu também.

Mas está contaminado, obscurecido pelo conhecimento de que se a vida realmente crescer dentro dela, nossos dias juntos certamente estarão contados. Não criaremos o bebê juntos – é quase certo que ela nunca o verá, salvo talvez um vislumbre durante o trabalho de parto. Será arrancado de seus braços após o parto, considerado propriedade do Rei.

Assim como ela será arrancada dos meus braços. Ela nunca foi realmente minha, apenas um empréstimo.

Eu não quero devolvê-la. Olho fixamente em seus calorosos olhos castanhos, que brilham de excitação, e percebo que não tenho coragem de explicar a ela o que está por vir.

Em vez disso, me inclino mais perto, respirando o perfume que irradia do topo de sua cabeça. Eu guardo isso, e este momento, na memória, tentando enterrar meus medos.

Porque não há nada que eu possa fazer, nada que mude o futuro. O que quer que aconteça a seguir está fora de nossas mãos. Se não há como parar isso, por que deixá-la ser sobrecarregada pela dura realidade? Na verdade, eu gostaria de ser tão inocente e ingênuo quanto ela.

Nosso relógio já está correndo. E tudo o que podemos fazer é aproveitar o tempo que temos, seja ele qual for.

ANASTASIA

“**T**o jogo dele não faz sentido”, Volikan resmunga ao meu lado. Embora ele sempre tenha sido um pouco sombrio e sombrio, isso parece diferente de alguma forma. Suspeito que ele esteja mal-humorado com alguma coisa além do jogo que estou tentando lhe ensinar.

Reprimo um suspiro, tentando permanecer positivo. Uma coisa que aprendi é que combinar o mau humor de Volikan com o meu não ajuda em nada. Em vez disso, simplesmente começo a pegar as pedras da mesa, encerrando o nosso jogo.

“Tudo bem”, eu ofereço. “Podemos fazer outra coisa.” Não há nenhuma evidência em seu rosto de que ele esteja aliviado, o que confirma minha suspeita de que ele esteja chateado com outra coisa.

Na verdade, não há nenhuma evidência real de que ele tenha me ouvido. Ele parece estar olhando para o espaço, sem prestar atenção. Seja o que for que ele esteja pensando, certamente parece profundo e cativou sua atenção.

Não me importo que Volikan tenha mau humor ocasional. Afinal, é normal. Todo mundo se sente deprimido às vezes, e ele chegou muito longe de onde começou.

Tenho tudo o que poderia desejar aqui nesta casa. É a melhor conclusão que eu poderia ter sonhado, mesmo que eu temesse que nunca veria isso. No início, quando Volikan parecia não querer nada comigo, nunca imaginei que poderíamos acabar aqui.

Não é só esta casa, que é muito melhor do que qualquer coisa que já tive. Tenho muito o que comer, um lugar aconchegante para ficar e todos os confortos básicos que alguém poderia desejar. Quando fui mantido prisioneiro pelo Rei, não havia conforto – mal havia comida suficiente.

Mesmo em Protheke, no acampamento humano, a fome era uma parte rotineira da vida. Muitas vezes sentíamos frio, fome, cansaço e basicamente lutávamos a cada minuto para permanecermos vivos.

Esta é a primeira vez que não sinto essa pressão constante. Aqui, estou provido. Estou seguro e cuidado, e alguém como eu sabe o quão valioso isso realmente é.

E não são apenas as coisas que Volikan me dá, os recursos. Ele é afetuoso comigo e parecemos nos aproximar a cada dia. Conversamos sobre nada, durante horas, e passamos quase todos os segundos juntos.

Sempre soube que havia outro lado dele, algo mais do que o demônio sombrio e carrancudo que me desejava mal. Eu sabia que havia algo escondido, bem no fundo de seu âmago, algo gentil e bom. Demorou muito para revelá-lo, mas agora que o fiz, sei que valeu a pena todo o esforço.

Como eu disse, não me importo que ele tenha um dia ruim de vez em quando. Mas não trabalhei tanto para vê-lo voltar aos velhos padrões. Não estou disposto a desistir e perdê-lo para a tristeza em que ele se afundou antes.

Eu o estudo, tentando pensar em uma solução. Ele nem parece me notar, absorto em seus pensamentos. Então me ocorre, num brilhante golpe de gênio.

Há uma coisa que sempre melhora seu humor. Levanto-me, guardando o saquinho de pano com pedras em uma prateleira. Talvez possamos tentar novamente outro dia.

Então eu me viro, lentamente me aproximando de Volikan. Ele está sentado no sofá, olhando para o espaço. Mas quando chego perto o suficiente para agarrar seus ombros, ele se vira para mim, seus olhos se arregalando de surpresa e interesse.

Assim é melhor, eu acho. Finalmente, ele está focado em mim. Ele sorri um pouco enquanto deslizo minha perna em seu colo, montando nele.

Com uma mão em cada lado do seu rosto, me inclino para frente, beijando-o profundamente. Ele não hesita em retribuir o gesto, e logo sinto que estou aquecendo de dentro para fora.

Pressiono meu peito contra ele, pressionando beijos íntimos e fervorosos contra sua pele. Embora ele esteja participando, ainda sinto um certo grau de hesitação. Ele está interessado, mas parece... estranho.

Eu persisto, tentando persuadi-lo. É difícil para mim identificar exatamente o que está errado. Ele não está me rejeitando completamente, e nossa sessão improvisada de beijos não é ruim. Parece que apenas metade de sua mente está concentrada na tarefa. A outra metade deve estar a um milhão de quilômetros de distância, e não posso deixar de me perguntar por quê.

Sento-me, afastando-me dele um pouco. Não posso deixar de me sentir um pouco magoado ao perceber que seu coração simplesmente não está interessado nisso. Nossos olhos se travam enquanto eu me movo para trás, e meu coração afunda ao ver que ele não parece chateado com minha ação.

Na verdade, ele mal parece notar. Seu olhar parece passar através de mim, fazendo-me sentir com cerca de cinco centímetros de altura.

Nunca estive tão confuso. Ao vê-lo agora, é fácil pensar que ele não se importa comigo. Mas eu *sei* que ele se importa, no fundo do meu coração.

Ele não tem motivos para me tratar tão bem como trata, se não se importasse. Ele poderia fazer o que quisesse comigo, mas é muito cuidadoso e protetor. Essa é uma escolha que ele fez sozinho, um reflexo óbvio da forma como ele me valoriza.

Não sei o que está acontecendo com ele agora, mas sei que não pode ser que ele não se importe. Ele poderia ter me amarrado no rack e me deixado na masmorra, apenas prestando atenção o suficiente para me forçar. Ele poderia ter me usado em seu lazer, apenas me contratando com o propósito de procriação.

Na verdade, era exatamente isso que o seu Rei esperava que ele fizesse. Ele poderia ter feito isso, sem culpa ou recriminação. Ninguém além de mim teria pensado nisso.

Ele não fez isso, porém, o que prova o quanto ele valoriza a mim e à criança em potencial que cresce dentro de mim. Não somos apenas reprodutores para ele. Sou sua amante, sua companheira.

Então por que ele nem olha para mim agora?

Passo meus dedos suavemente pelos chifres de sua cabeça, pensativamente. Finalmente, eu simplesmente saio e digo isso. "Algo está errado?"

"O que?" ele diz. A aparência vidrada e turva desaparece de seus olhos. Eles ficam mais nítidos, focando em mim.

Repito, alterando ligeiramente a pergunta. Obviamente, algo está errado. "O que está errado? Qual é o problema?" Eu tento de novo.

Seu rosto escurece. Algo passa por ele, mas desaparece antes que eu possa identificar o que é, entender o que é. É tão rápido que quase acho que poderia ter imaginado, exceto pela sensação persistente e desconfortável que deixa para trás.

É uma inquietação geral e assustadora. Não consigo definir ou explicar, mas isso se instala em meu peito, recusando-me a ceder.

“Não é nada”, ele responde, balançando a cabeça. Eu franzo a testa um pouco, desejando poder acreditar nele. Mas esse nó, aquela pequena bola de pavor, não cede.

“Não é nada, hein?” Eu pergunto com ceticismo. Tenho medo de pressioná-lo demais, com muita força, demais. Volikan é muito temperamental e não quero estragar completamente a noite.

Mesmo assim, não é totalmente horrível. Parece que tudo está começando a deslizar para o lado, me deixando um pouco desorientado. E, no entanto, estar com ele ainda é melhor do que estar sem ele.

Não quero afastá-lo completamente. Eu só quero saber o que há de errado. E é por isso que sei que devo agir com cautela.

Eu olho para ele com expectativa, esperando que ele admita o que realmente está pensando. Mas ele apenas olha para mim com um sorriso presunçoso, seu rosto clareando.

“Sim. Não é nada”, ele responde com confiança. Sua expressão está muito longe do olhar sombrio e distraído que ele usava alguns minutos antes. Quase consigo me convencer de que imaginei tudo. Que está tudo bem.

Ele passa os braços em volta da minha cintura, me balançando suavemente para o lado. Eu rio quando ele me empurra para uma posição deitada e se levanta agilmente, agachando-se no sofá ao meu lado.

Ele estreita os olhos de brincadeira, suas mãos deslizando pelo meu lado enquanto ele se inclina mais perto. Eles roçam minha pele, me fazendo rir e me contorcer quando ele acidentalmente faz cócegas na minha cintura.

Ele termina finalmente agarrando meus pulsos, prendendo suavemente meus braços acima da minha cabeça. Deitando-se em cima de mim, enrolado em meu corpo, ele belisca meu lóbulo da orelha.

A sensação me faz rir de novo, mas desta vez é mais uma reação nervosa, cada nervo do meu corpo se iluminando ao toque.

"O que é tão engraçado?" ele sussurra em meu ouvido. Há um certo peso nas palavras, sua voz é baixa e rouca. Engulo em seco, tremendo reflexivamente.

"Nada," consigo resmungar, sentindo seu comprimento duro pressionado na lateral do meu quadril. Minha respiração fica curta e ofegante, já antecipando o que virá a seguir. Acho que nunca deixarei de me surpreender como ele consegue me desvendar com o mais simples toque. Ele não fez quase nada e eu já estou desmoronando.

Sua língua serpenteia, lambendo o lóbulo da minha orelha. Estremeço novamente, um suspiro me escapa. Ele pressiona seus lábios firmemente contra os meus, engolindo o som.

Logo, sinto como se pudesse derreter, disforme, no sofá. Eu rio e grito enquanto ele provoca meu corpo, quase esquecendo seu estranho comportamento anterior.

Exceto aquele pequeno nó tenso e preocupado em meu peito que nunca desaparece completamente.

ANASTASIA

EU acordar tarde na manhã seguinte. “Bom dia”, digo reflexivamente, do jeito que sempre faço. Nenhuma resposta vem.

Viro de lado, notando que Volikan já está fora da minha cama. Oficialmente, nós dois temos nossos próprios quartos. Mas a distinção entre eles tornou-se confusa ultimamente, e ontem à noite ele adormeceu ao meu lado, como sempre faz. Costumo cumprimentá-lo todas as manhãs quando acordo e vê-lo ao meu lado esperando pacientemente que eu acorde.

Não posso deixar de me perguntar se ele escapou no meio da noite ou simplesmente acordou mais cedo do que eu. Qualquer um dos dois é possível, e talvez eu esteja interpretando demais um ato inocente. Mas aquele pequeno nó de preocupação lateja dentro de mim, exigindo ser notado.

Deslizo para fora dos cobertores, sentindo um choque no corpo quando meus pés tocam o chão frio de pedra. Caminhando até a janela, olho para fora. O céu está tempestuoso, como sempre.

Talvez o tempo explique meu estranho humor ultimamente. Ainda não estou acostumado com essas nuvens constantes. Volikan perguntou se eu sentia falta de Protheke e eu disse que não, mas parecia uma meia verdade. Estou mais feliz por estar com ele, mas nunca me senti em casa aqui.

Volikan se sente em casa. Mas Galmoleth não.

Ainda assim, se eu tivesse que escolher um, Volikan venceria todas as vezes. Mesmo que eu sinta falta do sol e do calor de Protheke, nunca mais iria querer voltar sem ele. Além disso, é aqui que a Mãe decretou que eu pertenço.

Também não é como se Protheke fosse o paraíso, lembro a mim mesmo. Todos os dias lá, você poderia ter morrido a qualquer momento, e você sabe disso. A vida era difícil, mesmo que houvesse sol.

E com esse pensamento, parece que algo se encaixou. Tudo o que posso fazer é aproveitar ao máximo o tempo que passamos juntos e parar de permitir que minhas preocupações com o futuro ditem o presente. Não há como dizer quanto tempo

qualquer um de nós tem em nosso estado atual – o amanhã nunca está prometido, nem aqui, nem em Protheka, em lugar nenhum.

Com isso resolvido, colo um sorriso no rosto, esperando que isso melhore meu humor. Virando-me em direção à porta, atravesso a casa em busca de Volikan.

Encontro-o na sala de estar, quase na posição de espelho que eu havia feito antes. Ele está olhando pela janela, parecendo pensativo. Envolvendo meus braços em volta de sua cintura, beijo o ponto mais alto que posso alcançar em suas costas.

Ele relaxa contra mim, seus músculos rígidos relaxando com meu carinho. Por sua vez, ajuda a me acalmar, uma garantia de que ainda há esperança de que tudo possa ficar bem.

Isso acaba sendo um pensamento otimista e ingênuo.

Várias horas depois, ainda estamos na sala de estar. Não saímos daqui o dia todo, nem mesmo para o café da manhã. Em vez disso, ficamos confortáveis no sofá, entretidos em conversa fiada.

Conversamos sobre tudo, como fazem os amantes. Tópicos aparentemente sem importância parecem um tesouro quando saem de seus lábios. Eu me apego a cada palavra sua, fascinada pelas coisas mundanas que ele escolhe compartilhar.

Porém, para ser honesto, seria mais correto dizer que falamos sobre *quase* tudo. O único assunto que nenhum de nós ousa abordar é a tensão, a nuvem escura e metafórica que existe na sala conosco. Não compartilho minhas preocupações. E, embora esteja claro que ele tem alguns, ele não compartilha os seus.

Talvez nós dois pensemos que falar em voz alta os trará de volta à vida. Dê-lhes poder e torne-os reais, quando ambos preferiríamos descartá-los como um nada intangível e inconsequente. Se não os reconhecermos, será mais fácil fingir que eles nem existem.

Um estrondo alto interrompe nossa conversa tranquila. Nós dois paramos abruptamente, ficando de pé. Meu coração dá um pulso na garganta, esperando

ansiosamente para ver o que poderia causar um barulho tão tremendo. Não sei o que está acontecendo, mas sei instintivamente que não é nada bom.

Meu pulso ainda está acelerado, frenético, quando Drir'gen entra na sala. Seus passos grandes e pesados parecem trovejar em meu cérebro. Congelo, meu pânico aumenta, e olho para Volikan como se procurasse a garantia de que tudo vai ficar bem.

Ele lidou com esse demônio da última vez, certo? Prefiro não presenciar outra cena como antes, pois não me importo com a violência. Mas agora eu confio em Volikan e tento acalmar meus nervos enquanto espero que ele faça o que for necessário.

O rosto de Volikan endurece, observando Drir'gen atentamente. Alguns outros demônios o flanqueiam de cada lado. Fica claro, pela postura de Drir'gen, que esta não é uma visita social educada.

Não sei o que está por vir e acho que não quero. Eu saio despercebido, entrando discretamente na cozinha enquanto Drir'gen se vira para enfrentar Volikan.

Na cozinha, olho em volta, tentando formular um plano de fuga. Resumidamente, considero me esconder na masmorra, mas outra parte de mim protesta contra a sugestão. Se eu for lá e eles me encontrarem, não haverá mais recurso e ficarei preso.

Da sala de estar, posso ouvir Drir'gen falando asperamente com Volikan. Volikan retorna um comentário de sua autoria. Sua voz é monótona, ainda tentando manter a paz, mas não consigo entender o que nenhum deles está dizendo.

Então ouço um barulho enquanto o grupo se dirige para a cozinha. Saio correndo pela porta dos fundos para a sala de jantar, correndo para me esconder debaixo da mesa. Puxando uma cadeira na minha frente, tento me bloquear de vista.

Na cozinha, há uma comoção tumultuada, pois parece que Drir'gen está tirando tudo das prateleiras. Ouço os comentários sarcásticos e improvisados que ele faz aos amigos e o imagino saqueando nossa casa em busca de comida e cerveja.

Meu estômago revira quando ouço o barulho de vidro quebrando e me pergunto se ele destruiu a geléia que eu trabalhei tanto para preservar. Eu estava tão orgulhoso disso, sentado ali, quatro potes combinando de sucesso doce e sombrio.

A ideia me dá vontade de chorar, mas não há tempo para isso agora. Especialmente quando tudo em meu corpo chama a atenção com as próximas palavras de Drir'gen.

“Onde está a égua reprodutora?” ele rosna. Um de seus amigos demônios solta uma risada curta e áspera, aparentemente divertido com o rótulo. “Seja um bom menino e vá buscá-la. É a minha vez.”

“Você não tem chance”, Volikan retruca. Seu tom foi controlado até agora, tentando evitar um confronto. Mas posso começar a ouvir a agitação rastejando em suas palavras. “Ela é minha.”

“O que importa quem a cria?” Drir'gen exige. “O rei quer que ela seja criada. Você pode me deixar ter uma chance. Enquanto ela engravidar, ele não vai se importar com quem é o pai.”

“Então peça ao Rei uma mulher para você”, Volikan rosna, deixando claro que ele não está mais brincando. Drir'gen foi longe demais. “Este já está ocupado.”

Há um longo silêncio e prendo a respiração enquanto espero para ouvir o que vem a seguir. Drir'gen continua como se não tivesse ouvido Volikan, ignorando suas palavras.

“Vocês dois, espalhem-se. Nós mesmos vamos encontrá-la.”

Meu queixo aperta, o pânico percorre meu corpo com a ideia. Mal consigo respirar, sentindo de repente como se pudesse sufocar aqui debaixo desta mesa. Não há ar e tudo parece tão apertado e apertado.

É isso? *Volikan não vai deixar eles me pegarem*, penso comigo mesmo. Meu estômago se revira novamente, lembrando que são três deles e um dele.

Aperto os olhos com força, mordendo o interior da bochecha para não gritar. Eu sei que tenho que ficar quieto, ou simplesmente tornarei mais fácil para eles me encontrarem. Mas o desejo está lá, difícil de conter. Mordo até sentir gosto de sangue na boca, mas a dor aguda serve como distração.

Volikan está correndo atrás deles, tentando tirá-los da busca. No meio da fala, ouço Drir'gen rosar alto para ele, e ouço um som como se Volikan estivesse sendo empurrado contra a parede. Então um punho atinge a pele, alto e ferozmente, e Volikan não fala mais.

Tremo debaixo da mesa, finalmente percebendo que não há mais ajuda. Isso não será resolvido da maneira que eu esperava, e Volikan não pode me salvar do que quer que essa fera horrível tenha planejado.

Em meu terror, rastejo para fora da mesa, sem conseguir mais pensar direito para decidir se estou melhorando ou piorando as coisas. Tudo o que sei é que não posso mais ficar ali embaixo, me sentindo como se estivesse preso em uma jaula.

Mas já é tarde demais. Meus olhos se arregalam quando vejo um dos demônios irromper pela porta. Tento correr, fugir de seu alcance, mas ele é mais rápido. Sua mão fecha com força sobre meu braço.

Estou preso. Fixado. Minha cabeça começa a latejar, parecendo que vou desmaiar, e minha garganta se contrai dolorosamente.

Ele chama Drir'gen, que chega um momento depois. Seu rosto se ilumina ao me ver, parecendo vitorioso. Sei que, para ele, sou um prêmio e ele acaba de ser declarado vencedor.

“Eu assumo”, diz ele suavemente. O demônio solta meu braço. Por um breve segundo, há alívio quando o aperto na minha pele diminui.

Mas estou com muito medo de apreciar isso, e isso não dura. Quase imediatamente, a mão de Drir'gen substitui a outra, me segurando com mais força do que antes.

A sensação de mau pressentimento que paira sobre mim vem à mente, e percebo que era contra isso que estava me alertando. Agora é tarde demais para dar ouvidos à mensagem.

Drir'gen se inclina para frente, com o hálito fétido. Eu me concentro em qualquer coisa, menos nisso, tentando me enviar mentalmente para outro lugar para poder me desligar dos horrores que sei que ainda estão por vir.

Na minha cabeça, estou num campo lá em casa, cheirando as flores. O sol brilha forte em meus ombros, aquecendo-os.

E enquanto engasgo com a língua pútrida de Drir'gen em minha boca, continuo tentando me mandar de volta para lá.

ANASTASIA

HSua língua está molhada e insistente, fazendo minha pele arrepiar. Eu engasgo com a intrusão, não sentindo nenhum prazer com isso. Tudo neste momento é horrível, uma invasão que de alguma forma vai além da minha boca. Penetra profundamente em minha alma, despojando-me do breve conforto que finalmente encontrei com Volikan.

Finalmente, quando parece que não aguento mais, ele afasta a cabeça. Tenho certeza de que meu rosto mostra meu desgosto – é tudo o que consigo sentir. Mas ele não se incomoda com isso, não se importando se eu odeio ou não.

Ele quer o que quer e me quer. Meus desejos não são importantes e são irrelevantes para sua própria satisfação.

“Você não vai fugir de mim desta vez”, ele avisa com confiança, parecendo presunçoso. Ele olha para mim, tão perto que viro a cabeça só para colocar alguma distância entre nós.

Mesmo quando desvio o olhar, não consigo parar de me fixar na última visão do rosto dele. Seus lábios estavam tão babados que a imagem ficou impressa em meu cérebro, deixando-me com uma sensação nauseante que é quase o suficiente para me fazer vomitar novamente.

Ele agarra meu outro braço, me puxando bruscamente contra ele. Continuo me segurando para não ter que olhar para ele, mas é um pequeno conforto quando meu peito está pressionado contra seu corpo. Estamos tão perto que o ar não poderia nem passar entre nós, se é que ainda havia algum nesta sala.

Não tenho certeza se existe. Tudo o que consigo sentir é o fedor que emana dele, um aroma repugnante e perfumado que lembra leite estragado e fumaça velha.

“Você pode pensar que é inteligente. Eu acho que você é, para um humano. Você me evitou da última vez, com seus pequenos truques. Mas você não é mais esperto que um demônio. É uma pena que você não soubesse disso. Você poderia ter evitado muitos problemas.

Ele me empurra para trás apenas o suficiente para que eu possa vê-lo dizer suas próximas falas. Claramente, ele está aproveitando esse momento, sentindo satisfação na maneira como está me torturando. Ele não solta, mas seu aperto afrouxa um pouco. Ele está muito focado em tentar criar uma cena dramática.

“Desta vez, você é meu. Eu estaria disposto a compartilhar com Volikan, mas ele não quis jogar bem. Então, ele aprenderá o castigo pela ganância.”

Ele para, me olhando ameaçadoramente. Não consigo controlar o tremor que percorre meu corpo. Ele deve sentir isso porque sorri malévolamente com o movimento.

Eu sei que responder é um erro, mas simplesmente não consigo evitar. A questão pendente permanece no ar e tenho que fazê-la. "O que é isso?" Quase sussurro, minha voz instável confirmando meu medo.

Seu sorriso se alarga. “Você é meu brinquedo agora. Vou jogar tão duro com você que Volikan nem vai te reconhecer quando eu terminar. Vou quebrar tanto essa sua linda figura que nenhuma quantidade de magia poderá reconstruí-la. Assim que eu conseguir, Volikan poderá ter você de volta – mas mesmo ele não vai querer você.”

Ele se endireita, tentando assumir a pose mais intimidante que consegue. Não é difícil, considerando que ele é um demônio enorme. Ainda assim, posso dizer que ele está prolongando tudo o que vale a pena, querendo tornar tudo o mais horrível possível para mim.

Não se trata apenas de sexo – não quero dormir com ele, é claro, mas se isso fosse realmente o suficiente para fazê-lo ir embora, eu poderia. Mas isso só me daria uma escassa quantidade de tempo.

No final, ele sente que sou seu para punir – que ele tem todo o direito de reivindicar tudo o que lhe agrada, quer tenha merecido ou não. O fato de eu não ter desistido e ter me submetido ansiosamente logo no início foi suficiente para ter selado meu destino. Ele é meu dono – ele é dono de tudo, no que lhe diz respeito, desde que ele queira. Esse é o único requisito, em seu cérebro distorcido e presunçoso.

Aproveito sua distração, prendendo a respiração para me dar coragem. Preparando-me, movo-me rapidamente, apertando com força a parte superior do joelho entre suas

pernas. Faço contato com o alvo desejado, um golpe forte e sólido que o deixa de joelhos.

Suas mãos caem de sua posição em meus braços, protegendo a área sensível entre suas coxas que eu agora difamei. Ele geme alto, fechando os olhos com força enquanto se recupera da dor.

Por mais que doa, sei que não tenho muito tempo. Ele se recuperará e ficará duas vezes mais irritado do que antes. Seus amigos demônios já estão se aproximando de mim, prontos para assumir sua posição como meu captor.

Não há como contorná-los. Não posso sair desta sala pela porta sem ser pego novamente. Mas na minha cabeça, já planejei isso com antecedência. Ainda há um caminho de fuga que ninguém espera que eu use.

Pulo rapidamente para uma cadeira e subo na longa mesa da sala de jantar. Correndo ao longo da mesa, peço aos meus pés que me carreguem o mais rápido que puderem. Posso sentir suas mãos agarrando atrás de mim, alcançando o tecido das minhas roupas e correndo ainda mais rápido.

Com outra respiração profunda, minha mente grita para parar. Ele não gosta do que estou prestes a fazer e protesta em voz alta. Mas eu sei que é minha única escolha e engulo meus medos.

Então me jogo para fora da mesa, passando pela grande janela escura. O vidro se estilhaça ao meu redor, o tilintar soa em meus ouvidos enquanto tudo cai. Meus pés pousam graciosamente no chão e fico grato pelas pequenas maravilhas. Porque um passo em falso pode fazer tudo isso em vão.

Levanto-me, tentando ignorar a sensação de queimação que se espalha pela minha pele. Nem me preocupo em olhar, sabendo que não há tempo. Corro em direção à cidade de Ti'lith, minha única esperança no fim do túnel. A luz da cidade parece chamar por mim, assegurando-me a promessa de refúgio.

Tento me concentrar nisso e apenas nisso, embora possa sentir um líquido quente percorrendo minha pele traumatizada. Eu estou sangrando. Quão mal, não sei dizer. É uma sensação ruim, mas agora tudo parece ruim.

Meus pulmões queimam enquanto avanço, mal conseguindo absorver oxigênio. Estou me movendo mais rápido do que o resto de mim consegue acompanhar, e o ar aqui em cima já está mais rarefeito do que em casa, em Prothea. Não estou acostumado e meu corpo certamente não está preparado para a maratona em que se encontra.

Ainda assim, não há escolha. Silenciosamente, faço uma oração desconexa à Mãe, pedindo sua ajuda. Não há mais ninguém para me salvar agora.

Volikan ficará bem quando finalmente acordar. Drir'gen está atrás de mim, não dele. Ele apenas nocauteou Volikan para tirá-lo do caminho, mas não tem nenhuma intenção real de prejudicá-lo. Volikan foi simplesmente um obstáculo, impedindo-o de chegar até mim.

Mas se eles me pegarem, não estarei. As ameaças de Drir'gen eram prova suficiente disso. Ele não deixará nada para trás, exceto restos que nem mesmo ele tem utilidade.

Finalmente estou longe o suficiente para que a comoção dos demônios que me perseguem tenha cessado, até mesmo os gritos estrondosos e raivosos de Drir'gen. O portão está se aproximando e estou quase lá. Pela primeira vez, a esperança começa a florescer dentro de mim, acreditando que conseguirei.

E então vejo os portões começando a se fechar. A noite está caindo e Ti'lith está fechando. É uma tradição todas as noites, mais para manter os animais selvagens afastados do que qualquer outra coisa.

Só que desta vez isso vai *me manter* fora. Cavo fundo, extraindo poder de algum lugar invisível que eu não sabia que tinha dentro de mim. Com um último empurrão, acelero o passo, esgueirando-me no momento em que o portão se fecha. Minha saia fica presa na trava atrás de mim, ilustrando o quão perto eu realmente cheguei.

Eu me inclino, apoiando as mãos nos joelhos enquanto recupero o fôlego. Quando me recupero o suficiente para pelo menos continuar me movendo, reúno forças para puxar meu vestido. A princípio ele se recusa a ceder e considero simplesmente desistir. Eu poderia ficar aqui, no chão, até de manhã. Até que alguém me encontre.

Mas então percebo que isso seria um erro. Eu provavelmente congelaria aqui se não sangrasse até a morte primeiro. Preciso de ajuda e atenção médica. Então, aperto ainda

mais o tecido, ignorando a dor lancinante que vem dos múltiplos cortes na palma da minha mão, e puxo até que ele finalmente se solte.

Com meu vestido agora em farrapos, olho ao redor. *E agora?* Eu tento decidir. A cidade está quieta, todos provavelmente já estão em segurança em suas casas para passar a noite.

Mancando, procuro nas ruas por algo familiar. Não posso simplesmente entrar em qualquer casa aleatoriamente, pois posso me encontrar em uma situação tão perigosa quanto aquela de onde acabei de sair. Afinal, os demônios não são conhecidos por sua bondade para com os humanos. Drir'gen não é exceção à regra, Volikan é.

Onde encontro um demônio capaz de ter empatia por um humano? Será que tal coisa existe? Eu me pergunto. Eu decido que deve. Se Volikan conseguiu encontrar isso dentro de si, certamente outra pessoa também conseguirá.

Mas como saber em quem confiar? Examino a rua longa e interminável, perplexa. Então começo a fazer outra oração à Mãe, pedindo sua orientação.

Uma luz acende, iluminando uma mansão alta logo à frente. Eu manco para frente, encorajado pelo sinal. Subindo os degraus com dificuldade, quase estremeço ao ouvir o eco alto da minha própria batida na porta.

Tento afastar o medo do que quer que me espere do outro lado. *Não há nada para ter medo*, digo a mim mesmo. *Certamente a Mãe não me orientaria mal.*

VOLIKAN

EU acordei assustado, minha mente já estava girando. Lembro-me exatamente do que aconteceu e de onde parei antes de perder a consciência. Ele não me bateu com força suficiente para tirar isso da minha cabeça.

Levanto-me lentamente, meus braços em uma postura defensiva. “Seu bastardo,” murmuro, olhando em volta. Estou preparado para lutar, caso Drir'gen ainda esteja aqui. Girando pela cozinha, percebo que estou sozinho.

Imediatamente noto o silêncio da casa. Não há barulho para me alertar sobre o paradeiro dela ou de Drir'gen. Isso me enche de uma sensação de mau presságio. Suponho que seja melhor do que acordar com os gritos dela, mas por pouco. De alguma forma, isso parece mais assustador – não sei o que aconteceu.

Saio da cozinha para a sala de estar. Ninguém está lá também. Eu me pergunto há quanto tempo estou fora. Olhando pela janela, posso ver que agora está escuro.

A casa está uma bagunça, mas isso mal é percebido no meu estado frenético. Tudo ao meu redor parece estar girando. Procuro atordoado, procurando por qualquer coisa que possa me dar uma pista sobre sua localização.

Parece impossível, com tudo jogado de um lado para o outro de forma tão descuidada. Não consigo separar o que está fora do lugar porque tudo está fora do lugar. Mesmo assim, continuo procurando qualquer sinal dela. Encontrá-la é mais importante do que encontrar Drir'gen, embora eu pretenda fazer isso também.

E quando eu o encontrar, vou matá-lo. Se ele fez alguma coisa com minha preciosa Anastasia... meu rosto escurece com o pensamento. Meus medos são horríveis demais para serem enfrentados e tento não me concentrar nas possibilidades que surgem instantaneamente na mente.

Em vez disso, penso na minha vingança. Eu vou matá-lo, com sangue gilak ou não. Não há dúvida sobre isso. Claramente, eu deveria ter feito isso da última vez.

Se ele a machucar, usarei a porra da pele dele.

Posso sentir o furioso dentro de mim implorando para sair. Ele uiva bem dentro de mim, exigindo ser liberado. Quer sangue, quer vingança.

Quer queimar tudo.

É tentador deixar isso acontecer, enquanto examino os destroços da nossa casa. *Nossa casa*, repito para mim mesmo, me sentindo atordoada. A casa é dela também, mesmo que eu nunca tenha dito isso em voz alta antes.

E a perda da nossa casa não é nada comparada com a perda dela. Eu me esforço muito para manter meu autocontrole, lutando contra meu lado furioso o tempo todo.

Porque ainda não a perdi, lembro a mim mesmo. Não sei onde ela está e ainda há uma chance de salvá-la. Mas não se eu me perder na minha escuridão.

É quando chego à sala de jantar que fica claro que fiz a escolha certa. O buraco onde antes ficava a janela revela a luta que ocorreu aqui. O vidro foi empurrado para fora, não para dentro, o que sugere que algo – ou alguém – saiu pela janela.

O cheiro do sangue dela flutua sob meu nariz e percebo, horrorizado, que ela pode ter sido quem quebrou a janela. Subo na mesa e sigo o cheiro imediatamente através da moldura quebrada da janela do lado de fora.

É ainda mais forte aqui, o que me diz várias coisas importantes. Ela não estava sangrando em casa. Ela está ferida e isso deve ter acontecido quando ela fugiu. Mas se ela conseguiu fugir, ainda há esperança.

Ela pode estar por aí, em algum lugar, e precisa da minha ajuda. A minha vingança e o assassinato de Drir'gen terão de esperar. Pelo menos por enquanto, porque o mais importante é Anastasia.

Pelo que sei, ela está sangrando em algum lugar agora. O cheiro é forte e, ao olhar para os cacos de vidro espalhados pelo quintal, vejo pequenos vislumbres do sangue vermelho dela, seco nos fragmentos pontiagudos.

Tanto vidro poderia tê-la feito em pedaços. Preciso encontrá-la, antes que seja tarde demais. “Se ainda não estiver.” O medo escapa. Eu sufoco, não estou disposta a ouvir.

Estou orgulhoso dela, por ser corajosa e inteligente o suficiente para fazer algo tão drástico. E, ao mesmo tempo, estou furioso por ela ter feito isso.

Pelo menos há uma trilha para eu seguir. Eu faço isso, treinando meu nariz em direção ao cheiro. É extremamente fácil, e tento não pensar em quanto sangue ela deve ter perdido.

Em vez disso, tento me convencer de que é um reflexo dos meus próprios sentidos aguçados. É mais fácil assim. Mas o cheiro nunca diminui, me dizendo que ela devia estar sangrando o tempo todo.

A cidade de Ti'lith fica cada vez maior à medida que me aproximo, e logo fica claro para mim que foi para lá que ela deve ter ido. É bastante lógico, e melhor do que pensar nela vagando pelo campo perto de nossa casa, perdida e desorientada.

Há uma chance, pelo menos, de que em Ti'lith ela já tenha recebido ajuda. Embora seja improvável que os demônios que residem na cidade levem a sério a situação de um humano, pelo menos é de conhecimento geral agora que o rei gostaria que eles fossem poupados.

Seus planos para procriar com mulheres humanas são bem conhecidos, e ninguém iria querer irritar o Rei ao vê-la morrer. Eles fariam, pelo menos, o mínimo para mantê-la viva. É um pequeno consolo, mas pelo menos é alguma coisa.

Sigo em direção aos portões da cidade, percebendo que eles estão trancados durante a noite. Isso só me dá uma pausa, preocupada que ela possa ter sido rejeitada. Mas meu nariz está convencido de que ela passou de alguma forma. Ela está do outro lado, na cidade, disso eu tenho certeza.

Quanto a mim, o portão não representa nenhum problema. Não é forte o suficiente para manter muita coisa do lado de fora, e significa mais para deter os animais selvagens do que qualquer ameaça ou invasão real. Considerando que flutuamos acima do resto de Prothea em segredo quase total, há pouca força externa com a qual devemos nos preocupar.

Com um pouco de força mágica, o portão me permite passar. Ao fazer isso, meus olhos se deparam com o pedaço de tecido preso na trava. Reconheço-o imediatamente, mas mesmo assim inclino-me para a frente para cheirar.

Estou impressionado com o cheiro dela, o que confirma o que eu já sabia. Este é um pedaço do vestido dela. Estou em conflito, sem saber se estou feliz ou consternado.

Embora seja finalmente uma evidência sólida, algo tangível que prova que ela estava aqui, o estado em que ela deve ter chegado me preocupa.

Eu sigo em frente, não tendo tempo para me preocupar com isso agora. Encontrá-la e ter certeza de que ela está bem é o objetivo principal. Farei o que for preciso, quando ela estiver em meus braços, para compensar tudo o que ela passou.

Concentro-me mais uma vez, seguindo o cheiro dela pela cidade. Demora mais do que eu esperava e paro várias vezes para questionar meu julgamento. Não sei por que ela caminhou tanto, em vez de parar em uma casa perto do portão.

Não consigo decidir se é um bom ou mau sinal. Pelo menos se ela caminhou até aqui, significa que ela era capaz disso. E, no entanto, parece um curso de ação estranho e não posso deixar de me preocupar com o estado dela. Ela estava confusa? Delirante?

Mas não importa quantas vezes eu pare, meu nariz tem certeza de que estou indo no caminho certo. Não cometi um erro – ela realmente viajou assim, por qualquer motivo. Pode não fazer sentido para mim agora, mas esse não é o ponto.

“Eu vou encontrar você”, prometo a ela.

Finalmente, meu nariz me leva a uma mansão alta e imponente. É bastante elegante, uma bela casa. Quem quer que viva aqui é certamente privilegiado, um pouco melhor do que os demônios comuns de classe baixa como eu.

A única razão pela qual sou favorecido pelo Rei o suficiente para conseguir uma companhia como Anastasia é por causa da minha habilidade em batalha. Nasci como ninguém, mas lutei pelo rei o tempo suficiente para chamar sua atenção ao longo dos anos.

Mesmo agora, isso veio quase como uma reflexão tardia. Um agradecimento que ele sentiu que eu merecia, porque estive ao seu lado em muitos eventos significativos. Eu estive lá para a libertação de Ti'lith e para o ataque a Prothea. Suponho que se poderia argumentar que, sem mim, poderíamos não ter nenhuma das mulheres.

E foi por isso que o Rei me deu Anastasia. Não vim do dinheiro ou do poder, como deve fazer quem vive aqui.

Faço uma pausa, olhando para a mansão mais uma vez. Ocorre-me que algo sobre isso parece familiar, e então me ocorre. Meu sangue gela quando a última peça do quebra-cabeça se encaixa.

Eu sei quem mora aqui. E se eles tiverem Anastasia, talvez eu nunca a recupere nesse ritmo.

VOLIKAN

EU suspiro, olhando para a pesada porta de madeira. Para ela ter acabado aqui, entre todos os lugares.

Mas então respiro fundo, seguindo em frente. Não posso abandonar minha missão agora, mesmo que não queira ver o que me espera lá dentro. Tenho a sensação de que não será bom – mas preciso de Anastasia de volta. Essa é a coisa mais importante, muito mais significativa do que o meu próprio orgulho ou reputação.

Bato com força na porta, exigindo a atenção deles. Estou aqui pelo meu companheiro e não serei rejeitado. Bato persistentemente, sem parar até que alguém finalmente atende. Um servo elfo negro abre a porta, já parecendo irritado. Suponho que a quantidade de comoção que causei poderia explicar a expressão, mas ainda assim me incomoda. Não gosto de ser tratado com desdém por um elfo negro, entre todas as coisas.

Tento esconder minha irritação, sabendo que preciso da ajuda dele. Começar uma briga, embora seja fácil para mim, não é o curso de ação correto. Agora não.

Mas eu não adoraria tirar aquele olhar condescendente de seu estúpido rosto de elfo?

Observo brevemente que ele está usando o colar típico dos servos élficos, sugerindo que sua magia está sendo restringida. Ele é o mais baixo dos baixos, mas ainda ousa zombar de mim. “O que você quer, volvath?” ele exige.

Minha pele arrepia instantaneamente e posso sentir minha pressão arterial subindo. Há uma névoa começando a tomar conta da minha mente, incitando-me à violência. É preciso tudo o que tenho para me controlar.

Eu imagino Anastasia. A maior motivação para permanecer lúcido. Posso sentir meu pulso lento, a sensibilidade vencendo.

“Eu quero meu companheiro,” eu exijo. “Eu a rastreei até aqui e sei que ela está lá dentro. Devolva-a.

“Talvez você devesse ter mais cuidado com suas coisas”, ele zomba.

Meu punho se fecha e mal consigo resistir à atração da violência. Como ousa um elfo negro responder a um demônio? E eu, particularmente?

Não sou ninguém – sou um dos guerreiros favoritos do rei! Ele pode trabalhar para uma família demoníaca rica e importante; alguém cujo status substitui o meu. Mas isso não faz dele nenhuma dessas coisas.

Ele é um servo e, pior ainda, um elfo negro. Ele faria bem em lembrar sua posição. Em quaisquer outras circunstâncias, eu ficaria feliz em lembrá-lo disso.

Uma mulher humana interrompe meus pensamentos, descendo as escadas com elegância. Sua saia longa balança a cada passo, anunciando sua entrada. Ela se move com precisão e calma, mas seu rosto parece severo e sensato.

No final da escada, ela se vira para mim. Ela chega perto o suficiente para deixar claro que não hesita – ela não tem medo de mim. Sua ousadia me pega desprevenido, pois poucos humanos ousariam se aproximar de mim de forma tão descarada.

Ela está ao lado de seu elfo, bloqueando minha entrada pela porta. Então ela olha para mim com tempestuosos olhos cinzentos, um desafio tácito dentro deles. “Você pode ir, Conall,” ela diz friamente, seu olhar nunca desviando do meu.

O elfo não se preocupa em questioná-la, simplesmente balança a cabeça e vai embora. Estou quase sem palavras, pois ela não apenas estaria disposta a ficar sozinha comigo, mas realmente solicitaria isso. Este humano não tem sentido?

Mesmo quando restamos apenas nós dois, ela não recua. Na verdade, ela não parece nem um pouco intimidada. Embora ela seja uma mulher pequena e abandonada, ela contrai os ombros como se achasse que seu tamanho combina com o meu.

Estreitando os olhos cinzentos, ela continua a me encarar. Há uma animosidade aí que não consigo entender – não só não sei o que fiz para merecer isso, mas também não posso acreditar que um humano seria tão corajoso a ponto de tornar isso tão transparente. Eu poderia quebrá-la ao meio, e ela se atreveria a olhar para mim com desprezo!

Inabalável, ela balança a cabeça em desgosto. Seu cabelo loiro curto farfalha com o movimento. “Não acredito que você teve coragem de aparecer aqui depois do que fez”, declara ela, sem fazer nenhum esforço para esconder o desprezo em sua voz.

Eu deveria ficar furioso por ser tratado dessa maneira. Talvez em alguns momentos eu esteja. Mas, por enquanto, estou sinceramente pasmo. Por que essa mulher me odeia

tanto e o que ela pensa que eu fiz? Eu simplesmente vim resgatar minha companheira, o que não é um ato digno de desprezo.

“Quero ver o príncipe”, decido, percebendo que não adianta discutir com ela. Talvez ela esteja um pouco louca, ou emocionada, ou com a cabeça lenta. Os humanos podem ser criaturas inconstantes, imprevisíveis e sensíveis.

Seja qual for o problema com ela, é inútil continuar perdendo meu tempo aqui quando posso falar diretamente com o príncipe. Ele é um companheiro demônio, capaz de raciocinar. Ele entenderá meu propósito em vir aqui, mesmo que ela não consiga.

Seus olhos brilham para mim furiosamente e eu franzo a testa. Não posso nem solicitar uma audiência com o príncipe agora? Nada agradará esta mulher?

E então, antes que eu possa oferecer qualquer outro argumento, a porta é batida abruptamente na minha cara.

Eu olho para ele em estado de choque, sentindo a raiva crescendo dentro de mim. Não sou do tipo paciente, e eles têm sorte de eu ter mantido a calma por tanto tempo. Isto é, sem dúvida, um passo longe demais, e estou tentado a devastar a maldita casa inteira pelo tratamento que dispensaram a mim.

Minha raiva fervendo abaixo da superfície, eu tento o meu melhor para deixar isso me levar até certo ponto. Eu tentei da maneira educada e não funcionou. Eu sei que não posso ficar totalmente furioso, não importa o quanto eu queira.

Deve haver um meio-termo, onde eu encontre uma maneira de exigir que me reconheçam sem perder todo o controle. Estou aqui por Anastasia e não serei deixado de lado.

Arranco a porta das dobradiças, forçando a entrada. A mulher humana não parece assustada e não sai da porta. Em vez disso, ela apenas bate os pés enquanto eu entro, parecendo frustrada.

“Você não pode estar aqui!” Ela grita. “Eu mandei você uma vez e farei isso de novo!” Ela levanta as mangas do vestido e coloca as duas mãos no meu braço. Grunhindo, ela empurra com toda a força, como se acreditasse que pode me forçar a sair pela porta sozinha.

Mais uma vez, encontro um pouco da minha fúria se dissipando, substituída por um sentimento incrédulo de descrença. É quase difícil manter um nível tão intenso de raiva, quando seu principal inimigo é uma pessoa tão ridícula e bizarra. O que essa mulher pensa que está fazendo?

“Laura.” Uma voz suave e calma interrompe nosso estranho confronto. Ela me solta, seu rosto se contorcendo em uma carranca, e nós dois nos viramos para encarar a fonte. O Príncipe Rej'thorek está descendo a mesma escada que a mulher desceu momentos antes.

“Volikan.” Ele me cumprimenta em seguida. A voz dele é mais fria, direcionada para mim, do que para ela. “O que você está fazendo aqui?”

“Estou aqui pelo meu companheiro”, tento novamente, esperando finalmente estar falando com alguém com bom senso. A mulher bate os pés novamente. “Você não pode tê-la. Você nem mesmo a merece! ela estala.

Essas palavras estão quase no ponto de ruptura que me leva ao limite. Minha visão começa a ficar turva, vendo o vermelho, e posso me sentir girando enquanto o furioso dentro de mim anseia por sair. O príncipe, felizmente, põe fim a isso com um apelo firme mas exigente. “Volikan!”

Balanço a cabeça, saindo dali na hora certa. O príncipe não é tão assustador quanto o pai, mas ainda tem uma presença e uma aura que exige respeito. Ele sabe como fazer uma sala parar – ou um guerreiro meio enlouquecido, quando necessário.

Eu poderia lutar contra a mulher, é claro. Não tenho certeza se me sentiria mal por isso, pelo jeito que ela tem me pressionado. Muito parecido com seu pequeno servo, ela faria bem em lembrar que não sou insignificante. Talvez ela se lembre de aplicar algum respeito ao meu nome, com um pouco de correção física.

Mas ela é a humana do Príncipe. Se eu a machucar, terei que responder a ele. E essa será uma luta que não posso vencer, pois ele tem o poder de todo o reino demoníaco atrás dele.

Não posso nem lançar calúnias sobre ele por isso. Porque se alguém machucasse minha Anastasia, teria que me responder da mesma forma.

Posso não entender por que ele defende essa mulher pequena, estridente e desagradável, mas entendo como é se entrelaçar tão completamente com o bem-estar de um ser humano que você faria qualquer coisa para protegê-lo.

Pelo menos, eu faço agora.

“Estou aqui para uma audiência com o Príncipe. Não vou sair sem ser correspondido.”

"Você não vai?" ele responde, levantando uma sobrancelha com ceticismo.

“Não”, respondo com força. O tom da minha voz não deixa dúvidas de que estou falando sério.

Ele me olha por um momento, considerando. Por fim, ele solta um suspiro irritado, sem fazer nenhum esforço para esconder. "Multar. Você terá seu público.”

Aquela que ele chamava de Laura se vira para olhar para cima, com as mãos nos quadris. Ele combina a expressão de frustração dela com a sua, mais sutilmente enojada. Então ele encolhe os ombros, como se estivesse se desculpando.

Mas eu não me importo com nada disso, se isso significa que estou um passo mais perto de Anastasia.

VOLIKAN

TO príncipe me leva pessoalmente até a varanda. Sua companheira Laura segue logo atrás dele, inserindo-se entre nós como se quisesse provar que sua posição aqui supera a minha.

Ela é humana, mas é companheira dele e esta é a casa dela. Isso me irrita um pouco, mas escolho ignorar. Ela não está errada, eu sou apenas um convidado aqui, mas não consigo entender por que ela está tão determinada a expor isso.

Desde o início, ela se opôs a mim em cada passo. Ela não hesitou em esconder seu aborrecimento pelo fato de o príncipe ter concordado em falar comigo. Mas estou aqui apenas para recuperar minha própria companheira e não consigo entender por que ela está tão antagonizada com isso.

Na porta da varanda, o Príncipe vira-se para Laura com um sorriso gentil. Ele coloca uma mão em cada cotovelo dela, puxando-a para um beijo carinhoso.

A troca é tão doce e saudável que de repente fico cheio de inveja dos dois. Isso abre minha ferida ainda mais fundo, fazendo com que a dor que sinto por não ter Anastasia aqui comigo ressoe profundamente em meus ossos.

Laura se afasta do beijo, virando os olhos incisivamente para mim. Sua expressão está cheia de julgamento, um desafio tácito em seus olhos. *É assim que você deve tratar um companheiro*, ela parece dizer.

De repente, me ocorre o que significa sua atitude contenciosa. Eles estão escondendo Anastasia de mim porque acham que eu causei os ferimentos dela. Ela é uma mulher humana, defendendo uma das suas contra o monstro que ela acredita ter abusado dela. É quase dolorosamente desconfortável perceber que respeito isso nela. Essa Laura tem sido uma pedra no meu sapato, mas por razões tão nobres que acho difícil culpá-la. Eu não gostaria de nada menos que Anastasia, exceto que eles acusaram a parte errada.

“Você está dispensada, Laura”, diz ele, gentilmente, mas com firmeza. Sua boca se abre de surpresa e seu rosto fica vermelho. Percebo que ela está pronta para discutir e me sinto quase culpado. Por mais que eu admire a sua dedicação a Anastasia, ninguém –

nem mesmo um companheiro – pode responder ao Príncipe com uma audiência presente.

Minha mente está girando, tentando pensar em alguma maneira de contornar o problema. Quero tranquilizá-la de que tenho apenas as melhores intenções; que ela não precisa defender Anastasia para mim.

Mas Laura parece pensar melhor. Sua boca se fecha e ela apenas balança a cabeça rigidamente. O Príncipe oferece-lhe um último beijo reconfortante e ela relaxa ao seu toque.

Aparentemente satisfeita por ele poder lidar com isso, ela se vira para nos deixar conforme as instruções. Mas ela lança um último olhar desdenhoso em minha direção, deixando aparente seu desgosto.

Estou em conflito, ao mesmo tempo irritado com o tratamento dela e, de alguma forma, também grato por sua proteção. Não quero mais discutir com ela – só quero que o mal-entendido seja esclarecido.

Eu não machuquei Anastasia. Drir'gen fez isso, e tenho toda a intenção de fazer um traje com a pele dele como vingança. Embora, pelo que parece, essa Laura possa estar vindo para ajudar.

O Príncipe me leva até a varanda, apontando para um assento. Ele reivindica um para si, e espero que ele se sente antes de seguir seu exemplo. Então ele se inclina para frente, apoiando os braços nos joelhos.

Uma das coisas mais difíceis que já fiz foi esperar pacientemente ser convidado para falar. Falar fora do lugar na frente de um membro da família real é uma violação significativa de conduta. Eu já abusei da sorte forçando meu caminho até aqui, e agora que estou tão perto de Anastasia, não me atrevo a correr o risco de ser rejeitado.

Ainda assim, todo o meu corpo fica tenso enquanto mal resisto à vontade de deixar escapar tudo. Meu coração está batendo ansiosamente, desesperado para começar a trabalhar. Felizmente, ele não me faz esperar muito. “Você tem seu público”, ele ressalta secamente. “Diga o que pensa.”

Não hesito mais, explicando freneticamente tudo o que aconteceu. Em qualquer outro estado, eu ficaria constrangido com a forma como estou balbuciando. Mas minha mente

está a mil por hora, e tudo o que posso fazer é conseguir pronunciar as palavras, por mais desconexas que sejam.

Ele balança a cabeça pacientemente, indicando que de alguma forma está conseguindo seguir as palavras que saem violentamente. “Quando vi o vidro quebrado, percebi que ela havia conseguido escapar de alguma forma. Eu queria, é claro, encontrá-la e ter certeza de que ela seria bem cuidada. Eu não consegui mantê-la segura, algo de que me arrependerei todos os dias pelo resto da minha vida. Mas tive que fazer tudo o que pude para consertar.”

Ele balança a cabeça silenciosamente novamente, olhando para mim com uma expressão estóica que não consigo entender. Continuo, torcendo desesperadamente para conseguir influenciá-lo.

“Eu sabia que ela estava ferida porque pude sentir o cheiro de seu sangue. Segui o cheiro até aqui, e é por isso que me recusei a ser dispensado. Eu sei que você a tem em algum lugar aqui e preciso saber...”

Ele olha para mim bruscamente. “Você precisa saber o quê?”

“Que ela está bem”, deixo escapar, sentindo-me impotente e frustrada. “Você sabe como é saber que algo terrível aconteceu com seu companheiro? Preocupar-se com a possibilidade de tê-los perdido para sempre, com a possibilidade de que eles possam até estar mortos? E então, para a única pessoa que pode deixar sua mente tranquila simplesmente te deixar de lado? Pelo menos me diga que ela está viva! Eu imploro.

Ele limpa a garganta, sentando-se afetadamente. “Ela está viva”, ele admite. “Como você sabe, ela chegou aqui ferida. Ela está sendo cuidada para garantir que ela permaneça viva.”

Meu sangue gela com sua resposta calculada. Ele ofereceu apenas uma resposta esfarrapada, e não posso deixar de me perguntar por que ele está sendo tão reservado com suas informações. Certamente ele poderia fazer mais para acalmar minha mente.

“Eu posso vê-la?” Eu pergunto. Há uma qualidade estranha e suplicante em minha voz, algo que nunca ouvi antes.

Ele balança a cabeça com firmeza. “Não. Ela não receberá visitantes neste momento. Seu público está limitado a mim, sozinho.”

Não consigo me livrar da sensação de pavor que sinto cada vez que ele fala. Se tudo estivesse bem, ele diria isso imediatamente, não é? Ele apenas concordará que ela está viva e pouco mais.

Ele nem me deixa vê-la, para testemunhar pessoalmente sua condição. *Isso não pode ser um bom sinal*, eu decido.

Drir'gen e seus amigos conseguiram fazer o que queriam com ela antes que ela finalmente escapasse? Até que ponto eles a machucaram e que danos causaram?

Estou tomado por um terror que nunca senti antes, imaginando as piores possibilidades. Não há nada que me ancora, nada que me garanta que não pode ser tão ruim quanto penso. A única pessoa que poderia dizer essas palavras está recusando veementemente.

Talvez seja ainda pior do que penso.

“Vou levá-la para casa”, tento. “Agradeço imensamente sua ajuda até aqui e estou eternamente em dívida com você. Mas agora que estou aqui, farei o que ela precisar. Em nossa própria casa.

Ele balança a cabeça novamente, sem sequer considerar isso. De repente, me ocorre que talvez Anastasia esteja se recusando a ir. Ele disse que ela não aceitava visitas – isso foi ideia dele ou dela?

Ela é incapaz de me perdoar por não protegê-la? Era meu trabalho mantê-la segura e falhei terrivelmente com ela. Eu realmente não posso culpá-la, se for o caso. Eu também não consigo me perdoar.

“Quero levá-la para casa”, tento novamente. As palavras saltam em meu crânio, ecoando. Eu nem sei por que me preocupo em dizê-las novamente. Quero levá-la para casa, mas mereço?

O Príncipe me olha e, finalmente, vejo um leve lampejo de compaixão. Mas ele não foge de seu comportamento reservado. Ele está acostumado demais a fazer escolhas difíceis para ser influenciado por um idiota patético e apaixonado como eu.

“Antes de prosseguirmos de qualquer maneira, precisarei confirmar com o humano. Se a versão dela dos acontecimentos o retratar como o agressor – mesmo que você simplesmente se recoste e deixe Drir'gen fazer o que quer com ela – então você será

imediatamente escoltado sem nenhum contato adicional. Não tolerarei engano e manipulação”, alerta.

Concordo com a cabeça entorpecida, sem saber o que mais fazer. Eu sei que estou dizendo a verdade, é claro, então a ameaça dele não me preocupa.

“Mas,” ele continua, levantando-se abruptamente. Eu também me levanto, uma demonstração tradicional de respeito. “Se ela confirmar que Drir'gen é a razão pela qual ela apareceu aqui no estado em que apareceu, então eu pessoalmente ajudarei você a corrigir o erro.”

Há uma gravidade em seu olhar aguçado e eu imediatamente li nas entrelinhas.

Ele quer que Anastasia confirme que Drir'gen é o culpado. Assim que ela o fizer, o assunto será prontamente resolvido.

Para ser franco, vou matar Drir'gen. E não será Laura quem vai pedir ajuda como pensei.

O Príncipe é.

ANASTASIA

EU acordei em um quarto estranho, todo o meu corpo se sentindo despedaçado. Embora o ambiente ao meu redor não seja familiar, estou com muita dor para me preocupar com isso agora. Minha mente está muito grogue, minhas dores são muito agudas e pronunciadas para serem esquecidas.

Se eu estiver em território hostil, suponho que morrerei. No momento, isso não parece tão terrível. Eu só quero que a dor pare.

Enquanto meus olhos percorrem a sala, ouço um movimento ao meu lado. De repente, o rosto preocupado de Laura se inclina sobre a minha cama. Eu sorrio, embora mesmo esse pequeno movimento cause uma nova onda de dor.

Lágrimas brotam dos meus olhos ao ver um amigo familiar. A Mãe me guiou até aqui, entre todos os lugares. Claramente, ela foi deliberada em suas ações. Mesmo para uma divindade abençoada, estou surpreso com a grandeza de Seu cuidado.

Uma sensação de alívio toma conta de mim, sabendo que não preciso mais me preocupar. Não vou morrer aqui e não preciso me preocupar com o medo de mais torturas. Aos cuidados de Laura, vou ficar bem.

Isso não tira a dor que sinto agora. Mas isso amortece um pouco, faz com que pareça mais administrável. Eu só tenho que trabalhar duro até me recuperar e recuperar minhas forças.

"Está com fome?" Laura pergunta gentilmente. "Tenho café da manhã pronto para você."

Sem esperar por uma resposta, ela se vira para pegar uma bandeja no aparador do meu quarto. Já vem preparado, recheado com uma rica variedade de alimentos. Sinto uma pontada de arrependimento por seus esforços, sabendo que é mais do que posso comer na minha condição atual.

Mas estou com fome e animado com a perspectiva de ter comida com o estômago vazio. Enquanto ela carrega a bandeja, deixo meus olhos percorrerem meu corpo, avaliando minha condição.

Não consigo ver o que há debaixo do cobertor, mas tudo parece estar intacto. Meus membros estão todos aqui e nada parece quebrado. Eu teria que tirar as cobertas para fazer um exame mais aprofundado, e a ideia de tanto movimento me enche de pavor.

Por enquanto, me contento em me preocupar com as partes de mim que posso ver. Estou coberto de bandagens, mas do tipo leve que é usado para curar a pele. Não sinto gesso pesado ou torniquete, o que indica um problema mais permanente.

Imagino que minha dor seja causada por diversos arranhões, arranhões e hematomas. Talvez uma torção, em algum lugar. Nada que não desapareça, com tempo e descanso suficientes.

Soltei um suspiro de alívio, sentindo o som ressoar dolorosamente nas minhas costelas machucadas. Eu estremeço, tomando nota para não fazer isso novamente. Ela segura a bandeja sobre a cama, olhando para mim com uma expressão questionadora e simpática.

“Estou bem”, asseguro a ela, falando devagar para não irritar meu queixo. Parece machucado e inchado. “Dolorido, mas tudo bem. Ótimo, eu acho, agora que você está aqui.

Ela sorri para mim com ternura, arrumando cuidadosamente a bandeja no meu colo. “Fiquei com tanto medo quando você apareceu na nossa porta”, ela admite. “Mas estou tão feliz que você fez isso. Se você tivesse que estar em algum lugar, em sua condição, este era o lugar para estar. Temos acesso a tudo de melhor e você estará resolvido na hora”, promete.

“É tudo graças aos Sete,” eu a informo. “Eles me trouxeram até aqui.” Começo a pegar pedaços de frutas macias da bandeja, do tipo que será mais fácil de mastigar.

Laura me olha em silêncio, mas não responde. Suspeito que ela não tenha com os Sete o mesmo relacionamento que eu, o que não me é estranho. Conheci muitos que não conseguem ver a sua orientação, em grande parte porque não conseguem abrir os olhos para ela. Está ao nosso redor, basta olhar.

Ela limpa a garganta, mudando de assunto. Não prossigo mais minha linha de pensamento. Apesar de ser um servo dedicado, odeio fazer proselitismo. A Mãe se dá a conhecer a quem está preparado e não cabe a mim mudar a opinião de ninguém.

“Um demônio veio te visitar”, ela começa hesitante. “Nós o adiamos, por enquanto, porque não tínhamos certeza se você queria vê-lo. Pelo que sabemos, foi ele quem fez isso com você, e certamente não iríamos deixá-lo chegar perto de você novamente.

Nas primeiras palavras dela, sinto meu coração disparar, pensando em Volikan. Mas então, enquanto ela continua, me ocorre que seu instinto pode estar certo. E se for Drir'gen tentando terminar o que começou?

Meu coração bate nervosamente enquanto peço esclarecimentos, tentando decidir se estou muito feliz ou com náuseas. "Qual é o nome dele?" Eu toco um pedaço de fruta ansiosamente, incapaz de comer mais até que ela responda.

“Volikan”, ela confirma. Meu corpo tenso relaxa. Uma dor surda se espalha por mim, mas estou muito focada em meus pensamentos para dar mais do que um aviso passageiro.

“Ele é bom”, confirmo, começando a chorar ao ouvir seu nome. Por mais feliz que eu esteja por Laura estar aqui para me salvar, tudo que eu realmente quero é voltar para casa com ele. Vêm à mente imagens que reproduzem meu trauma diante dos meus olhos.

“Ele sempre foi bom comigo”, enfatizo com urgência, vendo a hesitação em seus olhos.

“Foram outros que tentaram me machucar e me tirar dele. Fiquei feliz lá. Ele fez o possível para lutar contra Drir'gen uma vez, mas depois voltou.

A mandíbula de Laura se aperta, com força. Ela me dá uma expressão dura e dura, examinando meu rosto. "Tem certeza?" ela responde. Sua voz é firme, como se estivesse exigindo a verdade.

Mas eu falei a minha verdade. Tento enxugar meus olhos marejados, estremecendo quando meus dedos roçam meu rosto delicado, esbarrando em cortes e hematomas que não consigo ver. "Sim. Volikan é muito bom." Sai como um sussurro, sério, mas suave.

Laura suaviza. Virando-se para pegar um lenço, ela se senta na beira da minha cama. Enquanto ela gentilmente enxuga meu rosto, um pensamento me ocorre.

"Ele está bem? Onde ele está agora?"

“Ele está aqui”, ela admite. “Ele se recusou a sair, apesar de não termos permitido que ele visse você. Ele disse que esperaria.

Prendo a respiração, ignorando a dor que surge em minhas costelas. “Mande-o entrar,” exijo, começando a me sentir tonta. “Eu quero vê-lo.”

“Anastasia, você tem certeza?” ela diz, repetindo sua dúvida anterior.

“Sim”, eu digo, minha voz estranhamente assertiva. Não posso deixar de sorrir com a perspectiva. Ela parece notar meu comportamento e também sorri um pouco. Suspirando bem humorada, ela finalmente se levanta.

“Tudo bem”, ela concorda. “Vou buscá-lo.”

Enquanto espero, olho para minha bandeja de comida. Eu sei que deveria comer mais, mas simplesmente não consigo me controlar. Estou muito nervoso enquanto espero para ver Volikan, uma alegria desconhecida enchendo meu peito e não deixando espaço para comida.

Ouçõ seus passos pesados subindo as escadas, praticamente correndo na ânsia de me ver. Então ele enfia a cabeça na porta do meu quarto, parecendo culpado e envergonhado.

Seu rosto muda quando ele coloca os olhos em mim, uma mistura confusa de preocupação e alegria em guerra em suas feições. A culpa em seus olhos permanece. Ele se move lentamente para ficar ao lado da minha cama, parecendo incerto.

“Volikan,” eu respiro, sentindo-me subitamente atordoado ao vê-lo. “Beije-me,” eu exijo.

Ele parece surpreso com meu pedido. “Você está certo?”

“Estamos separados há horas”, insisto. “Você me deve uma.”

Ele se inclina, gentilmente segurando meu queixo enquanto dá o beijo mais terno e comovente que já tive. Posso sentir minha alma estremecer em resposta, sentindo seu cuidado.

“Eu devo a você mais do que isso”, ele admite enquanto se afasta, parecendo arrependido. Ele cai de joelhos ao lado da minha cama, uma mão afastando amorosamente meu cabelo do rosto. Seu olhar percorre meu corpo, avaliando minha condição.

Enquanto ele olha, posso ver um músculo em sua mandíbula começar a se contrair. Mas ele suaviza novamente quando olha para mim. “Vou consertar isso”, ele jura sério. “Drir'gen e seus amigos escória não viverão o suficiente para ver o céu escurecer.”

“Eu não quero que você se perca,” eu argumento. Sentindo a raiva que ferve sob sua superfície, um lampejo de medo percorre meu corpo. Não por mim, mas por ele.

Receio que se ele entrar nesse estado sombrio e raivoso, o bom Volikan nunca mais voltará. Não consigo suportar a ideia. Isso me dividiria em dois.

“Não vou”, ele me garante. “Eu só preciso terminar isso. Ele não terá a chance de machucar você novamente.

Ele olha profundamente nos meus olhos. Encontro seu olhar, sentindo como se estivesse olhando para um Volikan que ninguém mais viu. O Volikan que se esconde dentro dele, protegendo todos os seus pedaços machucados.

“Apenas volte para mim,” eu sussurro, colocando a mão em sua bochecha.

Ele coloca a mão sobre ele, prendendo-o contra a pele. Sorrindo suavemente, ele move minha mão para beijar a palma. “Eu vou. Mas por enquanto, devo ir. Não vou deixar você esperando muito desta vez, minha querida Anastasia. E trarei mais beijos quando voltar.”

Ele sai correndo, oferecendo apenas uma última olhada rápida para trás. Na porta, vejo Laura sair do caminho de repente. Ela tem observado nossa interação com um sorriso no rosto, mas fica sóbria ao vê-lo chegando.

Ele não está bravo, como acho que ela esperava. Ele oferece apenas um aceno breve e distraído e sai rapidamente. Eu olho para ele em um silêncio atordoado e espero que ele cumpra sua palavra.

Apenas volte para mim, Volikan.

VOLIKAN

Meu sangue pulsa com uma raiva mal controlada. E com o Príncipe Rej'thorek ao meu lado, posso agir impunemente.

Multidões se abrem para nós enquanto marchamos pela rua. Até as matronas dão um passo para trás quando passamos, com os olhos fixos nas couraças e armaduras de couro duro que usamos e nas cimitarras gêmeas do Príncipe.

Relâmpagos brilham acima, brilhando no punho da minha espada.

Hoje é o dia em que Drir'gen morre.

O caminho para o bar é bastante conhecido e conhecido, e não posso deixar de me lembrar de todas as vezes em que tropecei nele com Drir'gen a reboque. Como eu confiei nele, como um tolo. A raiva que borbulha por dentro se transforma em fervura quando chegamos aos degraus da frente.

Antes de vê-lo, ouço sua voz miserável.

Sua risada.

“Você deveria tentar um, se tiver oportunidade. O rei está distribuindo-os como doces agora, até aquele idiota do Volikan ganhou um, não que ele soubesse a primeira coisa a fazer com ela.

“E você fez?”

O Príncipe segura meu braço com força. Paramos na frente da escadaria e a porta do pub está escancarada. Drir'gen me veria se olhasse ligeiramente para a esquerda, mas seu olhar se dirige apenas aos volvaths bajuladores que ficam uma cabeça abaixo dele, atentos a cada palavra sua.

“Fique calmo”, insiste o Príncipe.

Drir'gen pousa o copo com um tinido e abre bem as mãos. “Eu peguei aquela cadela com tanta força que não sobrou nada além de uma mancha de sangue.”

A multidão cai na gargalhada, o que é uma sorte, porque encobre o som dos meus passos trovejantes. Minha espada balança acima da cabeça de seu amigo, levando consigo uma ponta de seu chifre. Eu não me importo – ele estava rindo de Anastasia, e vou arrancar um pedaço de sua cabeça assim que terminar com Drir'gen por pura

audácia. Mas primeiro, vou terminar isto com o meu velho amigo. Minha espada navega em direção à sua garganta nua e vulnerável.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, seria aqui que a batalha terminaria. Ele tinha bebido e eu tenho o elemento surpresa. Nem deveria ser um concurso.

Mas mesmo bêbado, Drir'gen é rápido. Ele não foi o único demônio que pode me vencer na batalha? Minha espada mergulha em seu assento, mas ele salta sobre o balcão do bar, derramando bebidas no chão com estrondo.

Um pedaço de sua asa inútil também cai e sangue escuro escorre de seu ferimento.

Eu puxo minha espada. A pedra preta oleosa está rachada e o dono do bar está descontente. Ele sai furioso dos fundos do pub, com as mãos na cintura.

"Tire isso..." ele para.

"Estamos travando uma batalha de honra", diz o príncipe com uma inclinação imperiosa do queixo e um olhar agourento. "Aqui e agora. Você será compensado de acordo."

O dono do bar levanta as mãos em sinal de apaziguamento e volta lentamente para o escritório. Assim que ele sai, aponto para Drir'gen com a ponta da minha espada.

"Você destruiu minha casa", rosno para meu ex-amigo. "Como uma espécie de demônio de navalha enfeitiçado, e ainda assim não conseguiu pegar uma pequena mulher humana enquanto você estava nisso."

"Voce esta me chamando de mentiroso?"

"Um mentiroso e um covarde!" Eu bato minha espada em direção ao seu pé e ele dá um passo para o lado. "Eu tive que cortar sua asa, senão você voaria para longe, assim como fugiu da minha casa em vez de me encarar."

Os olhos de Drir'gen brilham e ele desce deliberadamente do balcão. Ele nem olhou para o ferimento.

"Eu não sou covarde, Volikan. A única razão pela qual você ainda está respirando agora é porque valorizo nossa amizade."

"Você nunca foi meu amigo."

Drir'gen me encara por um momento, com os olhos amarelos arregalados, como se eu o tivesse machucado de alguma forma. Como se ele pudesse se machucar. Mas depois do

que ele fez com Anastasia, posso ver muito bem que nossa amizade nunca foi mais do que superficial para ele. Todas as brigas que ele me convenceu foram para o benefício dele, nunca meu.

"Então por que você ainda está respirando?"

Drir'gen entra em ação e seus aliados o seguem. Alguns cambaleiam para trás quando percebem que o Príncipe também está lutando, mas a maioria está bêbada demais ou estúpida demais para perceber. Suas costas pressionam as minhas e lutamos juntos.

Suas cimitarras fazem um trabalho rápido em um par de volvath azul escuro. Suas cabeças rolam para o chão coberto de vidro do bar, e seu sangue negro e espesso torna o mesmo chão escorregadio e perigoso. O demônio atrás deles escorrega, um erro fatal, porque o Príncipe o derruba onde ele está e enquanto ele gira a outra cimitarra, removendo o braço de um demônio, ainda segurando sua adaga de jóias.

Só tenho olhos para Drir'gen, mas parece que todo o bar está no meu caminho. Meu trabalho com a espada não é tão sofisticado quanto o do Príncipe, mas meu trabalho de pés é rápido e meus golpes são brutais. Eu cortei todos no meu caminho até que minha armadura estivesse pingando sangue.

"Vou segurar o resto", diz o Príncipe. "Termine isso."

Com o Príncipe me protegendo, dou um passo em direção a Drir'gen.

Conheço todos os seus movimentos e ele conhece os meus. Antes que ele possa se lançar em mim, eu já dei um passo para o lado, com a lâmina pronta. Ele me defende facilmente e torce o tornozelo atrás do meu, tentando me jogar no chão.

Eu derrapei – há muito sangue no chão para não fazê-lo – mas o derrubo comigo. Seu enorme peso me esmaga no chão, mas minha lâmina o empurra para trás, cortando profundamente sua coxa.

"Isso é tudo que você tem?" ele provoca, andando em semicírculo na minha frente enquanto o resto de seus amigos morrem nas mãos do Príncipe. "Você sempre foi fraco, Volikan. Não é de admirar que você tenha sido chicoteado por algum saco de carne sem escamas."

Ele está tentando me irritar e funciona. Com um grunhido baixo, lanço-me contra ele novamente, e nossas espadas dançam enquanto nossos punhos e pés voam. Ele dá um

golpe nos meus rins, e toda a minha respiração sai dos meus pulmões de uma só vez. Desesperado, furioso, balanço minha espada com tanta força que ela bate na dele.

Ele bloqueia o golpe, mas eu empurro e empurro até que sua própria lâmina seja forçada contra seu peito. Até que ele esteja pressionado contra a parede. Nenhum lugar para correr.

Empurro com mais força e seus braços tremem enquanto ele segura a lâmina imóvel. Sua lâmina afiada está a menos de um fio de cabelo de seu corpo e ele não usa armadura. Seria uma forma de justiça, penso eu, fazê-lo destruir-se.

Então sua lâmina se solta, cortando meu rosto. Sinto gosto de cobre.

Uma dor lancinante queima minha mão e percebo que ele também me cortou ali. Meus dedos estão intactos, mas o golpe faz minha espada quicar no chão manchado de sangue.

Estou desarmado.

"Você sabe o que ela disse?" Drir'gen abre um sorriso largo, como um demônio navalha, com os dentes afiados. "Antes de mim-"

Ele nunca termina as palavras.

A raiva me impulsiona para frente, e seguro seu braço que segura a espada com uma mão enquanto soco seu peito com a outra. Minhas unhas abrem sua pele como uma espécie de fruta. Drir'gen luta, mas é como se minha raiva tivesse me possuído. Não vou morrer aqui pelas mãos dele. Não vou falhar com Anastasia, não depois de tudo que fiz.

E aqui estão suas costelas, lisas como a pedra oleosa da mesa ao nosso lado. Drir'gen é forte, talvez mais forte do que eu, mas até seus ossos quebram. Envolver os com os dedos, um por um, e os quebro como gravetos. Drir'gen uiva de dor, seus gritos são mais animais do que demoníacos, e eu sorrio.

Ainda não terminei.

Seus olhos se arregalam, confusos, enquanto sua própria espada cai no chão de mãos repentinamente moles. Sua boca está esticada em um grito silencioso e agonizante.

E minha mão?

Ela contém seu coração, que eu arranquei de seu peito.

Com um chute violento, jogo seu cadáver moribundo no chão e seguro seu coração acima da minha cabeça para que todos no bar vejam.

“Se alguém disser *uma palavra* sobre meu companheiro novamente, será você.”

Aperto os últimos batimentos cardíacos do grande músculo, e o resto da vida de Drir'gen escorre pelo meu braço. Deixei-o cair das minhas mãos como um trapo.

O pub está em silêncio.

“Volikan é o vencedor.” O Príncipe embainha suas cimitarras e me dá um aceno de cabeça. “Acredito que terminamos aqui.”

O pub é um banho de sangue, literalmente. Passo por cima de um braço decepado para segui-lo porta afora, e nós dois deixamos pegadas ensanguentadas nos degraus quando saímos.

Eu esperava que um peso fosse tirado de cima de mim depois que Drir'gen foi morto, mas agora que minha raiva diminuiu, tudo que consigo sentir são ondas de medo. Tudo que consigo ver é Anastasia, com seu cabelo castanho claro e olhos sérios.

A oração não é conhecida entre minha espécie. Na verdade não – guardamos as conversas com os deuses para nossos soz'garoth, e implorar por ajuda deles é uma forma de blasfêmia. E então eu não oro. Eu não sei se posso.

Mas eu olho para o céu cheio de relâmpagos e espero que a deusa Anastasia ouça seus apelos. Se eu fosse um deus, acho que também lhe concederia uma audiência.

"Vir." O Príncipe dá um tapa bem-humorado nas minhas costas. “Terminamos aqui. Vamos ver seu companheiro.

Quase tropeço nos pés com a pressa.

Anastasia .

Estou chegando.

ANASTASIA

C Esperamos na sala que nossos homens retornem e imagino quantas mulheres antes de mim fizeram a mesma coisa. Poucos, imagino, tiveram a sorte de fazer vigília numa casa cheia de criados que continuam a buscar comida e bebida para saciar todos os seus caprichos.

Tenho sorte de estar fora da cama, mas tenho certeza de que Laura teria deixado criados para atender às minhas necessidades de qualquer maneira. Não foi a comida que me atraiu até a sala de estar, mas a companhia. Eu não aguentava passar mais um segundo confinado na cama, minha cabeça ruminando sobre meu sofrimento.

A mudança de cenário, pensei, pelo menos iria tirar minha mente de tudo. Não apenas a minha dor, mas o fato de que espero ansiosamente o retorno de Volikan. Laura tentou argumentar, mas eu insisti, e ela acabou não querendo negar meu pedido.

Infelizmente, foi um empreendimento pouco bem-sucedido. Não consigo me livrar da sensação torturante de pavor que se instalou em meu estômago, temendo que Drir'gen venha a provar ser um inimigo imbatível. Mas ainda imagino que seria pior se eu tivesse permanecido na cama e tentado aproveitar ao máximo qualquer distração que pudesse encontrar.

“Como você acha viver com o Príncipe?” — pergunto, olhando ao redor da sala ornamentada. Não é bem uma mansão, mas certamente Laura se viu vivendo muito mais do que esperava. As mulheres humanas em Protheka teriam poucas chances de encontrar tais condições.

É claro que as mulheres humanas de Protheka não são acasaladas com um príncipe da família real dos demônios. Ele pode não ser o herdeiro da coroa, mas ainda é um partido de bastante prestígio.

Ela sorri feliz, seu rosto assumindo uma qualidade sonhadora. “Oh, é perfeito”, ela confessa alegremente. “Ele é o companheiro mais maravilhoso que alguém poderia sonhar, mesmo que eu não mereça tal coisa. Estou tão contente aqui, com nossa pequena família perfeita.”

Algo em sua resposta me faz pensar. Olho ao redor da sala, considerando-a pensativamente. “Vocês dois ainda não têm filhos, não é?”

Ela balança a cabeça e abre a boca para falar. Então ela fecha a boca, sentando-se ereta. “Não. Pegue um pouco do pão. É muito macio e fácil de mastigar”, oferece.

É um pensamento gentil e mostra que ela está ciente da minha mandíbula sensível e machucada. Mas não posso deixar de sentir que ela joga isso fora como uma espécie de distração. Ela tem um ar rígido agora, como se inadvertidamente percebesse que tinha algo fora do lugar e esperasse que eu não tivesse notado.

Franzo a testa, estudando-a. Mas não posso dizer o que ela está pensando e decido que não cabe a mim perguntar. Seja o que for, ela claramente não queria compartilhar, e posso respeitar isso.

“Estou feliz que você esteja feliz”, ofereço, deixando o assunto passar facilmente. Ela relaxa, mas então seus ombros se curvam tristemente. “Melhor do que as outras mulheres”, ela reflete, com uma pontada de culpa surgindo em sua voz.

Essas palavras são suficientes para confirmar para mim que Laura não entendeu completamente o que estava fazendo quando mandou as mulheres humanas aqui para Galmoleth. Sempre vivi com a persistente questão de saber se minha amiga me traiu deliberadamente para promover sua própria posição.

É uma suspeita razoável. Um dia, estávamos num campo de trabalho em Protheka. No próximo, somos sequestrados e levados para Galmoleth por demônios, trancados em uma masmorra de um castelo. E Laura de alguma forma se tornou a mão direita do próprio Príncipe.

Seja o que for que Laura tenha feito, seja qual for o acordo que tenha feito com o Rei Demônio, ela não o fez sabendo da miséria que viria para o resto de nós. Ouvir o arrependimento em sua voz torna mais fácil finalmente me livrar do fardo da culpa que carrego dentro de mim.

Fiz tudo ao meu alcance para silenciá-lo. Lembro a mim mesmo que tudo só acontece com o empurrão das divindades, e que Laura foi simplesmente o canal para os acontecimentos que precisavam acontecer. Se não fosse para ser assim, a Mãe teria impedido.

Além disso, não é como se no final não tivesse dado certo. Sem os acontecimentos horríveis dos últimos meses, eu nunca teria encontrado Volikan. Em última análise, a Mãe estava certa.

Mas fica mais fácil, olhando para o rosto arrependido de Laura, deixar o passado para trás. Posso perdoá-la totalmente, sabendo que ela não compreendeu tudo o que havia feito.

Apresso-me para animá-la, assegurando-lhe que também me saí bem aqui. Volikan pode não ser um príncipe, mas eu não o quereria de outra forma. Ela me dá um sorriso que atinge seus olhos, aquela expressão preocupada desaparecendo enquanto ela me ouve descrever minha felicidade.

“Coma, coma”, ela insiste, acenando com a mão sobre a mesinha decorativa cheia de comida diante de nós. Reconheço o que é – mais uma tentativa de aliviar sua consciência – e pego um pedaço de pão. Mas estou nervoso demais para comer e, em vez disso, separo-o com os dedos.

Olho pela janela para o céu lá fora, tentando avaliar quanto tempo se passou. É difícil adivinhar, num lugar como Galmoeth, onde as nuvens nunca se dissipam. Volikan não deveria estar de volta agora?

Tento me assegurar de que tudo ficará bem. Talvez precisassem primeiro caçar Drir'gen por algum tempo. Volikan conseguiu derrotar Drir'gen até quase matá-lo antes para me proteger. Certamente ele pode levá-lo novamente, e desta vez ele conta com a ajuda do Príncipe.

Mas então me lembro da última vez em que tive confiança no sucesso de Volikan. Drir'gen o nocauteou e me agrediu, o preço que paguei por ter tanta certeza do sucesso. É o suficiente para me fazer parar e fazer meu estômago revirar.

Olhando para o meu colo, de repente volto à consciência quando vejo uma confusão de migalhas espalhadas pela minha saia. Eu me levanto, oferecendo um pedido de desculpas apressado enquanto me limpo.

Laura deve sentir a ansiedade na minha voz. “Eles voltarão”, ela diz com confiança. “Ninguém vai deixar Drir'gen prejudicar o Príncipe, pelo menos.”

Isso é verdade, eu acho. Enquanto ele tiver o Príncipe com ele, deve haver uma relativa certeza de que Drir'gen não poderá realizar nenhum movimento furtivo. Ninguém vai ficar de braços cruzados por isso.

O último sucesso de Drir'gen deveu-se apenas ao fato de ele ter aproveitado Volikan quando não estava preparado. Sem esse elemento de surpresa e emboscada disponível para ele, sinto uma renovada sensação de confiança de que Volikan pode vencê-lo.

Mas ainda só consigo mexer nervosamente na comida, por mais que Laura tente me tranquilizar. Percebo que ela come sem hesitação e gostaria de ter seus nervos de aço. Meu estômago, mesmo vazio, mal aguenta essa espera horrível.

Finalmente, ouvimos a porta da frente se abrir com força. Acontece que uma das vantagens de ser da realeza é que você pode trocar uma porta quebrada com extrema facilidade. O novo foi instalado em poucas horas. Ninguém está disposto a fazer o Príncipe residir em uma casa com um buraco aberto e inseguro como porta.

Laura fica de pé, já correndo em direção à entrada. Mas então ela faz uma pausa, lembrando-se de mim. Estou fazendo o meu melhor para me levantar o mais rápido que posso, morrendo de vontade de ver por mim mesmo que Volikan voltou inteiro.

Apesar dos meus melhores esforços, meus ferimentos me atrasam. Laura pacientemente oferece toda a assistência que pode. Cerro os dentes enquanto corremos o mais rápido que consigo, ignorando a dor e as lágrimas que brotam dos meus olhos.

Nossos heróis estão triunfantes na entrada, já fazendo o possível para se limpar e tirar a sujeira. Os criados vão buscar trapos molhados e bebidas, e o cenário geral é caótico, mas animador.

Porque Volikan está lá, são e salvo. Ele está ensanguentado e não totalmente ileso, mas são. Ele se vira para mim quando entro no espaço, imediatamente abrindo um sorriso grande e confiante que se estende de orelha a orelha.

Afasto a mão de Laura e corro para ele. As lágrimas que enchem meus olhos não são mais de dor. Desta vez, são lágrimas de alegria e alívio.

Eu pulo em seus braços. Seus olhos se arregalam de surpresa, mas ele me pega com cuidado, me segurando com força contra si. Sinto minhas costelas protestarem de dor, mas não me importo. Não me importo se ele está ensanguentado ou sujo.

Tudo o que me importa é que ele volte para mim, tal como prometeu.

Meu coração borbulha, transbordando de algo que acho que deve ser gratidão. Nunca senti tanto isso antes.

Enquanto ele me abraça com força, meus pés ainda pendurados no chão e seus braços em volta de mim, faço uma oração de agradecimento à Mãe. Ela sempre cuidou de mim e continua cuidando. É mais do que mereço, mas que bênção é.

A oração flui de mim sem palavras, espontaneamente. As palavras estão tão confusas na minha cabeça que não consigo imaginar que façam algum sentido. Mas eu sei que ela percebe minha intenção, e isso é tudo que importa.

VOLIKAN

EU segure-a contra meu peito, sentindo seu calor fluir através de mim. Seu alívio e alegria visíveis são um choque. É uma sensação que não conheço, ter alguém animado quando você volta. Eu nunca esperei quão agradável seria.

Ela pode se importar tanto comigo? Ela parece confiar totalmente em mim - o fato de ela balançar de boa vontade em meus braços prova isso. Como pode ser isso, depois do que aconteceu? Depois de ter falhado tão miseravelmente em protegê-la, ela ainda tem fé em mim?

“Estou de volta”, aponto sem muita convicção, sem saber que outra resposta dar. Ela ri entre lágrimas, deslizando lentamente para fora dos meus braços. Eu a abaixo até que seus pés encontrem o chão, esperando até que ela esteja firme para soltá-la.

Quando começo a me afastar, ela passa os braços em volta da minha cintura para atrasá-lo. Agarrando-me ao meu torso, posso sentir suas lágrimas umedecendo minha camisa. Minha mente está impressionada, que esta mulher possa se importar tão pouco com minhas deficiências. Que ela ainda consegue se apegar tão firmemente ao meu lado.

Ela é verdadeiramente inabalável. É uma característica que vejo desde o primeiro dia em que nos conhecemos. Embora eu admire isso há muito tempo nela, nunca antes isso foi tão valioso ou precioso para mim.

Envolvo minhas mãos em volta de sua cabeça, segurando-a perto. Parece confortá-la. Seus soluços diminuem lentamente até que ela fica em silêncio, apenas uma fungada ocasional quebrando o silêncio.

O Príncipe está atrás dela, com o braço sobre o ombro de Laura. Ambos sorriem para nós satisfeitos, observando nosso reencontro.

Ele se vira para dar um beijo na testa de Laura, e considero igualar o gesto. O latejar do meu lábio cortado, no entanto, desencoraja qualquer exploração adicional dessa ideia.

“Agora que a ameaça foi resolvida”, começa o Príncipe. “Não vejo razão para que você não possa levar seu humano para casa com você. Isto é, se ela estiver disposta a ir — acrescenta ele, com um tom provocador na voz.

Anastasia perde a piada. “Eu estou”, ela responde com firmeza, afastando a cabeça de mim para fazer seu discurso. “Eu quero ir para casa. Eu quero ficar com Volikan.” Sua voz deixa claro que ela não aceitará argumentos.

O Príncipe e Laura riem baixinho. Ela parece perceber a piada tarde demais e uma expressão tímida se espalha por seu rosto.

O Príncipe Rej'thorek assente. “Assim será”, ele concorda facilmente. “Vocês dois podem ir, com minha bênção para mantê-la como sua companheira. Seja bom com ela, Volikan.”

Concordo com a cabeça, sentindo de repente um nó na garganta. Estou muito emocionado para dizer mais alguma coisa. O novo conhecimento de que Anastasia pode ser minha, para sempre, me comove de uma forma que eu nunca imaginei ser possível.

Quando o rei me presenteou com ela, foi apenas com a intenção de procriá-la. E naquela época, eu estava relutante até mesmo nisso. Agora, não consigo imaginar deixá-la ir e serei eternamente grato ao Príncipe por sua compreensão.

Laura fica ao nosso lado, estendendo os braços para um abraço de Anastasia. Anastasia dá prontamente e os dois se abraçam por vários minutos. Percebo algo na forma como eles se abraçam, como se ambos estivessem tentando extrair forças um do outro.

Ocorre-me como deve ser difícil ser humano em Galmoleth. Não é um pensamento novo, mas desta vez parece ressoar em algum lugar mais profundo dentro de mim. Guardo essa memória para o futuro, fazendo uma anotação mental de que Laura é uma boa amiga de que Anastasia provavelmente precisa.

Como se estivesse lendo minha mente, Laura fala. “Venha visitar a qualquer hora”, diz ela. Há um tom esperançoso no final de suas palavras, mais um pedido do que uma oferta. Ela parece genuinamente satisfeita quando Anastasia concorda.

“Ela vai”, acrescento, confirmando a resposta de Anastasia, mesmo que ninguém tenha se dirigido a mim. Com certeza encorajarei Anastasia a reservar tempo para seu

companheiro humano, especialmente agora que estou começando a entender o valor de tal coisa.

Laura se vira para mim com olhos agradecidos. Há um pedido de desculpas tácito em seu rosto, e eu sei que ela está se lembrando de quão dura ela foi quando eu vim atrás de Anastasia. Não tenho nenhuma má vontade em relação a isso, simplesmente grato por Anastasia ter alguém que a protegeria tão ferozmente quando eu não pudesse.

Eu não a faço dizer as palavras em voz alta. Em vez disso, dou um aceno firme de concordância. Um lampejo de compreensão passa por seu rosto e ela sorri timidamente. Nossa trégua está oficialmente selada.

Viro-me em direção à porta, um braço sobre Anastasia para guiá-la. Enquanto saímos, Laura paira na porta aberta. “Você deveria considerar contratar segurança”, ela grita atrás de nós. “Qualquer coisa pode acontecer, tão longe do portão e sozinho.”

Ela me lembra uma mãe nervosa, vendo seu filho sair de casa pela primeira vez. Mas tenho que admitir que a ideia não é tão ruim. Paro no degrau, virando-me para encará-la enquanto penso no assunto.

“Talvez sim”, respondo finalmente, com bastante seriedade. É um pensamento que nunca me ocorreu, pois nunca me preocupei com a minha segurança quando vivi sozinho. A localização isolada da minha casa era uma bênção, não uma preocupação.

Ainda não me preocupo com minha própria segurança – há poucos demônios que ousariam mexer comigo, e provavelmente nenhum que sobreviveria a tal aventura. Tornei-me o guerreiro marcado pela batalha do Rei por habilidade, não por acaso.

Mas agora com Anastasia lá, é uma questão diferente. Não quero viver para sempre com medo de que algo mais aconteça com ela. Drir'gen pode ter desaparecido, mas há sempre outra ameaça.

Os humanos são muito frágeis, muito fracos. Nesta ilha demoníaca, ela precisará de cuidados e proteção extras. E ela significa muito para mim para correr qualquer risco.

No futuro imediato, não tenho intenção de perdê-la de vista. Mas, a longo prazo, sei que não posso ficar de olho nela a cada minuto, para sempre. É uma sugestão sensata a longo prazo e estou feliz que Laura tenha se manifestado.

“Talvez eu faça isso”, repito novamente, interrompendo minha própria reflexão pensativa. “Obrigado.”

Ela balança a cabeça rapidamente, mas acho que vejo uma lágrima no canto do olho. Viro Anastasia antes que ela possa ver, acenando um último adeus por cima do ombro. Se a bondosa Anastasia vir a tristeza da amiga, nunca sairemos daqui.

Além disso, é função do Príncipe Rej'thorek confortá-la.

Meu braço ainda em volta do ombro de Anastasia, eu a conduzo escada abaixo da casa. Ela está se movendo com cautela, com cuidado, tentando não se empurrar e causar mais dor.

Na parte inferior das etapas, tenho uma ideia melhor. Posicionando-me atrás dela, eu a pego com cautela em meus braços. Depois carrego-a pelo resto do caminho para casa, sem pressa para minimizar seu desconforto.

É uma longa caminhada, mas poder observar seu lindo rosto o tempo todo torna tudo mais fácil. Ela está perto o suficiente para beijar, e se não fosse pelo meu lábio, eu provavelmente tentaria.

Mas, em vez disso, apenas me contento em segurá-la confortavelmente contra meu peito, um braço sob seu joelho e outro apoiando suas costas. É o suficiente, por enquanto.

Quando finalmente chegamos em casa, coloquei-a direto na cama. “Eu não quero ver você fora desta cama novamente, não até que você esteja melhor,” declaro seriamente.

“Nem mesmo para o banheiro. Eu vou te levar até lá quando você tiver que ir.”

Ela revira os olhos de brincadeira. “Volikan, estou machucado, não aleijado.”

“Você ainda precisa descansar”, insisto. “Vai exigir toda a sua energia para curar. Você não precisa desperdiçar nada disso com coisas bobas.”

“Você vai me alimentar manualmente também?” ela exige, com um toque de sarcasmo em sua voz.

Encolho os ombros. “Provavelmente. Agora pare de discutir.

Ela puxa minha mão, me pedindo para sentar na cama ao lado dela. Eu faço isso, me preparando cuidadosamente para não esbarrar nela. Uma vez posicionada, ela passa suavemente as mãos pelo meu rosto, parando para passar mais tempo no meu lábio.

Seu toque é tão suave que mal sinto, apesar do inchaço e da ferida aberta ali. Já começou a formar crostas, mas ainda parece quente e macio.

“Quem vai alimentar você?” ela exige. “Você não deveria ter que esquecer seus ferimentos para se preocupar com os meus.”

Eu sorrio para ela, achando engraçado que ela comparasse nossas situações. Os meus são os ferimentos mais evidentes, e os demônios curam mais rápido que os humanos, de qualquer maneira. Amanhã de manhã, provavelmente não haverá mais vestígios meus. O dela vai doer por semanas.

“Eu vou me curar”, eu a tranquilizo, fazendo uma escolha deliberada de não comentar sobre o quão teimosa ela é. “Você precisa se concentrar em si mesmo por enquanto. Temos um futuro em que pensar.”

Descanso minha mão em sua barriga. O lembrete parece servir ao seu propósito, pois ela cessa seus protestos. Ela pode não estar disposta a admitir sua fraqueza e descansar para seu próprio bem. Mas por uma questão de cuidado com o bebê que pode estar crescendo em sua barriga, ela muda de opinião.

“Isso é verdade”, ela admite, mordendo o lábio, pensativa. Ela finalmente se recosta nos travesseiros, relaxando completamente na cama. Levanto-me para arrumar seus cobertores, aconchegando-a.

“Você deveria fechar os olhos enquanto eu procuro o jantar”, sugiro.

Ela fecha os olhos obedientemente e boceja. “Eu não estou com fome.”

“Ok, querida,” eu concordo, afastando o cabelo de seu rosto. Eu sei que vou para a cozinha de qualquer maneira, e pelo menos fazer um lanche esperando ela ficar pronta. Mas, por enquanto, paro um momento para olhar para ela. Ela fica lá tão pacificamente, tão serena. Estou feliz que ela esteja de volta em casa, onde posso cuidar dela. Onde posso mantê-la segura e observá-la com meus próprios olhos.

Falando em segurança, isso me lembra. Eu tenho que procurar obter segurança.

ANASTASIA

“**T**ei, estão quase melhores”, diz Volikan, tentando ser útil. Ele manteve sua palavra de garantir que eu fizesse o mínimo possível. Mesmo enquanto estou sentado na banheira, ele se ajoelha atrás de mim, me lavando com ternura.

Ficou um pouco entorpecente o grau de preguiça que ele espera de mim. Embora eu aprecie o sentimento, posso enlouquecer em breve se ele não me deixar começar a viver uma vida normal novamente.

Mas vou esperar para contar isso a ele depois do banho. Porque eu gosto dessa parte. Isso causa arrepios mais deliciosos na minha espinha.

Olho para minhas cicatrizes, balançando a cabeça em concordância. “Eles não doem mais. Você não precisa ser tão cuidadoso”, eu o informo. Eles estão completamente fechados e não há dor quando ele os toca.

As cicatrizes deixadas ainda estão frescas, é claro. Eles ziguezagueiam por todo o meu corpo em ângulos estranhos e irregulares, em vergões vermelhos furiosos. Resta saber quão completo será o processo de cura.

Daqui a um ano, alguns deles podem ter desaparecido completamente de vista. Outras serão teias de aranha leves, emplumadas e prateadas que só podem ser vistas por um olhar estudioso. Ou podem permanecer, alto e vermelho, gritando para serem notados.

“Eu não me importo com eles”, decido de repente, olhando para eles com orgulho. Meu coração se enche um pouco ao lembrar como os conquistei. Agora que o perigo passou, fiz as pazes com a história que contam.

Porque acontece que a história não é sobre Drir'gen e como ele tentou me invadir. A história é da minha própria resiliência e sobrevivência; do dia em que descobri que era mais forte do que jamais imaginei. As cicatrizes são meu testemunho, minha prova.

“Eu também gosto deles”, concorda Volikan. Sua voz parece um pouco aliviada, como se ele simplesmente tivesse dito as outras palavras para me fazer sentir melhor. Ele não poderia se importar menos se eles estivessem quase acabando, mas ele pensou que seria uma boa notícia para mim.

Ele se inclina sobre a banheira, esticando o antebraço para exibir algumas de suas próprias cicatrizes. Estendo meu próprio braço, colocando-os lado a lado. Deixamos nossos dedos percorrerem a pele um do outro, comparando as marcas.

Finalmente, ele me ajuda a sair da banheira. Envolvendo-me em uma toalha macia e fofa, ele gentilmente seca minha pele. “Devíamos colocar um pouco de pomada em você”, declara ele. “Eles começarão a sentir coceira em breve, sem ele.”

Concordo com a cabeça e ele me leva para o quarto. Puxando a toalha com um floreio dramático, ele me instrui a deitar na cama. Suas mãos acariciam a parte de trás do meu corpo, aplicando um tratamento oleoso na pele.

Ele não apenas aplica levemente. Em vez disso, ele aproveita a oportunidade para cobrir cada centímetro de pele, até mesmo esfregando os músculos que doem por ficar deitado na cama o dia todo. Logo me sinto tão relaxado que fecho os olhos, imaginando que assim poderia adormecer.

Não demora muito para que meus pensamentos se desviem para outro lugar. Começo a sentir uma agitação profunda e primitiva por dentro, desejando que suas mãos pudessem fazer mais. Eles contornam minhas coxas para cima e para baixo, mas nunca tocam meu centro, que começou a latejar de desejo.

Com uma voz grossa, ele ordena que eu me vire. Faço o que ele instruiu, tentando ignorar o modo como o som de sua voz envia uma onda de excitação pelo meu corpo.

“Boa menina,” ele murmura sua aprovação. Devo lutar comigo mesmo para permanecer no controle.

Suas mãos deslizam para cima e para baixo em minhas pernas, e posso sentir os músculos tremerem de antecipação. Mas só quando ele chega até meus seios é que percebo que ele está fazendo isso de propósito – ele está me provocando.

Ele acaricia os dois, esfregando o óleo com as palmas das mãos. Ele presta atenção especial ao mamilo, certificando-se de esfregá-lo em pequenos círculos. Contenho um gemido, me contorcendo na cama ao seu toque.

Ele se inclina para frente, mordendo suavemente meu lábio inferior. “Não se contenha”, ele avisa. “Quero ouvir você.” Posso sentir a pele ligeiramente áspera em seu lábio, onde

ele se abriu. Está curado há dias, exceto por aquele pequeno ponto onde ainda parece diferente.

Volikan se posiciona na cama de modo que fique montado em meus quadris, mas permanece de joelhos para que seu peso não me esmague. Então ele retoma a massagem, pingando óleo extra em meus seios. Fecho os olhos, aproveitando a sensação escorregadia enquanto ele passa no meu peito.

Ele aperta meus mamilos, rolando-os entre os dedos. Soltei um gemido alto, pego de surpresa. Ele sorri. “Boa menina”, ele repete novamente.

Ele muda para se mover entre as minhas pernas e passa um dedo pelas bordas externas dos lábios da minha boceta. Estremeço com a sensação e meus quadris avançam involuntariamente, querendo mais.

“Fique quieto”, ele ordena. Seus dedos dançam sobre a superfície, me provocando, tentando me fazer quebrar. Cada vez que eu me contorço ou empurro, ele sorri e repete sua direção.

Ele está gostando da sensação de controle, mas não estou surpreso. Para ser sincero, gosto do meu papel tanto quanto ele. Ele assume o controle e é assertivo, o predador em nosso quarto. Eu sou a presa mansa e inocente, indefesa aos seus caprichos.

Mas seus caprichos são tão, tão bons para mim.

Finalmente, consigo seguir a direção bem o suficiente para o gosto dele. Ele me recompensa passando o dedo diretamente sobre meu clitóris. Eu gemo e me contorço na cama, sentindo o calor crescendo dentro de mim.

Inserindo dois dedos dentro da minha boceta molhada, ele os empurra para dentro e para fora enquanto seu polegar esfrega meu clitóris. Jogo minha cabeça para trás, arqueando-me para fora da cama enquanto grito seu nome. Estou quase lá e estou muito ansioso por isso.

“Toque seus seios”, ele ordena. Eu sorrio, sabendo que isso só aumentará meu prazer. Segurando meus seios em minhas mãos, meus dedos roçam os mamilos rígidos. Fecho os olhos, enquanto ele continua a fazer sua mágica lá embaixo.

Rolo os mamilos entre os dedos, apertando-os firmemente para sentir a faísca de eletricidade que dispara direto para o meu centro quente. Ele se inclina para frente

quase no mesmo momento, sua língua lambendo minha umidade. Sinto tudo tenso e tenso enquanto um orgasmo intenso destrói meu corpo.

Ele se levanta, tirando as calças. Com uma mão, ele começa a acariciar seu pau duro. Eu olho para ele com fome, ansioso para aproveitar o próximo.

Mas em vez disso, ele se ajoelha mais uma vez entre minhas pernas. Curvando-se, ele passa a língua pela minha boceta mais uma vez. A sensação é agradável, mas quero algo diferente agora.

“Já posso escolher?”

Ele se senta, olhando para mim atentamente, e parece considerar isso. Ainda usando a mão para se dar prazer, ele percebe meu olhar cair sobre seu pau enorme e sorri.

“Você tem sido uma boa menina”, ele concorda. “O que você deseja?”

“Eu quero que você me foda”, respondo sem fôlego, meu peito arfando enquanto o observo.

Ele faz uma pausa, momentaneamente pego de surpresa. Seu lado escuro do quarto desaparece momentaneamente e ele franze a testa, preocupado. “Anastasia, você tem certeza que está pronta? Eu não quero machucar você.

“Ah, estou pronta”, asseguro a ele, com um tom de súplica em minha voz. “Por favor, Volikan. Foda-me bem.

Ele se levanta da cama, sorrindo maliciosamente para mim. “Você pediu por isso.”

Minha cabeça balança para cima e para baixo em concordância ansiosa, feliz por conseguir o que tanto anseio.

Ele se move para a cabeceira da cama. A corda é amarrada ao poste de cada lado, algo que usamos com frequência. Ele agarra uma mão, me amarrando rapidamente, e então se move para fazer o mesmo do outro lado.

Deitado ao longo do meu corpo, ele se sustenta com braços musculosos e musculosos para evitar me esmagar embaixo dele. Então ele desliza lentamente para dentro. Gemo de alegria enquanto ele me preenche, saboreando a sensação.

Estou tão molhada, depois de um orgasmo, que não é preciso muito esforço para ele fazer sua entrada. Ele começa a empurrar para dentro e para fora. Balanço meus quadris contra ele, encontrando cada impulso e sentindo meu clímax crescendo novamente.

“Eu quero que você seja minha”, diz ele, de repente terno. “Só meu, para sempre. Só meu.

“Eu já estou,” concordo sem fôlego.

"Para sempre?"

"Para sempre."

Ele se inclina para frente de repente, me dando um beijo ardente que faz meus dedos dos pés enrolarem. Sua língua dispara para encontrar a minha, e sinto meu orgasmo me atravessando pela segunda vez.

Ele empurra uma última vez, sua semente derramando dentro de mim enquanto minhas paredes se apertam ao redor dele. Encostando sua testa na minha, recuperamos o fôlego enquanto nos recuperamos. Então, com um beijo carinhoso na minha testa, ele rola para o lado e se deita ao meu lado na cama.

Ele começa a me puxar contra si e então se lembra de que estou amarrado ali. “Opa”, ele admite com um sorriso, e por algum motivo isso me faz rir. Ele se senta, puxando os nós até que eu esteja livre.

Então nos posicionamos do jeito que ele queria, de lado, com minhas costas pressionadas contra sua barriga. Ele passa os braços sobre meus ombros, me segurando perto. Seu queixo repousa no topo da minha cabeça e eu suspiro contente.

"Ei, Anastasia?" Eu o ouço murmurar atrás de mim.

“Hum?” Respondo com os olhos semicerrados, subitamente sonolento.

"Para sempre."

“Para sempre”, confirmo, levantando meu braço para poder entrelaçar meus dedos nos dele.

VOLIKAN

A Nastasia acorda tarde e meus olhos seguem a curva generosa de sua barriga arredondada. Ela está aparecendo agora. Eu não tinha ideia de quão linda eu acharia sua gravidez, mas ela me tira o fôlego enquanto se espreguiça e veste um roupão preto que eu lhe entrego.

Ela parece divertida enquanto amarra o roupão. “Normalmente você gosta de me manter nua um pouco mais.”

O pensamento disso acende um fogo em meu sangue, assim como ela sabia que aconteceria. Seus olhos brilham maliciosamente e quase a empurro de volta no colchão. Mas.

“Temos companhia.”

Suas sobrancelhas se erguem com isso. Não sou o demônio mais sociável de Galmoeth, embora nós dois tenhamos sido chamados para visitar o palácio do Príncipe Rej'thorek no mês passado. Embora eu esteja grato pela ajuda do Príncipe, visitei principalmente porque a gravidez de Anastasia não foi isenta de problemas, e a companhia e os conselhos da companheira humana do Príncipe provaram ser benéficos.

Isso me fez pensar, no entanto.

Portanto, companhia.

“É o Príncipe?” Ela olha para seu roupão. “Acho que preciso de algo um pouco mais formal, se for.”

“Sem realeza, mas vestido...” Não quero revelar nada. “Para clima quente”, eu finalmente digo.

Anastasia olha pela janela para a tempestade que se forma lá fora. “Tem certeza?”

“Temos temporadas aqui”, digo, e não é exatamente uma mentira. Há estações – muito tempestuosas e ainda mais tempestuosas.

Ela não está convencida, mas vai preparar um banho mesmo assim. Sua bunda balança magnificamente enquanto ela anda, e não consigo conter um suspiro de apreciação.

“Pare de me ver gingar”, ela reclama.

Talvez haja um pouco mais de oscilação em seus passos, mas não posso deixar de admirar a lembrança de que ela está grávida de nosso filho — *meu* filho.

Uma batida discreta na porta me alerta sobre meu convidado, fecho a porta do quarto e vou deixá-lo entrar.

O soz'garoth tem lábios finos, orelhas grandes e pontudas e o jeito de um demônio navalha molhado. “Sua propriedade é bastante remota”, diz ele, e parece um insulto o suficiente para que eu pudesse ter arrancado a cabeça dele em outra vida.

Mas não este, principalmente porque preciso da ajuda dele, e Sm'tek é conhecido por ser calado.

“Por favor entre.”

Ele está parado na porta, com os olhos atentos nos meus. “Você não contou a ninguém sobre isso?”

“Nenhum”, asseguro a ele. “E se você disser uma palavra, eu corto sua língua.”

“Você vai tentar”, diz ele calmamente antes de entrar.

Eu decido que gosto desse feiticeiro.

Anastasia entra na sala principal, o cabelo ainda secando, com um vestido de seda brilhante que eu fiz para ela. Ela se move como mágica, em parte porque é, e em parte porque é assim que ela se move. Graciosamente, mesmo com criança.

Mas sua pele está pálida e, quando pego sua mão, ela está úmida.

O clima não está de acordo com ela aqui e, embora ela possa ter suportado isso bem antes, a gravidez está tornando tudo mais difícil para ela. No final do dia, tudo o que ela consegue fazer é ficar teimosamente sentada na varanda até que eu a convença a se deitar.

A atenção dela não está em mim, e normalmente sou bastante petulante, mas desta vez posso entender.

Não é todo dia que se vê um portal gigante girando em sua casa.

“Volikan?”

Eu pego a mão dela. “Você confia em mim?”

Ela sorri enquanto balança a cabeça e atravessamos o portal juntos, de mãos dadas.

Num momento estamos na minha sala de estar, com sua pedra preta oleosa e ar frio e eletrificado pela tempestade, e no seguinte estamos... não. Não há nada. Não é nada desorientador e não consigo dizer qual caminho é para cima, para baixo ou para os lados. A mão de Anastasia aperta a minha.

E então estamos num paraíso tropical.

O ar é mais pesado que o de Galmoeth, e embora eu tenha dificuldade no início, Anastasia o adota imediatamente. Ela engole o ar como um bom vinho e a cor retorna às suas bochechas.

“Volikan, onde estamos?”

Aceno com a cabeça em direção à torre negra que se estende em direção ao céu atrás das árvores altas e frutíferas. Parece estranho aqui, como se não pertencesse, porque não pertence. Talvez eu devesse ter insistido para que os soz'garoth usassem materiais locais, mas não queria correr o risco de a estrutura falhar.

Pretendo ficar aqui por muito tempo.

“Kaynvu, acredito que eles chamam assim. Achei que poderíamos usar um pouco de luz solar.

Atordoada, ela olha para a praia, e as ondas batem ritmicamente contra ela, e depois volta para a floresta, com animais que eu nunca vi pulando e tagarelando.

E então ela me puxa para um beijo, e eu não dou a mínima para a paisagem.

Seus beijos são doces e leves, mas eu quero mais. Eu sempre quero mais, quando se trata dela. Levemente, eu arrasto meus dentes contra seu lábio inferior.

Ela estremece.

"Aqui?" A voz dela é rouca e me deixa louco sabendo que é por minha causa. "Estamos sozinhos?"

"Muito." Não que eu me importe. Eu a quero tanto que a levaria para o gramado real.

Ela está lutando para tirar o vestido, e deixo um sorriso se espalhar pelo meu rosto diante de sua expressão frustrada. Eu rasgo seu vestido, fazendo-a franzir a testa.

“Eu gosto deste vestido.”

“Vou comprar mais vinte para você.” Desço minha boca por seu pescoço, parando em sua clavícula para dar uma pequena mordida. Ela pula e eu levo para seu mamilo, que ficou rosa escuro e empoeirado.

Suas cicatrizes sararam, ficaram brancas onde estavam com raiva e vermelhas. A princípio, olhar para eles provocaria uma raiva profana, mas agora a raiva se instalou. Drir'gen está morto e Anastasia está viva e curada. Criando mais vida.

Sua pequena mão viaja até a cicatriz em meu lábio, e posso dizer que ela está pensando a mesma coisa antes de lentamente trazer a mão de volta à minha cabeça.

"Por favor." Suas mãos apertam meus chifres. Não pensei que pudesse ficar mais duro, mas as minhas calças ficam impossivelmente mais apertadas, ao ouvi-la implorar. “Por favor, Volikan, eu quero...”

“Qualquer coisa,” eu asseguro a ela. Ajoelho-me diante dela, dando um beijo logo acima de sua barriga inchada. "Nada mesmo."

Levo minha boca até a junção entre suas pernas, respirando seu calor.

E então eu espero.

Suas mãos apertam meus chifres e eu rio. “Qualquer coisa, mas você tem que *pedir* .”

Mesmo agora, ela fica vermelha ao falar dessas coisas.

"Eu quero sua boca em mim."

E não há muito que eu não daria a ela, se ela pedisse assim. Voz trêmula, olhos escuros. A areia estala sob meus joelhos e me inclino para prová-la. Ela é doce, com um sabor terroso próprio. Ela tem gosto, eu acho, do cheiro da floresta ao nosso redor. Escuro e secreto e *meu* .

Seus joelhos dobram ao primeiro golpe da minha língua, então eu a seguro firmemente com um braço e uso o outro para acariciar dentro dela enquanto lambo em círculos ao redor de seu clitóris. Ela balbucia bobagens doces acima de mim, e então seus joelhos pressionam meus ombros de forma quase dolorosa.

“Volikan!”

Seu grito ecoa pela floresta, fazendo com que criaturas de asas brancas fujam para o céu brilhante.

Continuo a lambê-la, determinado a fazê-la gozar novamente, mas ela puxa minha cabeça até sua boca. Seus beijos são preguiçosos e saciados, mas estou no limite do meu controle. O arrasto de sua boceta contra minha calça é insuportável.

Eu preciso dela.

Com um grunhido, eu os puxo para baixo, sem me preocupar em chutá-los além dos meus tornozelos. Preciso estar dentro dela mais do que preciso respirar.

Mas eu me afasto, mesmo quando ela abre as pernas para mim. Mesmo enquanto ela esfrega sua boceta no meu pau, me provocando.

"Aqui." Eu sento e a puxo para cima de mim. Eu morreria antes de machucá-la, e meu controle agora é, na melhor das hipóteses, tênue. "Venha aqui."

"Eu não me importo quando você é rude," ela murmura, lendo minha mente. "Você poderia me foder no chão. Eu não vou quebrar."

"Pelo amor de Deus." Meu pau se contrai, interessado em sua proposta. Eu a puxo para cima de mim antes que ela me faça mudar de ideia. "Você é perigoso, sabia disso?"

Ela me dá um sorriso inocente antes de afundar no meu pau.

Porra.

Ela está dizendo alguma coisa, mas minha mente desapareceu. Não há nada além de *calor e aperto e agora, agora, agora*. E o rosto dela, olhando para mim, olhos arregalados e boca aberta. Tento manter seus quadris imóveis, para desacelerá-la, mas ela me leva impiedosamente até a borda e me segue para baixo.

"...casa?"

Eu pisco. Ela me fodeu com tanta força que quase perdi a visão. "Hum?"

"Eu perguntei se isso é uma... uma casa. Atrás das árvores?"

"Hum." Acho que poderia me acostumar a morar na praia, embora não tenha pensado muito em toda essa situação da areia. Talvez possamos nadar em breve, e eu possa tentar transar com ela no oceano. "Isso seria uma casa, sim."

"Volikan."

Dou um beijo em sua testa e sorrio. "Achei que poderíamos usá-lo quando visitarmos."

Ela sorri de volta.

O ar fresco combina com ela, e essa é a desculpa que usarei. Quero um clima bom para a saúde dela e do nosso filho que está por vir.

Mas é mais do que isso.

Eu sei por que o Rei quer que nossa espécie se acasale com humanos. Ele está construindo um exército, e é um exército do qual meu filho não fará parte. Não tenho ilusões sobre o quão bem o Rei aceitará isso.

Assim como não tenho ilusões sobre a guerra.

"Vir." Eu a ajudo a se levantar e paro um momento para apreciar a visão de seu lindo rosto emoldurado pelo sol poente. "Tenho muito para mostrar a você."

ASMODEUS

A Uma pulsação de magia estremece pelo meu corpo, uma batida pesada, mas sutil. Acostumei-me a identificar as partículas de magia que percorrem Galmoleth e agora posso reconhecer facilmente o sinal de um portal de transporte abrindo e fechando.

Minha conexão com Galmoleth parece uma grande pedra que está presa ao meu corpo, invisível o tempo todo, mas sempre presente. Sinto seu coração bater como um segundo conjunto de veias sobrepostas às minhas.

Este contrato cria um vínculo entre o meu corpo e o continente que nos deixa inseparáveis. Assim, mantenho conhecimento de tudo o que acontece dentro de seu domínio – em suma, posso sentir tudo o que acontece nesta maldita massa de terra flutuante. À medida que o portal se fecha, aquela magnetita invisível que carrego constantemente parece um pouco mais leve – seu fardo é diminuído por duas almas. Almas que deveriam estar presentes, mas não estão.

Hum. Problemático.

Aproveitando meu próprio núcleo mágico, invoco um soz'garoth para investigar. O feiticeiro obedece lealmente ao meu capricho e retornará em breve para relatar. Nesse ínterim, considero estratégias para meus empreendimentos futuros, trabalhando para controlar minha irritação crescente, enquanto me empoleiro na encosta do penhasco que designei como minha varanda.

Dois seres fugiram do reino sem minha permissão, o que só aumenta minhas dificuldades. Embora eu possa permitir aos meus súbditos uma certa quantidade de liberdade, simplesmente partir, sem pedir permissão ou procurar o meu conselho é uma flagrante demonstração de desrespeito.

O soz'garoth só tem notícias infelizes para relatar. O berserker volvath Volikan Xoz'gar e seu animal de estimação humano, Anastasia Blackwell, viajaram para a superfície de Protheka, além do meu campo de visão. Cem maldições sobre suas cabeças ilegítimas!

Malditos sejam esses dois.

Volikan já se consolidou como um dos meus guerreiros mais competentes. Com sua última vitória contra aquele gigante, Drir'gen Ograan, sua reputação só aumentou. Uma vitória alcançada ao lado do meu filho calculista, nada menos.

Precisarei de mais homens como ele nos próximos dias – sua ferocidade e habilidade são incomparáveis. Eu dei a ele uma concubina humana porque precisarei da força de seu sangue e, um dia, de sua progênie - para o futuro de nossa espécie. Eles não podem simplesmente partir sem a minha expressa compreensão – e certamente não depois de eu ter demonstrado tamanha magnanimidade.

Tive de reprimir a minha quota-parte de desafios durante o meu mandato como governante – mas não posso permitir-me uma rebelião neste momento. Não quando estamos tão perto da meta – não quando mal sobrevivemos tanto. Nossa visão está à beira da realidade – e não tolerarei motins petulantes.

Como se sentisse a direção turbulenta dos meus pensamentos, a ilha estremece e geme. Tremores percorrem a terra, deslocando pedras e árvores. Pior ainda, posso sentir a magia do caos que dá poder a Galmoeth emitindo uma explosão instável.

Os fios do pandemônio piscam como se fossem levados além do limite, tentando dedilhar a energia que está sendo continuamente desviada. Este não é um efeito colateral do portal – não, é outra coisa, algo muito mais terrível.

“Não, Oltyx,” rosno uma oração silenciosa, que é rapidamente varrida pelo vento. “Eu só preciso de um pouco mais de tempo, por favor. Só mais um pouco de tempo para meu povo se recuperar.”

Não podemos desistir agora – não quando já chegamos até aqui. “Por favor, não nos abandone agora.”

Ao levantar voo, temo que as piores provações para o meu povo estejam a acontecer. A tempestade me envolve, pressão e eletricidade gargalhando em torno de minha forma – percebendo inatamente a perturbação de minhas próprias emoções. O ar parece vibrar de impaciência, enquanto as nuvens escurecem e trovejam com a ameaça de um ataque violento.

A esta altura, a sempre presente tempestade elétrica e eu já nos conhecemos. Esses ventos controlam o vôo de nossos pequenos continentes flutuantes, enquanto as nuvens

e os relâmpagos mantêm os inimigos afastados. Suas rajadas agudas são um abraço acolhedor para mim, e sua raiva estrondosa reflete minha própria torrente interior.

Subindo pelos céus, admiro todo o horizonte que posso. Os marcos desaparecem e até a cidade de Ti'lith parece pequena – seu povo ainda menor. Fiz muito para proteger o que pude e serei obrigado a fazer muito mais antes de tudo ser dito e feito.

Nada é mais importante do que garantir a sobrevivência do nosso povo, custe o que custar. Por causa do segredo que está no fundo do meu coração, *acredito que a tempestade que se aproxima é muito pior do que qualquer outra que enfrentamos anteriormente*.

Dando outro grunhido baixo, eu atravesso os céus. A ilha treme e estremece novamente – e pelo que posso dizer, este segundo tremor é muito pior. Há alguns estalos enquanto alguns edifícios tremem sob a força, e os tremores secundários tiram os cidadãos de suas casas.

Não tenho tempo para o pânico e a confusão deles - não quando pode haver uma calamidade maior no horizonte. Já sei meu destino e corro em direção a ele enquanto um tumulto crescente cresce dentro de mim, como nuvens de tempestade pairando.

À medida que a tempestade cai ao meu redor, corro em direção ao centro da ilha suspensa. Aqui a paisagem é mais clara, livre de estruturas e muralhas da cidade. Uma grande cavidade na terra me cumprimenta como um olho enorme e cheio de cicatrizes - como se alguma força grande e invisível tivesse arrancado a própria superfície.

A cicatriz da terra revela um vasto desfiladeiro que eu atravesso mais uma vez, destruindo os estratos. Eu desço, sem parar, até o centro deste continente movido por magia. Esta enorme cratera leva ainda mais fundo às profundezas da própria Galmoleth.

A divisão da terra foi um dos muitos sacrifícios que fiz para garantir a segurança do meu povo. Somente eu fui responsável pela criação do enorme desfiladeiro que leva ao meu destino final – um enorme sistema de cavernas nas entranhas da terra. Até o centro da ilha - onde está a fonte da qual nossa magia está entrelaçada.

É o coração desta ilha – um fragmento que sobrou do nosso planeta original que se agarra ao solo até agora, mantendo-o unido e mantendo tudo intacto. Um vórtice de

energia rodopiante me cumprimenta, como um vazio que ameaça consumir qualquer um que tente rompê-lo.

É aqui que a pressão arcana está no auge - uma vibração vibrante que pode despedaçar demônios inferiores. Essa fonte de magia do caos também garante que a tempestade elétrica mantenha sua carga, o que a torna nossa principal fonte de energia e proteção.

O núcleo mágico emite uma força sobrenatural que nem eu consigo suportar – vibrando fortemente, como um batimento cardíaco. Ele pulsa, depois estala e depois brilha novamente, acompanhado de um tremor na terra distante agora acima da minha cabeça. Pior ainda é o silêncio nessas lacunas perturbadoras – onde a pulsação da magia se torna mortalmente ausente.

Na verdade, os meus piores receios estão agora confirmados: a nossa terra está a morrer. Tudo pelo que lutamos tanto está desmoronando. O próprio poder que nos protege e mantém não pode mais ser sustentado pelas poucas almas que consegui fornecê-lo.

Como girar uma válvula invisível, a magia em que todos confiamos está diminuindo lentamente, com a pressão sendo liberada junto com ela. Se isso continuar assim por muito mais tempo, eventualmente a magia será completamente desviada.

No entanto, infelizmente estaremos todos mortos antes que isso realmente aconteça - já que o esgotamento resultante fará com que a terra literalmente desmorone na esteira da gravidade. Levando todos nós com ele.

Um desastre diferente de qualquer outro acontecerá ao meu povo e a este novo mundo em que habitamos. Se a tempestade fracassar e a terra desmoronar, isso daria início a um cataclismo de proporções descontroladas – provavelmente destruindo a maior parte da população.

A menos que eu possa trabalhar para encontrar uma maneira de evitar o fluxo mágico do caos.

As almas individuais que coletei e usei para manter os níveis mágicos não são mais suficientes. Magia de alto nível foi invocada para criar esta circunstância – um pacto de sangue com uma antiga divindade para garantir a sobrevivência do meu povo. Eu sabia que o preço de fazer isso seria alto.

Assumi um risco que garantiria o melhor resultado para a minha espécie – e faria tudo de novo se fosse necessário. Meu único desejo é ter tido mais tempo para resolver certas contingências. Escapamos de um apocalipse, mas talvez ainda tenhamos que enfrentar outro antes que tudo esteja dito e feito.

Se esses problemas já estiverem ocorrendo, talvez seja necessário tomar medidas mais drásticas. Os Deuses Antigos eram conhecidos por seus apetites – e este não é exceção, ao que parece. Será necessário algo mais poderoso para acabar com a sua fome – *algo como uma guerra* .

Eles exigem almas; em massa para devorar e sangue para saciar uma sede implacável. Todo mundo já ouviu histórias sobre os Deuses Antigos e suas exigências esmagadoras. Um conflito em grande escala definitivamente daria ao Deus Antigo muito para festejar. A guerra não era a opção que eu queria – é demais e muito cedo. Ainda não nos recuperamos totalmente do nosso último ataque e ainda há feridas mais profundas.

No entanto, as consequências que enfrentaremos se não fizermos nada podem ser ainda piores. Devo dar à minha espécie todas as chances de sobrevivência, mesmo que isso inclua outras cem batalhas. Se isso é o que é exigido, então não tenho escolha - *terei que mover meu Exército Demoníaco para Protheke* .

“Todos nós ficamos sem tempo.”

O fim

Para ler mais sobre Volikan e Anastasia, junte-se ao meu boletim informativo aqui:

<https://www.página.deassinatura.com/celesteking>

AS CANÇÕES DO DEMÔNIO

No reino das trevas, uma história se desenrola, De demônios banidos de seu antigo lar. Com corações tão sombrios, eles vagaram pelo abismo, Procurando consolo, um lugar que pudessem descartar.

(Refrão) Oh, perdidos nas sombras, eles vagam sozinhos, demônios malignos, procurando por um lar. Na terra de Protheka, seus destinos entrelaçados, Na tristeza eles estão presos, ansiando por um sinal.

Outrora temidos e reverenciados, em seu poder ígneo, Mas o destino mudou, expulsando-os da luz. Desamparados e quebrados, uma raça atormentada, Em sua maldade, uma tristeza que eles abraçam.

(Refrão) Oh, perdidos nas sombras, eles vagam sozinhos, demônios malignos, procurando por um lar. Na terra de Protheka, seus destinos entrelaçados, Na tristeza eles estão presos, ansiando por um sinal.

(Ponte) Enquanto eles pisam em terreno desconhecido, as memórias de sua casa ressoam. Um lugar agora perdido, desaparecido para sempre, Seus corações tão frios quanto o amanhecer mais escuro.

Entre os mortais, eles escondem sua verdadeira forma, Uma máscara de escuridão, uma vida renascida. Mas no fundo, permanece o seu anseio, De encontrar um refúgio, livre de dores sem fim.

(Refrão) Oh, perdidos nas sombras, eles vagam sozinhos, demônios malignos, procurando por um lar. Na terra de Protheka, seus destinos entrelaçados, Na tristeza eles estão presos, ansiando por um sinal.

À medida que o tempo passa, sua força diminui, a mortalidade os reivindica, uma desgraça mortal. Não mais eternos, seu último suspiro se aproxima, Sua busca pelo lar termina em lágrimas amargas.

(Refrão) Oh, perdidos nas sombras, eles vagam sozinhos, demônios malignos, procurando por um lar. Na terra de Protheke, seus destinos entrelaçados, Na tristeza eles estão presos, ansiando por um sinal.

(Outro) Na terra de Protheke, a história deles é contada, De demônios perdidos, com corações frios. Embora fossem maus, vemos sua situação, Um anseio pelo lar, um destino trágico.

**NOVELA BÔNUS: OS COMPANHEIROS DOS
DEMÔNIOS**

ANASTASIA

"Avocê tem certeza que não quer que eu—"

Viro minha cabeça para encarar meu companheiro. Normalmente, um demônio enorme e coberto de cicatrizes não se encolheria diante de sua minúscula companheira humana, mas essa nunca foi a dinâmica entre Volikan e eu. Minha agressividade foi o que o derrubou, mas, nos últimos meses, o medo que ele uma vez desejou para incutir em mim rapidamente o preencheu.

"Se você se oferecer para fazer uma curva nesta mesa novamente," eu rosno. "Vou arrancar um de seus chifres."

Ele levanta a mão fingindo derrota, com os olhos arregalados. "Sim, senhora."

E assim me afundo na cadeira, minha enorme barriga me impedindo de chegar muito perto da mesa. Eu sei que ele está apenas tentando ajudar, mas apesar de todo o horror que ouvi sobre gravidez, não é páreo para um pai autoritário e prestes a ser demônio.

Só há uma maneira de acalmá-los: colocá-los em seus devidos lugares. É o jeito demoníaco.

E talvez seja divertido despertar o medo nele.

Esfrego a mão na barriga enquanto ele coloca colheradas das minhas guloseimas favoritas no prato que não consigo alcançar. Seus olhos continuam olhando para mim afetuosamente, nunca invejando minhas mudanças de humor.

Acho que ele secretamente gosta quando eu o critico.

"Você acha que o bebê vai sair com o seu temperamento?" ele pergunta com um sorriso malicioso curvando os cantos dos lábios. Eu bato nele, e ele se esquiva enquanto ri com vontade.

Ver? Ele gosta de me empurrar.

"Eles pegaram isso de você", eu repreendo, mudando de posição para pegar um pedaço de pão e quase derrubando a cadeira no processo. "Acho que é por isso que estou tão mal-humorado."

Volikan bufa. "Você estava assim quando eu te trouxe aqui. Não me culpe por isso."

Abro a boca para responder quando uma cólica dolorosa me atinge. Estou tão perto de dar à luz que cada estremecimento deixa Volikan em pânico. Enquanto respiro fundo, ele se ajoelha ao meu lado, sua cadeira fazendo barulho enquanto voa debaixo dele.

"Anastasia?"

Ele está segurando meu rosto, parecendo absolutamente em pânico enquanto respiro. Dou um tapinha em sua mão e dou-lhe um sorriso dolorido. "Eu estou bem."

Apesar de toda a sua aspereza, Volikan realmente tem um lado doce. É divertido provocá-lo na maior parte do tempo, mas adoro toda a ternura que acompanha seu comportamento brutal. "Deixe-me levá-lo para o quarto. Quero que você se sinta confortável.

Há tanta preocupação e medo em sua voz que não posso deixar de tentar distraí-lo. "Então não preciso mais dormir nas masmorras?"

Ele me dá um tapa, bufando enquanto afunda nos calcanhares. "Você não vai lá há séculos! Não aja assim!

"Você vai me fazer parar?" Eu balanço minhas sobrancelhas para ele.

Ele se inclina sobre mim e minha respiração fica presa na garganta. Minhas coxas se apertam enquanto o calor se acumula em meu estômago. Ele sorri, sabendo muito bem o que está fazendo, e com aquela voz inegavelmente sexy, ele murmura: "Nós dois sabemos que não preciso fazer isso. Você vai me *implorar* por qualquer coisa.

Bem, porra.

Minha boca está seca, e ele ri enquanto eu me esforço para responder. Ele ainda não deveria ser capaz de obter tal resposta de mim, mas ele consegue. Facilmente.

"Tem certeza de que está bem?" Volikan finalmente pergunta enquanto vai pegar sua cadeira.

Concordo com a cabeça, mas percebo que meu apetite já desapareceu. Eu me viro para colocar o pão no prato, mas não consigo alcançar o chá. "Maldita mesa demoníaca!" Eu bufo.

"Eu disse que poderia-"

"Não!"

Ele balança a cabeça para mim. "Tão teimoso."

“Não é isso que você gosta em mim?”

Ele pressiona a caneca – que ele recuperou facilmente por causa de seu estúpido tamanho de demônio – em meus lábios. “Um de muitos.”

Deixei que ele me ajudasse a conseguir mais alguns pedaços de comida antes de insistir que preferia comer mais tarde. Ele não insiste, em vez disso se vira para mim com olhos brilhantes. “Você quer ir para o berçário?”

A excitação agita meu estômago. “Precisamos terminar de decorar.”

Volikan me pega em seus braços, me carregando facilmente para o berçário e me colocando na poltrona macia no canto. Apoio meus pés no banquinho macio e suspiro contente enquanto ele se move até a pilha de “móveis” no canto oposto.

Ele insiste que, como pai, seu filho deve ter uma cama feita por ele. Não tenho muita certeza de como a madeira lascada que ele quebrou ao meio com raiva mais de uma vez sustentará nosso filho, mas vou deixá-lo ficar com esta.

Principalmente porque Laura já encomendou um para quando realmente precisarmos dele.

Volikan está há cerca de meia hora resmungando e rosnando com raiva quando a casa começa a tremer. Agarro-me firmemente à cadeira enquanto ele salta, tentando pegar as poucas peças que conseguimos montar no berçário.

Ele impede que um lampião a gás se estilhace, mas em cima de uma mesa muito longe dele, um brinquedo que ele criou meticulosamente – afirma ele – cai no chão e se quebra em três pedaços.

“Porra!” ele ruge, e parece espantar o tremor. A casa finalmente acalma.

“Volikan–”

“Merda estúpida.” Ele pega o brinquedo, franzindo a testa como se pudesse assustá-lo e transformá-lo em um só pedaço. “Você acredita nisso?”

“Tudo bem. Nós podemos apenas–”

“Não! Não está bem. E se fosse nossa filha, Anastasia? Ele se vira, os olhos duros e iluminados de fúria. “Estaria tudo bem então? Se a cama quebrar e algo assim... Ele sacode o brinquedo com raiva. “Ocorrido?”

Suspiro, me levantando da cadeira – com muita dificuldade. Não afirmo que a cama que ele está tentando construir irá quebrar se o vento soprar. Em vez disso, dou um tapinha em seu braço, olhando para ele. “Eu sei que você está preocupado em ser pai–”

"Não!" Ele morde, mas eu lhe dou uma expressão severa. Ele desinfla, seus ombros se curvando. “Sinto muito. Eu só... estou preocupado. Os tremores estão piorando e não posso proteger nosso filho de algo assim. Eu quero mantê-los seguros.

Eu fico na ponta dos pés, com as mãos contra seu peito enquanto imploro a Volikan que olhe nos meus olhos. “Eu sei que você está com medo e não me entenda mal. Adoro ver você no modo pai. Infelizmente, não há muito que possamos fazer nesta situação. A maioria das coisas está fora do nosso controle.”

Ele balança a cabeça, frustrado. “Não há nada de que um demônio se acovarde. Por que Asmodeus não fez nada sobre isso? Ele tem força!

Eu acaricio seu rosto, tentando acalmá-lo, mesmo quando a preocupação se agita profundamente em minhas entranhas. Posso contar a Volikan um milhão de razões pelas quais ficaremos bem, mas tenho os mesmos medos. Eu sei que a Mãe protegerá a nós e ao nosso filho que está por vir, que sobreviveremos a isso. Mas isso também não acalma as vozes que ouço.

E se não o fizermos?

Essa linha de pensamento não é boa para nenhum de nós, e Volikan só está ficando mais agitado a cada momento que passa. Então envolvo meus braços em volta de seu pescoço, puxando-o para mim. “Você acha que talvez–”

Minhas tentativas de distração são interrompidas com uma batida na porta. Ele enrijece, rosnando baixinho enquanto eu grito: — Entre.

Um zonak está parado na porta. “Há alguém aqui para ver você.”

VOLIKAN

EUé a última coisa que preciso agora!

Estou precisando de tudo para me conter enquanto tremo de raiva, e sei que Anastasia pode ver isso. Ela dispensa o zonak, segurando meu rosto enquanto tenta me acalmar.

"Por que você não fica acordado, ele-"

"Não!"

Minha magia está sob rédea curta, meu temperamento ainda mais curto, e acho que a pequena *interrupção* lá embaixo é o lugar perfeito para desabafar isso.

Entre a preocupação com meu filho a cada segundo desde que descobri sobre ele, a crescente necessidade de proteger minha família e a desesperança que tenho enfrentado a cada tremor que ameaça deformar minha casa, estou quase explodindo. Preciso de uma saída e certamente não será minha companheira.

Gosto de descarregar minhas frustrações nela, é claro, de uma forma que a deixe rouca e satisfeita. Mas esse não é o tipo de liberação que preciso agora.

Ok... Não é o *único* tipo de liberação que preciso agora.

Especialmente porque meu ponto de vista mudou. Não sou apenas um cidadão de Galmoleth que experimenta as anomalias ambientais que se aproximam. Se fosse esse o caso, talvez eu nem tivesse notado. Afinal, estamos envoltos em tempestades elétricas.

Mas como será pai em breve? Comecei a avaliar coisas assim de uma forma que nunca teria feito antes. Por exemplo, como esses tremores não parecem certos. Não há nenhum componente mágico neles, não há razão por trás deles. Todo o resto em Galmoleth é derramado pela energia do caos e se presta à nossa vida diária.

Esses tremores? Eles não parecem naturais.

Mais do que isso, eles estão progredindo. A magia não é nada senão imprevisível, e a maneira como eles estão atingindo me fez perceber que eles não podem ser caóticos – ou qualquer outra forma que eu conheça – magia. Isso torna as coisas muito piores.

Mas mais do que isso, mais do que tudo, estou inquieto por causa do Rei. Rei Asmodeus, que governa com mão de ferro e não permite erros. Ele é feroz, aterrorizante e irá matá-lo assim que o vir por sair da linha.

E, no entanto, estes tremores continuaram.

Não apenas continuaram, mas começaram a atrapalhar nossa vida. Ele nem chegou ao ponto de abordar as malditas coisas, e eu sei que não sou o único demônio olhando para ele nesses momentos. Não é um bom sinal para ele ficar em silêncio agora.

“Vamos,” eu grito, girando nos calcanhares enquanto vou em direção à porta.

"Espere!" Já passei da soleira e Anastasia não consegue acompanhar o jeito que ela está andando pelo corredor. “Volikan!”

Droga, tudo. Ela parece sem fôlego, e quando me atrevo a olhar para trás, vejo o quão lento ela está se movendo. É o suficiente para me puxar e me viro para pegá-la em meus braços.

“Eu *posso* andar”, ela retruca, mesmo quando seus braços passam em volta do meu pescoço desnecessariamente. Eu não acho que ela perceba o quão pouco ela pesa até agora.

“Acho que não chamaria o que você estava fazendo de caminhada.” Não há humor na minha voz, mesmo quando eu a provoco. É tudo ira e fúria.

Posso ver o brilho de preocupação em seus olhos quando viramos a esquina em direção à sala de estar da frente. Meu corpo já está vibrando com energia caótica e adrenalina, pronto para atacar quem eu encontrar na minha sala.

Até que meus ouvidos sejam perfurados por um grito estridente.

Não, espere. Não um, mas dois gritos enquanto Anastasia se contorce para fora dos meus braços. Eu me viro para plantá-la no chão, minha mente zumbindo enquanto meus instintos gritam para protegê-la.

Mas então meu cérebro alcança meu corpo e percebo que a única coisa capaz de produzir tal som é uma mulher humana. E agora há dois gritando como garotos na sala de estar.

Reconheço a loira apertando Anastasia instantaneamente. Estou honestamente surpreso que ela tenha conseguido conquistar meu companheiro. Ela é formidável, mas parece que seu coração caloroso se estende além de mim desde que ela perdoou a garota que a levou à prisão.

“Espero que não estejamos interrompendo”, diz Rej'thorek. É a primeira vez que noto o Príncipe, e meu corpo enrijece quando ele sorri para mim com facilidade. Apesar da necessidade desesperada de rasgar sua garganta, eu me curvo diante dele, lutando para conter minha raiva.

“Não, de jeito nenhum!” Anastasia responde por mim, e cerro os dentes com força suficiente para que um deles possa quebrar. “O que te traz aqui?”

Não quero nada mais do que impedi-la e dizer às duas criaturas problemáticas para saírem da minha casa. Laura é uma traidora de seu próprio povo, e Rej'thorek é o fruto do que acredito ser nosso problema crescente – ou pelo menos parte dele.

Mas nenhuma dessas palavras sai da minha boca, é claro. Sou leal à coroa – por mais que questione isso agora – e isso inclui a companheira que de alguma forma encontrou seu caminho para o coração de Anastasia.

“Vou fazer um chá de bebê para você!” Laura grita, e quase deixei as palavras escaparem.

Mas minha companheira grita, seus olhos brilhando, e é o suficiente para me fazer afundar contra a parede e aguentar sua presença indesejável. Não tenho ideia do que é um chá de bebê, mas acho que posso sofrer por ela.

“Quem mais está vindo?”

Espere. O que?

“Cora e Natália!”

Mais gritos se seguem, e eu dou um passo à frente. “Mais pessoas... estão vindo para cá?”

Anastasia me lança um olhar, claramente tentando me silenciar. Faço o que ela silenciosamente exige, bufando enquanto me encosto na parede.

Pelo canto do olho, vejo Rej'thorek me examinando. Não me importo com o modo como ele está me estudando, como se pudesse dizer o que estou pensando, e quando ele se aproxima, decido que não me importo se ele é um príncipe. Vou varrê-lo se ele achar que pode me dominar em minha própria casa.

Mas então ele estende algo para mim e, com uma expressão nitidamente irritada, viro-me para ele para ver o que é. Aos Treze, é uma bela garrafa de destilado que eu definitivamente poderia usar agora.

“Peço desculpas por revelar isso a você. Laura insistiu que fosse segredo e, bem... — Ele encolhe os ombros e ri. “Você sabe como é isso.”

Eu bufo, balançando a cabeça enquanto meu olhar volta para as duas mulheres. Eles ainda estão conversando animadamente, e não tenho certeza se a careta que sinto está bem velada. Como algo tão pequeno é tão barulhento?

“Talvez pudéssemos nos afastar.” Rej'thorek sacode um pouco a garrafa para chamar minha atenção. “Eles parecem bastante ocupados e...” Ele se aproxima, baixando a voz de forma conspiratória. “Cá entre você e eu, não tenho certeza de quanto dos gritos deles posso aguentar.”

Isso me quebra e eu abro um sorriso. Rej'thorek relaxa enquanto seus lábios se curvam ainda mais, e tenho que admitir que, de todos os príncipes, gostei dele. Talvez eu não devesse colocar a culpa de seu pai nele.

Mas não serei tão precipitado a ponto de descartar completamente meus pensamentos.

“Acho que eles se divertem bastante um com o outro. O pátio está lindo a esta hora. O céu está no meio de uma violenta tempestade que será adorável de assistir.

Nenhuma das mulheres parece notar enquanto nos afastamos, mas ainda não consigo acalmar a sensação desconfortável que floresce em mim.

Posso confiar neles o suficiente para deixar Anastasia em paz?

Posso confiar em alguém?

LAURA

"Como foi com Volikan?"

Estou sentado em frente a Anastasia agora, sendo um pouco difícil ficar de pé quando ela está carregando tanto peso extra. Minha excitação começou a aumentar no segundo em que a vi, mas com o jeito que ela está brilhando e esfregando alegremente a barriga, tenho vergonha de como isso ficou amargo.

Estou emocionado por ela. Eu realmente estou. Adoro crianças e até provoquei a Cora por ainda não ter nenhuma. Ela sempre foi uma mãe tão natural que estou surpreso que ela não tenha feito isso.

Comigo, porém, não é nenhuma surpresa.

O ciúme aparece mais uma vez, e tento silenciá-lo.

"Ele tem sido outra coisa", ela responde, balançando a cabeça, e quase esqueço do que estávamos conversando. "Há algo diferente em vê-lo como pai."

"Eu posso imaginar."

Isso é algo com que posso me identificar, mesmo que não tenha permissão para dizê-lo. Ver Rej'thorek com Akos aquece meu coração de uma forma que nada mais consegue. Ele é incrível com o garoto, e eu o amo como se fosse meu.

Às vezes, sinto ciúme e culpa por não poder dar a Rej'thorek seu próprio filho. Principalmente quando sei que outras mulheres podem.

Mas ele sempre acalma essas emoções ansiosas, dizendo-me que não mudaria nada em nossa pequena família. Ele elimina todas as minhas preocupações com seu amor e, depois de um piquenique ou de jogos com Akos, sinto-me muito mais contente com minha vida.

Não, não contente. Impressionado com o quão bem tudo acabou.

"Sinceramente, acho que ele está se aninhando pior do que eu."

Com isso, eu rio. Volikan é assustador – até mesmo para um demônio. Quando entramos, eu não estava convencido de que ele não iria nos atacar por ter aparecido em sua casa. Ele é um guerreiro enorme coberto de cicatrizes que fazem até os demônios inferiores encolherem de medo.

A ideia dele querer decorar um berçário me faz rir.

“Eu adoraria ver o trabalho do grande e poderoso Volikan. Imagino que o berçário esteja chegando?”

Anastasia bufa. “Você se lembra que eu pedi para você me arranjar uma cama, certo?”

Levanto a mão como se estivesse fazendo um juramento. “Está escondido na minha casa.”

Algo que foi doloroso de fazer. Na época nem pensei nisso, mas procurar e encomendar um berço para uma criança que não é minha me atingiu muito. Rej'thorek precisou de muito trabalho e alguns dias para me recuperar disso.

“Bem, Volikan está construindo o seu próprio.”

Meus olhos se arregalam. “Não.”

Ela respira fundo enquanto balança a cabeça lentamente. Em sua longa expiração, ela suspira. “Sim.”

Eu fico de pé, estendendo minhas mãos em direção a ela. “OK. Você tem que me mostrar isso agora.”

É preciso muito esforço e balanço para colocar Anastasia de pé, mas depois de vários minutos bufando e uma vez eu caindo de bunda, nós dois estamos de pé e sem fôlego de tanto rir.

“Oh!” Anastasia grita, pressionando a mão na lateral da barriga. “Oh, deuses, acho que eles estão tentando dar uma cambalhota.”

“Você provavelmente está assustando eles!” Eu ofego, inclino-me para frente e tento recuperar o fôlego.

“Pare de rir!” Ela respira fundo pelo nariz, tentando parar enquanto pressiona firmemente seu abdômen. “Oh, eu não ria assim há algum tempo.”

“Eu rio de Rej'thorek pelo menos uma vez por dia.” Passo meu braço pelo dela.

“Sim.” Anastasia sorri. “Eu menti. Eu ri muito esta manhã quando Volikan pulou da cama porque ouviu 'um barulho assustador'.” Ela revira os olhos para mim. “Meu estômago roncou.”

Eu rio, meu estômago doendo por causa do uso excessivo. “Chega de piadas!”

Ela balança a cabeça, ainda sorrindo enquanto me leva pelo corredor até o berçário. Paro na porta, com os olhos arregalados.

É fofo. Um quarto de tamanho médio com uma janela enorme e cortinas brancas transparentes emoldurando o céu caótico. Uma poltrona confortável está escondida no canto com uma mesa ao lado. Bem ao nosso lado há uma pequena cômoda e uma mesa para trocar o bebê.

Mas o que me chamou a atenção foram os escombros no chão.

Vou até lá, pressionando meus lábios em uma linha fina. “Ah, Anastasia?”

As risadas já estão explodindo dela. “Hum-hmm?”

“Isso é...” Pego um pedaço de madeira que parece ter sido lascado pelo menos quatro vezes. “Parte da cama?”

Ela começa a rir. “Eu penso que sim!”

“Não admira que você precisasse da minha ajuda.” Olho para ela fingindo horror, ainda segurando o material esfarrapado em minhas mãos. Então, meus olhos pousam em outro pedaço fraturado no chão ao lado dela. Está dividido em cinco ou seis peças diferentes e eu inclino a cabeça. “O que é isso?”

Os olhos de Anastasia baixam e o sorriso desaparece de seu rosto. Instantaneamente, seu corpo muda. “Eu não percebi que ele tinha deixado cair,” ela murmura, e eu não acho que era para mim.

Coloco a peça da 'cama' no chão e atravesso o quarto até ela. Agachando-me, pego as peças da melhor maneira que posso, colocando-as em uma pequena pilha sobre a mesa. De perto, posso dizer que já foi um brinquedo, e conforme Anastasia muda, fico preocupado em como ele acabou nesse estado.

“O que aconteceu?”

Ela hesita e eu me viro para ela, esperando pacientemente. “Um tremor a fez cair.” Ah, os tremores. Eu deveria saber que era isso. Ela suspira suavemente. “Isso realmente irritou Volikan. É por isso que ele estava agindo tão estranho quando você apareceu.”

Sinceramente, não percebi. Ele está sempre olhando para tudo e quando não está, sorri como se estivesse prestes a atacar. Tenho certeza que ele é um ótimo companheiro, mas comigo, ele é alguém de quem devemos ficar longe.

"Eu vejo."

Ela passa a mão pelo cabelo, e posso dizer que isso deve realmente estar pesando sobre ela. "Ele está meio que pirando. E não do jeito 'estou prestes a ser pai e não sei o que fazer'. Mais como 'Não posso proteger meu filho contra coisas como um tremor que quase derrubou nossa ilha do céu'. Seus olhos se levantam. "E não estamos culpando ninguém, obviamente. Só que eles estão se tornando mais frequentes e isso começou a preocupá-lo."

Eu concordo. "Eu entendi aquilo."

Seus olhos percorrem meu rosto, sua expressão se tornando cautelosa. "Tenho certeza que o Rei Asmodeus cuidará disso. Não há nada contra ele ou os príncipes."

Ah. Eu deveria ter previsto isso. "Não, Anastasia," eu a interrompo. "Eu não acho que você esteja se voltando contra a coroa ou algo assim. É algo que está surgindo entre Rej'thorek e eu também."

"Realmente?"

"Sim." Mordo meu lábio inferior, tentando mudar de direção. "É realmente uma prova de que ele será um ótimo pai se quiser proteger tanto seu filho."

Anastasia acena com a cabeça, seus olhos ficando fora de foco antes de cair no chão. Ela muda o peso de um pé para o outro e a tensão entre nós floresce.

"Rej'thorek sabe o que está acontecendo?" ela finalmente pergunta baixinho.

Agora é a minha vez de ficar em silêncio. Não sei o que dizer, passando a mão pelo cabelo. "Sabe, hoje realmente não deveria ser sobre isso. Era para ser o seu chá de bebê! Tento reforçar a afirmação com entusiasmo, mas não sai bem.

"Eu também estive preocupado." Ela balança a cabeça. "É difícil comemorar trazer uma criança ao mundo quando morar aqui me deixa nervoso."

"Anastasia-"

"Laura, eu preciso saber." Sua voz não é cruel, mas é severa. Quase me faz pensar em Cora.

Eu puxo uma mecha, respirando fundo. Viro os ombros para trás antes de finalmente dizer: — Provavelmente deveríamos chamar nossos amigos para esta conversa.

REJ'THOREK

EUturno, observando Volikan com o canto do olho com cuidado. Nunca me importei com ele, apesar de seu comportamento irracional – mesmo para um demônio. Mas a maneira como ele está carrancudo para o chão – que já pegou fogo uma vez pela concentração de sua magia – me deixa nervoso.

Mas o fato de que tudo pelo menos parou de entrar em combustão espontânea significa que ele está se acalmando. Ele leva o copo de destilado aos lábios, sugando o conteúdo, e um minuto depois de terminar o terceiro copo, ele fica em pé.

Seus olhos varrem ao redor, examinando a terra, e a tensão parece escapar de seus ombros. Encaro isso como um bom sinal e levo meu copo aos lábios, me preparando para tentar desviar a atenção. De novo.

“Você sabe,” eu digo, com um sorriso puxando meus lábios enquanto me preparo para a intensidade de seu olhar enquanto ele se volta para mim. “Nunca imaginei que você fosse alguém que aceitaria uma vida doméstica feliz tão bem quanto você.”

Volikan grunhe, um som que é quase uma risada, mas não perco a maneira como seus lábios se curvam. Uau. É incrível o que um pequeno humano pode fazer com um guerreiro. “Eu não iria tão longe.” Ele enche o copo com a garrafa quase vazia. “Anastasia me fez correr loucamente pela casa, decorando para uma criança que não sabe a maldita diferença.” Ele balança a cabeça, mas suas feições suavizam e há reverência em sua voz.

É algo que reconheço bem, apesar de ele tentar sufocá-lo. Ele está animado e orgulhoso de ser pai e pode culpar Anastasia por todas as tarefas domésticas. Mas ambos sabemos a verdade. Ele faria isso de qualquer maneira.

Eu era o mesmo com Akos.

Posso ter reclamado que isso estava abaixo de um príncipe e que um demônio nunca deveria ter que se comportar da maneira que eu me comportei. Mas também não deixei ninguém me ajudar. Eu queria sustentá-lo e sei que Volikan deve estar se sentindo da mesma maneira.

“Maneiras humanas?” Eu provoco.

"Ridículo." Ele bufa e nós dois rimos. Sua risada é interrompida abruptamente e, quando ele inclina o copo para trás, inalando tudo, fico mais do que cautelosamente preocupado.

E isso me leva a abrir minha maldita boca contra meu melhor julgamento. "Algo errado?" Levanto a garrafa de bebida, girando o que sobrou antes de servir para ele. Ele definitivamente parece que precisa mais disso.

Ele bufa, deixando cair seu peso contra a grade ao longo do perímetro do pátio. Posso ver as palavras lutando para sair, e isso me deixa mais preocupado. “Eu só temo pela criança, só isso.”

Meu coração torce. Certamente não há problema. Anastasia está tão perto do parto e sinto como se ela tivesse contado a Laura. “Se você precisar de um curandeiro, posso chamar um da realeza para você. Eu sei que deve ser difícil para um humano carregar uma criança demoníaca, e nós ajudaremos você e Anastasia nisso. É difícil para mim aguentar com a situação chegando tão perto de casa, e coloco a mão em seu ombro. “Ela parece saudável para mim.”

Ele me dá de ombros e eu me afasto, dando a ele o espaço que ele quer. “Ela está saudável.” Com um suspiro, seus olhos voltam para o chão e sua mandíbula aperta. “Não é que eu tema pelo corpo do meu companheiro ou do filho. É mais...”

Volikan balança a cabeça, leva o copo aos lábios e então parece pensar melhor. Ele se afasta de mim, largando-o, e talvez eu devesse ter aprendido minha lição. Eu não deveria dar um passo mais perto e pressionar. Mas ele parece estar lutando contra o que quer que esteja pesando sobre ele, e quero ajudar a aliviar isso.

"Mais o que?"

Ainda de volta para mim, ele aponta para o céu e a paisagem diante de nós. "O mundo."

"O mundo?" Dou mais um passo à frente e Volikan se vira, me observando com uma expressão estranha que não consigo identificar. Não é bem raiva, e há definitivamente uma dureza cautelosa em seus olhos. O que está acontecendo? “Como Galmoleth?”

Sua mandíbula treme, mas ele não indica mais nada. Ele apenas sustenta meu olhar, a intensidade queimando em mim, e sei que não há como negar o que ele está dizendo. Ele não acha que a ilha seja segura, nem para uma criança.

Não posso dizer que alguma vez tenha pensado nisso.

Mas eu fiz funcionar. Os demônios não são conhecidos por serem carinhosos e gentis, e isso é algo que ele terá que superar, junto com outros obstáculos.

Assentindo, eu me viro, meu olhar indo para a porta. “Talvez as meninas—”

Minhas palavras são interrompidas quando tropeço, o chão sacode violentamente sob meus pés e me desequilibra. Agarro-me à grade, me segurando enquanto o tremor sacode a casa, e Volikan joga seu copo. Os cacos voam e eu me abaixo a tempo de evitar ser cortado.

“Foda-se!”

Eu poderia ter subestimado o quão chateado ele estava com isso. Esse pensamento é confirmado quando ele encontra o equilíbrio, girando em minha direção no segundo em que o tremor para de tremer.

“Que porra está acontecendo?” Ele rosna, rondando em minha direção. Minha magia explode em resposta enquanto eu mantenho minha posição. “Você quer saber o que está me incomodando?” Ele abre os braços, os olhos brilhando de fúria. Posso sentir as ondas da magia do caos emanando dele. “Estar em uma maldita ilha que está prestes a cair do maldito céu me irrita!”

Coloquei o copo na mesa, balançando a cabeça enquanto engulo minha raiva. Não posso nem culpá-lo por ter vindo até mim com tanta violência, embora se eu fosse um dos meus irmãos, o teria punido por isso.

“Volikan—”

“Não me dê nada dessa porra de merda. Você é um maldito príncipe. Eu sei que você precisa saber de uma coisa.

Minha raiva começa a borbulhar sob minha pele, lutando para subir. Eu tenho um bom controle sobre meu temperamento, mas ser acusado assim quando estou igualmente preocupado não é algo que considero levianamente.

"O que você sabe?" Ele se aproxima e desta vez deixo minha magia brilhar o suficiente para pressioná-lo, para mostrar minha intenção.

"Dê um passo para trás, Volikan."

"O que você sabe?" ele grita, rosnando enquanto luta contra a restrição que o prende.

Minhas emoções estão em guerra, raiva e culpa, enquanto tento encontrar uma resposta que não seja um ataque físico. Não é por isso que estamos aqui hoje. Eu sei que Laura ficará desapontada se eu fizer mal a ele, independentemente de quem começou – uma frase que ouço com frequência.

Mas assim que ele se lança sobre mim e eu estou pronta para forçá-lo a recuar, ouço um barulho baixo atrás de mim. Viro-me lentamente e encontro uma mulher muito grávida e de olhos arregalados nos observando.

E bem ao lado de Anastasia, Laura está me *olhando* .

Porra.

CORA

“Óh, não,” murmuro, mudando a cesta em meus braços. Ainda estou me recuperando do último terremoto.

"Tudo certo?" Giroth se inclina em minha direção, espiando todas as guloseimas que fiz para Anastasia e seu bebê.

"Sim, acho que sim." Apertando-o contra o peito, movo tudo para ter certeza de que nada caiu. "Aquele foi difícil."

Giroth passa um braço em volta de mim, me puxando para mais perto. É a única maneira que ele me permite andar pela cidade. Aparentemente, tentar ativamente se jogar da beira de uma ilha flutuante realmente agrada um cara. Ele nunca me deixa mais do que um braço de distância, apesar da minha insistência de que não vou mais fugir.

"Tem certeza de que precisamos fazer isso?" ele resmunga, me tirando dos meus pensamentos. "Talvez devêssemos voltar para casa e verificar os filhotes."

Eu bufo. Eu deveria saber que ele estaria preocupado com seus cães demoníacos assustados com o tremor da terra. "Acho que eles ficarão bem até voltarmos."

Giroth beija o topo da minha cabeça. "Eu farei com que valha a pena."

Eu rio. "Não há como sair dessa situação. Estou muito animado!"

Levei algum tempo para perdoar minha irmã, mas Laura e eu temos passado cada vez mais tempo juntas desde então. Acasalada com um Príncipe, ela conheceu os outros dois casais demônio-humanos antes de mim, mas ela me apresentou a eles.

Natalie e eu nos conhecemos pouco antes de ela dar à luz, e essa foi a primeira criança meio humana e meio demônio que conheci. Depois disso, fiquei com um pouco de febre de bebê, mas Giroth e eu simplesmente não estamos prontos para isso.

Então aproveitei a oportunidade de comemorar a gravidez de Anastasia, ansiosa para dar as boas-vindas a outro bebê ao mundo. Além disso, Giroth tem estado extremamente tenso ultimamente. Os bebês estão nervosos com todos os tremores, e não consigo imaginar que haja algo que um novo bebê não resolva!

"Lembre-me novamente por que tenho que ir." Ele bufa baixinho e eu reviro os olhos.

Estendendo a mão, pego a mão dele e a tiro dos meus ombros. Afastando-me dele, eu digo: “Você está livre para ir então. Esteja com seus filhotes.

Seus olhos se estreitam quando ele me puxa de volta contra ele. “Estar com meus filhotes é meu trabalho, Cora. Eu sou o mestre dos cães. Mas isso...” Ele faz um gesto no ar com a mão frustrada. “Evento frívolo é apenas isso. Poderíamos estar aproveitando melhor nosso tempo do que...”

“Estar perto de outras pessoas?” Eu termino por ele, nem um pouco cega ao modo como aquele companheiro detesta socializar. Ele seria um demônio tão feliz se toda a ilha fosse povoada por ur'gins em vez de humanos ou demônios.

Ele suspira profundamente. “Precisamente.”

“É uma celebração!” Dou uma cotovelada na lateral dele e ele finge que eu o machuquei. Ignoro sua teatralidade. “Você poderia pelo menos fingir excitação.”

“Não estou totalmente convencido de que você e Laura não tenham inventado isso.”

Um sorriso malicioso surge em seus lábios, no entanto.

Eu o cutuco novamente. “É uma tradição.”

“Um *humano* .”

“ *Para* um humano,” eu o lembro. Ele zomba, mas interrompo antes que ele possa protestar. “E todos os outros demônios estarão lá.”

“Desde quando quero ser como os outros demônios? Antes de você, eu estava bastante contente sozinho e longe deles.”

Inclino a cabeça para trás para olhar para ele. “Então, você não está agora.”

Ele olha para mim. “Você sabe que não foi isso que eu quis dizer. Não comece com seus truques, pequeno soz'garoth.”

Rindo, viramos na rua. Ele começou a me chamar assim, dizendo que sou capaz de realizar coisas que só um feiticeiro deveria.

Bato na porta e ela se abre facilmente sob meu toque. “Cora!” Anastasia grita animadamente.

“Espero que você não se importe.” Não posso evitar o tamanho do meu sorriso enquanto a abraço em torno da cesta e de sua barriga redonda. “E se você fizer isso, foi ideia de Laura.”

"Ha-ha," Laura brinca enquanto me aperta com força. "Estou feliz por estares aqui." Seus olhos se voltam para a cesta pressionada contra mim. "O que é isso?"

"Oh!" Apresento a Anastasia. "Eu trouxe uma coisinha para você! Bem, você e o bebê.

"Ó meu Deus! Obrigado!" Ela aceita ansiosamente, voltando para dentro de casa para abrir espaço para Giroth e eu entrarmos. "Ah, uau!" Ela pega os pequenos cobertores e brinquedos artesanais que eu fiz – e chora. Fiz o mesmo com Matt e Beth, e mais de uma vez Giroth me implorou para parar. "Estes são lindos."

Quando Anastasia olha para mim com lágrimas nos olhos, meu coração incha. Mas então Giroth se inclina para sussurrar em meu ouvido. "Se você começar a chorar, vou te levar para casa. Não deveria ser humanamente possível derramar tantas lágrimas."

Dou uma cotovelada nele, revirando os olhos. "Estou feliz que você gostou!"

Estar com as meninas me faz sentir mais leve do que ultimamente. Tem havido muito peso sobre Giroth e sobre mim, por sua vez. Principalmente pela forma como os filhotes têm reagido a todos os tremores.

Mas agora estamos apenas nos divertindo.

Anastasia sorri, seus olhos percorrendo entre nós dois. "Estávamos prestes a pegar os outros dois homens. Talvez você queira participar, Giroth."

Ele abre a boca e já posso ver, com base em sua expressão, que ele está prestes a dizer a ela exatamente o que sente sobre essa sugestão, então interrompo. "Isso seria ótimo! Obrigado!"

Porém, quando Anastasia se vira, vejo a expressão no rosto de Laura. Sua expressão está toda franzida, confusa e hesitante, e eu lhe dou uma resposta questionadora. Ela balança a cabeça, claramente não querendo entrar no assunto agora.

"O que você sabe?" É um grito, tão alto que todos podemos ouvi-lo claramente dentro de casa. Anastasia instantaneamente fica rígida, e eu percebo exatamente quem era – Volikan.

Ela parece quase em pânico quando se vira para Laura, cujos olhos estão arregalados. "Merda", ela murmura, avançando com Anastasia nos calcanhares de Laura o melhor que pode. Não tenho certeza do que está acontecendo, mas corremos atrás deles, Giroth pressionando meu lado e passando um braço em volta de mim.

Laura abre a porta para revelar Volikan rosnando o rosto de Rej'thorek. Giroth me puxa para trás, me pressionando com força contra sua frente enquanto assume suas posturas agressivas. Não sou cego para o quão perigosos esses caras realmente são, então deixei. Especialmente quando observo a crueldade do rosto de Volikan, pintado pelos relâmpagos brilhantes que se espalham pelo céu. Suas cicatrizes brilham a cada flash, seus dentes são chocantemente afiados e à mostra. Não estou cego de que ele já foi um guerreiro feroz, mas acho que todos nós esquecemos o quão longe isso poderia ir até agora.

Laura parece furiosa, e não tenho certeza de qual demônio é o alvo, mas Anastasia suspira baixinho ao lado dela, chamando a atenção deles. Os olhos de Volikan se voltam para seu companheiro e, embora sua postura não relaxe, ele dá um passo para trás do Príncipe e fecha a boca.

Rej'thorek se vira lentamente ao mesmo tempo, e seus olhos se arregalam ao ver todos nós amontoados ali. Observo raiva, vergonha e – medo? – dança em seu rosto e ele se afasta de Volikan.

O visual que ele está usando é um que conheço bem. É a guerra da natureza demoníaca, pedir desculpas ao seu companheiro ou rosnar para os intrusos. Quase tenho vontade de rir, de tão tenso que o ar está.

Anastasia corta primeiro. “Uh, Giroth e Cora estão aqui.”

Dois olhos se voltam para nós e eu solto um suave “Oi”.

Giroth apenas grunhe, ainda me mantendo presa contra ele. Volikan e Rej'thorek estão olhando para ele tão intensamente que quase quero me virar para ver que tipo de olhar ele está lançando para eles.

Mas antes que eu faça isso, ele anuncia: “Bem, você pode muito bem nos contar sobre o que quer que seja essa pequena briga, se quiser falar tão alto sobre isso”.

Meu rosto arde com seu comportamento impetuoso, e eu dou uma cotovelada nele novamente, o que faz com que ele coloque meu braço firmemente contra seu lado. “É verdade”, ele sibila baixinho.

Luto contra um gemido enquanto Laura se afasta, indo para o lado de Rej'thorek e sussurrando para ele.

Deuses, no que minha irmã se meteu desta vez?

GIROTH

Cei, isso certamente ficou interessante.

Quando Cora nos disse que tínhamos que ir com ela para o banho do bebê – ou seja lá o que diabos eles estão fazendo com um feto – eu não fiquei nem um pouco entusiasmado. E esse tremor não ajudou. Tenho relutado em deixar meus filhotes e ainda mais em deixar Cora sair pela cidade.

Não odeio totalmente ter sido arrastado para cá agora, embora não confie na tensão entre os dois. Um príncipe e um guerreiro habilidoso? Uma briga entre os dois poderia destruir esta casa, e estou preso entre querer vê-los se despedaçando e tirar Cora daqui.

Quando Volikan dá o primeiro passo, fico surpreso. Esperava a resposta diplomática de um príncipe para tentar afastar a situação. Ainda puxo Cora meio passo para trás, só para garantir. A raiva brilhando nos olhos de Volikan não é algo que eu não possa suportar, mas certamente não é algo que eu queira que ela seja capturada.

“Eu estava apenas perguntando ao nosso *Príncipe*”, ele rosna a palavra com um olhar furioso para Rej'thorek. “Para explicar por que a ilha é subitamente assolada por tremores que ninguém está abordando.” Meus lábios franzem. Esta não é a resposta que eu esperava, embora esteja ainda mais interessado.

Eu tenho me perguntado o mesmo. Meus filhotes estão ficando cada vez mais medrosos a cada dia que passa. Seu comportamento predador natural tem sido revelado, causando brigas e ferimentos, e agora tenho que ir aos canis quase de hora em hora para garantir que todos estejam seguros.

Alguns deles até brigam comigo para voltar para dentro. Eles sempre foram tão bem comportados e obedientes, mas os tremores os abalaram profundamente.

Eu mantenho o olhar de Volikan, balançando a cabeça lentamente, e Cora endurece contra mim quando um leve sorriso aparece em seus lábios. Esfrego pequenos círculos ao longo de sua barriga para acalmá-la. Esse sorriso não é perigoso – bem, pode ser. Mas não para nós.

Volikan gira em direção a Rej'thorek. "O rei ainda não abordou os tremores. Por que? O que é que sua família sabe? Ele dá um passo à frente e Rej'thorek puxa Laura atrás dele. "O que você está escondendo?"

Anastasia se posiciona entre nós três. "Volikan," ela sibila. Ela não vê o perigo em que está se colocando? Um demônio furioso é perigoso, mas aquele cujo filho e cônjuge estão ameaçados? Ele é imprevisível e isso é pior.

Volikan a arrasta para o seu lado, enfiada entre seu corpo e a frágil grade ao redor do pátio. Seus olhos ainda estão fixos no Príncipe, apesar dos protestos de sua companheira, como se o desafiasse a não responder.

Dou uma risada e Cora nem me repreende dessa vez.

"Não sei o que está acontecendo", retruca Rej'thorek. "Não costumo estar a par dos caprichos do meu pai. Nenhum de nós está.

Ele pode acreditar que seu desempenho foi convincente, mas há uma tensão em seu rosto e ombros que mostra que ele está se contendo. Há mais do que isso.

"Fala logo," rosno, perdendo a paciência para esta dança. Os tremores chegaram a um ponto em que merecemos saber o que está acontecendo. Tenho uma companheira para proteger e não ficarei de braços cruzados até que o Rei nos considere *dignos* de conhecimento.

O olhar de Rej'thorek muda para mim, seu olhar fulminante. Eu não me curvo diante disso, no entanto. Eu o lanço com meu próprio olhar, desafiando-o a tentar enfrentar Volikan e eu agora.

Por cima do ombro dele, Laura fica na ponta dos pés e sussurra algo em seu ouvido. Rosno, prestes a gritar com ela também por ocultar informações, quando Cora aperta minha mão. Brevemente, deixei meu olhar cair sobre ela, e seus olhos estão suplicantes. "Espere." É uma palavra sussurrada, mas eu bufo e aceno.

Cora parece conhecer bem a irmã porque o rosto de Rej'thorek relaxa e ele assente. Os braços de Laura, agora enrolados em seu torso, apertam-no, e o Príncipe se vira para nós.

"Não sei o que realmente está causando os tremores." Volikan começa a rosar baixinho e Rej'thorek levanta a mão para detê-lo. "Mas meu pai tem desaparecido em horários

estranhos. Meus irmãos têm cochichado sobre seu comportamento estranho, e alguns até dizem...”

Seus olhos varrem entre os quatro, seus ombros caindo quando ele finalmente terminou: "Que ele incorreu na ira dos deuses."

Com isso eu zombei. Achei que ele iria revelar alguma informação real, mas os deuses? Isso é absurdo. Isso é uma estratégia para tirar as suspeitas do rei enquanto ele continua brincando.

“Os deuses não interferem em algo tão trivial como nós”, contesto. “Sugerir isso é desonroso, Rej'thorek. Você sabe disso. Não os invocamos para algo de nossas vidas diárias.”

Rej'thorek dá de ombros. Ele também não parece totalmente convencido sobre os rumores. “Eu também não acredito. Isso é exatamente o que ouvi. Além disso, não tenho ideia no que meu pai esteve envolvido.”

Os olhos de Laura estão queimando por cima do ombro, e eu olho para baixo para vê-los apontados para Cora. Ela está balançando a cabeça e eu a cutuco gentilmente.

Ela inclina a cabeça para trás para olhar para mim, e posso ver sua mente zumbindo. “É estranho que ele esteja desaparecendo...” ela reflete. “É tão absurdo acreditar que ele está no tipo de problema que não quer que ninguém saiba?”

Eu zombei disso. Às vezes esqueço o quão pouco nossos humanos sabem.

Antes que eu possa responder, Volikan explode. Honestamente, é muito engraçado observar a forma como a magia do caos crepita ao seu redor, surgindo através dele e iluminando suas cicatrizes. Eu ria se não estivesse empurrando Cora atrás de mim.

Ele está ficando volátil.

“Eu não dou a mínima se é ou não!” O vidro à sua direita explode, mas atinge uma parede de magia em vez de seu companheiro. “O que está sendo feito em relação aos malditos tremores? Qualquer que seja a causa, não é problema meu. Um pedaço de grade voa e Rej'thorek vira Laura para que ela fique entre o corpo dele e a casa. “Vou ter um filho em breve! Se o rei está chateado com os deuses, então isso é problema dele, mas eu preciso de uma porra de uma casa estável.

O ar está crepitando, o céu explodindo com mais relâmpagos. Já faz um tempo que não encontro algo assim, e a conversa passou de divertida a ameaçadora.

Estou prestes a varrer Cora daqui, e Rej'thorek está preso sob o olhar de Volikan, claramente tentando encontrar uma maneira de difundir esta situação com todos os humanos aqui. Se nossos companheiros estivessem em outro lugar, esta seria uma conversa completamente diferente.

Antes que qualquer um de nós possa se mover, porém, uma voz melodiosa rompe a tensão e todos nos viramos em direção à porta ainda aberta. “Alguém irritou os deuses?”

NATALIE

EUrio, tonto enquanto embalo nosso filho em meus braços. Kha'zeth é praticamente empurrado contra mim, insistindo em ficar grudado em mim. Antes eu achava que ele era autoritário, mas desde que Alvech nasceu, aprendi um significado totalmente novo para a palavra.

Alvech se mexe em meus braços, arrulhando baixinho, e eu dou um tapinha em sua bunda. "Eu sei, Baby." Eu beijo o topo de sua cabeça. "Eu sei."

"Não vejo sentido nisso," Kha'zeth resmunga, não pela primeira vez, enquanto viramos o caminho para a casa de Anastasia. "Devíamos estar em casa."

Eu dou a ele um olhar suave. "É bom para nós socializarmos. Além disso, estou cansado de ficar em casa e todo mundo vai pirar quando vir Alvech."

Ele rosna baixinho, e eu já sei como ele se sente sobre isso. Ele quer proteger seu filho de tudo – incluindo três mulheres humanas que não poderiam fazer mal a um bebê demônio. Reviro os olhos para ele enquanto bato na porta.

Kha'zeth deixa passar dez segundos antes de se aproximar de mim e girar a maçaneta. "Kha'zeth—"

"Eles não deveriam se surpreender se as pessoas entrassem em suas casas quando foram convidadas e ninguém atendesse a porta." Sua mão pressiona firmemente contra minhas costas. "Agora vamos acabar com isso."

"Você poderia pelo menos fingir que está feliz," eu sussurro enquanto ele me força a entrar.

Mas isso não parece importar, porque todo mundo desaparece assim que entramos. Olho em volta, confuso, até ouvir um grito vindo do lado oposto da sala. Vejo uma porta aberta que leva ao que presumo ser um pátio.

"Vou ter um filho em breve! Se o rei está chateado com os deuses, então isso é problema dele, mas eu preciso de uma porra de uma casa estável.

Kha'zeth me agarra quando ouvimos claramente os gritos vindos de um dos machos, mas já alcançamos a soleira. Não pretendo nem chamar a atenção para nós com uma discussão já acalorada, mas as palavras saem da minha boca.

“Alguém irritou os deuses?”

Sou jogado contra o corpo de Kha'zeth quando seis pares de olhos se voltam para nós. Alvech se mexe, soluçando, e eu sei o que está por vir. Um soluço que não tenho certeza deveria quebrar esse tipo de silêncio.

Eu deveria ter ficado de boca fechada, mas fiquei surpreso e minha curiosidade foi despertada. Eu esperava que o chá de bebê fosse mais sobre, bem, bebês, mas não posso dizer que não estou interessado em ficar a par da conversa deles.

Mas não preciso me preocupar porque Cora, Laura e Anastasia se separam de suas companheiras, em êxtase assim que seus olhares caem para o pequeno pacote em meus braços.

“Estou morrendo de vontade de conhecer esse pequenino!” Laura murmura, dando a volta para ver o rosto de Alvech.

“Ele me faz querer um!” A explosão de Cora é recebida por um rosnado suave que nos faz rir.

Anastasia invade todos eles. “Vamos entrar. Será mais confortável.”

Kha'zeth ainda não se mexeu, praticamente enrolado em volta de mim e de nosso filho. Tenho que bater nele com o ombro para fazê-lo dar um passo para trás e não bloquearmos mais a porta.

Ele muda seu corpo para ficar entre nós e os machos, embora nunca mais do que um passo longe de mim. Mesmo quando nos acomodamos no sofá, coloco o bebê nos braços de Laura.

Eles lutam pela atenção de Alvech, o garotinho quase sobrecarregado com tanta atenção. Seus olhos estão arregalados e brilhantes quando ele os alcança, balbuciando enquanto tenta acompanhar as perguntas como se pudesse entendê-lo.

“Oh, você é uma coisinha tão linda, não é?” Cora conta a ele, e ele sorri amplamente, rindo. “Isso mesmo. Sim você é.”

Meus olhos se voltam para Kha'zeth, pairando entre Alvech e eu. Há um sorriso suave em seus lábios enquanto ele observa seu filho, e ele parece um pouco mais relaxado. Não tenho certeza se é nosso filho ou a distância de qualquer desastre que esteja

acontecendo lá fora, mas estou feliz que ele não esteja praticamente me empurrando porta afora.

"Minha vez!" Anastasia o pega, segurando-o com o que parece ser uma facilidade praticada. Estou com inveja, pois a maternidade tem sido um grande desafio para mim. Eu sei que isso vai acontecer naturalmente para mim. "Natalie, se você não se importa que eu pergunte--"

"De jeito nenhum", respondo imediatamente, fazendo todos nós rirmos. "Eu gostaria de ter tido mais recursos no que diz respeito a Alvech. Deixe-me ser seu.

Ela sorri agradecida. "Como foi o nascimento?"

Eu dou a ela um olhar sombrio. "Você está certo em estar nervoso."

Ela engole em seco, olhando para mim. "Realmente?"

"Ouvi dizer que os ur'gins ficam mais quietos", Kha'zeth murmura, e eu corro em direção a ele. As meninas riem e ele até consegue rir.

"Você tem um pequeno demônio com chifres que rasga você e vê se você não grita!"

Ele dá um beijo no topo da minha cabeça. "Eu conheço meu amor. Foi difícil."

Tiro meu cabelo do rosto, voltando meu foco para Anastasia. "É difícil, mas vale a pena. E Volikan pode ajudá-lo. Kha'zeth conseguiu usar sua magia para ajudar a guiar o bebê, e os curandeiros da ilha são maravilhosos."

Ela acena com a cabeça, mas Cora entra em seguida. Estou realmente surpreso que ela e Giroth não tenham filhos. "Mas como tem sido a expansão da sua família? Só posso imaginar como deve ser maravilhoso ver esse rostinho." Ela puxa a mão dele e Alvech murmura.

Eu sorrio, olhando para Kha'zeth. "Tem sido. Eu não poderia pedir nada melhor, e as meninas têm sido ótimas com ele. Foi o suficiente para temperá-los. Você sabe como as meninas podem ser nessa idade.

Laura e Cora bufam. Eu sei que eles têm irmãos mais novos, então podem ser empáticos.

"Também é divertido ver o grande demônio mau..." Eu cutuco Kha'zeth na lateral do corpo, sorrindo enquanto ele sibila e caminha em direção a Alvech. "Pânico com o choro de um recém-nascido."

Com isso, o rosto de Anastasia se ilumina e ela se inclina, sussurrando suavemente: "Falando nisso, observe isso." Levanto uma sobrancelha enquanto ela se vira para o lado oposto da sala. "Volikan! Venha aqui!"

Ele aparece na porta, correndo para o lado dela. "Você está bem?"

Tenho que morder meu lábio inferior ao ver o medo em seu rosto. Sim, eu sei disso muito bem, assim como a postura protetora que Alvech está assumindo agora atrás de Anastasia com outro demônio tão próximo de seu filho.

"Imperfeita. Quero que você segure o bebê.

Seus olhos se arregalam e ele balança a cabeça lentamente. "Não, eu não posso—"

"Certamente você pode." Ela olha para mim em busca de confirmação, e eu aceno, rindo enquanto observo o demônio feroz e cheio de cicatrizes se afastar do meu bebê. Gentilmente, ela coloca Alvech em seus braços, cuidando de sua cabeça. Quando ela termina, ela dá um passo para trás para olhar para ele e começa a rir.

"Você vai ter que se acostumar com isso!"

Ele está curvado para a frente, segurando o bebê longe de seu corpo, quase como se estivesse com medo de que Alvech o tocasse. Kha'zeth avança, ajustando os braços e murmurando sobre um guerreiro que tem tanto medo de algo tão pequeno.

"Eu não quero deixá-lo cair!" Volikan rosna enquanto Kha'zeth fixa sua postura.

Meu companheiro congela, seus olhos indo para o rosto do guerreiro. "Deixe-o cair e você morrerá."

Não há discussão sobre isso. Volikan parece aceitar essa responsabilidade, sem fazer perguntas, e devo presumir que ele sentiria o mesmo.

Não segurando mais Alvech na posição mais estranha que já vi, Volikan começa a relaxar, até mesmo pulando e arrulhando para o bebê. Ele finalmente começa a sorrir, especialmente quando Alvech ri e o puxa, e ele olha para Anastasia, verdadeiramente emocionado.

Isso aquece meu coração, mesmo quando ele me devolve meu filho, e a tensão desaparece de Kha'zeth quando ele volta para nós. Minha mente volta ao que ouvi enquanto o silêncio cai sobre nós, e olho para as meninas, perguntando gentilmente:

"Do que vocês estavam falando mais cedo?"

Quase me sinto culpado quando eles trocam olhares de pânico, e Anastasia explica apressadamente sobre as preocupações de Volikan e os rumores sobre o rei. Os outros dois machos entraram, e Rej'thorek parece irritado por ter sido trazido de volta enquanto Anastasia finaliza sua resposta.

Mas então Kha'zeth interrompe. “Os rumores não estão errados.”

Um silêncio atordoado nos cobre enquanto todos olham para ele de queixo caído.

KHA'ZETH

Mtalvez eu devesse ter mantido minha maldita boca fechada. Eu não esperava que fosse um choque tão grande para todos os outros se eles já estivessem discutindo o assunto, e não é algo que tenha pesado muito em minha mente. Na verdade, só falei sobre isso com Anastasia, e como estamos tão encantados com Alvech, não dei muita atenção a isso.

Mas posso sentir que tudo está prestes a chegar ao fim.

Rej'thorek, não para minha surpresa, é o primeiro a romper a tensão. "O que você quer dizer?"

Abro a palma da mão, deixando a magia caótica na frente da minha palma se acumular e estalar, nada disso é obra minha. "A magia em Galmoleth tem se tornado... errática. Percebi que foi sincronizado com os tremores.

"Mas o que isso tem a ver com os deuses?" Ele cruza os braços sobre o peito. "Meu pai nos trouxe todos para Galmoleth. Eu lembro."

Eu levanto uma sobrancelha não convencida. "Você se lembra disso?"

"Bem... eu encontrei a memória. Meu pai mantém os mais importantes catalogados em seu escritório para revisitá-los e revivê-los. Entrei naquele onde ele nos trouxe aqui.

Eu balanço minha cabeça. "Não acho que isso seja toda a verdade."

Rej'thorek começa a se opor a mim, claramente não satisfeito com minha descrença nas memórias parciais de seu pai no momento em que Volikan se vira para ele. Laura se inclina para Cora e Natalie se vira para mim. São tantas vozes que não consigo distinguir frases completas enquanto elas gritam umas com as outras.

Ver? Deveria ter mantido minha maldita boca fechada.

"Ouvir!" Grito, cansado de suas especulações quando não sabem tudo o que precisam.
"OUVIR!"

Finalmente, todos ficam em silêncio, voltando o olhar para mim, e eu bufo. Juro que é por isso que não me atrevo a investir meu tempo e energia em mais ninguém além da minha família.

Bem, fui forçado a dar uma chance a Natalie e deu certo...

Eu balanço minha cabeça. *Concentre-se na tarefa em questão.* “As memórias são uma coisa inconstante, Príncipe, e a magia também...”

Rej'thorek avança. “Eu sei o que vi!”

“Afastese!” Volikan está entre o Príncipe e sua companheira.

“Estou farto do comportamento aqui para—”

“Eu vou bater na sua cabeça se você não apoiar, porra, você-”

“Você acha que pode?”

Rej'thorek é empurrado alguns passos para trás. “Eu sei que posso.”

“Uma briga não resolverá nada”, grito para eles. Reconheço que estou achando graça, embora não queira Natalie aqui para isso. “Só eu tenho as respostas que você deseja, e ninguém está chamando você de mentiroso, Rej'thorek. Estou dizendo que pode haver mais por trás da memória do que estava disponível para você. Seu pai provavelmente não colocou toda a verdade nisso, caso alguém tropeçasse nisso.

“O que você está dizendo?” Rej'thorek está ofegante, olhando para Volikan, mas, felizmente, eles mantêm uma distância mútua entre eles.

“Estou dizendo que o poder necessário para mover essa quantidade de demônios através de um portal e criar uma ilha desconhecida e o poder seria tanto que o teria matado na criação. Todos nós sabemos que o Rei Demônio é imensamente forte. Foi assim que nos mantivemos à tona. Mas há uma diferença entre seu poder e algo impossível.”

“Quem é forte o suficiente?” Os olhos de Anastasia estão fixos em mim. “Você acha que foram os deuses?”

Eu concordo. “Os deuses ainda seriam capazes de criar tal evento, e acredito que há um em particular que esteve envolvido nisso. Alguém que tem trabalhado em estreita colaboração com o rei.”

Giroth, para minha surpresa, zomba. Não achei que o dono do canil tivesse qualquer interesse além de seus preciosos cães. “Os deuses destruiriam qualquer um que ousasse invocá-los. Todos nós sabemos disso. Simplesmente não é possível que um dos Sete tenha intervindo por tanto tempo.”

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Cora interrompe. “Não entendo por que isso tem que ser uma discussão. Você não está na ilha há muito tempo, pelo que entendi. Você não se lembra de como era quando você veio para cá?”

A sala fica em silêncio, o rosto dela colorido pela confusão, e eu me sinto justificada. Eu também percebi, não muito tempo atrás, que minhas primeiras lembranças estão nesta ilha e que qualquer coisa antes disso é, na melhor das hipóteses, confusa. Tenho idade suficiente para ter vivido a maior parte da minha vida fora desta ilha, mas não me lembro o que deve ter sido.

Eu vejo isso atingir cada demônio ao redor da sala. Eles também não conseguem se lembrar. Não é algo que eu acho que a maioria percebe, já que não pensamos nisso, mas quando você tenta se concentrar, nada acontece. Foi um borrão e então estávamos aqui.

“Mesmo que os deuses nos tenham trazido aqui...” Rej’thorek murmura, ainda aparentemente lutando com o conceito. “O que isso tem a ver com os tremores?”

“Isso eu não sei.” Dou de ombros, olhando para meu filho. “Eu sei que a magia é instável e tenho a sensação de que não durará muito mais tempo.”

Posso senti-lo enfraquecendo, empurrando e se despedaçando de uma forma que não suportará nada. Isso deveria me aterrorizar, mas afastei esse pensamento. Em vez disso, estou apenas observando até chegar ao ponto de ruptura.

Os olhos de Volikan vão de Alvech para Anastasia. “Como devemos proteger nossas famílias? Se a magia vai acabar, onde isso nos deixa?”

Lentamente, levanto os olhos. Essa é a pergunta que me atormenta, exatamente para a qual não tenho a resposta.

“No devido tempo, exigimos respostas do nosso Rei.”

BÔNUS CAPÍTULO 1

SA luz ilumina sanguessugas que entram no quarto por entre as cortinas grossas quando começo a acordar. Eu gemo, piscando os olhos contra o brilho abafado. Não tenho ideia de como sobrevivi tanto tempo em Protheke sem a proteção da tempestade elétrica que cobre Galmoleth.

A ideia de como deve ser a manhã na superfície de Protheke agora, brilhando com a luz solar irrestrita e implacável, me faz me encolher ainda mais longe da luz e puxar os cobertores sobre a cabeça.

Uma risada baixa do outro lado do quarto me assusta, e eu me levanto, batendo a parte de trás da minha cabeça contra a cabeceira da cama. Eu grito, minha mão voando para o ponto dolorido na minha cabeça enquanto meus olhos timidamente encontram os de Giroth.

“Bom dia, graciosa,” ele brinca, o riso ainda em sua voz. O calor escarlate sobe pelo meu pescoço enquanto eu esfrego a dor que diminui no meu couro cabeludo.

“Sim, sim,” murmuro, embora não consiga lutar contra o sorriso que aparece em meus lábios. As finas calças pretas de Giroth estão penduradas na cintura, expondo cada pedacinho de sua deliciosa pele cinza-clara enquanto ele se inclina contra a parede. A luz do sol da manhã lança sombras profundas sobre os planos endurecidos de seu peito, meu estômago se contrai enquanto meus olhos percorrem cada bela linha dele.

“Se você continuar me olhando assim, não teremos tempo para sua surpresa”, diz Giroth, com a voz rouca e perigosamente baixa. Forço meus olhos a desviarem-se da extensão de sua pele nua, tentando engolir discretamente a saliva que começou a acumular-se em minha boca.

“Surpresa?” Eu pergunto, minha voz ainda grossa de sono. Giroth acena com a cabeça, um pequeno sorriso brincando em seus lábios. Eu me inclino para fora da cama, pegando a camisola fina que descartei descuidadamente na noite anterior quando subimos na cama.

“Não”, Giroth diz com firmeza, e meus olhos se voltam para ele. Arqueio uma sobrancelha, mas faço o que ele diz, voltando para a cama.

“Você não vai precisar disso de qualquer maneira”, acrescenta. Minha curiosidade é totalmente despertada e o sorriso de Giroth se aprofunda enquanto ele volta para a porta.

“Fique aí,” ele ordena, desaparecendo de vista. Fico na cama, esperando que ele volte, mas depois de alguns longos momentos, a tentação começa a tomar conta de mim. O que ele poderia *estar* fazendo?

Se ele trouxer alguém aqui enquanto eu estiver nua...

Esse pensamento me faz pegar minha camisola novamente, minhas mãos roçando o tecido macio no momento em que Giroth reaparece, com uma bandeja na mão. Retiro minha mão rapidamente, mas é claro, não há como disfarçar minha culpa. Giroth sorri para minha retirada apressada, fechando a porta do nosso quarto.

"Pensei ter dito que você não precisaria disso."

“Bem, eu não tinha certeza se você voltaria sozinho,” argumento, tentando me defender, mas minha desculpa soa esfarrapada até mesmo para meus próprios ouvidos. Nós dois sabemos que ele nunca deixaria ninguém me ver em uma posição tão vulnerável. Os olhos de Giroth percorrem meus ombros expostos, demorando-se onde puxei os cobertores para cobrir meus seios.

“Se você acha que alguém além de mim pode desfrutar de você assim, você está enganado,” ele diz humildemente, seus olhos escurecendo quando encontram os meus novamente. Um calor derretido aumenta entre minhas pernas com a intensidade de seu olhar, meu rubor retornando dez vezes mais.

“Você estava esperando uma audiência, meu pequeno humano?”

"Não!" Nego imediatamente, o horror me percorre com o pensamento, mesmo quando meu núcleo se contrai. Não consigo imaginar ficar tão exposto na frente de alguém que não seja Giroth, mas do jeito que ele está olhando para mim, a ideia não parece tão repulsiva de repente.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, o sorriso malicioso de Giroth se aprofunda. Ele vem em minha direção, a bandeja que tinha nas mãos esquecida na mesa do outro lado.

"Tem certeza? Você não está nem um pouco seduzido pela ideia de outros observando enquanto eu reivindico você?"

Balanço a cabeça furiosamente enquanto Giroth sobe na cama, seus olhos nunca deixando os meus enquanto ele se inclina em cima de mim. Seus braços me prendem contra a cama, os músculos se contraindo sob sua pele nua.

"Olha para você como um toque físico, suas pernas abertas, meu nome em seus lábios para que todos saibam exatamente a quem você pertence", ele continua, murmurando as palavras enquanto se inclina para frente para traçar a curva do meu pescoço com a ponta do nariz dele.

Meu coração está martelando descontroladamente em meu peito, meus olhos se fechando. Cada terminação nervosa do meu corpo está em chamas. Giroth sempre teve uma boca suja no quarto, e se eu não fosse pouco mais que uma poça embaixo dele, poderia ficar envergonhado com as coisas que ele diz.

"Não," consigo ofegar enquanto seus lábios deslizam pela minha clavícula.

"Bom," Giroth rosna contra minha pele, me mordendo antes de lambe a dor com a língua. "Você é meu."

As palavras mal saem de sua boca antes que seus lábios colidam com os meus, me reivindicando com todo fervor e confiança que suas palavras continuem. Abro embaixo dele, minhas mãos envolvendo seu pescoço para puxá-lo para mais perto. Giroth aproveita, sua língua varrendo minha boca enquanto puxa os cobertores para longe de mim.

Minha pele se arrepia sob o frio repentino e solto um pequeno suspiro. Giroth se afasta de mim, apoiando-se nos joelhos para olhar para minha forma nua embaixo dele. Seus olhos vagam por mim lentamente, intencionalmente, intensos o suficiente para que outro rubor comece a subir pelo meu pescoço.

"Todo meu," ele murmura, seus olhos encontrando os meus mais uma vez. Ele se inclina lentamente, dando um beijo casto em meus lábios antes de passar seus lábios pelo meu queixo e pescoço. A cada movimento de seus lábios, a necessidade oca entre minhas pernas fica mais insistente.

“Giroth,” eu imploro, meus quadris arqueando involuntariamente enquanto seus lábios envolvem meu mamilo. Giroth agarra meus quadris em vez de responder, pressionando-os firmemente de volta na cama enquanto lambe lentamente meu seio antes de passar para o outro.

Minhas mãos fecham os lençóis, meus olhos se fecham enquanto as sensações me bombardeiam. Deuses, você pensaria que eu já estaria acostumado com isso, mas toda vez é como a primeira vez, não importa quantas vezes Giroth e eu nos trancamos nesta sala.

Outro suspiro escapa dos meus lábios quando Giroth passa um dedo pelo meu centro. Meus quadris se contraem novamente, minhas mãos encontram seus chifres em vez dos lençóis.

“Giroth”, digo novamente, quase implorando. "Por favor."

“Diga meu nome de novo,” ele ordena, seus olhos brancos se levantando para encontrar os meus.

“Giroth,” eu respiro, observando enquanto sua mão livre trabalha para empurrar suas calças para baixo, seu comprimento impressionante se libertando.

"De novo."

“Giroth”, gemo quando sua mão retorna, um de seus dedos deslizando dentro de mim e trabalhando contra o local que ele sabe que me deixa louca.

“De novo, Cora.” O som do meu nome em seus lábios é quase o suficiente para me matar, mas eu obedeco, mesmo que isso precise de minhas últimas células cerebrais restantes.

“Giroth!” Eu grito quando ele empurra dentro de mim, a sensação dele é muito maior do que aquele dedo solitário. Meu aperto em torno de seus chifres aumenta enquanto Giroth estabelece um ritmo punitivo, meus olhos revirando enquanto ele bate em mim.

Gritos sem palavras escapam dos meus lábios enquanto o nó que está se enrolando dentro de mim fica mais apertado. Giroth os lambe dos meus lábios, sua boca reivindicando a minha em outro beijo abrasador e frenético. Minhas pernas travam em torno de seus quadris, tremores me dominam.

“Oh deuses, oh deuses,” eu gemo, as estrelas começando a dançar nos limites da minha visão.

“Solte, Cora,” Giroth grita acima de mim, nunca parando de andar.

Ao seu comando, eu faço isso, e com um gemido, ele segue até a borda comigo.

GIROTH

Meu peito se agita contra o de Cora quando começo a recuperar o controle sobre meu corpo. Com um gemido, eu rolo para fora dela, caindo com um *baque suave* na cama ao lado dela. Enquanto recupero o fôlego, permito que meus olhos passem por ela novamente, saboreando o rosa de suas bochechas e a qualidade vítrea e semicerrada daqueles lindos olhos azuis.

Eu nunca, jamais me fartarei dela.

Cora vira a cabeça para olhar para mim, sorrindo timidamente, como se não tivéssemos dormido juntos um milhão de vezes antes. Eu me pego sorrindo de volta, incapaz de evitar diante de uma alegria tão fácil e genuína.

“Você me distraiu”, digo em meio ao silêncio sociável. Ela arqueia uma sobrancelha, e faço tudo o que posso fazer para não rir da súbita arrogância em sua expressão.

“*Eu distraí você ?*” Ela repete, revirando os olhos. “Tenho certeza de que foi você quem me distraiu, já que me deve uma surpresa.”

Eu solto uma risada, saindo da cama e puxando minha calça para cima.

“Você teria tido sua surpresa muito mais cedo se não tivesse olhado para mim daquele jeito”, lembro a ela, atravessando a sala e pegando a bandeja. Os olhos de Cora brilham quando me viro para a cama, o cheiro de comida fresca e ainda quente flutuando na bandeja em minhas mãos.

“Isso é café da manhã?” Ela pergunta animadamente. Em vez de responder, tiro a tampa, revelando pilhas de pequenos pastéis dos quais Cora tanto gosta. Ela sorri para mim, pegando um da bandeja e arrancando um pedaço da borda.

“Mmmm,” ela geme feliz, suas bochechas rosadas arredondadas com o tamanho da mordida.

“Estou feliz que você tenha gostado,” eu digo entre risadas. Não há nada que eu não faria pela minha pequena humana – felizmente, porém, descobri que ela é muito fácil de agradar.

Cora come três doces antes mesmo de eu terminar o primeiro, virando-se para mim com um sorriso travesso.

“Então, isso é algo com o qual posso me acostumar? Café da manhã trazido para mim na cama?

“Como se você já não fosse mimado o suficiente,” murmuro de volta, um sorriso aparecendo nos cantos dos meus lábios. Ela me dá um tapa sem entusiasmo, rindo.

"E de quem é a culpa?"

“Anotado”, respondo, arqueando uma sobrancelha. “Farei mais esforços para garantir que sua atitude seja menos problemática.”

“ *Não foi* isso que eu quis dizer e você sabe disso”, Cora ri de volta. A fraca luz do sol brinca com seus cabelos loiros, ainda salientes por causa do sono e da nossa pequena distração. Nunca vi nada tão lindo. Ainda não estou acostumada a me sentir tão... contente.

Suspiro, desviando os olhos de Cora. A luz do sol, cada vez mais brilhante, serve apenas como um lembrete de que, infelizmente, há coisas que preciso fazer hoje.

“Preciso dar uma olhada nos cães”, digo, saindo da cama. Cora faz beicinho e tenho que conter outra risada. Deuses, eu nunca ri tanto quanto com ela.

"Caminhe comigo?" — pergunto, estendendo a mão. Ela sorri, pegando-o e permitindo que eu a levante da cama. Em pouco tempo, nós dois estamos vestidos de maneira mais apropriada e caminhando em direção ao canil, Cora conversando vagamente sobre um sonho que teve na noite passada.

À medida que nos aproximamos dos arredores de Ti'lith, puxo Cora para mais perto de mim, dolorosamente consciente da presença de cada demônio ao nosso redor. Cora é minha, em todos os sentidos da palavra, e não considero a segurança dela levianamente.

Principalmente diante de outras pessoas que possam levá-la.

Felizmente, apenas alguns demônios são ousados o suficiente para permitir que seus olhares permaneçam nela, sua atenção rapidamente se desviando de nós quando eles percebem que eu estou carrancudo para eles ao lado dela. Faço uma nota mental para mover o canil para mais perto da propriedade – ter que ir a qualquer lugar perto da cidade com Cora é muito inseguro com o Rei distribuindo mulheres humanas como prêmios.

Estou pensando profundamente quando um forte impacto contra meu ombro quase me faz tropeçar. Viro-me para o demônio ao meu lado, meus lábios curvados em um rosnado e músculos contraídos, prontos para eliminar qualquer ameaça ao meu pequeno humano, apenas para ficar cara a cara com o Príncipe Rej'thorek.

Lembrando-me bem a tempo, faço uma breve reverência, embora nada mais me agradasse do que atacar o macho.

“Príncipe,” eu digo.

Rej'thorek se endireita, seu olhar gelado. Seus olhos passam por cima do meu ombro, observando Cora, e seu rosto fica azedo.

“Vejo que meu pai está distribuindo favores de novo”, ele murmura. Minha raiva aumenta por instinto. Se ele vier atrás dela, eu vou matá-lo – príncipe ou não. Antes que eu possa verbalizar minha ameaça, porém, Rej'thorek se vira e vai embora.

“O que foi isso?” Cora murmura ao meu lado, sua pequena mão enrolada em meu bíceps como se quisesse me impedir de perseguir o homem. Balanço a cabeça, observando Rej'thorek seguir em direção à arena.

“O príncipe é... inconstante”, digo, voltando-me para Cora. Ela pisca para mim com expectativa, claramente esperando por mais informações, e eu suspiro.

“O Príncipe Rej'thorek é um grande guerreiro”, começo, escolhendo as palavras com cuidado. “E um caçador ainda melhor. Ele é um dos mais brutais de todos nós, mas ultimamente ele tem... procurado um novo desafio.”

“Um novo desafio?” Cora ecoa em dúvida, observando Rej'thorek desaparecer na arena. Odeio a preocupação em seu rosto e tenho que lutar contra a vontade de suavizar a linha entre suas sobranceiras com o polegar. Em vez disso, coloco meu braço em volta de seus ombros, puxando-a para perto enquanto a guio gentilmente em direção ao canil.

“Acho que se o príncipe está procurando um desafio *de verdade*”, sussurro, inclinandome para beliscar a orelha dela, “ele deveria tentar viver com um humano.”

Cora ri, me dando uma cotovelada no estômago, e sua risada permanece conosco durante todo o caminho até o canil.

BÔNUS CAPÍTULO 2

Prisadas ecoam nas pedras escuras e brilhantes da mansão, ecoadas por trovões distantes. Levanto a cabeça de onde estou arrumando as tigelas de frutas bem a tempo de ver Rej'thorek saltar atrás de um Akos gritante.

Com os braços estendidos, o corpo enorme de Rej'thorek voa pelo ar antes de colidir com Akos, fazendo com que ambos se esparramem no gramado.

"Ei! Não é justo!" Akos grita, seus punhos batendo nas costas de Rej'thorek. Apesar do fervor óbvio que ele está investindo em suas tentativas, Rej'thorek nem estremece. Um demônio adolescente não tem chance contra meu companheiro – aliás, não sei se alguém realmente tem chance contra ele.

Não consigo evitar o sorriso que se estende pelo meu rosto enquanto vejo os dois brincarem juntos. Às vezes, ainda não consigo acreditar que esta é a minha vida – que depois de tudo o que aconteceu, posso ter uma família, ser tão feliz.

"Joguem bem, vocês dois!" Eu grito do outro lado do gramado. Os olhos de Rej'thorek encontram os meus como que por instinto, e ele pisca para mim. Akos aproveita sua distração, contorcendo-se para sair de debaixo do meu companheiro e sair correndo pelo gramado novamente.

"Ei! Agora, quem não está jogando limpo?!" Rej'thorek grita atrás dele, mas o sorriso em seu rosto o trai enquanto Akos desaparece em uma cerca viva. Ele se levanta do gramado e vem em minha direção, a graça predatória em seus movimentos faz minha respiração ficar presa na garganta.

Entretanto, um brilho de vidro sobre o ombro de Rej'thorek me distrai, e Cora e Giroth aparecem na varanda dos fundos. Eu sorrio amplamente, acenando para eles.

"Eles têm um timing terrível," Rej'thorek murmura enquanto me alcança, passando os braços em volta da minha cintura e se abaixando para dar um beijo na minha têmpora.

"Eles estão aqui exatamente quando disseram que estariam," eu o lembro, levantando uma sobrancelha para ele enquanto sorrio.

"Bem, eles poderiam ter se atrasado um *pouco*. Teríamos encontrado maneiras de nos divertir — ele murmura, deslizando a mão sugestivamente pelo meu quadril e brincando com o cóc da minha calça.

Eu bato nele, rindo enquanto Cora e Giroth seguem o caminho até o cobertor que estendi no gramado. Cora sorri ao apresentar orgulhosamente o prato fumegante em suas mãos.

“Acho que finalmente aperfeiçoei aquele prato de gotejamento de que estava falando!” Ela diz animadamente enquanto eu beijo sua bochecha em saudação.

“Mal posso esperar para experimentar”, respondo, aceitando o prato dela enquanto Rej'thorek e Giroth se abraçam.

Na verdade, a mera presença de Cora é mais que suficiente. Eu não tinha certeza, depois de tudo o que havia acontecido entre nós, se ela conseguiria me perdoar. Se nossa situação tivesse sido invertida, não sei se a teria perdoado – mas minha irmã sempre foi a melhor de nós duas.

Meus sonhos mais loucos não poderiam ter chegado nem perto de quão feliz estou agora. Cora perdoou todos os meus erros e agora estamos mais próximos – e mais felizes – do que nunca. O dono do canil dela até começou a ser afetuoso comigo, embora com Giroth, talvez “afetuoso” seja um pouco forte.

Um grito repentino me tira dos meus pensamentos, alto e próximo o suficiente para quase deixar cair o prato que ainda estou segurando. Minha cabeça gira em direção à fonte do som, o medo familiar me dominando, até que meus olhos pousam em meu companheiro.

"Peguei vocês!" Akos proclama triunfantemente, agarrando-se às costas de Rej'thorek com a ponta de sua espada de madeira pressionada na garganta de meu companheiro. Giroth ri muito enquanto Rej'thorek manobra Akos de volta ao chão, bagunçando seu cabelo.

“Que bom que aquela espada era de madeira, ou você teria sido o responsável por arruinar o piquenique de Laura”, Rej'thorek ri dele. O peito de Akos se enche de orgulho com a atenção e elogios dos dois homens, seus olhos amarelos voltados para mim.

"Você viu? Serei um guerreiro como Rej'thorek!"

Eu rio, puxando-o para mim e dando-lhe um abraço com um braço só.

“Eu vi, tudo bem. Mesmo os guerreiros precisam comer, então é melhor você se acomodar!

Nós cinco seguimos até a toalha de piquenique que eu havia preparado mais cedo, passando os pratos e enchendo-os com a miríade de doces, frutas e outras guloseimas que preparamos juntos.

Fiel à palavra de Cora, o drinkir que ela preparou é delicioso. Lajes crocantes e gordurosas são enroladas em fijos doces e cremosos, untados com queijo capra picante. Cantarolamento durante toda a refeição e, admito, volto para pegar mais duas porções do drinkir de Cora.

“Fico feliz em ver que foi um sucesso”, ela brinca com uma mordida no tizret. Eu sorrio através das bochechas cheias, e ela torce o nariz, rindo e me dando tapinhas. Akos observa com interesse enquanto eu engulo e dou outra mordida, olhando entre mim e sua porção intocada de gotejamento.

Hesitante, como se temesse que o dripir se rematerializasse repentinamente e o mordesse, ele mordisca a ponta de uma mordida. Seus olhos amarelos se arregalam, olhando entre mim e Cora enquanto ele enfia tudo na boca.

“É uma besteira!” Ele diz animado, a comida abafando sua resposta. Eu rio, feliz em vê-lo tentando algo novo – o garoto dificilmente come mais do que um punhado de suas comidas favoritas, e fazê-lo experimentar algo mais aventureiro é uma batalha difícil.

Rej'thorek claramente negligenciou a garantia de uma dieta adequada e variada ao criá-lo. Olho para meu companheiro, encantada ao encontrar seus olhos já em mim, um sorriso suave brincando em seus lábios.

Fazemos o piquenique rapidamente e, cheios e saciados, todos parecemos soltar um suspiro coletivo. Um silêncio sociável paira entre nós, e percebo mais uma vez o quão sortudo sou por ter nossa família desorganizada.

Eu não desistiria disso por nada no mundo.

“Bem, acho que essa é a nossa deixa”, diz Giroth em meio ao silêncio, levantando-se e estendendo a mão para Cora.

“Sua deixa?” Pergunto interrogativamente enquanto Akos se levanta com eles. Cora sorri para mim, olhando entre Rej'thorek e eu.

“Sim,” ela confirma, passando um braço em volta da cintura de seu companheiro. Minhas sobrancelhas se abaixam em confusão enquanto olho entre os três. Rej'thorek se levanta, agarrando o braço de Giroth e acenando para minha irmã.

Claramente, sou o único que não está por dentro.

“Vamos, Akos, vamos em frente”, diz Cora, dando um empurrãozinho em Akos em direção à porta.

“Mas onde você está indo?” Eu pergunto, ficando de pé para segui-los. Akos olha para mim por cima do ombro, abrindo a boca para responder antes que Rej'thorek lhe dê uma cotovelada. Ele apressadamente fecha a boca novamente, contentando-se com um sorriso.

"Até mais!" Ele chama enquanto corre atrás de Cora e Giroth, suas feições brilhando e mudando enquanto ele se disfarça.

Viro-me para Rej'thorek, ainda mais confuso do que estava momentos atrás, mas antes que possa dizer qualquer coisa, seus lábios tocam os meus. Levo apenas um momento para retribuir seu beijo, seus lábios se movendo sobre os meus, esvaziando minha mente de todos os pensamentos coerentes.

Ele se afasta de repente, me deixando sem fôlego, e pisca para mim.

“Oh, eu tenho planos para você, meu companheiro.”

REJ'THOREK

“P” Ian?” Laura ecoa com desconfiança, estreitando os olhos para mim. Tudo o que posso fazer é não rir. Em vez disso, arregalo os olhos fingindo choque.

“Não me diga que você esqueceu que dia é hoje?”

As feições de Laura congelam em pânico, e posso praticamente vê-la repassando mentalmente todos os nossos aniversários e feriados, frenética para entender do que estou falando. Desta vez, não consigo conter o riso.

Eu a pego em meus braços, dando outro beijo ardente em seus lábios.

“É o aniversário de quando eu conquistei você,” eu digo suavemente contra seus lábios.

Laura se afasta, diversão dançando em seus olhos.

“Bem, em minha defesa, não é nosso aniversário *de verdade* !”

“É verdade, mas este é ainda mais importante – e eu tenho tudo planejado,” digo a ela com um sorriso, carregando-a de volta para nossa mansão.

“Posso saber quais são esses planos?” Ela se esquivava, me cutucando no peito.

“Absolutamente não. Isso arruinaria a diversão.

Laura geme dramaticamente, me forçando a conter outra risada. Minha companheira é muitas coisas maravilhosas, mas certamente não é paciente.

Eu a carrego escada acima até o nosso quarto, chegando à porta no momento em que o último zagfer sai apressado. Laura olha para ela com curiosidade, mas, estranhamente, não diz nada.

Quando entramos, fico satisfeito ao descobrir que tudo foi feito exatamente como eu pedi – e ainda mais satisfeito com o suspiro que Laura deixa escapar.

Pétalas cintilantes de flores de Lolan, douradas e prateadas, espalham-se pelo chão, velas tremeluzindo em todas as superfícies disponíveis e lançando um brilho quente e romântico sobre o nosso quarto. O cheiro forte e reconfortante de nimond e risoed paira pesadamente no ar, flutuando entre a porta entreaberta do nosso banheiro.

Uma bandeja com todas as comidas favoritas de Laura está aninhada no canto, repleta de bolos e frutas temperadas e mergulhadas e completa com uma garrafa de seu vinho

favorito. Coloquei Laura no chão com cuidado e ela entrou em nosso quarto, girando lentamente para observar cada detalhe.

“Você fez tudo isso?”

“Bem, foi o zagfer”, respondo, sentindo-me subitamente nervoso. Nunca deixará de ser estranho para mim o efeito que Laura tem sobre mim. Apesar dela já concordar em ser minha companheira, e claramente querer estar aqui, acho que ainda quero agradá-la em todas as oportunidades.

Prefiro morrer a admitir isso em voz alta para qualquer outro demônio, é claro.

“É perfeito,” Laura diz sem fôlego, atraindo meus olhos de volta para seu rosto. Seus olhos cinzentos brilham com lágrimas não derramadas, a alegria irradiando dela o suficiente para quase me deixar de joelhos. Ela fecha o espaço entre nós rapidamente, jogando os braços em volta do meu pescoço e me puxando para um abraço forte.

“É melhor que seja, ou então teremos alguns zagfer sem cabeça para lidar”, resmungo de volta. Laura ri no meu peito, se afastando e enxugando os olhos. Eu sorrio para ela, acariciando sua bochecha com ternura.

“Siga-me”, eu digo, agarrando a mão dela e puxando-a em direção ao banheiro. A banheira foi preenchida com água fumegante e perfumada, óleos novos e sabonetes delicadamente perfumados empilhados ao lado dela.

Eu a despi com cuidado, reprimindo com força os impulsos mais básicos que sempre surgem quando qualquer extensão de sua pele é revelada. Depois de me despir, entramos juntos na banheira, nos acomodando no abraço quente da água.

Fazendo bom uso dos óleos e sabonetes, ensaboo as mãos, massageando lentamente as costas de Laura. Ela geme com a pressão, sua cabeça inclinando-se para trás para descansar em meu ombro enquanto eu trabalho a tensão de seus músculos.

“Agora eu poderia me acostumar com isso”, ela murmura, abrindo um olho para olhar para mim. Eu sorrio de volta para ela, dando um beijo rápido e casto em seus lábios. Qualquer coisa a mais, e não sei se conseguiria me conter – e tenho mais planos para nós depois disso que não quero estragar.

Laura, porém, parece ter ideias diferentes. Com um sorriso felino, ela se vira em meus braços, pressionando os seios contra meu peito enquanto se inclina contra mim.

“Acho que este pode ser o maior tempo que você me viu nua sem se atirar em mim”, ela brinca, inclinando-se para traçar a curva do meu queixo com a ponta do nariz.

“E você está testando dolorosamente meu controle”, rosno, tentando me concentrar em qualquer coisa, exceto na sensação de seus mamilos roçando meu peito nu. O sorriso de Laura se aprofunda enquanto ela envolve as pernas em volta da minha cintura, o calor entre suas pernas pressionando meu comprimento nu e me fazendo respirar fundo.

“Por que se conter? Afinal, é *uma* ocasião especial”, ela murmura, com o riso dançando em sua voz. Ela dá um beijo no meu queixo, depois no pescoço, abaixo da orelha, antes de beliscar com força o lóbulo da minha orelha.

Não vou durar nessas condições.

Eu me levanto, as pernas de Laura ainda enroladas em minha cintura. O ar frio nos atinge ao substituir a água quente, e Laura grita com o frio e o movimento repentinos.

“É melhor passarmos para a sua próxima surpresa,” eu resmungo, e Laura faz beicinho.

“Você não é divertido,” ela resmunga enquanto eu a coloco ao lado da banheira, puxando um roupão grosso e felpudo sobre o ombro e amarrando-o com muita firmeza.

“Vamos ver se você ainda pensa isso depois disso,” eu digo enquanto visto um roupão combinando, levando-a de volta para o nosso quarto. A já nebulosa luz do sol está começando a diminuir do lado de fora da nossa janela, a tempestade elétrica que nos cerca constantemente pulsa com uma nova vida.

Perfeito – Laura sempre foi fascinada pela tempestade.

Pego a bandeja e bebo vinho, destrancando a janela antes de olhar por cima do ombro para onde Laura está parada, em dúvida, no centro do nosso quarto.

Com um sorriso, jogo uma perna para fora da janela e o rosto de Laura se contorce de horror.

“O que você está fazendo?!” Ela grita, correndo para frente com os braços estendidos como se quisesse me agarrar.

“Vamos,” eu digo entre uma risada, balançando minha outra perna e empurrando para fora do parapeito da janela. Pouso suavemente no telhado, poucos metros abaixo, e vejo Laura inclinar a cabeça para olhar para mim, incrédula.

“Você não respondeu minha pergunta!” Ela diz, olhando para o telhado como se ele fosse mordê-la. Reprimo outro sorriso, arqueando a sobrancelha para ela, zombando do olhar que ela sempre parece me dar.

“Vamos fazer um piquenique”, respondo, apontando para o telhado como se fosse óbvio.

“Um piquenique? No telhado?”

Não respondo, em vez disso aproveito para estender o cobertor que estava dobrado na bandeja e começo a arrumar tudo. Depois que tudo estiver definido, volto-me para ela.

“A menos que você esteja com medo, é claro.”

Laura bufa, olhando entre mim e o telhado, antes de balançar a perna para fora da janela, resmungando uma série impressionante de palavrões. Minha companheira nunca é capaz de desistir de um desafio – é uma das muitas coisas que adoro nela.

Assim que seus pés tocam o telhado, estou ao seu lado, guiando-a até o cobertor e acomodando-a entre minhas pernas, com as costas pressionadas contra meu peito. A tempestade elétrica sopra, relâmpagos brilham ao longe e as nuvens se agitam enquanto Laura e eu experimentamos pedaços dos vários alimentos servidos para nós.

Um silêncio sociável cai enquanto observamos a tempestade, e me ocorre que nunca estive tão... confortável. Tão feliz. Tudo com Laura é tão fácil quanto respirar.

Olho para minha companheira então, guardando na memória os planos de seu rosto e a cor de seu cabelo. Quero me lembrar desse momento para sempre, da maneira como a pressão leve e quente do corpo dela se molda perfeitamente ao meu.

Uma pequena ruga se forma entre suas sobrancelhas enquanto eu a observo, e sua mão desliza quase distraidamente até sua barriga, pousando ali e traçando pequenos círculos.

“O que você pensa sobre?” — pergunto, inclinando-me para beijar o topo de sua orelha.

“Nada”, ela diz baixinho, virando a cabeça para que aqueles tempestuosos olhos cinzentos possam encontrar os meus. Não digo nada, simplesmente olho para ela, e ela suspira.

“Eu estava pensando... bem, não é como se eu não estivesse feliz. Eu amo você e Akos mais do que pensei que poderia amar qualquer coisa, mas eu só queria...”

"Você apenas deseja?" Eu peço.

"Eu gostaria que pudéssemos ter um filho", ela sussurra depois de um longo período de silêncio, como se admitisse algum segredo obscuro em voz alta. Eu canto e rolo pensativamente, dando outro beijo no topo de sua cabeça.

Eu seria um mentiroso se dissesse que não pensei a mesma coisa, que não tive sonhos melancólicos com um pequeno demônio loiro com os olhos de Laura correndo loucamente pela mansão - mas eu não mudaria nada em nossas vidas por nada.

Eu nunca trocaria Laura por nada.

"Suponho que só precisaremos encontrar alguns bebês meio-demônios para brincar, então," digo suavemente. Ela sorri, mas seus olhos parecem duvidosos.

"Há alguns?" Ela pergunta. Meus olhos se desviam dos dela, fixando-se na tempestade que se forma.

Se não houver agora, certamente haverá.

BÔNUS CAPÍTULO 3

M Meus olhos se abrem, o sono profundo e sem sonhos que tive há poucos momentos se dissipa mais rápido que a névoa em uma manhã ensolarada. Nada além de uma escuridão profunda cumprimentar meus olhos abertos, como se eu nunca os tivesse aberto, para começar.

Fiquei deitado no escuro, respirando o mais silenciosamente que pude. Sem olhar para a janela, sei que já é hora da terceira alimentação da noite de Alvech. Isso foi algo que eu nunca imaginei sobre a maternidade - de alguma forma, o relógio interno do meu corpo se sintonizou em cada choro, em cada mudança de horário, é como se eu pudesse ler sua pequena mente.

Mesmo agora, deitado no escuro, sei, sem sombra de dúvida, que ele está prestes a acordar e que os gritos logo ecoarão pelo corredor até que eu chegue ao berçário para amamentá-lo.

Isso não significa que eu não possa esperar estar errado, no entanto.

A calma do silêncio é demais para minha mente privada de sono e, em segundos, minhas pálpebras ficam pesadas. Estou prestes a sucumbir ao doce abraço do sono quando um grito agudo enche o quarto.

Meus olhos se abrem e eu saio da cama sem pensar. Estou de pé antes que minha mente possa me acompanhar, tentando o meu melhor para lutar contra a névoa de privação de sono que paira sobre mim desde o parto.

Maldição, eu sabia disso.

Procuro cegamente meu roupão, enrolando-o rapidamente enquanto saio cambaleando do quarto de Kha'zeth e I. Estas últimas semanas passaram numa névoa sem sono, amorosa e cheia de aconchego, e agora, com 3 semanas inteiras, Alvech decidiu que vai usar todo o pulmão que tiver – especialmente quando estiver chateado.

Como se respondesse aos meus pensamentos, Alvech choraminga novamente, mais alto e mais insistente. Há uma linha muito tênue entre ser capaz de reagir rápido o suficiente para acalmar Alvech e colocá-lo de volta no sono com relativa facilidade, versus ter um bebê muito irritado e muito acordado, e agora corro o verdadeiro risco de cair do lado errado. dessa linha.

Meu corpo está pesado quando finalmente chego à porta, meus olhos mal abertos e ainda inchados pelas duas horas de sono que consegui dormir.

Eu sabia que era muito cedo para transferi-lo para o berçário, penso comigo mesma, meio grogue. Isso seria muito mais fácil se ele ainda estivesse no berço ao lado da nossa cama.

A porta se abre sem que eu precise girar a maçaneta, e meu cérebro se esforça para processar aquela informação enquanto entro na sala. Deixei a porta dele aberta por acidente?

Estou a meio caminho do berço quando percebo que Alvech não está lá dentro, e um pânico vertiginoso e avassalador afasta minha exaustão. Eu giro, o nome de Kha'zeth já crescendo na minha garganta, quando meus olhos pousam na cadeira de balanço no canto.

Kha'zeth balança suavemente, Alvech se contorce em seu peito nu enquanto Kha'zeth sussurra ruídos suaves para ele. Alvech bufa e grita enquanto luta para se sentir confortável contra a pele de Kha'zeth. Alívio com os joelhos trêmulos ao ver a imagem dos dois, dos meus meninos, quase me faz cair no chão.

Ele não se foi. Ele está bem, ele está seguro.

Eu nem percebi quando acordei mais cedo que Kha'zeth não estava na cama ao meu lado – suponho que isso só mostra o quão cansado estou. Parece que tenho sobrevivido apenas por instintos nas últimas semanas. Meu companheiro sorri suavemente para mim na escuridão, seus olhos brilhando como se ele pudesse ler meus pensamentos.

"Você quer que eu assuma?" Eu sussurro, me aproximando dos dois. Kha'zeth apenas balança a cabeça, seu sorriso se aprofundando.

"Não, meu amor, eu entendi. Ele está apenas procurando conforto."

"Tem certeza?" Pergunto nervosamente, olhando entre os dois. "Ele geralmente precisa mamar nessa época—"

"Natalie, ele está bem. Melhor do que tudo bem - ele é perfeito. Eu prometo que posso lidar com isso, e se eu tiver a menor suspeita de que ele está com fome, eu o trarei até você. Você dificilmente dormiu mais de uma hora seguida desde que ele nasceu. Precisas de descansar."

Uma parte de mim quer continuar a protestar, mas sei que ele está certo. Estou exausta e sei que não posso cuidar dele se não for capaz de funcionar, mas isso não impede a pequena parte do meu cérebro que se sente obrigada a ser a única a cuidar dele. E se ele precisar de mim e eu não estiver aqui?

Kha'zeth aponta o queixo suavemente em direção à porta.

“Vá em frente, durma um pouco. Estarei aí em breve.

A luta desaparece de mim e eu aceno, sorrindo suavemente. Eu me inclino para frente, dando um beijo em seus lábios.

“Eu te amo”, ele sussurra.

“Eu também te amo”, sussurro de volta. Saindo do quarto, fechei a porta o mais lenta e suavemente possível, não querendo incomodar mais Alvech. Mal dou três passos para trás em direção ao nosso quarto, meu estômago ronca, alto o suficiente para que eu me encolha e pressiono as mãos contra ele, como se quisesse abafar o barulho.

Mesmo com meu corpo tão sintonizado com o horário de Alvech, meu próprio horário ainda encontrou maneiras de coexistir com o dele – um horário como comer assim que meus pés tocam o chão. Com um suspiro, altero meu rumo, andando descalço em direção à cozinha.

Só um pequeno lanche, digo a mim mesma enquanto o brilho fraco das luzes da cozinha se aproxima. É certo que, para os meus padrões, um pequeno lanche hoje em dia é do tamanho de uma refeição normal – se eu pensei que estava com fome durante a gravidez, então o tipo de fome que senti durante a amamentação está mais próximo da fome genuína.

Já, pensamentos sobre pão aquecido e queijo taura dourado e picante dançam em minha mente, saliva acumulando em minha boca. *Assim que minha barriga estiver cheia, aproveitarei a oferta de Kha'zeth e dormirei*, prometo a mim mesmo em silêncio.

Atravesso a soleira da cozinha, com o calor lânguido dos fornos girando ao meu redor, e fico cara a cara com as meninas.

“Valindra? Tanúlia? Elincia? O que vocês três estão fazendo aqui?”

KHA'ZETH

Alvech ronca contra meu peito, seu rostinho enrugado pressionado contra minha pele nua. Posso sentir a baba escorrendo pelo meu esterno, mas isso não me incomoda, não como antes - na verdade, estou feliz que ele esteja dormindo.

Agora, o truque é colocá-lo no berço sem acordá-lo.

Movo meus pés embaixo de mim o mais silenciosamente que posso, apertando meu abdômen enquanto tento me levantar da cadeira sem mover a parte superior do corpo, para não perturbá-lo. Consigo fazer isso com relativa facilidade, graças aos deuses, e começo a caminhar com cuidado em direção ao berço.

Alvech estremece de repente em meus braços e eu congelo, com medo de tê-lo acordado. O aviso de Natlie sobre um reflexo que os bebês têm que os faz se assustar flutua em minha mente, mas eu continuo indiferente, apenas no caso de ele realmente estar acordado. Depois de alguns segundos de silêncio, continuo em direção ao berço, repreendendo-me mentalmente.

Com medo de um bebê, eu zombei de mim mesmo. Como as coisas mudaram.

Dolorosamente lentamente, afasto Alvech do meu corpo, baixando-o no berço com cuidado meticuloso. Quando tiro minhas mãos de baixo de seu corpinho, ele se mexe novamente, e me pego prendendo a respiração enquanto o observo.

Só quando aqueles pequenos roncos começam de novo é que saio do quarto, fechando a porta suavemente atrás de mim. Com um sorriso satisfeito, me viro e começo a ir para a cozinha.

Mal cheguei na metade do caminho quando ouço as vozes do trigêmeo subindo e descendo, caindo umas sobre as outras como água.

Droga, eu disse a eles para não sobrecarregá-la, penso enquanto acelero o passo, contornando a última esquina do corredor que leva à cozinha.

"Você não está tão surpreso?" Elincia pergunta animadamente.

"Espere até ver o que temos para você!" Tanúlia acrescenta.

“É muito cedo para acordar”, Valindra geme quando finalmente entro na cozinha. Meus olhos imediatamente encontram Natalie, ainda envolta em seu roupão grosso e enrolada em uma cadeira da cozinha. Ela sorri suavemente para mim, a diversão dançando em seu rosto enquanto as meninas continuam a conversar umas com as outras.

“Você não precisa estar acordada se quiser ficar de mau humor”, Elincia critica a irmã.

“Só estou dizendo que ninguém deveria estar consciente a esta hora”, Valindra retruca, revirando os olhos.

“Alvech é apenas um bebê, ele não consegue evitar”, diz Tanulia suavemente.

“Tudo bem, tudo bem,” rosno para as meninas, atravessando a sala para sentar ao lado de Natalie. “Achei que tínhamos concordado que este seria um evento calmo e *tranquilo*”, digo, lançando a cada um deles um olhar aguçado.

Elincia – como sempre – me ignora, batendo palmas com entusiasmo.

“Agora que todos estão aqui, podemos finalmente mostrar sua surpresa!”

Natalie lança um olhar interrogativo para nós quatro e eu apenas sorrio para ela, estendendo a mão para apertar sua mão.

As meninas puxam três bandejas com floreios dramáticos, todas sorrindo amplamente para Natalie – até mesmo para Valindra. Bolos planos e com mel são empilhados em uma das bandejas, cobertos com chantilly e frutas vermelhas. Outro é recheado com tortas saborosas recheadas com ovos e vários queijos e carnes, e no terceiro há um arranjo de frutas e queijos diversos, todos os favoritos de Natalie, e todos distribuídos em porções pesadas.

Olho furtivamente para minha companheira, seus olhos escuros brilhando com lágrimas não derramadas enquanto eles olham entre nós.

"O que é tudo isso?" Ela pergunta, estendendo a mão para enfiar uma das tortas pequenas e saborosas em sua boca. Reprimo uma risada, Valindra intervém antes que alguém possa falar.

“Pensamos em surpreendê-lo! Alvech ocupa muito do seu tempo e você está sempre tão cansado, então queríamos fazer algo legal!”

“ *Sugeri* que fizéssemos as tortas”, anuncia Elincia, com o peito cheio de orgulho.

“ *Todos nós* pensamos que você poderia precisar de um pouco de mimos,” eu interrompi antes que as meninas pudessem começar a brigar novamente.

“Ah, pessoal,” Natalie murmura, sua voz grossa – se pela comida ainda em sua boca ou pela emoção, não sei dizer. Algumas lágrimas escapam e rolam por seu rosto enquanto as garotas avançam, envolvendo-a em uma pilha de braços cinzentos e desengonçados e muitos elogios.

“Não chore!” Tanulia acalma.

“Ela está chorando porque está feliz”, diz Valindra.

“Eu sei disso, mas ainda odeio vê-la chorar”, diz Tanulia na defensiva.

“Deixem ela respirar, meninas”, lembro-lhes com um sorriso. Na verdade, estes são os momentos pelos quais vivo. Natalie tem sido uma figura materna maravilhosa para as meninas. Uma parte de mim temia que, quando tivéssemos um filho, o relacionamento deles pudesse ficar tenso, mas aconteceu o oposto - as meninas valorizam Natalie ainda mais agora, ajudando Alvech como podem, e Natalie parece adorar eles indefinidamente por isso.

Eu me levanto, pego um prato e empilho-o para Natalie enquanto as meninas começam a se servir e voltam a conversar entre si.

Quando me sento ao lado de Natalie novamente, ela me lança um olhar confuso, embora isso não a impeça de dar uma mordida na comida.

"O que?" — pergunto baixinho, minha voz quase abafada pelo barulho que as meninas estão fazendo.

“Como você sabia que eu estaria aqui?” Ela pergunta, sua voz abafada pelos bolos. Desta vez, não contenho uma risada, esticando-me para beliscar sua bochecha com adoração.

“Você está sempre na cozinha hoje em dia e, felizmente, Alvech decidiu tornar sua agenda um pouco mais previsível”, digo a ela. “Você come qualquer coisa que não esteja pregada no balcão quando acorda.”

Natalie faz um barulho de indignação, me dando um tapa, mas o sorriso em seus lábios a trai.

“Você não tem ideia de como é tentar obter comida suficiente para se sentir saciado enquanto prepara a comida de outro ser com seu próprio corpo”, ela retruca. Eu me inclino para frente, pegando seu queixo com o dedo e arrastando seu rosto para o meu, saboreando a forma como seus olhos escuros se arregalam ligeiramente.

“Você está certo,” murmuro. “E admirarei tudo o que você fizer por nossa família até o fim dos meus dias.”

Um rubor rosa sobe por seu pescoço enquanto olhamos um para o outro, e de repente me vejo desejando que as meninas estivessem em algum lugar muito, muito distante.

“Você pode nos comer fora de casa o quanto quiser”, acrescento, iluminando o momento e rindo enquanto Natalie faz uma careta para mim.

Todos terminam o café da manhã rapidamente, e as meninas, saciadas e provavelmente ainda cansadas de acordar cedo, voltam para seus quartos depois de abraçar e beijar Natalie. Assim que eles vão embora, entrelaço meus dedos delicadamente com os de Natalie, colocando-a de pé.

“E agora estou falando sério sobre você descansar,” digo a ela enquanto a guio de volta para o nosso quarto. Ela já tem um olhar sonolento e distante, e não posso deixar de me dar um tapinha mental nas costas por esta manhã. Era exatamente disso que ela precisava, mesmo que não soubesse o que pedir.

Natalie quase desaba na cama quando entramos em nosso quarto, e eu ajudo a tirar seu roupão antes de me deitar ao lado dela e prender as cobertas firmemente em volta de nós.

“Obrigada,” ela murmura sonolenta enquanto se aninha em mim.

“Qualquer coisa por você,” eu sussurro de volta, dando um beijo em sua testa. Apesar de quão cansada eu sei que ela está, no entanto, sua respiração não para imediatamente, e posso praticamente ouvir seus pensamentos girando em sua mente.

“Sabe,” eu sussurro, tentando distraí-la, “ouvi dizer que outros pares de demônios e humanos estão tentando ter bebês também. Não apenas por ordem do rei. Alvech pode ter alguns amiguinhos para brincar aqui em breve.

“Ele ainda não correu”, ela murmura em meu peito, e meus ombros tremem de tanto rir.

"Sim, eu sei, mas ele estará antes que percebamos."

"Você realmente acha que mais pessoas como nós começarão a ter filhos?"

"Eu quero," eu digo suavemente. "Mas também sei que a prole deles será uma pálida imitação da nossa." Natalie bufa, aninhando-se mais fundo em meu peito.

"Sabe", acrescento lentamente, "parece que estamos dando o exemplo. Talvez devêssemos ter outro, apenas para garantir que estamos à frente do jogo." Natalie se inclina para trás para olhar nos meus olhos, seu rosto incrédulo.

"Eu nem estou curado de Alvech, e você já está falando em ter outro filho?" Eu apenas sorrio em resposta, e Natalie revira os olhos antes de se aninhar no meu peito.

"Você é insaciável," ela resmunga, embora eu não perca a sugestão de um sorriso em sua voz.

"Para você? Sempre."

PRÉVIA DE SEU PAI DEMÔNIO

Os Mundos de Prothea são um mundo vasto e crescente. Confira o demônio companheiro autônomo ambientado neste mesmo universo. É uma história que será sombria, deliciosa, pecaminosa e ainda assim doce.

Seu pai demônio

Por Celeste King

Disponível na Amazon [aqui](#)!

ASMODEUS

55 ANOS ANTES

Scremes e gemidos perfuram o ar, e meus olhos procuram desesperadamente por uma fuga. Deve haver um fim para isso. Eu só tenho que encontrar.

Mas eu já deveria saber que não há saída. Não há fim.

O chão queima ao meu redor, o céu está vermelho furioso. Muito parecido com os rios de sangue cobrindo o chão. Foi nisso que nosso planeta se transformou? O que meu povo se tornou?

O gás ainda enche o ar, apertando meus pulmões e obscurecendo minha visão. Não tenho tempo para pensar nisso, pois minha mão aperta o pequeno colar que nunca tiro. É a única coisa que me fundamenta, embora neste momento a base possa ser o lugar onde *não* quero estar.

Isto é, até ver a abertura brilhante de um portal. O alívio surge através de mim enquanto os pulsos mágicos irradiam pelo ar, rasgando e esticando o tecido do espaço para me dar a coisa que mais preciso.

Uma fuga.

Corro em direção ao portal aberto, sem deixar minha mente acompanhar minhas ações. Já pensei nas consequências? Absolutamente não. Mas agora não é hora para isso. É a hora de agir. A única alternativa é a morte.

Os demônios ao meu redor têm rostos inexpressivos, suas mentes em um estado incapaz de pensar. Somente direção.

"Por aqui!" Eu grito, conduzindo-os para uma terra desconhecida.

Meus olhos percorrem o chão queimado e carregado de corpos. Não tenho tempo para considerar o que significa deixar o único lugar que conheci. Eu tenho que continuar andando.

Perdendo a conexão entre duas palavras, viro-me para ver qual será o nosso novo lar. Prédios altos perfuram o céu nublado ao longe e uma carga elétrica vibra no ar, fazendo cócegas na minha pele.

As bordas visíveis me dizem que estamos cercados por penhascos ou em uma ilha, o que para mim está bom. Qualquer coisa para escapar da nossa situação atual.

“Depressa”, eu conduzo os demônios. Meus olhos rastreiam o céu e meu estômago se revira. Não sei quanto tempo temos.

Não sou estranho à violência – não como demônio, guerreiro ou membro da realeza. Fui obrigado a resistir a cenas que deixariam outras pessoas doentes.

Então, quando o estado dos demônios ao meu redor revira meu estômago, sei que deve ser terrível. Sangue e feridas abertas adornam seus corpos através de armaduras rasgadas, e nossa magia não os cura rápido o suficiente.

Vários caem de joelhos, e os outros ficam atordoados demais para correr para ajudar seus irmãos caídos como deveriam. Os feridos precisam de ajuda, que irei providenciar assim que chegarmos em segurança.

À medida que o último demônio atravessa a nova ilha, o portal se fecha. Embora eu devesse estar mais preocupado com a perda da passagem, estou aliviado. Fui potencialmente barrado de minha casa, mas estou mais focado no que estava fugindo do que no que perdi.

E para mim, a troca vale a pena.

Ando pelo batalhão, avaliando os danos. Não vejo ninguém muito longe, graças aos Sete. Pode sobrar uma pequena parte de nós, mas vamos superar isso juntos.

Quando deslizo entre os corpos, todos se viram, olhando para mim. E, ao contrário do habitual, não há julgamento aí. Sempre houve quem questionasse minhas ligações e, ainda assim, ninguém ousou contestar.

Estamos todos vivos e isso parece ser suficiente.

Minha mente parece recuperar o atraso neste momento, lembrando-me que não sei onde estou. O portal fechou e não há como voltar para casa. E se esta ilha for inabitável? Estou feliz por ter conseguido salvar a todos, mas e se eu nos condenar do mesmo jeito?

Respiro fundo, acalmando minhas preocupações. Tenho que dar um passo de cada vez. Longe dos perigos que nos assolavam e entramos neste novo mundo.

É diferente? Sim. Tudo, as plantas, os edifícios e o solo são de um ônix escuro e brilhante. Mas não é algo que eu despreze. Nem sou contra a tempestade elétrica que se espalha pelo céu. Posso facilmente extrair magia dele, o que será muito útil quando se trata de curar meus guerreiros.

Consegui chegar à frente da multidão e agora não há nada entre mim e a nossa nova cidade. Eu esperava me sentir intimidado, olhando para a arquitetura retorcida. Não sei o que nos espera aqui, mas em vez de apreensão, um arrepio de excitação percorre meu corpo.

Uma nova possibilidade.

Passos atrás de mim chamam minha atenção e me viro lentamente para ver um de nossos melhores guerreiros, um enorme demônio gilak, avançando. Ele está piscando lentamente, o torpor em seus olhos desaparecendo, e percebo que a clareza está começando a alcançá-lo.

Talvez seu tamanho grande o tenha metabolizado mais rápido que os outros, mas vejo que não tenho muito tempo.

Especialmente quando ele murmura: “Onde estamos?”

Meus olhos varrem a multidão e vejo que ele não é o único observando o que nos rodeia. O choque está passando e eles estão começando a registrar o que está ao seu redor. E eles não parecem tão entusiasmados quanto eu.

Não quando uma das matronas pisca, olhando por cima da borda mais próxima dela com os olhos arregalados. “Onde... fica o chão?”

Olho para as bordas irregulares do que percebi ser de fato uma ilha – e parece ser uma ilha flutuante. Não há outra terra à vista, nem água. Em vez disso, há apenas a espessa mortalha da tempestade, bloqueando toda a luz do sol e atacando o ar até que minha pele fique arrepiada com o poder na ponta dos meus dedos.

Como eles poderiam não amar tudo nesta ilha? É como se tivesse sido construído para demônios – e suponho que tenha sido.

Mas quando ninguém responde às suas perguntas, parece que me ocorre. Seus olhos estão em *mim*, o aquele que os conduziu até aqui, aquele que conjurou o portal que os salvou. Eles são meu batalhão, sim, mas agora é mais do que isso.

Sou responsável por eles, mais do que nunca. Trabalhei duro para proteger aqueles sob meus cuidados, mas guiá-los para um novo lar é um passo que nunca pensei que teria a chance de dar.

E é hora de dar-lhes as respostas que tanto procuram, para que não as encontrem por conta própria. Esta é minha chance.

Eu me levanto em toda a minha altura, endireitando os ombros. Meu rosto está coberto pelo capuz, que puxei para cima para me proteger do ataque no céu antes de entrarmos no portal, e sou grato por isso.

“Eu sou seu rei”, anuncio com tanta autoridade quanto posso reunir. Examinando cada rosto, não vejo nenhum pingo de reconhecimento enquanto eles acenam com a cabeça. Bom. “Eu trouxe você aqui para escapar do nosso planeta devastado. Eu salvei você da aniquilação ambiental de nossa casa.”

Enquanto aceno, começo a andar, minha voz aumentando de volume. Eles realmente não se lembram de nada e, por isso, direi a eles tudo o que precisam saber.

“Nosso planeta foi perdido para nós.” Percebo o quanto alguns deles parecem feridos e tento contornar quaisquer perguntas subsequentes acrescentando: “Sobrevivemos aos ataques finais que o mundo ousou lançar sobre nós e agora somos o que resta da nossa raça. Pela nossa força e coragem, os deuses nos abençoaram.”

Eu me viro, movendo meu braço em direção à cidade. “Bem-vindo a Galmoleth, nosso novo lar. Um presente dos Sete por tudo o que sofremos em nome deles – e trataremos isso como tal.”

Com a minha proclamação, a excitação percorre a multidão. Os murmúrios crescem até se transformarem em vivas – para mim ou para os deuses, isso não sei. Tudo o que sei é que eles estão começando a voltar à vida e estão ansiosos para ver este novo mundo que prometi.

Dou um passo para trás, conduzindo-os em direção à sua nova casa, enquanto a pele ao longo das minhas costas se arrepia. É quase como se eu estivesse sendo observado, todos os músculos do meu corpo ficando tensos.

Um arrepio percorre minha espinha e um suor frio percorre minha pele.

“Muito inteligente”, uma voz profunda ressoa em meu ouvido, e viro a cabeça, verificando atrás de mim com minha visão periférica. Mas, assim como eu suspeitava, não há ninguém lá.

Na verdade, quase parece que aquela voz veio de dentro da minha cabeça. Procuro não girar totalmente para não chamar a atenção para mim. A última coisa que preciso é que outros demônios percebam meu comportamento.

Mas então o colar apoiado entre minhas clavículas começa a esquentar e me atinge de uma só vez. Essa voz *está* dentro da minha cabeça – e por um bom motivo. Engulo em seco ao perceber o tipo de escrutínio que estou enfrentando.

Especialmente quando ele sussurra: “Agora vamos ver quanto tempo você consegue continuar assim”.

Sua risada cruel enche minha cabeça e me irrita até que é tudo que consigo ouvir.

E sua pergunta continua a ecoar em minha mente muito depois de a presença me deixar.

Quanto tempo posso continuar assim?

ASMODEUS

EU fico congelado enquanto as paredes e o chão abaixo de mim tremem. Sei que se sinto isso aqui, num dos últimos andares do castelo, deve ter sido ruim.

Mas não sei por que esperaria menos. Eles estão ficando mais fortes a cada dia que passa, e só posso ignorar isso por um certo tempo.

Outros estão começando a tomar nota. Mais de uma vez, a preocupação foi levantada para mim. Parece que as pessoas não gostam de uma ilha flutuante tremendo como se fosse cair do céu.

Ainda não contei a ninguém que é exatamente isso que vai acontecer.

Finalmente, o chão para de tremer e meu estômago se revira quando sinto o prédio balançar abaixo de mim. Ela tem sido reassentada a cada mudança no planeta, e não tenho certeza de quanto tempo minha casa permanecerá inteira.

Eu olho para o altar diante de mim. Há uma mesa sobre os dias elevados, velas acesas espalhadas em torno de uma tigela de ônix cheia de água. Todas as grossas cortinas pretas estão fechadas para que a única luz venha das chamas e de onde elas refletem na água.

Montado na parede acima do altar está o mesmo símbolo amarrado em meu pescoço: uma árvore de obsidiana, galhos nus e raízes expostas. O sinal de Oltyx, o deus da terra. Não sei se ele fez esta ilha especificamente para nós ou se apenas me mostrou o caminho, mas de qualquer forma, ele me trouxe até aqui. E agora, ele parece não se sentir mais tão generoso.

“Não sei o que fazer!” Eu grito quando bato nos joelhos.

Orar não funciona. Nem minha magia ou o poder combinado de todos os meus demônios soz'garoth, que deveriam ser os melhores manejadores de magia da ilha.

Não perdi um único sacrifício e, ainda assim, o lugar da ilha no céu é, na melhor das hipóteses, tumultuado. E o meu domínio sobre o meu povo tem diminuído com o seu poder...

Dos dois, estou mais disposto a nos deixar colidir com o planeta abaixo do que a deixar escapar meu poder sobre os outros demônios. Daí os tremores. Tenho investido tudo o que posso para manter a nossa sociedade – embora isso não signifique que não tenha tentado com a ilha. Estou simplesmente perdido.

Uma parte de mim se pergunta se esse é o objetivo da Oltyx. Colidir com Protheke só levará a outra guerra, forçando-nos a lutar pela nossa própria parte do planeta. Algo me diz que isso divertiria mais o deus do que atormentarmos ocasionalmente uma aldeia em busca de elfos e humanos para cumprir nossas ordens - bem, *suas* ordens.

Fico ali de joelhos, meus pensamentos girando enquanto olho para a árvore que uma vez vi como minha salvação. Agora vejo o que realmente é – uma ameaça. Uma promessa com consequências que não estou pronto para colher.

Finalmente, eu me coloco de pé.

“Não sei por que me incomodo”, murmuro enquanto subo os degraus do altar e apago as velas. A água ondula e eu meio que espero que outro tremor percorra a ilha diante do meu desafio.

Mas, como nos últimos cinquenta e cinco anos, estou sendo ignorado.

Indo até as cortinas, afasto-as das janelas e deixo entrar a luz fraca. Quando chegamos a Galmoeth pela primeira vez, pensei que a tempestade fosse uma ocorrência aleatória, mas depois ela nunca passou. Estamos envoltos nas nuvens desde então.

Pelas janelas, observo a cidade em expansão. Demônios vagam pelas ruas e, ao vê-los se movimentar, fico impressionado com o quão terrível seria uma guerra. Nossos números ainda são tão poucos – ainda menos com as matronas limitadas. Enfrentaríamos a aniquilação em Protheke devido ao seu número.

E, no entanto, é uma possibilidade que estou considerando.

Mas temo o que acontecerá se entrarmos em batalha. Isso trará lembranças de casa para eles? Será que eles começarão a se lembrar das guerras que ocorreram lá, do planeta devastado do qual fomos forçados a deixar? É um risco que não deveria correr, mas estou começando a ficar sem opções.

Se eu não fizer alguma coisa, tudo isso vai desmoronar, e não posso permitir isso. Sem Galmoleth, não sou nada. Não há futuro para mim sem esta ilha, o meu poder e o meu povo – que dependem uns dos outros.

Meu controle está diminuindo e sei que isso me custará tudo.

Irritado com a falta de progresso, vou recolher minhas vestes, puxando o capuz sobre o rosto. O tempo que passei aqui foi tudo menos tranquilo e estou saindo mais tenso do que quando entrei. E sem nenhum plano.

Irrompo pelas portas que levam ao castelo principal, e os poucos servos próximos fogem do meu caminho. Estou acostumada com isso, prefiro, na verdade, e agora acho que eles podem sentir a raiva saindo de mim.

Cedo demais, vejo um dos meus conselheiros vindo pelo corredor e bufo enquanto tento passar por ele. Sezruk caminha ao meu lado e eu reprimo um suspiro. Infelizmente, sai como um grunhido áspero.

“Esse foi o terceiro desta semana, senhor”, ele me diz como se eu mesmo não os estivesse contando.

Eu cerro os dentes. “Estou ciente.”

“Está causando inquietação. As pessoas estão falando–”

“Deixe-os falar!”

Na verdade, essa é a última coisa que quero. As perguntas já estão começando a aparecer – perguntas para as quais não tenho resposta. Mas não posso demonstrar esse pânico agora e prefiro que a minha ira os silencie do que permitir que a especulação comece.

Os Sete só sabem aonde isso vai levar.

“Senhor,” Sezruk pressiona, embora desta vez com mais timidez. “Acredito que esta é uma questão que merece mais consideração–”

Eu giro sobre ele, rosnando sob o capuz. “Não fale comigo como se eu fosse incapaz de tirar minhas próprias conclusões lógicas.” Dou um passo à frente e Sezruk recua. “Estou bem ciente do que precisa da minha atenção. Não preciso *que você* me diga como lidar com meu reino.”

Minha raiva atinge um limite incontrolável. Estou sobrecarregado demais à medida que esse problema cresce, e a última coisa que preciso é de algum demônio inferior ignorante pressionando com mais força. Estou bem ciente de quão frequentes os tremores têm sido e quão mais frequentes e agressivos eles se tornarão.

Parecia que o próprio Oltyx estava contando nossos dias para nós.

A sua mensagem hoje é alta e clara: o tempo está quase acabando.

"Estou compreendido?" Ele acena com a cabeça e eu solto um grunhido baixo.

"Responda-me!"

"Sim senhor."

Sem responder, eu me viro, indo até o fim do corredor e entrando em meus aposentos pessoais. Afundo-me nas portas duplas e solto um suspiro que não alivia a tensão em meu peito.

Quanta pressão serei capaz de suportar até desmoronar também?

Afastando esse pensamento, entro no meu quarto. "Venha aqui!" Eu lati, parado diante do meu vestiário.

Meus servos entram correndo, seguros depois de meio século sem ver. Eles são zonaks pequenos e diligentes, e nem protestaram quando eu os ceguei permanentemente. Afinal, era um pequeno preço que eles pagariam por suas vidas.

Eu não poderia ter criados que pudessem me ver, é claro. Não posso ficar com minhas vestes o tempo todo. Essa foi a única opção que me restou, mas eles se acostumaram.

Eu estou na plataforma elevada enquanto eles tiram minhas vestes e armadura, me transformando em algo mais confortável. Decidi voltar para meus quartos durante a noite.

Antes que eu possa relaxar, porém, tenho que lidar com o que pode muito bem ser um negócio fútil.

"Já está na hora, senhor?" meu servo mais diligente, Ar'geg, pergunta.

Eu me afasto deles enquanto eles guardam as vestes e armaduras. "Sim. Traga-me o de sempre.

Isso é outra coisa com a qual me acostumei. Sou um guerreiro, um lutador e farei o que for preciso para sobreviver. Mas este aspecto da minha vida precisou de alguns ajustes

no início. Nunca me esquivei disso, é claro, mas sei que outros demônios estremecem quando assumem o que faço com as mulheres entregues em meus quartos.

Enquanto Ar'geg corre em direção à entrada dos empregados para ir buscar meu último pedido, um pensamento me ocorre.

“Desta vez,” eu digo, e ele faz uma pausa, virando a cabeça para me ouvir. “Eu quero um pouco diferente.”

“Como assim?”

Deuses, espero que isso funcione. “Escolha uma tarifa forte, algo diferente do que você normalmente seleciona para mim.”

Ar'geg permanece congelado, esperando por mais instruções, e isso me deixa nervoso.

Drar'ran, outro de meus servos, balança nervosamente de um pé para o outro.

“Senhor...”

Eu suspiro. Eu realmente devo fazer tudo sozinho. “Traga-me a mulher mais forte que você puder encontrar!” Eu estalo. Por que não posso estar rodeado de demônios competentes? Eu juro que um grupo de ur'gin seria melhor do que esse às vezes. “E faça isso rápido! Eu a quero agora!”

Eles correm para atender minha exigência, saindo correndo pela entrada dos empregados em uma velocidade que eu poderia ter apreciado. Se nossas vidas não dependessem disso.

Se percebi alguma coisa hoje é que as almas dos mansos não estão mais cortando isso.

SIARA

Cuma pedra velha morde minhas costas, mas, em vez de me afastar dela, me inclino sobre ela. É um aterramento, quase como se a dor me lembrasse que isso não é um pesadelo. Não estou sonhando – duvido que tenha imaginação para inventar as torturantes masmorras em que me encontrei.

E não estou totalmente convencido de que não estou na vida após a morte. Embora, se estiver, sei que devo estar nas geleiras. A paisagem congelada e árida mergulhada na escuridão eterna é a única coisa que pode trazer medo aos elfos negros.

Esses descritores parecem marcar todas as caixas ao meu redor agora.

Olhando ao redor da jaula, observo os rostos das outras mulheres. Alguns dos nomes deles eu nem sei. Aqui, seja Protheke, outro planeta, ou a cela da vida após a morte, as mulheres vão e vêm com frequência.

Eu costumava me perguntar para onde eles foram, por que alguns voltaram e outros não. Algumas mulheres dizem que nos embaralham entre as células para nos impedir de formar alianças. Eu não sei por que eles fariam isso. A maioria dessas garotas tem medo de suas próprias sombras neste momento.

Como a loira no canto. Eu a vejo se mexer, é a primeira vez que ela se muda desde que a largaram aqui. Não que ela esteja inconsciente. Sinceramente, acho que ela tem muito medo de dormir.

Não, como a maioria das garotas que são trazidas para cá, ela estava com muito medo de se mover. Ela não comia nem bebia. Às vezes não tenho certeza se é porque temem o que está previsto ou se preferem sucumbir ao terror que os consome lentamente do que continuar vivendo.

Tenho certeza que é o último.

Eu avanço. Alguém precisa ajudar a nova garota, e todos aqui não mostram nenhuma indicação de ensiná-la como fazemos as coisas aqui. Duvido que qualquer rotação de guarda e comida – se é que você pode chamar assim – as entregas sejam as mesmas, e saber o horário a ajudará a manter a sanidade.

E quero ver quanto disso ela ainda tem. Às vezes, eles estão tão perdidos que não conseguem registrar o que está ao seu redor. É aí que fica perigoso para o resto de nós.

Uma vez largaram aqui uma rapariga muito frágil, na calada da noite. Ela parecia quase morta, ela era tão pequena e machucada. Fui ajudá-la, mas no segundo em que me inclinei sobre ela, ela agarrou minha garganta com uma força que eu não esperava que ela possuísse.

Tenho sorte de ter fornecido orientação suficiente à outra mulher que eles me consideraram digno de salvar. Aprendi então a só falar com as novas meninas quando outras pessoas estiverem assistindo.

É a sobrevivência do mais apto aqui.

Porém, assim que começo a atravessar a cela, ouço o ruído familiar da porta se abrindo no final do corredor. Eles estão vindo.

As outras garotas também reconhecem isso, enrijecendo-se à medida que os demônios se aproximam. Já posso ouvir a gargalhada perturbada ecoando nas paredes e endireito os ombros enquanto olho para frente.

“Parece vivo!” o demônio parecido com um pássaro grita enquanto passa os dedos pelas barras. O som áspero de suas garras no metal ecoou pela sala, fazendo todos estremecerem. “Por que tão triste? Você não está morto... ainda! Ele uiva de tanto rir na última parte, e eu cerro os dentes. Eles adoram encontrar prazer em nossa miséria.

E funciona. Todos os outros tremem na presença deles, mas eu me recuso. Não lhes darei essa satisfação. Já tiraram minha liberdade, minha vida, tudo. Não vou lhes dar esse pouco de desafio que me resta.

O demônio mostra os dentes para mim e eu não recuo. Eu não desvio o olhar nem pisco. Eu apenas cerro a mandíbula contra as palavras que quero dizer a ele enquanto ele se inclina para frente e enfia a mão pela fresta na parte inferior da porta da cela.

Não deixo meus olhos irem para sua mão enquanto o pão duro cai no chão. Meu estômago pode estar se roendo, mas aguentarei o pouco de chão que me resta. Lutarei por cada centímetro que conseguir. Mesmo quando o fedor de comida meio estragada enche a sala.

“Mal posso esperar até que eles deixem você”, ele sussurra. “Espero que eu consiga as sobras.”

Agora isso quase me faz tremer. Mas não deixo o desgosto transparecer. Eu apenas sorrio.

“Espero que nos encontremos sem essas barras incômodas no caminho”, respondo, e sei que a ameaça está pingando em meu tom. “Eu adoraria mostrar o que realmente posso fazer.”

Espero que ele volte com um rosnado ou uma piada de mau gosto, mas ele apenas recua, um rosnado baixo crescendo em seu peito. Bom. Ele sabe que sou perigoso.

Sem outra palavra, ele se vira e caminha pelo corredor, resmungando baixinho. Acho que peguei uma 'vadia' aí, mas isso é tudo.

Assim que a porta no final do corredor se fecha, as meninas avançam. Eu permaneço no lugar, estóico enquanto eles lutam por comida. Vou garantir que todos tenham algo para comer. Embora às vezes eu não tenha certeza se é melhor ficarmos doentes ou morrermos de fome.

Enquanto todos recuam, olho para baixo e vejo um pedaço de pão rasgado, um punhado de frutas decentes e um pedaço de carne suspeitosamente encharcado. Bom. Eles deixaram alguns para mim.

A novata está de olho na comida, e percebo que ela está segurando algo mofado na mão, e bufo, avançando para recolher meus itens. Então, sento-me ao lado dela, rasgando o pão ao meio.

“A única maneira de sobrevivermos aqui é juntos”, digo a ela enquanto estendo o pão e metade das frutas para ela. “Eu sou Siara.”

"Trindade." Quase soa como um gemido quando ela pega o pão e se enrola. Bem, pelo menos ela não é selvagem. "Obrigado."

“Olha, entendo que você esteja com medo, mas eles gostam disso. Quanto mais tímido você for, maior será a probabilidade de ser retirado da jaula.”

"Você já..."

Eu balanço minha cabeça. "Não. Eu permaneço forte, olho para eles. Eles ou sabem que sou selvagem demais para me deixar sair ou que posso ser perigoso para eles, e faço

questão de provar isso toda vez que eles vêm aqui. Não serei uma vitória fácil e, se me tentassem, com certeza causaria algum dano. Eles não querem isso."

Eu me inclino um pouco mais perto dela. "Se você quiser entrar aqui, não precisa ter medo deles. Você quer que eles tenham medo de você."

Trinity bufa. "Com medo de mim?"

"Todo mundo tem medo do que não conhece." Arranco um pedacinho de pão e o rolo entre o polegar e o indicador. "Faça-os pensar que você é algo que não foi testado e eles não vão querer correr riscos."

"Você realmente tem tudo planejado." Ela me olha. "Você é daqui?"

Eu bufo. "Eu não acho que alguém esteja. Todos viemos de Protheka. O planeta terrestre. Reviro os olhos. "Só acho que estou aqui há mais tempo do que qualquer um, pelo menos para não ter sido escolhido ainda."

"Como..." Ela engole olhando para mim, e posso dizer que ela não tem certeza se deveria perguntar.

"Um ano." É um caroço difícil de engolir, mas é verdade. Um ano sem sair desta jaula.

"Você sabe... o que acontece quando você é escolhido?"

Sinceramente, presumi que ela era uma das que foram usadas e descartadas. Porém, nenhuma dessas garotas jamais falou e, embora, a princípio, eu pensasse que elas nos usavam para esporte, há muitas de nós sendo mantidas vivas e trazidas de volta para que esse seja o caso.

Estou começando a pensar que o papel da mulher não é tão diferente aqui do que é no Protheka...

"Não sei. Nunca ouvi ninguém falar sobre isso. Mas vou descobrir."

Os olhos de Trinity parecem quase saltar das órbitas. "Você *quer* descobrir?"

Eu concordo. "É mais fácil lutar contra o conhecido do que contra o desconhecido."

Ela envolve os braços minúsculos em volta dos joelhos e os aperta contra si. "Eu prefiro apenas estar aqui. Eu acho que eu poderia lidar com isso."

Não discuto com ela, mas no fundo da minha cabeça já consigo ouvir a voz da dúvida. Eles não vão nos deixar aqui para sempre e quero estar preparado para o que está por vir. Só há uma maneira de fazer isso. Para enfrentar o que está fora dessas grades.

Antes que eu possa responder, ouço a porta se abrir novamente. Certamente, eles não estão nos alimentando. Que significa...

Eu me levanto de um salto, cerrando os punhos e lançando ao demônio um olhar duro. Seus olhos redondos se conectam a mim no segundo em que ele vira a esquina e eu deixo meus lábios se curvarem em um sorriso quase perturbado. Às vezes não tenho certeza de quanto controle tenho sobre minha sanidade e isso parece mais deixar isso escapar do que fingir.

Trinity parece esquecer tudo o que eu disse enquanto volta imediatamente. Raramente eles ouvem, mas não posso arriscar muito pelos outros. Eu tenho que permanecer vivo. Essa é minha principal prioridade. Caso contrário, estamos todos condenados. Quem protegerá os outros?

A porta da jaula está aberta enquanto eu inclino a cabeça e observo o demônio, o sorriso ainda no meu rosto. Ele ainda está olhando em minha direção e tenho certeza de que ele irá para Trinity. Eles sempre levam os pequenos e mansos, e ela faz o melhor show para eles.

Mas então o inesperado acontece. Garras se fecham em volta do meu braço e não tenho tempo suficiente para registrar o que está acontecendo antes de passar pelas grades.

Eles estão me levando.

O que significa que estou totalmente fodido.

ASMODEUS

TO fogo na lareira à minha frente ruge como se estivesse em sintonia com meus pensamentos. O estalar e o crepitar das brasas enchem meu quarto silencioso demais, ecoando no teto alto enquanto olho para a lareira. O calor beija minha pele nua, a sensação agradável é um lembrete sarcástico de como sou vulnerável sem minha armadura e capuz, de como devo me manter separada do mundo ao meu redor. Oltyx está cansado deste jogo que estamos jogando e não sei mais quanto tempo me resta antes que tudo desmorone.

As almas das mulheres humanas pareciam ser suficientes para manter meu deus feliz até agora, para me permitir continuar a seu favor, mas a cada dia que passa esse favor diminui. Existem tantas soluções para o problema diante de mim, e nenhuma delas me permite continuar com meu povo do jeito que tenho feito.

Uma ira familiar começa a crescer em meu peito. Trabalhei muito, incansavelmente, para permitir que esta vida fosse tirada de mim agora. Sou um rei, por título e por direito, e me dediquei ao meu povo. Eu serei amaldiçoado se permitir que tudo desmorone agora.

Eu me levanto da poltrona e ando pelo piso de madeira desgastado. Talvez uma alma intacta, quebrada ao ser sacrificada, seja mais potente. Um dos selvagens forçados a se curvar à minha vontade, à vontade de Oltyx, pode fornecer mais poder para ajudar a manter Galmoleth à tona.

Mesmo que isso apenas prolongue o inevitável por mais alguns dias, eu farei isso. Preciso de tempo para planejar, reunir meu pessoal e prepará-lo. Tem que haver algum movimento que evite que tudo desmorone, só não encontrei ainda.

Como que por instinto, minha mão segue em direção ao amuleto pendurado em meu pescoço nu. Talvez se eu recorresse diretamente a Oltyx novamente, descobrisse o que posso oferecer para manter Galmoleth como está...

Não, digo a mim mesma severamente, puxando minha mão. Uma vergonha quente arrepia minha pele quando percebo o que estava prestes a fazer. O fato de eu ter invocado Oltyx uma vez é suficiente para me condenar aos olhos de todos os demônios

existentes - fazê-lo duas vezes certamente marcaria meu fim, seja pelas mãos de Oltyx ou pelas minhas, na tentativa de recuperar o único fragmento de honra que me resta.

Além disso, não há como dizer como seria tal convocação, mesmo que Oltyx decidisse respondê-la. Não se pode brincar com sua ira, e o deus claramente não tem mais interesse em me entreter. Ele poderia expor tudo, estragar *tudo* , mas em vez disso o bastardo parece contente em brincar comigo.

O trovão ressoa à distância, como se o deus tivesse sentido a direção dos meus pensamentos e estivesse emitindo um aviso. Engulo em seco contra o súbito aperto na garganta, afastando minha linha de pensamento. Não adianta ficar pensando - eu sei o que deve ser feito.

"Drar'ran!" Eu lati, quebrando o silêncio do meu quarto. A correria ecoa do lado de fora da minha porta antes que a maçaneta gire, o demônio cego aparecendo na porta.

"Sim, Encapuzado?"

"Vista-me. Imediatamente."

Drar'ran entra em ação, sussurrando ordens apressadas para os outros servos cegos que estão do lado de fora. Outros dois se juntam a ele enquanto ele recolhe minha armadura e capuz, os três trabalhando em conjunto para me vestir e colocar a armadura pesada sobre meus ombros.

Observo-os trabalhar no reflexo do grande espelho na parede, observando como tudo o que faz de mim um demônio, ou reconhecível como algo deste planeta ou de qualquer outro, é sugado.

No momento em que a armadura é amarrada em meus ombros e o capuz é colocado e cuidadosamente arrumado em torno de meus chifres, não tenho mais nenhuma semelhança com algo deste plano. Eu afrouxo meu controle sobre meu caos, permitindo que ele pulso em torno da figura encapuzada que vejo no reflexo.

Meus chifres sobem e voltam sob o capuz pesado, obscurecendo totalmente meu rosto, exceto pelo brilho dos meus olhos nas sombras. Cada centímetro da minha pele, exceto minhas mãos, é coberto por um tecido escuro semelhante, aumentando a imagem teatral e permitindo que minha armadura ocupe o centro do palco.

A armadura preta apoiada em tiras de couro em meus ombros parece engolir a luz ao seu redor, as bordas douradas ornamentadas brilhando sutilmente à luz dançante do fogo. Ver o recorte sutil no peitoral faz minha garganta se contrair de repente, e tenho que afastar as memórias que tentam surgir em minha mente com a visão.

"Meu rei?" Drar'ran entoa atrás de mim. Eu tinha quase esquecido que ele estava aqui.

"Onde está a mulher?" Eu pergunto, a energia ansiosa se acumulando na ponta dos meus dedos. Não gosto deste dever, mas deve ser cumprido, tanto pelo meu povo como por mim.

"Eles a estão preparando enquanto conversamos."

"Bom. Você está demitido."

Drar'ran sai quase sem fazer barulho, mas não me permito expirar completamente até que a porta se feche atrás dele. Estou em uma situação mais irregular do que nunca - não apenas por causa de tudo o que está acontecendo com Oltyx, mas por causa da minha própria mente. Memórias de casa me atormentam, os acontecimentos que me trouxeram até aqui se repetem a cada momento de silêncio, roubando-me qualquer aparência de paz.

É como se eu ainda estivesse preso naquela maldita guerra, ainda lutando pela minha vida sempre que tento respirar. Sinto como se estivesse lutando contra os próprios deuses, tudo apenas para conseguir alguma aparência de vida para mim e meu povo.

É tão cansativo quanto irritante, mas não tenho tempo para descansar, nem para fraquezas. Fiz o meu melhor, digo a mim mesmo. Todos teriam morrido se não fosse por mim - não há como mudar o que foi feito, e as memórias vão me atormentar pelo resto da minha vida.

Desabo na cadeira perto da lareira, olhando para as chamas mais uma vez enquanto espero que a mulher seja trazida até mim. Um pavor crescente gira em meu estômago, como se avisasse de algo que estava por vir. Enfrento muitas incógnitas, muitas ameaças ao meu império neste momento.

Deve ser por isso que as memórias pioraram, mais difíceis de ignorar.

Como se convocada por meus pensamentos sobre eles, outra lembrança, um dos meus algozes mais frequentes, vem à tona e me engole por inteiro.

Ikoth se estende ao meu redor em minha mente, a terra preta e rica e o céu de um vermelho brilhante, como se estivesse preso em um crepúsculo permanente e brilhante. Uma saudade repentina e ardente toma conta de mim ao ver minha casa, ao cheiro vívido de terra úmida e vento constante que nem minha memória consegue embotar.

Muitas vezes desejo nada mais do que retornar a Ikoth, mas mesmo no meio da minha memória, sei que nunca poderei fazer isso. Apesar de toda a minha saudade, Ikoth era tanto um inferno quanto um lar. O terror da guerra constante, a impotência que permeou minha vida lá, tudo começa a voltar à medida que a memória avança.

A égua dazoneth abaixo de mim voa como o vento, o rugido e o constante bater dos cascos atrás de mim ecoando pelas planícies como um tambor de guerra. O solo é levantado com cada batida de seus cascos, mas eu a monto com mais força, empurro-a para ir mais rápido. O sinal de socorro foi emitido há quase uma hora - a cada segundo que passa, perderemos apenas mais demônios, e a vitória do Xaphan se tornará mais iminente.

Olho por cima do ombro, meu batalhão seguindo de perto. A bandeira Ikoth está hasteada, pretos e vermelhos sangrentos tremulando ao vento. A expressão sombria e determinada dos rostos dos meus soldados me pressiona ainda mais.

"Mais rápido! Fique atento! Estamos quase lá! Eu encorajo o barulho, voltando minha atenção para o caminho à frente. Ele serpenteia entre dois aterros e, a pouco mais de oitocentos metros à frente, deveríamos alcançar a clareira de onde veio o sinal de socorro.

A terra negra surge de cada lado de nós à medida que andamos mais rápido, ganhando velocidade à medida que nos aproximamos do nosso destino. Os aterros fazem parecer que estamos entrando no ventre da própria Aerasak, profundamente no núcleo do planeta. À medida que as ondas da terra se avolumam sobre nós, não consigo deixar de me lembrar do pavor que senti naquele momento, como se soubesse que tudo estava prestes a dar errado.

Tento me preparar contra o inevitável sangue que nos espera, mas mesmo assim a ansiedade da batalha agita meu sangue. Quantos soldados vou perder desta vez? Quanto tempo até que todos os demônios sob meus cuidados sejam reivindicados por esta guerra brutal?

Estou tão perdido em pensamentos que, quando vejo o primeiro brilho dourado no topo dos barrancos íngremes que nos cercam, não reajo. Só no segundo brilho dourado, contrastado por um pedaço de penas brancas e macias, é que o pânico toma conta de mim.

“XAPHAN!” Eu rugo, puxando as rédeas do meu dazoneth, mas é tarde demais. Incontáveis xaphan, muito mais do que os demônios que tenho nas minhas costas, aparecem no topo dos aterros.

Estamos presos.

Todos nós morreremos.

Flechas flamejantes passam por mim enquanto eu salto da garupa da minha égua, rolando até o chão. Mal tenho tempo de me recuperar antes que um xaphan esteja sobre mim, seu rosto simétrico contorcido em um rugido odioso enquanto sua lâmina se choca contra a minha.

O cheiro forte de sangue enche o ar, os sons da batalha são pontuados pelos gritos agonizantes dos meus soldados, há muitos deles, nunca vamos conseguir—

Uma batida me arranca da memória, forçando-me de volta ao presente, as chamas bruxuleantes do fogo substituindo a cena que me torturou desde o dia em que ocorreu. Meu coração bate descontroladamente em meu peito, minhas mãos escorregadias como se eu estivesse no meio de uma batalha mais uma vez.

Respiro fundo, tentando recuperar o controle e a firmeza voluntária que não sinto em minha voz.

"Digitar."

SIARA

Cas leis mordem meus braços enquanto eu me contorço nas garras dos demônios, rosnando e chutando qualquer coisa que posso alcançar. Meus dedos dos pés deslizam pelo chão de mármore enquanto procuro qualquer tipo de apoio, mas apesar dos meus melhores esforços, não diminuimos a velocidade.

Não consigo me lembrar da última vez que vi algo do que está além das portas da masmorra, mas agora que me deparo com a visão do palácio se abrindo ao nosso redor, não consigo evitar o espanto e o pavor que se misturam dolorosamente em nossa mente. minha barriga. Os sons da minha luta contra os demônios que me prendem ecoam nos tetos abobadados, tornados mais altos pela pedra escura das paredes e do chão.

Corredores largos o suficiente para acomodar exércitos inteiros começam a se estreitar à medida que sou levado mais fundo no palácio, as arandelas ornamentadas e as belas pinturas que adornam as paredes diminuem antes de serem substituídas inteiramente por nada além de extensões frias e vazias de pedra. A total falta de extravagância me diz que estamos nos afastando da parte principal do palácio, mas não sei se isso é algo que deveria me alegrar ou não.

“Continue andando,” o demônio à minha esquerda sibila, me empurrando para frente com tanta força que perco o equilíbrio. Eu tropeço, certa de que estou prestes a cair quando o outro demônio me levanta no último segundo.

Cerro os dentes contra o grito de dor que borbulha no fundo da minha garganta. Não quero dar essa satisfação aos bastardos – eles são mais fortes do que eu e frustraram todos os meus esforços para fugir, mas isso não significa que tenho que assumir o papel submisso que eles claramente esperam de mim.

Viramos uma esquina de repente e somos recebidos por uma explosão repentina de calor e um barulho quase ensurdecedor. Demônios de todos os tipos se movem pela cozinha, tagarelando e gritando uns com os outros por causa do barulho de panelas e frigideiras.

O cheiro de comida quente e de verdade faz minha boca se encher de saliva, meu estômago gritando em protesto enquanto os demônios me arrastam pela agitação das cozinhas em direção a uma porta pequena e indefinida do outro lado do espaço.

Os demônios ficam em silêncio quando passo por eles, a sensação de todos aqueles olhos não naturais pressionando minha pele apenas aumentando o medo que gira através de mim. Uma parte de mim se pergunta se eu deveria renovar meus esforços para fugir, tendo muito mais armas potenciais disponíveis para mim aqui do que no corredor, mas meu desespero para evitar o que quer que me espere além daquela porta não é nada em comparação com o destino que eu tive. encontraria nas mãos de tantos demônios.

Eu teria sorte se conseguisse sair inteiro – caramba, suponho que tenho sorte de ainda estar inteiro.

Engulo o fogo que arde dentro de mim, prometendo a mim mesma que estou apenas ganhando tempo. Não vou desistir ou ceder - estou à espreita.

O pequeno conforto que esse pensamento me proporciona se dissipa rapidamente em confusão quando sou empurrada pela pequena porta da cozinha e para a sala mais adiante. Uma enorme banheira de porcelana ocupa a maior parte do espaço, ladeada por uma pequena cômoda de madeira e o que parece ser uma penteadeira, completa com um espelho oval simples na parede atrás dela.

Dois criados estão de cada lado da banheira, e é com grande alívio que noto que eles se parecem muito mais com pessoas do que com os demônios trolvor animais que me arrastaram até aqui.

A porta se fecha atrás de mim, e só percebo que os demônios que me escoltaram foram embora quando suas garras afiadas em meus braços são substituídas pelas mãos macias e firmes dos servos lá dentro. Começo imediatamente minha luta desesperada pela liberdade, rosnando e arranhando os demônios, mas suas mãos não se mexem.

O pânico febril começa a inchar na minha garganta enquanto eles arrancam minhas roupas sujas e esfarrapadas do meu corpo. Eu luto para tentar me cobrir, com medo do que eles possam fazer, de repente, dolorosamente consciente de quão sozinho estou nesta sala com esses dois demônios. Tenho vontade de gritar, apesar de saber que

ninguém viria em meu socorro, mas não tenho a chance antes que os demônios me joguem na água escaldante da banheira.

Um balde de água é jogado sem cerimônia sobre minha cabeça, enchendo minha boca aberta e abafando o grito que cresce atrás de meus lábios. Eu engasgo, agarrando cegamente os demônios ao meu redor.

Pisco para tirar a água dos meus olhos, cuspiendo e respirando fundo enquanto dou uma boa olhada em meus novos captores. Eles têm, como notei inicialmente, pelo menos uma aparência mais humana, mas quando finalmente dou uma boa olhada em seus rostos, meu sangue para em minhas veias.

Onde seus olhos deveriam estar, não há nada além de um corte profundo e vazio, como se uma pá tivesse sido passada pelas órbitas oculares. Pedacos de pele mal formada e com cicatrizes se estendem inexpressivamente sobre suas órbitas vazias, e um novo e selvagem tipo de medo toma conta de mim.

Eles vão me levar para quem fez isso com eles? É isso que eles podem fazer por mim?

O terror primordial toma conta de mim, e começo a tentar combatê-los novamente, chutando, rosnando e estalando sempre que suas mãos se aproximam. Um dos demônios consegue me agarrar pela nuca, seus longos dedos enrolando em meu cabelo escuro e me segurando firme.

“Comporte-se”, o demônio atrás de mim me repreende severamente, como se eu fosse apenas uma criança petulante fazendo birra. Eu grito de frustração, lutando com mais força contra as mãos que prendem meu cabelo, mas minha luta só me rende uma dor aguda e ofuscante em minha bochecha. As estrelas dançam em minha visão e, por um momento, só consigo ficar sentado, atordoado, na banheira.

“Se você não se comportar, seremos forçados a amarrá-lo e amordaçá-lo. Você entende?” O demônio rosna em meu ouvido. Concordo com a cabeça, tentando não estremecer com a dor latejante que irradia pelo meu rosto. Se eles me amarrarem e amordaçarem, não terei como me defender – então, pelo menos por enquanto, tenho que ficar quieto.

Só espero que outra oportunidade de fuga se apresente antes que seja tarde demais.

Os demônios confundem minha súbita quietude com submissão e voltam ao trabalho, esfregando a sujeira da minha pele e do meu cabelo. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu poderia realmente gostar de tomar banho - era um prazer raro quando eu estava nas masmorras, e mesmo assim, normalmente tínhamos que usar panos e a água fria e suja que o trolvor fornecia em tigelas para tentar. fique limpo.

Os demônios cegos se movem com uma destreza que parece contraditória à sua falta de visão, nunca vacilando em seus movimentos. Eu me pergunto se talvez eles sejam capazes de ver por meio de alguma magia ou feitiço, mas isso não importa. Eles claramente não estão em tanta desvantagem quanto eu pensava, o que apenas reforça que minha única opção é esperar a hora certa e torcer para que haja uma abertura para escapar.

Eu fico pensando em meus próprios pensamentos enquanto os demônios me tiram da água, um deles vasculhando a cômoda próxima. Ninguém que é retirado das masmorras volta, pelo menos não inteiro. Já ouvi as mulheres sussurrarem sobre o que acontece com aqueles que são levados, mas nunca me permiti considerar totalmente que esses rumores poderiam ter substância além dos sussurros aterrorizados dos prisioneiros.

Há rumores de que o rei que preside os demônios, o rei Asmodeus, distribui as mulheres nas masmorras aos seus generais mais brutais e cruéis. Algumas mulheres dizem que comem os cativos que capturam, e outras dizem que são usadas como reprodutores... mas seja qual for a verdade, não pretendo ser usada para nenhuma das duas coisas. Para qualquer coisa, se eu conseguir jogar corretamente.

“Braços para cima”, ordena o demônio perto da cômoda enquanto se vira para mim. Obedeço, levantando os braços sobre a cabeça e tentando não me encolher com sua proximidade repentina enquanto ele desliza um vestido branco e fino pela minha cabeça. O tecido é quase totalmente transparente, envolvendo meu corpo e deixando quase tudo à mostra. O decote desce entre meus seios, meus mamilos duros aparecendo através do tecido transparente.

Espero pela próxima ordem dele, certa de que pelo menos estarei usando *alguma coisa* por cima dessa desculpa esfarrapada de vestido, mas isso nunca acontece. Em vez disso,

o demônio nas minhas costas me guia até a penteadeira, empurrando meus ombros e me forçando a sentar no banquinho.

O demônio passa uma escova pelo meu cabelo longo e amarrado, arrumando os tapetes enquanto me olho no espelho. Não vejo meu próprio reflexo desde antes de ser levado de Protheka, e só a diferença em meu rosto é chocante.

Minha pele não tem mais o bronzeado dourado de antes, tendo desbotado para uma cor amarela doentia. Minhas bochechas ficaram vazias por falta de nutrição de verdade, e as manchas roxas escuras sob meus olhos verdes parecem mais pintura de guerra do que marcas de exaustão que são.

Ainda assim, apesar da minha aparência chocante, mantenho o queixo erguido. Não vou quebrar, não vou mostrar fraqueza - não vou permitir que eles roubem de mim esse último desafio, não importa o que mais eles possam fazer.

Mesmo enquanto tento fortalecer minha determinação, porém, meu estômago se contrai diante de uma compreensão horrível. O banho, o vestido, a arrumação... tudo isso parece ter a intenção de me vestir, me deixar mais apetitosa de alguma forma.

Um arrepio percorre meu corpo mais rápido do que consigo suprimi-lo quando a palavra apetitoso passa pela minha cabeça. Isso pode estar muito, muito perto da verdade para ser reconfortante.

Antes que eu tenha tempo de pensar nisso, os demônios estão me levando da pequena sala e de volta pelas cozinhas e pelos sinuosos corredores dos empregados. Não leva muito tempo para estarmos de volta às salas principais do palácio dourado e, a cada passo que dou, meu sangue lateja mais alto em meus ouvidos.

Não há escapatória.

A cada passo, procuro uma saída, uma janela, uma arma em potencial, qualquer coisa que me ajude na tentativa de fuga, mas não há nada além de portas trancadas e mais demônios. A cada momento que passa, a realidade da minha situação fica mais difícil de ignorar, o desespero arranhando minhas costelas.

Estou irremediavelmente perdido neste momento e não tenho ideia de como poderia sair do palácio, muito menos para onde iria se conseguisse sair. O aperto dos demônios

em meus braços fica mais leve à medida que nos aproximamos de nosso destino, como se eles pudessem sentir que a luta começa a se esgotar dentro de mim.

Viramos mais uma esquina incontável, e a visão do salão faz dedos de gelo dançarem pela minha espinha. Este salão é ainda mais ornamentado do que os outros, com carpetes carmesim macios encontrando meus pés descalços e arandelas elaboradas e pinturas pingando ouro.

Meu coração martela descontroladamente em meu peito enquanto meus olhos pousam em um enorme conjunto de portas duplas douradas. Quem quer que tenha me chamado está claramente no topo das fileiras demoníacas, ou então eles nunca seriam acomodados em um lugar com tão elegância óbvia.

Um dos demônios se aproxima de mim para bater de leve na porta e, após um momento de silêncio, uma voz profunda e aveludada ecoa lá dentro.

"Digitar."

Meus joelhos tremem e eu cerro as mãos com força na minha frente para tentar conter o tremor. Gotas de suor começam a acumular-se na minha nuca, deslizando pela minha espinha, enquanto o demônio abre a porta sem dizer uma palavra e me guia para a sala bruxuleante e iluminada pelo fogo além.

Minha mente fica vazia quando meus olhos pousam na figura recostada em uma poltrona ao lado da lareira.

Um enorme demônio encapuzado, com uma armadura ornamentada preta o suficiente para parecer engolir a luz, está recostado preguiçosamente na cadeira, uma perna empoleirada descuidadamente no banquinho adjacente. Não consigo ver seus olhos, nem qualquer característica distintiva, mas posso sentir o peso de seu olhar sobre mim como um toque físico.

Dois chifres grandes e escuros curvam-se para cima e depois se afastam de seu rosto encapuzado, sombras parecendo pulsar e dançar ao seu redor. Minha respiração fica presa na garganta, mas mantenho meu queixo erguido, olhando para ele.

Fui levado a ninguém menos que o próprio Rei Demônio.

Continua.